

A VONTADE
ORDENA-LHE
QUE COMBATA A
PROFECIA



O SANGUE
IMPELE-A A CUMPRIR
A MALDIÇÃO



DA DECISÃO
DA GUERREIRA
PENDE O DESTINO
DA TERRA

Sombras da Noite Branca

A Saga das
Pedras Mágicas

LIVRO VIII

Sandra
Carvalho



EDITORIAL PRESENÇA

A VONTADE
ORDENA-LHE
QUE COMBATA A
PROFECIA



O SANGUE
IMPELE-A A CUMPRIR
A MALDIÇÃO



DA DECISÃO
DA GUERREIRA
PENDE O DESTINO
DA TERRA

Sombras da Noite Branca

A Saga das
Pedras Mágicas
LIVRO VIII

Sandra
Carvalho

 EDITORIAL PRESENÇA



SANDRA CARVALHO

SOMBRAS DA
NOITE BRANCA

 EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

FICHA TÉCNICA

Título: *A Saga das Pedras Mágicas — Sombras da Noite Branca*

Autora: *Sandra Carvalho*

Copyright © by Sandra Carvalho e Editorial Presença, Lisboa, 2013

Capa: *Samuel Santos*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, maio, 2013

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para a minha mãe, com amor e muita saudade.
E para o meu guerreiro
Para a minha família e amigos
Para os meus queridos leitores
Para a Editorial Presença,
Por todo o apoio e carinho
Por toda a paciência e compreensão
Por todos os risos e lágrimas partilhados
Por acreditarem no meu sonho
Por viverem esta história com tanta emoção
O meu muito, MUITO OBRIGADA.*

PRÓLOGO

— Que negra é esta noite para toda a humanidade...

Lorde Edwin McGraw mal escutou o seu próprio desabafo, por entre os assobios do vento, o ribombar dos trovões e os estrondos das ondas revoltosas que se esmagavam contra as fragas. Quedava-se no topo da mais alta penedia da Ilha dos Penhascos, com os olhos presos na Ilha dos Sonhos. A sua capacidade de enxergar através da escuridão permitia-lhe divisar com clareza as formas majestosas daquela que, outrora, fora um verdadeiro paraíso na Terra, símbolo de paz e prosperidade... agora transformada num rochedo carbonizado e estéril.

Fechou os olhos e inspirou dolorosamente, sentindo o cheiro da terra molhada a misturar-se com o odor forte da maresia. Um violento aguaceiro fustigava-o, dilacerando-lhe a pele, quais lâminas de gelo. O seu coração ardia como se estivesse a sangrar... E, na realidade, estava! A chaga que o seu neto Halvard, o Filho do Dragão, lhe abrira no peito jamais sararia por muitos anos que passassem. Lutava contra a comoção, mas as lágrimas escorriam-lhe pelas faces ao recordar o suplício que vivera nos últimos dias.

Após Halvard ter conquistado, pilhado e devastado o Império do rei Bernard, *o Valoroso*, fixara a atenção nos domínios dos seus antepassados. O exército da Grande Ilha enfrentara o Exército do Dragão com imensurável bravura. Inclusive, os camponeses tinham combatido ao lado dos soldados da Aliança, pela liberdade da sua terra. Homens e mulheres desejavam mostrar àquela corja de mercenários que as suas almas não podiam ser conquistadas, nem, muito menos, subvertidas. Contudo, fora uma luta desigual! A cada grito de resistência opusera-se mais de uma dezena de brados inimigos.

Derrotados na batalha da Enseada da Fortaleza, os irmãos McGraw, regentes do território, tinham sido forçados a recuar para o interior da Floresta Sagrada. Os antigos diziam que os espíritos

daquele bosque resguardavam do mal todos aqueles que nasciam sob a sua aura abençoada... Porém, no momento da verdade, não houvera entidade, terrena ou sagrada, capaz de preservá-los da selvajaria dos invasores.

O próprio Filho do Dragão fizera questão de liderar a acometida, apoiado pelo rei do Povo do Fogo. O confronto fora duro e cruento. No fim, os troncos dos carvalhos centenários haviam sido feridos pelo ferro dos guerreiros. O sangue conspurcara as águas cristalinas dos ribeiros. O solo da Floresta Sagrada cobrira-se de cadáveres. As labaredas místicas de Deimos transformaram vida em cinzas. E as botas de Halvard tinham espezinhado a derradeira esperança daquele que também era o seu povo. Pensar que estava a destruir as raízes da sua família acirrava-lhe ainda mais a sofreguidão assassina.

Edwin McGraw mantivera-se ao lado do irmão e dos sobrinhos, comandando os soldados com firmeza. No entanto, depressa percebera que a Grande Ilha estava condenada a partilhar do infortúnio do Império e da Ilha dos Sonhos. Preparara-se para encarar a morte com coragem e dignidade... Todavia, mais uma vez, a rainha do submundo obrigara-o a assistir à ruína daqueles que amava, para depois lhe virar as costas e recusar-lhe o conforto do esquecimento.

— Stefan... — soluçou, enquanto os brados aterrorizados do irmão lhe ecoavam dentro da mente, ameaçando enlouquecê-lo. — Não... Não! Não!

Apertou a cabeça e caiu de joelhos, à beira do precipício, soltando urros de ódio e agonia. As recordações assolavam-no, forçando-o a reviver o abominável desenlace do conflito.

O exército dos Aliados da Grande Ilha fora derrotado. Os poucos soldados que subsistiam rodeavam a família McGraw, dispostos a defender os seus senhores até à última gota de sangue. E o recontro final dera-se no coração da Floresta Sagrada, nos jardins da Casa Grande.

Três filhos de Lorde Stefan — Melvin, Kyle e Rice — tombaram com honra e glória, tentando impedir o assalto ao reduto onde se abrigavam as mulheres da família que se tinham recusado a fugir para o Norte. Graças à sua inigualável destreza, Lorde Edwin livrou-se da chuva de ferro que reclamava a sua carne e lançou-se em auxílio de Stefan. Este estava encurralado entre as espadas e os escudos de quatro mercenários... Não obstante, ao aperceber-se da intenção do irmão mais velho, gritou-lhe que acudisse a Aled e às mulheres.

Apesar de recear que aquele pudesse ser o derradeiro fôlego de Stefan, Edwin respeitou a sua vontade. Correu desembestado rumo à porta da Casa Grande, sem que nenhum inimigo fosse capaz de travá-lo. À frente dos seus olhos, contudo ainda longe da sua proteção, Lorde Aled prostrava dois guerreiros... antes de ser trespassado pela espada do Filho do Dragão.

Edwin McGraw clamou o nome do neto por entre os dentes cerrados. Halvard encarou-o e os seus lábios retorceram-se num sorriso mordaz. Livrou-se do corpo de Aled com um pontapé e aguardou... Todavia, quando Edwin estava prestes a alcançá-lo, um vulto vermelho surgiu do nada e intercetou-o com o ímpeto de um aríete.

A pancada foi tão violenta que projetou Lorde Edwin pelo ar. Bateu com a cabeça no solo e, só por pouco, não perdeu os sentidos. Atordoadado, lutou contra a névoa que lhe envolvia a consciência e conseguiu suster-se. Então, deparou com a figura grotesca e colossal de um ser retirado do mais torpe pesadelo. O rei do Povo do Fogo arrostava-o com olhos ardentes, ao mesmo tempo que lhe soprava fumo para o rosto, com um fio de lava a escorrer por entre as presas. McGraw recuou um passo e ergueu a espada. O demónio soltou um ronco semelhante a uma gargalhada... Nesse instante, a voz de Halvard estrondeou:

— Não, Deimos! Quero-o vivo!

Lorde Edwin arremeteu. A sua espada encontrou a resistência de uma pele rija como couro... E rasgou. O monstro rugiu de surpresa,

enquanto um fluido negro e espesso — o seu sangue — lhe escorria do ventre. McGraw recuperou o equilíbrio e tentou um novo ataque. Porém, com assombrosa rapidez, Deimos esquivou-se e lançou uma manápula contra o seu crânio...

O despertar de Lorde Edwin foi lancinante. Sentia a cabeça como um bolbo gigantesco, preenchido com miolos desfeitos. Primeiro, escutou vozes femininas a guinchar de dor e a prantear de desespero... Depois, os berros iracundos e angustiados do seu irmão Stefan:

— Hás de arder por isto, Halvard! Vivo ou morto, irei perseguir-te até aos confins do Inferno!

— Tiveste a tua oportunidade, prezado tio —olveu o Filho do Dragão, impávido. E, perante o movimento de Edwin, motejou: — Eis que o meu avozinho acorda do seu sono restaurador... Já não era sem tempo! Começava a recear que a festa acabasse sem que desfrutássemos de alguns instantes em família. O escol varonil da descendência de Lorde Garrick McGraw reunido no seu salão... Não é comovente?

A custo, Edwin lobrigou para além da bruma que lhe distorcia a perceção. Constatou que estava na ala nobre da Casa Grande... E mal conteve um gemido de horror ante a hediondez que se desenrolava à sua volta.

O Filho do Dragão abriu as portas aos seus generais e os imundos divertiam-se a violentar as mulheres da casa. Cobriam-nas como animais, em cima dos assentos, sobre a mesa, contra as paredes, prostradas no chão... Nem Enya, a esposa de Stefan, fora poupada. Edwin engoliu em seco, ao ver os cabelos brancos da cunhada ensopados em sangue. Devia ter oferecido resistência... E outra coisa não seria de esperar! Na juventude, Enya fora uma guerreira de valor que lutara sob as suas ordens para libertar a Grande Ilha do jugo da feiticeira Gwendalin. Agora, era o neto da execranda bruxa que arruinava a terra dos seus antepassados... O neto de Edwin!

Halvard ocupara o cadeirão mais faustoso do salão. Espetara lanças nos braços almofadados e, no topo destas, enterrara as cabeças de Melvin, Kyle, Rice e Aled. Cuspia dislates sobre o quanto lamentava não poder apreciar a companhia dos restantes tios. Darrin, filho de Edwin, assim como Bryan, filho de Stefan, estavam no Norte, ao serviço do rei Ivarr. Ive, o varão mais novo de Stefan, vivia sob a proteção da Ilha dos Penhascos na companhia de Lyonette, a filha de Berchan... Mas por quanto tempo? A invulnerabilidade rochosa desse reduto já fora quebrada pelos pupilos do feiticeiro Sigarr, graças à interferência de um traidor. Edwin tinha todas as razões para temer que o refúgio da Guardiã da Lágrima do Sol fosse o próximo alvo do Exército do Dragão.

Entrementes, Halvard continuava a vangloriar-se. Fixava Lorde Stefan, prostrado aos seus pés no meio de uma poça de sangue, e escarnecia:

— Ficarás feliz por saber que o tio Quinn me deu bastante trabalho... É verdade! O teu valoroso filho dispôs-se a defender o amado soberano até ao derradeiro fôlego! Por isso, depois de esventrar o imbecil do Bernard, fiz questão de recompensar a sua lealdade e enfiei-lhe as reais tripas pelas goelas abaixo. Morreu engasgado... Uma terrível fatalidade!

Stefan bradou de fúria. Tentou erguer-se, mas Deimos avançou e enterrou-lhe uma pata nas costas, calcando sem cortesias. O som de ossos a estalar arrepiou Edwin até ao âmago. Também ele apelava a todas as suas forças para se suster. Porém, antes que desse um passo, Halvard defrontou-o. E uma luz escarlata emergiu das profundezas gélidas do seu olhar verde-floresta, enquanto reboava:

— Fica quieto, avozinho! Não te impacientes... Já irei conversar contigo.

Edwin urrou, decidido a saltar sobre o neto. Contudo, descobriu-se incapaz de mexer um músculo. Gorgolejou de frustração ao concluir que Halvard o enfeitiçara. Há muitos anos, Gwendalin lançara-lhe um sortilégio semelhante, mas ele conseguira livrar-se da

influência maligna... Todavia, a vontade do Filho do Dragão era insuperável.

Com um sorriso deliciado, Halvard levantou-se do seu trono de perversidade e dirigiu-se a Lorde Stefan, mandando Deimos afastar-se. Depois, sem sequer tocar no corpo destroçado, obrigou-o a ficar de pé, igualmente paralisado sob a excelência do seu poder. Aproximou o rosto da face martirizada e provocou:

— Estás curioso por conhecer a sorte da tua majestosa filha Gwenneth? Pois bem, encontrei a minha primorosa tia na capela, rezando fervorosamente por proteção contra o demónio... Contra mim! Era óbvio que a rainha do Império desejava ficar eternamente ligada ao seu Deus. E como sou um homem cheio de boa-fé fiz-lhe esse agrado. Arranquei a cruz do altar e cravei-a no seu peito... Imaginem que a ingrata nem me agradeceu!

Deitou a cabeça para trás e gargalhou. Edwin viu as lágrimas escorrerem pelas faces do irmão e percebeu que Stefan rangia os dentes para não gritar. A expressão do seu tormento só aumentaria o regozijo do carrasco... E a crueldade do Filho do Dragão estava longe de saciada! Edwin sentiu-se gelar quando o neto ordenou:

— Tragam-me a velha e a filha.

Enfim, decidiu dar-lhe atenção. Aproximou-se até prender-lhe o olhar e desdenhou:

— Vovô Edwin... Quantas saudades! Se a memória não me falha, a última vez que nos reunimos foi no castelo do tio Ivarr, tinha eu sete anos... Sim! Lembro-me do carinho com que me abraçaste, ao início da tarde. Prometeste que me ensinarias os segredos das habilidades que faziam de ti o maior guerreiro do nosso povo... Porém, ao cair da noite, já conspiravas com os meus pais para me castigar! Lançavas-me olhares reprovadores, como se o facto de partilharmos o mesmo sangue te enchesse de vergonha.

Lorde Edwin prendeu o fôlego. Também se recordava desse dia. Como poderia esquecer-lo? Ficara tão feliz por rever o neto e constatar o quanto ele crescera... Então, Halvard decidira mostrar de que matéria era feito.

Tudo acontecera durante o banquete que o rei Ivarr organizara para celebrar o aniversário da rainha Thora. Familiares e amigos tinham sido convidados, e o castelo viquingue enchera-se de risos, beijos e abraços de sincero afeto. O jarl Eric e a sua esposa, a princesa Helga, eram criadores de cães-lobo, e o seu primogénito, Steingrim, pouco mais novo do que Halvard, fizera questão de levar duas belas crias para mostrar aos primos. Qual não fora o horror das cozinheiras quando, ao mandarem servir o enorme caldeirão de guisado de lebre, se tinham deparado com os cachorrinhos a flutuarem no molho, com a carne a largar do osso.

O pequeno Steingrim descabelara-se a chorar, incapaz de explicar o que sucedera. Jurara ter fechado os animais no quarto que lhe fora destinado, antes de se sentar à mesa. Apaixonada pelos cães, a sua mãe também ficara desolada. E todo o salão se indignara perante a crueldade injustificada daquele ato. O rei Ivarr exigira que o responsável pelas sevícias se revelasse. Porém, ninguém se manifestara.

A festa prosseguira, mas o arrepiante incidente não fora esquecido. Determinada como só ela sabia ser, a rainha Thora dirigira-se à cozinha e interrogara as jovens que ajudavam as cozinheiras. Nenhuma reparara em nada de anormal... Então, uma petiza surgira de debaixo da mesa e contara que vira um menino com cabelos de ouro e fogo entrar com os cachorros ao colo. Para a loba prateada, não havia dúvidas quanto à identidade desse rapaz.

Confrontado com a torpe acusação, Halvard negara com veemência... Até que a magia do Rei da Lua descera sobre ele e a verdade lhe saltara dos lábios. Como castigo, tivera de se expor diante de todo o salão e pedir perdão ao rei Ivarr, a Steingrim e ao jarl Eric pelos prejuízos que causara. Fora igualmente forçado a admitir cobardia, por não ter confessado voluntariamente a sua falha. Depois, os pais tinham-lhe ordenado que não saísse do quarto até ao fim da festa... Contudo, mal viraram costas, já o filho planeava a sua vingança.

Furioso com o corretivo, Halvard não hesitara em recorrer aos seus conhecimentos da Arte para punir a delatora. Na cozinha, o lume da lareira exaltara-se sem razão e incendiara as vestes da petiza. Se as criadas não lhe tivessem acudido, a infeliz teria morrido queimada. Um acidente horripilante aos olhos das pessoas simples... Porém, Halvard fora incapaz de ludibriar os pais. Perante a perniciosidade da essência do seu varão, a Rainha do Sol e o Rei da Lua tinham-se apressado a regressar à Montanha Sagrada, expectando que a sua aura abençoada pudesse corrigir os desvios que a personalidade do filho estava a sofrer... No entanto, todas as suas diligências tinham falhado catastroficamente!

— Depois dessa noite, aposto que te esforçaste por esquecer da minha existência, avozinho — continuou o Filho do Dragão, terminando num desafio gélido: — No entanto, a partir de hoje, serás incapaz de inspirar um fôlego sem que te lembres de mim! Isso te garanto... velho miserável!

O suor inundava a testa de Edwin, tamanho o esforço que fazia para se livrar das amarras místicas que o imobilizavam. Stefan já desistira de tentar... Todavia, os seus olhos arregalaram-se de pânico quando os mercenários arrastaram Enya, a sua esposa, e Melody, a sua filha, para os pés de Halvard, como este ordenara.

As duas mulheres estavam feridas e desgrenhadas, com os vestidos em farrapos. Tentaram abraçar-se, mas Deimos subjugou Enya pelos cabelos, enquanto o Filho do Dragão deitava as mãos à prima, com os olhos a chisparem de maldade. Melody fora de tal forma brutalizada que a sua consciência vacilava. Reconheceu o rosto do marido a pairar sobre o cadeirão e, já sem noção da realidade, gemeu um apelo angustiado:

— Aled? Aled... Ajuda-me...

Regalado, Halvard embalou-a e volveu:

— Estou aqui, meu amor... Está tudo bem! Vamos ficar juntos para sempre.

Sob o efeito do encantamento que o primo lhe lançara, Melody acreditou estar a estreitar o marido e derreteu-se no seu carinho.

Enya gritou, tentando despertar a filha... Em vão! Alheada, Melody suspirou e ofereceu o pescoço aos beijos ardentes do seu apaixonado. Sem uma gota de pudor, Halvard rasgou-lhe ainda mais o decote e expôs os seios volumosos, alvos como a Lua, declarando num tom inflamado:

— Ninguém diria que pariste seis fedelhos, criatura adorável! Continuas rija e fresca como uma maçã acabada de colher! Sinto ganas de te comer... E é isso que vou fazer!

Os guerreiros quedaram-se a observar o líder. Tudo o que se ouvia no salão era o pranto das mulheres que ainda não tinham sucumbido sob a selvajaria dos algozes, os brados de aflição de Enya... e os vagidos de prazer de Melody, enredada no feitiço. Os dedos de Halvard deslizaram pelo pescoço da presa, afagaram-lhe os seios e detiveram-se no meio da carne túrgida. De imediato, a fulguração ígnea da Arte Obscura incendiou-lhe o olhar e a sua pele começou a cintilar, irradiando um brilho negro repleto de faíscas escarlates.

— O que é que desejas, querida? — sussurrou-lhe ao ouvido. E Melody gemeu, deleitada:

— Quero dar-te o meu coração...

O Filho do Dragão cascalhou... E a sua mão enterrou-se no peito da prima, rasgando carne, partindo ossos, até os dedos se fecharem no coração palpitante. Ainda assim, Melody entregava-se ao homem que a dilacerava, debaixo do olhar terrificado dos pais e do tio. Halvard aguardou um momento, absorvendo as emoções da assistência... Depois, com uma brusquidão selvática, arrancou o coração da prima e arrojou-a para o chão, libertando-lhe a consciência. Melody convulsou... E expirou com um guincho mortificante.

Enya fremiu como se lhe tivessem retalhado a alma. Incapaz de suportar a dor, perdeu os sentidos entre as garras de Deimos. Edwin também não conteve um ulo transtornado. No entanto, foi para o tio que Halvard se virou. Para horror dos irmãos McGraw e regozijo dos

seus generais, lambeu o coração e espremeu-o contra os lábios. Finalmente, cravou-lhe os dentes e devorou-o, pedaço a pedaço.

Deimos soltou um rugido e sacudiu os cornos, extasiado com o espetáculo. Os ombros de Edwin descaíram, quando o seu olhar encontrou o do irmão, despojado de esperança. A pele de Stefan estava cinzenta, os seus dentes batiam e os olhos arregalavam-se em choque, ante o cadáver destroçado da filha. Presenciara muitas atrocidades nas duras batalhas que travara... Todavia, nenhuma se comparava àquela!

De súbito, Enya acordou. E voltou a bramar, enlouquecida pelo terror. Edwin ouviu Deimos rosnar, impaciente, e temeu que ele quebrasse o pescoço à cunhada. Halvard também praguejou, importunado com a interrupção. Como a tia não se calava, livrou-se dos despojos do coração e precipitou-se contra ela, vociferando:

— Silêncio! Já não suporto ouvir-te, velha execrável!

Num ápice, a voz de Enya definiu, usurpada pelo poder do carníface. Porém, não desistiu de lutar. Ao ver Halvard à sua frente, cuspiu-lhe na cara. Ele semicerrou os olhos, assimilando a afronta. Depois, limpou a face... E projetou a mão, esbofeteando a tia até lhe desfazer o rosto.

Stefan bradou e estrebuchou, tentando quebrar as amarras da magia. Por fim, a sua revolta cedeu lugar à súplica:

— Faz o que quiseres de mim, mas não a tortures...

— Halvard, seu cobarde miserável! — interpôs-se Edwin, rouco de ódio. — Para de massacrar os indefesos e enfrenta-me como um homem!

O Filho do Dragão ignorou-o e arrastou o corpo moribundo da senhora da Grande Ilha até ao marido. Desvairado, sacudiu-a perante o tio e escarneceu:

— Foi a esta mulher que juraste amor eterno, tio Stefan? Pois despede-te dela!

— Stefan... Stefan... — titubearam os lábios massacrados de Enya.

Stefan desistiu de apelar à mercê do monstro que o mirava com sobrançeria. Convicto de que todos os McGraw estavam condenados, fitou a companheira com adoração e declarou, tentando apaziguá-lo o espírito:

— Juro que voltaremos a encontrar-nos, meu amor...

Halvard puxou a tia para trás com um esticão violento. Depois, sem hesitar, desembainhou a espada e decapitou-a com um berro exaltado.

Os generais gargalharam e aplaudiram. Deimos urrou de gozo... E, por instantes, a visão de Edwin turvou-se e os seus ouvidos falharam. Apenas o sabor agreste do fel que lhe inundava a boca o prendeu à realidade. Porém, duvidou seriamente da sanidade que o animava, quando o seu olhar clareou. O tronco de Enya estava estendido no chão, a esvaír-se em sangue, enquanto Halvard segurava a cabeça pelos cabelos e a exibia diante do rosto do marido, estridulando para regozijo dos seus assassinos:

— Não desejas beijar a tua amada uma última vez, honrado tio? Vá! Beija-a! Quero que essa recordação fique gravada na tua essência para que, quando te matar, me divirta a chafurdar na tua dor, no teu terror, no teu ódio... Beija-a, miserável! Beija-a!

Cativo da magia, Stefan não pôde insurgir-se. E o Filho do Dragão esmagou os lábios sem vida de Enya contra os seus, uma infinidade de vezes, até o senhor da Grande Ilha carpir, à beira da loucura. Então, Halvard arremessou a cabeça da tia pelo ar e começou a saltitar, trauteando:

*«A laranja será corrompida, para sempre perdida;
A violeta tombará, decepada pela traição;
A verde penderá sem glória, sob a lâmina gelada;
A vermelha sucumbirá, vítima da própria condição;
A branca vagueará sem rumo, na bruma do esquecimento;
A azul falhará, por fraqueza e inaptidão;
A amarela finará, devassada na essência;
E quando a luz se apagar é chegado o reino das trevas...»*

Estacou repentinamente e mergulhou no olhar do tio, rosnando num tom cavo e desvairado:

— Há muito que a maldição das pedras mágicas me fascina! No meu entender, dos sete elos que a compõem, o teu foi o único que não se encerrou. Sim, porque a estulta da minha avó falhou... Fraqueza e inaptidão foram coisas que Catelyn esbanjou em vida! E, depois de morta, a sua ingerência nos meus assuntos não tem obtido melhores resultados. — Empinou o nariz e encheu o peito, rematando: — Uma questão intriga-me... O que acontecerá se a imprecisão for concluída?

— Stefan! — gritou Edwin horripilado, adivinhando a intenção do neto. E o irmão esforçou-se por recuperar a voz, replicando sem deixar de fixar o sobrinho:

— Somos seis, mas somos um só! Luta, mano... E nós lutaremos através de ti!

— Não...

O apelo de Edwin soou como um soluço engasgado, quando Halvard se precipitou contra o tio, qual predador voraz. Sem libertá-lo do malefício, prostrou-o no chão e envolveu-o num abraço mortal... Depois, gota a gota, assimilou-lhe a essência, até o corpo ainda pujante se transformar numa casca vazia.

Só quando o coração do senhor da Grande Ilha parou de bater é que o Filho do Dragão tombou ao seu lado. Mais uma vez, o brilho da Arte Obscura fazia-o rutilar como um sol de trevas candentes. Os seus olhos eram poços de labaredas ao encarar o avô. Sorriu e troou numa voz que nada tinha de humano:

— Tanta força! Tanta integridade... E um poder extraordinário! Não imaginava que a magia do meu ilustre tio ardesse com tanta veemência... Ou tê-lo-ia caçado antes!

Edwin não conseguia desviar os olhos do irmão, da cunhada, dos sobrinhos e das mulheres que pereciam sob as mãos peçonhentas dos mercenários. O salão da Casa Grande estava repleto de cadáveres! Mais uma vez, as paredes que tantos risos e brincadeiras tinham testemunhado preenchem-se de horror e morte. Talvez

Halvard estivesse correto e a maldição das pedras mágicas jamais se tivesse desfeito! Stefan acabara de se finar, devassado na essência... E ele estava prestes a perecer às mãos do próprio neto.

— Acaba com isto, demónio! — mastigou, com a frieza destemida de quem já nada tem a perder. — Prefiro afundar-me na podridão do submundo do que ser forçado a olhar para ti!

— Estou ciente disso, avozinho — rebateu Halvard, sustendo-se e defrontando-o sem pressa. — Conheço bem a tua história; a ansiedade com que tens buscado a morte. Até podia satisfazer o teu desejo... Mas não sou tolo! Por mais que cobice a tua essência, sei que a sorte condena quem suja as mãos com o sangue de guerreiros abençoados. Por essa razão, Sigarr não matou o avô Throst... E, também por isso, eu não te matarei! Ao invés, vou confiar-te uma missão.

Quedou-se diante do avô e cravou-lhe os dedos nas faces, como se disposto a estilhaçar-lhe os ossos. Edwin debateu-se, mas foi obrigado a encará-lo... E o Filho do Dragão enunciou:

— Sigarr propôs ao bastardo da rainha Lyria a troca do teu filho Edwin, meu «adorado» pai, pelas Lágrimas do Sol e da Lua... Ninguém lhe deu ouvidos e eu fui forçado a marchar contra a Grande Ilha. Depois do que aqui se passou, espero que os néscios que vos governam parem de duvidar da seriedade das minhas intenções... E da inexorabilidade da minha resolução. A troca há de realizar-se, sim! E antes do solstício de verão! Já sabes do que sou capaz, carcaça velha... Por isso, vais regressar à Ilha dos Penhascos e convencer a minha mamã e os seus lacaios a cumprirem a minha vontade. Ou, pelo falo do dragão, juro que farei a Ilha dos Penhascos arder até as rochas se desfazerem! Depois, navegarei para o Norte... E não darei descanso à minha espada enquanto existir um ente de sangue viquingue ao cimo da Terra. Com profecia ou sem ela, o trono do mundo há de ser meu!

Um raio rasgou o céu, mesmo por cima de Edwin McGraw, fustigando-lhe a consciência e arrastando-o para a crua realidade.

Haviam-se passado três dias desde que um navio inimigo o despejara sobre os rochedos da Ilha dos Penhascos, junto à passagem, com o corpo sovado e a mente destroçada. Se o Sacerdote Trygve não o tivesse resgatado prontamente, teria servido de pasto aos *Sentinelas*.

O ribombar do trovão sufocou-lhe os uivos penados. A violência da tempestade parecia alimentar-se do seu desespero. Abriu os olhos e deparou com o precipício. Lá muito em baixo, o fundo do mar estava coberto de rochas aguçadas como lanças. Então, uma vaga furibunda galgou a onda que recuava e esmagou-se contra a fraga, com um estrondo ensurdecador. Uma montanha de espuma elevou-se ao seu encontro, estendendo-lhe as mãos aquosas, enquanto uma miríade de vozes lhe ecoavam dentro da mente, qual cântico sedutor pejado de antecipação:

«*Vem, guerreiro! Junta-te a nós...*»

Como McGraw desejava ceder! Porém, a morte devotava-lhe tão ardoroso desprezo que seria capaz de lhe desfazer o corpo e, ainda assim, impor-lhe a existência, para se divertir a vê-lo vegetar num leito de sofrimento e frustração, dependendo da caridade alheia para satisfazer as necessidades mais primárias. Se isso acontecesse, «ela» insistiria em ficar ao seu lado até ao derradeiro fôlego, chorando a sua sina. E ver os lindos olhos azuis inundados de lágrimas de piedade haveria de estracinhar a réstia de sanidade que o sustinha.

— Edwin! — gritou subitamente uma voz carregada de aflição, como se o seu delírio tivesse assumido forma. — Não, Edwin! Não!

Dois braços rodearam-lhe o tronco e puxaram-no para trás. Eram delicados, mas tão fortes como a determinação que cintilava no olhar celeste que o trespassava. Sentiu-a estremecer... Estava encharcada até aos ossos, completamente enregelada. Porém, as suas faces incandesciam de indignação, ao cravar os dedos cinzentos de frio na pele do seu casaco. Sacudiu-o com ferocidade e rugiu exaltada:

— O que ias fazer? Nem penses em desistir, Edwin McGraw! Não te atrevas a deixar-me!

Ele fitou-a sob a luz dos relâmpagos, fulminado pelo assombro. E só conseguiu titubear:

— Ingrior...?

A filha de Thorgrim tombou contra o seu peito e afundou-se num pranto compulsivo. Edwin abraçou-a, sentindo o coração acelerar e o sangue aquecer. O carinho feminino enchia-o com um ânimo que ele julgara definitivamente perdido. As mãos grandes e grossas ousaram acariciar a cabeleira densa e macia da cunhada, que ainda conservava muitos fios dourados. A herança dos antepassados feiticeiros conferia a ambos um vigor que excedia substancialmente a condição humana. Na sua idade, qualquer homem ou mulher comuns estariam a arrastar-se sob o peso da vetustez. Todavia, o neto de Aranwen e a neta de Hakon ainda tinham muita vida para viver... E Ingrior não suportava a ideia de ver Edwin desperdiçar tamanha dádiva.

— Após tantos anos, continuas a ser um tolo inconsequente! — resmungou zangada, por entre soluços. — O nosso povo precisa de ti... Os teus filhos... Kelda...

— E tu, Ingrior? — Não resistiu ele a indagar, aludindo ao seu primeiro desabafo. — Chorarias por mim se eu tivesse tombado na Grande Ilha?

Estava a provocá-la, arroubado com a sua reação, receando e anelando a sua resposta. A verdade é que Ingrior não saíra do seu lado, desde que chegara à Ilha dos Penhascos. Fora ela quem atendera aos ferimentos provocados pela tortura a que Halvard o sujeitara. Depois, fizera tudo para lhe reabilitar o espírito, através da energia curativa. Jamais passara pela cabeça de Edwin ver algo mais nos olhos azuis, além de um carinho fraternal... No entanto, podia jurar que, nesse momento, eram apenas um homem e uma mulher, carentes e desejosos.

— Sabes o quanto te estimo... — replicou a cunhada, atrapalhada ante o calor da voz máscula. — E como compreendo a tua dor! Esta

guerra também me roubou os meus irmãos, os meus sobrinhos... Berchan...

Ouvir o nome do irmão fez Edwin engolir em seco. Ciente de que Ingrid o mencionara para aplacar o seu ardor, afastou-se e tentou recuperar a compostura, controvertendo:

— Eu não pretendia fazer nenhuma loucura. Só vim até aqui para refletir... E respirar! O ar do templo sufoca-me! — Ajudou-a a sustentar-se e a sua voz endureceu, ao ralhar: — Não precisavas de me seguir, debaixo deste temporal... Não quero que fiques doente por minha causa.

Ingrid não o deixou recuar, continuando a arrostá-lo com um ar recriminador:

— Ainda bem que vim! Sei perfeitamente o que estavas a pensar...

— Não, não sabes! — volveu ele no mesmo tom, enfrentando-a sem mesuras.

— Sei! — teimou a vidente. E as lágrimas rolaram-lhe pelo rosto ao acusar: — Estavas a ser tentado pela morte!

— Pelo contrário, procurava uma razão para viver! — altercou o guerreiro, elevando a voz para se fazer ouvir através do estrondo da trovoadas. — E não era a necessidade de proteger o meu povo, nem tão-pouco a sede de vingança contra os nossos inimigos que me preenchiam a mente... Estava a pensar em ti, Ingrid! No brilho dos teus olhos, na doçura da tua voz, na ternura com que cuidaste das minhas feridas... O que é que isso faz de mim? Serei um mau líder para o meu povo? Um traidor da memória do meu irmão? Depois de perder Geirny, jurei que não voltaria a apaixonar-me. Agora, tu surges como uma luz no meio da escuridão...

De súbito, ela cortou-lhe a confissão com um gemido apavorado. Soltou-se dos seus braços e desatou a correr rumo à floresta. Por um instante, Edwin foi incapaz de reagir. Depois, passou as mãos pela testa e arquejou:

— O que foste fazer, seu imbecil?

E precipitou-se no encalço da cunhada, bradando uma súplica:

— Ingrid... Espera! Escuta-me...

Só a alcançou nos trilhos da floresta. Ingrid deteve-se de costas voltadas, apoiada num tronco, esforçando-se por respirar. Edwin ainda esboçou a intenção de lhe tocar no ombro, mas deixou a mão pender, entarzelando compungido:

— Perdoa-me... Por favor, suplico que esqueças o que eu disse! Foram meros desvarios de um velho tonto... Não te zangues, Ingrid! Definharei se perder a tua amizade...

Então, a cunhada virou-se... E, num ímpeto arrebatado, lançou-lhe os braços em torno do pescoço e entregou-lhe os lábios.

Lysander esgueirou-se através dos corredores do templo, ciente da necessidade de escapar ao olhar dos Filhos da Renovação que guardavam a ala dourada, onde se situavam os aposentos da Sacerdotisa dos Penhascos. Fora a própria soberana quem o convocara durante a tarde, desvendando uma única palavra sobre o assunto em causa: «Kelda.» Por isso, o príncipe da Gente Bela atendia ao pedido com o coração sobressaltado de ansiedade. Será que as Visões de Oriana lhe tinham revelado o que se passava no Sul?

Alcançou o quarto sem percalços. Ergueu a mão para se anunciar, mas a porta abriu-se à sua frente, para depois se fechar com uma pancada mórbida. Lysander franziu o sobrolho com estranheza ao entrar num ambiente irreal, quase onírico. Um cheiro doce e lúbrico preenchia o ar, tão intenso, que enjoava. Velas ardiam em todos os recantos, libertando chamas de múltiplas cores. As mantas da cama encontravam-se abertas... E a soberana quedava-se de costas, junto ao altar onde prestava homenagem às suas antepassadas, trajando uma capa verde-escura enfeitada com plumas. Parecia orar e ele dispôs-se a aguardar, apesar de a sua apreensão crescer a cada instante, agravada pelo pressentimento de que algo muito grave sucedera.

Enfim, Oriana virou-se para encará-lo. Levou as mãos ao capuz e desvendou os cabelos longos e ondulados, assim como o rosto de

traços marcantes que a identificavam como filha do Sacerdote Trygve. Lysander admirou-se ao constatar que realçara os olhos e os lábios com tintas. Será que se deitava assim, enfeitada como uma boneca?

— Meu príncipe... — saudou-o, sorrindo candidamente. — Receei que não viesses.

O herdeiro de Lyria sacudiu os ombros antes de volver, circunspecto:

— Não me convocarias sem razão. O que foi que aconteceu?

— Acalma-te! — objetou a soberana, alargando o sorriso. — Não temos pressa, pois não?

Pressa? Não se aperceberia de quão constrangedor era estar no seu quarto, a meio da noite? Lysander sentiu a pele arrepiar-se. Ia jurar que farejava perigo... Não! Estava a imaginar coisas! Que ameaça podia Oriana representar? Ao vê-la dirigir-se à mesa de apoio, aproveitou para esfregar o nariz, perturbado com o odor das ervas e dos óleos queimados antes da sua chegada. Era inebriante! Entorpecia-lhe a mente, aquecia-lhe o sangue... Apertou os punhos, tentando concentrar-se. Se clarificasse o seu incómodo, a Sacerdotisa cessaria as cortesias e falaria sem mais delongas. Para tal, esfriou a voz ao interpelá-la:

— Não devias cobrir o rosto? As regras da tua posição...

Uma gargalhada fê-lo engasgar-se. Qual não foi o seu espanto quando ela devolveu:

— Regras, regras e mais regras... Preocupas-te de mais com as convenções, Lysander! Não concordas que é uma tolice ocultar o rosto na presença de um amigo, que já me conhecia antes de eu me tornar rainha?

Não, não concordava. A vida ensinara-lhe que a infração de quaisquer normas era um convite ao caos. Se Oriana pensava assim, não deveria ter-se comprometido com as leis do Povo dos Penhascos... Ficou ainda mais desgostoso quando ela despejou o conteúdo de um jarro de prata em duas taças. Franziu a testa e ripostou secamente, decidido a sacudir-lhe a consciência:

— Alguém pode entrar e fazer um juízo errado...

— Ninguém irá interromper-nos — atalhou a soberana, caminhando ao seu encontro com um menear de ancas que o fez suster a respiração. Depois, estendeu-lhe uma taça e concluiu, numa voz quase tão quente como as flamas que se apossavam do seu olhar: — Assegurei-me disso!

O que raio se passava naquela cabeça de vento? O herdeiro de Lyria sempre considerara Oriana estranha... Porém, nos últimos tempos, algumas das suas reações roçavam a incoerência! Impaciente, esboçou um gesto de negação e contestou:

— Obrigado, mas não me apetece...

— Preparei esta bebida com grande apreço, Lysander... Não me faças tamanha desfeita! Acompanha-me! Afinal, queres ou não saber o que tenho para te contar?

Começara melosa e terminara ríspida, quase esganiçada. O príncipe quedou-se, lívido de estupefação. Estaria Oriana a ameaçá-lo? A afiançar que apenas falaria se ele bebesse? Só o desejo de descobrir o que acontecera a Kelda o impediu de lhe virar as costas. Além disso, sentia-se um pouco tonto, mesmo trôpego, com as pernas fracas e os pensamentos a fluírem cada vez mais devagar. Acabou por aceitar a taça e nem reclamou quando a soberana ordenou:

— Acomoda-te e descontraí. Quero que me escutes com atenção.

Aturdido, Lysander sentou-se no cadeirão. Porque é que estava tanto calor? Pelo menos, o perfume já não o incomodava! Ao invés, tornara-se um deleite para o olfato, convidando-o a inspirar fundo para assimilar a sua riqueza. Oriana saudava-o com a taça... E insistia, untuosa:

— Bebe, meu príncipe. Garanto que não vais arrepender-te.

Lysander rendeu-se. Quanto mais rápido a obsequiasse, mais depressa findaria o transtorno. De qualquer modo, a sua garganta arranhava de tão seca... E o néctar era fresco, delicioso! Não conseguia parar de beber! Fechou os olhos, deleitado... Quando os abriu, a Sacerdotisa estava à sua frente, ostentando um sorriso

triumfante, com o jarro pronto para voltar a servi-lo. Depois, sentou-se na suavidade da cama a observá-lo. Os lábios rosados acariciavam o rebordo da taça, sorvendo languidamente. A garganta do príncipe tornou a secar. Emborcou o néctar com avidez e Oriana riu com gosto, instigando:

— É divino, não é? Eu dou-te mais.

O ritual repetiu-se. O néctar acariciava a língua de Lysander e refrescava-lhe a garganta. Porque tinha tanta sede? A resposta fê-lo estremecer: «As ervas que ela queimou... Reage! Sai daqui!» Todavia, nesse instante, o efeito do néctar arrebatou-o. O seu sangue inflamou-se e tudo pareceu perder a consistência, como se estivesse a pairar numa nuvem. Arfou e cravou os dedos no cadeirão, tentando clarear a mente. Porém, a sua vontade liquefazia-se; a carne incendiava-se... E o fogo era bom! Tão bom! Deixou a cabeça tombar para trás, com um gemido rouco. Há quanto tempo não se sentia assim, extasiado e livre de apoquentações?

— Bebe, meu príncipe! Bebe...

O apelo devolveu-lhe alguma lucidez. Deparou com Oriana a sorrir e a desatar os cordões da capa. O tecido verde-escuro tombou no chão com uma pancada seca... E o queixo de Lysander pendeu ao constatar que ela trajava uma camisa comprida e cintada, cujo tecido leve, repleto de reflexos ebúrneos, esvoaçava com os movimentos para, de seguida, se moldar às formas voluptuosas, tão transparente que pouco deixava à imaginação. O decote mal escondia os seios que se projetavam como lanças mortais. As pernas douradas revelavam-se...

— Gostas do que vês, meu príncipe?

Já não havia dúvidas de que algo estava errado... Grotescamente errado! Lysander estremeceu, apavorado, quando a Sacerdotisa deslizou sobre o seu colo e sussurrou:

— Eu sei que gostas! Estás ansioso por me devorar!

— Oriana... — entaramelou, afundando-se no cadeirão para escapar aos lábios que adejavam sobre os seus. — O que é que estás a fazer?

— Quero agradecer-te — volveu a soberana prontamente, esmagando-lhe os seios contra o peito. Depois, roçou a face na sua e ronronou: — Quero dar-te prazer como nunca sentiste!

O príncipe tentou ripostar, mas não foi capaz. Não tinha alento para saltar do cadeirão e o seu corpo reagia à proximidade feminina com uma violência irracional. A pele cobria-se de suor. As faces enrubesciam. A respiração tornava-se ofegosa. O coração quase saltava pela boca... E a paixão explodia-lhe no ventre, dilacerando a razão.

«O que estás a sentir não é real... Tu não a desejas! Ela envenenou-te!»

A voz no fundo da sua mente soava cada vez mais fraca, silenciada pelo miado sedutor de Oriana. A Sacerdotisa desapertava-lhe a túnica, enquanto confessava:

— Fiquei fascinada por ti assim que te vi... Porém, contive-me e recriminei-me. Estava tão confusa! Não compreendia como era possível amar Thorson e, em simultâneo, querer estar com outro homem. No entanto, por mais que tentasse evitá-lo, sempre que fixava o teu olhar sentia-me arder. A vontade de fazer isto quase me levou à loucura...

Sem contemplações, desatou a fita que prendia os cabelos do príncipe e afastou-se para admirá-los, maravilhando-se ao vê-los deslizar pelos ombros largos, qual manto de seda feito à medida para um deus do amor. Dir-se-ia que as madeixas pretas, enxertadas com fios de prata, possuíam vida própria. Oriana soltou uma exclamação deliciada ao tocar-lhes... E Lysander reagiu, pulando no assento e engolindo um urro. Quis afastá-la, mas a vontade tornou a falhar-lhe. Então, os seios da Sacerdotisa libertaram-se do decote e baloiçaram encostados ao seu nariz, palpitações de ansiedade, tão olorosos, irresistíveis... Ela regalava-se a enrolar os cabelos entre os dedos. Ele era incapaz de desviar os olhos dos mamilos cor de terra molhada e fértil.

— Para, Oriana — gemeu, horrorizando-se com o fervor da sua voz. — Por favor...

— Não é isso que queres — atalhou a jovem, inclinando-se para beijá-lo na face. De seguida, traçou um rasto escaldante com a língua, detendo-se nos lábios sequiosos, ensopando e atijando, mordendo e sugando.

O herdeiro de Lyria rangeu os dentes, lutando contra o ímpeto de corresponder. Se não tinha alento para se opor, também não pactuaria com tamanho desvario! Ciente de que a sua presa ainda não estava domada, a soberana deslizou as mãos pelo peito musculado e enterrou-lhe os dedos no ventre, enquanto ciciava:

— Aposto que se passou muito tempo, desde a última vez que desfrutaste do abraço húmido de uma fêmea... Estou enganada?

As mãos irrequietas desceram para as calças de Lysander e pressionaram a solidez da sua excitação, fazendo-o convulsar e soltar um ronco onde a dor se misturava com o prazer. Deleitada, Oriana apossou-se do troféu e acariciou-o entre os dedos. O grunhido de agonia do príncipe fê-la rir maliciosamente. Afundou-se no olhar estrelado que se preenchia de luz e vagiu junto dos lábios arquejantes:

— És tal e qual eu imaginava! Belo. Forte. Poderoso... Sabes que fervia de raiva, sempre que as histórias das aventuras que vivias com Kelda me chegavam aos ouvidos? Roía-me de inveja ao pensar nas tuas mãos sobre o seu corpo, no gozo que lhe davas... Tantas foram as vezes que sonhei ser eu quem estava nos teus braços! Depois, afogava-me em vergonha e culpa. Continuava a amar Thorson... Mas consumia-me de desejo por ti!

Lysander desviou o rosto, num derradeiro esforço para resistir. As suas roupas estavam desalinhadas e Oriana divertia-se a explorar cada palmo da sua pele, confessando abrasada:

— Começava a esquecer a perfeição dos teus traços quando voltaste para me atormentar. Senti uma alegria desvairada ao perceber que não tinhas tocado em Kelda... Regras, regras e mais regras! Depois de ela partir, também não procuraste a satisfação da carne noutra leito, tão magoado que estava esse nobre coração... E a tua «contenção» só aumentou a minha fome! Imagino o quanto

sofrete nestes anos de abstinência... Tamanha privação pode ser suportável para um ser de sangue antigo, mas o homem que vive em ti deve estar doido para cobrir!

O príncipe sentiu-se à beira do abismo, avassalado pelo perfume que inalara, pelo néctar que ingerira, pela sedução da soberana... No entanto, a sua razão ainda estrebuchava: «Não! Não! Kelda... Não!» Talvez, por milagre, alguém os interrompesse... Só assim se libertaria da teia que a tresloucada tecera à sua volta! Porém, era óbvio que ninguém viria salvá-lo. Estava perdido, à mercê dos apertos e dos afagos, dos beijos e dos arranhões, da língua e dos dentes. Não suportaria a lasciva tortura por mais tempo.

Atenta aos sinais do corpo másculo, Oriana parou abruptamente. Afastou-se e soltou uma gargalhada perversa, ao ver a presa engasgar-se com o ar. Senhora do tempo, susteve-se diante dele, a aguardar que recuperasse o fôlego. E não se coibiu de se regozijar:

— A força do teu espírito é formidável... Mas tu e eu sabemos como esta noite vai acabar! Para de lutar e entrega-te! Por mais que a tua mente se rebele, o teu corpo já me pertence.

— Porquê? — conseguiu Lysander indagar, num soluço transtornado. — Diz-me porquê!

— Já te expliquei o quanto me atraís, meu garboso macho...

— A Oriana que se tornou Sacerdotisa dos Penhascos jamais faria isto!

— Tens razão — assentiu ela, alargando o sorriso. — Eu estava disposta a viver uma existência de sacrifícios e amargores, pela felicidade do meu povo. Porém, quis o caprichoso destino que fosse a própria Kelda a mostrar-me outro caminho muito mais aprazível, doce, excitante...

— O quê...?

— Lembra-te de que a desgraçada se apossou da minha essência, com tanta voracidade, que quase me matou? E que tentou remediar essa barbaridade, regurgitando a vida que me usurpara? No entanto, as nossas energias já se tinham fundido na sua essência... Logo, a magia que Kelda me devolveu não foi a minha!

Foi a sua! A partir daí, vi-me confrontada com um poder totalmente desconhecido; uma mistura de luz e de trevas que me corroeu durante meses, até achar que ia perder o juízo.

— Porque não pediste ajuda? — horrorizou-se Lysander, enfim percebendo a causa do seu desatino. — O teu pai e a Guardiã teriam purificado a tua essência!

— Ora... — contraditou a Sacerdotisa, franzindo os lábios com desdém, enquanto removia a faixa que lhe cingia a camisa. — Se Trygve e Edwina me perscrutassem a essência, descobririam que o meu amor por Thorson foi consumado... Concluiriam que não sou a menina prodigiosa, casta e generosa que imaginam! E cair-me-iam em cima como feras esfaimadas, reclamando o controlo de todos os meus sopros. Eu não voltaria a fruir de um instante de paz!

O príncipe quis altercar, mas a camisa ebúrnea deslizou para o chão, revelando uma nudez esplendorosa. De imediato, uma nova vaga de fogo incendiou-lhe a carne... E, desta feita, a veemência da sua excitação estava exposta ao olhar ávido da predadora. Oriana arfou deliciada e começou a andar em seu redor. Acariciou-lhe os ombros e beijou-lhe o pescoço, com uma leveza húmida e provocante, enquanto prosseguia:

— Quando o ardor da Arte Obscura se manifestou, amaldiçoei Kelda com todas as forças. A minha mente enchia-se de pensamentos proibidos e o meu corpo doía de ansiedade. Assolava-me o desejo de experimentar coisas inomináveis... E os meus sonhos pejavam-se de Visões: sangue e labaredas, ódio e paixão.

Deteve-se diante dele, alardeando a sua beleza com orgulho antes de continuar:

— Então, tu regressaste do Império, derrotado, revoltado, cheio de mágoa e com o coração desfeito. Ofereci-te o conforto da minha hospitalidade e das minhas palavras... E comecei a ver-te com outros olhos! Já não eras apenas o homem que me fazia carpir de fome no segredo da noite. Eras alguém que podia compreender-me e orientar-me, uma vez que a tua magia também é uma mistura de Arte Luminosa e de Arte Obscura.

— É verdade — tentou argumentar Lysander, fixando os olhos no teto para escapar à exibição do corpo sensual. — Eu posso ajudarte... Mas para com isto!

Oriana riu com gosto e trepou para o seu colo. Ajeitou-se por cima das suas coxas e afundou as mãos no manto divino dos cabelos negros e prateados, fazendo-os deslizar pelo peito e sobre o ventre palpitante, antes de contestar:

— Ainda não entendeste? Não quero voltar a ser uma menina casta e abnegada... E, muito menos, quero tornar a ouvir esses lábios a suspirarem por outra mulher. Finalmente és meu, Lysander da Gente Bela! Tal como sonhei!

— Não, Oriana... — arfou o herdeiro de Lyria, desesperado.

A Sacerdotisa gargalhou e, exultante, agarrou-lhe nas mãos e colocou-as sobre os seios túmidos de antecipação, contraditando:

— Sim, meu príncipe! Sim! Sim!

De súbito, tombou sobre a presa com um berro extasiado. Lysander também bradou, dividido entre a surpresa, a indignação... e um prazer irracional que o obrigava a ranger os dentes e a revirar os olhos. Oriana contorcia-se, cavalgando-o como se pretendesse quebrar-lhe os ossos, ganindo triunfante. Nesse instante de vertigem, o príncipe sentiu vontade de lhe dar tudo aquilo pelo qual ela suplicava e muito mais. Só tinha de libertar o instinto e permitir que o êxtase os sublimasse. Viu a Arte Obscura a flamejar no olhar da Sacerdotisa, exigindo a entrega dos corpos e a fusão das essências. Porém, a sua consciência não se calava, ribombando sem cessar: «Esta louca vai destruir-te... Kelda jamais te perdoará! Reage... Reage!»

— Menina-feiticeira... — deu por si a tartamudear, estrangulado.

Apesar de alucinada, Oriana escutou-o. Vacilou de espanto, indagando num arquejo cavo:

— O que foi que me chamaste?

O príncipe arrostou-a e engoliu com força. Oriana drogara-o para colocá-lo à sua mercê. No entanto, ainda era a sua razão que ditava as regras. A mente governava o corpo... Logo, se a mente se

insurgisse contra esta pravidade, o corpo haveria de resistir ao apelo da luxúria! Esse pensamento foi como uma queda num lago gelado. De repente, o prazer como que se esvaiu e a voz soltou-se num rugido:

— Kelda... Kelda! Kelda!

— O quê? — bramiu Oriana, chocada.

Uma bofetada desfez o lábio do príncipe. Não obstante, ele continuou ainda mais alto... E, de repente, foi fustigado por uma avalanche de socos.

— Para! — ordenou a doida, assolada por um ataque de fúria. — Não te admito... Tu és meu!

Lysander não parou, usando o desvario da Sacerdotisa como arma de defesa. Iracunda, ela acabou por saltar do seu colo, agredindo-o e insultando-o. O primeiro objetivo fora alcançado! Livre da sua sofreguidão lasciva, o príncipe conseguiu refazer o fôlego. Só poderia fugir desse antro quando o efeito do veneno que o paralisava se extinguisse. Por isso, devia incapacitar-se para impedir que Oriana voltasse a abusar do seu corpo. Fechou os olhos e mergulhou dentro de si mesmo, desprezando a realidade. Evocou a memória de Kelda e absorveu-a com todo o ardor do coração, até sentir o seu calor e o seu perfume como se a estreitasse entre os braços.

«Jamais desistirei de ti, menina-feiticeira... Juro!»

Os berros da Sacerdotisa ainda lhe beliscaram os ouvidos. Teve a leve percepção de estar tombado no chão, inerte e amorfo, com Oriana a sacudi-lo, ululando de ira e frustração:

— Como foste capaz...? Não podes fazer-me isto! Não podes deixar-me assim!

Depois, entregou-se ao esquecimento com um suspiro de alívio.

Kelda da Montanha Sagrada mais parecia uma assombração do que uma mulher. As provações das batalhas que travara tinham-na esgotado. Estava esfarrapada, coberta de sangue e de lama, com os cabelos desgrenhados e os olhos roxos de tanto chorar. Lysander da

Gente Bela amava-a com loucura... No entanto, a sua cabeça latejava em agonia, perante a evidência irrefutável de que ela se vendera ao inimigo. Quando a sua protegida tentou abraçá-lo, rogando que a escutasse, o príncipe sacudiu-a e vomitou o seu desencanto:

— Maldita sejas! Eu devia matar-te por toda a destruição que causaste!

Altiva, a guerreira enfrentou-o com o olhar verde-floresta e exprobrou:

— Pois mata-me! Mata-me, Lysander!

Cego de fúria, ele arrojou-a no solo, desembainhou a espada e trespassou-lhe o coração.

Prostrada na lama, com o sangue a esvair-se do peito e a misturar-se com a chuva que os fustigava, Kelda fixou o seu carrasco, sorriu e murmurou com ternura:

— Tu és a minha águia...

— Não... — arquejou o príncipe, tombando de joelhos ao seu lado; a raiva suplantada por uma dor e um horror excruciantes. — Não, Kelda... Não!

De súbito, a jovem começou a desvanecer-se debaixo do seu olhar, como névoa dissipada pela veemência do aguaceiro. Lysander tentou segurá-la entre as mãos... Porém, tudo o que restava era uma ténue luminescência azul que acabou por fenecer. E, no lugar onde a guerreira tombara, encontravam-se sete pedras coloridas... As pedras mágicas da feiticeira Aranwen!

— Kelda! — bradou sob a fúria do vento e o estridor da trovoadas. Mas não obteve resposta... Então, escancarou os olhos para a realidade.

Sentou-se na cama, trémulo e arquejante, com o coração a galope e a pele banhada em suor... E uma vaga de alívio arrebatou-o, ao verificar que tudo não passara de um pesadelo. Tudo...? Não! Aquele quarto não era o seu! E os lençóis que o cobriam fediam a traição!

A custo, engoliu um grito, enquanto as recordações o esmagavam. A soberana da ilha estava aninhada ao seu lado, profundamente adormecida... completamente nua!

— Não... — titubeou, por entre sopros de pavor. — O que fiz eu?

Nada! Não fizera nada! Tinha a certeza de que renunciara aos sentidos no instante crucial. Ao vê-lo inanimado, imprestável para a satisfação dos seus delírios, Oriana devia tê-lo arrastado para a cama e ficado a aguardar que despertasse. O odor doce e lúbrico que empestava o ar provava que tornara a queimar ervas e óleos, persistindo na obsessão de lhe domar a vontade. Entretanto, acabara por se tornar vítima da própria peçonha e sucumbira ao efeito do fumo. Contudo, Lysander não tinha dúvidas de que haveria de lhe cair novamente em cima, assim que recobrasse. Por isso, urgia debandar rápido do quarto. Mais tarde, ajustariam contas!

Deslizou para fora da cama e fincou os pés no chão, combatendo a tontura e a náusea que o cheiro lhe provocava. Não obstante, dir-se-ia que adquirira resistência ao malefício, pois mantinha a clareza do raciocínio. A sua pele estava pegajosa, imunda, mas, aparentemente, já purgara o veneno que lhe incendiara o sangue. Mal conteve um uivo de raiva, enquanto deitava as mãos às roupas espalhadas sobre o tapete. Terminava de se vestir quando Oriana acordou.

— Lysander... — miou num protesto sedutor. — O que estás a fazer? Volta para a cama!

Não a encarou. Nem respondeu. Estava tão revoltado que tinha medo de perder a cabeça e acometer para estrangulá-la. Era o que a usurpadora merecia! Porém, a prudência ditava distância. Neste momento, a sua prioridade era respirar ar puro.

— Lysander! — fremiu ela numa voz diferente, estrídula e autoritária. — Não ouses virar-me as costas!

Desta feita, o príncipe arrostou-a e declarou, para lá de iracundo:

— A cilada que me preparaste foi de uma vileza cruel! Não há palavras que te desculpem, nem argumentos que te justifiquem. Ainda assim, para o bem dos nossos povos, estou disposto a

esquecer o sucedido. Todavia, não me tomes por tolo ou por fraco... Se a torpeza que estas paredes testemunharam tivesse tido consequências graves, estaríamos a ter outra conversa.

Oriana sentou-se como se picada por uma lança. Bufou e mastigou num tom ultrajado:

— Como podes dizer tamanha atrocidade depois do amor maravilhoso que partilhámos? Tu fundiste as nossas essências e possuístes-me com paixão! Ainda sinto o calor da tua semente dentro de mim...

— Para de mentir — atalhou o herdeiro de Lyria, efervescendo de impaciência. — O que ganhas com esse despautério? Sei muito bem o que aconteceu! Quiseste transformar-me num animal dominado pelo instinto... Mas falhaste! E é inútil inventares mais truques para me ludibriares. Jamais voltarei a baixar a guarda ao pé de ti.

A soberana arquejou e dispôs-se a objetar. Porém, a expressão severa do príncipe fê-la reconsiderar. Era óbvio que ele se tornara imune ao perfume sedutor que pairava no ar. Por tal, restava-lhe apelar à sua razão. Empinou o nariz e rebateu, sobranceira:

— Tudo o que fiz foi para te abrir os olhos! Estou cansada de te ver a penar e a carpir pelos cantos, por causa de uma reles traidora... Esquece Kelda de uma vez! Tu e eu podemos concretizar prodígios! — E perante o assombro dele fez questão de asseverar: — Sim! Nós devemos ficar juntos! Por ti, deixarei a Ilha dos Penhascos e tornar-me-ei rainha da Gente Bela...

— Escuta bem, Oriana — cortou Lysander, gélido e fero. — Entre nós jamais existirá algo que transcenda uma colaboração cortês, para benefício do Homem. Precisas de ajuda, mas não serei eu a provê-la! Mal o templo desperte, irás contar a Trygve...

A jovem pulou sobre ele com um bramido desvairado. Quis subjugá-lo com magia, mas o príncipe defendeu-se e recorreu ao ar para empurrá-la para o lado oposto da cama. Despido de subterfúgios, o poder de Oriana não era rival para o seu! No entanto, não desejava magoá-la. Ela estava transtornada, mas não deixava de ser a Sacerdotisa dos Penhascos. Tinha um território e

uma comunidade para governar... Além disso, era uma aliada preciosa para a causa dos povos livres, devido à inexpugnabilidade da sua ilha. Depois de se livrar da influência perniciosa da Arte Obscura, haveria de reconhecer o erro grosseiro que cometera.

Convicto de que a sua reação pusera fim à disputa, Lysander dirigiu-se à porta em passos largos. Então, a soberana ribombou nas suas costas:

— Vai... Mas pondera bem as tuas prioridades! Se esta noite não tornares à minha presença com um sorriso, ansioso por me agradares, direi a toda a gente que me violaste! Inclusive, jurarei que foste tu que plantaste a Arte Obscura na minha essência, para me manipulares.

— Ai, sim? — vociferou o príncipe, voltando a arrostá-la. — E porque faria tal coisa?

— Não sei — devolveu a Sacerdotisa, sacudindo os ombros com desdém. — Serás tu quem se terá de justificar, não eu! Porém, muitos motivos podem ser especulados numa Assembleia. Talvez ambiciones conquistar a Ilha dos Penhascos para o teu povo... Ou talvez tenhas ficado tão deslumbrado com a minha beleza que não resististe a seduzir-me... Isso não é, de todo, mentira, pois não?

Lysander fechou os punhos e sacudiu a cabeça, incrédulo e furibundo. Oriana estava completamente maluca! Afrontava-o e prosseguia com uma embófia minaz:

— Não te esqueças de que estás na Ilha dos Penhascos. Aqui, a minha vontade é lei! Atreve-te a contrariar-me e não tenhas dúvidas sobre quem vencerá a querela. Uma palavra minha e serás perseguido de dia e de noite... Durante quanto tempo conseguirás escapar ao ferro dos Filhos da Renovação, à perceção dos videntes, à magia de Trygve e à voracidade dos *Sentinelas*?

Os dentes de Lysander tiniam quando ela concluiu a ameaça. As estrelas no olhar azul-escuro tornaram-se escarlates ao controverter, seco e cortante:

— Eu não sou teu lacaio, mulher! Sou o herdeiro do trono da Gente Bela, descendente das mais nobres e antigas linhagens do

Povo da Terra. Não tenho por que ceder às ameaças de uma soberana que, para além de trair os seus juramentos, revela um vilipêndio imoral pela sua terra e pelo seu povo... E, muito menos, irei vergar-me aos caprichos de uma infame capaz de enfeitiçar um homem para arrastá-lo para a sua cama!

Mais uma vez, tentou sair...

— Estás a desprezar-me por causa de Kelda? — berrou Oriana desarvorada. — Achas que ela ainda pensa em ti, enquanto se rebola nos lençóis de Sigarr?

Lysander estacou como se fulminado por um relâmpago... Todavia, obrigou-se a ignorar a provocação e fez questão de bater com a porta na cara da Sacerdotisa.

Os Sacerdotes dos Penhascos reuniram-se com o Conselho das Sábias Anciãs, a Guardiã da Lágrima do Sol, o príncipe Lysander e Lorde Edwin, a fim de delinearem uma estratégia para o encontro com o Filho do Dragão, a realizar-se na Ilha dos Sonhos. Havia apenas duas opções: ou concordavam em trocar os cristais do Guardiã da Montanha pelo Rei da Lua ou preparavam-se para combater o poderoso exército inimigo.

— Halvard tem milhares de homens disponíveis para cercar esta ilha — asseverou Lorde Edwin com uma gravidade pesarosa.

— Ainda assim, duvido que consigam atravessar a passagem — sobranceou o Sacerdote.

Porém, McGraw não partilhava da sua confiança e deixou-o claro, ao refutar num tom que quase soava como uma repreensão a um garoto que falhara uma simples conta de somar:

— Se os *Sentinelas* despedaçarem mil homens antes de serem dizimados, sobrarão muitos mais para reduzir esta terra a cinzas.

Trygve franziu o sobrolho, contrariado. Foi a vez de o príncipe Lysander controverter:

— Halvard não necessita de arriscar a travessia da passagem para destruir a Ilha dos Penhascos. Só tem de colocar o fogo de Deimos nas setas dos seus arqueiros e fazê-las voar sobre a proteção das

fragas. Desse modo, iniciará focos de incêndio que depressa se reproduzirão, tornando-se impossíveis de extinguir mesmo com a nossa magia. Poderá atacar-nos durante dias, até que as labaredas devorem todas as plantas e carbonizem os animais. Se tal acontecer, seremos nós que teremos de debandar... E o Filho do Dragão estará à nossa espera!

Fez-se silêncio. Os presentes tinham testemunhado os estragos que a magia do rei do Povo do Fogo causara na Ilha dos Sonhos. As labaredas místicas do demônio eram indomáveis e arrasadoras. Após trocar um olhar com a Sacerdotisa, o Sacerdote virou-se para a prima:

— Qual é a tua opinião, Edwina? Achas que devemos ceder à proposta de Halvard?

A Rainha do Sol encarou-o como se desejasse não ter de responder.

— O meu maior anseio é salvar o Rei da Lua — suspirou compungida. — Porém, não devemos confiar em Halvard! Se lhe entregarmos as Lágrimas, as consequências serão catastróficas!

A partir daí, o debate acendeu-se. Muitas considerações foram tecidas acerca da índole traiçoeira do Filho do Dragão. Quem garantia que, depois de ter os cristais, Halvard não consumaria a ofensiva contra a Ilha dos Penhascos? Edwin testemunhara o ódio que o neto dedicava à família e tinha a certeza de que não perderia o ensejo de os esmagar. Por outro lado, ao adversarem o Filho do Dragão também estariam a condenar os nativos... Quando a discussão parecia ter chegado a um impasse, a Sacerdotisa interveio com firmeza:

— Nada podemos fazer, além de concordar com as condições que Halvard estabeleceu. O príncipe Lysander está correto quando diz que, dessa forma, ganharemos tempo para consolidar as nossas defesas. As Lágrimas estão no Norte e Thorson só conseguirá trazê-las até nós na primavera. Halvard terá de ser paciente... E, enquanto espera, estará a dar-nos tréguas.

Lysander tentou não demonstrar surpresa ante o inesperado apoio. Começava a ficar cansado de explicar o óbvio a ouvidos surdos. Talvez Oriana tivesse recuperado do ataque de estupidez e se concentrasse em atender à segurança do seu povo! Porém, essa esperança nem chegou a germinar. Mal recebeu a concordância da maioria das vozes com autoridade para opinar, a Sacerdotisa fixou o príncipe com um olhar carregado de intenção e acrescentou:

— No entanto, ninguém é tolo para achar que Halvard cumprirá a sua parte do acordo. Com as Lágrimas nas mãos tornar-se-á mais abominável do que nunca! Só executando o plano de Sigarr poderemos detê-lo.

Seguiu-se um burburinho confuso. A hipótese que a Sacerdotisa levantava já fora rejeitada em Assembleia. Porém, recusar as condições de Sigarr resultara na destruição da Grande Ilha e na morte de muitos inocentes. Aqueles que haviam sido inflexíveis na refutação, agora hesitavam. E o herdeiro de Lyria sofria-se para não cuspir um impropério. Oriana arrostava-o em desafio, ciente das implicações que tal acordo teria. Uma das condições do feiticeiro fora a separação definitiva de Lysander e Kelda. O mestre da Arte Obscura reclamava ter desenvolvido uma paixão pela jovem e não admitia que o príncipe da Gente Bela se atravessasse no seu caminho. Depois do que sucedera na noite anterior, o ajuste com Sigarr servia Oriana na perfeição... Decerto era nisso que ela pensava, pois disfarçava um sorriso mordaz. Ainda assim, o Sacerdote Trygve objetou:

— Nós já discutimos esse assunto, minha rainha... Sigarr é tão perigoso e traiçoeiro quanto Halvard! Dedicou a vida à concretização da profecia do Filho do Dragão e, por mais que alegue, não me parece fiável que tenha mudado de ideias. Estou convicto de que a sua proposta oculta um objetivo escuso...

— E se o feiticeiro estiver a ser sincero? — atalhou a Sacerdotisa com ardor. — Mesmo a mais vil das criaturas pode arrepender-se e almejar a redenção! Pensem bem. Sigarr está a oferecer-nos a paz, o fim da profecia, a possibilidade de reabilitar Halvard... — Virou-se

para a Rainha do Sol com uma expressão expectante. — Poderias ter o teu marido e o teu filho de regresso a casa!

Edwina sacudiu a cabeça e passou a mão pela testa, contestando:

— A que preço, minha rainha? Esqueces que Sigarr exigiu que renunciássemos a Kelda? Não vou resgatar um filho à custa do outro!

— E se a imposição de Sigarr refletir a vontade de Kelda? — contrapôs Oriana, implacável. — Lembrem-se de que ela teve oportunidade de voltar para casa e, ao invés, correu para os braços do feiticeiro. Os nossos espiões garantem que eles estão muito próximos... Que Kelda não está contrariada! — Fez uma pausa para apreciar o impacto das suas afirmações, antes de reafirmar: — Negociar com o feiticeiro é a nossa única hipótese de salvação! Além disso, vós conheceis o espírito de Kelda... Ninguém a obrigará a ficar ao lado de Sigarr se ela não o desejar!

As suas últimas palavras foram pronunciadas com o olhar preso no herdeiro de Lyria. E o príncipe teve de engolir em seco quando, uma a uma, as vozes da Assembleia ratificaram o plano da Sacerdotisa. Por fim, até a própria Guardiã se rendeu. Só Edwin McGraw se manteve ao lado de Lysander, irreduzível na oposição àquele ajuste. Porém, acabaram derrotados pela maioria.

— Obrigado por atenderdes ao meu pedido, Lorde Edwin.

Um relâmpago rasgou o céu e o seu clarão iluminou a fenda na rocha onde os dois guerreiros se refugiavam da chuva torrencial. McGraw franziu o sobrolho ante a palidez do príncipe, evidenciada pelas manchas negras que lhe rodeavam os olhos. Sabia que Lysander estava preocupado e abatido. Todos estavam! Ainda assim, a perturbação do jovem parecia ter-se agravado substancialmente no decurso do dia. O seu pedido para que se reunissem na praia, ao cair da noite, debaixo do temporal que fustigava o arquipélago, não só o deixara intrigado como apreensivo. Assentiu e ripostou:

— Deixa lá as cortesias. Conhecemo-nos o suficiente para falarmos sem constrangimentos. Além disso, sei o quanto estimas a

minha neta... Foi por causa de Kelda que me chamaste aqui? Bem vi que também não ficaste satisfeito com o resultado da Assembleia.

O príncipe confirmou com a cabeça e soprou o ar, antes de declarar:

— Preciso de ajuda. E, neste momento, vós sois o único em quem posso confiar.

— Compreendo... — murmurou o outro com sobriedade. — O que tens em mente?

— Vou salvar o Rei da Lua e trazer Kelda para casa... Ou morrerei a tentar!

As rugas na testa de Edwin McGraw aprofundaram-se ante a determinação de Lysander.

— Continua... — incentivou-o. E o herdeiro de Lyria prosseguiu:

— Quando souber que concordámos com as suas condições, Halvard não ficará aqui a aguardar a chegada da primavera. Há de deixar a ilha sob a vigilância dos seus generais e rumar ao Sul, para se certificar da recuperação da irmã. Se, entretanto, eu alcançar o seu reduto, tenho grandes hipóteses de libertar o Rei da Lua e Kelda...

Hesitou, mas McGraw adivinhou o que ficara por dizer:

— E, mal eles estejam em segurança, pretendes defrontar Halvard; homem contra homem, sem a interferência de exércitos, videntes e feiticeiros, antes que a sanha do Filho do Dragão possa tombar sobre a Ilha dos Penhascos e sobre o Norte.

Lysander susteve o seu olhar e rebateu:

— Sei que se trata do vosso neto... Porém, acreditai que, ainda que Sigarr estivesse a ser sincero, o seu plano é inexecutável. A mente de Halvard encontra-se para além de qualquer recuperação. Duvido, inclusive, que a Montanha Sagrada lhe concedesse entrada, mesmo que subjugado e conduzido pelos pais. Se os Guardiães teimarem em reabilitá-lo, acabarão mortos.

— Não precisas de convencer-me desse facto — assentiu Edwin, pesaroso. — Halvard pode ser meu neto, mas também é o assassino

mais perverso que jamais conheci... E conheci bastantes! Se, um dia, o tiver debaixo do fio da minha lâmina, não hesitarei.

— Então, posso contar com a vossa ajuda?

— É óbvio que sim! Partiremos quando quiseres...

— Não me interpreteis mal — atalhou Lysander, um pouco engasgado. — Sei que o vosso valor é inquestionável, mas esta missão deve ser desempenhada por um só homem...

— Estás a insinuar que sou demasiado velho para a empresa? — cortou Edwin com rispidez, trazendo à memória os incidentes ocorridos na altura em que se tinham conhecido.

O príncipe teve a graça de ficar ainda mais descorado, ao negar com veemência:

— De modo algum! Se as circunstâncias fossem diferentes...

Para seu espanto, McGraw deu-lhe uma palmada nas costas e replicou:

— Estava a brincar, Lysander! Tens razão... Passarás mais facilmente despercebido debaixo do nariz do inimigo se estiveres sozinho. — Sorriu ao ver o príncipe suspirar de alívio e indagou: — Em que é que te posso ser útil?

O jovem assumiu um novo ânimo e esclareceu:

— É crucial que mais ninguém saiba das minhas intenções. Por isso, deveis justificar a minha ausência no templo. Já preparei tudo... Direis que estáveis comigo quando um mensageiro do Mestre Druida veio requerer a minha presença na sua aldeia, na montanha, por necessitar da magia curativa do meu povo. Isso conceder-me-á alguns dias de vantagem.

— Não há problema... E como sairás da ilha sem a ajuda de Trygve?

— Conto com a vossa destreza para superar essa dificuldade — retrucou o príncipe, atrevendo-se a dar um tom de gracejo à voz.

McGraw soltou um rosnado, simulando indignação para disfarçar o riso.

— Lisonjeias-me para me tramares, rapaz! Acaso pretendes que eu sirva de isco aos *Sentinelas*, enquanto te esgueiras pela

passagem?

— Estais à altura do desafio? — instigou Lysander, contente por vê-lo entusiasmado.

Edwin ficou sério. Ergueu a mão e pousou-a sobre o ombro do herdeiro de Lyria, ripostando:

— Devo admitir que me surpreendeste! Na primeira vez que te vi, achei que não passavas de um fedelho insolente e cheio de bazófia. Hoje posso afirmar, sem dubiedade, que é uma honra lutar ao teu lado! O sangue de Steinarr corre forte no teu corpo... — Sacudiu-o levemente, antes de prosseguir: — O que te propões concretizar é uma temeridade colossal! Mesmo que consigas sair inteiro desta maldita ilha, terás um caminho longo e perigoso pela frente.

— Estou ciente disso — afirmou o príncipe. — Mas agradeço as vossas palavras. Significam muito para mim! Kelda sempre me falou de vós com grande admiração...

— E sempre me falou de ti com grande paixão — interrompeu McGraw, prendendo o olhar estrelado. — Tem cuidado, Lysander! Sê forte e corajoso, mas não sejas tolo. Não desperdices a vida por vaidade. Um bom guerreiro também tem de saber quando deve recuar... Traz Edwin e Kelda para casa. O resto depois se verá! No dia em que esta guerra terminar, quero ter o privilégio de embalar nos braços uma criança do nosso sangue.

O sobressalto do jovem foi tão violento que, por pouco, as lágrimas não lhe saltaram dos olhos. Recuou e virou as costas, esforçando-se para conter um soluço. Na sua cabeça, o riso fresco de Kelda misturava-se com os guinchos ardentes de Oriana.

«Achas que Kelda ainda pensa em ti, enquanto se rebola nos lençóis de Sigarr?»

A peçonha da Sacerdotisa dos Penhascos era como um punhal enterrado na sua garganta, que o impedia de respirar. Tinha de se recompor! Quando começara a treiná-lo, o seu tio Galinn dissera-lhe: *«Um homem que empunha uma arma com outra coisa em mente além da batalha não é um guerreiro, é um cadáver!»*

Lorde Edwin pensou que a comoção do príncipe era consequência das suas palavras. Deu-lhe tempo para recuperar a compostura, antes de indagar:

— Quando pretendes partir?

O herdeiro de Lyria clareou a mente e encarou o veterano, impondo firmeza à voz:

— Agora... Se não tiverdes nada mais importante para fazer!

McGraw sorriu e deitou a mão à espada, exclamando:

— Vamos lá matar lagartos!

Lysander inspirou fundo, uma, duas vezes... Por fim, conseguiu apelar:

— Preciso de outro favor.

Ao vê-lo tão relutante, Edwin incentivou:

— Já percebi que algo mais te inquieta... Fala sem rodeios!

Num fôlego, o príncipe resumiu o que Oriana lhe contara acerca do efeito que a magia de Kelda tivera sobre a sua essência, concluindo:

— Peço-vos que, após o encontro com Halvard, quando os ânimos serenarem, alerteis a Rainha do Sol para o que está a acontecer. É inútil confrontar Oriana, pois ela negará tudo... Porém, se Edwina ficar atenta, não tardará a confirmar a verdade com os seus próprios olhos.

A expressão de Lorde Edwin encrespou-se ao enunciar:

— Isso é extremamente grave! Tens a certeza?

— Absoluta! — asseverou Lysander. — A Sacerdotisa precisa de ajuda... Se o seu espírito se render ao lado negro da magia, todos teremos muito a perder.

A Sacerdotisa dos Penhascos fixou os desenhos resultantes da sua última Visão, pintados na parede da Gruta das Vozes Ancestrais. Apertou os punhos, despeitada, ao lembrar-se da noite em que conduzira Kelda até àquele lugar sagrado, para lhe mostrar os riscos negros do presságio que ditava o seu fim. Estes ainda persistiam, atravessando a parede e mergulhando no solo de argila. Porém,

quando Kelda tomara o seu lugar como prisioneira de Sigarr, tudo se alterara... Bem, na verdade, nem tudo! A mais recente predição de Oriana demonstrava que o seu futuro continuava ameaçado por sombras funestas. Porém, agora que podia contar com a graça da Arte Obscura, não tinha dúvidas de que haveria de contrariá-las e emergir triunfante.

Era tempo de regressar ao quarto e aguardar a chegada do príncipe da Gente Bela. Sabia que Lysander era orgulhoso e obstinado, mas não seria estulto ao ponto de desafiá-la. A noite anterior fora maravilhosa, até que ele decidira armar-se em pudico. A objeção dele desgostara-a profundamente... Tudo por culpa de Kelda! De novo, a maldita arruinara o seu prazer! Todavia, após a estrondosa vitória que a soberana obtivera na Assembleia, Lysander decerto convencera-se de que o afeto que teimava em dedicar à ignóbil era uma causa perdida; que só lhe restava esquecê-la e render-se a outra paixão. E os braços de Oriana estavam abertos para recebê-lo.

Não conteve um suspiro de ansiedade ao recordar o que sentira quando se entregara ao príncipe. Tê-lo dentro de si, ainda que por instantes, fizera-a delirar. Nem imaginava o gozo que obteria da união das suas essências, conjugada com a plena satisfação da carne. Mal podia esperar... Sim, hoje tudo seria diferente! De certeza que, tal como ela, Lysander não parara de pensar no fogo que haviam partilhado. Viria altivo e acerbo... Mas viria! E não demoraria a extasiar-se com as suas carícias! Desta feita, não seria necessário queimar ervas e dar-lhe poções lascivas a beber para convencê-lo a entrar na sua cama. Oriana confiava plenamente no seu poder de sedução. Muito em breve, o herdeiro da rainha Lyria haveria de lhe jurar amor eterno.

Subiu as escadas de pedra e atravessou a porta secreta, ocultada pelo altar. Depois, dedicou-se a louvar a Deusa pelos favores que recebia. Pediu que a protegesse... E que amaldiçoasse a menina que se desenvolvia no ventre da Mãe da Renovação, denunciada pela Visão que tivera. Nos próximos dias, incumbiria Lysander de resolver

esse assunto. Embora pretendesse renunciar ao trono da Ilha dos Penhascos, não admitiria que outra mulher se tornasse soberana. A história da sua mãe fora a prova de que, sempre que uma Filha da Renovação atingia a idade de assumir os votos de Sacerdotisa, a sua antecessora sucumbia à morte. O destino não deixava nada ao acaso... Pois Oriana também não deixaria!

A noite instalou-se. A tempestade agravou-se. O tempo passou. Passou... Oriana recostou-se na cama e adormeceu. Acordou sobressaltada... E ergueu-se furiosa. Onde estaria Lysander? Talvez fosse mesmo preciso recorrer a medidas extremas para obrigá-lo a enxergar a verdade!

Dirigiu-se à sineta e sacudiu-a, anunciando com o toque que requeria os serviços dos Filhos da Renovação. Acabara de ajeitar a mantilha quando Brand, um dos seus meios-irmãos mais velhos, respondeu à chamada. Mal o cumprimentou de tão iracunda, solicitando com rispidez:

— Procura o príncipe Lysander e trá-lo à minha presença.

O Filho da Renovação demorou a regressar. Apareceu encharcado e ofegante, prova de que enfrentara a tormenta. E as novas que trazia fizeram Oriana arregalar os olhos de horror.

— Não encontrei o príncipe Lysander no templo, minha rainha. Por isso, reuni os guerreiros e saímos no seu encalço. Na busca deparámos com Lorde Edwin, que nos informou que o príncipe subiu a montanha a pedido do Mestre Druida. Desejais que vá buscá-lo?

A Sacerdotisa rangeu os dentes. De certeza que não fora o Mestre Druida quem convocara Lysander, mas o príncipe que decidira esconder-se debaixo da sua túnica! Como é que o néscio ousava afrontá-la após o aviso que recebera? Lysander deveria estar a beijar-lhe os pés, ao invés de fugir como se ela tivesse peçonha! A sua vontade era ordenar a Brand que o arrastasse de volta ao templo. Porém, o Sacerdote Trygve impunha muitas cortesias no relacionamento com os druidas e Oriana não desejava dar-lhe explicações. Teria de ser paciente... Mas como, se o seu corpo

estava em brasa e a essência latejava com vontade de saciar a fome da Arte Obscura?

Tragou o ar em sopros de agonia. O coração martelava-lhe o peito, os punhos comprimiam o ventre e os dedos dos pés encaracolavam-se. Brand continuava a aguardar resposta... Oriana nunca reparara como ele era alto e encorpado, com músculos definidos que sobressaíam na túnica. Tal como os demais Filhos da Renovação que descendiam de Trygve, possuía cabelos negros e ondulados. Molhados pela chuva, pareciam bastante sedosos... Os seus olhos eram verdes, límpidos. Os lábios vermelhos, carnudos, feitos para beijar. E as mãos fortes, capazes de levar uma mulher às nuvens...

— Minha rainha...? — apelou o guerreiro, sem entender por que ela o fixava sem reagir. — O que desejais que eu faça?

O que ela desejava...? Não! Brand era seu irmão!

— Aproxima-te... — arquejou, apertando as coxas para atenuar o ardor que a enlouquecia.

Brand obedeceu, confuso. Porém, quando as labaredas da Arte Obscura se acenderam no olhar da soberana, a mente dele apagou-se. Estremeceu, assolado por uma vaga de calor que lhe incendiava o sangue. A Sacerdotisa removeu a mantilha. O Filho da Renovação urrou de paixão. Não trocaram uma palavra.

Oriana mal olhava para a avó, almejando que ela se fosse embora. A Sábia Ingrior viera ao seu quarto para informá-la de que o navio do Filho do Dragão partira, após o encontro com o Sacerdote dos Penhascos. Calculavam que estivesse a caminho do Sul, onde não teria de enfrentar o inverno rigoroso que se instalava no arquipélago. Agora, restava-lhes esperar que o príncipe da Gente Bela regressasse da aldeia dos druidas, para pôr em marcha a segunda parte do plano. Fora com Lysander que Sigarr falara, por isso Trygve considerava que devia ser ele a comunicar ao feiticeiro a aceitação das suas condições.

— Há quanto tempo o príncipe partiu para a montanha? — questionou Oriana, tentando soar desinteressada. Todavia, sabia bem a resposta, pois contabilizara cada instante desses cinco dias, enquanto desesperava e amargava de raiva. O seu corpo estava a mudar... Ou seriam as alterações que a sua essência sofria que lhe impunham tão imensuráveis tormentos?

Durante o dia, ainda se controlava... Porém, sempre que o Sol se punha, a sua carne ficava em chamas e a dor da privação enlouquecia-a. Agora que provara a energia de uma essência, morria de vontade de experimentar mais! Por isso, alegara uma maleita e refugiara-se no quarto. Não queria falar com ninguém, receosa de perder a cabeça. Andava tão trémula e febril que as curandeiras nem tinham questionado a sua enfermidade. No entanto, Ingrid e Edwina já estranhavam a sua demora em recuperar. E Oriana sabia que não podia esconder-se para sempre. Se, ao menos, Lysander regressasse! Ele saberia como ajudá-la a refrear os ímpetos letais da Arte Obscura; como subjugá-la, antes que a sua sofreguidão extinguisse a vida... Domínio que, lamentavelmente, estivera fora do alcance da essência pura de Brand.

— Já acharam Brand? — indagou, admirando-se com a firmeza da voz.

— Infelizmente, não — lastimou Ingrid. — Pobre rapaz! Trygve até apelou à magia para procurar vestígios da sua essência, mas em vão. É provável que tenha caído ao mar, enquanto patrulhava os penhascos... Ou os *Sentinelas* apanharam-no.

Enfim, Oriana conseguiu livrar-se da avó. Marchou pelo quarto, com a cabeça esmagada entre as mãos. O que diria a Sábia Ingrid se soubesse que a prodigiosa neta se deitara com um dos irmãos? E que, no auge da paixão, libertara a Arte Obscura e assimilara a essência do infeliz até à última gota? Quando dera por si, estava deitada sobre um cadáver! Ainda tentara reanimá-lo, como Kelda fizera consigo... Porém, era demasiado tarde!

— A culpa disto é tua, Kelda! — rosnou pela milésima vez. — Vou arruinar-te a vida... Hás de pagar com lágrimas e sangue pelo que

eu estou a pensar!

Naquela noite, Oriana arrastara Brand para a Gruta das Vozes Ancestrais, o único lugar no templo onde ninguém o descobriria. Evocara o fogo e tentara reduzi-lo a cinzas. As labaredas tinham engolido rapidamente as roupas do jovem... Mas nem haviam beliscado a sua pele! Por mais que a Sacerdotisa se esforçasse, parecia que as energias que governavam a Gruta não consentiam que o Filho da Renovação fosse cremado. As chamas espalhavam-se sobre o corpo e extinguíam-se sem lhe devorarem um fio de cabelo.

Em alternativa, decidira sepultá-lo. Recorrera à magia para escavar um buraco fundo e suspirara de alívio ao ver a argila cobri-lo. Depois, tentara convencer-se de que tudo se resolvera pelo melhor. Afinal, condenara o irmão à morte no instante em que o seduzira! Mesmo que a Arte Obscura não o tivesse consumido, jamais poderia admitir que Brand saísse do seu quarto com a consciência intacta.

O assunto deveria ter ficado sanado... Porém, quando a soberana tornara a descer à Gruta para prestar homenagem às antepassadas, voltara a deparar-se com o cadáver. A argila como que o regurgitara, negando-se a acolhê-lo. Teimara, aflita... E o pesadelo repetira-se. Entretanto, o corpo parecia secar, ao invés de se decompor. Cinco vezes enterrado... Cinco vezes revelado! Hoje, Oriana ainda não tivera coragem de entrar na Gruta, certa do que ia encontrar... e receosa de que o seu espírito se quebrasse de vez, ante o testemunho do seu crime abominável.

— Maldita sejas, Kelda... E tu, Lysander da Gente Bela, és tão vil quanto ela!

A noite avançava e o sono recusava-se a aquietá-la. Fixava a sineta e imaginava quem responderia ao apelo... Se solicitasse a comparência de um dos Filhos da Renovação mais velhos, não estaria a seduzir um dos irmãos. A ideia de se deitar com um homem muito mais experiente fazia-a contorcer-se de ansiedade e bufar de calor. No fim, nem necessitaria de matá-lo! Só teria de lhe adulterar a mente para apagar os vestígios do incidente...

Deu por si com a mão esticada para a sineta... E recuou com uma exclamação horrorizada. Não! Não! As paredes do quarto fechavam-se sobre si. A Arte Obscura impunha-se e cavalgava a sua essência. Cerrou os dentes, temendo desatar aos gritos. Estava a sufocar, com o corpo em chamas e a essência dilacerada por lâminas de gelo. Precisava de sair... De respirar ar fresco...

Precipitou-se para fora do quarto. O discernimento que lhe restava fê-la ocultar-se dos olhares que poderiam denunciar a sua aventura proibida. Num ápice, deixara o templo e corria pela areia da praia, sem rumo, sob o véu negro da noite governada por uma Lua prenhe de trevas. Talvez a exaustão física lhe trouxesse alívio...

Então, viu os pescadores.

Ingrior dava voltas na cama, mas os seus olhos não se fechavam. Como se não bastasse os dilemas que o seu coração enfrentava, agora a sua querida neta adoecera! Repreendeu-se por não ter ficado a velar o sono de Oriana. Deixara-a tão abatida! Era melhor verificar o seu estado. Não descansaria enquanto não se assegurasse de que a Sacerdotisa dormia com tranquilidade.

Mal saiu do quarto, a percepção da Sábia alertou-a para o vulto que se esgueirava através do corredor. E o seu estômago comprimiu-se ao reconhecer a neta. Oriana devia estar muito indisposta, para deambular pelo templo a meio da noite! Abriu a boca para chamá-la... Porém, a sua garganta deu um nó e um calafrio percorreu-a. A experiência mística que acumulara ao longo da vida revelava-lhe o esforço da Sacerdotisa para que ninguém a visse... E impunha-lhe um mau pressentimento! Encheu o peito de ar e lançou-se no seu encalço.

Oriana movia-se com rapidez. Ingrior afligiu-se ainda mais, ao verificar que se dirigia para o exterior. A idade pouco lhe pesava, mas foi incapaz de acompanhar o passo acelerado da neta. Acabou por perder-lhe o rasto e teve de apelar à magia para buscar a sua essência... Então, surpreendeu-a numa das grutas que ladeavam a praia. O que estaria a fazer?

Felizmente, a tempestade que fustigara a ilha nos últimos dias apaziguara-se. Não obstante, a Sábia demorou a escalar a rocha. Quando alcançou o nicho que dava acesso à gruta, tremia e arquejava devido ao esforço. Com o coração apertado, deslizou através da pedra e apercebeu-se das chamas bruxuleantes de uma fogueira, no interior da câmara. Para lá dos assobios do vento e dos rugidos do mar começou a distinguir pequenos queixumes, breves gemidos... Depois, um som estranho, gutural, que não tardou a transformar-se num ronco profundo. O medo de se deparar com um *Sentinela* paralisava-a, mas imaginar que Oriana podia ter sido capturada pela criatura coagiu-a a espreitar... E o que viu deixou-a lívida de horror.

Três corpos entrelaçavam-se como amantes. Dois homens e uma mulher... Dois aldeões e a soberana da ilha! Convicta de que a neta estava a ser violada, Ingrior tencionou socorrê-la... Nesse momento, a jovem soltou uma risada. Só então a Sábia reparou que um dos aldeões estava morto, com os olhos esbugalhados e a boca escancarada. Oriana sentava-se sobre o outro... E, quando se mexeu, tornou-se óbvio que o homem não tivera melhor sorte do que o companheiro. A mão da Sacerdotisa emergia de dentro do seu peito... Com um coração a palpitar entre os dedos.

CAPÍTULO 1

A face pálida da Lua sorria-me uma vez mais. Desafiava-me:

«Vem! Vamos brincar! Eu serei rainha no céu. Tu serás rainha na Terra. Entrega-te a mim, Kelda... Não podes fugir do teu destino!»

Destino. Sina. Ventura. Maldição. Sonho e realidade. Vida e morte. Estava cansada de tudo isso! Esta existência nada me reservava, além de esforço e sofrimento. Nem o sono me concedia paz, flagelando-me com a lembrança da destruição que causara e das mortes que não fora capaz de evitar. O que teria acontecido se a espada mágica tivesse falhado a sua missão? Por vezes, desejava não ter despertado ao nascer do Sol. Escapara às garras gélidas da rainha do submundo, apenas para preparar o fim do meu irmão... O meu fim! Se Halvard não me matasse, seria eu a matá-lo. E, depois, não teria como continuar a subsistir, destroçada pelos remorsos. A verdade é que amava o meu gémeo, tanto quanto o odiava. Em suma, nós éramos carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue... e podridão da mesma podridão! Depois de tudo o que fizera sob as suas ordens, as minhas mãos jamais ficariam limpas. Uma vez perdida a inocência, não existia luz capaz de sufocar as trevas que devoravam a alma.

Fixei a porta do salão nobre do palácio dourado, aguardando a chegada do mestre da Arte Obscura. O pacto que nos unia extravasava o inimaginável e roçava o grotesco. O meu maior inimigo tornara-se meu mentor; a mão que me conduzia e ajudava a erguer quando caía. Por outro lado, Sigarr via-me como uma tábua de salvação; a única consciência capaz de deter o homem que haveria de prostrá-lo... Isso se a roda da sorte não mudasse de direção! Como permitira eu que esta história tivesse uma evolução tão hedionda? A justificação era uma amálgama dolorosa de fracas desculpas, envoltas numa ingenuidade tão absurda que me enraivecia.

A Pedra do Tempo nomeara-me *decisora*... Porém, eu errara grosseiramente a maior parte das resoluções que tomara. Mais parecia que me fora retirado o dom de acerto quando assumira a identidade de Oriana! Será que fracassara porque deixara a pedra azul de Aranwen para trás, ainda que com a melhor das intenções? Às vezes, interrogava-me se a magia do amuleto teria sido capaz de curar a essência de Halvard... Jamais saberia! Só possuía uma excruciante certeza: a maldição do Filho do Dragão tornara-se imparável. Assim sendo, eu era obrigada a mergulhar nas entranhas do mal. Só desvendando os seus segredos ficaria apta a combatê-lo.

As sombras bailavam em meu redor, quais fantasmas, animadas pelo som da cascata que alimentava o tanque de pedra verde. No jardim, os pássaros ainda cantavam... Rememorei o meu vogar entre realidades, imposto pela magia da espada; uma experiência admiravelmente tranquila, sem dor nem compunção. Todavia, ao despontar dos primeiros raios de sol, fora como se o meu espírito tivesse de atravessar uma barreira de lâminas para recuperar a vida. Abrira os olhos, sôfrega por ar. Então, Sigarr estreitara-me nos seus braços, até que reaprendera a respirar e recobrou o discernimento. Só depois constatara que o olhar do «Criador das Trevas» estava preso em mim, arregalado de assombro.

«*Erebus não ver, não acreditar!*», titubeara.

Sorri ao relembrar a felicidade do meu primo, quando o mestre anunciara que ele viajaria connosco para o Sul. Pensar que não teria de continuar a combater fora um alívio para Erebus! Depois, Sigarr conduziu-me até um dos celeiros da cidadela do Império que escapara incólume à fúria do Filho do Dragão. E o meu queixo pendera ao deparar com os sobreviventes da batalha, entre os quais estavam os idosos, as mulheres e as crianças que eu salvara, a receberem agasalhos e comida das mãos da guarda pessoal do feiticeiro.

«*O que vai ser deles?*», inquirira receosa. E Sigarr voltara a espantar-me ao retrucar:

«Dei ordens para que sejam mantidos em segurança. Quando a guerra terminar, o território precisará de braços fortes e mentes resignadas e agradecidas para reconstruírem o que a conquista destruiu... Até o Filho do Dragão terá de reconhecer isso!»

«E podes garantir que ninguém será molestado?», volveu incrédula, recordando a avidez peçonhenta dos mercenários de Halvard. No entanto, tinha consciência de que os guerreiros do feiticeiro eram homens bastante diferentes, gélidos e sombrios, que pareciam viver para a exclusiva satisfação do seu senhor. Nessa altura, Sigarr encarara-me e asseverara:

«Tens a minha palavra, Kelda.»

E a sua circunspeção fizera-me confiar que não jurava em vão.

A viagem para o Sul parecera-me interminável. Angustiava-me pensar no que me esperava, mas nem me atrevia a imaginar as consequências da selvajaria que deixava para trás. Orava para que os meus entes queridos tivessem forças para enfrentar a onda procelosa que estava prestes a abater-se sobre as suas cabeças... E tentava esquecer Lysander a todo o custo! Porém, era constantemente dilacerada pela memória do seu rosto deformado pela ira. Revê-lo a cortar as amarras da ponte fazia-me bufar de raiva. O herdeiro de Lyria já me magoara antes... Contudo, desta vez, haveria de arrancá-lo do meu peito, pois tivera a confirmação de que ele não era digno do sentimento puro e incondicional que lhe dedicava.

Da gigantesca frota que invadira o Império, apenas o navio que nos transportava regressara à Terra das Montanhas de Areia. E, após uma semana a bordo, Sigarr ficara irreconhecível! Por alguma razão que escapava ao meu entendimento, decidira livrar-se da carapaça de sobrançeria etérea e juntara-se aos marinheiros como se fosse um deles. Abismara-me ao vê-lo em tronco nu a atender ao leme, a esticar cabos e a correr de um lado para o outro. Os cabelos atados expunham-lhe o rosto às carícias do Sol e a sua pele não tardara a ganhar um tom dourado, que ainda evidenciava mais o azul-claro do olhar... Sempre que nos encarávamos, dava por mim a suster o

fôlego. Depois desviava a cara, corada e a praguejar interiormente. Com mil ratazanas mutiladas, por que raio me perturbava com a sua atenção?

Erebus não saía do meu lado, durante a viagem, e amenizara um pouco a minha tristeza. No entanto, embora satisfeito por ter embainhado a espada, o meu primo não escondia o receio que o futuro lhe inspirava. Ao precipitar-se atrás de Lysander e de Ulfvaldr, sedento de vingança, Halvard acreditara que o seu mestre me levaria para a cidadela e aguardaria o seu regresso. Devia ter explodido de fúria no instante em que a notícia da nossa partida para o Sul lhe chegara aos ouvidos! Sigarr haveria de se justificar, dizendo que agira em meu benefício e no seu melhor interesse. Todavia, eu também temia a reação do meu irmão. Por isso, vivia obcecada com o treino da Arte Obscura. Um dia, teria tempo para me lastimar... Mas não agora!

Mais uma vez, olhei para a porta do salão. Só esperava que a demora do feiticeiro não estivesse relacionada com o meu pai... Esse era outro assunto que me estracinhava os nervos! Assim que pisara a Terra das Montanhas de Areia, exigira ser conduzida à presença do Rei da Lua. Todavia, Sigarr negara-se a ceder. E, quando me insurgira, o seu tom azedara:

«O teu pai está bem e em segurança. É tudo o que precisas de saber... Concentra-te no teu objetivo! O treino da Arte Obscura requer muita atenção. Um passo em falso poderá ser-te fatal.»

Evidentemente, não me resignara! Nas suas costas, esgueirara-me até ao túmulo do rei-feiticeiro e alcançara a sala secreta sem dificuldade... Porém, encontrara-a vazia! Ainda tentara descobrir uma centelha da essência do meu pai que me revelasse o seu novo esconderijo. Todavia, o esforço fora vão. Regressara ao palácio, a ferver de raiva e de frustração... E não me surpreendera ao deparar com Sigarr, pronto para me repreender como se ofendido:

«Queres que seja teu mestre, Kelda? Então respeita-me e cumpre as minhas instruções! Sei que desejas falar com o teu pai... Mas terás de aprender a ser paciente!»

O feiticeiro achava que estava a favorecer-me ao me preservar de um confronto que me distrairia dos treinos. Não entendia que eu necessitava de ver o Rei da Lua para mitigar a ânsia do meu coração, mesmo arriscando-me a ser novamente repudiada. No fim, ainda que contrafeita, tivera de me conformar. Se o pressionasse, Sigarr acabaria por se recusar a adestrar-me. E tal seria desastroso!

A aterradora confirmação de que Lysander me ocultara inúmeros segredos da Arte Obscura impusera-se mal iniciara as aulas. Isso - significava que, para além de Halvard ser mais forte, a minha ignorância concedia-lhe ampla vantagem, só possível de contrariar com uma preparação rigorosa. Não podia perder tempo... Essa ideia fez-me deixar o salão em busca de Sigarr, a transbordar de impaciência. Que ele nem sonhasse em descuidar o nosso acordo!

Enquanto marchava pelos corredores, ponderei que o «muito» que já aprendera estava longe de ser suficiente. Precisava de «muito mais»! A maior parte dos exercícios a que Sigarr me submetia realizavam-se a coberto da noite. Por beneficiar da influência da Lua, a Arte Obscura avigorava-se com as energias que reclamava à bruma. Obviamente, mal se apercebera das «omissões» de Lysander, o feiticeiro não perdera a oportunidade de me espicaçar:

«O príncipe da Gente Bela pode ter-te treinado para enfrentares um exército de homens, mas não te preparou para lutares contra um mestre da Arte Obscura.»

Reclamar de quê, quando o seu reparo fazia eco no ressaibo que me envenenava as vísceras? Ainda assim, não quisera dar-lhe a satisfação do triunfo e replicara:

«Lysander foi um bom mestre...»

A gargalhada desdenhosa do feiticeiro cortara-me a voz e arrepiara-me:

«Tão bom que só te deu uma gota de água a beber de uma nascente inesgotável! Porquê, Kelda? Não confiava em ti?»

Eu rangera os dentes e ignorara a provocação. Não me interessava discutir o passado. A minha prioridade era assegurar a existência de um futuro! Quando Sigarr se convencera de que podia

ladrar quanto quisesse que não me ouviria a rosnar, começara a abrir portas na minha mente. No início, com mil cuidados, como se receoso de que a minha essência não suportasse a pressão. Inclusive peiorara:

«Só podes ser tola se te julgas capaz de assimilar, em tão pouco tempo, os conhecimentos que o teu irmão levou anos a adquirir!»

Todavia, não demorara a pasmar-se ante a rapidez com que eu evoluía. A minha habilidade inata, aliada ao treino que recebera da avó Catelyn, permitia-me uma interiorização imediata das informações. Ao contrário dos seus anteriores pupilos, não precisava de repetir um sortilégio até à exaustão para aperfeiçoá-lo. Na maior parte das vezes, realizava-o à primeira tentativa. Por isso, Erebus não tardara a ser chamado para me apoiar... E também o meu primo se admirara com tamanhos progressos, num misto de orgulho e apreensão. Afinal, estava a revelar-me muito mais forte do que eles tinham imaginado.

Como mestre, Sigarr divergia bastante de Lysander. Não obstante ser sóbrio e exigente, as suas palavras impregnadas de sarcasmo mantinham-me estimulada para novos desafios. Por outro lado, não se coibia de expressar agrado quando eu superava uma prova. Raramente o príncipe me elogiara — eu não tinha de ser aplaudida, se estava a cumprir a minha obrigação! Em contraste, o feiticeiro exultava quem vencia tão fervorosamente como arrasava quem fracassava. E, visto que eu não errava, só recebia louvores. Em poucos dias, já se mostrava tão desejoso de me ensinar quanto eu estava sôfrega por aprender. E essa perigosa combinação tornara-nos quase inseparáveis.

O meu medo de que o feiticeiro ousasse uma aproximação «física» não se concretizara. No entanto, por mais que me custasse, tinha de admitir que uma estranha energia latejava entre nós. Quando os nossos olhares se cruzavam, a sua expressão crispava-se e a respiração alterava-se, ao mesmo tempo que o meu estômago se comprimia e um nó me apertava a garganta. Recuávamos e fingíamos que nada se passara. Porém, era-me impossível conter um

sorriso, sempre que chegava ao quarto e deparava com um rebufado sobre a almofada.

Aos poucos, Sigarr aguçava-me a mente, fortalecia-me o corpo, adoçava-me a boca e amolecia-me o coração. Até me surpreendia a apreciar a sua companhia, durante as refeições! O feiticeiro escolhia as histórias que contava e direcionava as conversas, de modo a não ferir suscetibilidades... Porém, o que eu realmente prezava era ver o carinho que ele devotava a Erebus. Não havia dúvidas de que o meu primo era feliz ao lado do mestre. Além disso, estava radiante por treinar comigo, sem a sombra do Filho do Dragão a pairar sobre nós.

Nas últimas semanas, eu criara hábitos que me ajudavam a não cogitar nas atrocidades cometidas pelo meu gémeo. Dormia quando o Sol nascia, lutava com Erebus ao fim da tarde e praticava magia pela noite dentro. Sigarr já me fazia rir quando me colocava perante um desafio e reptava, esforçando-se por manter uma postura severa e o calor afastado da voz:

«Aposto que é desta vez que vais falhar, criatura molesta!»

O seu rigor aumentava o meu denodo. Porém, apesar do esforço constante, não me sentia cansada. Os duelos com o meu primo garantiam-me uma excelente forma física. E, em contraste com a Arte Luminosa, a Arte Obscura como que se alimentava a si própria, tornando-se mais poderosa a cada evocação, sem exigir longos repousos entre os treinos. Inclusive, ficava desapontada quando o feiticeiro me obrigava a parar. Tinha de continuar a adquirir competências! Por isso, passar um dia sem me exercitar era inadmissível.

Encontrei Sigarr numa das salas recônditas que utilizava quando não desejava expor as suas conversas a ouvidos indiscretos. Com a audácia conferida pela minha nova condição, entrei desembestada, sem me anunciar, e deparei com dois dos seus generais. Estes calaram-se abruptamente e franziram o sobrolho. No entanto, ainda distingui um nome: Edwin McGraw.

— Podeis ir — dispensou-os Sigarr com um aceno. Depois, o olhar azul-celeste escureceu ao fixar-me. Senti as pernas bamboarem e o coração quase a saltar pela boca, enquanto o ar solidificava em meu redor e me impedia de respirar. Só a grande custo consegui gaguejar:

— O que aconteceu... ao meu avô?

O feiticeiro hesitou como se escolhesse as palavras, antes de responder:

— O teu avô está bem. Halvard libertou-o para que entregasse a sua mensagem à Ilha dos Penhascos.

— Que mensagem? — balbuciei, rouca de aflição. A minha visão tingia-se de negro ao adivinhar a pravidade que os generais tinham acabado de reportar.

Sigarr respirou fundo e anunciou num tom grave:

— A Grande Ilha tombou aos pés do Filho do Dragão. Os McGraw lutaram até ao último homem... O teu avô foi o único sobrevivente.

Cerrei os olhos e rangi os dentes para conter os gritos que me destroçavam a garganta. Os meus tios... Os meus primos... Comecei a tremer sem controlo. Não ia chorar! Era inútil chorar! O melhor que podia fazer pelos mortos era seguir em frente para vingá-los no momento da verdade! Não obstante, as pernas falhavam-me. Dei por mim a soluçar... Suportara com firmeza a notícia da queda do Império. Porém, chegara ao limite da resistência.

Sigarr quis apoiar-me, mas afastei-o com um repelão. Afundei-me num cadeirão e cuspi amargurada:

— Não me toques... Isto é tudo culpa tua!

Os seus braços penderam ao admitir, como se consternado:

— Tens razão! Fui eu que atirei a pedra que provocou a avalanche. E, por mais que me arrependa, não há como remediar o mal que está feito.

Soprei o ar com desprezo. Não confiava na sua contrição. Perante o meu vilipêndio, a expressão do feiticeiro endureceu e o seu tom arrefeceu quando me interpelou:

— Achas que o meu pesar é falso? Que me finjo afetado para te obsequiar, porque preciso da tua ajuda? Pois fica sabendo que tentei impedir que mais sangue fosse derramado! Depois de Halvard tomar o Império, procurei o príncipe da Gente Bela e fiz-lhe uma proposta...

Eu não queria escutá-lo... Porém, a determinada altura, percebi que falava a sério. Estupefacta, ouvi-o descrever o plano que traçara para travar o Filho do Dragão. Era ousado, contudo exequível! E implicava poucos riscos para a minha família, uma vez que Halvard estaria privado da razão. Sigarr reclamara a Lágrima da Lua... Mas tal parecia de somenos importância, comparado com os benefícios do fim da guerra! Além do mais, como ele fazia questão de salientar, a Lágrima do Sol continuaria na posse da sua Guardiã, por isso as forças ficariam repartidas.

— Como condições, ditei que Halvard fosse retido na Montanha Sagrada — elucidou. — Decerto entendes que não podia arriscar-me a que ele viesse atrás de mim! Além disso, exigi liberdade incondicional para Erebus... — Aproximou-se e prendeu-me o olhar, antes de concluir com a voz alterada pela comoção: — E pedi que Lysander se comprometesse a limpar o teu nome, para que a tua família e o teu povo reconhecessem os sacrifícios que fizeste para benefício de todos. Com o seu apoio, haverias de regressar a casa com a cabeça erguida.

— E eles não aceitaram? — titubeei, estrangulada de indignação, ao contabilizar os inocentes que esse ajuste teria preservado.

Sigarr baixou o rosto e esboçou um gesto de impotência, ripostando sombriamente:

— Duvido que Lysander sequer tenha feito chegar a minha palavra aos demais interessados. Ele até concordava em devolver-me a Lágrima da Lua e em manter Halvard afastado da realidade do Homem. Porém, impunha que Erebus fosse condenado, alegando que alguém tem de ser castigado pelos crimes que o Filho do Dragão já cometeu... E, quanto a ti, mostrou-se ainda mais

irredutível! Assegurou que, no que depender da sua vontade, nenhum traidor receberá indulto.

Fiquei chocada... Fora tão tola ao acreditar que Lysander haveria de me perdoar quando tivesse a confirmação de que a espada era mágica! «O dever acima de tudo...» Pelos vistos, sua majestade preferira sacrificar a Grande Ilha e milhares de vidas do que ser obrigado a conviver comigo! No fim, não sabia se me sentia mais magoada ou furiosa.

— Após a queda da Grande Ilha, a Ilha dos Penhascos aceitou conversar com o teu irmão — continuou Sigarr. — Ainda não sei o resultado dessa reunião, mas é provável que os Aliados tenham admitido nada poder fazer, além de se sujeitarem às imposições do Filho do Dragão.

— Estão a tentar ganhar tempo — volvi, forçando-me a superar a contusão. — No entanto, de nada lhes servirá! Halvard irá esmagá-los...

— Sim — concordou. E inclinou-se sobre o braço do cadeirão, enunciando: — Sabes que os meus argumentos não são desprovidos de interesse... É verdade que quero escapar ao destino que a Visão me revelou. Se, no processo, puder recuperar a minha herança de sangue, melhor! Todavia, também não desejo mal a Halvard, pois reconheço a minha culpa no seu descontrolo... E ficaria feliz se Erebus tivesse a oportunidade de experimentar uma vida livre de tribulações.

Fez uma pausa para recuperar o fôlego. E o nó da sua garganta subiu e desceu, enquanto esticava os dedos para tocar-me no queixo, finalizando num tom cavo e repleto de ansiedade:

— Além disso, gostava de te ver recuperar a paz de espírito, no seio daqueles que amas. Assim, talvez um dia pudesses encarar-me sem sentires ódio... Por mim, mas também por ti e por Erebus, estou disposto a repetir a minha proposta. Após o infortúnio da Grande Ilha, talvez o príncipe da Gente Bela se mostre menos intransigente.

Afastei-lhe a mão e ergui-me num ímpeto, demasiado abalada para suportar a intensidade do seu olhar. Enchi o peito de ar e

quedei-me um instante, reunindo coragem para retrucar:

— Agradeço que o façás para o bem do meu povo... Para o bem de todos nós! E, se é o rancor que me devota que impede Lysander de negociar, diz-lhe... Diz-lhe que concordo em não tornar a pisar o solo dos meus antepassados, desde que Halvard permaneça incólume sob a guarda dos meus pais e que Erebus não sofra nenhuma punição.

— Não, Kelda! — refutou Sigarr, franzindo a testa como se exasperado. — Não é justo que te sujeites a tamanho sacrifício! A minha proposta é equilibrada... Lysander não pode colocar os seus ódios pessoais à frente dos interesses do vosso povo! Desta feita, tentarei falar com a tua mãe... Se a tivesse procurado no início, ao invés de perder tempo com aquele fedelho arrogante, talvez Halvard já estivesse avassalado pela magia da Montanha Sagrada e muitas mortes tivessem sido evitadas.

Fiquei sem palavras ante a obstinação do feiticeiro em defender-me da intolerância do herdeiro de Lyria. Sentia a cabeça a andar à roda... Não havia dúvidas de que o meu mundo estava virado do avesso! Tinha de ocupar a mente com um desafio exigente, pois decerto enlouqueceria se continuasse a congeminar no que acabara de acontecer.

— Vamos treinar — demandei num arquejo.

— O quê? — ripostou, aturdido. — Depois disto, como é que podes querer...?

— Por acaso os mortos ressuscitarão se me prostrar a chorar? — contestei num rosnado azedo. — Ou o meu irmão ficará livre da maldição se eu clamar a minha revolta? Só dominando a Arte Obscura serei capaz de travar o progresso do mal... — Não permiti que me interrompesse, rematando com ardor: — O tempo urge! Se a Ilha dos Penhascos anuir na entrega das Lágrimas, Halvard não cruzará os braços à espera da primavera. Há de regressar aqui para exigir justificações sobre a nossa retirada... Mesmo que as aceite, tornarei a ficar prisioneira dos seus desvarios! Logo, o meu treino terá de estar concluído aquando da sua chegada.

«Maldita sejas, Kelda! Hás de pagar com lágrimas e sangue pelo que eu estou a penar!»

A voz de Oriana ressoava-me na mente, qual tambor infernal. Tinha consciência de que estava a dormir e sentia a batalha que os meus olhos travavam para se abrirem. Porém, continuava prisioneira da imagem da minha irmã de criação e do seu vômito de rancor:

«Hei de destruir-te, Kelda! Conquistarei tudo o que tu sempre almejaste... Tudo!»

Empreendi um esforço supremo para me libertar dessa agonia... E enfim consegui! Sentei-me na cama, a tremer e a transpirar, sorvendo sopros de aflição. Como é que um pesadelo podia ser tão real? Será que o meu delírio possuía um fundo de verdade?

— Não... — titubeei, tentando apaziguar o coração. — Porque haveria Oriana de me odiar? Eu salvei-a! — Sacudi a cabeça e pulei da cama, moendo exacerbada: — Para, Kelda! Estás a misturar tudo! A permitir que o medo e a culpa te dominem... Mas não vais recuar! Não podes recuar!

Fui até à varanda e o ar gélido da noite ajudou-me a acalmar. Apesar de fustigadas pela fúria do vento, as chamas dos archotes que iluminavam o jardim teimavam em não se extinguir. No céu, a escuridão imperava. As estrelas estavam encobertas por um véu cinzento e a Lua fenecera para, mais uma vez, poder renascer num ciclo perpétuo. Os meus antepassados diziam que o definhar da Lua marcava um tempo de reflexão; de preparação para uma nova vida...

— Mas que vida será a minha? — suspirei, num misto de tristeza e resignação. — Porque me viraste as costas, Lysander?

Por instantes, a dor destroçou-me. Deixei escapar um soluço, com o espírito exaurido, tão quebrado como a ponte que nos separara. Contudo, o tormento foi-se amenizando e dei por mim a sentir... nada! Absolutamente nada! Parecia dormente, alheada, suspensa no tempo... Com mil ratazanas arrepiadas, será que ainda possuía um coração? Ou este acabara de murchar dentro do meu peito? Era como se, num fôlego, a humanidade tivesse sido purgada da minha

essência e eu me tivesse tornado um ser indiferente a quaisquer carências e aflições. Só uma coisa me preenchia a mente: a vontade de vencer.

Sem saber como, dei por mim diante da porta do quarto do feiticeiro. Entrei sem bater, pronta a enfrentá-lo. De imediato, o pelo do tapete que forrava o chão envolveu-me os pés e uma centena de pequenas luzes coruscantes acenderam-se, pairando em meu redor, quais pirilampos. Movida por uma determinação que extravasava quaisquer apelos da consciência, avancei rumo à zona sombria onde se situava a cama. Deparei com Sigarr envolto numa manta cor de neve, desgrenhado e com olhos ensonados. Soltou um gemido antes de protestar:

— O que julgas que estás a fazer, criatura desassissada?

— Quero ir treinar — volvi pertinaz.

— Eu avisei-te que hoje não haveria treino — resmungou. — Preciso de dormir... E tu também!

— Dormirei quando estiver morta — retorqui inflexível, aditando num repto: — E tu também!

O olhar celeste abriu-se um pouco. Contudo, parecia não ter intenção de se levantar.

— Kelda, Kelda... — grazinou, com o óbvio propósito de me intimidar. — Ninguém te ensinou que não fica bem a uma donzela invadir a privacidade de um homem? Para mais quando esse homem é um feiticeiro renegado sem um pinga de moral? Sê uma boa menina e desaparece da minha frente, antes que despertes o monstro que vive em mim...

— Deixa-te de tolices! — ripostei com maus modos. — E para de me tratar como se eu fosse uma pirralha...

— Tu és uma pirralha! — bramiu tempestivo, afastando a manta com um repelão e saltando da cama, sem cuidar em ocultar a sua nudez. — És uma fedelha inconsequente e insuportável, que me consome a paciência até à última gota! Sai daqui! Sai, ou não respondo por mim...

Fechou a mão no meu braço e começou a arrastar-me para a porta. A imposição da sua força incendiou-me o sangue e fez a minha ira explodir com uma violência irracional.

— Quero treinar! — berrei desvairada. — E tu vais treinar-me!

Insurgi-me com tamanho ímpeto que o derrubei. Rebolámos sobre o tapete: eu a escoicear, tentando esmurrá-lo; Sigarr a defender-se. Acabou por me imobilizar, arrostou-me e ordenou:

— Olha para ti, Kelda! Começo a pensar que o príncipe estulto tinha razão!

Atordoadada, vi os seus olhos tornarem-se espelhos e neles distingui o meu reflexo... Mas não me reconheci! As minhas faces estavam rubras, os lábios arrepanhados, os dentes a ranger, o olhar invadido por labaredas que se alastravam sem controlo. A Arte Obscura governava a minha vontade! Tal perceção deveria assustar-me... Porém, só me acirrou a resolução. Diante de mim estava um ser que rutilava com todo o poder que eu almejava. E eu tinha de usurpá-lo!

Lancei as mãos ao pescoço do feiticeiro para lhe capturar os lábios. O meu ventre pulsava com uma fome devastadora. Todavia, a ânsia que me fazia contorcer sob o seu corpo nu não era luxúria... Era a necessidade incontrolável de assimilar a sua essência.

— Kelda... — arfou Sigarr, ainda resistindo ao furor do meu abraço. — Sua néscia...

E tombou sobre mim com uma edacidade bravia. De imediato, a sua essência manifestou-se e ficou à minha mercê. Não perdi tempo... E ele também não! Mal comecei a tragar a sua energia, o mestre da Arte Obscura cravou-me os dentes nos lábios e apossou-se do meu sangue, revertendo o domínio da situação. Num instante, deliciava-me com o seu poder; no seguinte, era ele quem sugava o meu vigor sem me dar tréguas.

Mais tarde, compararia este incidente com a história do rei tolo e presunçoso, que saíra da sua cidadela para combater o inimigo e deixara os portões abertos para provar quão convicto estava na vitória. No fim, o inimigo esmagara-o e entrara na cidadela sem encontrar oposição. A sofreguidão com que eu assaltara a essência

de Sigarr impedia-me de recuar... E dir-se-ia que o feiticeiro se dispunha a assimilar a minha energia até à última gota! Senti o corpo desfalecer, a visão a turvar-se, o coração a falhar... Ia perder os sentidos! Contudo, no derradeiro instante, Sigarr parou. Ainda me apercebi quando os seus lábios me libertaram, com um urro arrebatado... E da gentileza do seu toque ao embalar-me junto ao peito, enquanto sussurrava:

— Perdoa-me, Kelda... Não me deste outra opção.

Deitou-me na sua cama. Ajeitou as almofadas. Cobriu-me com a manta alva e ficou-se a observar-me, com o fôlego alterado. Julgava-me desacordada. Todavia, parte da minha razão sustinha-se, suficientemente vivaz para sentir a sua mão a envolver a minha e os lábios quentes a pressionarem-me os nós dos dedos. Beijou a tatuagem do Dragão da Lua, no meu pulso esquerdo, inspirando fundo como se o odor da pele o deleitasse. Por fim, exclamou:

— Tu vais ser a minha morte, criatura adorável!

Despertei na cama de Sigarr... Mais uma vez! Os raios de sol que espreitavam pelo teto transparente permitiram-me tomar consciência do que me rodeava. Não tardei a deparar com o feiticeiro, recostado numa pilha de almofadas. Instintivamente, puxei a manta sobre o peito, tentando recordar o desfecho do meu tresvario. Afinal, o que é que me passara pela cabeça para invadir o quarto dele...? Com mil ratazanas alucinadas, eu saltara para cima de Sigarr!

As minhas faces incendiaram-se e o coração pulou de susto. Mal consegui respirar até me assegurar de que estava ilesa. Todavia, poderia não estar! O mestre da Arte Obscura tivera-me à sua mercê para fazer o que bem entendesse. No entanto, contrariando o que seria de esperar de um ente da sua índole, escolhera subjugar-me e consumir as labaredas malignas que me distorciam a vontade. Salvava-me de mim própria... E, apesar de tudo, tratara-me com assombroso respeito.

Sigarr ostentava trajes de guerreiro como se estivesse pronto para sair. Fui fustigada pela lembrança do seu corpo desnudo e da

veemência do seu desejo, quando me sujeitara. Engoli a custo e torci a manta entre os dedos, assolada pela vergonha. O que estaria a pensar? As suas mãos tremiam ligeiramente ao levar um rolo de ervas de fumar aos lábios. O olhar celeste ainda guardava vestígios do fogo que eu ateara... Porém, refreava-se sem dificuldade aparente. Por isso, era o mestre dos mestres! Pousou o rolo no tabuleiro e enunciou numa voz rouca, um pouco anelante:

— Antes que desates aos gritos, é bom que saibas que não te molestei. A tua virtude está intacta e a tua mente não sofreu dano. Apenas demorarás um pouco a recuperar a energia mística... Entretanto, temos assuntos a esclarecer.

Acenei em confirmação, travando uma batalha para suportar o seu esgar. Então, ele disse:

— Não tenho condições para continuar a treinar-te.

— O quê? — arfei alvoroçada. — Não... Nós firmámos um acordo! Preciso dominar a Arte...

— Precisas é de recuperar o siso, criatura néscia! Estás tão obcecada com a aprendizagem que deixaste a bruma sufocar a tua luz. Tens noção do que poderia ter acontecido?

— Peço desculpa — ripostei, tentando remediar a situação. — Não sei o que me deu...

Fiquei sem voz quando Sigarr anulou a distância que nos separava e se debruçou sobre mim, objetando com o olhar inflamado:

— Estarias a desculpar-te se eu não tivesse tido forças para me refrear? Não! Estarias furiosa e ultrajada... Estarias a odiar-me!

Recuou e ficou-se de costas voltadas, com a respiração ofegosa. Assim que recuperei do pasmo causado pela sua investida, obriguei-me a alterar:

— Juro que não tornarei a perder o controlo...

— Não jures o que não podes cumprir — atalhou sem me encarar. — O príncipe da Gente Bela nunca te disse o quão perigosa és, Kelda? Encantadora e letal? Sabes como me custou afastar de ti? Não, não sabes, ou estarias a fugir para o teu quarto para te esconderes debaixo da cama!

— Queres assustar-me para me demoveres — repliquei. — Mas não tenho medo de ti, Sigarr!

— Não? — controverteu, fitando-me abrasado. — Então, porque é que estás encolhida atrás da manta, a tremer como um coelho encurralado por um lobo?

Soltei uma exclamação abespinhada e saí da cama, enfrentando-o com arrojo:

— Eu não sou um coelho e tu não és um lobo. Somos aprendiz e mestre e assim continuará a ser, até aprender tudo o que tens para me ensinar!

O seu olhar percorreu-me da cabeça aos pés, como se enxergasse os pormenores do meu corpo por baixo das roupas. Mantive-me altiva e firme, mesmo quando contestou num tom cavo:

— A tua essência não está preparada para assumir a complexidade do seu lado negro! Agora entendo a razão por que Lysander apenas entreabriu essa porta. Ele inferiu que as tuas trevas são muito mais poderosas do que a tua luz... E não ousou arriscar-se. — Encheu o peito de ar, antes de prosseguir com firmeza: — Eu também não posso fazê-lo! Hoje tive a confirmação de que o fulgor da tua essência se extinguirá se abraçares em pleno a magia negra... E, sem luz, serás incapaz de contrariar Halvard. — Estendeu as mãos e segurou-me nos pulsos, expondo as tatuagens do Guardiã da Montanha. — É a dualidade entre a clareza e a bruma que te torna tão especial, Kelda... Única! Se a perderes, estaremos condenados.

Reuni coragem para apertar os seus dedos, redarguindo em protesto:

— Não tenho a mínima intenção de apagar a chama da Arte Luminosa da minha essência.

— Isso não depende da tua vontade — contestou, retrocedendo. — Não podes ser mestra da Arte Obscura sem renunciarestes ao equilíbrio da tua natureza.

— A luz de Erebus resistiu...

— Tu não és Erebus, criatura obstinada!

— Isso significa o quê? Que a minha essência é mais maligna?

— Presta atenção! Até agora, foste treinada para que a luz prevalecesse sobre a obscuridade e servisse de alimento à tua consciência. Se esse clarão se finar...

— Já percebi! — cortei, sem vontade de ouvir que, sob a - influência da Arte Obscura, podia tornar-me uma assassina tão letífera e sanguinária quanto Halvard. Não sabia se as suas alegações eram credíveis... Mas, mesmo que fossem, não me desviariam do objetivo! Empinei o nariz e afiancei: — Não vou desistir, Sigarr! Este incidente revelou as minhas fragilidades... Há de tornar-me mais forte! Não voltarei a permitir que a Arte Obscura me suplante... E, decerto, tu conheces alguns truques que poderão ajudar-me a debelar a voracidade das trevas.

Engoli em seco quando o feiticeiro se aproximou. Fiquei cativa do seu olhar, enquanto me envolvia o rosto com as mãos e acariciava a pele. Porque não o repelia, se já não estava sob o efeito da Arte Obscura? Então, inclinou-se até a sua respiração me abrasar e murmurou:

— Tu transformaste a minha existência num caos, fedelha daninha! Invadiste a minha mente e despedaçaste a pedra que envolvia o meu coração. De repente, todas as minhas convicções ficaram reduzidas a cinzas. Os meus antigos desejos assombram-me como pragas, ridículos, mesquinhos, cruéis... Já não me reconheço! Surpreendo-me a congeminar loucuras; a desejar coisas que, há pouco tempo, seriam impensáveis. Às vezes, acho que perdi o rumo... Outras, que enfim me encontrei... Tens noção do que me estás a fazer, Kelda?

Comecei a tremer, sem discernir se o que sentia era medo... ou algo bem distinto, que nem me atrevia a nomear! O que estava o feiticeiro a dizer? Que eu o tornara mais benigno? Ou que...

— Sigarr... — titubeei, intimidada com a proximidade. Todavia, ele já se afastava e rebatia:

— Queres que continue a treinar-te? Pois que esta tenha sido a última vez que te insurgiste contra as minhas ordens! Se te mandei

dormir...

— Eu não posso desperdiçar tempo!

— Não podes é andar a correr às cegas, com um abismo à tua frente. Às vezes, é preciso parar! — Tornou a prender-me o olhar, mastigando impaciente: — Esta não foi uma noite igual às outras. As trevas que encobriam a Lua possuíam uma energia perniciosa. Invocar a magia negra sob a sua influência, sem estar devidamente habilitado para controlá-la, era demasiado perigoso.

Quedei-me, empedernida. Estava justificada a violência do meu desvario!

— Porque não me explicaste...? — comecei a interpelar, mas ele atalhou com rispidez:

— Porque não tinha de fazê-lo! Como minha aprendiz, devias confiar em mim! — Deteve-se e hesitou. Então, semicerrou os olhos e demandou: — Confias em mim, Kelda?

A imposição no seu tom não admitia subterfúgios. Ao longo da vida, o feiticeiro habituara-se a ser prontamente obedecido. Agora, eu contestava a sua autoridade sem que ele pudesse retaliar. Por isso, exigia-me uma declaração de obediência. Confiar em Sigarr... Antes do nosso ajuste, tal seria inconcebível! No entanto, era inegável que a convivência alterara o modo como o encarava. À minha frente já não estava o monstro que despertara o meu ódio. Estava... um homem capaz de admitir que cometera erros graves e que parecia empenhado em corrigi-los! Porém, as razões que o moviam começavam a alarmar o meu instinto de preservação. Acreditar que pretendia meramente salvar a pele era menos complicado do que conjecturar o significado do calor no olhar celeste, da ansiedade na sua voz, do carinho no seu toque...

— Sabes que sim... — tartamudeei engasgada. Porém, Sigarr instou com ardor:

— Di-lo a olhar-me nos olhos.

Porque é que o meu coração batia tão desabalado e o fôlego me falhava ao encará-lo? A única forma de me livrar deste constrangimento era declamar aquilo que ele desejava ouvir:

— Sim, confio em ti! De outro modo, jamais teria colocado a minha sorte nas tuas mãos.

O feiticeiro não reagiu de imediato, como se dissecasse cada uma das minhas palavras, a minha expressão, os meus fôlegos, tentando discernir se estava a ser sincera ou se o iludia para que cumprisse o meu propósito. Por fim, deu-me espaço para respirar e ordenou:

— Vai trocar de roupa... Há algo que devo fazer e quero que me acompanhes.

CAPÍTULO 2

Montámos a cavalo e entrámos no deserto sem trocar uma palavra. Por algum tempo, desfrutei do vento fresco que deslizava por entre as montanhas de areia, que me acariciava o rosto e revolia os cabelos. A luz que nos envolvia era magnífica, quase dourada. Ainda assim, o calor não era excessivo e até os animais pareciam satisfeitos com o exercício. Ao chegar a este território, a sua desolação estéril oprimira-me. No entanto, hoje vislumbrava uma estranha beleza na vastidão arenosa que se sobrepunha, fundindo brilhos com sombras. Aqui e além, era possível observar o rasto ondulante de uma serpente. E, onde quer que surgissem pedras, um lagarto espreitava com a língua bifurcada a perscrutar o ar.

Há muito que o palácio ficara para trás e a curiosidade moía-me. No entanto, sabia que era inútil questionar o feiticeiro acerca do nosso destino, por isso limitava-me a acompanhar o seu ritmo. A conversa que tivéramos confundira-me... Será que, efetivamente, Sigarr conquistara a minha confiança? Surpreendi-me quando aguardou por mim e indagou:

— Estás bem?

— É obvio que sim — ripostei. — Não sou nenhuma flor delicada para murchar ao sol!

— Além de insolente, és mal-agradecida — rosnou como se ofendido. — Só quero assegurar-me de que não vais cair do cavalo e dar-me trabalho. Esqueces que a tua magia está fraca?

— Se soubesse para onde vamos, já lá estaria à tua espera! — devolvi, enfatuada. E passei por ele, lançando-lhe um olhar de desafio. Desta feita, Sigarr sorriu e desdenhou:

— Tanta sobrançeria! Ninguém diria que, ainda há pouco, a fedelha petulante estava na minha cama... desmaiada!

Ignorei a insinuação venéfica e retruquei:

— Tombei às mãos do mestre dos mestres, por isso não vejo desonra na minha derrota!

O feiticeiro gargalhou. Alinhou os cavalos e reptou, instigador:

— Lisonjeias-me com falsidades para granjeares favores! Não tens pejo de ser tão arteira?

— Isso prova que sou uma boa aprendiz, meu ardiloso mestre — revidei no mesmo tom.

— Não — rebateu, mordaz. — Prova que gostas de brincar com o fogo! Dá-te prazer remexer as brasas... Depois não te queixes, quando as chamas se exaltarem e te queimarem!

Afrontei a cintilação ígnea do seu olhar e empinei o nariz, antes de contraditar:

— Prepara-te, Sigarr... Um destes dias irei vencer-te!

Ele aceitou a zombaria e recalcitou:

— Quando isso acontecer, renunciarei à magia e dedicar-me-ei a criar porcos!

Fiquei incrédula quando vi o oásis surgir ao longe, qual pedaço de paraíso no meio do deserto. E ainda mais abismada ao constatar a abundância de vida que albergava. Um bosque de palmeiras circundava um lago alimentado por uma nascente cristalina. Nas suas margens, estavam montadas dezenas de tendas minúsculas, rodeadas por estendais carregados de roupa, fogueiras para cozinhar e várias espécies de animais: galinhas, cabras, ovelhas, cães, cavalos e camelos. Segundo percebi, além dos habitantes do lugar, os povos nómadas que faziam rotas de comércio através do deserto também paravam aqui para descansar e trocar mantimentos. Por isso, a agitação era intensa.

Mal pisámos terra fértil, fomos recebidos com jarros de água fresca. E em bom tempo! Não poder recorrer à magia para me fortalecer deixara-me sedenta. Enquanto bebia, quedei-me a observar os homens que tocavam tambores e flautas à beira do lago. Um grupo de jovens voluptuosas, mal cobertas com tiras de tecido vaporoso e garrido, saracoteava-se ao som da música para

deleite da assistência composta por negociantes barrigudos e guerreiros repletos de cicatrizes.

Entrementes, um acervo de rapazolas não parava de guinchar, pedindo a minha atenção e exibindo braços carregados de roupas e joias, tapeçarias e pequenos objetos de vime. Sigarr interveio, explicando que era costume os visitantes comprarem algo à chegada. Com poucas palavras, afastou a maior parte dos atrevidos. O escolhido abriu um sorriso que exibia dentes demasiado grandes para caberem dentro da boca. A mão do feiticeiro mergulhou na confusão de tecidos expostos e emergiu com um lenço de seda verde. Atirou uma moeda comum ao jovem e este fez-lhe uma dezena de vénias, antes de desaparecer entre as tendas.

Fiquei a mirar o lenço. Era lindíssimo, da cor dos meus olhos! Sigarr disfarçou o riso, ante a minha expectativa. Corei estupidamente, repreendendo-me. Com certeza ele não iria... Perdi o fôlego quando sacudiu o lenço e o fez deslizar sobre os meus cabelos, sem me tocar.

— É da cor dos teus olhos — murmurou.

Senti um aperto no estômago. O mestre da Arte Obscura adivinhara os meus pensamentos? Quis agradecer-lhe, mas já se dirigia a uma das tendas. Segui-o, chocada com o tremor que me abalava. Não estava boa da cabeça! Sigarr era meu inimigo; um assassino aleivoso! Sigarr era... Engoli em seco ao vê-lo inclinar-se para entrar no abrigo de pele. O feiticeiro delgado e seco, que me fora buscar à casa de Íris, cedera lugar a um guerreiro robusto, o qual, por muito que eu tentasse negar, se assomava cada vez mais atraente... Tinha, sem dúvida, um belo traseiro!

Ouvira a história. Tinha as provas diante do nariz... Ainda assim, custava-me a acreditar.

À minha frente estava Farah, uma jovem com pouco mais de catorze anos, bela como uma fada. E o bebé que eu embalava nos braços herdara os traços da mãe. Só a marca de nascença exposta no seu peito, castanha ensanguentada, com a forma de uma flor

que se fendia para libertar uma lágrima, o identificava como herdeiro do rei-feiticeiro que governara a Terra das Montanhas de Areia. Afinal, o meu irmão não eliminara toda a descendência de Mazin... E o seu mestre era o responsável por esse fracasso!

— O Filho do Dragão não tardará a regressar — dizia Sigarr na língua nativa, usando um tom solene para que Farah tomasse consciência da gravidade da situação. — Já não estás segura aqui. O facto de eu saber onde te encontrar é quanto basta para vos colocar em perigo. Deves seguir caminho e apagar o vosso rasto... Toma! Isto irá ajudar-te a instalares-te noutro território e a providenciares uma boa educação ao teu filho. Mantém a sua identidade secreta e aguarda até que a ameaça se extinga. Só então deverás contar-lhe a verdade sobre os seus antepassados.

As mãos trémulas da jovem envolveram a bolsa de pele que o feiticeiro lhe oferecia. Abriu-a e soltou uma exclamação pasmada ao verificar que continha uma mistura de moedas de ouro e pedras preciosas. Até eu estava atordoada! Com mil ratazanas azoadas, se Halvard sonhasse com isto, seria capaz de esventrar o mestre e enforcá-lo com as próprias tripas! Afinal, o que levava Sigarr a cometer tamanho desatino? Sentiria remorsos por ter traído Mazin?

Depois de tantos meses atolada em conspirações e morte, aninhar uma criança no colo parecia uma bênção divina. Farah veio buscar o filho para amamentá-lo e eu fiquei a observá-los, embevecida. Não havia espaço para grandes recatos, por isso Sigarr sentou-se ao meu lado de costas voltadas para a jovem, atento ao seu pudor. Ciente das questões que se contorciam na minha mente, explicou na língua do Norte para que só eu o entendesse:

— Mazin tinha quatro mulheres. Farah foi a última a ser desposada. Na noite em que Halvard decidiu pôr fim à linhagem do rei-feiticeiro, eu dirigia-me para o túmulo da muralha quando ela se atravessou no meu caminho. Fugira da cidade, mas não tinha onde se esconder. A sua gravidez estava bastante avançada... Confesso que pensei em entregá-la ao teu irmão. Porém, depois de escutar as suas súplicas, não fui capaz! Acabei por levá-la para o túmulo e

mantive-a escondida até o Exército do Dragão partir para o Império. Então, trouxe-a para aqui, pois sabia que as anciãs do oásis atenderiam ao parto e velariam por ela e pelo petiz.

Fez uma pausa para restaurar o fôlego e mordeu um sorriso, ante o meu olhar estupefacto. Julguei que ia gosmar um comentário jocoso, mas limitou-se a prosseguir sobriamente:

— Os chefes desta comunidade acreditam que Farah é minha consorte e que o rapaz é meu filho, por isso tratam-nos com deferência. E ela está ciente da necessidade de sustentar essa farsa. Se Halvard sonhar que o pequeno Mazin respira, só descansará quando lhe torcer o pescoço. Assim, se algum rumor lhe alcançar os ouvidos, dir-lhe-ei que cometi uma imprudência e tratei de mandar a mulher e a criança para longe, a fim de evitar que me arreliassem.

— E se alguém a reconhecer? — questionei inquieta.

— É improvável! Farah não sai da tenda com o rosto descoberto. Além disso, o povo sabe que o Filho do Dragão matou todos os familiares de Mazin. Jamais lhes passará pela cabeça que eu, o seu mentor, decidi acobertar uma rainha e um príncipe.

— E porque o fizeste? — rebati, incapaz de me conter.

Sigarr fitou-me, mas acabou por desviar o olhar ao ciciar roucamente:

— Já cometi muitas atrocidades... Mas poucas me custaram tanto como ter de prostrar Mazin! Tal como afirmaste, Kelda, ele confiava em mim... E eu também o estimava! Afinal, vi-o crescer como homem, guerreiro e mestre da Arte. No entanto, não podia permitir que Halvard se assenhoreasse do seu poder. Quando o teu irmão me afrontou, naquele jantar, tive a confirmação de que fizera o que era devido. Porém, ao ver Farah surgir da bruma, rogando por piedade, a consciência voltou a atormentar-me... Ainda por cima, tinhas acabado de me pregar na cara que eu não tinha coração! Não ia arrastar uma rapariga grávida para o palácio e dar-te a satisfação de cuspires que tinhas razão.

— Podias tê-la matado... — objetei, confusa. E acrescentei: — Eu jamais descobriria.

Sigarr voltou a encarar-me, com o sobrolho franzido. E a voz quase lhe falhou ao volver:

— É verdade! Podia tê-la matado... Pois podia...

Engoli em seco perante o brilho do seu olhar. O que é que ele estava a insinuar? Que poupava Farah por minha causa? Que se incomodava com o que eu pensava a seu respeito? Que... Que desejara provar-me que já não era um monstro? Quase saltei de susto quando a sua mão deslizou sobre o tapete que forrava a tenda e os nossos dedos se roçaram. De súbito, a rainha apelou, quebrando o fio de energia que nos ligava:

— Ides dar-me a honra de vos receber esta noite, mestre Sigarr?

O feiticeiro desviou o rosto, respirou fundo e aquiesceu:

— Sim, Farah. Agradeço a tua hospitalidade. — Depois, voltou a fixar-me, justificando como se temesse que eu reclamasse da sua decisão: — Atravessar o deserto sob o véu das trevas pode ser fatal, até para entes de sangue mágico... Além disso, amanhã quero levar-te a outro lugar.

Não objetei. Também não me apetecia mergulhar na escuridão gélida. Fiquei curiosa sobre os seus planos para o dia seguinte, mas não o interpelei, ciente de que não me responderia. Entretanto, o ar começava a encher-se com cheiros fortes, provenientes das iguarias cozinhadas nas fogueiras, a coberto do céu. E o meu estômago lembrava-me da sua existência.

A comunidade do oásis organizava-se de maneira peculiar. Os homens forneciam os mantimentos, as mulheres preparavam-nos e todos, incluindo os forasteiros, podiam partilhar da refeição. Farah envolveu-me no lenço novo, para que não despertasse atenções. As mulheres que aqui viviam desfrutavam de maior liberdade do que aquelas que habitavam na cidade. Inclusive, podiam misturar-se com os homens. Ainda assim, era fundamental manter o recato. Nenhuma senhora de respeito desejava ser confundida com uma escrava.

Saímos da tenda e sentámo-nos diante de uma fogueira. Alguns guerreiros juntaram-se a nós. Concluí que eram servos de Sigarr,

incumbidos de zelar pela segurança da jovem rainha. O feiticeiro não impôs cerimónias e as conversas sucederam-se, descontraídas. Os homens comentavam incidentes engraçados ocorridos na comunidade. Foi-me servido um pedaço de serpente assada nas brasas... E até gostei! Farah sorriu, agradada por verificar que eu não desdenhava das tradições do seu povo. Então, Sigarr sugeriu-lhe:

— Porque não contas a Kelda a história deste lugar?

Ela aquiesceu e os guerreiros quedaram-se em silêncio, suspensos na sua voz melodiosa:

— Há muito, muito tempo, um feiticeiro foi expulso da ilha mágica onde vivia e fez desta terra a sua nova morada...

Farah demorou a colorir os pormenores, mas a história resumia-se em poucas palavras. No auge da sua fúria de conquista, o rei-feiticeiro decidira casar as filhas com os soberanos dos territórios vizinhos. No entanto, uma delas estava apaixonada por um jovem bardo e recusara-se a obedecer. Em consequência, o pai ordenara a morte do rapaz. Desesperados, os amantes tinham debandado para o deserto... Porém, a sorte não os favorecera! Após uma fuga atribulada, haviam sido capturados neste preciso local. Cego de ódio, o feiticeiro prostrara-os com as próprias mãos e abandonara os corpos, para que as pragas ocultas nas areias os devorassem. Todavia, o amor da princesa e do bardo fora abençoado pelos deuses e nem a morte conseguira separá-los. Assim que a Lua surgira no céu, a magia manifestara-se. Carne, ossos e sangue haviam-se transformado em árvores majestosas e água cristalina. Então, ao nascer de um novo dia, o feiticeiro defrontara-se com este oásis...

— E tão magnífica visão fê-lo definhar de arrependimento pelas vidas que ceifara — concluiu Farah, com as lágrimas de emoção a ensoparem o lenço que lhe encobria o rosto. Fitava Sigarr... E qual não foi o meu espanto ao constatar que os seus olhos cintilavam de adoração! Ignoraria que fora o feiticeiro quem matara o seu marido?

Nenhuma bolsa carregada de ouro haveria de compensar o pequeno Mazin pela tristeza de jamais poder abraçar o pai!

Por seu lado, Sigarr fixava-me... E a tensão no seu maxilar revelava que estava ciente da severidade das minhas cogitações. Então, Farah indagou como se o meu silêncio a melindrasse:

— Não gostaste da história, Kelda?

— É uma história triste... — apressei-me a ripostar. — Mas muito bonita! Sem dúvida, torna o oásis ainda mais encantador aos olhos de quem o visita.

A resposta agradou à rainha. Voltou a descontrair-se e confessou com um suspiro:

— Arrepia-me pensar que estamos sentados na companhia dos espíritos da princesa e do seu bardo. Um amor assim deve ser tão maravilhoso!

Apeteceu-me replicar que não levasse a sério os ornatos da narrativa. Se esta possuía um fundo de verdade, os fugitivos haviam enfrentado uma morte cruenta no lugar onde tinham buscado abrigo. Após tudo o que eu já ouvira acerca do rei-feiticeiro, nem sequer acreditava que este tivesse dedicado um único pensamento à filha, depois de matá-la. No entanto, mantive a boca fechada, temendo ferir a suscetibilidade de Farah. Bem vistas as coisas, ela não passava de uma criança sonhadora que, mal casara com um rei, já ficara viúva e com um filho nos braços, forçada a fugir da sua terra e a esconder-se dos seus algozes.

De súbito, os tambores começaram a rufar. Em vão, procurei pelas jovens bailarinas que alegravam o oásis à nossa chegada. A dança noturna estava reservada aos homens e muitos já deixavam o conforto das fogueiras para participar. Os guerreiros tentaram convencer Sigarr a juntar-se ao rodopio e a rainha aplaudiu, expectante:

— Mestre Sigarr é um excelente dançarino!

Aí estava algo impossível de conceber: o feiticeiro aos pinotes no meio dos homens! Porém, como se num repto ao meu desdém, Sigarr acedeu às súplicas.

Durante algum tempo, fiquei perdida no meu pasmo e nas exclamações de entusiasmo de Farah. Os tambores troavam com veemência e os homens iniciavam um ritual complexo de passos e saltos, como se empenhados numa dança de guerra. A graciosidade dos movimentos estava, precisamente, na pujança que revelavam. E Sigarr não destoava dos demais! Nesse instante, era incapaz de imaginá-lo vestido com as suas túnicas de seda bordada. Tudo nele exalava virilidade. E o olhar azul não me dava tréguas...

— Tu és uma mulher de mestre Sigarr?

A pergunta de Farah deixou-me aturdida. Quase me engasguei ao replicar:

— O quê? Não... Não! Sou uma mera aprendiz...

— Mas desejas ser sua consorte! — retrucou, com uma rispidez que me eriçou os cabelos. Apesar de o lenço lhe ocultar o rosto, os olhos chispavam de indignação. Ao ver-me sacudir a cabeça, horrorizada, contestou como se a questão fosse um espinho entalado na sua garganta: — É inútil negares! Bem vejo a maneira como se olham... Ele está apaixonado por ti e tu por ele!

Com mil ratazanas apalermadas, era inconcebível, até grotesco, pensar que a rainha se deslumbrara pelo feiticeiro! Porém, não sendo essa a razão do seu agravo, porque porfiava contra mim como se eu fosse sua rival? Decidi pôr fim à conversa, desdizendo secamente:

— Estás a imaginar coisas!

Orei para que o assunto morresse. Contudo, Farah não terminara. Gemeu chorosa:

— Mazin nunca cuidou de mim. Só me desposou para me ter na cama... Mestre Sigarr salvou-me. E protegeu-me. Fiz tudo pela sua atenção, mas ele só te quer a ti! Agora, manda-me embora... O que é que eu vou fazer sem ele?

Rangi os dentes, mal contendo o ímpeto de lhe dar uns safanões para despertá-la do delírio. Não tinha sorte nenhuma! Para onde quer que me virasse, só deparava com gente doida!

Farah soluçava, desolada por ser incapaz de despertar o entusiasmo do causador da sua desgraça... Da minha desgraça! Sigarr dançava e sorria, sedutor. O mestre das mais vis perversidades... Odiava-o por todo o mal que espalhara sobre a Terra! Execrava-o pela dor que provocara ao meu sangue! Mas... Onde se ocultara esse rancor dentro de mim? Não há muito, bastar-me-ia pensar no seu nome para que as minhas entranhas se desfizessem em fel. Agora, fixava-o e tentava sentir aversão, asco... E quase sufocava de angústia, ao constatar que a animosidade se extinguiu. Afinal, era eu quem estava a precisar de uns bons bofetões!

— Vou deitar-me — anunciou subitamente Farah, arrancando-me do meu devaneio. Empinou o nariz e acrescentou num tom gélido: — É tempo de as senhoras de respeito se recolherem.

Fitei-a, atónita. Estaria a insinuar que eu não cumpria tal condição? Assim aparentava, pois não me convidou a acompanhá-la. Virou costas e dirigiu-se à tenda, escoltada pelos guardas. Fiquei diante da fogueira, incerta do que fazer... Uma a uma, as demais mulheres foram entrando nos abrigos. Trinquei o ar, exasperada. Não me daria ao desfrute de discutir com Farah, para lhe provar quão absurdas eram as suas acusações! E muito menos iria rogar que me desse guarida!

Impaciente, busquei Sigarr entre os dançarinos. Não o encontrei. Esta agora! O feiticeiro não podia ter-se esfumado! Então, fui fustigada por um daqueles calafrios que nos avisam quando alguém está a observar-nos com segundas intenções. Deparei com um homem apoiado numa palmeira, longe das chamas das fogueiras, com os olhos cravados em mim... E que olhos! Apesar da distância que nos separava, o alarme que ressoava na minha mente aguçava-me a percepção e revelava um verde-floresta límpido, tão familiar que me fez erguer com um salto. Tratava-se de um guerreiro bastante alto, com a cabeça coberta por um turbante e o corpo envolto numa capa. Porém, mal me viu de pé, fundiu-se com as sombras e desapareceu.

Corri no seu encalço, determinada a não deixá-lo escapar. Fiquei perplexa ao verificar que se detinha um pouco à frente, como se me aguardasse. Levei a mão à cintura, pronta a desembainhar a espada. O lenço começava a irritar-me, mas não achei prudente afastá-lo do rosto. Não queria arriscar-me a ser reconhecida como a irmã do Filho do Dragão.

Estava prestes a alcançar a presa quando esta tornou a escapulir-se. Rangi os dentes, abespinhada. O guerreiro era excepcionalmente ágil e astuto, escorregadio qual serpente... Possuía sangue mágico! Se tencionava atrair-me para uma armadilha, ia testemunhar o que acontecia aos imbecis que ousavam afrontar-me. Persegui-o através da floresta de palmeiras, sem lhe dar tréguas, até as trevas nos envolverem. De súbito, fui acometida por uma suspeita... E se ele não me quisesse mal? E se me estivesse a conduzir para longe do acampamento com um objetivo?

Decidi não apelar à magia, mas mantive a mão fechada no punho da espada e todos os músculos prontos para reagir ao mínimo sinal de alerta. Seria o fugitivo um laçao de Halvard, incumbido de vigiar os meus passos? Não! O verde-floresta do seu olhar arrepiara-me! E se fosse um filho da Grande Ilha? Os Viquingues e os Aliados deviam ter espões nesta terra...

De repente, ouvi música e gargalhadas. Continuei a correr, tão intrigada quanto apreensiva. Para onde me estaria o guerreiro a levar? Enfim, gritei-lhe que esperasse... Todavia, ignorou-me e voltou a sumir. A minha paciência esgotara-se! Soltei um urro de frustração e mastiguei:

— Chega de tolices! Vais dizer-me o que pretendes... Ou arranco-te a pele!

O energúmeno não podia estar longe. Uma simples evocação mística e tombaria aos meus pés! Preparava-me para lançar o feitiço quando dei por mim a sair da floresta.

Estaquei no topo de uma duna, com o coração aos pinotes, tão ofegante que tive de afastar o lenço para respirar. Atravessara o oásis e, mais uma vez, a imensidão do deserto estendia-se à minha

frente... Porém, não eram as montanhas e os vales de areia que me prendiam a atenção, mas a enorme tenda que ressaltava das sombras da colina, suficientemente ampla para alojar um pequeno exército. Os risos e a música provinham do seu interior... E, atendendo à quantidade de pegadas marcadas na areia, a festa devia estar bastante animada.

Detive-me diante da pele grossa que protegia a entrada, fixando as mãos para me certificar de que o poder inato que me tornava invisível se manifestara. Não entraria desacompanhada no covil do lobo! Inspirei um sopro de coragem e afastei a cortina.

Mal dei um passo, quase choquei contra um guarda. O homem era um verdadeiro gigante, alto como uma torre e largo como um carvalho adulto; capaz de prostrar inconsciente, com um simples bofetão, a maior parte dos guerreiros que eu conhecia. Trajava apenas umas calças largas que se afunilavam nos tornozelos, mas o seu cinto estava repleto de armas. O tronco descomunal terminava numa cabeça de alfinete, tão lisa que brilhava. Franziu a testa e os olhos rasgados perscrutaram o exterior da tenda, sem entender por que a cortina se mexera. Decerto atribuiu a culpa ao vento, pois regressou à posição de alerta, hirto como uma estátua.

Superado o primeiro obstáculo, pude olhar em volta... E os meus olhos arregalaram-se ao constatar onde me viera meter. O espaço amplo estava forrado com espelhos minúsculos que refletiam a luz das candeias, preenchendo a obscuridade turva com uma miríade de cintilações coloridas. Nuvens densas de fumo pairavam no ar, provenientes da queima de ervas com a capacidade de distorcer a percepção e entorpecer os sentidos. Quem as lançara para os braseiros sabia o que fazia! Só o auxílio da magia me permitiu escapar ao seu efeito inebriante. O chão estava forrado com peles de animais, mantas e almofadas. Recostados nesse conforto, dezenas de corpos moviam-se ritmadamente no ensaio de uma dança lasciva. E malgas de bebida passavam de mão em mão,

enquanto as gargalhadas de homens e mulheres se misturavam com uma música eufónica, tocada por cinco anciões decrepitos.

As bailarinas que eu vira quando chegara ao oásis encontravam-se aqui, animando a noite de guerreiros e comerciantes com as suas danças, intercaladas com beijos e carícias ousadas. Estava habituada a viver entre homens, por isso já ouvira muitas histórias sobre prostíbulos, bordéis, ou o que quer que lhe quisessem chamar. Porém, nunca entrara em nenhum. Comecei por ficar estupefacta, pois jamais me passara pela ideia que a perseguição ao guerreiro misterioso culminasse neste desfecho. Depois, enquanto assimilava o que acontecia em meu redor, percebi que não me sentia chocada, nem sequer afrontada no pudor. Estava... enojada! Como era possível que estas jovens, quase crianças, suportassem com um sorriso nos lábios as atenções de homens rudes, sebosos como porcos e mais feios do que bodes?

Sacudi a cabeça e obriguei-me a concentrar no objetivo: descobrir o guerreiro e forçá-lo a confessar a razão por que me conduzira até aqui. Avancei um pouco e verifiquei que as traseiras da tenda estavam preenchidas com alcovas exíguas, separadas por cortinas. Era para esses compartimentos que as mulheres conduziavam os homens quando o apetite estimulado no salão exigia satisfação. O espião tinha de estar escondido algures! A magia haveria de denunciá-lo.

Sem mais delongas, inspirei fundo e lancei a minha essência à caça da presa. Saboreei o pulsar de muitas energias, mas nenhuma que merecesse atenção. Então, quando estava prestes a exasperar-me, deparei com uma que me era sobejamente conhecida.

— Sigarr? — arfei. E acometi em frente, dominada pelo assombro e totalmente alheada das consequências que poderiam advir da minha precipitação.

Entre num espaço forrado com plumas de pássaros e peles de feras, mal contendo um berro de indignação ao confrontar-me com o mestre da Arte Obscura. A minha mente já congeminava mil

cenários de depravação... Todavia, Sigarr estava apenas sentado num monte de almofadas, a desfrutar de um rolo de ervas de fumar. Diante dele, deitados num leito de pelo níveo que causaria pesadelos a qualquer ente do Povo da Terra, encontravam-se um homem e uma mulher... Só ao segundo olhar os reconheci pelo que realmente eram: feiticeiros.

A perfeição leitosa da pele do homem quase que faiscava sob a luz fantasmagórica. Os seus cabelos negros continham reflexos do céu noturno e os olhos eram espantosamente claros, azuis... Ou seriam cinzentos? A mulher ostentava formas esguias, de onde se destacavam seios firmes e arrebitados. Os seus cabelos eram rubros e os olhos possuíam um tom felino, mais amarelo do que verde. Estavam nus, entrelaçados como amantes. E nenhum dos dois tinha pelos no corpo, nos lugares onde a natureza determinava que estes deviam existir.

— Essa jovem deve ser especial para alterar tão profundamente as tuas convicções — dizia o homem com suavidade.

— Sim... — murmurava Sigarr. — É muito especial!

— O que importa é que te chamou à razão — aditava a mulher numa voz maviosa. — Só por isso já gosto dela!

Trocaram um sorriso cúmplice, repleto de significados íntimos e estranhos aos meus olhos. Então, a feiticeira indagou como se ronronasse:

— De certeza que não queres ficar connosco? — E ondulou sobre o pelo alvo, expondo toda a sua formosura num convite irrecusável.

Sigarr quase se engasgou com o fumo. Solto uma gargalhada que mais parecia um ronco atormentado pelo desejo, antes de ripostar:

— Não me provoques, Gaya! Sabes bem como te aprecio...

— Vai convencê-lo, querida — ordenou o homem, sorrindo instigador.

Prontamente, a mulher ergueu-se e como que flutuou até ao mestre da Arte Obscura. Era bastante alta e o primor do seu rosto tornava-a quase divina. Estendeu uma mão na direção de Sigarr e

foi como se o ar o tomasse de assalto, fazendo-o convulsar e elevar-se acima das almofadas. A fita que lhe prendia os cabelos desfez-se e uma cascata de ouro correu sobre os seus ombros. Os cordões da túnica desapertaram-se e revelaram o peito ofegante. Só então ela se inclinou para se apossar dos seus lábios.

O beijo foi breve, mas tive a sensação de que se arrastava por uma eternidade. Gaya cingia Sigarr como se se alimentasse do seu calor. E a energia dos seus corpos extravasava, envolvendo-me como uma corda que se apertava em torno da garganta. No fim, foi ela quem se afastou com uma expressão deliciada, apelando na voz musical:

— Vem ver como o nosso preferido está mudado, Narkissus. Repara na firmeza destes músculos... Parece um guerreiro humano!

— Parem de me atormentar — mastigou Sigarr, num tom que misturava súplica com fervor. — Já disse que quero regressar antes que Kelda acorde. Ela vai ficar radiante quando lhe disser...

O feiticeiro adejou ao seu encontro, cortando-lhe a voz. Era alto e magro, detentor de uma beleza imaculada, quase feminina. O facto de ver a companheira com Sigarr acirrara-lhe o ardor. O azul-cinza do seu olhar tornara-se tempestuoso e o corpo espargia uma energia fabulosa, como se rajadas de vento lhe brotassem da pele, fazendo os cabelos esvoaçarem pela alcova. Senti o cheiro de maresia... Juro que senti! E, de repente, a túnica de Sigarr foi arrancada por garras invisíveis, sob as risadas melódicas de Gaya, ao mesmo tempo que os dedos fulgurantes de magia de Narkissus deslizavam pelos braços, peito e costas da presa desejosa.

Sigarr deitou a cabeça para trás com um gemido. As mãos de Narkissus incandesceram... E o mestre da Arte Obscura resfolegou. Depois bradou, extasiado, até o outro se dar por satisfeito. Com mil ratazanas arrependidas, eu não queria testemunhar o que estava a acontecer! Então, porque é que não me conseguia mexer? Nem sequer era capaz de desviar o rosto?

— A tua protegida dorme tranquilamente... — sussurrava Narkissus, sob o olhar expectante de Gaya. — Estarás ao seu lado

quando despertar. Porém, enquanto as trevas reinarem, não irás negar-nos o prazer da tua companhia, pois não? Sabes como ansiamos pelas tuas visitas!

Dito isto, afastou os cabelos dourados e desvendou o pescoço do mestre da Arte Obscura. De imediato, Gaya colou a boca à pele sensível, pressionando-lhe os seios contra as costas e enterrando as unhas no seu ventre. Sigarr esforçou-se por manter a postura, enquanto ela o beijava, sugava e mordiscava... Então, Narkissus concluiu numa voz inflamada de paixão:

— Já que estás prestes a renunciar a estes deleites, tornemos esta noite memorável.

Sigarr pareceu hesitar, em agonia. Todavia, as mãos de Gaya serpenteavam por sítios que faziam o seu sangue esquentar. Com o coração desabalado e o estômago às voltas, vi o olhar celeste encher-se de flamas e os lábios trémulos apartarem-se, com um suspiro de rendição. Nesse instante, a sua pele começou a rutilar com uma cintilação negra e escarlate, que contrastava ferozmente com o esplendor sideral dos companheiros. Narkissus sorriu vitorioso. Apertou-lhe as faces entre as mãos, fixou o olhar ígneo e baixou o rosto...

— Espera... — arfou Sigarr. E quase os empurrou para se libertar das carícias, enquanto ordenava com uma firmeza sobressaltada: — Parem! Ela está aqui!

— Quem? — resmungou Gaya, num tom desafinado pela frustração.

O meu coração quase rebentava o peito de tão descompassado. Tinha a certeza de que continuava invisível! Contudo, mais uma vez, Sigarr presentira a minha essência.

— É impossível! — contestava Narkissus, olhando em volta. — Kelda possui sangue humano... Não pode ser tão forte que escape à nossa percepção!

— Não acreditas? — rugiu Sigarr, visivelmente exaltado. — Pois vou mostrar-te o poder desta fedelha intrometida!

Engoli um grito e obriguei-me a reagir, tentando esgueirar-me para fora da alcova. Rápido como uma flecha, o mestre da Arte Obscura bloqueou a saída. E, antes que eu pudesse pensar numa alternativa, o ar condensou-se em meu redor. Esforcei-me por respirar e senti uma nuvem de pó a invadir-me as narinas. Não podia vê-lo, mas afigurava-se bem real! Picava dentro do nariz, ardia na garganta... Comecei a espirrar sem controlo. E os feiticeiros tombaram-me em cima.

— É inacreditável! — exclamava Gaya, puxando pelo lenço que me cobria os cabelos. Por que raio é que eu o afastara do rosto? Se o tivesse deixado no devido lugar, não teria inalado o pó e já estaria a caminho do oásis. Depois, haveria de regressar ao palácio e mandaria Sigarr mascar urtigas... Com mil ratazanas afogueadas, estava capaz de desfazê-lo!

O lenço deslizou suavemente e os caracóis rebeldes caíram-me sobre os ombros. Sentia a pressão do olhar do mestre da Arte Obscura, mas continuei a fixar o tapete. Pelo menos, Narkissus e Gaya tinham tido a decência de se cobrirem com túnicas.

— Tinhas razão, Sigarr — declarou o feiticeiro, abeirando-se de mim. — A destreza mística da tua pupila é tão fenomenal, que só a sua beleza consegue excedê-la!

Achar-se-ia capaz de me impressionar com elogios insípidos? Mal pude acreditar quando me estendeu a mão e se apresentou:

— O meu nome é Narkissus e esta é Gaya, a minha adorada esposa. Somos amigos de longa data de Sigarr.

Ignorei a mão e revirei os olhos para mirá-lo, ripostando com maus modos:

— Vós sois feiticeiros renegados, mestres da Arte Obscura... Pou-pai-me às cortesias!

Narkissus recolheu o braço, mas manteve o sorriso ao replicar:

— É verdade que somos feiticeiros... Mas não somos mestres da Arte Obscura! Pelo menos, não como Sigarr e alguns facínoras que já tiveste o desprazer de conhecer. — Solto uma risada ante a

careta afrontada do amigo. Depois continuou: — Abandonámos a Ilha Sagrada porque o Mestre Supremo se recusou a admitir o nosso amor.

— Celsus era meu noivo, Kelda — revelou Gaya, estreitando o marido. — Porém, eu teria preferido morrer a desposá-lo! Não fui expulsa da Ilha Sagrada... Fugi. E Narkissus seguiu-me. Na Terra, somos livres para viver a nossa paixão e para partilhá-la com quem amamos.

— A nossa magia é especial — aditou Narkissus, como se fizesse questão de não deixar nada por esclarecer. — Está intimamente ligada à natureza, aos Elementos e às energias que sustentam os seres. Por isso é tão... física! Graças a essa particularidade, não temos de recorrer aos «artifícios» que os mestres da Arte Obscura usam para se vigorarem na Terra. Conseguimos extrair a energia de que necessitamos do calor que se gera com o prazer que damos e que recebemos. E, assim, preservamos a pureza da nossa essência.

— Foi essa a razão por que transformámos esta casa num lugar onde homens e mulheres podem desfrutar livremente da aventura dos sentidos, sem recriminações nem castigos, preconceitos ou pudores — prosseguiu Gaya, tornando a entrelaçar os dedos nos meus caracóis como se incapaz de tirar-me as mãos de cima. Só a custo me reprimi de afastá-la. O seu toque não era desagradável... Pelo contrário! Após experimentar as sensações que Gaya podia ofertar apenas com as pontas dos dedos, não era difícil entender a justificação de Narkissus sobre a origem da sua magia. Contudo, a única coisa que eu desejava era desaparecer deste antro e regressar ao palácio.

— Posso ir? — indaguei com brusquidão. — Ou sou vossa prisioneira?

— Nós não te queremos mal! — clarificou Gaya, estarrecida.

— Não vos disse que ela é impossível? — resmoneou Sigarr, encrespado. — Afinal, o que é que estás aqui a fazer, Kelda? Porque não ficaste com Farah?

— Porque ela não me ofereceu guarida... — volvi entredentes. E, quando ele titubeou uma réplica incrédula, dei por mim a arrostá-lo, enquanto agitava os punhos e bradava: — Farah está apaixonada por ti! Destratou-me, convencida de que sou sua rival!

O silêncio pasmado que se seguiu arruinou-me os nervos. Acabei por aditar, mordaz:

— Lamento o incómodo que causei. Vou-me embora para que continueis a vossa «reunião».

Tentei passar, mas Sigarr fechou as garras no meu braço e puxou-me contra o peito.

— Não vais a lugar nenhum — rosnou. — E podes começar a explicar como me encontraste!

— Solta-me, seu monstro! — berrei, descontrolada pela ira. — Não me toques... Metes-me nojo! Odeio-te! Odeio-te!

O mestre da Arte Obscura libertou-me tão abruptamente que quase caí. Recuou como se as minhas palavras fossem bofetadas a estalar-lhe nas faces. Gaya amparou-o... E a sua exclamação deliciada despenhou-se sobre mim, quais bátegas de gelo:

— A tua pupila está roxa de ciúmes, Sigarr!

Brami como se louca, assolada pela vontade de lhe pregar um murro nas fuças. Eu, com ciúmes de um aleivoso depravado? Precipitei-me para a saída, mas uma barreira mística surgiu à minha frente. Fiquei ainda mais iracunda ao constatar que o impropério era obra de Narkissus. Adversou-me, estrondeando com uma severidade e uma convicção inabaláveis:

— Invadiste a minha casa. Desprezaste o meu acolhimento. Melindraste a minha esposa. Ofendeste o meu convidado... Agora, vais ouvir-me! Estás a ser muito injusta com Sigarr...

— Deveras? — atalhei, num jorro de peçonha. — Para quem o conhece tão... «intimamente», estais pouco informado acerca da «nossa história»!

Soei despeitada até para os meus ouvidos, como se mais molestada por tê-los surpreendido juntos do que pelas atrocidades que Sigarr cometera contra o meu sangue. Com mil ratazanas

decompostas, porque é que a luxúria dos feiticeiros me incomodava? A veemência do olhar tempestuoso de Narkissus impediu-me de continuar a vituperar. Quedei-me, subjugada pela sua imponência, enquanto ele altercava num tom perigosamente baixo:

— Não sei como é que Sigarr tem tanta estima por uma mulher tão indelicada e iníqua! No entanto, alguma virtude deves possuir ou não terias alcançado o prodígio de reabilitá-lo.

— Não te canses — porfiou Sigarr, ressentido. — Kelda jamais acreditará que eu mudei! Deixa-a ir...

— Não — contestou o outro com uma firmeza sóbria. — Sabes há quanto tempo eu não via luz na tua essência? Não permitirei que deites tudo a perder por causa de uma tolice! — E, antes que o amigo pudesse impedi-lo, encarou-me e revelou: — Sigarr não veio até aqui para se divertir... Tentámos convencê-lo a ficar, pelo grande carinho que lhe dedicamos, mas ele estava ansioso por regressar ao acampamento para te conduzir ao teu pai.

A minha raiva esfumou-se. Abri e fechei a boca, mas apenas consegui gaguejar:

— Ao... Ao meu pai?

— O Rei da Lua está à nossa guarda — intrometeu-se Gaya. E, como se já tivesse desculpado a minha rispidez, concluiu reconciliadora: — Temos cuidado bem dele, Kelda!

Desconcertada, fixei o mestre da Arte Obscura e entaramelei:

— Porque não me contaste...?

— Para me divertir a ver-te sofrer! — escarniu, bufando exasperado. — Que outra coisa faria um monstro, criatura néscia?

Precipitou-se para fora da alcova, objetando com fereza quando a amiga tentou detê-lo:

— Agora não, Gaya! Agora não!

Fiquei colada ao tapete... Como é que não adivinhara que o meu pai estava aqui? Sigarr até dissera que escondera Farah no túmulo da muralha, até à partida do Exército do Dragão! Confrontado com a necessidade de viajar para o Império com reforços para Halvard, o feiticeiro acabara por trazer a fugitiva e o prisioneiro para o oásis, e

colocara o Rei da Lua sob a vigilância dos amigos... Tive de cerrar os dentes para impedi-los de bater quando Gaya me apertou as mãos, enunciando com uma amabilidade terna:

— Sigarr planeava trazer-te aqui amanhã, quando os homens já tivessem partido e as minhas protegidas estivessem a dormir, para que não te sentisses constrangida na nossa casa. Por isso, visitou-nos antecipadamente... Veio pedir-nos que nos preparássemos para te receber.

A justificação deixou-me abismada, pois evidenciava uma atenção do mestre da Arte Obscura para com o meu recato. Ao ver-me vacilar, Gaya aproveitou para aditar gravemente:

— É verdade que conhecemos bem a história da tua família, Kelda... No entanto, também somos testemunhas do esforço de Sigarr para corrigir os seus erros. O teu «desabafo» magoou-o muito! Ignoro o que sentes por ele... Porém, o que vejo no teu olhar não é ódio, nem asco! Imagino que seja mais fácil atender ao que vos separa do que abraçar o que vos une... Mas, por favor, não lhe vires as costas! Acredita que estás a um passo de salvar a sua alma.

CAPÍTULO 3

Segui Narkissus através do labirinto de cortinas, tremendo ao imaginar o que me esperava. Na última vez que estivéramos juntos, o meu pai cuspira atrocidades que me tinham dilacerado o coração. Por isso, receava ser incapaz de sofrear a revolta se, de novo, me censurasse. E se me acusasse de traição? Ou de cobardia perante a nequícia de Halvard?

O Rei da Lua era prisioneiro nesta casa. Contudo, encontrei-o instalado numa alcova confortável, deitado sobre um colchão de penas, rodeado de almofadas e mantas, com um livro ao lado. Só as armelas coruscantes que lhe cingiam os pulsos denunciavam a precariedade da sua condição. Além disso, ver o meu pai abrir os olhos no instante em que a candeia se acendeu deixou-me perplexa. Como era possível que estivesse acordado? Fiquei ainda mais espantada quando se sentou e me estendeu os braços, exclamando comovido:

— Kelda... Minha querida filha!

Estreitei-o com força, como se nunca tivéssemos discutido. Senti-me aliviada ao constatar que estava bem alimentado, limpo e cuidado; com ótimo aspeto, atendendo à última vez que o vira no túmulo do rei-feiticeiro. Mal Narkissus saiu, apertou-me as mãos e admirou-se:

— Pensei que só te veria de manhã!

— Eu troquei as voltas a Sigarr — ripostei, decidindo não desperdiçar tempo a contar-lhe sobre o espião, quando tínhamos tanto para esclarecer. Examinei as armelas e confirmei que eram feitas de magia negra. Porém, o sortilégio que as originara era diferente... Seria por isso que se mantinha consciente? Ao constatar a minha estranheza, o meu pai elucidou:

— As armelas alimentam-se substancialmente de energia mística. Apesar de devorarem a minha magia, não esgotam a minha vitalidade. As forças que conservo são suficientes para atender às

necessidades mais prementes e manter a clareza do raciocínio. Conceder-me uma autonomia livre de tormento físico foi a maneira que Sigarr ideou de me provar a sua boa vontade... Ao mesmo tempo que se assegura de que não recorrerei ao meu poder para contrariá-lo!

— E não tentaste fugir? — indaguei, aturdida.

Ele respirou fundo, antes de retorquir brandamente:

— A nossa última conversa fez-me ponderar, meu amor... Não tentei fugir pela mesma razão que tu não fugiste! A profecia tem de ser desfeita e, para isso, Sigarr depende tanto de nós como nós dependemos dele.

Eu estava demasiado assombrada para proferir uma palavra. Perante o meu silêncio, prosseguiu circunspecto:

— Quero pedir-te perdão pelo que te disse no túmulo... Sentia-me tão desesperado, tão impotente, que me deixei cegar pela raiva e pela dor. Tratei-te miseravelmente! Não entendia porque teimavas em seguir por um caminho que haveria de te condenar... Contudo, após refletir, admito que tinhas razão. Lamento se a minha intransigência tornou o teu suplício ainda mais difícil de suportar.

Abracei-o com ardor e cedi ao pranto. O meu pai nem imaginava o quanto a sua aprovação era importante para mim! Quando me cobriu de beijos, tive a certeza de que o amor que nos unia haveria de superar quaisquer desacordos. Ele deixou-me desabafar antes de continuar:

— Sigarr falou-me acerca da espada mágica... Contou-me que, sem a tua interferência, a catástrofe que assolou o Império teria sido muito maior.

— E também te contou que Halvard atacou a Grande Ilha? — inquiri, angustiada. — Que arrasou com tudo... e apenas poupou o avô Edwin?

O Rei da Lua acariciou-me a face e amparou-me as lágrimas, respondendo:

— Sim... E eu partilho da tua dor, filha! Porém, o dever impõe-nos que superemos o desespero e a revolta. Temos de nos concentrar

em vencer esta guerra, para que o sacrifício da nossa família e do nosso povo não tenha sido vão.

— Eu quero acreditar que ainda há esperança... — titubeei entre soluços. — Juro que quero, papá! Todavia, o destino parece empenhado em favorecer a maldição! Halvard está cada vez mais forte... E nós cada vez mais destroçados!

— O plano que Sigarr concebeu para deter Halvard é excelente — replicou, tentando acalmar-me. — Porém, para que se concretize, todos seremos forçados a ceder um pouco! E tu, Kelda, terás de ser excepcionalmente forte e corajosa para conseguires encarar o teu irmão, distraí-lo da conspiração e conduzi-lo para a armadilha.

— Conheces o plano de Sigarr? — interpelei, perplexa ante o entendimento que, aparentemente, se gerara entre os dois... E fiquei ainda mais atónita quando retrucou:

— Sigarr não tinha outra opção senão debatê-lo comigo. Lembra-te de que necessitava que eu anuísse a renunciar ao poder da Lágrima da Lua em seu favor.

Será que o feiticeiro lhe profanara a mente para conquistar o seu apoio? Desconcertava-me a condescendência com que o meu pai se referia àquele que sempre fora o seu maior inimigo! Porém, com o avançar da conversa, esse receio desvaneceu-se. A vontade do Rei da Lua não fora adulterada. Apenas ficara tão impressionado com a suposta regeneração de Sigarr que decidira dar-lhe uma oportunidade. No fim, tudo se resumia ao sábio dito: o que está feito não pode ser desfeito! E o meu pai denunciou esse raciocínio ao afagar-me as mãos e concluir:

— Só um esforço conjunto poderá minimizar os estragos decorrentes da loucura de Halvard.

Engoli em seco e redargui:

— Não sei se esse esforço será possível... Lysander recusou a proposta de Sigarr.

— Sim, mas Sigarr já se dispôs a repeti-la. Insisti para que procurasse a tua mãe... Edwina é uma mulher razoável. Pelo bem do

nosso povo, não terá pejo em negociar condições. Estou seguro de que esse ardil é a solução para debelar a profecia.

A convicção do meu pai era tão sólida que me fez ofegar, expectante. Porém, as nuvens tornaram a ensombrar-me o espírito quando aditou, após uma pausa reflexiva:

— Ainda me custa a crer que Lysander tenha rejeitado o acordo. Nós sabemos o quanto ele é zeloso do seu dever! Sacrificar os interesses do nosso povo para preservar o orgulho é uma contradição à sua personalidade. E as razões que apresentou...

Calou-se ao adivinhar que a enumeração das justificações do herdeiro de Lyria haveriam de me ferir. Todavia, não fugi à questão e refutei com amargor:

— Por que raio haveria Sigarr de inventar que Lysander se opôs ao meu regresso? Não ganharia nada com isso! Além do mais, não viste o ódio na sua expressão quando cortou as amarras da ponte... Às vezes, interrogo-me como é que se conteve de me matar. Lysander jamais há de perceber... Jamais irá perdoar-me!

— E tu? — contestou o meu pai gravemente. — Serás capaz de perdoá-lo?

A pergunta deixou-me paralisada. Deveria ser fácil dizer que sim, porque o amava! Todavia, ao invés de saírem pelos lábios, as palavras afundavam-se garganta abaixo, até se despenharem nas entranhas e queimarem como fel. Enchi o peito de ar e objetei:

— Não quero falar sobre Lysander... Fala-me de ti! Os feiticeiros tratam-te bem?

O meu pai acabou por ceder. Apercebi-me de que a sua mudança para o oásis fora um refulgo. Afinal, saíra de um buraco enterrado no solo para uma tenda arejada e banhada pelo sol. Passava grande parte do tempo embrenhado em livros e, por vezes, Gaya vinha entretê-lo com a sua voz celestial. Depois do que eu testemunhara no quarto dos anfitriões, esperava sinceramente que os favores que a feiticeira dispensava ao prisioneiro se restringissem às cantigas, ou o Rei da Lua teria muito que explicar à Rainha do Sol!

— Há algo que tenho de te perguntar, Kelda — enunciou com sobriedade, baixando a voz como se pretendesse assegurar-se de que ninguém nos escutava. — Confias em Sigarr?

Franzi a testa, alarmada. Qual seria o seu propósito? Se ele mesmo acabara de afirmar que achava que o mestre da Arte Obscura estava a ser sincero no empenho para desfazer a maldição... Hesitei, confusa. O que podia dizer? Que a minha relação com Sigarr se tornara tão ambígua e ininteligível que me agoniava? Que a sua presença me constrangia, mas quase me sentia desamparada quando ele não se encontrava por perto? Que, ainda há pouco, me comportara como uma amante traída ao vê-lo nos braços dos feiticeiros? O meu pai teria um ataque se me ouvisse pronunciar tais despautérios! Por isso, sacudi a cabeça e tentei responder com a maior segurança que fui capaz de forjar:

— Em certas questões, sim... Noutras, não me esqueço de quem é, de onde veio e do mal que nos fez. Gostava de acreditar que o seu coração mudou... Porém, estou sempre à espera do pior.

— E fazes bem! —olveu o Rei da Lua frugalmente. — Mesmo que as circunstâncias o tenham obrigado a reconsiderar, Sigarr será sempre Sigarr! Sei que ele te salvou... No entanto, como teu pai, não posso deixar de me inquietar com a vossa proximidade! Atemoriza-me o pressentimento de que existe uma razão oculta por detrás da sua solicitude, que vai além da necessidade de contrariar a profecia para salvar a pele. Tem cuidado, Kelda! Sigarr é um mestre da ilusão... Não te deixes enredar na sua teia.

— O que queres dizer com isso? — entaramelei, orando para que as minhas faces não enrubescessem e denunciasses a promiscuidade dos meus pensamentos.

O Rei da Lua hesitou, mas acabou por passar os dedos sobre as marcas do Guardião da Montanha que me ornavam os pulsos, enquanto sussurrava:

— Sigarr mostrou-se muito curioso sobre a origem da tua magia... Alegou que o seu interesse se deve ao facto de julgar que a

dissemelhança das tuas tatuagens pode estar relacionada com o ritual que a profecia exige.

— Ritual? — arquejei sobressaltada. E ele rebateu com estranheza:

— Sigarr não te falou acerca da Noite Branca?

— N... Não! — gaguejei. — O que é que isso significa?

Com o coração em debandada, descobri que, para realizar a profecia do Filho do Dragão, o *executor* não tinha unicamente de estar acompanhado de um *decisor* e de um *protetor*, e de ter na sua posse as Lágrimas do Sol e da Lua. Era necessário celebrar um ritual de sangue, num Altar do Mundo, quando a Lua nascesse cheia na noite mais curta do ano.

— Isso acontecerá no próximo solstício de verão — esclareceu, sob o meu olhar horrorizado. — Por isso, Halvard está tão empenhado em se apossar das Lágrimas. O seu tempo urge.

— Lysander nunca mencionou tais regras — trinqueei azeda.

— Porque as ignorava, Kelda! Assim como eu... Pelo que percebi, trata-se de um segredo bem guardado, que o Mestre Supremo apenas deve transmitir ao seu sucessor. Nem os membros originais da Ordem do Dragão estavam a par de todas as condições da profecia.

— Então, como é que Sigarr decifrou o enigma?

— Isso, não me contou. Porém, conhecendo-o como o conheço, até prefiro não saber!

Deixei-me afundar nas almofadas e fechei os olhos, com a cabeça a estalar. A voragem de emoções que esta noite me impusera principiava a causar moossa. Nesse instante, escutei a voz do meu pai como uma ferroadada na consciência:

— Ainda não me falaste sobre o teu treino... Constou-me que tens feito grandes progressos!

Avançava com cautela, mas era óbvio que a fatídica pergunta seria desferida de seguida. Por momentos, eu acalentara a esperança de escapar à questão... Como se o Rei da Lua, na plena posse das suas faculdades, fosse admitir tal coisa! Ainda assim,

atendendo ao que estava em causa, soara extraordinariamente calmo! Reuni coragem e enfrentei-o:

— Se Sigarr te fez tantas confidências, decerto também te disse que tenciono concluir o treino antes da chegada de Halvard... Deixemo-nos de rodeios! Se pretendes demover-me de me tornar mestra da Arte Obscura, poupa o fôlego. A minha decisão está tomada.

O seu maxilar endureceu ante a minha obstinação. Aguardei por uma reação exasperada, mas a réplica foi crua e dura:

— Tens noção das consequências que isso terá para a tua essência?

— Sim — devolvi. — Mas também sei o que sucederá se Halvard não for detido! — E, antes que ele protestasse, acrescentei com firmeza: — Apesar de teres sido mestre da Arte Obscura, não perdeste o rumo e acabaste por recuperar a integridade. Eu serei igualmente capaz! Juro que não darei um passo no trilho da danação que não seja estritamente necessário... E a minha sujeição à magia negra findará no dia em que a Terra se libertar da ameaça do Filho do Dragão.

O meu pai sacudiu a cabeça em negação, prendeu-me o olhar e contraditou:

— As coisas não são assim tão simples! A minha essência pode ter sido purificada, mas os pesadelos persistem. Aliás, não se passa um dia sem que as recordações não me assombrem...

Um ruído súbito sobressaltou-nos. Sigarr afastara a cortina e ordenava secamente:

— Despede-te do teu pai. É tempo de regressarmos.

Dispunha-se a virar as costas quando o interpelei, sem sequer pensar:

— O meu pai vem connosco. — E, ao vê-lo deter-se e arrostar-me com uma expressão minaz, aditei: — Estamos a trabalhar para o mesmo fim, não é verdade? O meu pai não vai fugir, Sigarr! No palácio, poderá contribuir para o meu treino...

— Não vou discutir contigo — atalhou num rugido, com os olhos a chispar. Depois, fitou o Rei da Lua e resmoneou: — E tu, Edwin, ao invés de incutires juízo nessa fedelha néscia, ainda alimentas a sua rebeldia! Não sei porque é que me dou ao trabalho... Devia era cortar a vossa garganta e a minha! Pouparia tempo a Halvard!

Sem mais, abandonou a alcova. Engoli um berro de frustração e voltei-me para o meu pai, decidida a não me resignar:

— Ele está zangado porque discutimos, mas tu podes convencê-lo...

— Kelda... — interrompeu o Rei da Lua. — Sigarr tem razão. Ficarei melhor aqui.

— O quê? — porfieei, indignada. — Como podes dizer tal coisa? No palácio estarias comigo!

— Não. Seria obrigado a regressar aos calabouços. De outro modo, a denúncia de que Sigarr me libertara chegaria aos ouvidos de Halvard e ele esmagar-nos-ia com o seu ódio. Aqui, pelo menos, desfrutarei da bênção do sol por mais alguns dias.

Os seus argumentos fizeram eco na minha consciência. Engoli em seco e acabei por gemer:

— Compreendo... Mas custa-me muito separar de ti!

O meu pai sorriu com ternura e beijou-me a testa, antes de ripostar:

— Não te preocupes comigo. Narkissus e Gaya têm bom coração. — Ao ver que eu ainda hesitava, adicionou: — Se queres fazer algo por mim, suplico-te que consideres o que acabámos de conversar. Conheço-te melhor do que julgas... Sei perfeitamente que jamais conseguirás viver com a culpa, se teimares em derramar sangue inocente.

Narkissus beijou-me os dedos. Gaya beijou-me a face. Prometeram cuidar do meu pai. Sigarr não disse uma palavra. Montou no seu cavalo e aguardou que eu o seguisse. Nem me estendeu a mão, forçando-me a apelar à destreza para me içar para

a garupa do animal. E, mal me segurei à sua túnica, subiu a duna sem olhar para trás.

O dia principiava a nascer e as palmeiras acolheram-nos, com os primeiros raios de sol a trespassar os lençóis de folhas verdes. Olhei em volta, inquietada pela lembrança do guerreiro misterioso. Qual teria sido o seu propósito? Guiar-me até ao meu pai, à revelia de Sigarr? À medida que a luz se impunha, a perseguição que empreendera assomava-se quase irreal... E se os espíritos da floresta me tivessem pregado uma partida? O melhor era não dizer nada ao feiticeiro. Se o guerreiro efetivamente existisse, voltaria a aparecer.

Sigarr estava tenso. Esforçava-se por me impor o seu desdém, mas a proximidade incomodava-o. Não voltara a prender os cabelos e, a cada passo do cavalo, fustigava-me com uma chuva de seda dourada. Dei por mim a inspirar fundo, enquanto lhe deslizava as mãos pelas costelas até enlaçar o ventre. Senti os músculos firmes a palpitem debaixo dos dedos e fui assaltada por uma inopinada comoção. Deitei a cabeça nas suas costas e fechei os olhos. Havia tanto para esclarecer! Porém, após uma noite em claro, sentia-me exausta e sem vontade de discutir. Só me apetecia escutar as batidas aceleradas do seu coração: tum-tum... tum-tum...

Surpreendi-me quando parou. Já chegámos? O acampamento ainda dormia, à exceção dos homens encarregues da vigília. Sigarr levou-me até ao meu cavalo e ordenou sem polidez:

— Monta e vamos embora.

— Mas... — entaramelei admirada. — Não vais despedir-te de Farah?

— Nada tenho a acrescentar ao que já lhe disse — respingou, quase me empurrando para o chão. — Os guerreiros que a guardam hão de conduzi-la a um lugar seguro, onde ninguém conheça a sua história. A sobrevivência do rapaz está garantida.

Isso era tudo o que lhe importava: salvar o pequeno príncipe para que, um dia, este regressasse e reclamasse o trono da Terra das Montanhas de Areia. Assim, a ordem que o meu irmão destroçara

seria restabelecida... E o sangue de Mazin não arderia tanto nas suas mãos.

— Não vou esperar por ti — resmoneou inflexível. E lançou-se a galope rumo ao deserto.

Não acreditei que o feiticeiro me deixasse para trás. Mas deixou! E, apesar de esforçar o meu cavalo até ao limite, fui incapaz de alcançá-lo. Felizmente, já podia contar com o auxílio da magia para me restabelecer.

Durante a travessia do deserto, tive tempo para pensar. Acabara de descobrir que Sigarr estava conluiado com o meu pai... E que, tal como todos os que se declaravam empenhados em me proteger, também me ocultara informações determinantes para o meu futuro! Começava a achar que só podia contar comigo... Em consequência, e ao contrário do que o Rei da Lua expectava, a revelação das imposições da Noite Branca acirrara ainda mais a minha resolução de me tornar mestra da Arte Obscura. Por isso, não ia admitir que a desavença que tivera com o feiticeiro compromettesse o meu treino. Teria de apaziguar a sua ira, nem que isso significasse polir-lhe a vaidade.

Sabia que seria capaz. Podia ser tão dissimulada e ardilosa quanto Sigarr! Mentiroso... Falso... Com que então, eu quebrara a pedra que envolvia o seu coração? E, logo de seguida, afiançava ao meu pai que só estava interessado na minha magia e enfiava-se na cama dos libidinosos feiticeiros! Como se isso me incomodasse... Era óbvio que não me importava! Mas, então, porque é que as afirmações de Gaya eram ferros em brasa a revolver-me os miolos? Parecia que, quanto mais tentava menosprezá-las e esquecê-las, mais se entranhavam na minha pele! Sigarr mudara por minha causa... Eu podia salvá-lo... Que mil ratazanas me trucidassem, eu estava apenas a servir-me de Sigarr, tal como ele se servia de mim! Nada mais... Nada mais!

Mal cheguei ao palácio, dirigi-me ao quarto do feiticeiro. Entrei sem bater, preparada para concretizar o embuste. Constatei que já se sentara no seu monte de almofadas preferido e levava um rolo de

ervas de fumar aos lábios. Lembrei-me de que tinha de me humilhar se ambicionava reconquistar a sua mercê... Porém, à medida que os meus pés deslizavam sobre o tapete, o coração acelerava e a respiração embrulhava-se como se, efetivamente, a situação me apoquentasse. Sentei-me tão próximo quanto a prudência permitia e interpelei-o:

— Podemos conversar?

Sigarr não se dignou a fixar-me. Soprou o fumo com desdém e resmungou:

— Não sabes mesmo quando deves parar, pois não, criatura daninha?

— Desculpa — entaramelei. — Eu não queria dizer aquilo...

— O quê? — atalhou sarcástico. — Que eu te enjojo? Ou que me odeias?

A mágoa vincava-lhe a expressão e enrouquecia-lhe a voz, tão espontânea, tão autêntica, que me assombrou. Quis replicar, mas surpreendi-me estrangulada. Agora que o tinha diante de mim, os pilares da minha resolução ameaçavam ruir. Ante o meu aturdimento, Sigarr esmagou o rolo de ervas contra o tabuleiro, empurrou-o para o lado e arrostou-me com o olhar celeste carregado de agulhas de gelo, rugindo amarga e incisivamente:

— Sê sincera, Kelda! Disseste exatamente o que sentes. E poderias ter dito muito mais... Mas aproveita para fazê-lo agora! Desabafa todo o teu asco! Afinal, sou o degenerado que raptou o teu irmão e adulterou a sua essência, o causador do sofrimento da tua família, o responsável pela destruição da tua terra e do teu povo... O monstro que arruinou a tua vida!

— Sigarr... — protestei, mas ele ignorou-me e continuou:

— E não te esqueças de acrescentar a tua convicção de que todos os meus atos ocultam um propósito funesto... Então? Não fiques com nada entalado na garganta!

Engoli em seco, mal conseguindo respirar. Gaya tinha razão! Sigarr não estava só irado... Estava melindrado! No seu vômito de indignação, acabara de enunciar, palavra a palavra, o rancor que

moldara as minhas convicções durante anos. Todavia, o brilho aquoso dos seus olhos e o tremor dos seus lábios despiam o ódio de significado! De súbito, a intrujice interesseira que me trouxera até aqui esvaiu-se. Queria mesmo que Sigarr me escusasse! Porém, a minha incapacidade de emitir um som parecia deixá-lo cada vez mais contundido. Tive a certeza de que causara um mal irreparável quando o seu rosto endureceu e o olhar se estreitou.

— É inútil continuares a fingir — mastigou entredentes. — Sei perfeitamente que só vieste atrás de mim com medo de que me recusasse a treinar-te.

— Não! — obriguei-me a refutar, arquejante. — Vim porque me arrependo do que disse...

— Então prova... — cortou, varando-me o olhar e desafiando: — Prova que não me odeias!

Quando dei por mim, já me inclinara e beijava-o na face. Fora um ímpeto... Reconciliador. Inocente. Inopinado... Treloucado! A minha mão repousara no seu peito para me apoiar. Sob os meus dedos, o seu coração desatava num galope desenfreado. Com mil ratazanas asfixiadas, teria perdido o siso? Quis afastar-me... Porém estava paralisada, com os lábios colados ao seu rosto. O perfume que exalava misturava-se com o fumo das ervas e punha-me a cabeça a andar à roda. Senti o seu corpo ficar tenso e pensei que estava perdida. Sigarr ia pular-me em cima, qual fera no cio! E fora eu que o provocara!

Sigarr saltou... para longe de mim! Parou no centro do quarto, de costas voltadas e com as mãos na cabeça, a respirar aos arrancos. Após um instante de profundo constrangimento, em que o ar solidificou à nossa volta, fixou-me de soslaio e declarou quase num gemido:

— Magoaste-me, Kelda... As tuas palavras feriram-me muito para além daquilo que estou preparado para admitir! Sabes o que isso - significa?

Antes que eu sequer pensasse em responder, saiu e bateu com a porta.

Não conseguia adormecer. Tentei apaziguar os nervos com a excelsa melodia que o meu búzio mágico oferecia. Contudo, mal fechava os olhos, dava por mim a recordar os incidentes da noite anterior. A minha existência estava assolada por uma tempestade. Parecia que o último pedaço de solo firme que me sustinha havia sido arrancado de debaixo dos meus pés.

— Lysander, Lysander, Lysander... — arfei sem parar, desejando lembrar-me do calor do seu sorriso. Todavia, apenas escutei o som atroador de uma ponte a ruir.

E a voz de Farah: «*Sigarr está apaixonado por ti...*»

A voz de Gaya: «*Kelda está roxa de ciúme...*»

A voz do Rei da Lua: «*Tem cuidado! Sigarr é um mestre da ilusão...*»

A voz de Sigarr: «*Tens noção do que me estás a fazer, Kelda?*»

Cabelos de ouro. Olhar celeste. Um rosto que, a cada dia, me parecia mais atraente...

— Não! — gemi em agonia, puxando a manta sobre a cabeça.

Cabelos negros enxertados de prata. Olhar estrelado... A minha águia. O meu amor.

— Lysander, Lysander... — repeti, entre soluços. E tive um vislumbre de um rosto deformado pelo ódio, de uma mão que me prostrava no chão e de uma voz carregada de rancor:

«*Hás de sofrer pelos teus crimes... Serás assombrada pela culpa até ao fim dos teus dias!*»

Senti vontade de arrancar o coração do peito para extinguir a dor; de bater com a cabeça na parede até os miolos rebentarem e as memórias se dissolverem... Agora sim, ia endoidecer!

Entrei no salão nobre sem ter pregado olho. Esperava respirar um fôlego de descontração na companhia de Erebus. Porém, era Sigarr quem me aguardava. Deteve a minha interrogação atónita e ditou com uma severidade álgida:

— Vamos treinar. Somos mestre e aprendiz... E assim será, até eu te ensinar tudo o que tens para aprender.

Arte Obscura. Magia das trevas. Infindáveis mistérios por desvendar. Um poder letal. Uma vontade irreduzível. Esqueci os dilemas e entreguei-me de corpo e alma à escuridão fulgurante da sua energia colossal. Mestre e aprendiz... Nessa noite... E nas muitas noites que se seguiram.

CAPÍTULO 4

— Pequena! Lobo Cinzento! Porque não me atendeis?

Pela milésima vez, repetia o apelo... E enfrentava o silêncio lúgubre da ausência de resposta. Por mais que me custasse, era obrigada a aceitar que as minhas escolhas me tinham conduzido a este vazio, onde nada existia além de frio e de solidão.

Vagueei pela imensidão erma do meu pesadelo, até tombar de exaustão. Então, entreguei-me ao choro, num completo esmorecimento. Quando assumira a decisão de me tornar mestra da Arte Obscura, julgara que suportaria o tormento da provação imposta pela sua iniquidade, com o conforto de pensar que o meu sacrifício salvaria a Terra da alheação do meu irmão e devolveria a esperança aos povos livres. Porém, a cada dia, a teia negra e pegajosa que envolvia a minha aura apertava-se com mais veemência, sufocando, esmagando, lacerando o meu alento.

Era terrível admiti-lo, mas Sigarr tinha razão. No meu âmago, a bruma sobrepunha-se à luz e devorara-a, ameaçando extingui-la. Sabia porque me sentia tão sedenta e esfomeada, qual moribundo prestes a fenecer... As trevas reclamavam energia! E nenhum - alimento ou calor mitigaria a sua avidez. A minha essência precisava de consumir vida para superar a necessidade que a corroía. Se me recusasse a satisfazer a sua edacidade, seria eu quem sucumbiria.

A claridade fraquejava, apagava-se por um instante... E a predadora despertava! Rugia com uma ferocidade brutal... Eu tinha de matar se queria subsistir. O suplício era insuportável! Fome de essência. Sede de sangue. Como desejava sentir esse prazer a sublimar-me! Sim... Sim... Não! A chama reacendia-se. Apesar de trémula e frágil, o seu brilho ainda me sustinha. Libertara-me da loucura, devolvera-me o siso... Contudo, por quanto tempo?

— Avó... — carpi, com os dentes a tinir e o corpo sacudido por convulsões. Refreara os impulsos nefandos, mas o frio persistia. A luminosidade sustentava a minha consciência, mas já não era

suficiente para me aquecer. Em breve, voltaria a apagar-se... Por mais tempo... Talvez demasiado! Era inútil resistir; combater o inevitável... Porque é que ainda lutava? Se cedesse, o martírio findaria e poderia enfrentar Halvard de igual para igual. Ele desejava a minha essência... Mas seria eu quem devoraria a sua e me extasiaria com essa energia! Seria eu quem reinaria sobre tudo e sobre todos! Kelda da Montanha Sagrada... Kelda, senhora do universo.

«O mundo irá prostrar-se aos teus pés e adorar-te pela tua sabedoria... E o príncipe da Gente Bela, o miserável arrogante que te desprezou, há de arrancar o coração do peito para to oferecer! Porque esperas? Para de sofrer em vão! Entrega-te! Desfruta do êxtase que tenho para te dar...»

— Não! Não! Avó...

— Kelda... Segura a minha mão!

Apesar de poderosa, a voz soou tão arrastada que não a reconheci. Os meus olhos também eram incapazes de rasgar o nevoeiro denso que me subjugava. Porém, o seu calor atraiu-me e a sua força arrebatou-me. Fui içada por dois braços robustos; aconchegada contra um peito tão quente que, de imediato, extinguiu o frio. Então, uma mão fina e delicada acariciou-me a testa e a bruma principiou a dissipar-se. Uma brisa morna acariciou-me a pele e, de repente, senti o cheiro de ervas frescas, flores exóticas, frutos maduros e doces... Conhecia bem esse perfume!

— Lysander? — tartamudeei expectante.

— Não, querida... — respondeu uma voz terna. — Somos nós.

«Tu não estás sozinha, Kelda... Nunca estarás sozinha.»

A promessa fora cumprida! Eu receara que a conspiração da magia maldita me tivesse colocado fora do alcance do esplendor que animava as essências dos meus avós. Porém, mais uma vez, achava-me aninhada nos braços de Lobo Cinzento, com a energia de Pequena a revigorar-me. E não continha as lágrimas de alívio.

— Chora, meu amor — murmurou a minha avó, acariciando-me os cabelos. — Desabafa toda a dor que te flagela.

Aos poucos, fui recuperando o controle, acalentada pela sua ternura. Enfim distingui os seus rostos, a cintilação dos cabelos mais brancos do que a neve, os olhos azuis de Throst, os olhos verdes de Catelyn... Já respirava livremente. O odor que me abençoava os pulmões impunha-se, à medida que uma floresta deslumbrante se estendia à nossa volta. O lar da Gente Bela era único, impossível de comparar com qualquer outra floresta. Vibrava com vida e cor, com alegria, com alma, espargindo uma magia que sarava o corpo e enlevava o espírito.

— Porque é que estamos aqui? — indaguei, confusa.

— Nós escutámos os teus apelos — enunciou Pequena. — Porém, a escuridão que te tragava era tão cerrada que tivemos de buscar auxílio para te alcançar.

Incapaz de me conter, estendi a mão e afaguei o tronco onde nos recostávamos. A Árvore da Sabedoria era um freixo tão antigo quanto a memória do mundo. A prodigiosa energia que irradiava nutria a sua terra e o seu povo. Continuava tão majestosa como eu a recordava, com os ramos a estenderem-se até tocarem o céu. Senti o seu poder a latejar debaixo dos dedos, numa garantia de restabelecimento. E entendi o que estava a acontecer quando a minha avó continuou:

— A Árvore da Sabedoria deu-nos forças para te resgatar da bruma da perdição... Tu precisas de luz, Kelda! Todavia, só uma magia semelhante à tua, onde a claridade e as trevas convivam em harmonia, poderá restaurar o equilíbrio da tua essência sem te causar dano.

— A magia do Povo da Terra — arfei, estrangulada de emoção. Nesse instante, distingui o rumorejar dos espíritos ancestrais que persistiam nas árvores sagradas da floresta. Falavam de uma esperança que nascia da dor... Da promessa de um reencontro que me sobressaltou o coração. Dei por mim a concluir: — Lysander pode ajudar-me...

Um soluço cortou-me a voz, ao rememorar as barreiras insuperáveis que se erguiam entre nós. Lysander jamais me

ajudaria! Era incrível... Mesmo convicta do seu repúdio, continuava a estender-lhe a mão! Tão ingénua... Tão tonta... No entanto, era impossível negar o calor que me preenchia o peito, enquanto a energia da Árvore da Sabedoria me alentava. Fora precisamente aqui, sob a sua aura divina, que, pela primeira vez, eu sentira a presença do príncipe da Gente Bela e escutara a música da sua flauta. Tinha tantas saudades desses tempos de inocência!

— Lysander está transtornado e magoado... — replicou Pequena, ciente da minha angústia. — Dividido entre o «querer» e o «dever»! Culpa-se pelo teu infortúnio, mas ressentente-se das escolhas que fizeste. Ignoro o que o futuro vos reserva... Todavia, por enquanto, debes afastá-lo do pensamento. De outro modo, não terás condições para superar esta fatalidade.

Afastar Lysander do pensamento... Teria ela noção de quantas vezes eu já tentara fazê-lo?

— Sei que pretendeis demover-me — contraditei, engolindo em seco. — Mas não posso recuar! Jamais vencerei Halvard se lutar com armas inferiores às suas.

Quase pulei de susto quando Lobo Cinzento me resmoneou ao ouvido. Era óbvio que discordava das minhas opções. Por sua vontade, ao invés de me estreitar, estaria a dar-me umas palmadas no traseiro. Encarei-o com uma súplica de perdão nos lábios. Destroçava-me dececioná-lo! Porém, o olhar azul não revelava censura quando ripostou com uma firmeza branda:

— Não vamos repreender-te, nem julgar-te. O tempo em que poderíamos influenciar-te com conselhos já se consumiu. Tu escolheste um caminho e não há como retroceder... Porque te amamos e te conhecemos melhor do que ninguém, decidimos confiar no teu discernimento, independentemente do que achamos ser certo ou errado. Por isso, estamos aqui para te apoiar.

O meu queixo pendeu de estupefação. Quando falava, o *jarl* Throst sabia arrepiar a alma! As suas palavras eram um bálsamo para o meu coração ferido. Abracei-o com ardor e arquejei:

— Obrigada... Obrigada...

Não queria chorar, mas as lágrimas escorriam-me pelas faces. Pequena juntou-se ao nosso abraço, afirmando comovida:

— Sabemos que estás assustada, Kelda... E que a dor que te dilacera vai muito para além daquilo que a tua condição humana pode suportar. No entanto, tu não és uma simples mulher! Foste eleita pela Pedra do Tempo para executar uma missão que nenhum outro ser seria capaz de cumprir. Por isso, não podes entregar-te ao desespero! Tens de reagir e combater a voragem das trevas... A nossa assistência de nada te servirá, sem confiança e determinação.

— Mas como haveis de me valer, se é da magia do Povo da Terra que eu preciso?

— Alguma vez te falhei? — objetou a minha avô, sorrindo candidamente.

Beijou-me a testa e trocou um olhar significativo com o meu avô. Depois, ergueram-se e eu segui-os, confusa. Quedámo-nos diante do freixo, de mãos dadas, e Pequena esclareceu:

— O meu poder permite-me extrair a energia de que necessitas diretamente da Árvore da Sabedoria. Porque és nossa herdeira, o sangue une-nos... E a energia de Lobo Cinzento irá fortalecer-me e ajudar-me a inflamar esse elo inquebrantável, de modo que possamos usá-lo para alcançar a tua essência e alimentá-la com a magia da Gente Bela. Mal as trevas ameacem destruir o teu equilíbrio, a nossa luz há de revitalizar-te e a tua claridade prevalecerá.

Franzi a testa, desnorteada. Olhei para Throst; novamente para Catelyn... E titubeei:

— Não percebi nada! Como é possível que a minha essência receba a magia da Árvore da Sabedoria através da nossa ligação de sangue?

— Já vais ver — retorquiu. Depois, fixou o seu amado e questionou: — Estás pronto?

À confirmação do meu avô, o tronco do freixo fendeu-se. Inesperadamente, dois fios de seiva vermelha começaram a escorrer pela

casca. Não... Aquilo não era seiva! Era sangue! A Árvore da Sabedoria estava a sangrar!?

— Kelda — chamou Lobo Cinzento, pedindo a minha atenção. — Concentra-te nas batalhas que tens de travar... Nós acreditamos em ti. Sabemos que vais vencer.

— Sim, querida — apoiou Pequena. — Continua a ser a nossa Kelda... A pureza do teu coração impedir-te-á de tombar no abismo. Porém, se te sentires a esmorecer, lembra-te de que nós acompanhamos todos os teus passos.

Tinha uma miríade de perguntas para fazer, mas engasguei-me ao ver as suas mãos separarem-se e repousarem sobre o sangue que escorria pelo freixo. Apertaram-me os dedos... E, através do nosso elo, senti a energia da árvore a trespassar-me a carne e a fundir-se com a essência. Tentei achar a voz, mas o assombro subjugou-me, ao tomar consciência de que Throst e Catelyn eram como pontes que me ligavam ao cerne da magia da Gente Bela.

De súbito, as suas mãos começaram a cintilar. Esse fulgor espalhou-se pelos seus corpos e entrou em mim, fazendo-me resplandecer como uma estrela. Num ápice, as minhas inquietações extinguiram-se. O clarão divino iluminou todos os recantos da minha mente e preencheu-me com uma fabulosa sensação de paz. Fechei os olhos, encantada... Ouvia distintamente os corações dos meus avós a acertarem o ritmo com o meu. Os nossos fôlegos juntaram-se num só e o brilho das suas essências expandiu-se através da minha, até a nossa união ser perfeita.

Estava tão enlevada que me sobressaltei quando os dedos de Pequena e Lobo Cinzento deslizaram de entre os meus. Abri os olhos... E gritei de susto. As mãos dos meus avós, que ainda agora eu segurava, estavam a ser assimiladas pela Árvore da Sabedoria. Sumiram-se, deixando as minhas mãos sobre as marcas de sangue do freixo. Raspei as unhas na casca, incapaz de respirar, devastada pelo choque... Throst e Catelyn tinham desaparecido.

Mais outro dia sem dormir!

A minha cabeça fervilhava, a ansiedade corroía-me... Pequena e Lobo Cinzento tinham abdicado da liberdade para que eu pudesse prosseguir o treino da Arte Obscura! Agora, os seus espíritos encontravam-se fundidos com a Árvore da Sabedoria. Tão prodigiosa «combinação» garantia-lhes acesso à magia do freixo. Através do sangue que partilhávamos, essa energia chegava até mim, proporcionando-me a luz necessária para fortalecer a minha essência. No entanto, pensar que a sua abnegação podia ter travado a condenação da minha alma não me trazia conforto. Devia existir outra forma de não me perder para o mal que não resultasse num sacrifício tão penoso para os meus avós! Se, ao menos, eles me tivessem explicado o que pretendiam... Jamais teria admitido que concretizassem essa insânia!

Demorara uma eternidade a compreender o que acontecera. E mais uma perpetuidade a convencer-me de que não estava louca! Ainda acalentara a esperança de que tudo não tivesse passado de um pesadelo. Porém, não tardara a sentir os efeitos da sua entrega, como uma chama acesa no meu âmago que não permitia que a claridade da aura se extinguísse, mesmo quando as trevas se adensavam sob o efeito da evocação da magia negra. Então, fizera uma pausa para ponderar... Se conseguisse usar a energia dimanante da ligação ao freixo para aceder às consciências dos meus avós, eles poderiam aconselhar-me, guiar os meus passos, evitar que cometesse mais erros! Contudo, essa ilusão fora efémera. A magia fluía até mim, mas era incapaz de recuar, como a água da nascente que percorre o seu caminho até à foz do rio.

Posto isto, urgia concentrar-me no meu objetivo. Enquanto a guerra não terminasse, dependeria da energia do freixo para assegurar o equilíbrio entre a Arte Luminosa e a Arte Obscura que habitavam a minha essência. Logo, quanto mais depressa contrariasse a profecia do Filho do Dragão, mais rápido livraria os meus avós da reclusão imposta pelo enlace místico. Pequena e Lobo Cinzento tinham colocado a subsistência dos seus espíritos nas minhas mãos... Teria de provar-me digna da sua confiança! Isso

implicava trabalhar com afinco. Treinar e treinar, mesmo que todas as forças do universo se combinassem para me adversar.

Afastei o búzio mágico do ouvido e afundei-me na almofada. Se não dormisse, acabaria por endoidecer! Fechei os olhos... E, de imediato, fui transportada para um campo de batalha; fustigada pelos gritos de dor dos guerreiros, pelo pranto angustiado das mulheres, pelos soluços desesperados das crianças... Morte! Fogo! Cinzas! Como podia descansar quando todas as notícias que escutava relatavam o infortúnio do meu povo?

O Império tombara. A Grande Ilha fora destruída. O Filho do Dragão conquistara território após território e divertia-se a chafurdar no sangue que derramara. Se eu tivesse superado o horror da premonição e atravessado aquela maldita ponte, teria sido capaz de travar esta calamidade? Agora, talvez estivesse nos braços de Lysander a comemorar a derrota de Halvard... Não! Estaria era a chorar a morte da minha águia e a ruína da Terra!

«Perdoa-me, menina-feiticeira! Não te posso salvar...»

Salvação. Redenção. Paz. Amor. Família. Felicidade... Tantas palavras apagadas do meu futuro! Sempre que julgava ter atingido o fundo do poço da agonia, acabava arrebatada por uma nova avalanche de desgraças. Era inútil tentar buscar ânimo na ideia de que as coisas estavam tão mal que não podiam piorar... Podiam sim! E iam piorar! As lágrimas escorreram-me pelo rosto... Quem queria eu enganar? Não obstante o sacrifício dos meus avós, por mais que me empenhasse, só um milagre travaria a profecia. E, mesmo que este se concretizasse, o Filho do Dragão já teria aniquilado todos aqueles que eu amava.

Erebus aguardava-me no salão, pronto para o treino. As suas investidas eram rápidas e letais... Eu conhecia bem a sua braveza! Na primeira vez que me atacara, na floresta de Lyria, o «Criador das Trevas» quase me arrancara a garganta. Só me poupou porque reconheceu o nosso elo no sabor do meu sangue. Hoje, eram os seus dedos lameliformes que eu tinha de temer. As unhas afiadas

como punhais deixaram marcas na coluna dourada onde, há menos de um fôlego, a minha cabeça se detivera. Apesar de a excelência da sua magia me garantir a cura dos ferimentos, não estava disposta a conceder-lhe vantagem.

Ao pôr do Sol, o meu primo despediu-se e Sigarr surgiu, mais sombrio do que nunca. Há muito que não o ouvia gracejar. Aliás, desde que regressáramos do oásis apenas se empenhava no rigor dos treinos, como se disposto a irritar-me com uma frieza polida onde não cabia o esboço de um sorriso. Habituara-me às suas brincadeiras e incitações, por isso ressentia-me desta indiferença inusitada. Mais parecia que a nossa «conciliação» não passara de um devaneio efêmero, arrasado pelo incidente ocorrido na tenda de Narkissus e Gaya.

De início, conformara-me. Porém, não demorara a sublevar-me contra a sua obstinação. A nossa discussão não fora tão grave que legitimasse tamanha mágoa! Começara a provocá-lo com pequenos reptos, ansiosa por despertar o homem que o feiticeiro subjugava. Contudo, fora prontamente repreendida para que me concentrasse nos exercícios. Com a prática, os nossos confrontos tornavam-se longos e ferozes. Eu já previa e contrariava a maior parte dos seus ataques... E tal não era proeza fácil! A essência de Sigarr não se regia por padrões fixos. Inclusive, parecia fazer questão de jamais repetir uma estratégia de ofensiva.

O treino dessa noite afigurava-se bastante duro. Lutámos sem tréguas, rompendo as trevas do salão e extravasando a malignidade das nossas essências. As portas estavam trancadas com magia, para impedir que algum escravo ou guerreiro nos interrompesse e acabasse com as tripas coladas ao teto e os ossos espalhados pelo chão. O feiticeiro atacava. Eu revidava. O feiticeiro reclamava a minha luz. Eu protegia-a... Sentia-me mais intrépida e segura, agora que aprendera como usar a energia cedida pela Árvore da Sabedoria. Não obstante, tentava moderar as investidas para que Sigarr não descobrisse que a minha condição se alterara. O

contributo dos meus avós só resultaria a meu favor, num momento decisivo, se o segredo prevalecesse.

Apesar da minha determinação férrea, a exaltação de um assalto fez-me perder a cabeça. Sigarr esforçava-se por esconder o fulgor negro e escarlata da sua essência, mas empenhei-me com tanto entusiasmo que acabei por divisá-lo. Sem hesitar, acometi qual fera esfomeada, capturei a presa e derrubei-a... Todavia, esse excesso de confiança foi fatal! O feiticeiro ripostou com a rapidez de um raio, prostrou-me e reverteu o fluxo das energias. O seu vômito de magia perversa rasgou caminho até ao esplendor que me animava. E, mal alcançou a minha luz, começou a devorá-la com sofreguidão, lançando-me numa voragem de dor, desalento e horror.

O objetivo de Sigarr era usurpar-me a razão, como fizera na outra noite. Todavia, desta feita, haveria de me humilhar pela pretensão de superar o mestre dos mestres! Pensar que teria de suportar o seu desdém fez-me reagir. Sublevei-me e consegui afastá-lo. O feiticeiro cambaleou, pasmado... E eu estremeci horrorizada, ciente de que traíra a minha resolução.

Sigarr venceu o espanto e tornou a investir. Quedei-me aturdida, avassalada pela sua força. Aprisionou-me debaixo do tronco e prendeu-me os pulsos por cima da cabeça. O olhar celeste devassou-me e, de novo, as garras gélidas da magia maldita entranharam-se na minha carne. Porém, por mais que a bruma me cercasse, a luz que ardia no meu âmago não se apagava. Para extingui-la, o feiticeiro teria de causar danos severos à minha essência... Da mesma forma que, se eu revidasse, provocaria estragos na sua.

Chegáramos a um impasse. A aprendiz subira o último degrau da escadaria do conhecimento e arrostava o mestre com petulância. Sigarr estava chocado com a minha evolução... Lia-o nos seus olhos! No entanto, nada dizia... E eu não conseguia mexer-me. Fixava-o sem piscar e inspirava o calor do seu fôlego, estranhamente consciente do batuque proceloso dos nossos corações. Porque não me insurgia e o repelia? Pior... Porque dava por mim a apreciar o

vigor ardente do corpo colado ao meu, à medida que as essências retrocediam e voltávamos a ser apenas um homem e uma mulher?

«Lysander! Lysander...», fremia a minha mente, em agonia. Porém, a resposta do príncipe era implacável: «*Maldita sejas! Devia matar-te!*» E, de súbito, outra voz ansiosa brotava do caos das minhas recordações: «*Acreditas que o coração de um homem pode mudar?*»

— Sigarr... — murmurei, rouca e trémula. Então, ele afastou-se com um gemido lancinante, como se lhe tivesse cravado um punhal no peito. Estendi a mão para tocar-lhe... E recolhi-a, tão rápido quanto o discernimento me permitiu. Com mil ratazanas carbonizadas, perdera o juízo?

— Quando foi que te encontraste com o príncipe da Gente Bela?

Franzi a testa, atordoada não só com a questão, mas, principalmente, pela rispidez com que fora feita. Sigarr erguia-se num rompante como se profundamente ofendido. Levantei-me também e refutei, com uma inocência pasmada:

— Não vejo Lysander desde aquele dia no Império...

— Mentos! — atalhou acusador, com os olhos a faiscarem. — Eu senti o cheiro da Floresta de Lyria na tua essência! E a tua aura está diferente... A tua luz não se consome como outrora! Vais continuar a negar que Lysander te está a ceder a sua energia?

Então era isso! Enchi o peito de ar e empinei o nariz, contraditando:

— A mudança na minha essência não é obra de Lysander.

— E quem, além dele, te influenciaria dessa maneira?

— Devias dar-te por satisfeito porque estou mais forte — porfiei, sem intenção de ceder.

Quase gritei quando o feiticeiro arremeteu e me agarrou nos ombros, retrucando abespinhado:

— Queres que me alegre por descobrir que andas a urdir nas minhas costas? Nós temos um acordo, Kelda!

A sua prepotência irritou-me. Recearia que eu o abandonasse à mercê da sanha de Halvard, agora que aprendera tudo o que tinha

para me ensinar? Afrontei-o e volvi, pertinaz:

— Só tenho uma palavra, Sigarr... O nosso acordo será cumprido! Não te preocupes que não permitirei que a tua Visão se concretize.

— Que se dane a Visão! — altercou, exaltado. — Exijo saber o que se está a passar contigo!

— Não tens nada a ver com isso! — rugi, empurrando-o. E precipitei-me para a porta, quebrando as trancas místicas. Contudo, os dedos do feiticeiro fecharam-se no meu braço, obrigando-me a encará-lo, enquanto trincava, ofegante e minaz:

— Não me vires as costas, fedelha insolente! Tenho sido muito paciente contigo... Paciente até de mais! Fiz tudo para que te sentisses bem, dei-te o que me pediste... E tu tratas-me como se mais não fosse do que um criado à tua disposição!

— Isso não é verdade! — contestei indignada, com uma miríade de emoções incompatíveis a destroçarem-me a razão. — Afinal, o que é que queres de mim, Sigarr?

A pergunta foi um simples desabafo; a expressão do alvoroço que me perturbava. Porém, diante das labaredas que se exaltavam no seu olhar, inferi que cometera um erro fatal.

Em menos de nada, o mestre da Arte Obscura esmagava-me contra o peito... E a sua boca capturava a minha com uma sofreguidão ardente! Não correspondi... Todavia, estava de tal forma abismada que também não fui capaz de recuar. Então, o abraço constritor de Sigarr suavizou-se. Os seus dedos afagaram-me as costas, ampararam-me a nuca e enterraram-se nos meus cabelos, ao mesmo tempo que os lábios deixavam de premer e começavam a deslizar, a sorver...

— Não... — arquejei, reunindo alento para me apartar. Bati contra uma coluna e agradei o apoio, pois tremia tanto que mal me aguentava em pé. O meu coração era um tambor de guerra e, por instantes, julguei que ia sufocar. Levei as mãos ao peito e sacudi a cabeça, com as faces prestes a explodir... «Isto» não acabara de acontecer!

Sigarr não tentou capturar-me. Fechara os olhos e arfava como se tivesse corrido até ao fim do mundo e regressado. Tocou nos lábios e esboçou um sorriso que nada tinha de sarcástico. Estava... deliciado! Quando começou a abrir os olhos, desejei que o chão me engolisse. Tinha de dizer alguma coisa que mitigasse a minha vergonha.

— Atreve-te a tocar-me outra vez... e não será Halvard quem te matará!

A ameaça soou débil e ridícula até para os meus ouvidos. Porém, era o melhor que podia fazer em defesa da minha honra! O olhar celeste trespassou-me, fulgurante de desejo. E o sorriso másculo alargou-se, ao indagar num tom brando que parecia carregado de ternura:

— Serias capaz de me prostrar, Kelda?

— Sem hesitação nem remorso! — volvi, com uma rapidez despida de convicção.

— Mentirosa! — revidou, esticando o braço para me acariciar a face, com uma lentidão que me permitiria fugir se assim o desejasse.

Foi o que fiz.

Se já mal conseguia dormir, agora, o repouso da mente tornara-se impossível. Sigarr beijara-me! Após esta noite, não havia como ignorar ou distorcer os factos: o mestre da Arte Obscura estava mesmo disposto a seduzir-me!

Porque não ficara quieta? Porque não retribuía a indiferença com que, ultimamente, ele me tratava, ao invés de me esforçar por debelá-la? Para que fora incendiar o seu ânimo? Durante algum tempo, convencera-me de que as provocações lascivas do feiticeiro tinham o mero objetivo de me confundir, intimidar e enfurecer.. Que se divertia a deixar-me constrangida! Afinal, o que é que podia desejar de alguém como eu? Além da história que nos separava, também possuíamos ideais e desígnios antagónicos. Éramos totalmente incompatíveis!

Como lidar com este problema? Menosprezá-lo não era opção, mas também não podia pôr fim à nossa aliança. Restava-me orar para que Sigarr se aquietasse, ou seria forçada a confrontá-lo com dureza, a fim de clarificar as nossas posições. Para já, o melhor era tratá-lo com frieza, de modo a que não subsistissem dúvidas quanto ao meu agravo.

Sem pregar olho, dirigi-me ao salão para treinar com Erebus. Quando Sigarr chegasse, fingiria que nada acontecera e trataria de manter as devidas distâncias. Contudo, a minha firmeza esvaiu-se ao deparar com o feiticeiro. Estava a banhar-se no tanque, recostado sobre a pedra verde, em tronco nu e com os cabelos atados. A água cristalina da cascata escorria-lhe pela pele, ao mesmo tempo que a luz que atravessava as portadas o envolvia numa auréola cintilante.

Já reparara que Sigarr estava mais robusto... Afinal, desde que começara a adestrar-me, passava os dias a exercitar-se e comia como uma besta. Todavia, nesse instante, toda a sua masculinidade pareceu emergir para me deslumbrar. Fixei a cicatriz no seu ventre, resultante do nosso confronto, e dei por mim a engolir em seco. Queria desviar o rosto e não conseguia! Com mil ratazanas atolambadas, o que é que se passava comigo? Se a minha mente não fosse imune aos encantamentos, juraria que estava sob o efeito de um feitiço funesto!

— Estás atrasada — censurou com aspereza.

Sacudi a cabeça, tentando recuperar a compostura, enquanto ripostava:

— Onde está Erebus?

— Hoje treinarás comigo — volveu sem mais justificações, saltando sobre as pedras até deixar o tanque. Movia-se como um leopardo-das-neves: ágil, elegante... letal. Isto era uma armadilha! O instinto ordenava-me que fugisse sem olhar para trás. Porém, ao fazê-lo, estaria a admitir que ele não me era indiferente... E de forma alguma lhe daria tal satisfação!

— Ainda estás zangada?

Rangi os dentes e aguardei que vestisse a túnica. Todavia, limitou-se a empunhar a espada. As suas calças ensopavam o chão e colavam-se ao corpo como uma segunda pele, pouco deixando à imaginação. Empinei o nariz e refutei, decidida a matar a conversa:

— Não tenho motivos para tal.

Assim, não teria coragem de enunciar...

— Eu roubei-te um beijo, Kelda! E tive a sensação de que ficaste, digamos... amuada.

Grandessíssimo facínora! Era óbvio que não tencionava dar-me tréguas!

— Isso foi uma tolice sem importância — ripostei com prodigiosa algidez, não obstante o tremor que me percorria.

— Deveras? — objetou com um sorriso trocista, avançando ao meu encontro. — Pois eu discordo. Acho que foi sublime! Nem sabes o que perdeste por não corresponderes...

— Sei o que perderia se tivesse correspondido — atalhei secamente. — Podemos começar o treino? Detesto perder tempo com disparates...

A voz falhou-me quando Sigarr aprisionou o meu olhar. Sofreei o pânico que me coagia a debandar. O meu punho já se cerrava, pronto para lhe desferir um soco se ousasse nova façanha. A bem ou a mal, este destempero tinha de acabar! Engoli em seco quando se inclinou. Sem me tocar, murmurou-me ao ouvido:

— Sabes o que penso, Kelda? Não retribuístes porque ficaste com medo de gostar... E de seres incapaz de parar!

Pulei para trás, transtornada com a proximidade. Apetecia-me bradar de raiva perante o seu olhar triunfante. Desembainhei a espada e rugi:

— És mesmo intragável!

— Também posso ser encantador — revidou zombeteiro. — É só quererem...

Pressionei a ponta da lâmina contra a sua garganta, retrucando:

— Basta, Sigarr! Não sei o que esperas ganhar...

— Não sabes? — desafiou, sustentando o sorriso enquanto erguia a arma para afastar a minha. — Um dia, explico-te... Agora, tenho outras prioridades. Queres ir visitar o teu pai?

Estaquei como se fulminada por um relâmpago, antes de reunir alento para titubear:

— Estás a falar a sério?

— Com certeza. Tenho assuntos a tratar com Narkissus e também quero falar com Edwin.

Provavelmente esta seria a última oportunidade de conversar com o meu pai, antes de Halvard regressar e desgraçar de vez a minha já miserável existência. Então, Sigarr arrasou com o meu entusiasmo ao acrescentar:

— Porém, se desejas essa recompensa, terás de conquistá-la!

— O quê? — quase gritei, exasperada.

— Recordas-te do nosso confronto no campo de treinos? — prosseguiu, levando a mão à cicatriz que lhe marcava o ventre. — Nesse dia, acusaste-me de fazer batota... Pois, hoje, dar-te-ei o ensejo de provares que és melhor guerreira do que eu! Lutaremos sem o auxílio da magia. Supera-me e terás o prémio devido. Contudo, se eu ganhar, serás tu a gratificar-me.

Senti-me gelar e arder em simultâneo. Infame! Celerado! Que raio de aleivoso jogava com o amor de uma filha pelo pai?

— O que foi? — interpelou, mordaz. — Não confias na tua destreza?

— Quero saber o que está em causa — resmoneei. — O que me irás exigir se venceres?

Sigarr disfarçou uma gargalhada. Decerto congeminara este ardil para me obrigar a revelar a origem da luz que revitalizava a minha essência. Deixou o tempo passar, como se a minha ira o deleitasse. Quando já mal me continha de lhe esgatanhar as faces, dignou-se a responder:

— Nada de transcendente, dedicada aprendiz... Se eu ganhar a disputa, dar-me-ás o beijo que me recusaste. Um simples beijo... Temos acordo?

Este era um duelo que eu não podia perder! Primeiro, porque desejava ardentemente ver o meu pai. Depois, porque nem concebia a possibilidade de ter de me sujeitar aos caprichos deste energúmeno. Sigarr endoidecera! Tantas artimanhas e enleios por causa de um beijo! Como se quisesse provar que eu era, efetivamente, o alvo do seu desejo... Inadmissível! Nem no mais perverso desvario seria possível conceber tal cenário!

A minha espada afrontou a espada do feiticeiro, até o suor banhar-me a testa. Enquanto me inclinava para evitar a sua lâmina, recordei as histórias que a minha mãe contava, sobre como Sigarr costumava acompanhar o avô Throst e o seu primo Gunnulf, durante as batalhas de conquista, antes da celebração do Tratado que unira Viquingues e Aliados. O mestre da Arte Obscura suscitara o terror dos seus inimigos, não só por causa das habilidades místicas, mas também devido à fereza com que manejava as armas. E eu devia fazer-lhe justiça! Ele era, realmente, um guerreiro de excelência.

— Então, Kelda? — acirrou. — Não consegues fazer melhor? Será que desejas perder...?

A provocação terminou com um berro de dor. Enquanto ele desdenhava, superei as suas defesas e despedacei-lhe o nariz com uma cotovelada.

— Assim está melhor? — escarnei, pulando para fora do seu alcance. Fiquei a vê-lo limpar o sangue que escorria sobre os lábios, questionando-me se ousaria evocar a magia para estancá-lo. Tal quebraria as regras do duelo e, de imediato, eu reivindicaria vitória. Porém, limitou-se a mirar-me com o sorriso zombeteiro que me estracinhava os nervos. Distendeu os dedos sobre o punho da espada para aliviar a tensão e tornou a investir.

O combate foi duro e rápido. Sigarr era tão ágil quanto eu e muito mais robusto. Encurralou-me junto ao tanque e obrigou-me a trepar pela rocha, até ao cimo da cascata. O fluxo da água tornava a pedra escorregadia e era difícil apoiar os pés. Os olhos do feiticeiro relampeavam e o seu sorriso alargava-se ao verificar-me em apuros. No entanto, não voltou a distrair-se com motejos. Vi a sua lâmina

rasgar o ar ao encontro dos meus joelhos... Já estava tão desequilibrada que saltei para dentro do tanque. E essa decisão revelou-se um erro fatal.

Sigarr lançou-se atrás de mim e puxou-me para a parte mais profunda do tanque. O esforço de manter-me à tona fez com que se tornasse impossível manejar a arma. E ele não teve pejo em torcer as nossas lâminas e arrancá-la da minha mão. Depois, caiu-me em cima e impôs-me um mergulho. Através da cortina turbulenta de água, ainda vislumbrei a minha espada tombada no fundo. Estrebuchei com veemência para escapar dos seus braços. Todavia, o feiticeiro empurrou-me contra a pedra e não me deixou emergir.

A necessidade de respirar atormentava-me, mas não me dispunha a render. Continuei a debater-me, cruzando as pernas na derradeira tentativa de prostrá-lo. Contudo, Sigarr adversou o meu ímpeto e arrastou-me para o fundo. A custo, admiti que, nestas condições, jamais lhe causaria dano. E concentrei-me exclusivamente em contrariar o aperto dos seus dedos. Precisava de ar... Precisava desesperadamente de ar ou não tardaria a perder os sentidos! Porém, quanto mais lutava para subir, mais o feiticeiro me imobilizava. Fixei o seu olhar e diluí-me no azul-celeste. A água turvava-se. A claridade desvanecia-se. O meu alento esgotava-se...

«*Sigarr...*», dei por mim a soluçar com a voz da mente. E ele respondeu:

«*Sim, minha guerreira...*»

Num ápice, carregou-me para a superfície e içou-me para fora do tanque. Tossi e arquejei, sôfrega e dolorosamente. O feiticeiro concedeu-me espaço para me recompor. A minha cabeça latejava... Não me declararia vencida! Ainda não estava derrotada! Quis rebolar para longe... Porém, ele adivinhou-me a intenção e subjugou-me sob o seu corpo, prendendo-me os pulsos. No entanto, só parei de escabujar quando senti a picada da sua espada nas costelas.

— Chega, Kelda! — ordenou com ardor. — Não quero ferir-te!

Soltei um grito irado, mas acabei por me resignar. De imediato, fiquei livre da ameaça da lâmina. Afastei-o com um repelão e rodei

sobre mim própria, lutando contra as lágrimas de raiva e frustração. Perdera! Já não ia visitar o meu pai... E ainda seria obrigada a sujeitar-me aos caprichos do meu verdugo! Com mil ratazanas furibundas, porque não ficara no tanque até perder a consciência? O feiticeiro não permitiria que me afogasse! E, quando despertasse, talvez ele já se tivesse esquecido da sua desconchavada e malpropícia exigência.

Comecei a levantar-me, com o orgulho em farrapos. Sigarr estendeu a mão para me ajudar, mas ignorei-o. Então, ripostou como se quisesse apaziguar o constrangimento que me corroía:

— Não te repreendas. O teu desempenho foi excelente.

— Mas não suficiente... — mordeu entredentes.

— Esqueces que tenho a vantagem de uma centena de anos de prática?

— Isso não justifica nada — objetei, incapaz de encará-lo. — Estou convicta de que te teria vencido naquela tarde... Não entendo por que não consegui fazê-lo agora.

— Queres que te explique? — rebateu, embainhando a sua arma e recorrendo à Arte para recuperar a minha. Aproximou-se devagar, como se receoso de me intimidar, e estendeu-me a espada mágica. Reuni coragem para fitá-lo e aceitei a cortesia. Enfim, continuou: — Quando me enfrentaste no campo de treinos, tinhas a morte no olhar. Esqueceste tudo, inclusive o acordo que estabelecêramos. Só pensavas no prazer que sentirias em prostrar-me! Movia-te o ódio e a fome de vingança contra um homem que acreditavas ser a fonte de todos os teus males...

Voltei a desviar o rosto, enrubescendo ao adivinhar o desfecho da sua conclusão.

— Hoje, não vi morte no teu olhar. Tu querias vencer, Kelda, mas sem derramares o meu sangue... Isso prova que não foi só o meu coração que mudou! — Fez uma pausa, apreciando o efeito que essas palavras tinham sobre mim. Continuei com os olhos presos no chão e rangi os dentes, ao ouvi-lo acrescentar: — Agora, não te esqueças de que tens uma dívida para saldar!

Praguejei mentalmente, apertando os punhos até as unhas se enterrarem na carne. O meu coração batia tão descompassado que doía... Que um raio me trucidasse e assasse viva! O melhor era acabar de vez com este martírio!

Num impulso, avancei e pus-me nas pontas dos pés para lhe alcançar os lábios, tentando equilibrar-me sem lhe tocar. Senti-os quentes, húmidos, trémulos... A sua respiração alterou-se e temi que me agarrasse. Porém, Sigarr não se mexeu! Nem sequer correspondeu! Dei um passo atrás, com as faces a arder. E o assombro suplantou-me quando indagou roucamente:

— Porque é que me beijaste, Kelda?

— Como? — ripostei, soprando o ar, enxovalhada. — Não acabaste de me cobrar...?

— Não! — revidou, torcendo um sorriso triunfante. — Só disse que não devias esquecer-te da tua obrigação. Dar-me-ás o beijo que me deves quando eu to solicitar; não quando te apetecer!

A fúria sobrepôs-se à vergonha, tamanho o choque. O facínora divertia-se a humilhar-me!

— Grandessíssimo miserável! — bradei. E acometi com a mão aberta para lhe dar uma bofetada. Porém, Sigarr esquivou-se e agarrou-me o braço. Torceu-o e aprisionou as minhas costas contra o seu peito, retrucando:

— Não me provoques, rapariga desassissada!

Tentei esmurrá-lo e arrancar-lhe os cabelos, enquanto esperneava e fremia iracunda:

— Vais pagar por esta afronta!

— Afronta? Tu é que estavas tão ansiosa por me beijar que nem pudeste esperar...

— Aleivoso! Abominável! Odeio-te! Odeio-te...

Sigarr riu junto do meu ouvido, num tom jovial e deliciado:

— Não, não me odeias! Agora tenho a certeza de que já não me odeias!

— Juro que vou arrancar-te os olhos!

— És tão melindrosa, Kelda! Uma mestra da Arte Obscura não pode levar tudo tão a sério!

— Solta-me imediatamente...

E o arteiro libertou-me. Virei-me para confrontá-lo e ele recuou, com os braços levantados como se a pedir tréguas. Assumiu um ar grave e sou sincero ao enunciar:

— Desculpa se te ofendi! Não era a minha intenção.

— E qual era a tua intenção? — rugi, ultrajada.

— Irritar-te, para ver esses olhos lindos a soltarem labaredas! — ripostou. E esboçou um gesto apaziguador. — Acalma-te! Edwin pensará que te molestei se lhe apareceres nesse estado!

Estaquei, atónita. E, perante a minha ansiedade, Sigarr tornou a sorrir e volveu:

— Sim, Kelda! Achas que seria capaz de te privar da alegria de conversares com o teu pai por conta de uma tolice? Além disso, não posso dispensar a escolta de uma guerreira tão hábil...

— Estás outra vez a troçar de mim!

— Não, criatura daninha... Estou a dizer que te entranhaste de tal forma na minha pele que me custa dar um passo sem ti!

CAPÍTULO 5

Sigarr... Mestre da perversidade. Mestre das dissimulações. Mestre da sedução.

Quem era o homem que cavalgava à minha frente? Um guerreiro alto e robusto, com todos os músculos desenhados nos ombros e nos braços expostos pelo colete de pele e com os cabelos soltos ao vento, irradiando um brilho que ofuscava o olhar... Não o reconhecia! Assim como não reconhecia o feiticeiro, cuja aura cintilante espargia calor. O mestre da Arte Obscura ainda habitava aquele corpo... Porém, por vezes, adormecia! Era então que o jovem do Povo do Ar, de quem Íris me falara com tanta indulgência e até alguma amizade, emergia. Sim, jovem... Porque, se Sigarr nunca tivesse deixado a Ilha Sagrada, teria a mesma aparência que exibia ao meu olhar, sem necessitar de matar inocentes na Terra para conservar a juventude.

«Acreditas que o coração de um homem pode mudar?»

Por vezes, receava estar a ensandecer... Todavia, a verdade podia soar iníqua, ascorosa, até atroz, mas não deixava de ser «verdade». Por mais que me custasse, era «verdade» que, em algum momento desta queda no abismo em que a minha vida se transformara, eu começara a apreciar a companhia de Sigarr. Até, devia admitir, achava graça à sua malícia! Como há pouco... Sentira-me afrontada com a sua «brincadeira»; capaz de lhe partir os dentes e furar os olhos. Contudo, agora que a ira arrefecera, quase desatava a rir perante o ardil que engendrara para me roubar outro beijo... Não! Raios! Não podia tolerar tal situação! E, muito menos, sentir-me lisonjeada com as «atenções» do feiticeiro! A exibição desta nova face mais não era do que uma armadilha para me distrair da sua iniquidade. Bem que o meu pai me avisara...

— É Lyria, não é?

Quase caí do cavalo, tamanho o sobressalto. Sigarr detivera-se e mirava-me, com uma expressão sóbria e um fulgor estranho no olhar.

— O... O quê? — titubeei.

— Se não é Lysander quem está a alimentar a tua essência, tem de ser Lyria — refletiu num tom grave. — O príncipe precisa da magia para combater, mas a rainha pode prescindir da dela...

— Não sei do que estás a falar! — cortei secamente, tentando passar.

— Apoio a tua iniciativa de angariares vantagem, Kelda — ripostou, segurando-me o braço. — Até agradecerei a Lyria, se foi realmente a sua luz que, nos últimos tempos, te ajudou a suportar a atração das trevas. Porém, chegou a altura de te libertares da sua influência! Se eu percebi que a tua aura está diferente, Halvard também enxergará...

— Halvard não está aqui — objetei com rispidez, sacudindo-o e forçando o cavalo a andar. — Além disso, o meu treino não terminou. Só depois de cumprir o ritual de sangue dominarei a Arte Obscura e estarei apta a enfrentar o Filho do Dragão. Já agora, quando pretendes iniciar-me?

Silêncio. Profundo... Preocupante! Sigarr não planeava trair o nosso acordo, pois não? Virei-me para arrostá-lo, com a testa vincada por uma ruga de exaspero. Então, ele retomou a marcha e colocou-se ao meu lado, rebatendo numa voz estranhamente controlada:

— Antes, devo ensinar-te as capacidades que advêm do treino específico que dei a Halvard.

— E quando...?

— Em breve. Para de questionar o mestre!

— Não teria de fazê-lo se o mestre não fosse tão esquivo e manhoso.

— Estás a esquecer-te de acrescentar «encantador»!

— Manipulador, embusteiro, dissimulado...

— Escondes a origem da tua luz e eu é que sou dissimulado?

— Por acaso tu contas-me tudo...?

— Sim, se for relevante para a tua missão. Não se manda um guerreiro para a frente de batalha com os olhos vendados.

— Mentiroso! Nem sequer me falaste sobre a Noite Branca...

— Deveras? Se calhar achei que o prodigioso mestre Lysander já te teria elucidado!

O seu sarcasmo fez-me soltar um rosnado. Sigarr deteve o meu protesto e volveu:

— É óbvio que ia contar-te sobre a Noite Branca! Apenas tencionava fazê-lo mais tarde, para te poupar à angústia de remoeres o assunto antes do devido tempo. Mas se Edwin se antecipou...

— O meu pai disse que os pormenores do ritual eram altamente secretos — introduzi, tentando soltar-lhe a língua. E ele condescendeu, esclarecendo solicitamente:

— Do exclusivo conhecimento de Celsus.

— O Mestre Supremo partilhou-os contigo para que pudesses realizar a profecia?

— Crês que o meu poder de persuasão é assim tão magistral? — contrapôs com uma risada. — Está-se mesmo a ver: o pretensioso Celsus a confiar-me os seus segredos! Não, Kelda... A Ordem do Dragão foi criada para debelar a vontade do Guardiã da Montanha; não para cumpri-la. Logo, nem os responsáveis pelas Lágrimas do Sol e da Lua tinham acesso a todas as regras que condicionam a profecia. Era... uma questão de segurança! Porém, mal decidi apossar-me do Conhecimento Absoluto, dediquei-me inteiramente a deslindar a predição. Como Celsus era um estorvo, tive de lhe usurpar as informações que me faltavam para a solução do enigma.

— Usurpar? — indaguei, a arder de curiosidade. — Como?

O feiticeiro voltou a sorrir, incapaz de disfarçar a soberba ao expor:

— A Lágrima da Lua domina a energia dos sonhos... E Celsus é um homem de sonos atribulados! Foi fácil conjugar o poder do cristal com as minhas recém-descobertas aptidões na Arte Obscura. Enquanto Celsus dormia, invadi-lhe a mente...

— E ele não se apercebeu de nada? — perguntei, abismada.

Desta feita, o riso de Sigarr soou amargo:

— Como achas que o meu «apetite» pela magia negra se tornou público? Celsus não precisou que ninguém testemunhasse contra mim para me julgar e condenar. Ainda tinha as marcas da minha energia cravadas na essência quando me expulsou da Ilha Sagrada.

Eu estava sem fôlego, suspensa nas suas palavras. Conhecer um pedaço do passado sombrio de Sigarr fazia-me desejar que ele desvendasse muito mais. Contudo, a razão ditava que me concentrasse nas questões que determinavam o meu futuro, por isso requeri:

— Fala-me sobre as regras da profecia... Se souber o que vou enfrentar, talvez consiga sabotar os passos de Halvard.

— Não me parece que essa seja a solução, Kelda — contraditou.
— O que tenho para te dizer é do conhecimento do teu irmão.

Pouco havia a aditar àquilo que o meu pai enunciara. Contudo, enquanto Sigarr explanava, as suas palavras plantavam imagens na minha mente. Vi Halvard na Ilha dos Sonhos, no interior da gruta onde eu salvara Oriana da brutalidade de Korn. Os seus pés assentavam num Altar do Mundo: a laje carregada de símbolos antigos que eu fora incapaz de decifrar. Sobre a sua cabeça, a enorme abertura que revelava o céu estava preenchida pela forma brilhante da Lua Cheia. E as energias fenomenais que dimanavam da Noite Branca escorriam sobre o corpo do meu irmão gémeo, dando vida às suas marcas de nascença... Ao seu lado estavam Deimos e Erebus, cientes das suas funções. Seria a magia de Deimos que protegeria o Filho do Dragão dos inimigos, no tempo em que este se quedaria vulnerável. E seriam as mãos de Erebus que sustentariam as Lágrimas do Sol e da Lua... «*Um decisor deve decidir!*» Decidir se a profecia se efetivava ou não, pois também seriam os seus lábios que pronunciariam o sortilégio fatal.

Todavia, não era o silvo de Erebus que estridulava através da gruta! Sustive o fôlego, arrepiada com o eco da minha voz. A imensidão arenosa do deserto desaparecera. À minha frente estava uma Lua gigantesca que, aos poucos, se tingia de negro, devorada pelas energias malignas que governavam a noite. Olhei em redor,

assolada pelo pânico. O instinto garantia-me que era eu quem me encontrava sobre o Altar do Mundo. Porém, tudo estava difuso, envolto numa cortina de névoa. Apenas me apercebi de um corpo prostrado aos meus pés... O cadáver destroçado de uma mulher!

Cambaleei, fulminada pelo horror. Na escuridão sólida do céu, a energia das trevas acabara de engolir a Lua. Tudo o que restava da sua cintilação era um arco de fogo que espargia labaredas. Então, uma chama acendeu-se no coração negro da Senhora da Noite. Foi crescendo sob o meu olhar aterrorizado, até assumir a forma colossal de um ser retirado do mais abominável pesadelo. Tentei gritar, mas estava muda. Quis fugir, mas descobri-me paralisada. A profecia concretizara-se! O Dragão do Conhecimento renascia para impor a sua maldição à Terra...

— Kelda! Kelda... Desperta, Kelda! Por favor!

O apelo aflito de Sigarr trouxe-me de volta à realidade. Abri os olhos e vi o seu rosto a pairar sobre o meu, com o céu azul do deserto por cima das nossas cabeças. A estranheza assolou-me ao tomar consciência de que estava deitada na areia... E de que o feiticeiro acabara de me ceder a sua energia curativa! Eu caíra do cavalo!? De súbito, a minha memória restaurou-se... E comecei a tremer sem controlo ao lembrar-me do desvario que a mente me impusera. Desta feita, não havia como inventar pretextos para me abster de enfrentar a realidade. Não tivera um delíquio, nem um delírio... Tivera uma premonição! Uma Visão horrenda daquele que podia ser o meu futuro!

Sigarr insistia, apreensivo. O meu coração acelerou ainda mais ao verificar que as suas mãos estavam sujas de sangue. De repente, senti a humidade na pele e um sabor metálico a invadir-me os lábios. Estava a sangrar do nariz! Mas não devido à queda... A comoção que sofrera suplantara a minha fragilidade humana. Por isso ele me acordara.

— Estou bem — repliquei, tentando disfarçar a agonia. — Acho que foi o calor...

— Não te atrevas a mentir-me — interrompeu pertinaz. — Posso ser incapaz de perscrutar a tua mente, mas sei reconhecer o transtorno causado por uma Visão. O que é que te foi revelado para te provocar tamanho abalo?

Lutei para me recompor e escapar ao fulgor premente do seu olhar. Todavia, o seu calor entranhava-se em mim, deixando-me plenamente consciente do aconchego do seu peito, da força protetora dos seus braços... E esse conforto nada tinha a ver com a energia curativa que me oferecia! Era totalmente físico... E sabia-me bem! Tão bem!

— Kelda... — tornou a insistir, muito mais brando. — Conta-me...

Pela primeira vez, fui acometida pelo impulso de confiar no mestre da Arte Obscura. Engoli em seco e aquiesci, tartamudeando por entre fôlegos entrecortados:

— A Visão mostrou-me a Noite Branca... Uma Lua coberta de trevas e circundada por fogo, com um enorme dragão a emergir do seu interior... E uma mulher sacrificada! Achas...? Achas que posso ser eu essa mulher?

A expressão de Sigarr foi-se crispando e o olhar escurecendo. Estreitou-me como se desejasse resguardar-me de todo o mal... E o espanto sobrepujou-me quando estremeceu, asseverando numa voz tomada por uma emoção quase selvagem:

— Não tenhas medo, Kelda... Juro pelo ardor da minha magia que arrancarei a Lua do céu e a esmagarei debaixo dos pés, antes de admitir que o teu sangue seja derramado nesse ritual.

Solucei sem querer. De repente, os meus olhos ficaram alagados de lágrimas, os dentes tiniam e os braços cerravam-se em redor do tronco dele. Num ápice, a minha armadura de frieza derretera e chorava sem controlo, rendida à ternura daquele que fora o meu maior inimigo. Sigarr embalava-me e beijava-me os cabelos... Pacientemente, aguardou que me tranquilizasse. Sem recriminações. Sem exigências.

Após beber água, senti-me suficientemente restabelecida para retomar a caminhada para o oásis. Montámos em silêncio, como se receosos de que uma simples palavra pudesse arruinar a recordação da harmonia que vivêramos. Sem dúvida, o pranto deixara o meu coração mais leve... Porém, à medida que os cavalos avançavam sobre as dunas, os receios e as incertezas voltavam a assombrar-me o espírito, atando nós nas minhas entranhas.

As sombras já venciam a claridade quando avistámos o verde das palmeiras, rompendo a monotonia das montanhas e dos vales de areia. Sigarr impôs um passo mais acelerado às montadas, para impedir que os vendedores nos importunassem. No acampamento, os homens acendiam fogueiras para cozinhar a refeição que as mulheres preparavam. Reparei que a tenda que albergara Farah desaparecera, o que significava que a jovem rainha respeitara as indicações do feiticeiro e rumara a outras paragens. Para seu bem, esperava que as nossas histórias não voltassem a entrecruzar-se! Depois de tudo o que sofrera, Farah merecia desfrutar de uma vida sem sobressaltos, enquanto educava o futuro rei da Terra das Montanhas de Areia.

Mal entrámos na floresta de palmeiras, fui fustigada pela lembrança do guerreiro misterioso. Será que, também hoje, me estaria a observar? Tive de me refrear para não olhar em volta, receosa de despertar a desconfiança de Sigarr. Após o incidente no deserto, já só queria ver o meu pai e esquecer os enigmas que perturbavam a minha existência.

Atento ao constrangimento que eu vivera na tenda de Narkissus e Gaya, Sigarr conduziu-me a uma entrada lateral, evitando o reboiço do ofício que sustentava os feiticeiros. Curiosamente, os anfitriões aguardavam-nos como se tivessem pressentido a nossa chegada. Narkissus recebeu-nos com um ar afável, beijou-me a mão e apertou o braço de Sigarr. Gaya foi menos comedida. Estreitou-me como se fôssemos velhas amigas e colou os lábios ao meu rosto, numa carícia quente e prolongada. Cumprimentou Sigarr da mesma

forma e trocaram um sorriso cúmplice. Rangi os dentes, mastigando mentalmente que a intimidade deles não me dizia respeito.

Os feiticeiros pareciam determinados em resguardar o meu pudor. Até entrar na alcova do ilustre prisioneiro, nada vislumbrei além de cortinas de seda garrida. Não fora a estridência da música e o furor das gargalhadas que ecoavam por toda a parte, juraria que a gigantesca tenda não passava de um lar sumptuoso.

O meu pai acolheu-me de braços abertos... E com um suspiro de alívio, ao constatar pela energia que a minha essência espargia que ainda não realizara o ritual que me tornaria uma verdadeira mestra da Arte Obscura. Aguardei que Sigarr nos concedesse privacidade, decidida a clarificar o assunto... Contudo, ele acomodou-se e anunciou, sem introdução nem hesitações:

— O pacto com a Guardiã da Lágrima do Sol concretizou-se. Enfim, as cabeças pensantes do vosso povo ganharam siso e decidiram aceitar...

— Tu falaste com a minha mãe? — interrompi, abismada. — E não me disseste nada?

Tive vontade de esbofeteá-lo! Como pudera ocultar-me algo tão importante? Perante a minha indignação, o feiticeiro limitou-se a ripostar:

— Estou a contar-te agora!

— Deixa-o continuar, Kelda — ordenou o meu pai, impedindo-me de recalcitrar.

Forcei-me a escutar, trémula de ansiedade. Após a nossa conversa, Sigarr usara o seu reforçado poder para evocar uma Visão e confrontar a minha mãe com a proposta que Lysander não se dera ao incómodo de ponderar. Agora, a Rainha do Sol recorrera à mesma estratégia para definir os termos do ajuste.

Fiquei a saber que a Ilha dos Penhascos já acertara com o meu irmão a troca do Rei da Lua pelos cristais do Dragão do Conhecimento. Porém, nas costas dele, fora firmado outro acordo: aquando da permuta, Halvard receberia uma Lágrima do Sol falsa, encantada pela Guardiã. Sigarr confirmaria a autenticidade das

gemas e, mal a oportunidade surgisse, usurparia a consciência ao pupilo. Nessa altura, os meus pais poderiam resgatar o filho e levá-lo para a Montanha Sagrada, onde ficaria cativo até a sua essência se regenerar... Se, algum dia, tal viesse a suceder! No fim, o feiticeiro recuperaria a Lágrima da Lua e o meu pai comprometia-se a devolver-lhe o poder de Guardiã. Erebus auferiria de um indulto... No entanto, eu estava proibida de regressar aos territórios abrangidos pelo Tratado da Aliança.

— O futuro rei da Gente Bela mantém-se inflexível nesse ponto — concluiu Sigarr gravemente.

— Lamento, filha — compungiu-se o meu pai. — Mal tudo se resolva, procurarei Lysander para esclarecer...

— Não — rugi vexada. — A imposição de Lysander não me molesta. O mundo é muito grande...

— Permitam-me interferir — apelou o feiticeiro, buscando o meu olhar. — Estou certo de que essa tolice só é condição da negociação para não afrontar a vontade do príncipe neste momento tão delicado. Após tudo terminado, não acredito que a tua família sustente o teu degredo, Kelda.

— Sigarr tem razão — corroborou o meu pai. — Lysander pode proibir-te de entrar nos seus domínios, mas não pode afastar-te do teu berço... Tu és filha da Montanha Sagrada!

— Além disso, tens a possibilidade de apelar à rainha Lyria — ajuntou o mestre da Arte Obscura, numa voz carregada de insinuação. Estava mesmo convicto de que era a magia da soberana da Gente Bela que alimentava a minha essência!

— Não apelarei a ninguém — revidei. — Nem pretendo perder mais tempo com esse assunto.

A minha firmeza resignou-os. Retomaram a conversa e eu concentrei-me em lamber as feridas. Como podia Lysander tratar-me com tamanho vilipêndio? E que mais seria de esperar? O seu desprezo não devia chocar-me! Afinal, não me cuspira na cara que desejava a minha morte? Lembrei-me de que Pequena me aconselhara a afastá-lo do pensamento... Sim! Não descansaria

enquanto não extinguisse a chama que o intolerante acendera no meu coração.

Sigarr e o meu pai continuavam a trocar impressões. O mestre da Arte Obscura tencionava matar Deimos, para se vingar da sua traição. Questionei-o sobre o que levava o rei do Povo do Fogo a erguer as garras contra mim, na noite em que me prendera nos calabouços e quase me esquartejara. E o feiticeiro não se opôs a elucidar-me:

— Deimos anseia que Halvard se torne Filho do Dragão. Ao elegê-lo *protetor*, prometi-lhe que, no fim da guerra, o seu povo sairia do exílio e voltaria a caminhar livremente pela Terra. Ingimar sabe que ele fará tudo para obter essa recompensa. Por isso, convenceu-o de que tu eras uma ameaça... E Deimos agiu com a certeza de que estava a proteger Halvard. — Fez uma pausa para mastigar a exacerbação, antes de prosseguir: — Sempre fui claro ao dizer que, na minha ausência, a vontade de Erebus é lei. Ora, nessa noite, Deimos não só desobedeceu a Erebus como o atacou. Quando nos reencontrámos, após o castigo que lhe impus, declarou que a sua lealdade é para com Halvard e que não tornará a obedecer-me... Ele é o rei do Povo do Fogo; eu sou um mísero renegado do Povo do Ar. Ficámos esclarecidos.

Mal disfarcei o pasmo. Não fazia a mínima ideia de que esse incidente resultara num golpe tão rude na relação do feiticeiro com o demónio. Entretanto, o meu pai indagou, apoquentado:

— Isso quer dizer que Kelda pode estar em perigo?

— Não — sustentou Sigarr. — Halvard tem Deimos controlado. — Depois, encarou-me e aditou: — O dano que Kelda infligiu a Deimos foi terrível! Não só o privou dos prazeres da cópula, como pôs fim à sua linhagem. Ele ainda não tinha gerado prole... Agora, jamais o fará! E, segundo as regras da sua raça, isso é quanto basta para que qualquer macho se assumia no direito de desafiá-lo para um duelo de soberania.

— Então, o demónio precisa mesmo que Halvard cumpra a profecia e o mantenha sob a sua proteção — deduziu o Rei da Lua. —

Senão, arrisca-se a perder o trono.

— Correto! — assentiu Sigarr. — Kelda ficará segura enquanto desfrutar das boas graças de Halvard, pois Deimos não está em condições de desgostá-lo. Já não se pode dizer o mesmo de mim... Tornei-me dispensável!

— Só estás a colher o que semeaste... mestre!

À réplica irónica do meu pai, seguiu-se a pronta anuência do feiticeiro:

— Tens razão, Edwin... Tens toda a razão!

Vê-los conversar amistosamente era, no mínimo, estranho. Sigarr raptara o meu pai do berço e levava-o para a ilha onde os seres do fogo se encontravam desterrados. Aí, submetera-o à tortura de educá-lo sob os preceitos da magia negra, até ao dia em que a minha mãe o salvou. Todavia, ao observá-los, não era só a sua história que me perturbava. Nunca estivera tão consciente do fosso que dividia os seres de sangue mágico puro dos seres humanos, ainda que de sangue misto. Não obstante ser muito mais velho do que o seu antigo pupilo, o mestre da Arte Obscura parecia uma dezena de anos mais jovem... Então, as minhas cogitações foram interrompidas pelo baque que o meu coração sofreu, ao ouvi-lo comunicar:

— Fui informado de que Halvard chegará em poucos dias. A partir desse momento, impõem-se todos os cuidados para não o contrariar! Ele ficará furioso se não te vir, Edwin... Por isso, deves acompanhar-nos de regresso ao palácio.

— Estou preparado — ripostou o meu pai. E esboçou um gesto na minha direção antes de aditar: — Kelda tem de saber o que se vai passar. Não quero que fique assustada.

— Estás a falar de quê? — inquiri, alarmada. O silêncio que se seguiu deu-me a volta às entranhas. Foi Sigarr quem assumiu a iniciativa de justificar:

— A razão do teu pai terá de ser encerrada. Assim, se Halvard lhe profanar a mente, não achará nada que possa comprometer-nos.

Arregalei os olhos, demasiado chocada para emitir um som. E o feiticeiro continuou:

— A exposição prolongada às correntes de magia negra pode ter esse efeito, por isso o teu irmão não desconfiará de um embuste. Além disso, a inércia de Edwin servirá igualmente para protegê-lo, pois há de dissuadir Halvard da tentação de cometer... alguns excessos.

Soprei o ar, exasperada. Ciente de que era inútil arrazoar com o mestre da Arte Obscura, virei-me para o Rei da Lua e exclamei:

— Não me digas que concordas com tamanha atrocidade!

— É o melhor a fazer, filha! — asseverou, circunspecto. E Sigarr acrescentou:

— Não pretendo apagar-lhe as memórias, Kelda. Estas serão meramente encarceradas, escondidas num recanto da sua mente. — Trocou um olhar com o antigo pupilo, antes de prosseguir: — Há algum tempo que Edwin e eu ponderamos nesta estratégia. Por isso, na última vez que falei com a tua mãe tive o cuidado de avisá-la. E ela admitiu ser uma boa ideia.

— Edwina sabe como reverter o processo — ajuntou o Rei da Lua. — Não te preocupes, Kelda!

— Pedes o impossível — mastiguei, angustiada e inconformada. Como arguir contra esta loucura, quando os dois tinham tudo acertado? Soprei o ar, arrotei Sigarr e demandei: — Quero participar no sortilégio. Só assim terei a certeza de que o meu pai ficará bem.

O mestre da Arte Obscura torceu um sorriso e retrucou, instigador:

— Calculei que assim fosse... Já possuis os conhecimentos necessários para executá-lo, por isso, se Edwin aceitar, também nada tenho a opor.

Engoli em seco, contrafeita. Expectara que Sigarr refutasse a minha intenção, o que me daria um pretexto para reclamar e tentar dissuadir o meu pai. Porém, a sua réplica despojara-me de argumentos. E o Rei da Lua também condescendeu:

— Pensei que desejarias resguardar-te desse transtorno, querida... Mas, se fazes questão, confio a minha sorte nas tuas mãos.

Posto isto, iniciaram um debate sobre a Noite Branca, como se o assunto anterior estivesse rematado. O Rei da Lua chamou a atenção de Sigarr para o quão indispensável era ter um plano de recurso, destinado a travar Halvard na eventualidade de o acordo firmado com a Ilha dos Penhascos falhar. Dei por mim a recordar a Visão que tivera no deserto e as dúvidas dilacerantes com que fora confrontada... Então, o meu coração acelerou ao ouvir o meu pai indagar:

— Já descobriste o significado das tatuagens de Kelda?

Sigarr fixou-me com uma intensidade que me arrepiou. Tive de lutar contra os nervos para manter a compostura quando ripostou:

— Estou cada vez mais convicto de que são outra condicionante da profecia, que Celsus conseguiu ocultar de mim. No dia em que fui buscar Kelda à Ilha Sagrada, ele percebeu que estava a ser enganado relativamente à sua conversão. No entanto, fingiu engolir as minhas lérias e protegeu-a diante do Conselho.

O olhar do meu pai enevoou-se. Quis disfarçar, receoso de me assustar. Todavia, estava muito apreensivo. Atormentada, fixei os desenhos tatuados nos meus pulsos. Decidira não lhe contar sobre a Visão para não afligi-lo, mas ele acabara por tocar no cerne da questão... E se, efetivamente, o ritual exigisse o meu sangue? A resposta era simples: Halvard deveria matar-me para se tornar Filho do Dragão. Teria coragem de o fazer? Outra resposta óbvia! Já por várias vezes ameaçara a minha vida e fora Sigarr quem me salvara. Porém, o feiticeiro também tinha uma maldição a pairar sobre a cabeça... Fui percorrida por um calafrio, ao inferir que o meu futuro se assomava mais tenebroso do que nunca.

Ao ver-me observar os pulsos, Sigarr adivinhou os meus pensamentos. Murmurou o meu nome e segurou-me as mãos, suspirando como se reunisse ânimo para confessar:

— Quando te resgatei a Deimos e me deparei com as tuas tatuagens, fiquei estupefacto ao constatar que carregavas em simultâneo a herança mística da Lágrima do Sol e da Lágrima da Lua. De imediato, ocorreu-me que o teu sangue podia estar ligado ao ritual... Por isso, resolvi reunir-te a Halvard. Ele começava a questionar-me, a desafiar-me... Cedo ou tarde, haveria de se virar contra mim! A influência benéfica que a tua essência exercia sobre a dele assomou-se a solução ideal para lhe controlar os ímpetos. Achei que, se ficasses ao seu lado até ao derradeiro instante, o vosso elo se fortaleceria e ele desistiria de concretizar a profecia.

— Pediste-me ajuda porque pensaste que Halvard seria incapaz de me matar? — rebati, sem conseguir decidir se estava mais indignada ou magoada.

— Sim — admitiu. — Todavia, depressa concluí que o amor que te dedica não o impedirá de perseguir a sua ambição... Terei de ser eu a alterar o destino! Por isso me aliei aos teus pais... Arriscar a tua vida não é opção, Kelda.

Mas fora, em tempos! O que mudara? O seu coração... O modo como me encarava...

«Arrancarei a Lua do céu antes de admitir que o teu sangue seja derramado nesse ritual.»

A respiração do feiticeiro tornara-se ofegosa. Eu devia esmurrar o seu nariz petulante... Ao invés, sentia-me submergir numa estranha comoção sob o afago dos seus dedos. Raios! Nada o obrigara a fazer esta confissão e a expor-se ao meu julgamento! A sua sinceridade era uma prova de que estava mesmo a mudar! O feiticeiro aleivoso, que se dispusera a sacrificar-me para salvar a pele, traíra as suas convicções na noite em que invadira o quarto de Halvard e me resgatara às suas garras. E o facto de, até ao momento, me ter ocultado as suas suspeitas sobre as minhas tatuagens também era irrelevante... Se as tivesse apontado antes, provavelmente eu nem teria acreditado! Sustive a respiração quando declarou solenemente:

— Mais do que nunca, preciso que confies em mim! Se o arдил que acordei com a tua mãe se concretizar, Halvard estará na Montanha

Sagrada quando a Lua surgir no céu, na Noite Branca...

— Tudo isto é consequência da Visão que tiveste, não é? — indaguei, acometida por uma suspeita arrepiante. — Existem mais coisas para além daquelas que me relataste?

— Não — objetou. E fiquei abismada quando puxou pela mão, quebrando o nosso contacto. — Não existe mais nada...

— Estás a mentir! — acusei assanhada. — Não chega já de segredos? Pedes-me que confie em ti... Mas, pelos vistos, és tu quem não confia em mim!

O feiticeiro soprou pelo nariz e torceu um sorriso que tinha tanto de jocoso como de triste, antes de controverter:

— Enganas-te, criatura daninha! Eu confio em ti... Confio em ti como há muito não confiava em alguém! Por isso não posso admitir que te exponhas...

— Eu estou presente na tua Visão? — insisti, pegando na sua mão e apertando-a. O seu sobressalto foi tão esclarecedor que me fez arquejar ao concluir: — É por isso que não me queres contar! Temes influenciar-me e interferir nas minhas decisões!

O nó da sua garganta subiu e desceu. De repente, parecia vulnerável, perdido até. Entrelacei os nossos dedos para lhe mostrar a minha resolução e impedi-lo de recuar. Sigarr ficou hirto... Então, inclinou-se sobre mim, trespassou-me o olhar e redarguiu com um ardor veemente:

— Quantas vezes te afiancei ser impossível contrariar o destino de Halvard? Ainda assim, tu não desististe... E, com o tempo, foste plantando a esperança na minha mente.

A sua perturbação era tão intensa que o fazia estremecer. Quedei-me a fixá-lo, incapaz de reagir. Ao constatar que me tinha suspensa nas suas palavras, enunciou roucamente:

— A minha Visão foi clara em todos os pormenores... Logo, se eu modificar algumas das suas circunstâncias, talvez o desfecho possa ser diferente! Com um pouco de sorte, também conseguirei concertar o futuro de todos nós. Estou disposto a arriscar... Quem

sabe se alguma Entidade divina não reconhecerá o meu esforço e se compadecerá de mim?

Fez uma pausa para recuperar o fôlego... E, num impulso arrebatado, puxou pela minha mão e pousou-a no seu peito, sobre o coração, declarando quase num gemido:

— Eu quero muito viver, Kelda! Porém, se for incapaz de deter o teu irmão, pelo menos hei de exalar o último suspiro com o conforto de saber que fiz tudo o que estava ao meu alcance para preservar a Terra... E para te salvar...

— Kelda já percebeu o teu empenho, Sigarr!

A voz do meu pai ribombou-nos aos ouvidos, qual trovão, fazendo-me saltar de susto. Sem ar, inferi que nos esquecêramos de onde estávamos. A intromissão ríspida do Rei da Lua soara ao rugido de um progenitor zeloso que protege a cria do cerco de um predador. Prontamente, o feiticeiro soltou-me e retrocedeu. Baixei o rosto, sentindo as faces a arder de vergonha. Achei que Sigarr iria recalcitrar, mas parecia demasiado transtornado para fazê-lo. Quedou-se em silêncio e, mais uma vez, foi o meu pai quem resmungou num tom álgido:

— Se não tens mais nada para me dizer, deixa-me a sós com a minha filha.

Perplexa, vi o mestre da Arte Obscura aquiescer. Estava prestes a afastar a cortina da alcova quando o Rei da Lua acrescentou:

— Não te esqueças da promessa que me fizeste!

Desta feita, o feiticeiro arrostou-o, franziu o sobrolho e porfiou quase com rudeza:

— Já te garanti que nunca tive a intenção de dar esse passo...

— Nem esse, nem nenhum! — volveu o meu pai, encrespado. E o meu queixo pendeu ante a violência do seu reparo: — Magoa a minha filha, Sigarr, e, quer seja em corpo ou em espírito, hei de perseguir-te até aos confins do submundo!

A harmonia estava destruída. Era óbvio que o Rei da Lua se apercebera da ferosidade do feiticeiro e se dispunha a afastá-lo de mim. Apesar de não esboçarem gestos ofensivos, os olhares que

trocavam eram sobejamente significativos. Interpus-me entre eles, ordenando com ferocidade:

— Basta! O vosso desentendimento só favorecerá a maldição do Guardiã da Montanha!

Detiveram-se a fixar-me, como se assimilassem a advertência. Então, quando eu quase ousava suplicar por uma reconciliação, Sigarr virou as costas e abandonou a alcova. Aguardei que se afastasse o suficiente para não me ouvir, enfrentei o meu pai e rabujei:

— Escusavas de destrotá-lo daquela maneira! Sigarr não fez nada de mal! Só estava a desabafar... A entremostrar um pouco da sua benignidade! Foste demasiado frio e inflexível...

— Não, Kelda! — contraditou com severidade. — Eu fiz o que devia! O interesse de Sigarr por ti estende-se muito para além das vantagens que pode retirar da tua magia... A tua inocência talvez não to permita discernir, mas ele cobiça-te como mulher! E isso é inadmissível! Certifica-te de que guardas as devidas distâncias e tem cuidado... Muito cuidado!

Ver o meu pai ceder ao sono foi um alívio. Os seus reparos tinham-me incomodado deveras. Além de lhe asseverar que sabia cuidar de mim e defender-me, ainda tive de lhe jurar que me manteria atenta e pronta a repelir quaisquer avanços que Sigarr tivesse a ousadia de empreender. Se o Rei da Lua sequer sonhasse com as insinuações que o feiticeiro já fizera, preferiria ver a Terra arder antes de estabelecer acordos de paz. E pretender explicar-lhe os factos só acumularia mais confusões e equívocos, para não falar de que seria improfícuo... Afinal, como justificar algo que nem eu entendia?

Há semanas que não dormia em paz, por isso recostei-me e tentei descansar. No entanto, foi um esforço vão. As revelações do dia tinham-me destroçado os nervos. E a mais grave era tão hedionda quanto fatal: Kelda da Montanha Sagrada podia estar condenada a morrer na Noite Branca. Com mil ratazanas flatulentas, quando é

que o destino decidiria bafejar-me com alguma sorte, para variar? Aliás, já nem pedia sorte... Jubilaria com um pouco menos de azar!

Engoli um ganido de raiva, incapaz de me aquietar. Mais um instante de inércia e a minha cabeça explodiria! Levantei-me devagar, com medo de acordar o meu pai. Ele não aprovaria... Porém, eu necessitava de falar com Sigarr! Era inacreditável, mas, neste momento, o feiticeiro surgia como a única consciência capaz de me entender, de me apoiar... capaz de me acalmar! Estendi a mão para afastar a cortina que isolava a alcova... E estaquei, atarantada. Os ruídos que me chegavam aos ouvidos lembravam-me o ofício que a tenda acobertava. Isto não era boa ideia! Estávamos a meio da noite; Sigarr decerto julgava-me a dormir... Saíra tão zangado! E se estivesse com Narkissus e Gaya, a atender ao «assunto» que eu interrompera no outro dia?

Recuei com os punhos cerrados... Definitivamente, isto era uma péssima ideia! Porém, uma curiosidade mórbida, torturante mas irresistível, tomava conta de mim. Eu precisava vê-lo... Se o encontrasse no leito dos anfitriões, poderia cuspir-lhe o meu desprezo na cara da próxima vez que viesse murmurar-me palavras doces ao ouvido.

Evoquei a magia que me tornava invisível e avancei, com a respiração descontrolada e um aperto no estômago. Inevitavelmente, as cortinas esvoaçantes acabaram por revelar coisas que eu não queria testemunhar. Acirrei a resolução e tentei ignorar o que sucedia à minha volta. Contudo, quanto mais me aproximava da alcova dos feiticeiros, mais as minhas pernas tremiam. A imaginação atormentava-me com imagens de Sigarr entre os corpos desnudos de Gaya e Narkissus. Era como se... Maldição, eu não podia estar com ciúmes!

Mal alcancei o objetivo, o meu ouvido sensível distinguiu as vozes dos três feiticeiros. Não arfavam, não vagiam... Simplesmente conversavam! Que sensação era esta que me inundava o peito? Alívio? Senti-me ridícula; estupidamente dividida entre a vontade de rir e o ímpeto de chorar. Não me atrevi a espreitar, recordando a

facilidade com que Sigarr me apanhara da última vez que ousara tal façanha. Ao invés, fechei os olhos e concentrei-me em absorver as emoções contidas nas palavras. Narkissus sussurrava, contristado:

— Porque não nos contaste isso antes?

— Não quis inquietar-vos — volvia Sigarr. — Conheceis os riscos de pretender contrariar uma Visão... Além disso, não é só a minha vida que está em causa! Não posso permitir que Erebus sofra. Adoro aquele fedelho! E Kelda...

— Devias partilhar isto com ela — insurgiu-se Gaya. — Tenho a certeza de que ficará ao teu lado... Pode até salvar-te!

— À custa da sua vida? — mastigou o mestre da Arte Obscura. — Não! Kelda deve viver... Nem que, para isso, eu tenha de morrer mil vezes!

— Será isso que acontecerá se teimares em bater-te contra a lógica — retrucou Narkissus. — Acabaste de enunciar que a Visão de Kelda veio consolidar as tuas piores suspeitas.

— Ainda assim... — objetou Sigarr, contumaz. — Sinto que o enigma não está resolvido! Tenho de falar com Celsus... O energúmeno há de confessar a verdade, nem que seja à força!

— Isso é uma insensatez — trincou Narkissus, desgostoso. — Estás a brincar com o fogo!

— É o fogo do amor, querido — controverteu Gaya, como se emocionada. — É inútil tentarmos demovê-lo... Desta vez, o nosso Sigarr está verdadeiramente apaixonado.

A declaração da feiticeira roubou-me o ar. Seguiu-se um silêncio longo, quase penoso, em que tive de ranger os dentes para impedirlos de bater. Quando a ansiedade já me causava agonias, Narkissus tornou a pronunciar-se:

— Que se dane a lógica! Conta connosco... Estaremos contigo, aconteça o que acontecer.

— Como nos velhos tempos — aditou Gaya com um soluço.

— Como nos velhos tempos — repetiu Sigarr claramente aliviado.

Alguém se levantava... Corri de volta à alcova, com o coração aos pinotes. Felizmente, o meu pai continuava imerso no sono. Deitei-

me e cerrei os olhos, tentando debelar o sobressalto que sofrera. Seria melhor ter apanhado Sigarr a cometer a maior das atrocidades! E agora? Como é que ia encará-lo? Sufoquei um gemido. Se devotasse mais um pensamento à conversa que escutara, decerto enlouqueceria... Pois, não pensaria!

Encostei o búzio mágico ao ouvido. A concha poupou-me de escutar o apelo enamorado da mulher que a enfeitiçara e presenteou-me somente com a canção das vagas. A melodia começou branda e terna, pacífica, confortante... Porém, não tardou a crescer de intensidade, envolvendo-me na sua turbulência selvagem e pura. Entreguei-me sem reservas, desfrutando do furor do vento, do odor intenso do mar, do branco salgado da espuma, do cinzento translúcido da névoa, do negro profundo de uma imensidão misteriosa, que se fundia com a minha essência e me fazia flutuar... Então, apercebi-me de que estava a sonhar.

A escuridão cercava-me... Havia luz no céu, mas as estrelas não conseguiam impor o seu reflexo às ondas revoltas. Um bote de pesca vogava à deriva, ao sabor das correntes. O vigor do único marinheiro que o ocupava esgotara-se há muito. A sua magia apagara-se durante a longa viagem que empreendera. Sem mais recursos, tentara remar. Porém, a exaustão prostrara-o e o mar engolira os remos. Estava tombado sobre a amurada estreita, com os cabelos negros repletos de madeixas prateadas a cobrirem-lhe o rosto, desgrenhados e empapados numa mistura de suor e sal. A imundice formara crosta sobre as suas vestes... Ainda reagia: as mãos gretadas tremiam e os dedos esticavam-se em agonia. Recusava-se a ceder à morte.

De súbito, um barulho atroador... Uma sombra ameaçava engolir a pequena embarcação! Era um navio que se aproximava... Do topo do mastro, alguém bradava:

«Estou a vê-lo... A estibordo.»

Um homem lançou-se ao mar. Em poucas braçadas, contrariou a fúria das ondas e alcançou o bote. Quando se içou para o interior, verifiquei que trazia uma corda atada à cintura que o ligava ao barco

de onde saltara. Sem hesitar, estreitou o corpo inanimado do príncipe da Gente Bela e prendeu-o com a dita corda. Mal terminou, fez a sua voz troar na noite:

«*Puxem!*»

Só então ergueu o rosto... Reconheci-o de imediato: cabelos negros encaracolados e olhos verde-floresta. Era o guerreiro que me espiara no oásis.

CAPÍTULO 6

- Isto é uma das tuas brincadeiras de mau gosto, Sigarr?
- Para de te comportar como uma fedelha inconsequente, Kelda! Já te expliquei o propósito da minha viagem. Tenho de persuadir Celsus a revelar-me o significado das tuas tatuagens... Não posso conceber um plano para te salvar assente em suposições!
- Mas eu tenho de concluir o treino! Não tarda, Halvard regressará...
- Haverá tempo para tudo.
- Tomas-me por parva? Ouvi muito bem o que disseste a Erebus!
- Andas outra vez a escutar atrás das portas?
- Vais cumprir o que combinámos, seu arteiro sem palavra...
- Chega de gritaria, criatura néscia! Treina com Erebus na minha ausência e não faças disparates, ou acabarás por estragar tudo.
- Não me vires as costas, feiticeiro execrável!
- Já virei, fedelha insuportável!
- Acertaste isto com o meu pai, não foi? Prometeste-lhe que não me submeterias ao ritual...
- Quantas vezes terei de te explicar que não podes renunciar à tua luz?
- Sabes que tenho recursos para restaurá-la...
- Tens é falta de miolos! Não fazes ideia das energias que estão em causa... Se as trevas da tua essência revelarem a força que prevejo, consumirão toda a claridade que te sustenta num sopro. Queres perder a razão, Kelda? Tornar-te um dos monstros que crescestes a odiar?
- E como podes afiançar que assim será?
- Quantos mestres da Arte Obscura achas que já iniciei?
- Não vais demover-me com lérias...
- Solta-me, Kelda! Ou, pelas sete pragas do submundo, juro que esquecerei as medidas! Tenho tentado comportar-me bem, mas o

meu controlo está por um fio... E tu não me ajudas! Pões-me em brasa e depois lanças-me gelo para cima!

— Que tolice...?

— Não te faças de inocente! Torna a agarrar-me e eu juro que te arrasto para a cama e só te libertarei quando o teu irmão me cortar a cabeça!

Foi assim que Sigarr partiu para a Ilha Sagrada e me deixou para trás, a amargar de frustração e a arder de raiva. A declaração grosseira do seu desejo quase nem me incomodara, comparada com a recusa em celebrar o ritual que me permitiria dominar a magia negra.

Este dia estava a ser um martírio! Despertara nos braços do meu pai, a bradar por Lysander, sob o olhar glacial do mestre da Arte Obscura, que acorrera à alcova atraído pelo meu estridor. Interrogada quanto à causa da minha aflição, ficara tão confusa que declarara ter tido um pesadelo. Porém, teria sido uma Visão? Estaria Lysander a caminho da Terra das Montanhas de Areia? Mas com que propósito? Se tal fosse verdade, a sua chegada só iria atrapalhar o acordo firmado com a minha mãe! Talvez devesse contar tudo a Sigarr... No entanto, ao ouvir o nome do príncipe da Gente Bela, o feiticeiro virara-me o traseiro como se ofendido. E partilhar essa dúvida com o meu pai só serviria para angustiá-lo no pouco tempo que lhe restava de consciência.

Durante a travessia do deserto, a situação agravara-se. Sigarr recusara-se a retirar as armelas de magia negra dos pulsos do Rei da Lua e a sua intransigência fizera-me remoer todo o caminho. O feiticeiro também não se mostrara disponível para conversar, cavalgando com uma pressa inquieta. Mal pisáramos o palácio, conduziu o meu pai para os calabouços. Ninguém devia vê-lo, justificara, para que a nossa transgressão não chegasse aos ouvidos de Halvard.

Ao entrar no buraco escuro e gélido que ia voltar a encarcerar o Rei da Lua, eu ainda tentara demovê-lo de prosseguir com aquela loucura. Contudo, o meu pai revelara-se irreduzível. Mais uma vez,

alegara que aprisionar a sua consciência nos confins da mente era a única maneira de manter o nosso segredo a salvo das investidas de Halvard. Posto isto, que opção me restava, senão assegurar-me de que o sortilégio não causaria danos à sua sanidade? Com o coração em farrapos, acabara por invocar a magia maldita e realizara a hediondez.

No fim, ver o Rei da Lua privado da razão, a jazer nos meus braços, deixara-me destroçada. Beijara-lhe a testa e chorara, angustiada e desamparada. Consumia-me o pavor de que não tornássemos a falar. Por mais cuidados que Sigarr dispensasse ao plano para travar Halvard, as Entidades que controlavam o nosso destino já se tinham provado determinadas em concretizar a profecia. Algo haveria de correr mal... Eu sabia! Eu pressentia!

Só a custo reunira forças para sair da cela e percorrer o labirinto de horrores, onde os gritos de aflição dos prisioneiros se misturavam com o fedor da morte. Mal refizera o fôlego, apressara-me a procurar Sigarr. Surpreendera-o reunido com Erebus, a anunciar que partiria de imediato para a Ilha Sagrada e só regressaria para receber Halvard. O meu primo colocara a espinhosa questão: «*Treino Kelda?*» E a resposta do feiticeiro desvendara o seu conluio com o Rei da Lua, para sabotar a minha vontade. Depois de todo o esforço que eu empreendera e das lágrimas que vertera, ouvir tal coisa deixara-me iracunda. Caíra sobre Sigarr com unhas e dentes... Porém, de nada servira! Se dependesse dele, jamais me tornaria mestra da Arte Obscura.

Opções...? Pretender superar Halvard sem ter celebrado o ritual de servidão à magia negra era uma estultice grosseira! Não me esquecia de que fora confrontada com uma Visão terrível... Porém, ao invés de me apavorar, devia encará-la como um alerta. Nos últimos tempos, a minha vida tornara-se uma batalha constante para desfazer profecias. Esta seria apenas mais uma!

Opções...? Opções...? Erebus era mestre da Arte Obscura! Nunca iniciara ninguém, mas havia uma primeira vez para tudo, não havia?

No entanto, mal o apanhei a jeito e tateei a possibilidade de o eleger para meu mentor, obtive a réplica que não desejava:

— Kelda dominar magia luz! Não precisar magia trevas!

Restava-me continuar a treinar para aperfeiçoar o que aprendera. Praticar com Erebus seria divertido, não fora a agonia que me estracinava. Os nossos combates eram como jogos em permanente evolução, que assumiam novas regras com o superar de cada prova. Já começava a vencê-lo! A determinação influenciava em muito o desfecho das contendidas. Por isso, Halvard nunca perdia! Em qualquer circunstância, o Filho do Dragão lutava sempre para ganhar.

Os períodos de descanso eram uma tortura. Mal cedia ao sono, os pesadelos flagelavam-me. Via Oriana a execrar-me; a cabeça decapitada da tia Enya nas mãos de Halvard; Deimos a devorar um petiz; o avô Edwin a ser brutalmente espancado; a tia Ingrior a chorar, enclausurada na cela de castigo da Ilha dos Penhascos... E, de novo, Halvard a tragar essências, a arrancar corações, a chafurdar nas entranhas das suas vítimas. Depois, Oriana a banhar-se em sangue... Que loucura era esta? O sangue escorria do punhal de Lobo Cinzento. Halvard lambia a lâmina e vangloriava-se: «*És minha, Kelda... Por toda a eternidade!*»

— Não... Não! Não!

A luz da minha essência flamejava na bruma e conduzia-me até ao santuário onde os espíritos saravam. A floresta da Gente Bela acolhia-me. Assim que eu colocava as mãos sobre a Árvore da Sabedoria, uma brisa fresca libertava-se do solo, agitava as folhas em meu redor e soprava para longe as sombras que me corroíam. Depois, a energia dos meus avós pulsava, restaurava-me as forças e preparava-me para enfrentar mais uma noite. Mais um treino...

Podia fechar os olhos e, mesmo assim, adivinhar com exatidão onde teria de intercetar a espada do «Criador das Trevas». As nossas lâminas soltaram faíscas, enquanto as essências se exaltavam sob o domínio da Arte Obscura. Rodei sobre o tronco e

projetei um pé na direção do seu estômago. O impacto arrojou-o contra a parede do salão... E, antes que recuperasse o equilíbrio, já uma explosão de energia lhe arrebatava a arma.

O rosto do meu primo enrubesceu; os veios negros e escarlates latejaram como se fossem rebentar. Erebus assombrava-se: eu subjugara-o pela quinta vez. E ele não estava habituado a perder! A satisfação de me ver progredir misturava-se com a raiva de ser superado. Soltou um assobio e agitou o braço. A espada voou-lhe para a mão, com a lâmina apontada ao meu peito. Apesar de o suor lhe alagar a pele, não se rendia. E, não obstante o cansaço me supliciar, eu agradecia a sua obstinação. Chegando o momento da verdade, Halvard também não desistiria.

Travei a sua acometida e revidei. Os golpes sucederam-se, demasiado rápidos para a percepção humana os acompanhar. Erebus sibilou triunfante ao bloquear a minha lâmina. Enrolou-me nas pregas da sua capa e fez-me perder o chão. Caí desamparada e bati com a cabeça na pedra, mas não me resignei. A espada do «Criador das Trevas» traçou um rasto de fogo no meu encaço, enquanto eu rebojava em direção à coluna. Cravei os pés na solidez dourada e rasguei o ar rumo ao teto abobadado. Desta feita, Erebus invocou uma lança de energia para me varar... O arremesso foi magistral! Seria impossível falhar! Do golpe resultaria uma ferida grave, mas a sua magia haveria de me restabelecer. E, enfim, ele venceria e salvaria o orgulho.

Movimento. Pulsação. O ardor do sangue a acirrar-me a vontade... Erebus não tinha como adivinhar que eu combinava a habilidade inata de assimilar conhecimento com as competências que o Jogo da Antecipação me concedera, aquando da minha estada na Ilha Sagrada ao lado da *Observadora* Íris, para decifrar a sua técnica, assimilá-la e contrariá-la. Apesar de confiar no meu primo, não pretendia contar-lhe o segredo da minha crescente aptidão. No futuro, talvez esta resultasse numa vantagem para prostrar Halvard! Para já, eu transformava o Jogo da Antecipação numa arma de

guerra... E o «Criador das Trevas» era o alvo perfeito para experimentar a sua eficácia.

Revirei o corpo no instante em que a energia de Erebus reclamava a minha carne. A lança candente cumpriu o seu voo e testou a robustez do teto. Desdobrei o tronco. Distorci as pernas... E os pés aterraram sobre o peito do meu primo, obrigando-o a esmagar-se contra o chão. O som do impacto foi aterrador. Se não fosse tão duro, o seu crânio ter-se-ia rachado. Ainda esboçou a intenção de se erguer, mas prontamente o imobilizei. Incendiei as mãos com o fulgor da Arte Obscura e apontei os dedos aos seus olhos, rugindo:

— Estás morto!

Erebus silvou, assanhado. Porém, teve de admitir a derrota. Por hoje, o treino terminara.

Sentei-me ao seu lado e ficámos em silêncio. Aos poucos, o canto da cascata apaziguou-nos o ânimo e extinguiu as chamas da magia negra que inflamavam as nossas essências. Não tardei a buscar-lhe a mão. O meu primo ofereceu-me um sorriso triste. Parecia querer dizer algo, mas faltava-lhe o denodo. Enfim, engoliu em seco e balbuciou:

— Halvard perto... Dois, três dias chegar.

Fechei os olhos e respirei fundo, ripostando num gemido pungente:

— Eu sei... Já sinto a sua energia como um punhal a enterrar-se na nuca. Estou com um mau pressentimento! Se ao menos Sigarr reconsiderasse e voltasse...

— Kelda desistir! — objetou Erebus com severidade, ciente do que eu ia reclamar. — Mestre razão! Ritual arruinar tudo. Magia trevas destruir Erebus. Magia trevas destruir prima.

— A Arte Obscura não te destruiu — refutei. — A luz da tua essência prova-o!

— Luz fraca. Ardor trevas forte... Indomável! Erebus desejar, Erebus destruir!

Não era a primeira vez que proferia tais palavras. No entanto, fê-lo enquanto levava a mão ao colar suspenso do pescoço. Presos

num fio de couro, sobre a pele nua do seu peito, estavam dentes, ossos e pedaços de cabelo humano. Quando o monstro que vivia dentro dele se libertava e o impelia a caçar, o meu primo guardava uma recordação das suas vítimas. Talvez tivesse iniciado aquela coleção de troféus com orgulho, ao tornar-se mestre da Arte Obscura... Porém, hoje, a emoção que espargia do seu olhar não era soberba. Era vergonha! E um imenso pesar.

Erebus tentou disfarçar o gesto instintivo. Contudo, eu conhecia bem aquele expositor de horrores e apercebi-me de que os seus dedos se tinham movido com um propósito. Ainda parecia ter dificuldade em largar a trança pequena e fina, cor de melão... O cabelo de uma criança? Ou de uma mulher?

— Há quanto tempo não «destróis», primo?

Fiz a pergunta com cuidado para não o melindrar. Só provaria a minha razão se o conduzisse com argúcia. Erebus começou por franzir o cenho, aturdido. Depois, a sua expressão tornou-se mais intensa, como se refreasse uma forte concussão. Por vezes, o óbvio está diante dos nossos olhos, mas precisamos que alguém no-lo aponte para vislumbrá-lo. Eu sabia que, pelo menos desde que partíramos para o Império, o «Criador das Trevas» não matava para alimentar os ímpetos nefastos da sua essência. E um verdadeiro amante da magia negra seria incapaz de estar tanto tempo sem assimilar vida! No passado, o ardor das trevas podia ter sido indomável, como ele afirmava. Porém, deixara de o ser! O meu primo só tinha de desejar contrariá-lo, para pôr fim à sua jornada através do trilho da danação.

Essa ideia cruzou-lhe a mente. Li-o nos olhos negros, profundos, extraordinariamente belos quando o seu lado humano emergia. O sobressalto foi tão violento que o seu controlo se diluiu. Estremeceu e os dentes começaram a tinir. Sem o resguardo das pestanas, as lágrimas escorregaram em fio pelas faces cadavéricas. A alma destroçada de Erebus estava exposta... E os seus dedos subiam para o colar, enlaçando a trança cor de melão.

— Primo... — titubeei. Contudo, não me deixou terminar. Ergueu-se com um salto e correu até à cascata, arrojando a capa para longe com um sibilo estridente. Ajoelhou-se sobre a pedra verde e mergulhou as mãos dentro do tanque. Lançou água sobre o rosto até se encharcar, como se almejasse limpar todo o sangue que derramara, entranhado na sua essência. Segui-o e puxei-o para os meus braços. Temi que me repelisse, mas estreitou-me com sofreguidão e soluçou:

— Erebus não quer matar... Nunca mais!

— Então, abraça o brilho da tua essência! — retorqui. — Enterra o passado e começa uma vida nova. Tu és capaz! A tua luz está cada vez mais radiosa...

— Não! — atalhou com amargor. — Halvard regressar. Erebus *decisor*; irmão sangue Halvard.

Fechei os olhos e uni as nossas testas. Por mais voltas que déssemos, voltávamos sempre ao ponto de partida: um pacto de sangue; um compromisso de lealdade eterna, para realizar uma profecia que acabaria por nos desgraçar a todos.

— Hei de pôr fim a isso, primo — murmurei comovida. — Prometo que serás livre...

— Não! Erebus nunca libertar. Recordações doer. Recordações destroçar.

Os seus dedos apertaram a trança pela terceira vez, como se os demais troféus não existissem. Desta feita, não me contive de interpelá-lo:

— A quem pertenceu esse cabelo, Erebus?

Ele soltou um assobio de puro pânico e tentou afastar-se, silvando:

— Não! Prima odiar Erebus!

Detive-o e obriguei-o a encarar-me, contraditando:

— Juro que nunca te odiarei pelo teu passado...

A ideia ficou suspensa, dando-lhe liberdade de escolha. O meu primo estava tão perturbado que tremia e respirava aos arrancos, com os buracos que lhe serviam de narinas a dilatarem-se. Então,

apertou-me as mãos e conduziu-as ao encontro da trança. Emocionada, mergulhei no seu olhar... De imediato, houve um reconhecimento, uma fusão. E a magia concretizou-se.

Vi-me ao relento, envolta pela negridão da noite. A minha carne ardia, o sangue transformava-se em lava... E o pensamento preenchia-se com a mais primária das necessidades. Eu era uma fera faminta.

Galopei pela areia, possuída por uma edacidade que destroçava até ao âmago. Para lá da muralha, os cheiros da cidade antiga enlouqueciam-me. Tantos corpos! Suor... Sangue! Ao meu lado, possuído pela mesma sofreguidão, estava o meu senhor; o homem por quem eu daria a vida sem hesitar. O Filho do Dragão prometera-me uma caçada inesquecível, repleta de deleites. E eu confiava nele. Halvard nunca me mentia.

As trevas eram nossas aliadas. A janela de uma casa estava entreaberta. Halvard saltou e eu pulei atrás. Duas jovens preparavam-se para dormir. Desenrolavam os véus, expondo os cabelos e os pescoços longos, esbeltos, perfeitos... Halvard lançou-se sobre uma e eu caí sobre a outra, com a ferocidade de um tigre: garras distendidas, presas implacáveis. As raparigas nem tiveram tempo de gritar. Senti os ossos frágeis da garganta a cederem sob os meus dentes. O sangue inundou-me a boca... Manjar divino! Gloriosa satisfação! O seu corpo estrebuchava sob o meu e, a cada uma das convulsões agonizantes, o êxtase sublimava-me, fazendo-me rodopiar numa voragem de sensações arrebatadoras, enquanto lhe devorava a essência com avidez...

Recuei terrificada, quebrando o elo que me permitira perscrutar as memórias de Erebus. Já vira o suficiente para perceber... E sentira o bastante para compreender!

O suplício da jovem de cabelos cor de melão terminara depressa... Assim como o prazer do «Criador das Trevas»! Mal recuperara o discernimento, o júbilo convertera-se em horror e a dor esboroara-lhe o coração. Finda a matança, o Filho do Dragão sorria vitorioso... Há dias, o seu *decisor* confienciara-lhe que apreciava

aquela jovem. Um interesse que nada tinha de perverso... Erebus estava apaixonado! Todavia, Halvard não se dispusera a partilhar o afeto do primo, receoso de que ele se distraísse da sua missão. Por tal, preparara-lhe uma armadilha, levando-o até ao objeto do seu encanto num momento em que a sua razão estava dominada pela voracidade da magia negra.

Ao reconhecer quem estava nos seus braços, o «Criador das Trevas» quase enlouquecera. Desesperado, estreitara o corpo da amada contra o peito. Porém, este já era uma concha vazia. Em pouco tempo, a carne arrefecera e o perfume doce da pele dissipara-se... Para sempre.

«Essa mulher jamais se entregaria a ti de livre vontade, primo!», exclamara Halvard, antes que Erebus superasse o choque e o confrontasse com a sua ira. *«Haveria de se horrorizar com o teu aspeto... Magoar-te-ia! E eu não posso admitir que uma rameira qualquer te despreze. Ao oferecer-te, poupei-te à dor da rejeição. Agora, ela viverá dentro de ti por toda a eternidade.»*

A magia esvaía-se, impondo-nos a realidade do salão. Eu arfava, tentando recuperar do temporal de emoções que o «Criador das Trevas» desencadeara no meu peito. Mais uma vez, era forçada a tragar o fel do asco provocado pelas atrocidades de Halvard. Erebus desfalecera na margem do tanque, arrasado pelo desalento. Pranteava como uma criança desamparada, ávido por perdão, sedento de carinho e compreensão, ansioso por braços que o embalassem e lábios que sussurrassem a promessa de que o monstro não tornaria a avassalar o homem... E desejoso de que as trevas não mais lhe consumissem a luz e o seu suplício chegasse ao fim! Estávamos tão próximos que eu quase podia palpar a sua tristeza; a solidão que o cruciava.

«Erebus desejar, Erebus destruir.»

— Primo... — reuni coragem para murmurar. Contudo, interrompeu-me, fixando-me com os olhos alagados e a alma aberta, enquanto soluçava:

— Halvard mentir! Erebus não sentir essência mulher... Só restar frio! Frio! Depois encontrar prima... Prima proteger vida. Dar calor Erebus... Mostrar luz! Agora, Halvard voltar...

A sua voz falhou, mas compreendi o que ficara por dizer: com o Filho do Dragão regressariam o frio, as trevas e a morte. Erebus nascera marcado pelo destino e fora moldado para destruir, tal como o meu irmão. Porém, ao contrário de Halvard, não se conformava com a sua natureza nem se rendia às exigências do instinto. Sustinha-se na orla do abismo, lutando desesperadamente para conservar a humanidade; alimentando a ínfima esperança de se libertar da escravidão da Arte Obscura, para desfrutar de uma existência serena. A sua aflição dilacerava-me... Voltei a estreitá-lo e amimei-o, replicando com uma ternura firme:

— Não podes entregar-te assim! Tens de reagir! Não é tarde...

— Ser tarde Erebus — atalhou. E prendeu-me o rosto entre as mãos ossudas, prosseguindo com uma convicção feroz: — Não ser tarde Kelda! Favor, prima... Parar treinar magia maldita! — Hesitou e concluiu num sibilo rouco: — Fugir... Fugir agora! Erebus encobrir!

O meu queixo pendeu e sucumbi às lágrimas, ao inferir que Erebus acedera a partilhar a sua experiência para me mostrar o quão abominável era a vida de um mestre da Arte Obscura. Aterrorizava-o pensar que eu me tornaria escrava dos ímpetos assassinos da magia negra; que acabaria como ele, a chorar de arrependimento de cada vez que perdesse o controlo... E o carinho que me devotava era tão sincero, tão puro, que se oferecia para quebrar todas as regras e deixar-me partir, aproveitando o ensejo de estarmos livres das sombras de Sigarr e de Halvard.

— Obrigada, primo — revidei num arquejo, afagando-lhe as mãos.
— Mas não posso fugir...

— Ir, Kelda! — insistiu, incentivando-me a erguer-me. — Ir já! Voltar casa, família... príncipe belo!

Ouvi-lo mencionar Lysander fez-me engolir em seco. No entanto, este não era o momento certo para lhe explicar que a última coisa

que o «príncipe belo» desejava era ver-me. Forcei-o a aquietar-se, objetando com calor e gratidão:

— Não, meu querido. Halvard haveria de te matar!

— Erebus não importar...

— Importo-me eu! — contestei, fixando o seu olhar. — Gosto muito de ti, Erebus.

— Kelda não querer casa, família...?

— Quero... Quero muito! Mas não à custa da tua vida, nem da vida do meu pai.

Os seus ombros descaíram ante a minha resolução.

— Então, Kelda estar perdida — silvou derrotado. — Estar condenada como Erebus!

Quedámo-nos à beira do tanque, em silêncio, prisioneiros da fatalidade das suas palavras. Então, algo estranho sucedeu... A minha luz acendeu-se, extravasou da essência e inundou-me o corpo, fazendo-me resplandecer na bruma. Erebus assobiou e indagou, assarapantado:

— Kelda fazer?

Não fizera nada! A minha luz pulsava com vontade própria, estendendo raios ondulantes ao encontro do seu braço. Quando tocaram na pele nua, ouviram-se estalidos e o ar encheu-se de faíscas coloridas. O meu primo chiou de susto e saltou para o lado. Também me afastei, confusa e inquieta. Com mil ratazanas fulminadas, o que era isto agora?

— Queimei-te? — inquiri, alarmada.

— N... Não! — gaguejou, pasmado. — Saber bem!

De súbito, tudo se tornou claro na minha mente. Ofereci-lhe as mãos e solicitei, ansiosa:

— Abraça-me... Abre a tua essência à minha e entrega-te sem reservas.

Erebus franziu a testa e hesitou. Contudo, a confiança que nos unia fê-lo condescender. Estreitei-o e inspirei um fôlego libertador, certa de que estávamos prestes a experimentar algo maravilhoso. De imediato, a magia resplandecente envolveu o meu primo na sua

veemência, o salão desapareceu e um clarão cegou-nos. Escutei os nossos brados de surpresa a sobreporem-se ao troar dos corações, mas não senti medo. A minha serenidade acabou por apaziguar o tremor de Erebus. Relaxou e rendeu-se ao brilho que assimilava cada partícula dos nossos seres. Então, o clarão principiou a dissipar-se... E o berço da magia da Gente Bela estendeu-se diante dos nossos olhos.

O meu primo soltou um guincho atónito. Puxei-lhe a mão, encorajando-o a aproximar-se da imponente Árvore da Sabedoria. Jubilava de alegria ante a preciosa oportunidade que me estava a ser concedida. Se, há pouco, eu vivera a dor através dos olhos de Erebus, agora, ele haveria de sentir o bafejo da felicidade através dos meus. Quer isto fosse uma Visão ou um favor prestado pela minha mente, confiava que a magia do freixo iria restabelecer o equilíbrio da sua essência, da mesma forma que restaurara a minha.

— Prima... — titubeou, fascinado com a claridade pura, as cores deslumbrantes, os sons harmoniosos e os odores inebriantes que nos envolviam. — Lugar ser este?

Ia responder quando o canto excelso de uma flauta brotou do interior da copa cerrada do freixo, pairou sobre nós como uma brisa, entrelaçou-se nos meus cabelos e extasiou-nos com a sua perfeição. Este momento só podia ser uma ilusão... Mas não deixava de ser sublime! O meu desejo de curar o espírito de Erebus conduziu-nos através das minhas memórias, até ao instante em que ouvira a música de Lysander pela primeira vez. Agora, o meu primo também escutava o som divinal como se, efetivamente, estivesse nesta clareira sagrada, a assimilar as carícias de um sol que não feria a pele e a inspirar o perfume de uma natureza que não conhecia mácula.

Num tempo que combinava realidade com fantasia, centelhas de luz desceram sobre nós, qual chuva de estrelas, iluminando-nos os rostos com sorrisos. Os olhos do meu primo estavam húmidos, mas a sua comoção era salutar... Apertei-lhe as mãos e murmurei, embalada pela suavidade da melodia:

— A aura mística que abençoa a floresta da Gente Bela funde-se com a essência do seu povo, concedendo-lhe a capacidade de curar as maleitas do corpo e do espírito. Absorve-a, primo... Deixa-a imiscuir-se na tua essência. Esta é a mais primordial das magias; o poder da energia da Terra, de onde tudo provém e para onde tudo regressa.

Acabámos deitados à sombra do freixo, num leito de erva fresca, livres de apoquentações. Era como regressar ao ventre materno e desfrutar da paz de uma inocência absoluta, enquanto o milagre da vida se concretizava sem pressas. E, sobre esse enlevo de serenidade e regeneração, pairava o cântico divino de uma flauta.

— Príncipe belo tocar? — sussurrou Erebus, temeroso de perturbar as energias que sustentavam o prodígio.

Não podia admitir que a minha mágoa arruinasse a excelência da nossa partilha! Confirmei. E o meu primo sorriu como eu nunca o vira sorrir! Abriu os braços e assimilou a luz. Em menos de nada, a sua essência espargia uma candência vibrante, qual semente seca que permaneceu adormecida num solo árido e que, enfim, desperta para a vida ao absorver as primeiras gotas de chuva. Aprazia-me confirmar que lhe proporcionava uma satisfação que ele jamais esqueceria.

— Erebus perceber — declarou subitamente.

— Percebes o quê? — indaguei com doçura.

— Razão Kelda amar príncipe belo.

Senti-me gelar por dentro, como se o coração se despedaçasse... E, abruptamente, um clarão cegou-nos e o manto de erva sumiu-se de debaixo dos nossos corpos.

Pisquei os olhos e descobri que o meu sobressalto reconduzira as nossas consciências ao salão do palácio dourado. Continuávamos abraçados e o meu primo estremecia, enquanto o fulgor resultante da união das nossas essências lentamente se esvaecia. Receei que a brusca interrupção do elo místico o tivesse magoado... Porém, encarou-me com a expressão de quem acorda de um sonho bom, com o espírito aliviado. Ao constatar que me estreitava com

demasiada força, respirou fundo e recuou, ciciando sem ocultar a comoção:

— Obrigado, prima! Árvore mágica fazer bem Erebus. Oferecer luz. Dar ânimo...

Sim! E ainda estaríamos a desfrutar desse conforto se a lembrança do príncipe intolerante não me causasse tanta dor. No entanto, a realidade já se abatia sobre as nossas cabeças, recordando-nos de quão efêmero era o nosso contentamento. Erebus desviou o rosto e soltou um gemido. Ciente do seu amargor, entrelacei os nossos dedos e ripostei solenemente:

— Não fiques triste! Um dia, quando tudo estiver resolvido, também tu hás de visitar aquele berço de magia, apreciar a sua frescura, inspirar o seu perfume, desfrutar do seu esplendor... E as trevas que ensombram a tua essência extinguir-se-ão para sempre.

— Não — refutou, contundido. — Rainha bela não permitir! Erebus inimigo, assassino, monstro!

— A rainha Lyria é uma mulher justa — objetei com firmeza. — Verá a tua luz como eu a vejo.

O meu primo fixou-me... E, repentinamente, virou as costas. Dirigiu-se a um dos braseiros e evocou a magia para fazer as chamas eclodirem, altas e vorazes. Assustada, precipitei-me no seu encalço. Qual não foi o meu espanto quando arrancou o macabro colar do pescoço e o arrojou para o meio das labaredas com um assobio de desprezo. Quedei-me ao seu lado, perplexa, enquanto as flamas lhe consumiam os troféus. Depois, busquei o olhar negro e apreendi a gravidade do compromisso que assumia. Acariciei-lhe a face, demasiado comovida para falar... E Erebus respondeu, abraçando-me com a promessa de uma esperança renascida.

Passámos o dia seguinte a passear a cavalo, junto à margem do rio. Longe da confusão da cidade, esquecemos quem éramos e todas as ameaças que nublavam o nosso futuro. Corremos, nadámos, brincámos como garotos. Desfrutámos do prazer de estarmos juntos, em paz com o sol, a terra, a água e o vento. A influência

benéfica que a minha recordação da floresta da Gente Bela exercera sobre Erebus saltava à vista. O meu primo parecia outro homem, com um sorriso que lhe enchia o rosto de luz, e um calor na voz e nos gestos que me encantava.

Deitada na areia quente, com a brisa fresca da tarde a acariciar-me o rosto, permiti-me recuperar o gosto pela vida. Pensei que a destruição da ponte que me separara de Lysander não tinha de determinar o fim do meu riso... Vã ilusão! De volta ao palácio, foi como se a sombra do Filho do Dragão acometesse contra mim, de bocarra escancarada para me engolir. Com mil ratazanas flageladas, o que estava eu a fazer? Logo Halvard chegaria e, desta feita, não haveria como lhe escapar. Se não acabasse trucidada pela sua sanha, seria esmagada pela veemência da sua obsessão. A única maneira de impedi-lo de me escravizar era tornar-me suficientemente forte para contrariá-lo... E, para isso, urgia concluir o treino da magia negra.

A minha resolução era firme. Porém, fiquei estarecida quando o meu primo me colocou perante uma mesa carregada de iguarias. Desejava oferecer-me um jantar tão magnífico e inesquecível como o dia que passáramos juntos... Não tive coragem de contrariá-lo! Sabia que Erebus nunca vivera momentos de descontração como estes. E, porque o amava como a um irmão, o mínimo que podia fazer era presenteá-lo com o aconchego de uma noite em família, antes que o Filho do Dragão regressasse e arrasasse definitivamente com os nossos espíritos.

Ainda assim, enquanto comíamos, ponderei numa solução para o meu problema. Esperar por Sigarr era inútil... Aliás, já nem acreditava que ele tivesse viajado para a Ilha Sagrada com o propósito que alegara! Fora porque sabia que eu haveria de obrigá-lo a cumprir o que prometera. Facínora e covarde! Desfizera o nosso pacto para conquistar os favores do meu pai... Em suma, jogava com várias peças do tabuleiro para assegurar a vitória! Era até provável que o afeto que garantia sentir por mim mais não fosse do que uma estratégia para me distrair... Outra mentira!

Definitivamente, só Erebus podia ajudar-me. Era certo que se recusara a fazê-lo, mas talvez o persuadissem a mudar de ideias... Todavia, o brilho do seu olhar destroçava a minha intenção. Após testemunhar o sofrimento que o passado lhe causava e depois das alegrias que partilháramos, forçá-lo a concretizar o ritual seria desumano!

Então, a ideia surgiu como se uma Entidade maligna me sussurrasse ao ouvido:

«Para que precisas de um mestre que te inicie, Kelda? Tu mesma podes evocar o poder da Lua e chamar os espíritos das trevas... E, quando a magia se acender no teu sangue, só terás de libertar o instinto e fazer o que tem de ser feito.»

Erebus estava tão feliz! O meu coração apertava-se ao pensar que tinha de enganá-lo para pôr o meu plano em marcha. Sim, porque o faro do «Criador das Trevas» era insuperável! Aperceber-se-ia dos meus desígnios no instante em que eu mexesse um dedo para concretizá-los. E não se poupava a esforços para me travar.

Enquanto brindávamos com o néctar que ele subtraía das caves, cogitei que prostrá-lo estava fora de questão. Não obstante os últimos treinos me terem concedido vantagem, a vitória nunca era garantida. E não podia arriscar-me a falhar, pois esta seria a derradeira oportunidade de me adestrar para suplantar o Filho do Dragão. De algum modo, tinha de escapar à sua excelsa percepção. Mas como, se mesmo a dormir Erebus permanecia alerta? A não ser que algo o despojasse das suas capacidades elementares! Algo extremamente poderoso... Ao ver a sofreguidão extasiada com que o meu primo emborcava aquela bebida singela, obtive a minha resposta.

— Vem — desafiei-o. — Sei onde está escondido um néctar abençoado pelos deuses.

Noutras circunstâncias, seria impossível convencer Erebus a invadir o quarto de Sigarr. Porém, hoje ele dispunha-se a alinhar em

todas as traquinices que eu lhe propusesse. Nem sequer se fez rogado em deitar-se na cama do mestre!

Dirigi-me aos compartimentos secretos do covil do feiticeiro e acendi a lareira de cristal. De seguida, desvendi os jarros que continham o néctar especial e enchi duas taças. Erebus ficou a apreciar a sua, soltando exclamações deliciadas, enquanto eu regressava às estantes em busca das pedras doces. Remexi nos potes, antes de deitar a mão à caixa. O meu primo acreditou que eu apenas procurava os rebuçados. Porém, o que realmente fizera fora recolher nas unhas uma pitada dos ingredientes que o meu ardil requeria.

Recostei-me no leito de Sigarr, ao lado de Erebus. Bebi a minha taça de néctar e animei a conversa com relatos das aventuras do nosso avô Edwin. Surpreendi-me quando o meu primo confessou que o observara com atenção na Ilha dos Penhascos... Todavia, essa não era uma lembrança boa, por isso mudámos de assunto. Contei-lhe como a tia Thora e a tia Freya tinham abraçado o seu destino ao lado do rei Ivarr e do rei Helgi. Uma noite inteira não chegaria para narrar todos os pormenores dessa história e eu fazia questão de descrevê-los com minúcia. Erebus escutava, fascinado... Mal esvaziava a taça, eu enchia-a até ao limite e acrescentava, sem que ele se apercebesse, o pó que guardara nas unhas.

À quarta taça, os olhos do meu primo começaram a fechar-se. Continuei a falar, enquanto observávamos o movimento das nuvens que percorriam o céu, através do teto transparente. Fui baixando a voz... até que o ressonância estridente de Erebus preencheu o quarto. Ainda assim, quando tentei levantar-me, a sua mão caiu sobre o meu braço.

— Prima ir? — indagou num gemido ensonado.

Beije-i-lhe a testa com ternura e respondi:

— Vou arrumar isto para que Sigarr não se zangue, se, entretanto, regressar. Volto já...

E ele confiou.

CAPÍTULO 7

Galopei para o cerne da noite ao longo da muralha de pedra, contra o vento e contra a areia, inflamada pela determinação. No entanto, por alguma razão incompreensível e profundamente irritante, parecia que a voz de Lysander me estrondeava aos ouvidos, como quando me treinara:

«A Arte Obscura será tua aliada, mas só se tiveres absoluta consciência do poder traiçoeiro da sua sedução. Quando te sorrir, obriga-a a vergar-se aos teus pés. Se sorriseres em resposta, serás tu quem lhe prestará vassalagem! Ela manter-te-á desejosa da sua satisfação... E tu farás coisas execráveis em seu nome, buscando um prazer que, com o tempo, se tornará cada vez mais efêmero, até a dor sobrevir. Mal te apercebas, estarás a rastejar sob a sua vontade para não sofreres os tormentos da privação.»

— Odeio-te — rosnei entredentes. — Argh, como te odeio!

Ainda não era verdade... Mas seria, em breve! Assim que cumprisse o ritual, usaria todas as minhas energias para cumprir as exigências da magia negra e não teria dificuldade em banir este amor funesto do meu peito. A assimilação de poder tornar-se-ia o meu único objetivo. O exército mercenário saciaria a minha fome. E o Filho do Dragão seria a presa mais cobiçada.

Nas minhas costas, com a vontade subjugada pela minha magia, montava um dos jovens responsáveis pelas cavalariações. O ritual exigia o sacrifício de uma essência pura... No entanto, por mais desesperada que eu estivesse, jamais conseguiria prostrar uma mulher ou uma criança. Esse rapaz ainda não conspurcara as mãos com sangue, por isso serviria perfeitamente. Não me agradava matá-lo! Contudo, se permitisse que o meu irmão iniciasse o seu reinado de terror, muitos mais inocentes pereceriam. Uma vida perdida para salvar milhares de outras... Eu limitava-me a fazer o que tinha de ser feito.

Graças à minha capacidade de enxergar nas trevas, enfim divisei os contornos do túmulo do rei-feiticeiro. Ao tentar esta temeridade sozinha, o meu principal receio era de que alguém me interrompesse. Estava convicta de que tal não sucederia aqui. Sentir-me-ia mais segura se pudesse invocar os espíritos no resguardo das salas subterrâneas. No entanto, necessitava do testemunho da Lua... E já não me restava muito tempo!

Saltei do cavalo e o rapaz deslizou atrás de mim. Desci os degraus de pedra que conduziam à entrada do túmulo, com o infeliz a arrastar-se no meu encalço. Não podia acender uma chama para iluminar os nossos passos ou, aí sim, arriscar-me-ia a despertar atenções indesejadas. Acabei por ampará-lo para evitar que caísse. Se partisse o pescoço, não me serviria de nada! Porém, essa proximidade foi como uma nevasca a tombar sobre as flamas da minha resolução.

Alcancei a laje da entrada do túmulo, guardada pelos imponentes dragões dourados, a tiritar e com os dentes a bater. Tentava não olhar para o rapaz... Não queria memorizar os seus traços, receosa de que, no futuro, as recordações me assombrassem. Tive de respirar fundo para restaurar a coragem. Ainda assim, a voz quase me falhou ao ordenar:

— Senta-te... Quietamente e calado!

Obedeceu, tenso, com gestos lentos e olhos esgazeados. Engoli a custo, com as tripas a enodarem-se. Eu tinha de fazer isto! Comecei por encarcerar a luz que animava a minha essência num canto recôndito da mente. Não sujeitaria a dádiva de Pequena e Lobo Cinzento a esta imprecação! Após tudo terminado, voltaria a libertar a sua energia... Ou não. Enquanto a claridade da minha aura se extinguia, pensei que chegara o momento de caminhar sem ajuda. Seria capaz de controlar a minha vontade, mesmo sob a influência exclusiva da Arte Obscura.

Virei o rosto para o céu e fixei o alvor da Lua. A Rainha da Noite como que flutuava num gigantesco lago azul-escuro repleto de candeias... Não! Não era o céu que oscilava... Era eu que estava

tonta! Mal conseguia respirar e o coração transformava-se num tambor de guerra, à medida que as trevas se alastravam pela essência. Afinal, renunciar à luz talvez não tivesse sido boa ideia! Contudo, era tarde para recuar... Eu tinha de fazer isto! Tinha de fazer isto!

Soltei as rédeas da magia negra e senti o sangue arder. Porém, a sensação diferenciava-se de tudo o que experimentara até agora. Era muito mais vigorosa! Mais arrebatadora e inebriante! Abri a boca, mas as palavras agarravam-se à garganta e o instinto troava em alarme. Não podia fazer isto... Com mil ratazanas enlouquecidas, eu ia fazer isto!

Pensei em Halvard...

«Se não puder reinar com Kelda ao meu lado, reinarei com a sua energia dentro de mim.»

Recordei-me de Lysander...

«Maldita sejas! Hás de sofrer até ao fim dos teus dias!»

Então, a minha mente desanuviou-se, o corpo parou de tremer, a voz soltou-se... e a magia manifestou-se com uma fogueira assoladora. Entoei a invocação à Lua, qual cântico, abrindo os braços para receber o seu poder. Prestes, a minha pele rutilava com um brilho negro, rasgado por raios fulgurantes. A cada instante, sentia-me mais forte, resoluta e audaz, capaz de mover montanhas com um simples sopro. A Lua sorria-me... E eu arfava de satisfação enquanto assimilava a sua energia. Os votos de devoção estavam feitos. Agora, o ajuste tinha de ser selado com sangue.

Encarei o rapaz das cavaliças e a fome queimou-me. A minha essência convulsava de ansiedade. Pejo, piedade, compunção... Tais fraquezas não tornariam a incomodar-me! A minha consciência estava para além de quaisquer repreensões. Era uma serva da Arte Obscura e, em breve, seria a mais implacável das predadoras.

O jovem nem piscava, tal a eficácia da possessão. Saltei sobre ele e vi a minha imagem refletida nos espelhos da sua alma: rosto desfigurado, olhos ígneos e dentes arreganhados. Derrubei-o num ímpeto feroz e cravei-lhe as garras na garganta para impedi-lo de

estrebuchar. Por fim, mergulhei nos seus lábios... E comecei a devorar-lhe a essência.

Já fizera isto algumas vezes, com o cuidado de parar antes que a minha vítima expirasse. Porém, esta noite não haveria hesitações nem contrições. Toda eu era urgência e necessidade. A caçadora abatia a presa para sustentar a sua vida... E a dor convertia-se em prazer.

Traguei a essência do jovem em golfadas. O seu coração pulsava como o de um passarinho assustado. Principiava a falhar... O momento do êxtase aproximava-se! Rasguei-lhe a túnica e afilei os dedos como punhais. Decidira não recorrer a armas pois, se ele se debatesse no auge do suplício, uma lâmina poderia cortar demasiado e estragar tudo. Só mais uma golfada de essência; uma última batida de coração. E os meus dedos começaram a enterrar-se na carne, desafiando a solidez do osso.

— Parar! — sibilou inesperadamente uma voz. — Parar já!

Erebus...? Não!

As mãos extraordinariamente fortes do «Criador das Trevas» fecharam-se sobre os meus ombros e puxaram-me para trás. Bradei, chiei, uivei como um lobo esfomeado que vê a sua lebre roubada por outro predador. Insurgi-me e a magia manifestou-se, sem que sequer pensasse em usá-la. O poder que me governava era tão colossal que bastou um repelão para projetar o meu primo pelo ar. Totalmente alheada, tornei a subjugar o rapaz que jazia inconsciente sobre a laje de pedra. Desta feita, lancei o braço qual machado, decidida a rasgar-lhe o peito para capturar o meu troféu. Porém, no instante decisivo, outro homem caiu sobre mim, empurrando-me para longe da presa. Se não era Erebus, quem seria? Não importava! Desafiara-me, tinha de morrer!

Rebolámos no chão, por entre urros e guinchos, socos, pontapés... e magia! Golfadas de magia negra, perversa, letal! O meu corpo ardia como se me tivessem arrancado a pele para se divertirem a queimar a carne exposta com línguas de flamas. A vista tingia-se de vermelho. O pensamento estagnava e o instinto

ascendia. Ainda escutava vozes, mas estas mal me roçavam a percepção. O homem que me agarrava fremia:

- Leva o rapaz. Ela não pode voltar a pôr-lhe as mãos...
- Não! Erebus não deixar mestre! — resistia o meu primo.
- Despacha-te! Não conseguirei segurá-la por muito tempo!
- Prima matar mestre...
- Vai, criatura néscia! Vai!

Sigarr? Rangi os dentes... E a minha sanha encontrou um novo alvo:

— Feiticeiro maldito! — rugi numa voz grotesca, irreconhecível. — Isto é tudo culpa tua!

Aos poucos, divisava os contornos de um rosto familiar, crispado de terror. Os olhos azuis faiscavam e os lábios comprimiam-se numa linha fina, enquanto volvia arquejante:

— Eu sei, Kelda... Hei de passar o resto da vida a pedir-te perdão por isso.

- A tua vida será curta — grunhi, transtornada. E ele contraditou:
- Ainda não é tarde! Deixa-me ajudar-te...
- Vou acabar contigo, infame!

Sujeitei-o e impus-lhe a violência do poder obscuro aceso no meu sangue. Sigarr tentou contrariar o meu ímpeto... Porém, já não enfrentava a jovem ingénua que lhe pedira instrução. Eu estava pronta, e mais do que disposta, a superar o mestre dos mestres. Os nossos corpos enlaçaram-se num abraço fatal, inflamados como sóis, espargindo raios de cor púrpura que desafiavam a solidez da pedra do túmulo. Todavia, a maior batalha estava a ser travada no interior das nossas mentes.

Fustiguei o feiticeiro com toda a malignidade da magia que me cavalgava. Ele absorveu-a enquanto conseguiu, tencionando reverter o fluxo de energia e voltá-la contra mim. No entanto, o meu ardor superava o seu! Constatar a aflição do mestre da Arte Obscura enchia-me de vaidade e acirrava-me ainda mais... Em pouco tempo, as suas defesas estilhaçavam-se em pedaços. E a sua essência ficava exposta, à minha mercê. Para meu desfrute. Para meu deleite.

Assimilei a vitalidade de Sigarr sem vacilar, extasiada com a complexidade do seu poder. Na noite do Homem, a Lua vestia-se de sangue. Uma nuvem negra desenvolvia-se sobre as nossas cabeças, prenhe de relâmpagos que ribombavam com o furor de um exército de demónios. A sua energia era tão vigorosa que sugava o calor da Terra e cobria o solo com cristais de gelo. Em simultâneo, um vento selvagem espalhava-se em nosso redor, formando espirais de areia que subiam até ao céu e se perdiam no infinito. Diante do tûmulo, a magia incendiava-me o corpo e as labaredas derramavam-se pela laje como óleo em chamas, enquanto eu tragava a essência do feiticeiro com uma fome desvairada. Sigarr estrebuchou uma última vez... E parou de lutar.

— Kelda... — apelou roucamente. — Olha para mim...

A sua atitude confundiu-me. Senti-me como se estivesse a galopar a toda a brida e, de repente, o solo desaparecesse à minha frente, obrigando-me a derrapar para não tombar no abismo. Contudo, a minha resolução não esmoreceu. Continuei a imobilizá-lo, sob a influência de uma força que superava a sua, fechando-lhe uma garra no pescoço antes de me afundar no olhar celeste. Estas seriam as suas derradeiras palavras.

— Se me queres, sou teu — arfou. E, para meu assombro, levou os dedos trémulos aos cordões da túnica e expôs o peito.

A pele de Sigarr, sempre alva e perfeita, tornara-se cinzenta e macilenta sob a veemência do meu assalto. Por baixo da carne e dos ossos, o seu coração pulsava em agonia.

— Se tenho de morrer, que seja às tuas mãos — voltou a ofegar, estrangulado. — Vence Halvard... Depois, purifica a tua essência.

Acharia que tais lérias me comoveriam e impediriam de tomar a sua miserável vida? Com um berro iracundo, projetei-lhe uma garra contra o peito... E o grito excruciante do feiticeiro soou como música para os meus ouvidos. A sua pele cedeu, o sangue verteu, a carne rasgou-se e os ossos quebraram-se. Enfim, os meus dedos alcançaram o cobiçado troféu. Tão quente! Denso... Rico... Eu ia

devorá-lo! Inspirei um fôlego de antecipação e preparei-me para puxar... Então, a presa gorgolejou:

— Amo-te...

Os olhos azuis cerraram-se e uma lágrima escorreu-lhe pela face roxa. Quis desviar o olhar dessa gota cintilante... Todavia, não consegui! E, de repente, foi como se algo explodisse dentro da minha cabeça. A declaração do feiticeiro entranhava-se em mim e ribombava qual trovão; ganhava consistência e fustigava a barreira de gelo que envolvia a energia radiosa da minha essência, até que esta principiou a estalar e a fender-se. Desmoronou-se abruptamente... E a luz que eu enclausurara libertou-se e inundou-me a consciência.

Clamei, assolada pela dor. As trevas da magia que eu acabara de despertar exigiam retribuição. Porém, a claridade adversava-as com uma fereza inexorável. Num fôlego suplicante, enfrentaram-se e debelaram-se. Já não havia brilho nem obscuridade na minha mente; apenas percepção e discernimento. A razão emergia... Pisquei os olhos, atordoada, lutando para respirar. Sigarr... Sigarr! O que é que eu estava a fazer!?

— Erebus! — bradei numa voz que troou qual corneta desafinada.

— Erebus, ajuda-me!

Ainda o meu clamor de aflição ecoava através dos degraus de pedra, já o meu primo surgia. Saltou como se voasse e aterrou ao meu lado, com os olhos negros arregalados de horror. Os meus dedos continuavam mergulhados no peito do mestre da Arte Obscura e eu não ousava mexê-los, com medo de que o mais insignificante dos movimentos fosse fatal. Sigarr desmaiara... Ou assim eu esperava! Não queria que ele morresse... Não queria!

— Salva-o, Erebus — soluzei, com as lágrimas a ruírem pelas faces.

A Lua encobrirá-se, em manifesto desprezo pela minha cobardia. As magias antagónicas da minha essência tinham-se anulado mutuamente. Nesse instante, eu era apenas uma mulher com a noção de que cometera uma hediondez para além de qualquer

defesa ou escusa. Prostrado aos meus pés não estava um feiticeiro... Estava um homem! E eu jamais poderia reclamar que Sigarr não possuía coração, pois este encontrava-se cativo da minha mão.

— Erebus... — voltei a suplicar. E o meu primo mastigou, num silvo que não deixava dúvidas quanto à sua mágoa e desapontamento:

— Ficar quieta! Erebus resolver.

Começava a habituar-me a despertar no quarto de Sigarr... Contudo, nunca antes a sua cama me parecera tão acolhedora! Perdera a conta às vezes que o feiticeiro me trouxera até aqui para me sarar. Hoje, era ele quem convalescia. E fora eu quem lhe causara os ferimentos que, por muito pouco, não o tinham lançado para os braços expectantes da rainha do submundo.

Fixei-o temerosa, reposto que estava o equilíbrio das forças que nos sustentavam. Inquietava-me a história que a minha mãe contava sobre o seu confronto com a feiticeira Aesa. A Rainha do Sol não conseguira matar a bruxa, mas, após a ofensiva, esta ficara com um aspeto envelhecido. Tal devera-se ao facto de a magia que concedia a Aesa a aparência de uma mulher sedutora não fluir da sua essência; antes resultar da energia vital que usurpava aos inocentes que matava. O destino colocara-nos, a mim e a Sigarr, em idêntica situação. Logo, se eu consumira a sua vitalidade, o feiticeiro devia ter decaído... Não! Sigarr ostentava a beleza que me era familiar! A riqueza dourada dos seus cabelos, mesmo sujos de sangue e pó, espalhava-se pelas almofadas de seda verde-escura, como a luz do Sol a abençoar uma floresta virgem. Só as manchas negras que lhe rodeavam os olhos testemunhavam o quanto sofrera às minhas mãos. Porém, mal a sua magia se restaurasse, estas também desapareceriam.

Dei por mim a suspirar de alívio... E a questionar a minha agitação. Que me importava se o feiticeiro parecia um jovem guerreiro ou um ancião decrépito? A realidade é que me importava! E não por receio de que isso agravasse a sua fúria, ao acordar... Este

incidente provara que Sigarr voltara a beneficiar da graça da Ilha Sagrada. Era essa magia primordial que, lentamente, sarava a sua essência. Por isso a sua luz ganhava vigor! Acrescia o facto de eu apreciar o que estava diante dos meus olhos... Circunstância que, aliada aos acontecimentos que nos tinham colocado nesta cama, assumia uma relevância descomunal.

Sufoquei um soluço ao recordar o desvario que me coagira a executar um ritual que era a contradição de tudo o que defendia... Da minha própria natureza! Todavia, fizera-o por acreditar não existir outra maneira de travar o meu irmão. E o meu falhanço podia ter condenado a Terra! Halvard não tardaria a regressar e eu não teria outro ensejo para equiparar os nossos poderes. Para o bem ou para o mal, a interferência do feiticeiro selara o meu destino... Ainda assim, devia admitir que me sentia confortada por não me ter transformado num monstro.

À medida que o meu raciocínio se restabelecia, o assombro estrangulava-me. Sigarr fizera algo inimaginável! Não só salvara a minha vítima como me oferecera a sua vida, num último esforço para despertar o meu siso... E declarara-me o seu amor! Noutras condições, eu arranjaría uma infinidade de justificações para a sua atitude, relacionadas com interesses dissimulados que acabariam por servir objetivos nefandos. No entanto, após esta noite, a verdade parecia incontestável: o mestre da Arte Obscura estava mesmo apaixonado... E por mim!

Soltei um gemido pungente. Mais um problema que teria de enfrentar... Entretanto, alguém se mexeu nas sombras, reagindo ao meu queixume. Virei a cabeça e deparei com o «Criador das Trevas» recostado num berço de almofadas. Graças à excelência da sua energia curativa, Sigarr encontrava-se fora de perigo. A expressão com que me fixava era de acérrima reprovação. Mais do que zangado, estava contundido. Afinal, fora traído na sua confiança. E logo por mim: a prima, a confidente, a «família» que Erebus jamais julgaria ser capaz de o lesar.

— Perdoa-me... — roguei pela milésima vez.

- Kelda descansar — cortou secamente.
- Erebus... — insisti. E ele tornou, irredutível:
- Halvard regressar breve. Kelda recuperar.
- Não sejas duro com ela...

Quase saltei de susto ao escutar a voz de Sigarr tão perto do meu ouvido. De imediato, Erebus precipitou-se para o leito sem disfarçar a comoção:

- Mestre estar bem?

O feiticeiro quis recostar-se nas almofadas, mas o ar escapou-lhe numa óbvia manifestação de dor. Levou a mão ao peito, sobre as ligaduras com que Erebus lhe envolvera a ferida, e ripostou, tentando gracejar:

— Estou quase como novo... A nossa guerreira tem dedos fortes! E uma obstinação que faz qualquer asno zurrar de inveja!

Teimosa e estulta... Duas agulhoadas numa afirmação! Afinal, o que esperava? Rebuçados e um «muito obrigado por quase me teres arrancado o coração»?

— Desculpa, Sigarr... — comecei a entarmelar. Porém, Erebus atalhou com um sibilo irritado:

- Kelda achar palavras remediar mal?

— Erebus... — ralhou o feiticeiro, ainda que afetuoso. — Este não é o momento de julgar! Se queremos sobreviver aos tempos vindouros, com a ambição acrescida de salvar Halvard, temos de nos manter unidos e concentrados. Além disso, Kelda está a ser sincera.

O «Criador das Trevas» cerrou os olhos, contrariado. Alguns resmungos depois, tomou a iniciativa de nos deixar a sós. Mas não sem que o mestre lhe agradecesse:

— És o filho que eu gostaria de ter tido... A prova de que nem tudo o que fiz resultou numa imprecisão! Quero que saibas que me enches de orgulho a cada dia.

Ao ver Erebus sair a correr para esconder as lágrimas de emoção, vagi um desabafo:

- Ele jamais me perdoará!

— O teu primo adora-te, Kelda — contestou Sigarr com brandura.
— Acabará por entender que apenas fizeste o que achaste ser melhor para todos.

O feiticeiro tivera a minha mão enterrada dentro do peito e ainda me defendia?

— E tu...? — murmurei, reunindo coragem para fixar o olhar celeste. — Podes relevar-me?

Sigarr mirou-me intensamente antes de ripostar:

— Sou eu quem deve pedir-te perdão por todo o mal que te fiz... E pelo sofrimento que infligi aos teus, o qual, inevitavelmente, se repercutiu em ti. — O nó na sua garganta subiu e desceu, antes de acrescentar: — Ainda assim, devo ter acertado algum passo para te ter aqui, ao meu lado.

A sua mão deslizou em busca da minha... E não tive forças para evitá-lo. Apertou-me os dedos com gentileza, sem me dar razões para recuar. No entanto, era óbvio que a situação estava a tomar um rumo perigoso, por isso apressei-me a indagar:

— Como foi que descobriste o que eu planeava fazer?

— Por interferência da tua protetora Íris... Ao longo da minha «atribulada» existência, conheci poucas criaturas com o arrojo daquela tresloucada! É preciso uma convicção férrea para ludibriar o faustoso Celsus com um sorriso nos lábios.

Fui percorrida por um calafrio. Até ao presente, Íris desenvencilhara-se bem... Porém, o que aconteceria no dia em que a sorte a abandonasse? Na verdade, nem o seu nem o meu futuro se afiguravam auspiciosos! Enchi o peito de ar, reunindo ânimo para interpelar Sigarr acerca dos resultados da sua visita à Ilha Sagrada. Quando hesitou, inferi que as notícias não eram boas.

— As minhas questões deixaram Celsus inquieto e encrespado — começou devagar. — Apenas lhe arranquei a confirmação de que as tuas tatuagens estão ligadas à profecia. Quanto ao resto, reclama que tudo se esclarecerá no devido tempo. — Perante a minha frustração, aditou brandamente: — Lamento, Kelda. Sei que te prometi mais... Mas Ingimar continua a ciciar contra mim e fiquei

com medo de que a minha insistência despertasse a suspeição de Celsus.

Sofreei o impulso de exprobrar contra a improficuidade da sua iniciativa. Depois de quase o ter matado, com que cara ia repreendê-lo? Sacudi os ombros e volvi com uma resignação amarga:

— A minha Visão foi imprecisa... Todavia, parecem não subsistir dúvidas quanto à identidade da mulher sacrificada na Noite Branca.

— Não é bem assim — refutou, buscando o meu olhar. — Essa foi uma das perguntas às quais Celsus se recusou a responder. Porém, fitou-me com uma sobranceria que me confundiu... Foi como se desdenhasse por me ver a chapinhar à toa no lodo das suposições! E Íris também não concorda que essa seja a solução para o enigma. Alega que, se tu estivesse destinada a morrer no ritual, a Pedra do Tempo não te teria eleito *decisora*.

— Sou *decisora* de Thorson — redargui. — Posso perfeitamente morrer no ritual de Halvard!

— Foi o que eu lhe disse... Mas sinceramente, Kelda, também tenho dúvidas! E o ideal será não precisar de desfazê-las! Se concluir o meu plano, essa confusão tornar-se-á irrelevante.

De novo, quis ajeitar-se sobre as almofadas... E, de novo, trincou um gemido e desistiu. Raios! Tinha de ajudá-lo! Tentei ignorar o embaraço da proximidade, o vigor dos seus braços em redor do meu pescoço, o calor da respiração a abrasar-me a pele, a suavidade da face encostada à minha... Felizmente, o feiticeiro parecia abstraído do meu incómodo e suspirava de alívio pelo ensejo de esticar os ossos. Franzi o sobrolho ao constatar que as ligaduras tinham ficado manchadas de vermelho. A dor até se justificava, pois a sua magia devia estar demasiado fraca para amenizá-la. Porém, como é que as feridas ainda sangravam após a intervenção de Erebus?

— Posso ver? — solicitei; a inquietação sobrepondo-se ao pudor. Ele hesitou, mas acabou por aquiescer, permitindo-me examiná-lo. Engoli em seco ao deparar com os danos colossais que lhe infligira. Aparentava estar a sarar bem, mas ainda exigia cuidados.

— Porque é que Erebus não concluiu a regeneração? — inquiri com estranheza.

— Porque tamanho prodígio não se alcança com um estalar de dedos — objetou com uma ponta de sarcasmo. — Carne, músculo, ossos... Deixaste-me numa lástima, Kelda! A magia com que Erebus me impregnou continua a fazer o seu trabalho. No entanto, o restabelecimento vai demorar algum tempo, até porque a minha energia só agora começa a reacender-se.

— Mas Erebus pode acelerar o processo — tornei a insistir, ao que ele contraditou:

— Não quero que o teu primo se desgaste. Halvard está prestes a chegar e, se não aceitar as minhas explicações sobre as razões por que abandonámos o Império, as coisas irão complicar-se! Erebus deve fruir de todas as suas capacidades, na eventualidade de ter de se defender.

Os seus argumentos eriçaram-me os cabelos. Fiquei lívida ao cogitar nas atrocidades que o Filho do Dragão haveria de perpetrar mal assentasse um pé na Terra das Montanhas de Areia. Sigarr teria de estar refeito para lhe controlar os ímpetos... Ou para lhe fazer frente! Se o reencontro originasse uma discussão, o meu gémeo seria capaz de acusar o mestre de traição e de atentar contra a sua vida. Angustuada, decidi num fôlego:

— Vou ajudar-te. A minha energia curativa não é miraculosa como a de Erebus, mas...

— Não, Kelda! Devo declinar o teu auxílio pela mesma razão que escusei o de Erebus.

— Não tens escolha — contestei resoluta. — Preferes que Halvard te encontre a convalescer? Como lhe justificarás isto? Além disso, esqueces que a luz da minha essência se renova permanentemente? Posso dispensar-te energia sem comprometer a minha força.

Sigarr desviou o rosto, como se a minha proposta lhe desagradasse, mas as circunstâncias o coagissem a ponderá-la. Todavia, um brilho no olhar azul fez o meu queixo pender... O regozijo da vitória traía-o! Isto fora uma armadilha! O filho de uma

ratazana manhosa dispensara Erebus porque já expectava que eu insistisse em socorrê-lo. Empinei o nariz e trinquei, agastada:

— Tu és um facínora sem um pingo de decoro...

Se forjasse estupefação e reclamasse inocência, eu voaria porta fora! Contudo, Sigarr torceu um sorriso, ciente de que fora - apanhado. E susteve esse ar fresco, vibrante e sedutor, quando voltou a encarar-me, retorquindo num tom sereno e conciliador:

— Tens razão. Mas queria que desejaesses ficar comigo, tanto quanto eu desejo estar contigo.

Abri a boca para porfiar, mas a cintilação celeste paralisou-me. Senti um aperto no estômago e o sangue a aquecer... Estava derrotada! Engoli a custo e arquejei:

— Eu devia ter-te arrancado o coração...

O seu sorriso mirrou, enquanto o olhar incandescia e a respiração se descompassava. Estendeu a mão e afagou a minha. Depois, beijou-me os dedos, deslizando os lábios pela pele, antes de retrucar numa voz ardente e rouca:

— Mas não arrancaste! Por isso, não te importas de cuidar dele com carinho? Por favor?

As minhas faces incendiaram-se. Por alguma razão insana, não conseguia desviar os olhos dos seus lábios. Tinha de me afastar e recompor, antes que cometesse um desatino! Puxei pela mão e ergui-me. Alguém deixara ligaduras sobre a mesa e uma taça onde vazar a água do jarro. Tentei distrair-me a preparar o curativo, mas era impossível ignorar o calor que Sigarr irradiava. Quando voltei para junto dele, suspirei ao vê-lo de olhos fechados.

Concentrei-me na ferida. Mal comecei a impregná-lo com energia curativa, a sua respiração tranquilizou-se e o corpo ficou menos rígido. Estava mesmo com muitas dores! Entretanto, o sangue tornara a verter dos golpes, escorrera-lhe sobre o ventre, alagara o umbigo e acumulara-se sobre a cicatriz que resultara do nosso duelo. Estancá-lo seria a primeira coisa a fazer. Enchi o peito de ar e aguicei a determinação, apelando à minha luz.

Ainda não averiguara se a magia que fluía da Árvore da Sabedoria para a minha essência fora prejudicada pelo incidente dessa noite. O alívio inundou-me ao senti-la fulgurar, prova de que Pequena e Lobo Cinzento não me tinham desamparado. Deixei essa energia extravasar para Sigarr e, aos poucos, os nervos foram-se aquietando. Assim que o sangue secou, limpei-lhe as feridas com desvelo, satisfeita por constatar que as minhas mãos já não tremiam. Acabei por me embrenhar tanto na tarefa que me sobressaltei quando ele sussurrou, como se tentasse gracejar para desanuviar a tensão que abundava no quarto:

— Depois de todas as desavenças que Lyria e eu tivemos, jamais me passou pela cabeça que, um dia, haveria de beneficiar da sua magia!

Deparei com a limpidez do seu olhar... E, de repente, parecia que já não fazia sentido ocultar-lhe a verdade. Este não era o homem que raptara o meu irmão! Nem sequer era o homem que me salvara de Deimos! Era... Era alguém que me fazia sentir bem! Muito bem! Se propalava que toda a gente tinha direito a uma segunda oportunidade, porque não admitia a redenção de Sigarr? Virei o rosto e fixei a ferida no seu peito, a incandescer sob a influência da energia que vertia da minha mão, reunindo coragem para anunciar:

— São os meus avós que estão a sustentar a minha luz.

— O quê? — replicou, abismado. — Throst e Catelyn? Como?

Contei-lhe... Sim, contei-lhe! E, enquanto o fazia, tive a perceção de que nada voltaria a ser igual. Esta confiança provava que o feiticeiro conquistara a minha confiança... Porém, não estava satisfeito! A forma como a sua mão aflorou a minha, a envolveu e acariciou, demonstrava que, vencido este desafio, ele aspirava a muito mais.

Senti a garganta secar quando me agradeceu. Recuou para que eu continuasse a limpá-lo. Só faltava a cicatriz do nosso duelo. Eu nunca entendera por que Sigarr suportara duras penas para sarar do corte da minha lâmina, sem recorrer à magia. No início, julgara que o fazia por ressentimento, para depois reclamar vingança. Agora,

enquanto deslizava a toalha molhada sobre a linha grossa que desfeava a perfeição nívea do seu ventre, tal hipótese assomava-se ridícula. Quando dei por mim, afagava-a com as pontas dos dedos e assimilava o calor febril da carne...

— Não me vais perguntar?

A interrogação fervorosa explodiu-me dentro da cabeça. Recolhi a mão com uma rapidez apavorada, ao tomar consciência da forma íntima, até lasciva, como lhe tocara. Não conseguia encará-lo e não tinha forças para me levantar. Por isso, limitei-me a titubear:

— Perguntar o quê?

— Ora, Kelda! — retrucou, implacável. — Porque é que fiz questão de ficar marcado por ti! Sei que a curiosidade te atormenta... Este é o teu ensejo de descobrires a verdade.

Eu estava em apuros! Quebrara as regras e aventurara-me em território proibido... Tinha de detê-lo! Com rispidez e frieza... Até com brusquidão! Urgia fazer tudo o que fosse necessário para calá-lo, até recuperar a compostura e poder debandar do seu quarto. Porém, a minha réplica soou como um soluço débil, deixando-me ainda mais trémula:

— Talvez eu não queira saber...

— Deveras? — reptou Sigarr com uma firmeza cálida. Então, deslizou a mão sobre a minha, até os nossos pulsos se unirem e as tatuagens do Dragão da Lua ficarem alinhadas. Do nada, os desenhos como que ganharam vida na nossa pele, transformando linhas negras em rios de fogo. A manifestação mística foi tão inesperada e arrebatadora que me fez ofegar. E a confissão do feiticeiro soou, cava e inflamada:

— Foi nesse dia que percebi que estava apaixonado por ti.

Com mil ratazanas esfaceladas, isto era intolerável! Quis levantar-me, mas ele suplicou:

— Ouve-me até ao fim... Depois, deixar-te-ei partir sem dizeres nada.

Quedei-me sentada, hirta e tensa, com a cabeça num turbilhão. Sentia-me como uma traça que acabara de cair numa teia... E a

aranha aproximava-se! Devia fugir... Porém, o feiticeiro seria capaz de se precipitar atrás de mim e as consequências do seu esforço talvez fossem fatais. A aranha preparava-se para me paralisar... E eu nada podia fazer! Cerrei os dentes para que não batessem, enquanto Sigarr entrelaçava os nossos dedos e declarava:

— Sempre que olho para ti, sinto que o meu coração renasceu. Cada instante ao teu lado faz-me suspirar por mais! Despertas em mim sentimentos que julgava mortos; até emoções que desconhecia, como um instinto de proteção feroz que me faz oferecer o pescoço ao fio da espada, com um sorriso nos lábios. Juro que tentei combater isto, Kelda... Mas fui obrigado a render-me! — Tocou-me no queixo, buscando o meu olhar antes de terminar: — Não quero assustar-te... Muito menos afugentar-te! Só gostava que tivesses consciência de que mudaste a minha vida. Provavelmente, salvaste a minha alma! Sei que não sou digno do teu amor, mas...

— Sigarr, não! — interrompi, atordoada. — Eu não consigo... Não posso pensar «nisso» agora!

Temí a sua reação. Contudo, após uma pausa, anuiu com a cabeça. Respirou fundo e questionou num tom moderado, até sereno:

— E será possível pensares «nisso» um dia?

Fitei-o, a respirar aos borbotões. Nunca o vira assim, tão frágil, expectante, sincero... tão belo! Eu não queria sentir esta ânsia no peito, no ventre, no fôlego... A aranha enrolara a sua seda em torno da presa e fazia-a rodopiar entre as patas. Em breve, a pequena traça seria devorada! Suspensa no olhar azul, escutei a minha voz como se não me pertencesse:

— Talvez...

Sigarr sorriu; porém, sem sobranceira nem perversão. O contentamento transpareceu em cada traço do seu rosto ao levar a minha mão aos lábios. Beijou-a com suavidade e enunciou:

— Isso é quanto basta para me impelir em frente.

Fui incapaz de responder. Nem o mais violento ataque de loucura igualaria o que estava a acontecer. A razão bradava a urgência de

partir, mas o corpo trémulo continuava preso à cama. E, para agravar ainda mais a minha aflição, o feiticeiro solicitou:

— Fica comigo. Sem constrangimentos, nem imposições... Simplesmente, descansa ao meu lado. A luz que a tua aura irradia é quanto basta para me ajudar a sarar.

Devia dizer que não! Todavia, desejava dizer que não?

Recostei-me. Fechei os olhos. Entreguei-lhe a mão. Fiquei.

CAPÍTULO 8

Não conseguia despertar... No entanto, também não estava a dormir! Nessa agonia, que oscilava entre o sono e a realidade, vi-me novamente diante de um olhar azul-escuro carregado de rancor, enquanto uma ponte se despenhava num precipício. E os lábios de Lysander, príncipe da Gente Bela, cuspiam um vómito de imprecações: «*Maldita sejas! Devia matar-te!*»

Sim, eu teria preferido morrer, a enfrentar tão cruel condenação! Contudo, estava viva. E viva continuaria, ainda que supliciada pelas suas pragas. Quão vãs eram as promessas dos homens? E quão levianas as suas convicções? «*Amo-te, Kelda... Jamais desistirei de ti!*»

«*Porque não me ouviste, Lys?*», interrogava a voz do meu desalento. E outra voz, cruel, álgida e implacável, replicava: «*Porque não te ama. Nunca te amou! Se te amasse, recusar-te-ia apoio?*» A primeira voz persistia, chorosa: «*Ele arriscou a vida por mim!*» E a segunda voz retrucava, carregada de ressentimento: «*Porque jurou proteger-te... O dever acima de tudo! Faria o mesmo por qualquer outro. Esqueces que ele próprio afiançou isso, diante de Ulfvaldr?*»

Eu queria acordar... Queria desesperadamente acordar! Halvard invadia o meu sonho. Abria a porta do meu quarto e, esquivo como um ladrão, abeirava-se da cama, entrelaçava os dedos nos meus caracóis e prolongava a carícia pelo rosto e pelo peito, até se deter na curva dos seios. A minha mente estrebuchou, berrando de indignação e repulsa. Eu tinha de acordar! E ia acordar!

Sentei-me na cama, tragando sopros de horror. Estava sozinha no quarto... Tombei na almofada, com os olhos cheios de lágrimas. Busquei o conforto da música da concha mágica, mas a voz da mulher que a encantara não tardou a manifestar-se: «*Sopra o búzio dentro de água... Amar-te-ei até à morte!*»

Amor e morte. Recordar o que acontecera com Sigarr fez-me soltar um gemido pungente. Como pudera ser tão covarde? Deveria

ter cortado cerne o entusiasmo do feiticeiro! Ao invés, deitara-me ao seu lado, aninhara-me no seu corpo, entregara-lhe a minha luz, recebera o seu calor... Despertara a meio da noite, aconchegada e repousada. Porém, esse aprazimento durara uma batida de coração, até a realidade me atingir como uma bordoadada na cabeça.

Sigarr não se apercebera do meu choque. A minha magia entranhara-se na sua essência com tamanha perfeição, que o convidara a mergulhar num sono profundo. Haveria de despertar restabelecido... E eu não suportaria encará-lo! Por isso fugira do seu quarto, com uma pergunta a excruciar-me; a mesma que, nesse instante, me gelava. E agora? Com mil ratazanas desesperadas, o que é que eu ia fazer? O que podia fazer?

A claridade que atravessava a portada anunciava o nascer de um novo dia... O dia que assinalaria o fim da minha liberdade, talvez da minha vida! Como se em resposta aos meus pensamentos, um estridor atingiu-me a perção... O ronco de uma trompa! Eu reconhecia esse toque... Era uma ovação ao senhor do território. Halvard regressava ao palácio.

Pulei da cama, com as mãos a pressionarem o coração alvoroçado. De repente, todas as minhas angústias e todos os meus temores assumiam forma. Mal tivera tempo de respirar e já a porta do quarto se abria. Sigarr avançou sem pedir permissão... E eu caí nos seus braços como se estes fossem o último refúgio seguro na Terra, esquecida da resolução de não o deixar aproximar-se.

— Chegou o momento — murmurou, estreitando-me contra o peito. — Vais ter de ser forte...

— Tenho medo — confessei num arquejo estrangulado.

— Eu sei — ripostou, afastando-se o suficiente para me encarar. — Mas tu vais conseguir! Olha para mim, Kelda... — Prendeu-me o rosto entre as mãos e fustigou-me com a energia abrasadora da sua determinação, antes de repetir: — Tu vais conseguir!

Decerto acordara com o ribombar da trompa e correra ao meu encontro, pois tinha os cabelos desgrenhados, o peito nu, as calças

amarrotadas, os pés descalços... E uma expressão de loucura apaixonada que me roubou o ar quando indagou com ardor:

— Lembras-te do dia em que te fui buscar à casa de Íris? Eu sentia o cheiro do teu pavor... Porém, esse olhar verde desafiava-me, como se altercasse «faças o que fizeres, a vitória será minha!». Quero que regresSES a essa manhã e incorpores esse espírito, Kelda! Dar-te-ei tempo para te acalmares... Não permitirei que Halvard te convoque, até que tudo esteja devidamente esclarecido. Depois, só terás de abraçá-lo para consolidar o vosso elo. Pensa que a primavera não tarda... Logo estaremos a navegar rumo à Ilha dos Penhascos para concretizar o meu plano.

— Sigarr... — comecei a titubear, mas ele contraditou:

— Nada de hesitações! Olha nos meus olhos e diz: «Eu sou capaz!» Diz!

— Eu sou capaz — entaramelei. Depois, respirei fundo e forcei-me a controlar-me. Pressionei os dedos contra o seu peito e concentrei-me no pulsar do seu coração. Quando voltei a fixá-lo, já não tremia. Imergi no olhar celeste, sem dúvidas nem pudores, declarando resoluta: — Eu sou capaz!

— Sei que sim —olveu Sigarr com idêntico fervor. — E eu também serei!

Dito isso, retirou uma pequena caixa do bolso das calças. Os meus olhos arregalaram-se e uma descarga de energia percorreu-me, como se um raio me fulminasse. Eu sabia o que aquela caixa guardava! Tivera-a nas mãos, na noite em que revistara o seu quarto. Na altura, cogitara que uma joia tão maravilhosa só podia ser originária da Ilha Sagrada... E que, de certeza, pertencera a Aranwen! Por isso, mal contive um soluço quando Sigarr enunciou:

— Imaginei que haveria de te oferecer este presente em circunstâncias bastante diferentes... Porém, receio que seja impossível falarmos abertamente quando Halvard aqui estiver. E não vou perder mais tempo com rodeios, arriscando-me a deixar algo por fazer ou dizer.

Isto não estava a acontecer! Quedei-me, incapaz de mexer um músculo... E ele insistiu:

— Aceita, Kelda... Por favor!

Engoli em seco, ciente de que tinha de recusar... Porém, dei por mim a obsequiá-lo. Sigarr sorriu, assombrosamente nervoso e inseguro. Eu também tremia da cabeça aos pés, enquanto abria a caixa como se ignorasse o que continha. E a pulseira tecida com fios sedosos de cristal revelou-se, ainda mais deslumbrante do que eu lembrava.

— É uma joia de família — continuou o feiticeiro, rouco de emoção. — Pertenceu à minha avó e ficou destinada à mulher que eu escolhesse para partilhar a minha vida.

Impulsivamente, o nome saltou-me dos lábios numa interrogação angustiada:

— Aranwen...?

Temi acender a sua ira... Contudo, Sigarr abanou a cabeça e retorquiu sobriamente:

— Não tens de sentir estranheza. A minha avó foi a última mulher que usou essa pulseira.

— Ainda assim... — objetei, forçando-me a reagir. — Eu não posso...

— Podes! — contestou, colocando a joia dentro da minha mão, cerrando-me os dedos e firmando solenemente: — Possuo muitas «coisas»... Porém, esta pulseira é a única coisa verdadeiramente minha! Por isso ta quero dar, Kelda. Não precisas de usá-la, embora me agradasse vê-la no teu pulso... — Ao constatar que eu não desistia de reclamar, tocou-me nos lábios e concluiu: — Quando a guerra terminar, poderás devolver-me se não a desejares. Todavia, se algo me suceder, quero que a guardes. Oferece-a à tua filha e fala-lhe de mim... Diz-lhe que fui um homem que te amou mais do que à própria vida.

Os seus lábios caíram sobre a minha testa, num beijo longo e intenso. Então, saiu do quarto, qual rajada de vento... E o fogo que fazia o meu sangue arder transformou-se em gelo. Ainda titubeei o

seu nome, com as lágrimas a inundarem-me os olhos. Porém, Sigarr desaparecera, deixando-me a sua pulseira entre os dedos e um mau pressentimento a corroer-me o peito.

Sigarr recebeu Halvard e os dois conversaram durante bastante tempo. O que foi dito não chegou ao meu conhecimento. Supostamente, o assunto mais espinhoso a clarificar era o porquê do nosso regresso à Terra das Montanhas de Areia. Contudo, fiquei a acreditar que o feiticeiro soubera usar com mestria o seu poder de persuasão na defesa da nossa causa. Se o meu irmão guardava algum ressentimento ou desconfiança pelo facto de termos virado costas à ofensiva contra o Império, não os manifestou. Pelo contrário, quando finalmente Erebus e eu fomos chamados ao salão para saudá-lo, nem sequer aflorou essa questão.

Desci a escadaria de pedra verde com um nó na garganta e um frio no estômago. Sigarr e Erebus já marcavam presença... Assim como Deimos! A visão do rei do Povo do Fogo fez-me suster a respiração. Pressionei a língua contra o céu da boca para manter o controlo. Após o malogro do meu plano, restava-me orar pelo sucesso do ardil do feiticeiro. Halvard tinha de se convencer de que iria trocar o «meu pai» pelas Lágrimas do Sol e da Lua, pois só assim não lhe causaria dano. E eu tinha de me habituar a esta nova realidade e empenhar-me em agradá-lo.

— Querida Kelda! — exclamou o meu gémeo, abraçando-me com um entusiasmo ardoroso. — Estou tão feliz por te ver recuperada! Não imaginas o quanto me afligi!

Após assegurar-se do meu pleno restabelecimento, examinou com minúcia a cicatriz do nosso pacto de sangue, como se precisasse de desfazer alguma dúvida acerca da continuidade da minha sujeição. Quando se deu por satisfeito, fitou o mestre de soslaio e revelou:

— Sigarr contou-me que decidiu adestrar-te na Arte Obscura e que está impressionado com os teus progressos. Afiança que aprendes quase tão rápido quanto eu! — Gargalhou, como se admitir a possibilidade de me ver chegar aos seus calcanhares fosse

uma piada hilariante. — Fico contente por te encontrar mais forte, meu amor! Talvez o flagelo da nossa separação tenha tido um propósito... Assim, estarás apta a combater ao meu lado quando chegar o momento de esmagar de vez os nossos inimigos.

O meu irmão também mudara... As tatuagens parcialmente expostas pelas vestes de couro tinham evoluído! A terrível criatura mística que atormentava a sua essência aguardava, impaciente, o dia da libertação. E as labaredas da ambição tragavam a limpidez verde-floresta do seu olhar. A fealdade da essência deformava-lhe a perfeição física, fruto da combinação do que existia de mais torpe, atroz e maligno. Como é que eu ainda me dispunha a lutar para salvar a sua humanidade, quando Halvard já nada possuía de humano, além de uma carapaça ostentosa?

O meu coração quase parou quando me conduziu até Deimos. Ainda tive a ilusão de que obrigaria o demónio a retratar-se pelo mal que me fizera. Se ordenara aos demais seguidores que me jurassem lealdade, porque não demandaria igual subserviência do seu *protetor*? Todavia, a ideia de Halvard era diferente... Cerrei os dentes para não rosnar de raiva ao ouvi-lo enunciar:

— Não irei exigir que aperteis as mãos e troqueis votos de amizade, mas recordo-vos de que sois aliados ao meu serviço. Se entre vós persiste alguma questão, expressai-a agora para que eu possa resolvê-la. De outro modo, as quezílias passadas ficam sanadas. Fui claro?

— Claríssimo! —olveu o chifrudo, como se aquele discurso estivesse combinado.

Arrostei-o com o ódio a envenenar-me as entranhas. E o meu olhar, carregado de desdém, deteve-se sobre o pano vermelho que lhe envolvia os quadris. Antes do nosso confronto, Deimos sempre exibira com ufania a descomunalidade do seu falo... Agora que o seu baixo-ventre devia estar liso como uma maçã, ocultava-se com vergonha. Apesar de o seu corpo ter sarado, o orgulho jamais se restabeleceria. O facto de ter sido eu a ditar o fim da sua linhagem maldita enchia-me de satisfação! No entanto, expressá-la diante de

Halvard seria pura estultícia... Quis dissimular a sobrançeria, mas o olhar ardente do demónio já se virava para o seu senhor, como se eu tivesse denunciado a falsidade da minha submissão. E a frieza de Halvard vaticinou sarilhos:

— Desejas dizer algo, Kelda?

Engoli em seco e tentei manter a postura ativa ao revidar:

— Tudo o que almejo é a preservação da tua integridade e a satisfação da tua vontade.

A sua expressão acusou incerteza... Nesse instante, Sigarr intrometeu-se:

— Tenho uma surpresa para celebrar o teu regresso, Halvard.

Bateu palmas e um escravo entrou no salão, carregando uma manta de pelo rubro. Deteve-se diante do Filho do Dragão e tombou sobre um joelho, com os braços estendidos e a cabeça prostrada em reverência. Suspirei quando Halvard avançou, distraído do meu deslize. Afundou os dedos no pelo cor de fogo e soltou uma exclamação encantada ao constatar tratar-se de uma capa. Eu também nunca vira um adorno tão sublime, nem mesmo na posse dos soberanos da nossa família. O meu irmão lançou-a sobre os ombros e deleitou-se com a sua majestade. Que eu conhecesse, não existiam animais na Terra capazes de prover tal prodígio, nem tintas que colorissem tão imaculadamente o pelo! A dúvida desfez-se quando Sigarr declarou com ênfase:

— Essa capa é um tributo do Mestre Supremo dos Seres Superiores ao Filho do Dragão... E eu também tenho um presente especial para comemorar as vitórias que alcançaste.

Novo bater de palmas e outro escravo surgiu, trazendo uma manta prateada. Porém, esta apenas envolvia a verdadeira oferenda. A mão do meu gémeo emergiu da cintilação argêntea, exibindo uma magnífica espada. Deslumbrada, constatei que o seu punho era de ouro, cravejado de rubis, e a lâmina de um material tão brilhante que jamais se confundiria com qualquer metal comum. Na sua folha, longa e larga, estavam gravados caracteres rúnicos que reproduziam

na perfeição a mensagem da tatuagem exposta no braço direito do Filho do Dragão: «*Eu ascenderei e o Homem tombará.*»

— É tão leve! — extasiou-se Halvard, brandindo-a com toda a sua perícia. E o feiticeiro volveu:

— Foi forjada com a mais excelsa magia da Ilha Sagrada. Encomendei-a há muito, para que pudesses empunhá-la no teu dia de glória.

Por instantes, Halvard perdeu a arrogância ao encarar o feiticeiro. Acenou-lhe e agradeceu:

— Obrigado... mestre!

Sigarr retribuiu a cortesia e sorriu, ripostando com calor:

— Tu mereces essa recompensa... E muitas mais! O teu percurso tem sido exemplar.

Halvard gargalhou, qual garoto que recebe o mais almejado dos brinquedos. Correu e saltou pelo salão, rasgando o ar com a espada nova como se jamais tencionasse empunhar outra. A capa de pelo rubro esvoaçava, deixando rastos de fogo à sua passagem. De repente, fixou a sua atenção nos escravos... E arremeteu como se estivesse num campo de batalha.

Horripilada, vi o meu irmão decepar braços e pernas, decapitar cabeças e rasgar troncos, sem um fôlego de hesitação. Não podia olhar para Sigarr ou arriscava-me a denunciar o nosso conluio. Decerto não era isto que ele tinha em mente ao oferecer a espada ao pupilo! Os gritos dos infelizes mal se fizeram ouvir, tal a rapidez e violência do assalto. Num ápice, havia pedaços de corpos espalhados por toda a parte, o sangue alagava o chão... E o Filho do Dragão continuava a berrar e a agitar a espada, num frenesim selvático.

O ronco deliciado de Deimos inflamou-me os nervos. E a ira ajudou-me a superar o choque. Mesmo a tempo, pois Halvard investia contra mim. Não sei o que me segurou ao chão... Talvez o instinto; talvez um desvario superior ao seu! Vi a espada descer sobre o meu pescoço, mas não reagi. A lâmina deteve-se encostada à pele, com uma precisão inigualável. Parte da minha mente escutou o urro ansioso de Deimos, o sibilo aterrado de Erebus, o arranco da

respiração de Sigarr... Porém, o meu olhar estava fixo no meu gémeo; verde-floresta contra verde-floresta.

Mantive-me assombrosamente impávida, com a lâmina banhada de sangue a acariciar-me a garganta. Sim, a acariciar, pois, se a vontade de Halvard fosse outra, tudo teria acabado nesse instante. Estava a testar a minha subserviência... O meu martírio recomeçara!

— Não imaginas a excelência desta arma, Kelda! — exclamou arrebatado. — Corta osso como se fosse queijo! E o golpe é limpo, perfeito... Um dia, deixo-te experimentá-la!

Inesperadamente, recuou e elegeu outra vítima: Erebus. Tal como eu, o «Criador das Trevas» não se mexeu ao sentir o toque do singular metal sobre a pele. Eu sabia que o seu ânimo estava exaltado e orei para que se controlasse. O Filho do Dragão já trincava, num tom carregado de iniquidade:

— Nós também havemos de nos divertir bastante com esta arma, querido primo!

Recordei o prazer que o meu irmão sentia em ferir, ou melhor, em destroçar o seu *decisor*. Apesar de Erebus possuir uma prodigiosa capacidade de sarar, o processo implicava um suplício excruciante. Porém, isso pouco importava a Halvard, desde que o seu perverso regozijo estivesse garantido. O meu primo cogitava no mesmo, pois torceu um sorriso amargo. Nesse instante, o olhar do meu gémeo fixou-se no peito alvo que a capa deixava a descoberto... E o seu sobrolho franziu-se ao indagar com uma estranheza chocada:

— Onde está o teu colar, Erebus?

Gelei, convicta de que este incidente ia desencadear uma desgraça. Sigarr cerrou os olhos, num aviso para que me aquietasse. O meu primo já retrucava, num silvo pungente:

— Erebus não saber... Perder Império.

Fiquei atónita. Pelos vistos, o «Criador das Trevas» também era um mestre na arte do embuste. Se não soubesse melhor, eu acreditaria que o sumiço do colar lhe causara um tremendo desgosto. Halvard engoliu o logro, pois baixou a espada e replicou, contristado e solidário:

— Tu adoravas aquele colar... — E ao ver o primo desviar o rosto, lastimoso, pousou-lhe a mão sobre o ombro e aditou: — Não fiques triste! Quando o reino do Filho do Dragão estiver construído, terás um colar novo com o dobro dos troféus do antigo. — Dito isto, virou-se para o mestre e solicitou entusiasmado, como se a tensão dos últimos instantes se tivesse esvaído num sopro: — Agora que a nossa família está reunida, conta-me pormenores sobre a festa de amanhã.

— Festa? — titubeei, alarmada. Porém, Sigarr souou descontraído ao elucidar:

— As vitórias do Filho do Dragão devem ser festejadas com um banquete.

— E tu estarás ao meu lado, querida — interferiu Halvard, abraçando-me e sorrindo com calor. — Por isso, acabaram-se os treinos! Quero que estejas folgada e deslumbrante para receberes os convidados. Todos deverão reconhecer-te como a soberana desta terra... Aliás, como a soberana de toda a Terra!

Era de prever que o regresso de Halvard semeasse o caos, por isso preparara-me para suportar as suas atrocidades. Todavia, no jantar dessa noite, o vômito subiu-me à boca no instante em que começou a relatar, por entre gargalhadas e enquanto devorava um peito de cabra, como varara o coração da tia Gwenneth com a cruz da igreja e como sufocara o tio Quinn com as vísceras do rei Bernard. Engoli o fel e acirrei a determinação. Afinal, estava sob a observação atenta de Deimos e não podia levantar-me da mesa. A minha adulação devia ser irrepreensível! De outro modo, não só estaria a comprometer o meu futuro e o destino da minha gente, como a colocar as vidas de Erebus e de Sigarr no fio da cintilante espada do meu gémeo.

Seguiu-se uma descrição, minuciosa e colorida, do ataque à Grande Ilha e do assalto à Floresta Sagrada. Morte, sangue e fogo... Dor e morte! Sangue, fogo e mais morte! Pensei que a minha cabeça ia explodir, tantas as lágrimas que reprimia, quando Halvard

se vangloriou de ter obrigado o tio Stefan a beijar a cabeça decapitada da esposa, antes de lhe assimilar a essência. Posto isso, era fácil entender por que a minha mãe aceitara negociar com Sigarr. Halvard tinha de ser detido a qualquer custo! E eu cumpriria as exigências de Lysander com um sorriso nos lábios, se isso ditasse a salvação do meu povo.

Entrementes, Erebus voltara a ostentar a capa de vassalagem incondicional. Só abafando a sua luz conseguiria preservar a vida! Deimos envenenara Halvard contra nós, logo o «Criador das Trevas» teria de reafirmar a sua lealdade para recuperar a confiança do primo. E isso significava mais selvajarias... O flagelo de outro pedaço da sua alma.

A segurança de Sigarr também me afligia, mas ele era um mestre da dissimulação e haveria de superar o mais hediondo dos testes. Os presentes e o banquete provavam como conhecia bem o pupilo! Já mal me encarava... A frieza impunha-se para ocultar a comoção gerada pela nossa última conversa. Eu nem imaginava o que aconteceria se Halvard sonhasse que o feiticeiro ousara falar-me de amor.

Ser forçada a manter a compostura, enquanto o meu irmão regava a soberba assassina com jarros de vinho, foi um martírio. Todavia, ao constatar que a sua barriga estava cheia, outro pavor dilacerou-me. O que se seguiria? Nem concebia que Halvard me obrigasse a dormir no seu quarto, debaixo do abominável dragão de ouro! Eu nunca me sentira confortável no seu leito... Contudo, o abismo que agora nos separava transformaria essa intimidade numa aberração grotesca! Por isso, acometeu-me um alívio incomensurável quando me ordenou:

— Vai descansar, Kelda... Quero que despertes radiosa para partilhares da glória do Filho do Dragão na festa de amanhã.

Tive de apelar a toda a vontade para não correr até ao meu quarto. Apressei-me a trancar a porta e a portada. Depois, as minhas pernas fraquejaram e escorreguei para o chão, entre a ostentação escarlate e dourada dos reposteiros. Com os nervos

destroçados, desatei a chorar ao tomar consciência da improficuidade disparatada do meu gesto. A segurança que estas paredes ofereciam era uma ilusão! Se o Filho do Dragão quisesse entrar, não seriam traves de madeira e ferro que haveriam de detê-lo. Enquanto ele respirasse livremente, eu não teria paz.

Ergui-me devagar e arrastei-me até à cama, com um rugido acerbo. Urgia recompor-me! O inverno prestes terminaria no Norte e, mal o degelo se iniciasse, o rei Ivarr conduziria Thorson e as Lágrimas até à Ilha dos Penhascos. Isso significava que Halvard não iria delongar-se aqui. Por quantas noites eu teria de suportar a sua execrável companhia antes de embarcarmos? Dez? Vinte? Não podia render-me quando faltava tão pouco para o fim do pesadelo!

Enrolei-me na manta e encostei o búzio mágico ao ouvido, buscando conforto na sua música. Não parava de pensar no meu pai encarcerado nos calabouços, privado da razão; no quanto a minha mãe devia estar angustiada, impotente para nos valer... E o que dizer do avô Edwin, que suportara a dor de assistir ao massacre da família? Além disso, Pequena e Lobo Cinzento tinham-se sacrificado por mim... Não podia falhar-lhes!

Três escravas vieram banhar-me, perfumar-me, vestir-me, pentear-me e pintar-me. Tinham recebido instruções precisas sobre o que deviam fazer, por isso limitei-me a colaborar para que Halvard não as castigasse. As jovens que me serviam eram tagarelas por natureza e a liberdade que eu lhes concedia fazia com que não se coibissem diante de mim. Todavia, hoje limitavam-se a soluçar, mal contendo as lágrimas. Não as repreendi, pois partilhávamos a mesma angústia.

Se bem conhecia o meu irmão, o dia anterior acabara por acobertar uma orgia de luxúria e morte. Será que os demais mestres da Arte Obscura também tinham saciado os seus ímpetos malignos? Com mil excrementos de ratazanas, preferia não saber! Dedicara tanto tempo a tentar resgatar Sigarr e Erebus do poço da danação... Agora, Halvard chegava e destruía tudo.

Soprei o ar com força, lutando para me recompor. Entretanto, as escravas terminaram de me banhar. Com desvelo, vestiram-me calças de seda verde-escura e uma túnica verde-água, bordada com fios de prata e ornada com pequenas pedras preciosas: diamantes, rubis, topázios, opalas, safiras e outras que eu nem conhecia, unidas para formarem flores brilhantes com caules e pétalas de esmeraldas. Por fim, enfeitaram-me os cabelos com filamentos de ouro que cintilavam por entre os caracóis negros.

Olhei para o meu reflexo no espelho e gemi de horror. Os olhos estavam tão realçados com tinta preta que se tornavam enormes. As faces fulguravam. Os lábios destacavam-se como frutos vermelhos. Parecia uma boneca! Halvard pouco se importava com a cultura de recato que os nativos impunham às suas mulheres. Queria exibirme! Eu não passava de mais uma escrava para servi-lo, sob a ameaça de perder a vida e a alma se não cumprisse os seus desejos.

Findo o trabalho, as jovens inclinaram-se respeitosamente e saíram. Apenas uma ficou para trás. Entregou-me um lenço que guardara no interior das vestes e partiu a correr. Desdobrei o linho, intrigada... E prendi o fôlego ao verificar que continha uma pedra doce. Sigarr enviara-me uma mensagem com um significado implícito: «Estarei ao teu lado! Coragem!»

Cerrei os olhos e apreciei a doçura do reбуçado. Era incapaz de prever como este dia ia terminar... Contudo, já não me sentia tão desamparada. Voltei a olhar-me ao espelho e vi a guerreira por baixo do disfarce de boneca. Esta seria só mais uma batalha que eu teria de vencer.

Movida por um estranho impulso, retirei de dentro da arca da roupa o lenço de seda verde-floresta que Sigarr me oferecera. Cuidadosamente enrolada no seu interior, encontrava-se a pulseira de fios sedosos de cristal. Acariciei a sua macieza cintilante e imaginei o fim da guerra — Halvard a ser conduzido à Montanha Sagrada; eu a despedir-me da minha terra para cumprir o exílio decretado pelo príncipe da Gente Bela; Sigarr a estender-me a mão

e a convidar-me a acompanhá-lo... «*Amo-te mais do que à própria vida!*»

Surpreendi-me a recordar a força dos seus braços, o brilho do seu olhar, o ardor do seu beijo. O que é que eu sentia pelo mestre da Arte Obscura? Não sabia... Mas sabia que ele era um homem atraente e capaz de tudo para me proteger. Só tinha de soltar o ar e render-me, para que a emoção que latejava timidamente no meu peito ganhasse ânimo. Ainda assim, algo me continha... Continuava a agarrar-me desesperadamente ao amor que me repudiara, com uma esperança lacrimosa, sangrenta, agonizante.

— Lysander... — murmurei com a garganta embargada. — A minha águia...

Abri os olhos num rompante. Se cedesse às lágrimas, borraría toda a pintura. Respirei fundo para me recompor, voltei a enrolar a pulseira no lenço e guardei-os no fundo da arca. Não estava preparada para usá-la! De qualquer modo, Halvard haveria de reparar na perfeição da joia e questionaria a sua proveniência. E eu não teria como justificá-la sem incendiar a sua fúria.

Halvard esperava-me num aposento reservado. Enquanto me aproximava, fui repetindo mentalmente: «Eu sou capaz... Eu sou capaz!»

Pela vozearia que agitava as fundações do palácio, os convidados já nos aguardavam no salão. O meu gémeo tencionava fazer uma entrada triunfal e vestira-se para impressionar as consciências mais exigentes. A sua túnica imitava a pele de um dragão, com escamas de folhas de ouro justapostas em camadas. Pusera a capa de pelo rubro sobre os ombros e carregava a prodigiosa espada que o mestre lhe oferecera. A longa trança que lhe nascia no topo do crânio, fusão perfeita de cabelos louros e ruivos, fora repartida e enfeitada com ouro e rubis. Hoje, até as suas tatuagens ostentavam um brilho especial, animadas pela magia que a sua aura irradiava.

Erebus quedava-se à sua esquerda, envolto numa capa negra debruada a ouro. Não lhe divisava os olhos, mas os lábios estavam

apertados. Como se não bastasse ter sido obrigado a reconciliar-se com Deimos, ainda se via forçado a sair do conforto das sombras para se expor perante uma multidão festiva. Tal como eu, mais não era do que um boneco nas mãos do primo.

Deimos alardeava-se à direita de Halvard, com uns cueiros gigantes a ocultar o baixo-ventre mutilado. Além disso, usava uma capa feita com tiras de pele humana de diferentes tonalidades, enfeitada com os ossos delicados das mãos de crianças... Trespassei-me com um olhar feroz que denunciava a vontade de me despedaçar. Neste instante, ignorá-lo era a única coisa a fazer.

E Sigarr, onde estava? Provavelmente no salão. Fora ele quem organizara o banquete, por isso atendia aos convidados antes da chegada do Filho do Dragão.

Sustive o fôlego quando Halvard me deu as mãos, exclamando como se deleitado:

— Estás tão linda, Kelda! Exatamente como imaginei! E eu, que tal te pareço? — Girou para se exhibir, antes de declarar: — Quero que os teus olhos cintilem de orgulho por me teres ao teu lado.

— Estás imponente como um deus — respondi. — Terás o salão inteiro ajoelhado aos teus pés.

— Aos nossos pés — corrigiu, prendendo-me o queixo. — Hoje, todos saberão que tu és a mulher que os deuses designaram para minha companheira. Não voltaremos a separar-nos, meu amor! Juntos governaremos o mundo... Unidos por toda a eternidade.

Fui percorrida por um calafrio. Com mil ratazanas desvairadas, o que é que ele quisera dizer com aquilo? Não havia tempo para congeminações... Halvard conduzia-me pela mão e as portas do salão abriam-se à nossa frente. A música começou a tocar... E a corte do Filho do Dragão inclinou-se em reverência.

CAPÍTULO 9

O brilho ostentoso do salão fez-me perder o fôlego. Nenhum pormenor fora descuidado na decoração, no repasto e até na escolha dos trajes dos escravos que serviam os convidados, para que a festa destinada a exaltar a glória do meu irmão se revelasse perfeita. Enquanto avançava, com os dedos pousados na mão de Halvard, ao longo de uma passadeira rubra, por entre uma multidão que se vergava respeitosa ou temerosamente, constatei que o espaço fora dividido em várias zonas: uma para comer, outra para dançar, outra para conversar... e uma área que se elevava sobre as demais, reservada ao Filho do Dragão e aos seus favoritos. Uma estrutura de madeira nobre, composta por seis degraus que terminavam num grande estrado, sustentava dois tronos dourados, almofadados a vermelho-fogo. Foi para aí que o meu gémeo me conduziu... O rei Halvard e a rainha Kelda! Isto era demasiado grotesco para ser real!

Halvard sentou-se com Deimos por detrás de si. Eu sentei-me com Erebus por detrás de mim. Sigarr veio lisonjear-nos com uma vénia. Após semanas a trajar como um guerreiro, voltara a assumir a identidade de feiticeiro. Porém, a túnica de seda branca, bordada com fios de prata, era incapaz de dissimular os músculos que, entretanto, o seu corpo desenvolvera. Vi o olhar celeste fixar o meu pulso e percebi que buscava a pulseira de cristal. Quis disfarçar a decepção por não me ver a usá-la, mas não conseguiu. Rapidamente, desviou o rosto e desceu os degraus, pronto para apresentar os convidados que ansiavam por declarar a sua vassalagem ao onnipotente Filho do Dragão.

Entre estes homens e mulheres encontrava-se o escol da Terra das Montanhas de Areia, os nobres dos territórios vizinhos e os melhores guerreiros do Exército do Dragão, acompanhados pelas suas esposas e pelos seus filhos. Centenas de pessoas passaram por mim, declamando votos e tecendo elogios. Narkissus e Gaya

também marcaram presença. Julguei que Halvard acabaria por se impacientar perante a longa fila de aduladores. Todavia, os incontáveis presentes que se amontoavam à nossa volta eram um incentivo à sua boa disposição.

Enfim o constrangimento terminou e os convidados espalharam-se pelo salão. O tanque da cascata encheu-se de jovens e crianças. Os adultos dirigiram-se às mesas, onde os escravos distribuíaam pedaços suculentos de carne e taças cheias de vinho. Sigarr continuava a esforçar-se por agradar a Halvard. As bandejas que circulavam à nossa frente estavam carregadas com as iguarias preferidas do meu irmão. Comi uma ponta de carne, mas não toquei no vinho. Halvard bebeu o seu e o meu. Mandou servir mais... Isto não estava a começar bem!

— A primeira dança é nossa, Kelda.

Halvard ensombrou-me com a sua imponência, de mão estendida para impor a sua vontade. Pela sua garganta já haviam escorrido três jarros de vinho. E, apesar de a magia o preservar de se embriagar facilmente, não havia dúvidas de que a bebida acirrava o seu lado mais vil. Não me apetecia dançar, mas contrariá-lo estava fora de questão... Pelo menos, a música era bonita.

O meu irmão fez-me deslizar e rodopiar pelo centro do salão, sob o olhar atento dos convidados. A maioria parecia bastante alegre: nobres e guerreiros aproveitavam para se enaltecer diante dos demais, enquanto as senhoras rivalizavam com as amigas, alardeando vestidos que apenas revelavam olhos. Além de mim e de Gaya, pouquíssimas mulheres ousavam desvendar o rosto. Com mil ratazanas fétidas, o ar tresandava a impostura e a falsidade! Não devia haver ninguém debaixo deste teto que não almejasse os favores do Filho do Dragão. Afinal, este fornecia proteção, comida excelente, bebida abundante e farta diversão. Só um louco que buscasse a morte ousaria desdenhar de tão excelso acolhimento. Deslizar e rodopiar... Rodopiar e deslizar... Halvard exibiu-me como se eu fosse o mais sumptuoso dos seus troféus.

Outros pares juntaram-se a nós, ansiosos por mostrar que também conheciam as regras da dança. Dois passos para a esquerda. Rodar e rodar. Dois passos para a direita. Rodar e rodar. Passo em frente. Passo atrás... E todos os olhares cravados nas nossas roupas sumptuosas, que resplandeciam sob as chamas das tochas e das velas suspensas nos candelabros e castiçais.

— Já reparaste, Kelda? — sussurrou Halvard com ardor. — Não há mulher que não te inveje e homem que não te cobice... E isto é só uma pequena amostra da felicidade que te posso prover!

Felicidade? Ser invejada e cobijada? O meu gémeo não entendia mesmo a importância do amor! A sua malignidade formava uma carapaça inquebrável em torno da essência. Quanto mais próximo ficávamos, mais a minha pele se arrepiava e o sangue gelava. A repulsa asfixiava-me. Só rezava para que esta tortura de rodopios chegasse ao fim.

A música acabou. Os convidados aplaudiram. O meu irmão enfatuou-se uma vez mais. Os músicos recomeçaram a tocar. Felizmente, Halvard quis parar. Tinha sede! Estávamos prestes a subir os degraus quando um dos mais terríveis generais do Exército do Dragão surgiu à nossa frente, solicitando a honra de dançar comigo. Temi ser forçada a aceitar... Todavia, o meu gémeo repeliu o ascoroso com um esgar ameaçador. Depois, entrelaçou os nossos dedos, num ímpeto de possessão que desencorajou os restantes atrevidos.

Sentámo-nos nos tronos e a bebida voltou a jorrar. Desta vez, Erebus acompanhou Halvard. Deimos mantinha-se imóvel. O cheiro de todo este «gado» devia enlouquecê-lo. Horripilei-me ao constatar que observava as crianças que chapinhavam no tanque. Este banquete era um repto para uma catástrofe! Onde é que Sigarr se metera? Vi-o a dançar com Gaya e as minhas tripas diluíram-se em fel... Era assim que o facínora atendia ao nosso pacto e velava por mim? Com certeza Halvard não se oporia se ele me convidasse para dançar. E esse seria o meu ensejo para desabafar. Tentei chamar-lhe a atenção... Porém, ele só tinha olhos para Gaya! E depois tinha a

desfaçatez de dizer que me amava! Agora era eu quem precisava de um trago de néctar.

Uma escrava trouxe outro jarro. Mandei-a embora e tratei de servir Halvard e Erebus. O meu irmão ficou deliciado, achando que eu desejava obsequiá-lo. Obriguei-me a sorrir. Obriguei-me a gargalhar. Obriguei-me a cobri-lo de elogios e de louvores. Um novo jarro. Dançámos em volta dos tronos. Gargalhámos e bebemos. Bebemos e dançámos.

— Quero discursar! — anunciou o Filho do Dragão.

De imediato, a música parou e os convidados aproximaram-se, distribuindo-se em torno dos degraus. O meu gémeo deteve-se à beira do estrado e falou de poder, riqueza e glória. Ufanou-se e afirmou que obrigaria todos os inimigos a rastejar aos seus pés. E que não expectassem clemência! Para comprovar que o tempo da - indulgência se esgotara, descreveu os pormenores da captura do rei Bernard: como o arrastara, ferido e derrotado, até à principal praça do Império; como o despira diante do olhar aterrorizado dos súbditos; como o atara ao monumento central e o esventrara; como empunhara um machado e o cortara em pedaços; como espalhara os despojos do cadáver pelas ruas para que os cães famintos o devorassem...

Rangi os dentes, a um fôlego de perder o controlo. Halvard quedava-se à minha frente, de braços erguidos, a receber a ovação da extasiada assistência. A capa de pelo rubro ficara esquecida sobre o trono e o cinto estava exposto. O punhal do *jarl* Throst espreitava da bainha, desafiando a minha mão... Então, Erebus deslizou para o meu lado e começou a assobiar.

Senti o coração contrair-se ao reconhecer a música da flauta de Lysander nos lábios do meu primo. Erebus apercebera-se do meu desvario e tentava chamar-me à razão, apelando às emoções do momento especial que partilháramos... Em bom tempo! Deimos mirava-me de soslaio... E Halvard também se virava. Encarava-me, sorria e envolvia-me nos seus braços. O meu irmão gémeo... O Filho do Dragão.

O entusiasmo de Halvard parecia não se esgotar. Dançámos e bebemos até o meu corpo ficar dorido. Nem pensei em resistir quando se deixou cair sobre o trono e me puxou para o seu colo. Bebemos da mesma taça e gargalhámos em uníssonos. No meio do regozijo, ele declarou:

— Sigarr esmerou-se! Se estivesse vivo, o pomposo rei Bernard morreria de inveja ante a magnificência deste banquete!

Tornou a casquinar como se o reparo fosse hilariante. Apeteceu-me esbofeteá-lo e fui incapaz de recuperar a compostura para lhe oferecer a risada que ele expectava. Se não me afastasse, deitaria tudo a perder. Só Erebus podia salvar-me. Tentei disfarçar a fúria, enunciando:

— O nosso primo ainda não dançou. Vou convidá-lo...

Recebi um safanão que quase me arrancou a cabeça de cima dos ombros. Halvard lançou-me uma mão ao pescoço e varou-me com um olhar inflamado de raiva e ciúme, rosnando minaz:

— Não dançarás com ninguém, além de mim! Entendeste, Kelda?

Os seus dedos estrangulavam-me. Se não respondesse rápido, esmagar-me-ia a garganta!

— Sim, mano... — arquejei. — Só dançarei contigo.

Halvard recolheu a garra. Apesar de sobressaltado, Erebus refreara o impulso de interferir. O meu gémeo continuava a abraçar-me como se desejasse que os ossos me saltassem pela boca. Afundou o rosto nos meus cabelos e murmurou, rouco e ardente:

— A partir desta noite irás amar-me como eu te amo... Serás minha, Kelda! Só minha!

Chocada, pensei que o discernimento de Halvard devia estar adulterado pelo vinho, para proferir tais ignomínias. Quantos jarros esvaziara? Sete? Oito? E continuava a regar a garganta. Quis que o servisse e não ousei recusar. A impudicícia incestuosa da sua atitude começava a aterrorizar-me... Não queria ficar sozinha com ele! Mas como lhe escapar? Nem sequer se mostrava interessado em dançar com outras mulheres! E se me exigisse que o acompanhasse quando se fosse deitar? Eu só queria fugir! Podia simular uma indisposição...

Enfim, Sigarr subia as escadas. Imbecil! Devia ter os pés cheios de bolhas de tanto dançar com Gaya!

O feiticeiro franziu o sobrolho perante o modo indecoroso como o meu irmão me agarrava. Algo na sua expressão fez Halvard libertar-me. Mal me contive de correr para fora do salão. Sentei-me no outro trono, engolindo o pavor em golfadas. Sigarr tentou desanuviar a tensão, perguntando se o pupilo estava a apreciar a festa. E se, há pouco, este lhe tecera grandes elogios, agora sacudia os ombros e ripostava num tom aborrecido, quase hostil:

— Estou farto de cantigas e bailaricos. Preciso de animação! Quando começam os jogos?

— Jogos? — surpreendeu-se Sigarr.

— Sim! Duelos, execuções... Que porcaria de festa será esta, se não houver sangue...?

— Organizei este banquete para enaltecer a tua majestade — atalhou o mestre com uma firmeza gélida. — Estes nobres estão habituados a ser tratados com distinção. Por isso, trouxeram as famílias! Não podes transformar a receção numa orgia sangrenta quando o salão está cheio de mulheres e de crianças!

— Porquê? — objetou Halvard, irritado. — Todos se regalaram com o relato das batalhas!

— Ouvir falar de entranhas não é o mesmo que vê-las espalhadas pelo chão — argumentou o feiticeiro, na derradeira tentativa de lhe apaziguar o ânimo. — Precisas de patrocínios...

— Que se danem os patrocínios! — rosnou o meu gémeo, saltando sobre o mestre. Cravou-lhe as garras na túnica, empuxou-o contra o peito e trespassou-o com o olhar ígneo, ordenando, minaz: — Quero divertir-me, Sigarr! E tu vais assegurar a minha vontade! Arranjarás gente para lutar... De outra forma, não me serves para nada!

Horrorizada, vi o meu irmão soltar o feiticeiro com um safanão. Isto era mau... Muito mau! Sigarr fixou-me de soslaio, antes de ripostar numa voz contida:

— A festa é tua, Halvard. Será como desejas.

Troquei um olhar inquieto com Erebus, enquanto Sigarr descia os degraus. Entrementes, alguns nobres que nunca tinham visto um demónio vieram expressar a sua curiosidade, distraíndo o Filho do Dragão. Halvard fez questão de obsequiá-los, exibindo o chifrado como se este fosse um herói. Justificou que o seu contributo fora crucial para a conquista da Grande Ilha, devido às chamas mágicas que expelia, bastante diferentes daquelas que o Homem produz com a ajuda da natureza. Florestas inteiras podiam ficar reduzidas a cinzas com uma única fagulha, uma vez que o seu ardor dificilmente se extinguia. Nem a água era eficaz no combate às temíveis labaredas... Os convidados pareciam incrédulos. Contudo, eu sabia que isso era verdade, pois já vira os navios do tio Stefan a arder no fundo do mar após um ataque de Deimos.

Enquanto Halvard elogiava o monstro, Sigarr circulava pelo salão. A palavra foi passando entre os seus generais e, prestes, algumas senhoras retiraram-se, levando os filhos consigo. A iniciativa do feiticeiro deixou-me aliviada. Havia quartos de sobra no palácio para acolher as mulheres e as crianças, evitando que presenciassem as atrocidades que o decorrer da noite fatalmente me imporá. Quando constatou o que estava a acontecer, o meu gémeo desdenhou:

— Os rapazes deviam ficar... Quanto mais cedo aprenderem o que significa ser guerreiro, mais depressa se tornarão homens!

Essa afirmação fez com que os nobres que o rodeavam impedissem os filhos de sair com as esposas. Pareciam desejosos de que os petizes caíssem nas boas graças do todo-poderoso Filho do Dragão. Corja de imbecis! Agora aplaudiam Deimos... O monstro aproveitou para reclamar algo ao ouvido do seu senhor. A resposta de Halvard foi célere:

— Escolhe uma que te agrade.

Prontamente, Deimos saltou do estrado e atravessou o salão. Aturdida, vi-o estacar diante de uma das escravas que distribuía o vinho. A jovem deteve-se, petrificada. E desfaleceu sem sentidos mal a besta levantou uma manápula. O pote que carregava escaqueirou-se contra a pedra do chão sob o olhar dos nobres.

Todavia, não houve um dedo que se erguesse em seu socorro. Que importava aos digníssimos senhores a desdita de uma escrava? Após a descrição das proezas do rei do Povo do Fogo, estes não se cansavam de comentar a pujança daquele ser, tão diferente e tão colossal. Só mesmo um líder sublime como o Filho do Dragão seria capaz de conquistar a lealdade de tão magnífica criatura.

Engoli um gemido ao ver Deimos lançar a jovem sobre um ombro e dirigir-se às portadas abertas para o jardim. Sabia que não ia violá-la... Mesmo que pudesse, não haveria de desejá-lo. Os seres humanos não possuíam o menor encanto para os seres do fogo. Eram simples alimento! Por isso, eu tinha a certeza de que Deimos tencionava devorar a rapariga. Quis detê-lo... Porém, a mão de Halvard despenhou-se sobre o meu braço, prendendo-me ao trono. Parei de respirar, gelada até ao âmago, ao interiorizar que era impossível salvar a jovem. Mesmo que corresse em seu auxílio, estaria morta quando os alcançasse. Depois, teria de enfrentar a ira do meu irmão...

Transtornada, recostei-me nas almofadas e obriguei-me a olhar em frente, aguardando uma repreensão. Contudo, nesse instante, a voz de Sigarr capturou todas as atenções. Os convidados afastaram-se para a direita e para a esquerda, deixando o centro do salão livre para a realização dos duelos. Dois generais do Exército do Dragão iam medir forças para gáudio do seu senhor... A diversão que o meu gémeo exigira estava prestes a começar.

No salão principal do palácio, a música e o riso das crianças foram substituídos pelos brados dos guerreiros. As escravas iam tomando o lugar das senhoras nos braços dos homens. A noite instalara-se e despia-se de pudores. Os ânimos exaltavam-se. Os corpos aqueciam. Gritos e gargalhadas ressoavam, enquanto as espadas dos generais de Halvard se chocavam, libertando faíscas no ardor da contenda. Ninguém queria ser derrotado num duelo, debaixo do nariz do Filho do Dragão... Principalmente quando este não hesitara em determinar:

— Até à morte!

Sigarr tornara a reunir-se a Narkissus e Gaya. A sua expressão denunciava o quanto estava amofinado. Foi trocando palavras com os amigos e tive a nítida impressão de que, por várias vezes, estes o impediram de interferir quando o meu gémeo decretou o exício do vencido.

Um. Dois. Cinco... Os guerreiros tombavam junto aos degraus que conduziam ao estrado onde Halvard se sentava num trono de ouro, rodeado pelo seu *protetor*, o seu *executor* e a sua... Com mil ratazanas trucidadas, o que era eu, afinal? Não era sua irmã, pois ele não me tratava nem respeitava como tal!

Escravos possantes iam arrastando os cadáveres para fora do salão. Quando o sexto guerreiro tombou, nem Narkissus nem Gaya puderam segurar Sigarr. Vi os feiticeiros afligirem-se, enquanto o mestre da Arte Obscura se precipitava para confrontar o pupilo que, há pouco, lhe cuspira desdenhosamente na cara. Eu também me angustiei, no instante em que Sigarr se abeirou do meu irmão e resmoneou:

— Chega, Halvard! Estás a perder homens de grande valor, que desfrutam do respeito das tropas, por conta de uma estultice. Treinar outros como eles levará tempo e consumirá recursos...

— Tens razão — atalhou o meu gémeo, com uma assertividade que me assombrou. — Estes duelos foram mais do que suficientes para demonstrar a força do Exército do Dragão.

Sigarr respirou fundo, pois parte dos guerreiros tombados pertenciam à sua guarda pessoal. Erebus também parecia satisfeito... Só Deimos resmungava da decisão. Regressara há pouco, ainda a lambar as beíças ensanguentadas. Não desistia de tentar despertar a minha ira para me desmascarar perante Halvard. Todavia, eu já estava tão dorida, com o espírito tão quebrado, que me limitava a ignorá-lo.

— E como entreterás os convidados? — grunhiu, aproveitando para afrontar o feiticeiro, agora que a animosidade que os dividia fora declarada. — Os nobres estão a divertir-se! Se os combates

terminarem, hão de apregoar que o Filho do Dragão lhes ofereceu uma festa miserável.

— Podes distrair os convidados sem sacrificares homens que te são leais — contrapôs Sigarr, virando as costas a Deimos. — As escravas que escolhi são bastante vistosas. Tanto os nobres como os guerreiros hão de apreciá-las! Além disso, Narkissus e Gaya fizeram-se acompanhar de algumas das suas bailarinas e terão muito gosto...

— E quem quer ver um monte de rameiras a bambolear as ancas? — cortou Halvard, ferino. — Os meus convidados desejam sangue! Não ouves? Clamam por mais... E o Filho do Dragão irá satisfazê-los. Os jogos prosseguirão! — Extinguiu o protesto do mestre com um gesto iracundo, retrucando: — Reconheço a valia dos guerreiros, por isso chamarei outros homens para lutar. Os calabouços estão carregados de prisioneiros... Que os mais fortes sejam trazidos à minha presença! Dar-lhes-ei a possibilidade de se baterem pelas suas vidas. E, no fim, concederei a liberdade àquele que se mostrar mais capaz.

A noite corria avançada. Depois de encherem as panças e beberem até trocarem os pés, os convivas extasiavam-se com um festim de sangue. Acotovelavam-se em redor do círculo de fogo que Deimos criara com a veemência da sua magia, no centro do salão, apenas se afastando para ceder passagem aos guardas que traziam os prisioneiros. Acomodado no seu trono altaneiro, Halvard cascalhava de cada vez que um grupo de homens decrepitos, esfomeados e loucos, se retalhava no interior do anel ardente, seduzidos pela promessa da liberdade. Sentada ao seu lado, eu tremia à beira de um ataque de pânico. Isto era muito mais do que uma abominação... Era uma ameaça à integridade do meu pai!

Agora eu tinha mesmo de falar com Sigarr! Urgia que ele tomasse providências para extinguir esta insânia. Afinal, este maldito banquete fora ideia sua! Eu até compreendia que tivesse tido a intenção de lisonjear Halvard, para distraí-lo da conspiração que

tecíamos debaixo do seu nariz. Porém, o caos instalara-se e a catástrofe anunciava-se. Os guardas continuavam a esvaziar os calabouços, enquanto, no salão, as regras eram novamente ditadas:

— O último a ficar de pé será libertado!

As flamas místicas que alimentavam o círculo eram quase impercetíveis. Todavia, sempre que os prisioneiros encarcerados no seu interior se aproximavam, exaltavam-se num aviso de morte. A assistência agitava os braços, batia com os pés, bradava em delírio e apostava sobre o tempo que cada condenado ia resistir. Tornava-se difícil enxergar a pedra do chão, dentro do anel de chamas, tantos os corpos prostrados. Nobres e guerreiros continuavam a arremessar armas aos desventurados, divertindo-se quando estes as usavam para se esquartejarem. Eu rangia os dentes, pensando em quão degradante era ver homens cobertos de imundice, que mal se sustinham de tão fracos, a cambalearem ao encontro das lâminas dos mais resistentes, ou a tropeçarem e caírem sobre as labaredas que acabavam por consumi-los. O fedor da carne queimada estava a ser reprimido com magia... No entanto, mesmo que empestasse o salão, seria o suficiente para despertar as consciências dos selvagens que retiravam prazer destas sevícias?

Halvard estava tão entusiasmado quanto os demais. Avançou até ao limite do estrado, com Deimos ao lado, e incendiou o furor cruento da multidão. Os homens não pareciam saudosos da música e do refinamento que Sigarr providenciara. Alguns lançavam-se sobre as escravas, rasgavam-lhes as roupas e enterravam os dedos rudes na carne jovem. Contudo, a maioria persistia no prazer desumano de assistir à chacina. Até os petizes que tinham sido forçados a ficar no salão se tinham transformado em pequenos predadores! Berravam alucinados e agitavam os punhos, exigindo mais sangue, mais vísceras expostas, mais cabeças decapitadas...

— Prima recolher quarto — sussurrou o «Criador das Trevas» debruçando-se sobre mim, a arfar de perturbação. — Erebus justificar... Ir! Ir agora!

Querido primo! Dispunha-se a enfrentar a ira de Halvard para me poupar a este tormento. Porém, por mais que desejasse, eu não podia debandar quando o meu pai corria sérios riscos de ser arrastado para esta pravidade. Onde estava Sigarr? Narkissus e Gaya tinham recuado para junto da cascata, mas o feiticeiro desaparecera. Quase por instinto, fixei as portadas a tempo de vê-lo esgueirar-se para o jardim. Bufei de indignação. Entendia que se sentisse frustrado... Mas que nem pensasse em deixar-me sozinha! Virei-me para Erebus e apelei:

— Preciso de falar com Sigarr. Se Halvard perguntar, diz-lhe que me senti indisposta e tive de apanhar ar. Não demoro... Prometo!

E precipitei-me atrás do mestre da Arte Obscura, antes que Erebus pensasse em deter-me ou o meu irmão se relembrasse da minha existência.

Atravessei o jardim com o vento a esbofetear-me as faces, atenta às oscilações no equilíbrio das energias que me rodeavam. Procurava Sigarr, mas não pude deixar de notar a existência de algo estranho no ar... Uma flutuação mística que eu não conseguia identificar. À minha volta cerrava-se um labirinto de árvores e arbustos, preenchido com escuridão. Isso não era normal! Estariam os guardas distraídos com a orgia que decorria no salão, ao ponto de permitirem que as chamas dos braseiros se apagassem e as flamas dos archotes se extinguissem?

De novo, fui fustigada pela sensação de que as trevas encobriam um poder formidável. Sentia-o contrastar com a frieza noturna, tão quente que arrepiava. Estaquei, alarmada pela desconfiança de que alguém se ocultava na bruma. Então, escutei um som, segui-o... E deparei com Sigarr. Quedava-se junto a uma árvore, grunhindo de raiva, tão alterado que nem dera por mim. Ficou hirto quando o chamei. Virou-se devagar, a respirar aos arrancos, tentando disfarçar a comoção. Todavia, distingui o brilho no azul do seu olhar. Com mil ratazanas atarantadas, o feiticeiro estava a chorar? Aproximei-me e interpelei-o, alvoroçada:

— O que foi que aconteceu? — Como demorava a reagir, insisti:
— Sigarr?

— Não sou capaz, Kelda — ripostou com um gesto de impotência.
— Achei que conseguiria... Mas não sou capaz!

— Do que estás a falar? — inquiri, cada vez mais assustada. E ele devolveu:

— Não possuo a força nem o engenho necessários para debelar a vontade do teu irmão. Julguei que a minha homenagem haveria de agradá-lo e distraí-lo da obsessão pelas trevas... Acreditei que, se lhe mostrasse que também pode existir beleza e harmonia no domínio do Filho do Dragão, o seu ânimo se apaziguaria! Porém, após tanto empenho, tudo terminou num fôlego. Halvard não só arrasou com a festa como pôs os detentores das mentes mais excelsas deste território a agir como bestas. — Sacudiu os ombros e concluiu desalentado: — Lamento... Falhei.

— O quê? — quase gritei, tamanho o sobressalto. — Não podes desistir! Temos um plano...

— Um plano que assentava no pressuposto de que Halvard me respeitaria e obedeceria até ao momento de concretizá-lo — atalhou num sussurro, encurtando a distância que nos separava. — Tu ouviste-o, Kelda! Já não lhe sirvo para nada! Achas que sequer permitirá que o acompanhe até à Ilha dos Penhascos? Está tudo perdido! Fui estulto em confiar que seria capaz de travar a profecia... Que podia ter esperança... No fim, nem consegui conquistar o teu perdão!

— Isso não é verdade! — objetei indignada, ciente de que ele estava tão desorientado que deixara de raciocinar com clareza. E, de repente, tomei consciência da causa do seu desespero: — É a tua Visão, não é? Está relacionada com esta noite? — Tentou afastar-se, mas agarrei-lhe no braço, reptando pertinaz: — Não vou admitir que te entregues...

— Então dá-me uma razão para continuar a lutar! — rugiu no mesmo tom. E o tempo pareceu parar, enquanto nos sustínhamos, olhos nos olhos, corpos trémulos, respirações entrecortadas.

Engoli em seco, ciente de que fora longe de mais para recuar. Adivinhava que parte da frustração de Sigarr se devia ao facto de eu não estar a usar a sua pulseira. Por isso, seria esse o argumento a utilizar para voltar a inflamar o seu denodo. O feiticeiro precisava de esperança... Pois eu dar-lhe-ia esperança, ainda que, mais tarde, tivesse de lidar com as consequências.

— O homem que me ofereceu o legado da sua avó prometeu-me que lutaria até ao fim... E esse homem conquistou muito mais do que o meu perdão! Conquistou a minha confiança, o meu respeito... e o meu afeto! Fez-me sentir vontade de descobrir quão profunda e sincera é a mudança do seu coração... E até onde essa mudança nos poderá levar, no dia em que a guerra terminar.

— Kelda... — titubeou, percorrido por um frémito que o fez cambalear.

— Foi tudo mentira, Sigarr? Porque se as tuas juras não passaram de manhas para que eu te salvasse a pele, desaparece da minha frente... Fica descansado que Halvard não te perseguirá!

A sua expressão oscilou entre a confusão, o júbilo, a expectativa e a dor causada pela rispidez das minhas últimas palavras. Então, num ímpeto, estreitou-me com força e afundou o rosto no meu pescoço, soltando um gemido apaixonado:

— Perdoa a minha fraqueza... Jamais te abandonarei, Kelda! Jamais!

Tentei responder, mas não fui capaz. Limitei-me a abraçá-lo, assolada por uma emoção que me amolecia as pernas e aturdiava a mente. De tudo o que lhe dissera, quanto fora manipulação e quanto fora verdade? Então, a respiração do feiticeiro alterou-se ao ciciar:

— Recordas-te do beijo que apostámos? Acho que vou precisar dele agora!

Deslizou a face pela minha, buscando o meu olhar como se esperasse uma contestação. Devia reclamar? Queria reclamar? Como não o repeli, Sigarr mergulhou nos meus lábios com uma sofreguidão desesperada... E eu fechei os olhos e correspondi. Pendurei-me no seu pescoço e enterrei os dedos na suavidade

dourada dos seus cabelos, enquanto ele me esmagava contra o peito. Provei a sua saliva e gostei. Provei o seu toque e delirei. Provei o seu fogo e carpi por mais! Todo o meu corpo latejava com uma necessidade ardente de contacto, de afeto, de atenção... Pela primeira vez nesta malfadada noite, esqueci o futuro negro que se estendia à minha frente e entreguei-me ao prazer de me sentir desejada. Quando, enfim, as nossas bocas se separaram, Sigarr não permitiu que me afastasse. Amimou-me e murmurou, contumaz:

— Vou provar que sou digno da tua confiança! Quando este pesadelo findar, as minhas mãos não tornarão a servir a face maligna da Arte Obscura. Por ti, Kelda... Porque me relembraste do verdadeiro sentido da vida. Porque me recordaste de como é bom imergir na luz e desfrutar do seu calor. — Encarou-me e rematou: — Irei enfrentar a vontade de Halvard... E vencer, para que, um dia, possa escutar dos teus lábios que me amas tanto quanto eu te amo!

A sua boca tornou a procurar a minha. Suspirei, rendida... De súbito, um ulo estridente ecoou na noite, arrastando-nos para a realidade e fazendo-nos pular de susto.

Sigarr puxou-me para trás de si, escudando-me com o seu corpo. Cerrei os dentes, segura de que íamos deparar com Halvard. Porém, a escuridão mantinha-se imperturbável... Só os ramos das árvores se agitavam sobre as nossas cabeças. O feiticeiro respirou fundo, tentando refazer-se enquanto entaramelava:

— Creio que foi um pássaro...

Continuei a perscrutar as trevas, arrepiada. Nenhum pássaro gritava assim! O que quer que fosse era grande... E soara mortalmente ferido! Cruzei os braços sobre o peito, repentinamente gelada. Mais parecia que me tinham arrancado a alma! Ciente do meu incómodo, Sigarr afagou-me gentilmente os ombros e tentou tranquilizar-me:

— Vai ficar tudo bem, Kelda... Hei de apaziguar o ânimo de Halvard e recuperar o controlo da situação. Achas que consegues aguentar-te ao lado dele até ao fim da festa?

O que mais podia fazer? A certeza de que o desfecho desta noite seria decisivo para o nosso futuro fincava garras na minha mente. Todavia, era inútil sofrer por antecipação! Devia solucionar os problemas à medida que estes fossem surgindo. Para isso, tinha de me manter calma, confiar na minha luz... E lembrar-me de que não estava a combater sozinha.

Fixei o olhar cintilante de Sigarr e confirmei. Depois, aceitei a mão que ele me estendia e apressámo-nos a regressar, antes que fôssemos apanhados a conspirar. Neste momento, tudo o que desejava era que esta nefária festa terminasse e Halvard sucumbisse à embriaguez.

CAPÍTULO 10

Na nossa ausência, o número de cadáveres prostrados no interior do círculo aumentara. Um novo reforço de carne para retalhar acabara de chegar e a frase fatídica ecoava:

— O último a ficar de pé será libertado!

Perante a exaltação no ânimo dos convidados, Sigarr insistiu em conduzir-me ao estrado. Enquanto rasgávamos a multidão, segredou com firmeza:

— Não te inquietes com a sorte do teu pai. Halvard ordenou o confronto dos mais capazes. Edwin está inconsciente, logo, os guardas não se darão ao trabalho de trazê-lo até aqui.

Pela primeira vez, a condição do Rei da Lua deixou-me aliviada. Fora, precisamente, por antecipar uma dificuldade como esta que ele acertara com Sigarr o bloqueio da sua razão.

O entusiasmo de Halvard parecia ter-se esfumado. Enterrara-se no trono e ostentava uma expressão encrespada, prenúncio de uma tempestade. Ver-me surgir com Sigarr fê-lo eriçar-se ainda mais. Mal me aproximei, cravou-me uma manápula no braço e sacudiu-me sem mesuras.

— Aonde foste? Não te dei permissão para saíres do meu lado!

— Senti-me indisposta — rebati com prodigiosa candura. — Devo ter bebido de mais...

— E porque estás com Sigarr? — atalhou, nada interessado em escusas.

O feiticeiro não interferiu, convicto de que eu superaria o apuro. Repliquei sem vacilar:

— O mestre ajudou-me a recuperar do enjoo, para que pudesse regressar para junto de ti.

Desta feita, Halvard hesitou. Permitiu que me sentasse no trono e virou-se para Sigarr, fazendo sinal na direção de Narkissus e Gaya, enquanto resmoneava, instigador e desdenhoso:

— Os teus amigos parecem contrariados com a diversão que lhes ofereço. Vai falar-lhes... Se estiverem insatisfeitos, podem ir-se embora!

A violência da sua arrogância alarmou-me. Sólido na determinação, Sigarr reverenciou o pupilo e apressou-se a obedecer... No entanto, ainda me lançou um olhar pejado de significado: «*Por favor, tem cuidado! Tem muito cuidado!*» Mal descera os degraus, já Halvard mastigava:

— Feiticeiros... Agora que a Rainha do Sol aceitou trocar o Rei da Lua pelas Lágrimas, já não preciso dos favores desses ignóbeis. Mal me torne Filho do Dragão, hei de consumir a magia que sustenta a Ilha Sagrada e tragar as essências dos Seres Superiores, até não restar um para contar a história da sua presunçosa raça.

Era óbvio que não estava a exagerar! E destruir os Feiticeiros seria apenas um passo na sua caminhada para a ruína da Terra. Orei para que esse vômito de peçonha lhe serenasse o ânimo. Todavia, o pior estava para vir:

— A proximidade que manténs com Sigarr irrita-me! Desagrada-me profundamente! Não quero que voltes a dirigir-lhe a palavra... Aliás, não voltarás a falar com ninguém sem o meu consentimento. A partir de agora, todas as tuas atenções serão para mim. Entendeste?

Fixei-o com o queixo caído, incapaz de esboçar um gesto ou um som. A expressão de Halvard tornara-se grave e sombria... Falava a sério! Encerrou o assunto e dedicou-se a observar os confrontos que decorriam aos nossos pés. Senti os dedos de Erebus a roçarem-me as costas, tentando acalmar-me. Porém, era impossível enfrentar tamanha atrocidade com frieza! O que é que o meu gêmeo desejava, afinal? Cortar-me a língua, prender-me o pescoço com uma corrente e arrastar-me ao sabor da sua vontade? E como é que eu podia contrariá-lo, sem que se apercebesse de que não me tinha sob o seu domínio?

Entretanto, só restavam dois infelizes dentro do círculo de combate. Um dos guardas que regressava dos calabouços

aproximou-se do estrado para reportar:

— Não existem mais prisioneiros capazes de lutar, senhor. Todos aqueles que deixámos para trás estão mortos ou moribundos.

O Filho do Dragão esbravejou de fúria. A sede de sangue da multidão não estava saciada. E agora? Ia sacrificar os escravos? Ou os guerreiros? Para meu supremo horror, ordenou a Erebus:

— Traz-me o Rei da Lua... O infame providenciará um bom espetáculo!

Ciente de que eu não podia protestar, o «Criador das Trevas» retorquiu:

— Halvard ter certeza? Precisar Rei Lua vivo!

— Achas que sou estúpido? — exacerbou-se o primo. — Não pretendo impor-lhe um desafio insuperável... Apenas irei dar-lhe a oportunidade de me provar que a sua fama de guerreiro de excelência e mestre da Arte é merecida. — Ao ver que o outro ainda hesitava, bramiu, impaciente: — Porque esperas? Queres que a diversão dos meus convidados se esgote?

Assim que Erebus se precipitou para fora do salão, o meu irmão arrostou-me e indagou:

— E tu, Kelda, tens algo a declarar?

Parecia um vulcão a fumegar. Se explodisse, as consequências seriam fatais. O que fazer? Mesmo que Halvard exigisse comprovar a incapacidade do Rei da Lua, verificaria ser impossível obter uma reação... E haveria de deixá-lo em paz! Tinha de deixá-lo em paz! Por isso, resolvi confiar na sorte. Sacudi os ombros e simulei indiferença. Ouvi Deimos bufar por entre as presas... Almejara verme perder o controlo! No entanto, ainda não estava derrotado. Eu suportara este choque, mas conseguiria refrear-me se o Rei da Lua fosse torturado? Será que Erebus já chegara à cela? Sigarr guardara segredo sobre este embuste, por isso o meu primo ia apanhar um susto quando se descobrisse incapaz de despertar o tio. Contudo, felizmente que assim era, pois só a sinceridade da sua surpresa poderia protegê-lo da sanha do Filho do Dragão.

Entrementes, Halvard chamara uma escrava para encher as nossas taças.

— Vamos brindar, Kelda — ditou com uma jactância minaz. — Ao nosso futuro! À eternidade de conquistas e prazeres que se estende à nossa frente! E à imortalidade do nosso amor!

Como desejava lançar-lhe o vinho à cara! Porém, tinha de sacrificar o orgulho até estarem reunidas as condições para executar o plano de Sigarr. Ergui a minha taça e correspondi:

— À imortalidade do nosso amor!

Ele bebeu, satisfeito. Imittei-o, ao som da cachinada jocosa de Deimos. Imaginei a cabeça do demónio pendurada numa estaca, na praia da Ilha dos Sonhos, e retribuí o sorriso do meu gémeo. Com mil ratazanas pestilentas, eu haveria de vencer esta guerra!

Dentro do círculo de combate, o prisioneiro que sobrevivera aos duelos cambaleava sobre a pilha de cadáveres e reclamava o seu prémio. Os convidados bradavam, chamando a atenção do anfitrião. Halvard arremessou a taça pelo ar e avançou até à beira do estrado, dirigindo-se à multidão no seu tom de líder incontestado:

— O Filho do Dragão jurou libertar o último homem que se sustivesse. Chegou o momento de cumprir essa promessa.

Abriu os braços e as labaredas que formavam o círculo subiram até à cúpula do salão. Os convivas entreolharam-se, maravilhados com a exibição mística. Então, Halvard principiou a fechar as mãos... E a cascata de chamas estreitou-se. De repente, bateu palmas e o lume ruiu, despenhando-se sobre os cadáveres e sufocando o vencedor da disputa. Soberbo no fastígio da sua desumanidade, o meu gémeo fez questão de domar o calor das flamas para que estas devorassem a vítima lentamente. Assim, a multidão pôde extasiar-se com os seus berros de agonia. A maioria aplaudiu-o quando motejou:

— Tal como vos prometi, esse miserável está livre do fardo da sua existência!

Após consumirem os prisioneiros, as flamas extinguiram-se. Só uma camada de cinzas testemunhava a barbaridade ocorrida. O ar

que circulava no salão continuava fresco. O clamor de admiração ainda ecoava, sustentado pelo êxtase da embriaguez. Os imbecis pareciam incapazes de discernir que o propósito do magnânimo anfitrião era entregar-lhes uma mensagem: «Por mais poderosos que sejais, acabareis reduzidos a pó se desafiardes a minha soberania!» Então, para que não subsistissem dúvidas, Deimos avançou e roncou na sua voz de trovão infernal:

— Que as cinzas se transformem em pedra, para que o testemunho desta noite perdure... É isto que acontece àqueles que ousam afrontar o Filho do Dragão!

Apontou para os despojos e fechou as garras num punho. Nauseada, vi o pó condensar-se tal como o chifrudo ordenara. Girou e volteou, sobrepondo-se em camadas até assumir a forma de um dragão tão negro como a morte que o originara; gigantesco, aterrador... Uma estátua nascida de um pesadelo! A multidão agitou-se, num misto de assombro e temor. Halvard tornou a gargalhar perante a iniciativa do demónio... E o seu riso ainda retumbava, qual promessa de danação, quando Erebus surgiu a correr.

Prendi o fôlego, preparando-me para reagir ao anúncio de que as correntes de magia negra tinham carcomido a razão do meu pai. Porém, o «Criador das Trevas» tinha algo diferente para comunicar. Galgou os degraus do estrado, sibilando num estridor horrorizado:

— Rei Lua desaparecer!

As trompas de alarme troaram e o caos instalou-se. O violento sobressalto do Filho do Dragão convenceu os convidados da periculosidade do prisioneiro em fuga. Na minha cabeça, o pasmo misturava-se com a aflição. Seria isto mais um ardil de Sigarr?

— Lidera as buscas — ordenou Halvard a Deimos. — Procurem no palácio, na cidade, no deserto... Quero o Rei da Lua aos meus pés antes de o Sol nascer. — Depois, virou-se para Erebus: — Que nenhum navio parta do porto... Se te contestarem, pega-lhes fogo!

Aproveitei o alvoroço para deslizar até Sigarr e fiquei ainda mais assustada quando refutou:

— Ignoro o que aconteceu... Isto não é nada bom!

— E se foi Erebus? — indaguei, enquanto o meu primo se precipitava para fora do salão, no encalço de Deimos. — Pode ter escondido o tio para tentar protegê-lo.

— Não — discordou o feiticeiro. — Erebus não é tolo! Jamais desafiaria Halvard colocando a vida do teu pai em risco. O desaparecimento de Edwin só serviu para agravar a sua condição.

— Terá sido Deimos? — arquejei, recordando que o monstro se ausentara do salão.

— Deimos quer que a profecia se concretize... — objetou Sigarr. E ia acrescentar algo, mas engoliu o raciocínio para alertar: — Halvard vem aí.

De súbito, o meu mundo ruiu. O Filho do Dragão caiu sobre mim, qual touro enfurecido. Cravou-me as mãos no pescoço e sacudiu-me como se fosse uma galinha, enquanto fremia:

— Tiveste alguma coisa a ver com isto, Kelda?

— O que estás a fazer? — insurgiu-se Sigarr, tentando libertar-me. — Solta a tua irmã!

— Ela saiu do salão — mastigou o meu gémeo. — Teve tempo...

— Kelda esteve comigo, Halvard! — asseverou o feiticeiro. — Está tão abismada quanto nós.

— Ela não está surpreendida! Está roxa de aflição!

— Porque receia que o sumiço do Rei da Lua te impeça de resgatar as Lágrimas...

— Olha para mim, Kelda — bramiu Halvard, cravando-me as unhas nas faces. — Jura que não sabes nada sobre o que está a acontecer!

Fixei as chamas da ira que devoravam as florestas do seu olhar e jurei. Era a pura verdade! Após um fôlego de assimilação, o meu irmão aparentou ter ficado convencido. Começou a abrandar o aperto que me enforcava, enquanto Sigarr apelava:

— Acalma-te, Halvard! Os guerreiros hão de capturar o prisioneiro... E tu deves continuar a atender aos convidados ao lado de Kelda. Entrementes, descerei aos calabouços em busca do rasto

de Edwin. Após meses acorrentado com magia negra, não pode ter ido longe!

Essas palavras tranquilizaram o meu gêmeo. Inclinou-se sobre o feiticeiro e rosnou:

— Trá-lo aqui para que eu o castigue...

— É melhor não — replicou Sigarr. — Esta festa já sofreu demasiados sobressaltos! Garante a satisfação dos teus hóspedes. Depois, longe dos seus olhos, tratarás de punir o traidor.

As afirmações do feiticeiro soavam cruéis, mas eu entendia a razão que se ocultava por detrás da sua fereza. Halvard estava iracundo. Este incidente fora uma afronta à sua soberania; minimizara-o aos olhos dos nobres. Se o meu pai fosse capturado de imediato e arrastado para o salão, provavelmente acabaria morto! Ao adiar o castigo, Sigarr esperava que a sanha do Filho do Dragão se mitigasse... Além disso, a expressão da sua perversidade seria menor se não tivesse uma multidão a inflamar-lhe os ímpetos assassinos.

O meu irmão hesitou, mas acabou por aquiescer. Sigarr deitou-me um olhar significativo. Depois, fez sinal a Narkissus e Gaya para que o seguissem e encaminhou-se para fora do salão. Entretanto, os convidados tinham-se repartido e comentavam o incidente com estranheza. Halvard arrastou-me para o meio da confusão, assumiu a postura de líder e anunciou:

— A festa vai continuar! Que a música volte a alegrar...

Um ronco ensurdecedor, grave e arrepiante, preencheu o salão e cortou-lhe a voz. Pelo canto do olho, vi os feiticeiros estacarem, surpreendidos com a entrada tempestuosa de Deimos. Em pânico, a multidão começou a empurrar-se na ânsia de abrir caminho à besta. Engoli em seco ao verificar que o monstro arrastava alguém. Não era o meu pai... Percebi-o mal vi a expressão chocada de Sigarr. O feiticeiro esgueirava-se por entre os corpos paralisados de espanto, tentando chegar até mim enquanto o demónio grunhia:

— Olha quem eu apanhei a tentar fugir do palácio, Halvard!

Enfim, o meu irmão soltou-me... E Sigarr agarrou-me por trás, prendeu-me os braços e impediu-me de avançar para descobrir a identidade do infeliz. Quis protestar, mas o urro de Halvard petrificou-me. A multidão já se afastara o suficiente para me permitir uma visão clara dos acontecimentos. Deimos arrojava a sua presa aos pés do Filho do Dragão. A mão do meu gémeo caiu sobre os cabelos ensopados de sangue do prisioneiro, puxando-os para lhe revelar a cara... Sem o apoio do feiticeiro, ter-me-ia estatelado no chão. O meu coração parou, incapaz de aceitar o horror que os olhos me impingiam.

— Não... — foi tudo o que consegui gorgolejar.

— Esse imbecil estragou tudo! — ofegou Sigarr, segurando-me com firmeza.

Estava explicada a origem do ullo que escutáramos no jardim... E plenamente esclarecido o seu significado! À minha frente encontrava-se o último homem que eu imaginaria ver neste salão: Lysander, príncipe herdeiro do trono da Gente Bela.

Nada disto era real! Lysander estava muito longe daqui, em segurança... Tinha de estar!

— Tu... — bramia Halvard, com o rosto deformado pelo ódio. — Só podias ser tu!

— O bastardo estava sozinho — reportou Deimos. — Recusa-se a dizer uma palavra, mas tenho a certeza de que é responsável pela fuga do prisioneiro.

O rei do Povo do Fogo espancara o príncipe do Povo da Terra tão brutalmente que o deixara irreconhecível! As roupas de Lysander estavam ensopadas de sangue, as faces desfeitas... Porque é que não se insurgira? Será que fora mesmo ele quem libertara o meu pai? Teria consumido toda a sua magia a tentar restabelecê-lo e acabara indefeso diante do monstro? Porém, se assim fosse, o Rei da Lua deveria estar sob a sua guarda... E que raio é que o herdeiro de Lyria fazia no jardim do palácio, escondido na copa de uma árvore? O ar recusava-se a entrar-me nos pulmões. Sentia-me

desfalecer... Mas tinha de reagir! Se desmaiasse, quando recobrasse os sentidos o meu... o príncipe estaria morto!

— Acalma-te! — ordenou Sigarr. — Lembra-te de que não podes contrariar o teu irmão!

— Halvard vai matá-lo — gemi em pânico.

— Esse néscio sabia o que arriscava — talhou o feiticeiro. — Depois do degredo que te impôs, acha-lo merecedor do teu sacrifício? Não tenhas ilusões, Kelda... Se desafiases Halvard, ele irá destroçar-te!

Soprei o ar, aterrorizada. Com mil ratazanas estracinhas, Sigarr esperava que eu assistisse impassível à pravidade que se anunciava? No entanto, que opção me restava? Halvard manteve os cabelos negros cativos das suas garras, enquanto se dirigia aos hóspedes:

— Meus senhores, o príncipe da Gente Bela resolveu invadir a minha festa... Mas não o fez para me prestar reverências! Este filho de uma cadela vadia veio roubar-me. Pois mostrar-lhe-ei como lido com os ladrões! — Sacudiu Lysander, obrigando-o a fixá-lo antes de retumbar: — Por respeito aos meus convidados, dar-te-ei a oportunidade de confessares os teus crimes. Aceita-a e beneficiarás de uma morte rápida... Se não, hás de sofrer até perderes a razão e começares a ganhar tudo o que quero saber!

Por entre golfadas de desespero, ouvi-o iniciar o interrogatório com a calma que antecede o mais proceloso dos temporais. Quando é que o príncipe chegara à Terra das Montanhas de Areia? Como entrara no palácio? Como achara o Rei da Lua? Para onde o levava? Quem eram os seus cúmplices? Nenhuma pergunta obteve resposta. Lysander estava preparado para enfrentar o seu destino sem emitir um som. Aos poucos, haveria de se refugiar num recanto profundo da sua mente e pararia de pensar, deixaria de sentir. O seu corpo não reagiria à tortura, por mais que Halvard o flagelasse.

O herdeiro de Lyria ainda não me encarara. Ver-me com Sigarr devia tê-lo dilacerado por dentro! Depois do que espiara no jardim, decerto pensava que nos tínhamos tornado amantes... Que eu era uma traidora vendida ao inimigo! A minha cabeça girava numa

voragem de confusão e agonia. Queria afastar o feiticeiro; correr para Lysander, abraçá-lo e dizer-lhe que continuava a amá-lo, não obstante as nossas desavenças! Porém, o Filho do Dragão haveria de me trucidar...

— Foi por ela que vieste? — inquiria agora, escarninho e desvairado, forçando o príncipe a virar-se na minha direção. — Achaste que podias roubar-ma... Mas Kelda é minha! Só minha!

Não... Porque haveria Lysander de arriscar a vida por minha causa, se me desprezara?

— Olha bem para ela, bastardo — continuava o meu gémeo. — É linda, não é? Mais do que perfeita! Deves definhar só de pensar que a perdeste para sempre... Que as mãos que treinaste são as mesmas que sangram os teus aliados! Que aqueles lábios rosados murmuram palavras de amor aos meus ouvidos!

Enfim, Lysander fitava-me... Todavia, o seu olhar estava negro, vazio, como se nem me estivesse a ver. Essa era a sua forma de me vilipendiar.

Ao constatar que nem a proclamação da minha perfídia quebrava a vontade do seu émulo, Halvard troou de frustração:

— Onde escondeste o Rei da Lua? Confessa, desgraçado!

Os convidados principiavam a ciciar com estranheza. O silêncio do intruso resultava num insulto grosseiro à onnipotência do anfitrião. Impunha-se uma punição exemplar! A paciência do Filho do Dragão esgotava-se... E a sua loucura emergia! De repente, começou a esmagar o crânio do príncipe contra a pedra do chão, uma e outra vez, ribombando furibundo:

— Fala! Fala! Fala...

A aflição tomou conta de mim. Quis acometer em socorro de Lysander, mas Sigarr tornou a deter-me. Ia empurrá-lo quando Narkissus e Gaya nos rodearam. A feiticeira prendeu-me o braço e negou veementemente com a cabeça, enquanto o companheiro firmava num sussurro cru:

— Só vais agravar o seu sofrimento e denunciar a tua posição. Pensa com frieza! Não há nada a fazer!

— Tem de haver — arfei ao ver o sangue de Lysander escorrer. — A culpa é minha...

— Não! — refutou Sigarr, com uma convicção férrea. — Estás enganada! Esse néscio não veio resgatar-te... Veio prostrar o teu irmão! Cuspiu nos acordos que firmámos e quis decidir o destino com as próprias mãos, por conta da sua presunção e estultícia. Falhou... Pois que suporte as consequências! — Buscou o meu olhar, acrescentando roucamente. — Não posso admitir que te sujeites à ira de Halvard por causa de um homem que te repudiou, Kelda!

— Sigarr tem razão, querida — murmurou Gaya com um carinho solidário. E Narkissus aditou:

— Queres que Halvard termine a noite a beber o teu sangue? O teu fim não servirá a ninguém!

O meu gémeo fartara-se de castigar a cabeça de Lysander. Agora, marchava em seu redor e pontapeava o corpo abatido, cravando-lhe as botas nas costelas enquanto clamava:

— Responde, bastardo! Responde!

Contudo, o príncipe não gritava... Nem sequer gemia! Alguém indagou se Deimos lhe teria arrancado a língua. A opinião dos convidados dividia-se. Uns aventavam que o Filho do Dragão devia continuar a tortura. Outros alvitravam que o melhor seria matar o insolente de imediato.

Ante a ineficácia da sua selvajaria, Halvard inclinou-se e rasgou a túnica da presa. Enfim percebi por que Lysander estava encharcado em sangue. O seu ventre exibia uma ferida horrenda. Por isso estava tão fraco! Toda a magia que lhe restava era insuficiente para combater a morte... Dei por mim a enterrar as unhas nas palmas das mãos, até a carne se fender, quando o meu irmão arrastou o príncipe e o alardeou, qual troféu de caça, para regozijo da perversa multidão:

— Este infame achou que podia suplantar-me porque descende de uma rameira de sangue antigo! O que vos parece? Se o filho da rainha Lyria do Povo da Terra sangra, não é diferente dos filhos do Homem, pois não? — Forçou o rival a fixá-lo e cuspiu, minaz: —

Escuta bem, bastardo. Vou sangrar-te até à última gota! E, depois de espezinhar os teus ossos, hei de extinguir a tua raça.

Dito isto, fechou o punho qual machado de guerra e atingiu o príncipe nas fronteiras, fazendo-o cair desamparado. Depois, torceu-o numa rodilha sob a violência descomunal dos seus socos e pontapés, incentivado pelos berros eufóricos da multidão. O facto de o émulo não esboçar um gesto de defesa ainda o aticava mais. Quando se deu por contente, Lysander mal respirava. Convicto de que ia morrer, finalmente procurou o meu olhar... E confrontou-me com a sua dor e desilusão; a mágoa de me ter à sua frente sem nada fazer, sem nada dizer. Rangi os dentes ao vislumbrar uma cintilação na imensidão azul-escura... Estrelas? Não! Lágrimas!

Halvard também as enxergou. Clamou vitorioso, decidido a expô-las à multidão. Porém, o príncipe apressou-se a ocultar a sua fraqueza. Raivoso, o meu gémeo agarrou-o pelo pescoço e abanou-o compulsivamente, enquanto bramia:

— Olha para mim, desprezível! — Quando não obtive resposta, a lâmina do punhal de Lobo Cinzento brilhou entre os seus dedos. — Pois hei de ver os teus olhos dentro da minha mão!

A arma desceu para perfurar as cavidades... E os meus lábios escancararam-se num brado atoador:

— Não!

Os três feiticeiros não chegaram para me deter. A explosão da minha magia arremessou-os para trás, juntamente com os homens e as mulheres em nosso redor. Em simultâneo, o legado do avô Throst escapava da mão de Halvard e voava para a minha. Apanhado de surpresa, o meu irmão estacou, ao mesmo tempo que um alarido de estupefação percorria o salão.

Seguiu-se um silêncio sepulcral; uma petrificação gélida. E, de repente, tudo se precipitou. Os olhos de Lysander abriram-se, pasmados. O Filho do Dragão desembainhou a espada. E eu saltei, interpondo-me entre o carrasco e a vítima, ignorando por completo o berro aterrado de Sigarr e o ronco iracundo de Deimos.

O tempo arrastou-se, suspenso nas batidas desabaladas do meu coração, no tremor do corpo de Lysander, na respiração ofegosa de Halvard, no burburinho chocado dos convidados... Fiquei inerte, meio tombada sobre o príncipe, com o punhal do *jarl* Throst apontado ao meu irmão. E o Filho do Dragão quedou-se, inclinado sobre o inimigo e a desafiadora, com o braço puxado atrás e a magnífica espada que o mestre lhe oferecera pronta para desferir um golpe.

— Perdeste o siso, Kelda? — rosnou. — Porque defendes o aleivoso que te prostrou no Império...? — Testemunhei o instante em que a dúvida se enraizou na sua mente. As labaredas de uma ira indomável acenderam-se no seu olhar e a voz embargou-se ao ordenar: — Sai da frente... Ou trespssarei os dois de uma assentada!

Urgia contornar esta adversidade, desfazer a sua suspeita e preservar a postura de serva fiel... Mas como? Em tempos, Sigarr conseguira convencê-lo de que eu apenas lhe desobedecia com o intuito de cuidar dos seus interesses. Foi a essa ideia que me agarrei com unhas e dentes, enquanto rebatia num sussurro carregado de pertinácia:

— Tu precisas deste ignóbil vivo, Halvard... Pouco importa que se recuse a confessar o que fez ao Rei da Lua! Mesmo que Erebus regresse de mãos vazias, o herdeiro da rainha Lyria é um prisioneiro igualmente valioso para negociar a troca das Lágrimas.

Ao mesmo tempo que me justificava, baixava cautelosamente o punhal e estendia-lho. Nas minhas costas, Lysander grunhia de exasperação como se se repreendesse por acreditar que eu viera em seu socorro. Halvard começou a desviar a espada. De soslaio, apercebi-me de que Sigarr sacudia a cabeça, assombrado com a temeridade da minha iniciativa. E Deimos bravejava:

— A traioeira está a mentir! Eles estão conluiados... Mata-a, Halvard! Mata os dois!

O meu gémeo tragou a espinhosa evidência... E, por instantes, achei que ia despedaçar-me com uma explosão de ódio. Porém, a

sua expressão alterou-se abruptamente, como sempre acontecia quando a loucura o subjugava. Gelei ao concluir que a sua ira se aliava à perversão. Um sorriso escarninho desfigurou-lhe ainda mais as feições ao objetar:

— Kelda só quer o meu bem, não é verdade, querida? Pois dar-lhe-ei o ensejo de defender a sua razão! Afinal, estamos no meio de uma festa, não estamos?

As últimas palavras foram proferidas num clamor, para reacender o entusiasmo da multidão. Esta aplaudiu em delírio. A diversão ia recomeçar... E era óbvio que seria eu quem providenciaria o espetáculo! Com mil ratazanas ébrias, que ideia torpe acometera Halvard desta vez?

— Vamos jogar um jogo — motejou, ante a expectativa dos convidados. — Se ganhares, Kelda, provarás que a vida do bastardo pode servir a minha causa. Contudo, se perderes...

CAPÍTULO 11

Até este momento, por mais desesperada que uma situação pudesse parecer, algo sempre acontecia para aliviar o meu fardo ou preservar-me a vida. Porém, nesta provação, nada me podia valer! Eu lia o horror nos olhos de Sigarr, enquanto as ameaças da noite pesavam sobre a sua cabeça. Erebus estava fora do palácio, impossibilitado de interferir para despertar a consciência do seu *executor*. E Deimos envenenava Halvard a cada vileza que cuspia.

A suspeita ardia na mente do meu irmão, qual incêndio descontrolado. A minha iniciativa abria fendas profundas na máscara de serva submissa. Engoli em seco, orando em silêncio. Sigarr continuava a fixar-me, trémulo de aflição. Fizera tudo para me proteger... Porém, eu acabara por arruinar os seus esforços porque não conseguira renunciar a Lysander. Era impossível contestar que amava o príncipe da Gente Bela! E, enquanto possuísse um pingote de energia, não podia abandoná-lo.

Halvard atara os pulsos do émulo e pendurara-o, esticado e indefeso, nos cornos do gigantesco dragão de cinzas petrificadas. Alguém aventou que o prisioneiro parecia uma lebre prestes a ser esfolada pelo caçador. Gargalhadas ecoaram... Corja de selvagens! Só Narkissus e Gaya não se imiscuíam na multidão. Da mesma forma que tinham tentado segurar-me, agora impediam Sigarr de avançar, certos de que ele estaria condenado se intercedesse por mim.

Após confirmar que Lysander seria incapaz de se soltar, Halvard pousou-lhe uma vela apagada sobre a cabeça. Deu-lhe umas palmadas nas faces, rindo escarninho, e depois veio ao meu encontro. Fez um gesto teatral e explanou, desdenhoso e letal:

— O desafio que te coloco é simples... Conseguirás extinguir a chama daquela vela com um arremesso de punhal? Está claro que sim! Afinal, és Kelda da Montanha Sagrada!

Isto era pior do que eu cogitara! A minha máscara de vassalagem não estava rachada... Estava desfeita! As minhas justificações não o

tinham impressionado... E o que mais seria de esperar, depois de testemunhar a minha agonia perante o infortúnio de Lysander? Todavia, não podia pensar nisso agora. O meu gémeo empunhava o legado de Lobo Cinzento e enunciava:

— A herança do avô Throst... Tão valiosa! Tão cobiçada! E a rainha Thora pô-la nas tuas mãos, certa de que não existia ninguém mais digno de empunhá-la... Nem o seu próprio filho, o futuro rei do povo viquingue! — Acariciou o punho da arma, ciente de que tinha o salão cativo do seu discurso... E prosseguiu: — Recordo-me perfeitamente do dia em que me ofereceste este punhal. Foi o dia em que me declaraste a tua lealdade. O dia em que juraste ficar ao meu lado para sempre. O dia em que nos devotámos um ao outro, através de um pacto de sangue...

Dito isso, expôs a palma da mão com a cicatriz do odioso ajuste e tornou a lacerá-la. O seu sangue jorrou do golpe, fazendo-me estremecer. Halvard farejava o meu medo e deliciava-se... Pretenderia obrigar-me a renovar os nossos votos? Não! Estava a testar o meu controlo, a espicaçar-me os nervos... Pois não levaria a melhor! Mantive-me queda e muda debaixo do seu olhar atento. Como a minha inércia não favorecia o espetáculo, estendeu-me a arma e concluiu:

— Depois de tudo o que aconteceu, deve ser este punhal a decidir o nosso destino. Como podes constatar, a lâmina está perfeitamente afiada. Há de cortar o pavio... Ou ditar a morte do príncipe, se falhares o arremesso. O desenlace desta questão só depende de ti!

Para quê subtilezas, quando estava tudo perdido? Empinei o nariz e revidei:

— Há pouco affiançaste que cumpres sempre a tua palavra... Pois quero que jures, diante dos teus convidados, que não matarás Lysander se a sorte determinar a sua libertação.

Ainda a minha voz ecoava no silêncio ansioso do salão, já o demónio trovejava:

— Isto é uma afronta, Halvard! Não podes admitir...

— Cala-te... — resmoneou o Filho do Dragão, mas o chifrudo prosseguiu:

— Esse desafio é ridículo! A aleivosa vai superá-lo sem esforço...

— Basta, Deimos! — ribombou o meu irmão. — Esta contenda não te diz respeito!

Arrostámo-nos, suspensos no nosso fôlego. Os seus olhos mantinham-se verdes e límpidos, como se despojados de ruindade. Quão perversas eram as Entidades que nos tinham empurrado até aqui? Não obstante o que nos separava, Halvard estava a sofrer... Porque me amava! E o seu amor podia ser desvairado, obsessivo, desesperado e nocivo, tão fervoroso quanto mortal... Mas não deixava de ser amor! As circunstâncias do nosso nascimento tinham ditado que eu seria a única luz capaz de iluminar a sua mente perturbada, o seu coração escurecido, a sua alma atormentada... Afinal, traíra-o! Era esse o pensamento que o flagelava quando ripostou secamente:

— Tens a minha palavra!

Aceitei o punhal de Lobo Cinzento e murmurei com a voz embargada:

— Lamento, Halvard...

Ele ergueu a mão e acariciou-me a face, volvendo num arquejo rouco:

— Não lamentas mais do que eu!

Sobressaltada, vi as chamas perniciosas da Arte Obscura deflagrarem no seu olhar. Tentei afastar-me, mas os dedos implacáveis cravavam-se no meu rosto... E, sem que pudesse evitá-lo, besuntou-me os olhos com o sangue que, entretanto, escorrera do golpe aberto na palma da sua mão. Saltei para trás, supliciada por um ardor intolerável que me manchou a vista. Certa de que estava a ser vítima de um malefício, dispus-me a contrariá-lo. Porém, em simultâneo, fui surpreendida por um aperto nas pernas. Aflita, tomei consciência de que uma corrente deslizava em redor dos meus tornozelos... Então, o mundo virou-se ao contrário.

Gritei em pânico quando senti o chão fugir debaixo dos pés. Só por pouco não deixei cair o punhal. Enquanto a vertigem se fundia com o desespero, inferi que me encontrava pendurada de cabeça para baixo, presa a uma das traves que suportavam os candelabros, a oscilar como uma ratazana incauta cativa de uma armadilha. A magia que invocara ainda me permitiu enxergar o brilho maligno da corrente de energia com que Halvard me aprisionara. Todavia, as cadeias não tardaram a cumprir a sua função... E eu imergi nas trevas do feitiço que o meu irmão me lançara.

A corrente oscilava tanto que me fazia voar através do salão. Tentei concentrar-me, mas os guinchos estrídulos da multidão confundiam-me. Em condições normais, lançar um punhal contra um objetivo estático seria uma brincadeira, como o monstro chifrudo reclamara. Ao impor-me estas limitações, Halvard pretendia assegurar-se de que eu seria incapaz de superar o desafio e salvar Lysander. Senti o vômito na boca... A fraqueza imposta pelos grilhões de magia negra não só me amortecia a luz na essência como consumia as minhas forças. Ainda distingui a voz de Sigarr, chamando o meu nome num apelo angustiado. Uma vez... Uma única vez... E o meu terror transbordou, ao escutar o uivo irado do Filho do Dragão:

— Parece que o teu novo mestre sofre por tua causa, Kelda. É incrível como deslumbras todos os homens que se aproximam de ti! Porém, um a um, hão de pagar pela insolência de cobiçarem o que é meu! Estás pronta? É tempo de acender a vela.

A oscilação diminuía. Talvez, agora, conseguisse localizar Lysander! Se ele gritasse para me guiar... Não! Halvard cortar-lhe-ia a língua! Acabara de perder a sensibilidade nos joelhos e a dormência espalhava-se com rapidez. Como podia cumprir o meu objetivo, se piscava os olhos e a bruma não se desvanecia? De súbito, a corrente sofreu um esticão como se empurrada por um gigante. Fui novamente projetada num rodopio violento e caótico. E o meu gémeo elevou a voz sobre o clamor da multidão extasiada, para anunciar:

— A vela já arde, Kelda! E, como sou um homem de honra, devo avisar-te de que é o fogo de Deimos que a alimenta.

O meu coração engasgou-se. O fogo do demónio... Consumiria a vela em menos de nada e não se extinguiria! Halvard pretendia transformar Lysander numa fogueira! A dormência já me paralisava os quadris. As lágrimas encharcavam-me os olhos, mas continuava cega. Os convidados cascalhavam... E o meu irmão escarnecia:

— Então, Kelda? Não me digas que a excelsa guerreira-feiticeira está com medo de falhar! O teu tempo esgota-se... Meus senhores, vamos contar até dez?

De imediato, um coro inflamado de entusiasmo uniu-se à sua voz, retumbando pelo salão:

— Um...

De uma forma ou de outra, Lysander estava condenado! Eu devia arriscar... Mas que hipótese tinha de acertar, suspensa de cabeça para baixo e cativa de uma corrente que balançava desregradamente em todas as direções, ao mesmo tempo que o meu corpo girava sobre si próprio, sem a visão para me guiar e a magia para me ajudar? Os grilhões assimilavam a energia vital que me restava... Acabara de perder a sensibilidade na cintura e a contagem prosseguia:

— Dois...

A náusea sufocava-me e a edacidade da magia negra já me entorpecia o peito. Manter os dedos cerrados em torno do punhal tornara-se um esforço insuportável. O que estaria Lysander a pensar? Que ia morrer! Que fora tudo em vão!

— Três...

O desespero comia-me à dentada. Ou seria a magia negra que se refastelava? Inspirei fundo, convicta de que ia desfalecer. E esse fôlego envolveu-me a razão e usurpou-me a vontade. Fui sugada para dentro de mim... Porém, ao invés de a consciência se apagar, a escuridão dissipou-se. Uma luz despontou do nada, tão intensa que me fez piscar, como se fixasse o Sol através de um espelho. Então,

para lá desse esplendor ardente, diferenciei o rosto de uma mulher... as faces lívidas da *Observadora!*

— Íris...? — gaguejei perplexa. — Íris, és mesmo tu?

Não obtive resposta. Contudo, sabia que estava a ver a minha amiga refletida na superfície aquosa do Óculo do Tempo. O que diria se me pudesse falar? Que Lysander dependia de mim... Que tudo dependia de mim! Eu tinha de reagir... Mas como? Mal era capaz de respirar, quanto mais de fazer magia! Então, foi como se uma voz estrondeasse dentro da minha cabeça: «*Kelda da Montanha Sagrada não "faz" magia! Kelda da Montanha Sagrada "é " magia!*»

Lembrei-me do Jogo da Antecipação... Quando defrontava Íris diante do tabuleiro, eu não necessitava de invocar a Arte para saber onde a gota de água ia cair, mesmo antes de esta se formar. Neste jogo de vida ou de morte, também tudo se resumia ao «movimento» do corpo e à «pulsação» das essências! Estremeci de ansiedade ao concluir que encontraria Lysander se buscasse a energia que nos unia. Mas, para tal, devia contrariar o malefício dos grilhões... E o que me impedia de fazê-lo, quando estava ligada à fonte de poder do Povo da Terra, graças ao elo que mantinha com os meus avós? Nada podia extinguir a minha luz! Porém, se isso era verdade, porque me sentia tão fraca? Porque a magia negra alimentava-se do meu terror e deturpava-me a perceção... Esta impressão horrível não passava de um logro plantado na minha mente! Só me sentia paralisada porque acreditava estar paralisada! O relampejar dessa ideia impôs-me a convicção de que bastar-me-ia controlar o medo e confiar nas minhas aptidões para que o véu da ilusão se rasgasse e o meu clarão rompesse as trevas. Eu era mais forte do que Halvard... Não permitiria que ele vencesse!

De súbito, o espelho aquoso que me separava de Íris sofreu uma perturbação... E o fenómeno reverteu-se; a luz extinguiu-se e a vertigem tornou a fustigar-me. Estava novamente pendurada na corrente que balouçava sobre o salão, sem que os olhos me atendessem, com os convidados do Filho do Dragão a estrondearem:

— Quatro...

Teria delirado? Não! Estivera diante de Íris... Mas não fora ela quem me procurara! Eu vira o espanto no seu olhar ao arrostar-me; ao inferir que fora a própria energia do Observatório que «convocara» a minha essência... Isso significava que a magia da Ilha Sagrada decidira imiscuir-se na realidade do Homem! Na minha realidade! Para me alentar... Para me garantir que podia superar esta adversidade! Por isso o tempo estagnara, permitindo-me raciocinar. Agora, só tinha de confiar na minha força... Tinha de acreditar!

— Cinco...

Rasgava o ar e girava. A dormência reclamava o peito e os braços... Mas a dormência não existia! A minha luz tinha a faculdade de minimizar os danos causados pela magia negra... Onde estava essa luz? Sufocada pela mortalha enganadora das trevas... Desejei que se reacendesse e pulsasse. Que ganhasse ânimo e destroçasse a bruma. Que fulgurasse como um Sol. E tudo isso se concretizou! Repentinamente tive noção do meu corpo, desde a cabeça às pontas dos pés. Ainda me sentia dorida e nauseada, mas as mãos cessavam de tremer... E o punhal de Lobo Cinzento ganhava vida entre os meus dedos, detentor de vontade própria.

— Seis...

A visão demorava a restabelecer-se. O sangue de Halvard era puro veneno... Porém, eu já o tivera dentro de mim e, graças à magia de Pequena, aprendera a combatê-lo. No fim, podia compará-lo a uma daquelas doenças debilitantes, capazes de impor a morte, mas que, uma vez superadas, se tornam inócuas para aqueles que resistiram à sua ruindade. Ainda assim, só enxergava pontos coloridos... Dezenas de pessoas à direita e à esquerda; à esquerda e à direita, à medida que balançava de um lado para o outro.

— Sete...

Os tronos de ouro, os degraus do estrado de madeira, a estátua negra de um dragão... E Lysander suspenso dos seus cornos, atado pelos pulsos, com os olhos fechados e os lábios descontráídos. Apesar de desfeito e queimado pela cera, o seu rosto estava sereno. Abraçara o destino. Conformara-se... Pois eu jamais me resignaria!

Assente na sua cabeça, a vela ardia com uma veemência fatal: dois dedos de cera derretiam entre cada número gritado. Sobravam pouco mais de quatro dedos, até que a chama assassina alcançasse o objetivo.

— Oito...

A magia ia ajudar-me a debelar a corrupção da percepção e o rodopio do corpo. O Jogo da Antecipação não me guardava segredos! O meu fôlego sufocou os sons e misturou as cores, até nada restar além do vermelho ígneo da chama da vela. Eu era a nuvem indomável e o meu alvo estava definido... Movimento. Pulsação. O esplendor da minha essência... E a gota de água, ou melhor, o legado do *jarl* Throst voou da minha mão, no instante em que a multidão clamava:

— Nove...

E o meu berro estridulava:

— Lys...

O «dez» não chegou a ser pronunciado. O punhal trespassou a vela rente ao crânio do príncipe, cravando-se na estátua. A cera que ainda sustentava o pavio decepado deslizou pela lâmina, arrastando a chama maligna. Esta tombou sobre a pedra do chão, rolou e quedou-se a definhar, sem nada para consumir. O urro de Halvard troou através do silêncio abrupto gerado pelo meu feito. A multidão entreolhava-se, pasmada... Uma voz gaguejou:

— C... Como foi que ela acertou?

Porém, ninguém estava mais atônito do que o meu irmão. Fixava o punhal enterrado no dragão, sobre a cabeça de Lysander. Depois, mirava-me com olhos arregalados. No seu entendimento, eu tinha de estar cega e paralisada; até deveria ter desmaiado! No entanto, encontrava-me bem desperta... Já enxergava com clareza e fremia com ardor:

— Solta-me, Halvard... Liberta-me já!

O clamor de Sigarr sobrepôs-se ao meu, capturando todas as atenções:

— Esta questão deve ser resolvida em privado, Halvard! — Depois, mais baixo, no tom conciliador de um tutor que aconselha o protegido: — Sugiro que dê a festa por concluída, para que os teus convidados possam repousar um pouco antes de regressarem às suas casas.

Narkissus e Gaya tinham tentado detê-lo, mas ele teimava em chamar o pupilo à razão, descurando a segurança como se esquecido do perigo que o ameaçava. Sigarr e Lysander... Os meus mestres. Os homens que faziam o meu coração bater com mais força. Esta noite não terminaria sem que Halvard se refastelasse com o sangue dos dois... E com o meu também!

Após um instante de aturdimento, o meu gêmeo virou-se para defrontá-lo. Rangi os dentes, convicta de que a intervenção de Sigarr seria a pedra que provocaria a derrocada do penhasco... Não me enganei! Assolado pela fúria, Halvard agitou os punhos e rugiu com um desprezo minaz:

— Eu sou o senhor deste palácio, deste território... de toda a Terra! Sou o Filho do Dragão! E ninguém me diz o que devo ou não fazer! Esta festa terminará quando eu me fartar...

Calou-se bruscamente, como se fustigado por uma ideia nefasta. Depois, o seu rosto deformou-se numa máscara de ódio e depravação. Rodou a cabeça na direção de Lysander... E arremeteu com a morte no olhar, desembainhando a espada e ribombando:

— Arruinaste a minha noite, bastardo...

— Não! — desatei a gritar. — Não, Halvard! Não!

O tempo dos apelos esgotara-se. A comoção que me assolou foi tão violenta que superou o domínio das correntes e inflamou a minha magia. De imediato, uma onda de energia irrompeu do meu âmago e varreu o salão, prostrando alguns convidados e espalhando o caos. A estátua do dragão de cinzas abanou e acabou por se desmoronar, arrastando Lysander na queda. Ao esmagar-se contra o chão, desfez-se em mil pedaços com um estrondo colossal. Halvard teve de pular para trás para escapar às pedras... E, perante o seu

olhar esbugalhado, os grilhões de magia negra que me aprisionavam incendiaram-se e consumiram-se.

Caí desamparada e estatelei-me no chão, mas ergui-me tão rápido quanto pude e corri para Lysander. O príncipe ficara onde tombara, sem se mexer. Alcancei-o antes de Halvard reagir e dispus-me a escudá-lo da sua sanha, fremindo ameaçadora:

— A tua palavra não vale nada? Tenho de te lembrar que juraste não matar o príncipe se eu superasse o desafio? Estavas a mentir, como mentiste ao anunciar que libertarias o prisioneiro que vencesse os duelos? É assim que ambicionas conquistar a lealdade destes líderes? Quem lhes garantirá que, ao primeiro ensejo, não irás atraí-los para assegurares o teu proveito?

Esse repto era a minha última esperança de espertar consciências. Halvard aliciara os nobres com a promessa de infindáveis riquezas, embriagando-os com néctares, luxúria, sangue, fogo e magia... Restava-me esperar que alguns conservassem uma réstia de raciocínio que lhes permitisse ponderar na insensatez de firmar alianças com um arrogante caprichoso, que defecava em todas as promessas que fazia... Aparentemente, fui bem-sucedida! Num ápice, pés retrogradavam, rostos fechavam-se e lábios ciciavam.

A movimentação suspeitosa obrigou o meu irmão a refletir. Perdera muitos guerreiros na campanha contra o Império. Se desejava atacar o País dos Viquingues, necessitava do apoio destes homens e dos seus exércitos, pois, neste momento, forçá-los à submissão seria um erro. Aceitar tal realidade era um golpe rude no seu orgulho... Todavia, não tinha como contorná-la. Cômico de que os nobres poderiam virar-lhe as costas se não corrigisse a postura, começou a baixar a espada. Contudo, eu sabia que esta batalha mal começara! Halvard provou-o ao dar um passo na minha direção, mastigando com fereza:

— Acusas-me de mentir... Quando tu és a mais vil das mentirosas! A mais vil das arteiras! A mais vil das traidoras! Vieste até mim com a promessa de uma união eterna... Juraste apoiar-me! Juraste amar-me! No entanto, apenas fingiste estar ao meu lado para me

manipulares... Qual de nós é mais perverso, Kelda? Eu, que atento contra os meus inimigos? Ou tu, que atentas contra a tua carne e o teu sangue?

— Basta, Halvard! — atalhei, crente de que só a alusão ao nosso elo o faria recuar. — Cumpre a tua palavra... Ou hei de renegar-te como irmão e amaldiçoar-te por toda a eternidade!

Já nada me importava, além da sobrevivência de Lysander. Esta noite execranda decapitara o acordo que Sigarr estabelecera com os meus pais... E atribuir culpas à iniciativa do herdeiro de Lyria era um exercício inútil!

Halvard não se mexeu. Porém, a sua concussão transpareceu. As labaredas da fúria que consumiam o verde-floresta extinguiram-se abruptamente... E os seus olhos tornaram-se negros como carvão. Eu nunca vira nada assim! Era como se o frágil fio de sanidade que lhe restava se tivesse quebrado! Estremeci, horripilada... Algo terrível ia suceder! Fechei os punhos, disposta a defender Lysander até à última gota de sangue... Então, inesperadamente, o meu irmão recuou. Dirigiu-se à multidão e explanou, covo de rancor:

— Escutai bem o que vos digo... Que nenhuma consciência duvide de que o Filho do Dragão cumpre a sua palavra! Jurei que não mataria o ladrão que invadiu a minha casa e quedar-me-ei fiel a essa promessa... Todavia, não posso condenar aqueles que me são leais por desejarem a reposição da justiça e da ordem.

A determinação foi silenciosa, quase impercetível; um mero franzir de pálpebras. Contudo, eu conhecia bem a astúcia do meu irmão, a sua perfídia e iniquidade. Virei-me e deparei com Deimos perigosamente perto. Os seus olhos flamejavam e um fumo negro escapava-se por entre as presas... Afinal, o discurso de Halvard fora claro! Se a sua palavra estava comprometida, seria o seu laçao a satisfazer-lhe a vontade.

Desta vez, o rei da bazófia não perdeu tempo. Escancarou a boca e lançou um vômito de chamas sobre Lysander. Sem sequer pensar, ergui o braço e a minha magia extravasou com um frémito de resolução. Sob as exclamações incrédulas dos convidados, o ar

solidificou em redor do príncipe agonizante. As labaredas do monstro deslizaram sobre esse escudo e, incapazes de penetrá-lo, verteram sobre a pedra do chão. A multidão começou a debandar, ciente de que o toque de uma faísca seria fatal. Eu não queria cauterizar ninguém... Ou será que queria?

Arrotei Deimos, sentindo uma vaidade torpe ante a sua estupefação. Apelar à magia do ar para criar uma proteção contra o seu fogo não seria excepcional se eu não tivesse estado cativa de correntes amaldiçoadas. A besta detinha-se, engasgada com o próprio fumo, interrogando-se como é que eu ainda resistia... Pois ia surpreendê-lo muito mais! Assim que se recompôs e cuspiu outro jorro sobre a vítima, fortaleci o escudo e não permiti que uma chispa escapasse ao meu controlo. Fechei o punho e a coberta invisível dobrou-se sobre si mesma, aprisionando o lume. Acirrada pelo ódio, fundi a energia do meu escudo com o fogo do monstro e transformei as labaredas em flamas de luz. Por fim, estiquei o braço e empurrei o ar, retribuindo a cortesia.

Mal as chamas corrompidas o cobriram, Deimos começou a estrebuchar, fustigado por uma miríade de agulhas luminosas que lhe perfuravam as narinas e a garganta, dilaceravam os olhos e rasgavam a pele. Roncou e pulou, com a cauda a chicotear num frenesim, cravando as garras no focinho e sacudindo-se como se atacado por um enxame assassino. O lume que ainda golfava foi expelido ao acaso e atingiu alguns convidados. Os berros de agonia desses homens alcançaram-me os ouvidos... misturados com o rugido iracundo do meu irmão.

A catástrofe eclodiu nas minhas costas. Apenas tive tempo de virar a cabeça, qual garoto apanhado desprevenido por uma avalanche, que encara a morte com perplexidade, incapaz de se desviar. O Filho do Dragão acometia com a espada em riste... E nada poderia detê-lo.

De súbito, alguém me empurrou e caiu-me em cima. A minha cabeça esmagou-se contra o chão, a concentração mística esvaiu-se e a vertigem quase me venceu. No entanto, mesmo aturdida,

distingui o urro alucinado do meu gêmeo, o grito excruciante de Sigarr... E senti a picada do ferro: fria, perfurante, implacável. Essa dor aguda prendeu-me à realidade e fez-me arregalar os olhos. Deparei com o rosto do feiticeiro a adejar sobre o meu; o olhar azul-celeste preenchido por um calor doce, uma ternura serena... a tristeza de uma despedida! Os seus lábios trémulos titubearam o meu nome. Só então raciocinei: se a ponta da espada de Halvard se enterrara na minha carne e Sigarr estava deitado sobre mim...

De entre o caos que abundava no salão sobressaíram os brados aterrorizados de uma mulher... De Gaya! Chocada, fixei o peito do mestre da Arte Obscura e vi o seu sangue a escorrer pelo aço que nos unia. Ao concluir que Halvard não se refrearia, Sigarr interpusera-se entre nós e resguardara-me com o seu corpo. A espada do Filho do Dragão varara-o e ainda me ferira. Sem a sua intervenção, eu estaria morta... Assim, era ele quem se finava! Cravei-lhe os dedos nos ombros e arfei compulsivamente, até conseguir gaguejar:

— Não... Sigarr, não! Assim não!

— É diferente... — titubeou, com uma estranheza pungente vincada no rosto. — Não devia... ser diferente...

Demorei um fôlego a compreender que se referia à passagem para o mundo dos espíritos. Decerto recordava-se da experiência que tivera com a espada mágica... Porém, agora estava mesmo a morrer! Os seus lindos olhos azuis encheram-se de lágrimas ao murmurar:

— Por favor, Kelda... Vive...

Nesse instante, Halvard resgatou a espada com um palavrão. De imediato, os olhos de Sigarr fecharam-se e a sua cabeça ruiu sobre o meu pescoço. Desta feita, não existia magia que lhe valesse! O mestre da Arte Obscura estava morto... E fora o pupilo quem o matara, tal como a sua Visão pressagiara! Eu jurara salvá-lo... E não só falhara como fora a causadora do seu fim!

— Não! Não! — uivei, dilacerada pela frustração e pela raiva. E por algo mais... Dor! Sim, dor! Pensar que jamais voltaria a fruir da

companhia de Sigarr destroçava-me o coração.

Alguém puxou o feiticeiro de cima de mim e amparou-o nos braços. Fui incapaz de conter um soluço ao encarar Erebus. O seu rosto estava cinzento; os veios pretos e escarlates que lhe vincavam a pele ameaçavam rebentar; os olhos dilatavam-se, preenchidos por um horror imensurável. Acabara de chegar... Demasiado tarde para impedir esta barbaridade! Pousou Sigarr no chão e estreitou-me contra o peito, assegurando-se de que o meu ferimento era superficial. Eu queria avisá-lo do perigo que corríamos, mas o choro consumiu-me a voz. Então, o «Criador das Trevas» arrostando o primo e indagou, num silvo transtornado:

— Halvard fazer? Mestre morto! Kelda ferida... Halvard pensar? Halvard querer?

O meu irmão quedava-se no mesmo sítio, com o punho fechado na espada ensanguentada. O seu olhar saltava de Sigarr para mim, enquanto abria e fechava a boca como se incapaz de articular uma palavra. Fixei o mestre da Arte Obscura, arrasada pelo pranto. Era eu quem devia estar prostrada em seu lugar... Por isso ele nunca me contara a sua Visão! Sigarr dera a vida por mim... Sigarr morrera porque me amava! E Lysander...? Onde estava Lysander?

O príncipe continuava estendido no chão, suspenso num fio ténue de consciência. Não muito longe, Deimos contorcia-se, ganindo em sofrimento enquanto o sangue negro lhe escorria a rodos dos ouvidos, do nariz, da boca... Contudo viveria, graças à ingerência de Halvard. O meu irmão dispusera-se a matar-me para salvar o seu *protetor*, pois sabia necessitar dele para realizar a profecia e ignorava a minha importância na celebração do ritual. As suas prioridades estavam definidas! E agora...? O que é que o todo-poderoso Filho do Dragão ia fazer?

Narkissus abeirou-se de Sigarr e susteve-o nos braços, com o auxílio de Gaya. Sem uma palavra, caminharam altivamente para fora do salão. Os convidados cederam-lhes passagem, demasiado abalados para se manifestarem. Sigarr fora bastante respeitado nestas paragens. Vê-lo ignominiosamente assassinado devia enodar

muitas vísceras. Receei que Halvard fosse deter os feiticeiros... Porém, surpreendentemente, parecia mais empenhado em se justificar perante Erebus. Apontou-me um dedo e entaramelou:

— Eu não queria... Kelda fez-me perder a cabeça... Mentiu! Traiu-me! Enganou-nos a todos!

O meu primo esforçava-se por recuperar o controlo. Convicta de que podia preservá-lo da ira de Halvard, decidi afastar-me para que a sua lealdade não fosse questionada. Quando me viu aproximar de Lysander, Erebus lançou-me um olhar de aviso, urgindo que ficasse quieta. Ainda acalentava a esperança de remediar a situação... Todavia, eu sabia que chegáramos ao fim do trilho. Estavam esgotadas todas as escusas, manhas e embustes! Alcancei o príncipe e defrontei o meu irmão, empinando o nariz e cuspiendo com uma calma impregnada de desprezo:

— És um monstro, Halvard! Podes ter o universo à tua mercê, que jamais passarás de um ser torpe e nojento, sem honra, sem casa, sem terra... sem ninguém que te siga, a não ser por interesse ou por medo.

O meu asco cobriu-o e fê-lo suster a respiração. Arreganhou os dentes e rugiu com toda a pujança dos pulmões. Depois, rodou sobre si e brandiu a espada num ímpeto feroz, estrondeando para os convidados:

— A festa acabou! Saí daqui... Fora! Já!

A debandada foi rápida. Estiquei a mão até encontrar Lysander. A pele do seu ombro estava fria e húmida. Os seus recursos místicos tinham-se esgotado. Sem ajuda, o ferimento que o demónio lhe infligira ser-lhe-ia fatal. Por isso, não hesitei em ceder-lhe energia curativa.

Deimos continuava a cainhar. Erebus quedara-se ao lado de Halvard, mirando-me com os olhos semicerrados, os lábios apertados e uma postura tensa. Não me resenti da sua iniciativa. Neste momento, só ele podia refrear a loucura do primo. O meu irmão nem esperou que todos os convidados saíssem para voltar a fustigar-me com os seus desvarios:

— Vou dar-te uma última oportunidade. — Ergueu o braço e o punhal do avô Throst, esquecido entre os despojos da estátua do dragão, deslizou pelo chão e parou ao meu alcance. — Mata o bastardo e oferece-me o seu coração! — Ao ver-me sacudir a cabeça, o rubor que lhe incendiava as faces inflamou-lhe o olhar. Soou ainda mais tenebroso ao rematar: — Recusa a minha generosidade e eu esfolarei o miserável! Arranco-lhe os miolos pelo nariz... Esventro-o e como-o! Depois, hei de quebrar a tua vontade... Usurparei os segredos da tua mente. Assimilarei a tua magia, a tua vitalidade, a tua essência! És minha, Kelda! Viva ou morta, jamais te livrarás de mim!

Eu tinha de pensar rápido... E só me restava uma saída: arriscar tudo num contra-ataque.

— Recordas-te de quantas vezes me interrogaste acerca do meu poder? — ripostei em desafio. — Sempre te respondi que ignorava os seus segredos... Pois menti! A energia que me sustenta é especial... exclusiva! Faça o que fizeres para devassar a minha mente, falharás como até aqui... E, se me matares, serás incapaz de assimilar a minha essência.

Teria sido convincente? Halvard franziu ainda mais o cenho e objetou:

— Não voltas a enganar-me... Agora que foste desmascarada, dirás que és capaz de apagar o fogo do Sol só para salvas a pele.

— Se eu quisesse salvar a pele, não teria deixado o Império e regressado a esta terra!

— Regressaste porque temeste pela segurança do Rei da Lua...

— Se assim fosse, tê-lo-ia resgatado e fugido na tua ausência! Se fiquei, se me sujeitei a todas as atrocidades que me impuseste, foi porque acreditei que podia chamar-te à razão... A única pele que eu sempre quis salvar, Halvard, foi a tua!

O meu irmão bufou, desprezando a declaração. Era o ensejo para Erebus me defender... Porém, o meu primo manteve-se inerte como se indiferente ao rumo que a disputa tomava. Senti um aperto no peito, abalada pela confusão... Será que, confrontado com este

impasse, o *decisor* resolvera mesmo apoiar o Filho do Dragão? Não houve tempo para mais cogitações, pois Halvard empunhou a espada e retrucou numa golfada de desdém:

— Fizeste a tua escolha, Kelda! Depois de eu acabar com esse bastardo, o teu sangue há de testemunhar a veracidade das tuas alegações... E, conforme o resultado, decidirei a tua sorte.

Não podia combatê-lo com Lysander a definhar nas minhas costas! Num ímpeto, resgatei o punhal de Lobo Cinzento e aponteilho, retumbando qual trovão:

— Só tocarás em Lysander por cima do meu cadáver... Mata-nos e a minha magia irá unir-nos por toda a eternidade, como a avó Catelyn está ligada ao avô Throst. E, entre realidades, todo o empenho da nossa energia será para te arruinar.

A ideia que me movia era arriscada, desesperada, louca... Mas era tudo o que me restava! Para que resultasse, o meu irmão tinha de acreditar que falharia em assimilar a minha essência... E que a magia que me animava era tão poderosa que não só conseguiria fundir a minha energia com a de Lysander, como haveria de se dedicar a contrariar os seus planos a partir do outro mundo. O certo é que, persuadido ou não, Halvard hesitou. E eu concluí, prodigiosamente álgida e firme, atendendo ao pânico que me revolvía as entranhas:

— Dá mais um passo e eu juro pelo Sol e pela Lua que, ao invés de te tornares Filho do Dragão, terminarás os teus dias a rastejar na areia do deserto, como a vil serpente que és!

Os seus olhos fulminavam-me, sem que sequer os piscasse. Eu nem imaginava o que lhe ia na cabeça! Então, inesperadamente, Erebus avançou. Agarrou o braço do primo e silvou:

— Resolver Kelda depois. Rei Lua sumir. Halvard matar príncipe, perder vantagem.

Era óbvio que o meu primo tentava ganhar tempo. Temi que o meu irmão o trucidasse ao ouvi-lo repetir o argumento que eu já lhe dera. Porém, baixou a espada... Será que ainda respeitava a opinião do seu *decisor*? Senti um misto de alívio e apreensão quando

Halvard libertou o fôlego que estivera a conter. Lançou-me um esgar de vilipêndio e resmoneou:

— Atende ao bastardo, Erebus.

Ostentei segurança, enquanto o meu primo deslizava para trás de mim. Graças à magia que me unia ao príncipe, apercebi-me do instante em que a sua energia curativa se manifestou... Era mesmo excepcional! Haveria de salvar Lysander!

Deimos ainda não recuperara. Para já, só tinha de me preocupar com o Filho do Dragão. Comecei a suster-me... Então, vi as pálpebras de Halvard estremecerem, sinal de que estava a dar uma ordem. E, antes que pudesse reagir, uma pancada seca atingiu-me na nuca.

CAPÍTULO 12

Seria mesmo possível alterar a nossa sina? Ou o esforço para fazê-lo resultava num mero divagar por caminhos paralelos, que fatalmente nos conduziriam ao destino inicialmente traçado? A minha vida terminara... Porque não havia vida sem liberdade! Eu já não era Kelda da Montanha Sagrada, mas uma mera escrava do monstro que era o meu irmão gémeo.

Essa foi a primeira ideia que me acometeu quando acordei e deparei com o dragão de ouro que ensombrava o leito de Halvard. As presas de marfim da grotesca estátua oscilaram, envoltas numa névoa rubra. Fui obrigada a cerrar os olhos, mal contendo um gemido. A minha cabeça doía como se tivesse sido esmagada... Afinal, tal não andava longe da realidade!

Enquanto me tivera inconsciente, à sua mercê, o meu gémeo empenhara-se com toda a veemência em profanar-me a mente. Como as suas tentativas anteriores tinham fracassado, decidira não se poupar a esforços. Arrastara-me para a sua cama, tombara sobre mim e mordera-me os lábios, até o meu sangue inundar as nossas bocas. Então, a sua energia invadira-me, qual erva daninha a desbravar o solo pedregoso.

Fora assim que, há alguns anos, a rainha Lyria da Gente Bela ultrapassara as barreiras da minha razão. Porém, a magia inata que me sustinha possuía a capacidade de corrigir as suas falhas. Confrontada com a energia do usurpador, concentrara-se em repeli-la... E triunfara! Aquilo que Halvard mais desejava mantivera-se fora do seu alcance: a chave para avassalar a minha vontade e as leis que regiam o meu poder. Apesar disso, não se dera facilmente por vencido! Até se resignar, massacrara-me ao ponto de me liquefazer os miolos. Julguei que acabaria por me degolar no auge da fúria, para confirmar se seria ou não capaz de assimilar a minha essência. O uivo de frustração que soltara, antes de partir, ainda me eriçava os pelos da nuca.

Um novo esforço para abrir os olhos resultou noutra pontada. Rodei a cabeça e deparei com dois guardas. Um terceiro já corria a comunicar ao seu senhor que eu despertara. Tornei a fechar os olhos, nauseada. As recordações dilaceravam-me à medida que se impunham. No cerne desta confusão era difícil aferir o que mais me magoava. Sempre acreditara que os resultados que ia alcançando haveriam de me conduzir à vitória no recontro final. Pura ilusão... Não conquistara a ponta de um chavelho! Pelo contrário! Sigarr estava morto. Lysander não devia ter tido melhor sorte. O meu pai desaparecera... E Erebus traíra-me.

Sim! Fora o meu primo quem me derrubara! Aproveitara-se da minha distração perante as ameaças do meu gémeo, para me prostrar com uma pancada na cabeça. E eu que julgara que ele apenas fingia colaborar com Halvard para me proteger! Confiara tão cegamente em Erebus que entregara Lysander ao seu cuidado, sem sequer olhar para trás. Ser tão ingénua quanto à pureza da sua índole saíra-me caro! Muito caro!

Pensar no herdeiro de Lyria fez o meu coração contrair-se. A sua temeridade arruinara tudo! O meu pai livrara-se dos calabouços, era verdade, mas estaria a salvo? Com a memória bloqueada, precisaria de ajuda para chegar à Ilha dos Penhascos... Ou pior, se se quedasse escondido em algum lugar, Halvard só teria de profanar a mente de Lysander para descobri-lo. Eu esperava que o príncipe tivesse tido isso em consideração quando o abandonara... Com mil ratazanas alienadas, porque é que Lysander regressara ao palácio? Por minha causa? Não! Ele desprezava-me! Até decretara o meu exílio! Sigarr aventara a única explicação coerente: o herdeiro de Lyria ambicionara matar o Filho do Dragão; tomar nas suas mãos a decisão da guerra. No fim, só não o fizera mais cedo porque eu o impedira, quando o subjugara na Ilha dos Penhascos. Era mesmo de Lysander, acreditar que podia resolver tudo sozinho! A sua soberba custara-lhe a vida... E a vida de Sigarr.

Reprimi um soluço ao lembrar-me do olhar do feiticeiro na despedida. Cogitar que o seu coração talvez tivesse mudado o

suficiente para que a sua alma encontrasse a luz e repousasse em paz era um fraco consolo. Sigarr amara-me... No entanto, fora forçado a morrer por mim para que eu acreditasse na sinceridade dos seus sentimentos. E isso era tremendamente injusto!

Débil e derrotada, com o espírito desfeito, forcei-me a arrastar-me para fora da cama, ciente de que tinha de me preparar para a entrada triunfal do Filho do Dragão. Ao ver-me de pé, os guardas levaram as mãos às espadas como se receassem um ataque. Ignorei-os, assolada pela agonia. O meu estômago contraiu-se e o vômito escapou-me da boca, em golfadas de fel negro. Quando a náusea acalmou, estremeci de raiva ao perceber que parte da imundice que ensopava os tapetes era sangue envenenado. Halvard não desistia de me impingir a sua peçonha! Os guerreiros recuaram, enojados com o cheiro azedo e pútrido que empestava o ar. Só não debandaram porque sabiam que o seu senhor os cortaria em postas se me achasse sozinha.

Enfim, comecei a respirar melhor; a tontura desvanecia-se e a luz da minha essência recuperava o seu vigor, como se o malefício imposto por Halvard a tivesse inibido. Lysander regressou ao meu pensamento. Por mais que tentasse convencer-me de que ele fora vítima da própria arrogância e de que nos arrastara no seu infortúnio, o meu coração estrebuchava em negação. Havia algo incoerente na história tecida em seu redor... Até o meu pai estranhara as suas imposições! E eu vira a comoção no olhar azul-escuro quando me fixara! O homem que Deimos capturara não era o mesmo que cortara as amarras da ponte no Império. Disso eu tinha a certeza! Na luta constante que o herdeiro de Lyria travava entre o «querer» e o «dever», seria possível que...?

Sacudi a cabeça e rangi os dentes, obrigando-me a estancar o pensamento. Que importava esclarecer as razões de Lysander quando, de certeza, Halvard já enviara a sua cabeça para a Ilha dos Penhascos? Ao invés de me consumir de desgosto, urgia preparar-me para enfrentar o Filho do Dragão. Afinal, ainda era uma guerreira! Não podia desistir de lutar pelo meu povo!

Nesse instante, a enorme porta escancarou-se e Halvard irrompeu pelo quarto. Os guardas desapareceram num estalar de dedos. Fiquei onde estava, enquanto o meu gêmeo se aproximava. Tomara banho, perfumara-se, trocara de roupa... Sorria! E, não obstante a entrada tempestuosa, a sua voz soou tranquila e doce ao excluir:

— Espero que tenhas dormido bem, querida! Foi uma noite longa, cheia de emoções fortes... Porém, sabes que estou aqui para te confortar, para te apoiar, para te guiar... Vou estar sempre ao teu lado, Kelda, porque te amo com todo o meu coração.

Abriu os braços para me estreitar. Saltei para trás e as pernas não falharam. Fiz um gesto ameaçador e estrondeei com impressionante vigor:

— Não te atrevas a tocar-me, sua besta!

Halvard deteve-se e fixou o vomitado no tapete. Mais uma vez, eu defraudara os seus planos! O nó na sua garganta subiu e desceu, engolindo a frustração. Depois, volveu com tamanha candura que, quem não o conhecesse, haveria de apostar a vida na sua sinceridade:

— Não imaginas como lamento o que aconteceu! Sei que a morte de Sigarr te entristeceu... Eu também estou desgostoso! Ele não foi só meu mentor. Foi um conselheiro, um amigo... O pai que nunca tive! Estimava-o muito! O seu infortúnio resultou de um equívoco. Quando avancei, só pretendia proteger-te; afastar-te daquele homem que tanto mal nos fez! Sabes que jamais te magoaria... Sigarr confundiu-se e provocou aquele infausto acidente. Por favor, Kelda! Não te zanges! Preciso da tua compreensão e do teu carinho para superar a dor que me atormenta.

Só faltava dizer que Sigarr decidira pôr fim à própria vida e que ele tentara salvá-lo! Como é que conseguia mentir tão descaradamente? E porque se dava a esse desfrute? Será que ainda confiava na eficácia de algum dos malefícios que me impusera? Franzí o cenho e repliquei com uma frieza impaciente e sarcástica:

— Se a dor te consome, porque não acabas com a tua deplorável existência? Já que viveste a chafurdar na podridão, pelo menos

encontrarias alguma dignidade na morte!

O seu olhar escureceu de fúria. Tentou refrear-se, mas soou ofegoso ao retrucar:

— Não estás a falar a sério, Kelda! Tu e eu somos um só! A minha morte seria a tua morte...

— Morrerei feliz se isso também significar o teu fim — atalhei, cuspendo desprezo.

Halvard soltou um grunhido que misturava incredulidade e desdém, antes de revidar:

— Queres que acredite que serias capaz de me matar?

— Dá-me uma arma e eu desfaço-te a dúvida.

De novo arquejou, antes de retorquir sobranceiro:

— Já encostaste o punhal do *jarl* Throst à minha garganta...

— Nesse dia, ainda acreditava que eras o «meu irmão» — contestei estrangulada. — Hoje, vejo-te como um ser hediondo... Já nem sequer me metes pena, nem raiva! Metes-me nojo!

O seu controlo ruiu. Investiu com a mão esticada para me dar uma bofetada. Tornei a saltar e aterrei sobre a cama, usando o impulso para rodar o corpo e lançar uma perna contra a sua cabeça. Falhar a investida fez com que Halvard se desequilibrasse... E o meu pontapé acertou-lhe em cheio na cara, obrigando-o a gritar enquanto perdia o chão.

O Filho do Dragão tombou, torcido como um excremento. Era verdade que o amor que eu lhe dedicara se fenecera... O homem que erguia o rosto para me encarar, com a trança dourada e rubra desfeita, os olhos verdes a faiscarem e um fio de sangue a escorrer dos lábios, suscitava-me um ódio tão intenso que esventrá-lo-ia com a mesma ligeireza com que pisaria um verme.

Halvard demorou a reagir. Susteve-se e limpou o sangue do queixo. Depois, entreteve-se a ajeitar as roupas. Confirmado o fracasso dos seus ardis, refletia no que fazer a seguir. Enganava-se se achava que este interregno ia dilacerar-me os nervos! Estava preparada para a sua acometida... Por isso, fiquei desconcertada quando controverteu:

— Muito bem! Recusas-te a resolver esta questão à minha maneira... Vamos resolvê-la à tua! É franqueza que desejas? Pois franqueza terás!

Fez nova pausa, apreciando o descompasso da minha respiração. Sentia-me ridícula, de pé sobre a cama, mas mantive a postura defensiva. Então, ele tornou a vestir a pele de louco implacável e declarou tranquilamente, com uma insensibilidade gélida:

— É verdade que não planeava matar Sigarr... Porém, cedo ou tarde isso acabaria por acontecer! Ele já não me servia para nada e estava a tornar-se insuportável, sempre a enfadar-me com juízos de moral. Além disso, comecei a aperceber-me do interesse dele por ti... E desconfio que tu também não eras indiferente aos seus avanços, por isso apraz-me que esse assunto esteja arrumado. — Fez uma pausa, estudando a minha expressão antes de continuar: — Narkissus e Gaya fizeram o favor de me livrar da obrigação de uma cerimónia fúnebre... Para compensá-los, incumbirei Deimos de visitar o oásis, a fim de «limpar» aquelas tendas que o desfeiam. Imagino que Gaya ficará deleitada com a visita dos meus guerreiros... Tantos machos garbosos para entreter! Sabes que ela é uma espécie de deusa do amor? Ainda a visitei algumas vezes, mas a sua magia nunca me satisfez. É demasiado... radiosa. Sigarr, sim, extasiava-se... Os três entendiam-se bem! Imagino que ficarão felizes com o reencontro que tenciono proporcionar-lhes.

Respirar... Eu tinha de respirar! A minha mente preenchia-se com a visão do demónio a invadir o oásis, a incendiar as tendas, a esartejar os adultos e a devorar as crianças. Dezenas de inocentes iam morrer... E Narkissus e Gaya, cujo único crime fora obsequiar um amigo com uma despedida digna. Respirar... Não podia distrair-me! Halvard nada dissera sobre a traição de Sigarr... Como podia ignorá-la? Teria morto Lysander sem interrogá-lo? Não! O Filho do Dragão jamais desperdiçaria a oportunidade de usurpar segredos aos seus inimigos. Devia estar bem ciente do pacto firmado com a Ilha dos Penhascos e apenas o omitia para me testar. Respirar... Halvard queria ouvir-me bradar de revolta. Porém, eu mantinha-me

atenta, pronta para ripostar ao seu ataque... De súbito, gargalhou e recalcitou:

— Confesso que me espantas, Kelda! Por esta altura, achei que estarias a descabelar-te, exigindo saber o que aconteceu ao Rei da Lua e ao teu prodigioso príncipe. Mas não! Persistes em fitar-me sem baixar a guarda, como se nada existisse além de nós... Fico feliz por assim ser! Prova que és capaz de distinguir aquilo que tem relevância daquilo que, fatalmente, se extinguirá no dia em que assumirmos o nosso destino como senhores da Terra.

Com mil ratazanas azoinadas, não iria tirar-me do sério! Eu já não tinha nada a perder! O destino de que ele falava haveria de se resolver neste quarto, dentro de instantes, com a morte de um de nós. Mantive a firmeza e o alienado assumiu um ar sóbrio, enunciando gravemente:

— Agora que estamos esclarecidos, resta-nos debater a melhor forma de concretizarmos a profecia. Como sabes, as Lágrimas têm de estar em meu poder na noite do solstício de verão. O acordo que firmei com a Ilha dos Penhascos solucionaria esse problema, mas o cobarde do Rei da Lua sumiu e não posso esperar que se resolva a sair do buraco onde se enfiou. Entretanto, Erebus insistiu em poupar o bastardo para efetivar a troca... Aquiesci porque, até agora, os seus conselhos têm-me favorecido. Todavia, não acredito na proficuidade dessa sugestão. A Rainha do Sol talvez entregasse os cristais para salvar o Rei da Lua, mas não o fará pelo príncipe da Gente Bela. Não concordas, Kelda?

Tive de ranger os dentes para que não batessem. De uma assentada, Halvard anunciara que o meu pai não fora capturado e que Lysander continuava vivo... Poderia ser verdade? Se fosse, a minha existência voltaria a fazer sentido! Quis disfarçar a ansiedade, mas os olhos denunciaram-me. O meu gémeo sorriu, escarninho, antes de prosseguir:

— Acompanha o meu raciocínio. Tudo se resume ao amor e ao dever, pesados na balança da razão. Estou convicto de que a própria rainha Lyria sacrificará o seu herdeiro para o bem de todos... O

compromisso e a honra são tão cruciais para os seres da terra como o ar que respiram.

A sua análise estava correta. O facto de Lysander ter nascido sem que o rei Steinarr sequer sonhasse da sua existência provava o quanto a soberana da Gente Bela estava disposta a ceder em prol dos seus encargos. E, decerto, o príncipe fora o primeiro a firmar perante os seus aliados que, se algum mal lhe ocorresse, estava disposto a morrer pela causa que defendiam. Seguro de que auferia de toda a minha atenção, Halvard desenrolou o seu parecer:

— Posto isto, cheguei a pensar que o bastardo não tinha serventia. Contudo, refleti melhor... E, ainda que contristado, acabei por admitir que existe alguém capaz de mover montanhas para defendê-lo. Alguém que não se importa de cuspir no dever e na honra... Tu, Kelda! — Ao ver os meus olhos arregalarem-se, afinçou: — Sim! No Império, não tiveste pejo em encharcares-te com o sangue da tua gente para me enganares. No entanto, ontem, no salão, prescindiste do disfarce de serva devota, tão habilmente construído, para salvars aquele miserável... Logo, hás de colaborar comigo para que o seu coração continue a bater!

Senti-me gelar por dentro. Isto só podia resultar numa hediondez!

— O que é que queres, Halvard? — trinquei.

O meu irmão não alimentou o mistério. Esboçou um esgar e determinou secamente:

— Sem mais delongas, viajarás para o Norte a fim de buscares as Lágrimas. A Ilha Sagrada providenciará os trilhos de luz que te conduzirão até à Floresta dos Carvalhos e trarão de volta...

— O quê? — cortei, demasiado estupefacta para me sofrear. — Estás a gozar comigo?

— Pelo contrário, querida — revidou, mordaz. — Atendendo ao que aconteceu, estou a ser condescendente! A tua traição pôs em causa o meu destino... Tens obrigação de remediar os danos que me causaste. Se te portares bem, talvez deixe o bastardo partir.

— Achas que confio em ti? — rugi exaltada. — Matarás Lysander, não importa o que eu faça!

— Existem destinos piores do que a morte, Kelda — contestou, sarcástico.

— Faz o que quiseres — afrontei-o resoluta. — Não vou pactuar contigo.

— Deveras? — motejou. — Veremos qual é a extensão do teu desapego... Entra, Erebus.

A porta escancarou-se para deixar passar o «Criador das Trevas». Retive o fôlego, fustigada por uma miríade de emoções contraditórias. Ainda me custava a crer que o meu primo me traía! Carregava uma bandeja, sobre a qual se encontrava uma capa negra bordada a prata... De súbito, o meu coração parou de bater. Aquilo não era uma capa!

Perdi a força e cambaleei de cima da cama. Erebus passou por Halvard e deteve-se a dois passos de mim. Os olhos negros fixavam-me como se nem me estivessem a ver. A sua pele estava plúmbea, mas o rosto não denunciava um pinga de emoção. Estendi a mão para o manto negro e prateado, com as lágrimas a escorrerem-me em cascata pelas faces. Enredei os dedos nos fios de seda, sentindo-me em queda livre num abismo de terror. Halvard apresentava-me os cabelos de Lysander... decepados pela raiz!

Recuei e caí sentada na cama, a respirar aos borbotões. O meu gémeo soltou um ronco, deliciado com a minha agonia. E não hesitou em desdenhar:

— Devo admitir que o bastardo é rijo! Moí-o com socos, cobri-o de pontapés até o seu sangue ensopar o chão e perdi a conta aos ossos que lhe parti, sem que soltasse um ai! Então lembrei-me... Qual é a mais vil humilhação que se pode infligir a um cão da sua raça? E não é que, após todos os meus esforços para lhe arrancar um ganido, o corajoso príncipe desatou a cainhar, no instante em que o punhal do *jarl* Throst lhe tocou nos cabelos? Foi digno de se ouvir, Kelda... Carpiu como uma virgem violentada!

Mentira! Lysander não lhe daria tal prazer! No entanto, Halvard não exagerava no restante. Só conhecendo a cultura do príncipe se entendia a gravidade do dano que sofrera. A Gente Bela tinha um

orgulho imensurável nos seus cabelos... Cortá-los era a maior das desonras! Inclusive, nos julgamentos que decorriam nas suas Assembleias, esse castigo só se aplicava aos piores criminosos, por ser considerado uma pena mais dura do que o exílio ou até a morte. Logo, imposta por um inimigo, a afronta assumia proporções abomináveis. Decerto Lysander teria preferido que Halvard o esventrasse... E o meu gémeo possuía perfeita noção do troféu que arrebatara, pois jactava-se:

— Isto é só o princípio, querida! Ousa desobedecer-me e certificar-me-ei de que o bastardo enfrentará as mais nefandas penas, antes de lhe devorar a essência. Sem dúvida, a sua magia ser-me-á de grande valia no assalto à Ilha dos Penhascos. Depois de transformar o rochedo em cinzas e a Rainha do Sol em isco para os *Sentinelas*, estarão reunidas condições para conduzir a minha frota até ao Norte. Achas que Thorson se recusará a descer da Montanha Sagrada para me enfrentar, quando eu começar a arrasar com o País dos Viquingues e com a Floresta de Lyria? Não me parece! Terei as Lágrimas nas minhas mãos a tempo de festejar o solstício de verão na Ilha dos Sonhos. Como é que vai ser, Kelda? Já pensaste nas vidas que pouparás se me entregares os cristais? No fim, devias agradecer a minha magnanimidade... Estou a conceder-te o ensejo de acabares com a guerra!

Trinquei a língua para não berrar um impropério. Não importava quanto lutássemos, o Filho do Dragão acabava sempre por vencer! Enchi o peito de ar e volvi num soluço engasgado, tentando demonstrar-lhe que a sua exigência era inexequível:

— Os trilhos mágicos dos Feiticeiros podem conduzir-me até ao Norte... Porém, uma vez lá chegada, como queres que convença Thorson a dar-me as Lágrimas? Aliás, nem conseguirei chegar perto dele! Esqueces que a Arte Obscura se desenvolveu na minha essência? A Montanha Sagrada não me acolherá...

— Problema teu! — talhou, acerbo. — Não te proclamaram «filha» da maldita Montanha? Inventá uma arteirice para reaveres os favores da «mamã»! Se tiveste imaginação para me ludibriares,

decerto não te faltarão ideias para embaíres o imbecil do Thorson. Porque não o matas? Seria hilariante... Afinal, queres que poupe o bastardo ou não? Não podes ter tudo, Kelda!

O seu júbilo era o meu desespero. Com mil ratazanas encurraladas, de novo o Filho do Dragão conquistava a vantagem! Se o meu pai e Lysander estavam vivos, eu tinha de preservá-los. Além disso, seria estultice lutar contra Halvard e Erebus... E Deimos também devia estar algures, a escutar a conversa e a sacudir os cornos de satisfação! Facilmente me prostrariam e o meu irmão cumpriria as suas ameaças. Por outro lado, se eu fingisse pactuar com as suas aleivosias, ganharia algum tempo... Talvez o próprio Thorson me providenciasse uma solução!

Enfim, reuni alento para me levantar. Deitei um último olhar aos despojos dos cabelos de Lysander e fustiguei Erebus com todo o meu rancor, exprobrando revoltada:

— Maldito sejas! Espero que o espírito do teu mestre te assombre por toda a eternidade!

Julguei que a menção a Sigarr o faria vacilar. Todavia, ficou-se impávido. Estaria sob a influência de um malefício? Talvez Halvard se tivesse apossado da sua mente... Senti uma pontada no peito, mas reuni forças para encarar o meu gémeo e exigir:

— Quero ver Lysander antes de partir.

Para meu espanto, a imposição não o incomodou. Sacudiu os ombros e ripostou:

— De acordo! Se estamos a negociar a vida do bastardo, é perfeitamente natural que queiras averiguar em que condições se encontra o teu prémio.

Segui Halvard até à cela onde Deimos me aprisionara após a ruína do meu disfarce de Sacerdotisa dos Penhascos. Erebus não nos acompanhou. Pelos vistos, agora não piscava um olho sem a permissão do seu senhor.

O meu confronto com o demónio deixara a cela de argila nua. O fogo maldito derretera as correntes presas nas paredes, as gaiolas

de ferro suspensas do teto e os demais apetrechos destinados a supliciar os prisioneiros. Quando passei pela porta, engoli em seco ao verificar que o espaço albergava novos utensílios de tortura, muito mais sofisticados. Já ouvira falar de alguns e sabia para que serviam. Recordei-me de que Deimos se gabara do muito que já se divertira aqui com o Filho do Dragão... Na altura, não acreditara que o meu irmão pudesse pactuar com tais selvajarias, quanto mais executá-las. Hoje, não me custava imaginar quantas cabeças, troncos e membros Halvard quebrara, esmagara e decepara sob as flamas destes archotes; quanto sangue derramara para satisfazer a sua perversão; quantas vidas consumira para alimentar o monstro que habitava a sua essência.

As marcas na argila e no ferro denunciavam que, nos últimos tempos, Lysander não fora a única vítima deste antro. Os restantes infelizes deviam ter perecido, pois o príncipe quedava-se só, ao fundo da cela, preso à parede tosca com correntes de magia negra. O seu corpo pendia, inconsciente, tão ferido que dir-se-ia prestes a se desfazer. Por baixo dos seus pés, o chão estava ensopado com o sangue que vertera... e continuava a verter. O seu crânio luzia sob as chamas das tochas, numa chaga arrepiante. Ainda dei um passo, compelida pelo instinto. Porém, estaquei, alertada pela razão. Quanto mais apego demonstrasse, mais incitaria Halvard a flagelá-lo. Além disso, não podia correr o risco de despertá-lo. Lysander não suportaria a dor.

— Porque não corres para ele? — desafiou Halvard, venéfico. — Não desejas abraçá-lo? Prometer-lhe que farás tudo para salvá-lo? Afinal, o infame está aqui por tua causa!

Tentei domar a respiração. Não ia chorar... Se queria vencer este monstro, não só tinha de suplantar a sua força como a sua funesta argúcia. Rangi os dentes quando colou o peito às minhas costas e me murmurou ao ouvido, numa voz escaldante de rancor:

— Sabes que o teu precioso príncipe não acusou surpresa quando lhe contei que andavas embeijada pelo feiticeiro que assombrou a nossa «abençoada família» durante gerações? Parece que, afinal, fui

o último a aperceber-me da tua... falta de vergonha! Traíste o bastardo... Traíste-me a mim... Dá-te assim tanto prazer insidiar aqueles que te amam?

Sustive o fôlego, alheada das suas provocações. Algo estava errado! Se Halvard violara a mente de Lysander, deveria saber que ele me vira no jardim com Sigarr. Aliando esse facto ao seu desconhecimento do paradeiro do Rei da Lua, à aparente ignorância do ajuste firmado com a Ilha dos Penhascos e do arдил da espada mágica que eu empunhara no Império, tudo indicava que fora incapaz de devassar a consciência do herdeiro de Lyria. Mas como? A magia que alimentava a essência do príncipe não era imune às profanações como a minha!

— Estou pronta para partir — mastiguei, esforçando-me por disfarçar a confusão que me abalava.

— Então? — instigou, rindo ferino. — Nem um gemido para o bastardo? Nem uma praga para me esconjurares? Minha doce Kelda... O teu horror empesta o ar! Tens medo de soltar uma palavra ou esboçar um gesto que inflame a minha ira contra aquele miserável. E com razão! — Pousou-me as mãos sobre os ombros e prosseguiu, num sussurro minaz: — Sabes que Deimos quer capá-lo? Seria uma pequena compensação, atendendo ao dano que lhe infligiste! Porém, não consenti... ainda! Se o filho de uma cabra te tivesse desflorado, haveria de «lhos» arrancar pela raiz... No entanto, como soube respeitar-te, dispus-me a retribuir o favor como prova de boa vontade. Agora, o tempo que permanecerá «inteiro» vai depender de ti.

Enterrou-me os dedos na carne e torceu-me para me obrigar a encará-lo. Engoli um grito e contive-me de lhe cuspir na cara. Por instantes, Halvard limitou-se a fixar-me... Depois, soprou o ar e empurrou-me para longe, recalcitrando:

— Vou conceder-te alguns dias para cumprires a tua missão, pois sei que não será fácil embair o prendado Thorson. Contudo, a minha paciência tem limites! Delonga-te além do razoável e tratarei de deixar o príncipe mais... «leve». Começarei pelos dedos e terminarei

no coração. Pelo meio, talvez solte a trela de Deimos... Isso é um bom incentivo para te apoderares das Lágrimas e voltares depressa ao conforto dos meus braços, não é, querida?

Daria uma mão pelo prazer de esbofeteá-lo! Mas não podia... A mão haveria de me fazer falta para lhe cravar o punhal de Lobo Cinzento no peito! Respirei fundo e reprimi o ódio. Porém, a comoção que transpareceu no meu olhar foi tão violenta que o fez gargalhar. Convidou-me a sair da cela com um gesto cortês. Todavia, mal avancei, atravessou-se à minha frente e ameaçou, contundente e pertinaz:

— Acabaram-se as brincadeiras! Lembra-te de que firmámos um pacto de sangue, que nos une na vida e na morte. Sonha em quebrar o nosso elo e eu saberei... Se a minha cicatriz tornar a sangrar, como no Império, em menos de um fôlego o coração do bastardo estará na minha mão! Depois, avançarei sobre a Ilha dos Penhascos... Não existe lugar na Terra onde te possas esconder de mim, Kelda! Se pensares em sacrificar-te, fica ciente de que toda a vida que amas se finará contigo. Não deixarei pedra sobre pedra neste mundo maldito... E, quando terminar de reduzir tudo a cinzas, perseguirei o teu espírito até aos confins do submundo para que voltes a ser minha.

CAPÍTULO 13

Segui Ingimar em silêncio, através do trilho mágico que me arrebatara do terraço do palácio do Filho do Dragão. Achei que o dejetivo místico não resistiria à tentação de me afrontar, mas não abriu a boca como se ansioso por se livrar de mim.

Mal pisei a Ilha Sagrada, deparei com o Mestre Supremo rodeado pelos Sacerdotes do Conselho, fixando-me com uma expressão velada. Íris quedava-se junto deles, ao lado de Regino. Eu assumira uma postura fria, mas a minha convicção estalou ao encarar a minha amiga. Expectei um gesto de conforto seu, ainda que dissimulado. No entanto, ela ficou indiferente, como se a cumplicidade que nos unira não passasse de um delírio da minha mente.

O meu coração apertou-se. Será que Íris se rendera e me traía? Recordei a aflição no seu semblante, quando a magia do Óculo do Tempo nos colocara frente a frente. Pensando bem, algo grave devia ter acontecido! Eu estava tão embrulhada nas tribulações que me afligiam que nem raciocinara... Há muito que Íris me protegia e encobria Sigarr. Se Halvard desvendara o nosso conluio, decerto Celsus alcançara a verdade sobre a *Observadora*. E não devia ter sido brando no castigo que lhe aplicara! Seria por isso que Regino a acompanhava?

Um novo trilho mágico acendeu-se. Ingimar limitou-se a ordenar-me que descesse. Passei por ele com os punhos cerrados. O infame devia rejubilar com o desenrolar dos acontecimentos! Provara ao Mestre Supremo que estava correto quanto à minha índole traiçoeira, deixara de ser ensombrado por Sigarr, ganhara prestígio dentro do Conselho, vira Íris cair em desgraça e ainda era chamado para servir a causa do Filho do Dragão. O dia não poderia correr-lhe melhor!

Não precisaria de caminhar, pois a magia luminosa do trilho conduzir-me-ia rumo ao País dos Viquingues. No entanto, fazia-o para chegar mais rápido. Sobre os ombros carregava o peso de uma

missão impossível... Mesmo que, por milagre, a Montanha Sagrada me recebesse, Thorson jamais me cederia os cristais. E só podia apoiá-lo nessa decisão! Depois daquilo que o meu irmão já fizera sem o Conhecimento Absoluto, nem imaginava a devastação que perpetraria na posse de tamanho poder... O poder que eu teria de lhe entregar se queria salvar Lysander e o meu povo! Soltei um gemido angustiado, ciente de que qualquer resolução seria fatal. Com mil ratazanas esbaforidas, ia acabar por enlouquecer!

Era prodigioso como, num ápice, a Terra das Montanhas de Areia ficara para trás, eu pisara a Ilha Sagrada... E eis que o majestoso mar do Norte, com os seus imponentes penhascos gelados, e a magnífica Floresta dos Carvalhos surgiam diante dos meus olhos! Durante anos, ambicionara desvendar o segredo do encantamento que permitia aos Seres Superiores viajarem para qualquer lugar da Terra num estalar de dedos. Por ironia do destino, fora Sigarr quem fortuitamente mo revelara. E, só então, me apercebera de que as energias envolvidas requeriam a mais pura magia do Povo do Ar.

Após ter-se vangloriado de ser todo-poderoso, o orgulho de Halvard devia ter sofrido um golpe ante a necessidade de contactar os Feiticeiros para solicitar este favor, uma vez que o seu sangue humano o impedia de invocar a magia dos trilhos. Ainda assim cedera, pois, de outra forma, seria inexequível trazer-me até aqui e fazer-me regressar a tempo de concretizar o seu plano. O meu irmão ignorava que eu poderia tê-lo poupado ao embaraço... Contudo, não tinha intenção de lhe contar que o poder da feiticeira Melina habitava na minha essência e facilmente se manifestaria se eu desejasse criar um caminho de luz.

Sem dúvida, o Norte estava a ser massacrado por um dos invernos mais rigorosos de que existia memória. Para onde quer que se olhasse, a neve e o gelo sufocavam toda a vida debaixo da sua mortalha. Por enquanto, a proteção mística do caminho resguardava-me... Todavia, uma forte nevasca assolava a realidade do Homem, apoiada num vento álgido que assobiava de fúria. Como se isso não bastasse, um nevoeiro denso cavalgava as ondas

alterosas do mar, desejoso de invadir as aldeias. Parecia que os elementos se combinavam para castigar os mortais que tinham ousado colonizar os domínios dos deuses do gelo... E era esse caos que me aguardava!

Estaquei ao ver as copas cerradas dos carvalhos centenários aproximarem-se a grande velocidade. A revolta fizera-me esquecer o essencial! Em breve, estaria sozinha no meio da floresta, coberta pela escuridão impenetrável da noite, debaixo de uma violenta tempestade. Se os trilhos da Montanha Sagrada não se revelassem rapidamente, teria de apelar à magia para me aquecer. E, se não encontrasse um abrigo, arriscava-me a morrer gelada.

Implacável, o trilho de luz rasgou as árvores e extinguiu-se antes de tocar o solo, lançando-me numa queda vertiginosa. Bradei uma praga, antes de me enterrar num colchão de neve. De imediato, as roupas ficaram encharcadas e o frio dilacerou-me a carne. Sustive-me, com os dentes a bater, envolta em trevas e flagelada por chicotadas de vento glacial. Escorreguei e caí sobre o traseiro. Rugi um palavrão e evoquei a magia, antes que acabasse paralisada.

Enfim, comecei a distinguir formas em diferentes tons de cinzento. A neve quase engolira os arbustos e os troncos sucediam-se como gigantes alinhados em desafio. A ventania era tão forte que, sem o auxílio da Arte, seria impossível aguentar-me de pé. Os ramos das árvores agitavam-se e fustigavam-me com agulhas de gelo... Não havia tempo a perder!

O meu sentido de orientação era excepcional, por isso logo descobri que Ingimar me despejara no local onde Halvard fora raptado; um lugar privilegiado para a magia da Montanha Sagrada se manifestar. Andei em círculos, orando por guarida. No passado, bastar-me-ia desejar ver um trilho para que este surgisse. Hoje, contudo, por mais voltas que desse, percebia-me desprezada como se não passasse de uma mera humana... Ou daquilo em que me tornara sob o julgamento da Pedra do Tempo: uma proscrita.

Desde os primórdios, a Montanha Sagrada mantinha-se oculta ao olhar dos Homens que não possuíam sangue antigo. Além disso, os

seus caminhos verdejantes só se revelavam quando a vontade da magia assim o determinava e exclusivamente àqueles que eram dignos de percorrê-los. Não havia relato de que um mestre da Arte Obscura tivesse colocado um pé em solo abençoado... Eu não completara o ritual que a energia maldita requeria para um completo reconhecimento, mas o seu saber vivia em mim, assim como os meios para pô-lo em prática. E já o fizera... Demasiadas vezes para merecer perdão!

Mesmo envolta em magia, principiei a sentir-me dormente e tonta. Perdera a conta às reviravoltas que já dera. Por esta altura, tornara-se óbvio que os trilhos da Montanha Sagrada não iriam romper a bruma. O berço da magia da Terra — o meu berço — declarava-me impura e recusava-se a receber-me. Restava-me gritar de raiva, chorar de desalento, descabelar-me de dor... Ou apelar pelo único ente capaz de me acudir:

— Thorson! Thorson, ajuda-me...

Era inútil! Apesar de clamar com todas as forças, a voz mal me alcançava os ouvidos tal a veemência da tempestade. O meu primo jamais me escutaria... Ainda assim, teimei:

— Thorson! Thor...

De súbito, o chão fugiu-me de debaixo dos pés. Em pânico, achei que tombara numa armadilha do terreno, oculta pela neve: uma ravina, um buraco, um abismo sem fim... Deslizei e rebolei às cambalhotas, caindo sem parar, vergastada por ramos e raízes, mas incapaz de agarrar algo que travasse a queda. Também era escusado recorrer à magia, pois esta parecia ter adormecido... Isto era um precipício místico! A essa percepção juntou-se a conclusão de que o meu destino já não me pertencia. Agora, a vontade divina haveria de me julgar e decidir se o que eu fizera era assim tão injustificável, abominável, imperdoável... Se merecia a vida ou a morte.

Com esse pensamento, esqueci a dor, mergulhei dentro de mim... E o frio desapareceu.

Os rosnados misturavam-se com rugidos. Um bafo quente atingiu-me o rosto... Cheirava a terra, a carne, a sangue. Abri os olhos... E deparei com o focinho de um lobo, com olhos de estrelas e presas suficientemente grandes para me arrancarem o pescoço.

Engoli o berro que se formava na garganta. Se libertasse um som estaria morta. Comecei a recuar, devagar, procurando colocar-me numa posição que me permitisse saltar e correr. Então, o meu pé roçou em algo mole que se moveu, resmungou... e me abocanhou a perna. Um lobo nunca estava só! E a dentada fora um aviso. Se a fera quisesse, ter-me-ia decepado o osso.

Habituei-me à escuridão e confrontei-me com uma dezena de olhos luminosos. Não... Duas, três dezenas! E mais aproximavam-se. Pelo, músculos, ossos. Eu nunca vira uma alcateia tão grande! Nesse instante, tomei consciência de que já não me encontrava na floresta... Tombara num precipício, perdera os sentidos e acabara numa imensa clareira, mergulhada em névoa. Não sentia frio, nem fome... Apenas o temor da percepção de que despertara num mundo governado pela magia e estava prestes a enfrentar uma prova colossal. Os lobos que se moviam à minha volta, bramindo, ameaçadores, não eram feras da Terra. Eram Lobos Cinzentos; os Guardiães das Almas Atormentadas, enviados para decidir a minha sorte.

O gigantesco animal que me soprara para o rosto tornou a avançar. O seu pelo repleto de fios níveos testemunhava uma idade ancestral. Os olhos estrelados enxergavam através da carne, até às profundezas da essência. Aos poucos, serenei as batidas do coração, aguardando a sua iniciativa. Já não pensava em fugir... Suplicara pelo julgamento das Entidades divinas e estava a enfrentá-lo. Então, a voz sem idade ecoou dentro da minha cabeça:

«Este é o lugar onde o Bem e o Mal se anulam. Onde a vida e a morte se confundem. Onde não existe princípio nem fim... O lugar onde os espíritos saram e a esperança renasce. Tu não devias estar aqui, Kelda que foste da Montanha Sagrada!»

Enchi o peito e contraditei, altiva:

— Deixai-me provar-vos que ainda sou Kelda da Montanha Sagrada; que não traí o meu povo, nem o meu sangue.

«Não tens de provar nada. Tudo o que algum dia foste e ainda és está exposto na tua aura. E eu digo que quebraste as regras! A tua mão direita exhibe a marca da traição; o veneno que te conspurcou a essência. Escolheste um trilho sem retorno e a tua caminhada chegou ao fim. Olha em volta... Tornaste-te prisioneira das decisões que tomaste.»

— O que fiz foi por amor... Por acreditar que seria a redenção de um homem, e não a sua morte, que haveria de salvar a Terra! Todos podemos mudar o rumo das nossas vidas, se aprendermos com os erros que cometemos...

«O homem que quiseste redimir mudou de rumo?»

O seu corte fez-me engolir em seco. Contrastada, baixei os olhos e admiti:

— Não.

«Mas tu mudaste. Perdeste a inocência da alma, a ilusão da mente, a esperança do coração. O que é que te resta, criança?»

Cerrei os punhos e empinei o nariz, replicando:

— A resolução para continuar a lutar. A coragem para desbravar um novo caminho que me permita reencontrar a esperança.

«E o que estarias disposta a fazer por esse novo caminho?»

— Tudo!

O Líder da Alcateia bufou como se desdenhoso, antes de volver:

«Em tempos, convidámos a tua antepassada Catelyn a caminhar ao nosso lado... Mas ela recusou-nos por causa de um homem. Deixámo-la partir incólume porque acreditámos que a sua união com Throst, nosso irmão, sararia as feridas da humanidade. Porém, aqui estás tu, a sua herdeira, prestes a cumprir um destino que ditará a extinção de toda a vida.»

— Por vezes, é necessário o empenho de várias gerações para resolver um problema — ripostei ofegante. — E o meu destino não nos conduzirá à danação! Ainda não perdi o controlo...

«Perdeste sim, Kelda que foste da Montanha Sagrada... Ou não estarias à nossa mercê.»

Os rugidos cavos dos lobos gelaram-me até ao âmago. Eu estava num tremendo sarilho! Só a determinação poderia salvar-me. Enchi o peito de ar, empinei o nariz e revidei:

— Fizestes bem em confiar nos meus avós. O seu trabalho trouxe paz e prosperidade à Terra. É certo que ainda não está completo... Porque hei de ser eu a terminá-lo! Se podeis ver através de mim, sabeis que a magia da feiticeira Catelyn e a força do guerreiro Throst habitam na minha essência. Concedei-me, pois, a vossa graça, nesta derradeira etapa da minha missão.

O Líder da Alcateia torceu o focinho e franziu os beiços, suspeito. Num ímpeto, colou o nariz ao meu rosto e deslizou-o pelo pescoço, farejando com ardor. Não me mexi. A minha vida estava nas suas mãos... Ou melhor, nas suas presas. Afastou-se... E enunciou:

«Sim! É verdade que possuis uma luz deslumbrante, um coração generoso, uma coragem imensurável... Nós podemos prover a ajuda que demandas. Todavia, haverá um preço a pagar!»

— O que desejas de mim? — indaguei com a garganta seca.

«Nós somos os Guardiões das Almas Atormentadas e, no lugar onde o Bem e o Mal se anulam, podemos sarar a tua essência e devolver-te a esperança, sem que nenhuma das tuas capacidades se perca. No entanto, para que tal aconteça, a vida e a morte terão de se imiscuir.»

— Não estou a entender — titubeei, confusa. Nunca tivera jeito para decifrar enigmas.

O Líder da Alcateia acenou com a cabeça, aquiescendo numa explicação mais clara:

«Da morte florescerá a vida... Mas a vida terá de se render à morte. Kelda voltará a ser da Montanha Sagrada e escolherá um novo rumo. Contudo, quando a tua sina se cumprir, hás de regressar aqui para que o teu sangue apazigue as almas, a tua magia alimente

o coração da Terra e a tua energia devolva o equilíbrio à balança do destino.»

Quedei-me a tremer, dividida entre o pasmo e o medo, antes de reunir ânimo para retrucar:

— Estais a dizer que ireis devolver-me sem mácula à realidade do Homem... Porém, quando esta história terminar, terei de vos entregar o meu corpo e o meu espírito?

«No lugar onde não existe princípio nem fim, dar-te-emos a possibilidade de um novo início... E tu retribuirás com a extinção de um poder que jamais deveria ter sido criado.»

As lágrimas escorreram-me pelo rosto. Eu falhara a missão que a Pedra do Tempo me confiara. Agora, a Montanha Sagrada exigia que me sacrificasse para oferecer uma oportunidade ao meu povo. Uma vida em troca de esperança para milhares de outras... Era justo! Mais do que justo. Era correto.

«Existe outra condição para que Kelda possa voltar a ser da Montanha Sagrada.»

— Dizei-me... — demandei com admirável firmeza.

«Não contarás a ninguém o que aqui se passou. O nosso acordo é o fardo que terás de carregar ao longo do novo trilho que escolheres. Desvenda este segredo... E todo o sangue da tua família se tornará maldito! As crianças morrerão dentro do ventre das suas mães e maleitas para além da compreensão dos seres pensantes espalhar-se-ão como fogo sobre palha seca, entre homens e mulheres, do mais fraco ao mais forte. Essa execração só findará quando não existir um herdeiro de Throst e Catelyn ao cimo da Terra.»

Eu era uma boa guardiã de segredos... Para mais, quando as vidas que me dispunha a salvar dependiam do meu silêncio. Estava condenada a morrer de qualquer maneira! Após a minha morte, ninguém haveria de se importar com o rumo que o meu espírito tomasse. Na verdade, a proposta dos Guardiões das Almas Atormentadas até representava um conforto para o meu coração exausto. Era muito melhor pensar que o meu fim serviria uma causa

nobre do que imaginar-me prisioneira da essência do Filho do Dragão, supliciada por toda a eternidade.

— Estou pronta — declarei com convicção.

Não houve hesitações. O lobo gigante saltou sobre mim e as enormes presas cravaram-se na minha garganta. Num instante, toda a alcateia atacava em frenesim, reclamando um pedaço de carne, uma gota de sangue. Senti a dor excruciante dos dentes a perfurarem, a rasgarem, a mastigarem. O quebrar dos ossos. O ardor das entranhas. Depois, o martírio findou e a escuridão sobreveio. Tudo o que persistiu foi um som suave como a batida de um coração: tum, tum... tum, tum... E um calor terno, enquanto a energia da Terra absorvia a minha essência.

— Kelda...

Abri os olhos devagar... E deparei com o rosto de Thorson a pairar por cima do meu. Saltei num sobressalto instintivo, enquanto tudo o que vivera, ou julgara viver, me preenchia a memória. O meu primo deixou-me recuperar o fôlego antes de enunciar:

— Não temas. Estás em segurança.

Carinhosamente, tornou a pousar a mão sobre a minha testa e a impregnar-me com energia curativa. Pisquei os olhos, incrédula. Estava na gruta da Montanha Sagrada, onde fora feliz até os meus pais me mandarem para a Ilha dos Penhascos. A noite reinava e Thorson acendera uma fogueira à entrada para nos aquecer. O seu crepitar era como música para os meus ouvidos, pois significava que o confronto com os Guardiães das Almas Atormentadas, o pacto, a dor, a morte, não haviam passado de um pesadelo... E o facto de estar aqui comprovava que o berço da magia da Terra perdoara as minhas falhas e acolhera a minha essência.

— O que foi que aconteceu? — gemi, atordoada.

— Não te recordas? — volveu. — Achei que poderias explicar-me como foste parar ao ribeiro.

— Ao ribeiro? — interpelei, arregalando os olhos. — Não é possível! Estava na Floresta dos Carvalhos... Chamei por ti, tantas e

tantas vezes! Julguei que me tinhas ouvido... Que me tinhas encontrado inanimada e trazido até aqui!

Perante a minha aflição, o príncipe vândalo deu-me a mão e ripostou, apaziguador:

— Foi algo semelhante a um cântico que me conduziu até à margem do ribeiro. Não imaginas o meu susto ao ver-te submersa... E, quando te resgatei à água, tive a certeza de que estavas morta! — Soprou o ar como se a lembrança ainda lhe causasse calafrios. — Tu não respiravas, Kelda! O teu coração não batia, a pele estava gelada... Então, foi como se um raio te atingisse. Estrebuchaste e o teu corpo ganhou alento. Todavia, não recobraste os sentidos. Convencido de que a tua maleita tinha origem mística, trouxe-te para casa e cuidei de ti.

Enquanto Thorson se justificava, vi distintamente o focinho do Líder da Alcateia diante de mim... Aceitei ajuda para me sentar e só nesse instante reparei que trajava uma túnica comprida de lã.

— As minhas roupas? — inquiri num sopro, com o sangue a subir-me às faces.

O meu primo também corou ligeiramente ao replicar:

— Tu estavas nua. Essa túnica é minha... Tens a certeza de que não te lembras de nada?

Arquejei, horripilada. O problema era esse! Recordava-me de tudo! Levei os dedos ao pescoço, em busca do fio que a avó Catelyn me oferecera. Desaparecera... E, com ele, o búzio mágico. Os meus olhos encheram-se de lágrimas e comecei a tremer sem controlo. Será que estava prometida aos Guardiães das Almas Atormentadas?

— Kelda...? — apelou Thorson, preocupado.

— Dás-me água, por favor? — titubeei, ciente de que devia debelar a comoção.

Enquanto ele se erguia em busca do jarro e de uma malga, reparei o quanto mudara desde a última vez que o vira. O seu rosto estava mais adulto, com traços carregados e sérios. Os olhos azuis tinham perdido a inocência do menino que me embalara e jurara proteger-me dos monstros das histórias, das sombras da noite, das

agruras da vida... Nós crescêramos e aprendêramos, com hedionda crueza, que os monstros não viviam só nas histórias e era impossível escapar às sombras da noite e às agruras da vida! Também não reconhecia no meu primo o jovem por quem me apaixonara. Esse deslumbre parecia-me tão distante, tão vago... Uma tolice! Será que as suas tatuagens tinham evoluído da mesma maneira que as de Halvard...? No fim, foi o brilho acobreado dos seus cabelos que me prendeu o olhar, qual cascata de fogo a rutilar à luz da fogueira. Tornou a sentar-se e aguardou que eu bebesse, antes de expressar a sua perturbação:

— Sabes o que eu penso, Kelda? A Montanha Sagrada reclamou a tua vida... Depois devolveu-ta, para te permitir trilhar um novo caminho.

O meu coração sofreu um baque ante a sua sagacidade. Dei por mim a gaguejar, arrepiada até ao âmago com a hipótese de ele ter descoberto a verdade:

— Não estou a perceber...

— Há anos que não falamos... — expôs cuidadosamente, como se receoso de me melindrar. — Porém, algumas coisas que entretanto se passaram chegaram ao meu conhecimento. Sei que desenvolveste as tuas habilidades na Arte Obscura, muito para além daquilo que a Montanha Sagrada está disposta a tolerar. Agora que regressaste, os trilhos mágicos não se revelaram aos teus olhos. Antes que a Montanha te indultasse, a tua essência devia ser purificada... Para isso, algo aconteceu! Creio... Aliás, tenho a certeza de que morreste e renasceste! Por isso te encontrei no ribeiro, onde a tua vida se iniciou quando a tia Edwina te trouxe ao mundo.

A agudeza do seu raciocínio assombrou-me. Mais uma vez, só consegui entaramelar:

— Isso é impossível...

— Não existem impossíveis para a magia da Montanha — objetou com um sorriso sereno. — E a minha suposição pode ser facilmente comprovada. Carregas contigo um testemunho de uma batalha...? Uma cicatriz, talvez?

Tinha muitas. Contudo, agora que as procurava nos sítios em que a túnica permitia uma busca decente, não achava nenhuma. Ainda assim, as tatuagens do Guardiã da Montanha continuavam gravadas nos meus pulsos... «*Podemos sarar-te o espírito sem que percas as tuas capacidades*», garantira o Líder da Alcateia. E tudo se confirmava! Então, ocorreu-me... A minha respiração embrulhou-se e os dentes começaram a tinir. Fixei os olhos no punho direito, sem coragem de abrir a mão. A interrogação no olhar azul de Thorson fez-me balbuciar:

— Eu firmei um pacto de sangue com Halvard...

O meu primo incentivou-me a abrir os dedos, com uma firmeza terna. Soltei um gemido ao comprovar que o golpe feito pelo punhal de Lobo Cinzento desaparecera. A minha carne estava imaculada... A minha alma estava limpa!

— Não pode ser... — tartamudeei entre soluços. — Eu tinha uma cicatriz enorme!

— A Kelda que morreu tinha uma cicatriz — contestou Thorson, amparando-me. — A Kelda que a Montanha fez renascer é uma nova mulher. Perscruta a tua essência... Tenho a certeza de que descobrirás diferenças. — Afiou o meu rosto entre as mãos e concluiu: — Respira fundo, prima... O poder que Halvard tinha sobre ti extinguiu-se. Estás livre da sua influência.

«*Sonha em quebrar o nosso elo e eu saberei! Não existe lugar onde te possas esconder...*»

Afinal existia: a Montanha Sagrada! Tudo acontecera sob o resguardo do seu manto místico, onde a percepção do meu gêmeo era incapaz de penetrar. Thorson tinha razão. Eu estava livre! Livre para escolher um novo rumo e salvar aqueles que amava. Livre para idear uma maneira de destruir o Filho do Dragão, sem que ele suspeitasse das minhas intenções. Enfim, livre!

Tombei nos braços de Thorson e rendi-me ao pranto, tão aliviada que me apetecia rir ao mesmo tempo que chorava. O meu primo estreitou-me e embalou-me, enquanto me beijava os cabelos com

meiguice. Pela primeira vez, em muito tempo, senti-me segura... Senti-me em casa.

O meu refolgo durou pouco. A realidade era dura e impiedosa. Libertara-me do olhar rapace de Halvard, mas Lysander continuava à sua mercê. E, decerto, o meu irmão estaria atento à minha delonga, ansioso por torturar o príncipe. Além disso, não tinha muito que festejar. Sim, a Montanha Sagrada oferecera-me um novo ensejo para derrubar o Filho do Dragão... Porém, em troca, exigira a minha vida. Um pequeno preço a pagar, atendendo à graça que recebera? Talvez! No entanto, não deixava de me sentir triste por pensar que jamais concretizaria os sonhos que acalentava desde menina de viajar e conhecer o mundo, ajudar outros povos, ter uma família... Uma verdadeira família, que me permitisse desfrutar da bênção do amor sem sobressaltos! O melhor era esquecer; concentrar-me nos objetivos para nunca mais perder o rumo.

A noite continuava a cobrir o País dos Viquingues. Na realidade do Homem, a nevasca persistia, sufocando árvores e casas com a sua veemência. Porém, na Montanha Sagrada, a primavera era eterna. Sentei-me com Thorson diante da Pedra do Tempo, frente a frente e de mãos dadas, como quando éramos crianças e partilhávamos brincadeiras e segredos. Todavia, os segredos que eu tinha para confessar estavam longe de ser brincadeiras.

À parte o encontro com os Guardiões das Almas Atormentadas, decidira contar ao meu primo tudo o que possuía relevância. Ele escutou sem interromper, apesar de, por vezes, fechar os olhos como se transtornado. O seu silêncio ajudou-me a concluir o desabafo. Respirei fundo, inundada pelo alívio. Então, Thorson estreitou-me e amparou-me as lágrimas. Nesse interregno, senti que a nossa cumplicidade se restabelecia e consolidava. Ciente das minhas incertezas e angústias, prendeu-me o olhar e ripostou com uma firmeza sóbria:

— Para de te torturar, Kelda! Avaliar o acerto ou o desacerto das tuas decisões passadas é um desperdício de tempo. O que me

importa é que agiste de boa-fé no instante em que as tomaste. Estou feliz por verificar que o teu coração não mudou... E, se te conforta, fica ciente de que muitos dos homens que prostraste no Império com a espada mágica acabaram por se reunir ao nosso exército, em segurança, com relatos espantosos sobre a forma como ressuscitaram.

— Como sabes isso? — indaguei com estranheza. E ele elucidou:

— Através da ligação mística que mantenho com Lysander e com a tua mãe... Posso dizer-te que Will está de boa saúde, ao lado de Beth e de outros familiares nossos, a desfrutar da hospitalidade do rei Ivarr e a recuperar dos danos que Halvard lhes causou. — Ao ver-me desconfortável, aditou: — Deves superar o sofrimento e a vergonha de teres combatido ao lado do teu irmão. As mentes mais rígidas podem contorcer-se, mas não têm como negar a realidade... Tu salvaste centenas de vidas! Quantas mais almas se teriam perdido, não fora a destreza da tua mão? Até Lysander admitiu que a tua presença no Exército do Dragão beneficiou a nossa causa... E quase enlouqueceu de remorsos pela maneira como te tratou.

— Remorsos? — desdenhei azeda. — Então porque impôs o meu degredo?

— Degredo? — repetiu Thorson, franzindo o sobrolho. — Estás a falar de quê?

Contei-lhe e ele sacudiu a cabeça, controvertendo exasperado:

— Como foi que acreditaste nessa aleivosia, Kelda? Sigarr mentiu-te! Foi ele quem ordenou que Lysander se afastasse de ti... Depois, persuadiu-te do contrário para instigar a tua revolta.

— Isso não faz sentido! — refutei abismada. — Sigarr haveria de ponderar que eu descobriria a verdade e lhe cobraria...

— Estamos a falar de Sigarr, Kelda! O mestre das intrujices! De certo teria uma boa desculpa na ponta da língua... Ou talvez expectasse que, chegado o momento das explicações, estivesses tão enredada na sua teia que esse embuste já não te incomodasse. É óbvio que se encantou por ti... Como sabia que só te conquistaria se escorraçasse Lysander do teu coração, tratou de te envenenar contra

ele. E no fim, pelo que me relataste, esteve perto de alcançar o que desejava!

Escutei-o com as tripas a atarem nós sobre nós. Parecia-me aberrante que Sigarr tivesse engendrado algo tão mesquinho para me separar do príncipe da Gente Bela... Todavia, isso justificava as incoerências com que me confrontara ao longo dos últimos tempos!

Entretanto, Thorson recuperava do ardor do discurso. A credulidade com que eu engolira o logro do feiticeiro irritara-o. A rispidez das últimas palavras comprovava-o! Sacudi a cabeça, inconformada. O meu primo não podia avaliar... Não vira a raiva no semblante de Lysander, nem escutara o rancor da sua voz quando me desprezara! Tão-pouco se quedara ao lado de Sigarr e assistira à sua reabilitação! O melhor era esclarecer esse assunto de uma vez. Enfrentei o seu olhar com dignidade e reptei:

— Estás a censurar-me pelo que aconteceu com Sigarr?

Ao perceber-me melindrada, afagou-me os dedos e contrapôs com um suspiro:

— Não, Kelda. Entendo que principiaste a encará-lo com maior indulgência à medida que te estendia a mão. Porém, mesmo que o enlevo que sentia por ti o impelisse a questionar a sua obsessão pela profecia, não tenho dúvidas de que prestes regressaria às malfetorias. Por isso, não lamento a sua sorte! Quanto a Lysander...

— Ao ver-me desviar o rosto, segurou-me o queixo e rematou: — Por muito que estejas magoada, é evidente que o amor que lhe devotas não se extinguiu. Basta mencioná-lo para que os teus olhos cintilem...

— Porque achas que cometeu aquela insensatez? — atalhei, tentando evitar outra cascata de lágrimas. — O plano de Sigarr teria resolvido tudo...

— Confiavas sinceramente no sucesso desse ardil? Que Sigarr conseguiria enganar Halvard com um cristal falso? E que seria capaz de pô-lo inconsciente, ao mesmo tempo que aniquilava Deimos? Os riscos eram demasiado grandes... Se algo corresse mal, ficarias presa entre dois fogos, o confronto tornar-se-ia inevitável e centenas

morreriam. Tenho a certeza de que Lysander considerou isso e concluiu que, contigo e com o Rei da Lua do nosso lado, estaríamos em melhores condições de enfrentar o teu irmão. — Hesitou um pouco antes de confessar: — Só há uma coisa que não entendo... Como é que Halvard não lhe extorquiu a informação sobre o esconderijo do teu pai?

— Também não sei — retorqui. — Eu experimentei a fúria invasora da magia do meu irmão... O Lysander que conheci não estava habilitado a resistir à veemência dos seus assaltos!

— Halvard pode estar a mentir, Kelda...

Percebi onde ele queria chegar. Mesmo que o meu gémeo tivesse capturado e assassinado o pai, não me contaria, empenhado que estava em persuadir-me a cumprir as suas exigências. Porém, eu sentira o estralejar da sua raiva; escutara a frustração na sua voz. Estava convicta de que, por alguma razão que nos escapava, o Filho do Dragão fora mesmo incapaz de quebrar a vontade do príncipe da Gente Bela. Asseverei-o e enunciei solenemente:

— Agora que te contei tudo, resta-me apelar à tua ajuda. Sinceramente, não sei o que fazer!

Thorson respirou fundo antes de replicar:

— Deves ponderar bem, porque o caminho que tomares não terá retorno... Compreendes, Kelda? — E perante o meu silêncio oprimido, prosseguiu circunspecto: — Queres a minha opinião? Por artes do destino, conseguiste livrar-te de Halvard... Logo, não deves voltar para junto dele! Mantém-te sob a proteção da Montanha...

— Não! — cortei horrorizada. — E Lysander...?

— Sabes que Lysander seria o primeiro a proibir-te de obedeceres ao teu irmão!

— Não é só a vida de Lysander que está em causa — contendi. — Halvard foi claro. Se eu não voltar, avançará contra a Ilha dos Penhascos.

— Fá-lo-á de qualquer maneira...

— Não! Se tiver o que deseja, não desperdiçará recursos. Ficará à espera da Noite Branca... Conceder-nos-á tempo para fortificarmos

as nossas defesas!

— Sabes bem que não posso dar-te as Lágrimas sob nenhum pretexto, Kelda!

— Não estou a pedir-te as Lágrimas! — alterquei, exasperada. — Estou a rogar o teu apoio! Por favor, Thorson! Pensa! Tem de haver outra solução...

De súbito, a voz falhou-me ao reparar na névoa colorida que começava a brotar do solo, acariciando-nos com dedos quentes e húmidos. O meu primo seguiu o meu olhar e soltou uma interjeição abismada. O nevoeiro místico da Montanha costumava manifestar-se para purificar os corpos e os espíritos, quando a Pedra do Tempo se dispunha a prestar auxílio àqueles que a procuravam. Já se tornara tão denso que ocultava as nossas pernas! Engoli com força, sentindo o coração acelerar de ansiedade. Thorson fixou-me intensamente e murmurou:

— Parece que aquela que tudo sabe nos está a oferecer a sua orientação! Talvez, no fim, ainda haja esperança!

Nesse instante, o apelo veemente da magia trespassou-nos. A superfície negra coruscante da Pedra do Tempo atraía-nos... Estava mesmo a convocar-nos! E o fervor com que o nevoeiro nos envolvia anunciava que devíamos trilhar o caminho da revelação lado a lado. Será que estávamos prestes a descobrir uma maneira de contrariar o Filho do Dragão?

— Vamos? — inquiriu Thorson num arquejo rouco, com os olhos a cintilarem de antecipação.

Enchi o peito e apertei-lhe a mão, alentada pela sua confiança. Entregámo-nos à vontade da Senhora da Magia... E a realidade desvaneceu-se.

CAPÍTULO 14

Consultar a Pedra do Tempo era uma experiência arrasadora. Os corpos acabavam prostrados e as essências lançadas numa voragem que testava os limites da resistência. Porém, quando o vento feroz nos capturou, a força de Thorson manteve-nos unidos. Girámos e rodopiámos sob a pressão do ar, até os ossos quase se desconjuntarem. Gritei e ele bradou:

— Não permitirei que nos separem...

De repente, a impetuosidade do remoinho acalmou. Repousámos no âmago de uma névoa consistente e Thorson descobriu que podíamos suste-nos. Prestes a bruma se fendeu e a luz invadiu os nossos olhos, obrigando-nos a cobri-los. Quando nos habituámos à claridade, não contive uma exclamação de pasmo e maravilha. A magia conduziu-nos a um lugar deslumbrante! Diante de nós estava um lago imenso, que refletia o azul do céu e seduzia os mais puros raios de sol. A abraçar esse espelho de água encontrava-se uma floresta luxuriante que exalava verde: intenso, fresco, único... O verde dos meus olhos! Eu nunca estivera neste sítio, mas a sua essência fazia parte de mim. Este era o Lago Encantado da Floresta Sagrada da Grande Ilha.

O ruído de um ramo a quebrar-se fez-me prender o fôlego. Segui o som e deparei com uma jovem vestida de azul e prata. Os seus longos cabelos negros estavam repletos de caracóis, enfeitados com fitas de seda que esvoaçavam ao sabor da brisa que nos envolvia. Avançava até à margem do lago, mergulhava os pés descalços na água e o seu rosto iluminava-se num sorriso matreiro... Um rosto que, traço a traço, era igual ao meu! O coração quase me saltou pela boca ao concluir que estava perante a feiticeira Aranwen.

— Não... — ouvi Thorson tartamudear. — Não é possível!

Fui incapaz de emitir um som. Espantada, vi os olhos da nossa antepassada cerrarem-se e os braços delicados estenderem-se, como se tencionasse abraçar o Sol. Os lábios rosados libertaram a

sua voz... Pronunciava um encantamento como se entoasse uma canção! Então, a superfície do lago agitou-se e uma pedra surgiu, ficando a pairar sobre a água. Seguiram-se outras seis. Serenamente, Aranwen atraiu-as para as suas mãos e regressou à margem.

Sem pressa e com extremo cuidado, a minha trisavó desenhou um círculo em seu redor, sobre a areia... Um anel de poder! Ao longo do interior desse círculo, os dedos hábeis marcaram sete símbolos. Reconheci-os como pertença da linguagem antiga que eu aprendera nos livros do meu trisavô Hakon: liderança, paixão, sabedoria, força e destreza, concórdia, restabelecimento e beleza e arte. Sobre cada símbolo colocou uma das pedras que acabara de colher no lago. Depois, quedou-se no centro do anel e, à volta do seu corpo, traçou um círculo mais pequeno, encerrando-se dentro dele.

Senti a mão de Thorson buscar a minha. Encarei-o e verifiquei que o olhar azul refletia as emoções que me faziam estremecer. Já percebêramos que a Pedra do Tempo nos conduzira até ao instante em que tudo começara. Os Seres Superiores estavam prestes a castigar Aranwen com o exílio na Terra e a perda do seu poder! Os nossos avós, pais e tios tinham ouvido relatar este incidente... Graças à Senhora da Magia, nós íamos testemunhá-lo.

Cercada pelos dois círculos, a jovem feiticeira aguardava com o fôlego descompassado. Estava nervosa! Apesar de se ter preparado bem, ignorava se o ardil iria resultar... De repente, uma chuva de relâmpagos precipitou-se do céu com um estrondo atroador. A sua energia ardente fustigou Aranwen, fazendo-a convulsar e cair inconsciente. Por momentos, nada aconteceu. A nossa antepassada jazia como se morta! Então, a sua pele começou a espargir um vapor de partículas cintilantes, só comparável a pó de estrelas. Engoli em seco, tomada pela comoção. Aquilo era a materialização da magia vibrante e esplêndida que compunha a essência de uma das mais poderosas feiticeiras que jamais tinham vivido; tão real aos nossos olhos como se fosse sangue a esvair-se! Essa magia

primordial devia regressar às origens, como sucedera com outros seres do ar igualmente condenados... Todavia, Thorson e eu sabíamos que não era isso que ia acontecer.

A tremer, vimos a nuvem de partículas luzentes que adejava sobre Aranwen a condensar-se, cativa da influência do círculo interior. Ainda sentimos a força atrativa, que deveria sugá-la para a Ilha Sagrada, a sacudir-nos as vestes e a arder na pele. Porém, depressa perdeu o alento, impotente para adversar o sortilégio de retenção. E, à medida que a energia que servia o Conselho dos Seres Superiores se extinguía, as partículas da magia usurpada a Aranwen combinavam-se e assumiam cores distintas, até se transformarem em sete raios.

O que se seguiu foi fascinante... Dir-se-ia que os aros de um arco-íris se tinham separado e iniciavam uma dança irrequieta, entrecruzando-se numa espiral cada vez mais ampla. Sempre que roçavam a proteção mística que os prendia, esta enfraquecia como se estivesse a alimentá-los com a sua energia. Por fim, o anel interior traçado por Aranwen desapareceu e os sete raios ficaram livres para explorar o círculo exterior. Animados por um propósito, cada um desviou-se na direção dos símbolos marcados na terra: o verde para a liderança, o vermelho para a paixão, o branco para a sabedoria, o roxo para a força e destreza, o amarelo para a concórdia, o azul para o restabelecimento e o cor de laranja para a beleza e arte. Adejaram sobre as pedras encantadas... E mergulharam.

Os seixos resplandeceram como se incandescentes. Estávamos no meio da floresta, mas não se escutava um som, como se o tempo tivesse estacado. A fulgência das pedras atenuava-se... Aos poucos, assumiam as cores dos raios que as tinham trespassado. As cores da magia! As cores do destino que haveria de marcar toda a descendência da feiticeira Aranwen!

Concluída a sua missão, a energia que alimentara o anel de poder também se dissipou. Porém, a jovem que era a nossa antepassada continuava sem se mexer. Dilacerada pela ansiedade, usei um

passo... No entanto, Thorson puxou-me para trás e abanou a cabeça em negação, com uma expressão que dizia: «Não podemos interferir!»

Nesse instante, um ruído sobressaltou-nos. Virámo-nos para a feiticeira e quase gritei de susto ao encontrá-la de pé, a fixar-me com olhos enormes, luminosos, aterradores. Thorson envolveu-me na proteção dos seus braços... No entanto, a Entidade que era Aranwen, sem, contudo, o ser, limitou-se a ribombar:

«Uma decisora deve decidir!»

Sem saber como, dei por mim com as mãos erguidas. Um calor súbito obrigou-me a abri-las... E assombrei-me ao deparar com as sete pedras mágicas.

— K... Kelda...? — balbuciou o meu primo, tão perplexo quanto eu.

Não respondi. Mal conseguia respirar. Sentia a magia ardente que animava as pedras a pulsar sobre as palmas das minhas mãos, desejosa de se imiscuir na essência. E, devido à nossa proximidade, Thorson apreendia-a também. Estremeceu quando assumi a iniciativa de arrostar a feiticeira e indagar, estrangulada:

— O que devo fazer?

A claridade ofuscante do olhar de Aranwen começou a espalhar-se pelo seu corpo, como se fosse assimilá-la, enquanto a voz troante declarava:

«Sobe a Montanha da Magia, decisora. Sob a aura divina das Pedras do Mundo farás o que tem de ser feito.»

Então, a sua figura relampejante desvaneceu-se numa explosão de luz. Desprevenidos, fomos apanhados nessa onda de energia... Concluída a revelação, a Pedra do Tempo reclamava as nossas consciências.

Despertámos em simultâneo. Eu tinha a sensação de ter sido espezinhada por uma manada de bois. Thorson levava a mão à frente, com um gemido dorido. Estávamos deitados na erva virgem, onde tombáramos. A Pedra do Tempo ensombrava-nos, elevando-se

muito acima das nossas cabeças como se rasgasse o manto plúmbeo do céu. Era impossível discernir se a noite já descera sobre a realidade do Homem, pois uma violenta tempestade voltara a cobrir o Norte com trevas. Todavia, em nosso redor, pairavam partículas luminosas que me permitiam enxergar o meu primo. Sentara-se e mirava-me com os olhos arregalados e as faces coradas.

— A revelação de Aranwen foi real? — entamelei, tentando amenizar o desconforto.

— Diz-me tu — ripostou, apontando para o meu colo.

Baixei os olhos e o meu queixo pendeu ao deparar com quatro pedras coloridas: uma verde, uma roxa, uma cor de laranja e uma vermelha. Arfei, suplantada pelo pasmo, antes de reunir coragem para lhes tocar. De imediato, a sua energia colou-se à minha pele, fazendo-me arrepiar. Fixei Thorson, abrindo e fechando a boca qual peixe prestes a sufocar. Contudo, foi ele que se manifestou, indagando gravemente:

— Essas são as pedras mágicas que a Montanha mantém ao seu cuidado, correto? Sei que levaste a azul para a Ilha dos Penhascos... Mas tens a certeza de que a branca e a amarela estão escondidas no quarto do Mestre Supremo da Ilha Sagrada?

— Sim — volvi. — Tenho a certeza absoluta.

— Então, como é que a Pedra do Tempo quer que tu as reúnas e assimiles a sua magia?

A interpelação de Thorson atingiu-me como uma bordoadada na cabeça. Reunir as pedras de Aranwen? Assimilar a sua magia? Eu!?

— Com mil ratazanas aturdidas... — arquejei, chocada. — Só posso estar a delirar!

— Se eu não tivesse partilhado a tua Visão, não acreditaria — confessou o meu primo. — Todavia, não subsistem dúvidas! As sete pedras estavam na tua mão e Aranwen mandou-te subir a Montanha da Magia e fazer o que é devido. Depois, a Pedra do Tempo entregou-te as pedras que guardava.

Passei a mão pela testa, assolada pela confusão. E Thorson continuou com cautela:

— Não entendo... Estamos no inverno. É impossível navegar até à Ilha dos Penhascos para recuperar a pedra azul. Antes de lá chegarmos, já Halvard terá morto Lysander e destruído o que resta do arquipélago. E como resgatarás as demais pedras? A não ser...

Hesitou e engoliu em seco, como se tivesse as palavras na ponta da língua, mas fosse incapaz de proferi-las. Sacudi a cabeça, sem alcançar o fio do seu raciocínio. Por fim, os olhos azuis adquiriram um brilho intenso ao completar:

— Talvez a *Observadora* da Ilha Sagrada possa ajudar-te. Afinal, bate-se pela nossa causa!

— Não... — tartamudeei. — Não...

— Evoca uma Visão e tenta falar-lhe — insistiu. — Se a magia da Montanha Sagrada é similar à magia do Observatório, não deve ser difícil. Posso ceder-te a minha energia...

— Não, Thorson! — atalhei com firmeza, elevando o tom para extinguir o seu entusiasmo. — Mesmo que conseguisse tocar a consciência de Íris, não podia pedir-lhe que invadisse o quarto do Mestre Supremo e roubasse as pedras! Eu vi-a quando Ingimar invocou o trilho que me trouxe até aqui. Não parecia a mesma... Arriscaria alvitrar que o Conselho a subjugou! Não obstante, ainda que Íris se mantivesse íntegra, entregar-lhe tal missão seria condená-la à morte.

Essa refutação empurrou o meu primo para um silêncio profundo, quase sombrio. E eu também me quedei, transtornada, ao recordar a minha passagem pela Ilha Sagrada. Não esquecia a cintilação do trilho mágico, o riso triunfante de Ingimar, a prostração da *Observadora*, a pose altiva de Celsus... De súbito, uma ideia invadiu-me a mente, qual baforada de vento. Era uma loucura... Um perfeito disparate! Porém...

Concentrei-me nos recursos que possuía para pôr esse plano em marcha. Conhecia a localização das pedras e o segredo do cofre que as guardava. Sabia como evocar trilhos de luz... E tinha o poder de me esgueirar despercebida debaixo do nariz dos meus inimigos! Se ignorasse a temeridade da empresa, esta assomava-se exequível.

Afinal, o que tinha a perder? Se não agisse de imediato, enquanto beneficiava da bênção da Pedra do Tempo, o tempo escoar-se-ia e todos aqueles que amava acabariam esmagados pelo ódio de Halvard.

— Thorson... — apelei, agitada por um frêmito de determinação.
— Já sei o que devo fazer.

Deixámos o trilho da Montanha e embrenhámo-nos na Floresta dos Carvalhos. Continuava a nevar, embora o vento já não soprasse com tanta irascibilidade. O frio era letal, mas mal o sentia, protegida pelas roupas quentes que encontrara guardadas numa arca. Quase de certeza pertenciam à tia Thora, pois serviam-me perfeitamente. Só esperava fazer-lhe justiça!

Ponderara trazer armas, mas desistira. Só me iriam atrapalhar. Era imprudente usar ferro forjado pelo Homem contra um ente de sangue mágico. Além disso, não me propunha invadir os domínios de um feiticeiro qualquer... Ia entrar no covil do Mestre Supremo! Não obstante Íris me ter assegurado de que a destreza mística do seu soberano depauperava, consequência das resoluções que tomara em desacordo com a «consciência» da Ilha Sagrada, eu era uma mosca a tentar picar os beijos de um lobo.

— Ainda não sei como me convenceste a apoiar-te neste desatino!

O desabafo de Thorson foi ciciado, como se alguém pudesse escutar-nos... E, no fim, talvez a *Observadora* estivesse mesmo a espiar-nos! Essa ideia fez-me estugar o passo. Se a mente de Íris fora corrompida, mal se apercebesse da minha intenção correria a alertar Celsus. No entanto, eu não podia partilhar tais receios com o príncipe vândalo... Ao menor sinal de hesitação, Thorson arrastar-me-ia de volta à Montanha e esta aventura findaria antes de se iniciar. Por isso, tentei soar firme ao ripostar num gracejo:

— Limitei-me a impor-te a minha condição de *decisora*... É bom que te habitues!

Ele retribuiu o sorriso e controverteu:

— Não abuses, Kelda! Ainda sou o teu primo mais velho!

Senti um nó atar-se na garganta. Em todas as reações, Thorson era o oposto de Halvard... Como era possível que as Entidades que regiam os nossos destinos tivessem moldado dois Filhos do Dragão tão distintos? Há muito que deixara de acreditar que essa diferença resultava da educação que tinham recebido. Sigarr não corrompera Halvard... O meu irmão já nascera retorto.

— Este é um bom lugar — anunciei, desejosa de concluir a minha missão.

— Se nunca fizeste isso, como sabes que irá resultar? — indagou Thorson, de novo vacilante. — E, mesmo que concretizes o feitiço, quem te garante que não cairás no colo do inimigo?

Inspirei um fôlego de resolução e volvi:

— A magia da Ilha Sagrada já me protegeu antes. Não vai desamparar-me agora! — Apertei-lhe as mãos e aditei: — Espera aqui... Se eu não regressar antes de o dia nascer, terás de avisar a Ilha dos Penhascos de que Halvard irá atacá-los.

— Kelda... — ainda protestou. Mas eu já fixava a nesga de céu de tormenta desvendada pelas copas cerradas das árvores. Inflamei a energia da feiticeira que habitava em mim e murmurei:

— Por favor, conduz-me a um lugar seguro.

Fechei os olhos e entoei o encantamento. A exclamação assombrada do meu primo anunciou-me que fora bem-sucedida. Encarei o trilho de luz, num misto de soberba e apreensão. Agora só tinha de me concentrar em não terminar a noite nas garras de Celsus.

— Leva o meu punhal — suplicou Thorson. — Foi um presente de Lysander, por isso resistirá aos malefícios dos feiticeiros... Por favor! Ficarei um pouco mais tranquilo se souber que tens outra forma de te defender, na eventualidade de a magia falhar.

Hesitei, mas acabei por condescender. Prendi o punhal no cinto e sussurrei, comovida:

— Obrigada! Deseja-me sorte...

O meu primo estreitou-me e beijou-me a testa, ripostando roucamente:

— O mal não dorme, Kelda... Faz o que tens de fazer e volta depressa. Precisamos de ti para vencer.

O trilho conduziu-me até à Cascata Sussurrante, situada nos confins dos jardins do Castelo de Cristal. Apesar de este ser um lugar de extrema beleza, os Feiticeiros só o procuravam para meditar. A noite corria avançada, por isso estava deserto. Mal pisei a erva verdejante da margem, a luz mística extinguiu-se, deixando-me mergulhada numa penumbra serena, alimentada pelo canto rico e harmonioso da água que escorria pelas pedras rosadas, formando um pequeno lago digno de uma história de encantar. Cerrei os dentes, inferindo quão pesada soava a minha respiração. Tinha de me acalmar! Fixei as mãos para confirmar que a capacidade de me tornar invisível se manifestara e encarei, com renovada confiança, o caminho que se estendia em frente. Se a Ilha Sagrada não apoiasse a minha iniciativa, a sua magia já me teria denunciado.

Corri tão rápido quanto as pernas permitiam, buscando o abrigo das sombras. Atravessei o jardim e alcancei a infindável escadaria que conduzia ao Castelo de Cristal, sem avistar ninguém. Subi os degraus e entrei no covil do ser mais poderoso da Terra. De imediato, percebi que a magia governava todo o espaço. E que outra coisa seria de expectar? Passagens de energia cintilante sucediam-se a passagens de energia fulgurante; abriam-se diante de mim, como se o próprio castelo me estivesse a conduzir! Decidi confiar na vontade da Ilha Sagrada... E, de súbito, dei por mim no interior de um aposento onde o branco reinava do chão ao teto, da cama às cobertas e em todos os adornos e enfeites. Estremeci, incerta sobre se devia regozijar-me ou gelar de pavor... Descobrira o quarto de Celsus!

A claridade que reinava em meu redor quase feria os olhos. Será que a consciência atormentada do Mestre Supremo o levara a inundar o espaço com luz, para contrariar as trevas que

assombravam os seus sonhos? O alvor da decoração era tão monótono que enjoava. A cama estava aberta e já fora usada... Porém, nem sinal do feiticeiro! Mais do que nunca,urgia apressar-me. Se o abjeto se levantara a meio da noite, alguma razão tivera.

Suspirei de alívio ao ver o quadro desvendado pela Visão do Óculo suspenso na parede leitosa. Aproximei-me, sentindo o pelo do tapete a engolir as botas. Era como andar sobre uma nuvem! Quedei-me diante do quadro composto por pregas verticais de branco níveo e a magia inata que vivia em mim ajudou-me a recordar com precisão a sequência dos movimentos de Celsus. Tal como se reagisse às ordens do seu senhor, o quadro assumiu uma candência gradual sob o meu toque, acabando por explodir em centelhas de prata... E o esconderijo revelou-se.

Na Visão, o cofre parecera-me exíguo. Sob o meu olhar, estendia-se até ao infinito! Devia ser aqui que o Mestre Supremo armazenava os tesouros que conquistara ao longo da vida. Com mil ratazanas desatinadas, como conseguiria achar o legado de Aranwen num espaço místico que não tinha fim? Então, o pasmo tornou a suplantar-me. Bastara-me pensar e o meu desejo realizara-se! Eis que as pedras surgiam do nada e só aguardavam que eu lhes deitasse a mão.

A pedra branca da sabedoria e a pedra amarela da união, roubadas à minha família ainda antes de eu nascer, encontravam-se em meu poder... Pulsavam, reconhecendo a minha essência! Enquanto as acariciava entre os dedos, verifiquei que estavam sujas como se pingadas com sangue. Tentei limpá-las, mas apenas espalhei a mancha. Raios, tais cuidados teriam de esperar! Dispuse-me a sair, tão rápida e esquiva como entrara. Contudo, uma alteração no equilíbrio da energia que alimentava o ar cortou-me a respiração. Virei-me em pânico... E deparei com um homem alto e esguio, acabado de chegar.

O Mestre Supremo ostentava um roupão branco, onde aplicações ebúrneas intercalavam com plumas alvas. Os cabelos pretos, sempre impecavelmente penteados, tombavam-lhe desgrenhados sobre os

ombros, denunciando um sono revoltoso. Estacara abruptamente e mirava-me com olhos esbugalhados. Mas como, se eu continuava invisível, assim como as pedras sob a minha influência? De repente, fez-se luz na minha mente e apeteceu-me esbofetear-me de tão estulta. Celsus não me enxergava! Só não podia deixar de reparar no cofre aberto! Além disso, as minhas botas marcavam buracos profundos no pelo alto do tapete. Logo, o réprobo tinha perfeita consciência do local onde me quedava.

— Quem és tu? — rugiu, enrubescendo de fúria. — Como te atreves...?

Devagar, enfiei as pedras na bolsa que carregava à cintura. Fora longe de mais para perder esta batalha! Se a magia da Ilha Sagrada me guiara até aqui, também me apoiaria na fuga.

— Vais sofrer por esta afronta... — começou. Porém, não lhe dei o ensejo de concluir.

Talvez Celsus já tivesse sido um bom guerreiro... Todavia, após séculos em que o único músculo que exercitara fora a língua, a sua reação tornara-se lenta. Saltei sobre a cama e arrastei as cobertas comigo, recorrendo à magia para lançá-las sobre o facínora. Ele grunhiu um impropério pouco digno da sua posição e prestes revidou, destroçando a manta com um sopro do seu poder. Contudo, essa distração bastou para me garantir passagem.

Saí do quarto com as ameaças do feiticeiro a estrondearem nas minhas costas. Corri com a resolução inflamada, sem olhar para trás. Tal como sucedera antes, a magia do Castelo de Cristal guiou-me incólume até ao exterior, como se nenhum mal me pudesse ocorrer sob a sua aura. Porém, mal pisei as escadas, percebi que estava em apuros. Para além do Mestre Supremo, cinco guardas precipitavam-se no meu encalço.

— Detenham-no!

Galguei três e quatro degraus de uma só vez, concentrada em manter a invisibilidade. Se os ignóbeis não me tinham alcançado no castelo, também não o fariam sob a penumbra noturna, na vastidão do jardim. Os seus brados de frustração provavam-no:

— Para onde foi?

— Desapareceu!

Cheguei ao fim das escadas e continuei a correr rumo à Cascata Sussurrante. Um sorriso vitorioso principiava a torcer-me os cantos da boca. Apesar de tudo, fora fácil...

Inesperadamente, um calor abrasador queimou-me a pele e arrancou-me um grito. Tombei no chão, subjugada pela dor e pela confusão. Os olhos discerniram o clarão que me brotava da cintura, ainda antes de a mente se aperceber de que a minha bolsa estava em chamas.

— E agora? Já o veem? — fremiu Celsus, num misto de raiva e arrogância. — Apanhem-no!

Rebolei na erva fresca e socorri-me da magia para extinguir as labaredas que tentavam devorar-me. Acabei com a roupa em farrapos e a pele da barriga em chaga. No meio do caos, a bolsa ficara em cinzas e as pedras caídas a alguns passos de distância. Com os dentes cerrados, concluí que tinham sido precisamente as pedras a ditar a minha desgraça. Agora entendia o significado das manchas que as cobriam! O Mestre Supremo marcava os seus tesouros, vertendo, sobre cada um deles, uma gota de sangue com um sortilégio incluso. Assim, se alguém se atrevesse a roubá-lo, bastar-lhe-ia um pensamento para que a magia se manifestasse. E a sua vontade ordenara que as marcas nas pedras se incendiassem, denunciando-me à sua percepção.

Tentei restabelecer a invisibilidade, mas estava tão transtornada pelo medo e pelo suplício da queimadura que o esforço foi inútil. Do topo da escadaria, Celsus cuspiu iracundo:

— Tinhas de ser tu, impura insolente! Vou ensinar-te a respeitar quem te é superior. Tragam-na de volta! Inteira! Infelizmente, preciso dela...

Sim! Ironicamente, ser crucial para a realização da profecia do Filho do Dragão tornara-se uma vantagem. Pelo canto do olho, vi o brilho branco e amarelo das pedras. Estavam livres da influência

maligna... E eu não ia desistir de reclamá-las, nem, muito menos, render-me!

Os guardas desciam os degraus e o meu instinto troava em alerta. Mais uma vez, era como jogar o Jogo da Antecipação. Movimento... Pulsação... No instante em que Celsus levantava o braço para atrair as pedras, desprezei a dor e saltei sobre elas. A perturbação causada pela sua magia ainda me agitou os cabelos. Ouvi-o rugir, enquanto me sustinha com os troféus na mão. Porém, de que me servia...? Os seus lacaios iam cair-me em cima!

Tombei no cerne de uma tempestade. Os guardas tentavam imobilizar-me. Eu evocava a magia para repeli-los. Eles anulavam a minha defesa e atacavam. Eu contrafazia os seus feitiços e recuava... Mas não o suficiente! Perdi o ar. Perdi as forças. Perdi o chão... Pensei que era o fim! Celsus fremia... Então, alguém surgiu da bruma e escudou-me, surpreendendo os meus émulos. Bastou-lhe agitar os braços para projetar os guardas num voo letífero, ao mesmo tempo que clamava:

— Foge, Kelda! Foge!

Fixei Íris, petrificada. O que é que estava ela a fazer? O Mestre Supremo haveria de castigá-la severamente por isto! Como se em resposta, Celsus estrondeou do cimo da escadaria:

— Perdeste o siso, Íris? Prende a humana ou nunca mais assentarás os pés no Observatório!

Tentava debelar a sublevação da súbdita, atacando-a onde mais lhe doía. Todavia, a jovem ignorou-o. O seu rosto propalava aflição, mas também uma resolução férrea, quando evocou o seu poder para criar um trilho de luz a poucos passos. Encarou-me e ordenou com premência:

— Vai, Kelda! Eles não podem destruir esse caminho, mas a sua energia esgotar-se-á em pouco tempo.

— Não irei deixar-te à mercê daquele tirano! — protestei.

— Apanhem-nas! — já ordenava Celsus.

— Essa decisão é minha — contestou a *Observadora*. — Despacha-te!

E lançou-se contra os guardas. Para alguém sem treino de combate, Íris desenhava-se bem! A sua magia era mais forte do que alguma vez deixara transparecer! Ainda assim, dois energúmenos escaparam ao seu bloqueio e acometeram contra mim. Em simultâneo, o alerta do meu instinto tornou a soar. De novo, Celsus preparava-se para reclamar as pedras. E eu não podia protegê-las enquanto lutava! Só havia uma maneira de resguardá-las.

Num ímpeto, enfiei a pedra branca na boca e engoli-a. Engasguei-me e as lágrimas saltaram-me dos olhos. Contudo, logo a amarela seguiu o mesmo rumo. Estava tão aflita que fui incapaz de me defender do ataque de um dos feiticeiros. Recebi uma explosão de energia em pleno peito e esmaguei-me contra o solo. No entanto, não obstante o aparato da queda, sofri meras beliscaduras. Atento às instruções do soberano, o imbecil apenas quisera atordoar-me. Curvou-se para puxar-me pelo braço, bramindo:

— Julgas-te esperta? E agora o que é que...?

Levantei as pernas e aprisionei-o pelo pescoço, aproveitando o impulso para projetá-lo por cima do meu corpo. Depois, sustive-me sob o olhar pasmado do segundo guarda. Sem lhe dar o ensejo de reagir, rodopiei no ar e pontapeei-o nas fuças. Vi-o cuspir sangue e dentes, antes de me desviar de outro raio... Fora o próprio Celsus quem o lançara! Quanta honra! Essa energia ardente acabou por atingir o primeiro guarda que, entretanto, voltava à carga. Caiu estendido, a fumegar. O companheiro que recebera o pontapé também não se mexia. Pude inspirar um fôlego e interiorizei que o tormento causado pela queimadura no ventre quase se extinguiu. A magia que os meus avós extraíam da *Árvore da Sabedoria* acelerava a regeneração! Virei-me para ajudar Íris... E afligi-me ao verificar que a minha amiga fora capturada e estava inconsciente. Os guardas arrastavam-na para a escadaria. Todavia, Celsus berrava, num tom que soou chocado por eu me ter livrado dos seus lacaios:

— Deixem a *Observadora*! Detenham a humana...

Como se eu fosse fugir e abandonar Íris! A fúria tomou conta de mim... O Dejeito Supremo era um dos principais responsáveis pela guerra que o meu povo tinha de travar. Podia ser o ente mais poderoso da Terra, mas não me veria a tremer.

De imediato, os guardas soltaram Íris. Dois investiram contra mim. Lancei-me sobre eles: punho na cara de um; bota na face do outro. Uma reviravolta. Bota nas frentes do primeiro e cotovelo no nariz do segundo. O sangue antigo jorrou... Fustigaram-me com ondas de energia, mas desfi-las facilmente. Era incrível como os séculos de inércia tinham enfraquecido a destreza combativa desta gente! O segundo guarda desfaleceu aos meus pés. O primeiro recebeu uma joelhada entre as pernas e tombou no chão, a ganir de dor. Com mil ratazanas esmagadas, os Seres Superiores não eram tão diferentes dos humanos como proclamavam!

O feiticeiro que ficara para trás evocara o seu poder para criar uma vara de fogo. Enfim acometeu, manejando-a com admirável perícia... Todavia, eu era Kelda da Montanha Sagrada! No derradeiro instante, esquivei-me, torci o corpo e capturei a arma mística. Rodámos com as mãos fechadas na haste, medindo forças. O feiticeiro fitava-me, assombrado. Devia interrogar-se como é que a minha condição humana me permitia enrolar os dedos em torno das chamas, sem que estas me queimassem. Há pouco, vira-me arder... Há pouco, eu fora apanhada desprevenida! Espantou-se ainda mais ao constatar que o fogo se transformava em gelo debaixo dos seus dedos. Inferir que a minha vontade sobrepujava a sua fê-lo chiar de terror e soltar a vara. Empunhei-a com precisão e arremessei-a contra o seu crânio. O imbecil revirou os olhos e ruiu como se não tivesse ossos.

A perção de movimento nas minhas costas fez-me saltar para o lado. A disputa não estava resolvida! O guarda que ficara a ganir recompunha-se... Porém, Íris também se levantava e reclamava a presa para si, corada de indignação. Confrontado com o poder fulminante da sua investida, o seu émulo caiu prostrado, sofreu duas convulsões e deteve-se, retesado como um bacalhau seco.

Abraçámo-nos, exultantes perante a colossal adversidade que acabáramos de superar. Todavia, antes que pudéssemos proferir uma palavra, já Celsus uivava de ódio, pulava do topo da sua sobrançeria e precipitava-se contra nós, qual falcão gigante com a morte nas garras.

— Desce o trilho, Kelda — suplicou Íris, empurrando-me na direção da luz. — Rápido!

— Tens de vir comigo — objetei, sacudindo-a. — Se ficares aqui morrerás.

Os seus olhos dilataram-se ao tomar consciência de que eu tinha razão. Contudo, antes que pudesse replicar, fomos colhidas e separadas por uma violentíssima explosão de energia.

Bati contra o tronco de uma árvore e as trevas cobriram o jardim. Só não perdi os sentidos porque a luz da minha essência tornou a fulgurar com ardor. Mesmo cega, obriguei-me a suster. A energia curativa do Povo da Terra era realmente prodigiosa! Já divisava pontos brilhantes a rasgarem a cerração, como estrelas cintilando num céu noturno. Escutei o grito agoniado de Íris e julguei que o réprobo a atacara. Então, senti um braço de ferro a rodear-me o pescoço, apertando-o até me arrancar os pés do chão.

— Sabes o que te vou fazer, impura? — ululou Celsus, louco de raiva. — Vou entregar-te ao teu irmão e ordenar-lhe que te submeta às piores torturas!

Levei as mãos à garganta, sufocada. Distingui a copa da árvore a ondular e um súbito clarão, como um relâmpago a despenhar-se sobre nós à velocidade do pensamento. Antes que conseguisse raciocinar, uma nova explosão de energia fez-me bradar de dor. Todavia, apenas recebi os resíduos do seu efeito devastador. Tomei no solo, atordoada, mas livre do aperto que me asfixiava. Nesse instante, os berros lancinantes de Celsus fustigaram-me os ouvidos. E a verdade fez-me arfar de estupefação... A *Observadora* ousara atacar o Mestre Supremo!

— Rápido, Kelda! — apelou, pegando na minha mão. — Antes que o trilho se extinga...

Segui-a aos tropeções. Quando consegui restaurar a visão, os meus pelos eriçaram-se. O tumulto acabara por atrair a atenção dos habitantes da Ilha Sagrada. As casas mais próximas enchiam-se de luz... Prestes, o jardim estaria repleto de feiticeiros a reclamarem a nossa pele.

O caminho mágico era um raio de esperança a rasgar as trevas. Nas nossas costas, Celsus roncava e voltava a arremeter. Pensei que devia estar arrependido de não ter troado um alarme... Decerto quisera poupar-se à vergonha de confessar aos súbditos que uma humana invadira o Castelo de Cristal, assaltara o seu quarto e quase escapara impune. Se a sua guarda pessoal tivesse repostado a ordem, o incidente passaria despercebido e o seu orgulho não sofreria mácula. O facto de Íris se ter aliado a mim penalizava-o ainda mais! Ela era a única *Observadora* que restava. Sem a sua colaboração, o Conselho ficaria cego para a realidade do Homem.

Pisámos o trilho e Íris vacilou. Dei-lhe um esticão e lancei-lhe um olhar severo. Finalmente, ela rendeu-se. Desatámos a correr rumo à Terra, cientes de que a morte galopava no nosso encalço. As minhas pernas doíam, os pulmões ardiavam e o coração ameaçava rebentar. Íris também respirava aos soluços, mas não se queixava. No Norte do mundo continuava a nevar... Todavia, nesse instante, aquela paisagem agreste de inverno até me pareceu acolhedora! Já quase tocávamos nas copas das árvores da Floresta dos Carvalhos quando uma sombra adejou sobre nós... E o soberano dos Feiticeiros saltou por cima das nossas cabeças, aterrou no trilho e cortou-nos a fuga.

— Como ousais, miseráveis? — trovejou com os olhos em chamas.

Quis avançar, preparada para enfrentá-lo. Porém, Íris deteve-me, rogando aflita:

— Não... Ele é demasiado poderoso!

— O execrável não pode matar-me — contestei com firmeza.

— É verdade... — rugiu Celsus. — Mas essa traidora já não me serve para nada!

Enormes esferas de energia soltaram-se dos seus dedos e atingiram Íris, fazendo-a contorcer-se na orla do abismo, como uma folha seca à mercê de um furacão. Depois, sem que eu pudesse impedi-lo, o Celerado Supremo arrojou-a para fora do trilho numa queda vertiginosa. Os gritos da minha amiga gelaram-me o sangue... No entanto, o pior foi o silêncio que se seguiu.

— Monstro! — bradei. Porém, Celsus já me enredava na sua magia e esmagava contra a energia do trilho, exercendo pressão até o meu corpo se enterrar na solidez radiosa e os ossos suplicarem por clemência. Mordi os lábios para não gritar... E, percebendo-me aturdida, Celsus caiu-me em cima e varou-me o olhar, vociferando:

— Achaste que engolir as pedras era uma ideia brilhante? Que assim me impedirias de resgatá-las? Tens sorte de eu precisar de ti viva, sua ordinária, senão arrancava-te as tripas!

Dito isto, distendeu os dedos diante dos meus lábios. Senti o seu poder como uma serpente de ar a invadir-me a boca, violando a garganta e deslizando pelo canal. O feiticeiro tencionava arrancar as pedras do meu estômago? As lágrimas inundaram-me os olhos, tamanha a agonia... Então, quando a dor já se tornava insuportável, uma lâmina surgiu rente à sua garganta e o vozeirão de Thorson fez-me estremecer:

— Liberta-a ou juro que te mato!

O meu primo vira o trilho aparecer e, confrontado com o caos que se gerara, não hesitara em subi-lo para me socorrer. Agora tinha o soberano da Ilha Sagrada cativo da sua espada! O feiticeiro riu escarninho e ciciou algo ininteligível para as mentes simples: um sortilégio capaz de derreter qualquer metal forjado pelo Homem. No entanto, Thorson não se inquietou. A sua arma permanecia intacta, pois possuía o cunho do Povo da Terra. Irredutível, pressionou-a até desenhar uma linha de sangue na pele frágil do facínora. E acabou por ser Celsus a sustar o fôlego, ciente de que estava demasiado vulnerável para se opor. Revirou os olhos e mastigou:

— Mata-me e a esperança da tua raça definhará comigo...

— Não torno a avisar-te! — bramiu o príncipe vândalo, premendo ainda mais a lâmina.

Celsus obedeceu e eu rastejei para longe do seu alcance. Surpreendi-me quando Thorson molhou a mão no sangue que escorrera do corte e besuntou a fronte do émulo. A Besta Suprema ainda estrebuchou, cuspido pragas. Porém, era quase impossível adversar um feitiço de sangue. Não tendo forçosamente de se recorrer à magia negra para executá-los com mestria, impunha-se o domínio das manhas da Arte Obscura... E eu estava tão habituada a pensar no meu primo como um servo da Lágrima do Sol, que, por vezes, me esquecia de que o meu pai também lhe ensinara os segredos da Lágrima da Lua! Vi-o cingir Celsus até o outro desfalecer. Depois, afastou-o com um repelão... E tive de admirar o seu controlo! No seu lugar, talvez não tivesse resistido à tentação de provar a energia daquela essência. Devia ser inebriante! Porém, era essa capacidade de abstenção que distinguia o bem do mal. Apesar de tudo o que aprendera, a alma de Thorson continuava sóbria e cristalina.

— Vem — apelou, ajudando-me a suster. — Ele não se deixará subjugar por muito tempo.

Corremos rumo à floresta... No entanto, fomos obrigados a estacar ao verificar que o trilho principiava a extinguir-se. O fenómeno era lento, mas, ainda assim, a cintilação que podia salvar-nos já mal penetrava nas copas das árvores.

— Isto é obra dos feiticeiros? — indagou Thorson.

— Não — ripostei, arquejante de aflição. — A energia que sustenta o trilho está a esgotar-se...

— Prepara-te — atalhou determinado. — Vamos ter de saltar.

E saltámos, recorrendo à Arte para condensar o ar à nossa frente, prodígio que nos permitia planar e deslizar como esquilos. Mal alcançássemos as árvores, os ramos amenizariam a queda. Eu estava prestes a agarrar um braço de madeira... Então, uma força invisível capturou-me.

Thorson bradou o meu nome, antes de desaparecer no meio das copas. Enquanto eu gritava e girava no vazio, presa pela cintura,

apercebi-me de que Celsus se quedava no limite do caminho de luz, controlando um laço místico. Tinha mesmo de ser extraordinariamente forte, para debelar num ápice o sortilégio que o príncipe vândalo lhe impusera!

Fui içada para o trilho, apavorada ante a rapidez com que este agora regredia. Cravei os dedos na amarra de energia e lutei para me libertar... Em vão! E se, ao invés de adversar Celsus, eu vigorasse o seu ímpeto? Outra ideia louca... Mas os meus desvarios costumavam resultar!

O Infame Supremo movia os braços como se puxasse por uma corda. Assim que me teve ao alcance da sua perversidade, ribombou, mordaz e triunfante:

— Lamento, Kelda... Não posso apartar-me de ti!

Interiorizei a energia do esticão que me atrairia para o trilho e alimentei-a, multiplicando a força com que rasgava o ar rumo ao feiticeiro. O facínora só se apercebeu da armadilha no instante em que os seus braços se fechavam sobre mim. Tarde de mais! Envolvi-lhe o tronco com as pernas e arrastei-o na veemência do meu voo. Celsus ainda tentou agarrar-se à segurança da magia que lhe permitiria regressar à Ilha Sagrada... Porém, a minha determinação arrojou-nos até ao limite do caminho de luz e impôs-nos a queda no abismo.

Desta feita, era o feiticeiro que tentava repelir-me e eu que o prendia contra mim. O ardor do seu desespero transpareceu, enquanto nos despenhávamos. Celsus quis contrariar as regras da Natureza, projetando uma garra de energia na direção do trilho. Porém, este já se distanciara demasiado. As copas das árvores aguardavam-nos quais estacas... Estava na altura de me livrar do meu fardo. Verguei as costas, tencionando cravar-lhe as pernas na barriga e empurrá-lo. Todavia, ciente de que nada tinha a perder, o réprobo exprobrou:

— Se queres viver, terás de obedecer...

— Pois prefiro morrer! — cuspi.

O feiticeiro rugiu uma obscenidade e aumentou a constrição, tentando usurpar-me a consciência. O tempo esvaía-se! Em pânico, levei a mão à cintura em busca do punhal de Thorson... E, sem hesitar, enterrei-o nas soberanas costelas. Celsus berrou, mas insurgiu-se. Então, comecei a desferir golpes ao acaso com quanta força me restava. Algures entre o frenesim e a agonia, o Ascoroso Supremo convenceu-se de que seria incapaz de refrear o meu ímpeto. Enfim, libertou-me, soltando um ronco inflamado pelo ódio:

— Não te livrarás de mim...

Eu tinha de sobreviver! Evoquei a magia e tomei o ar como aliado, criando sucessivas redes de energia para travar a queda. Contudo, não foi suficiente. O meu peso, combinado com a velocidade que o corpo adquirira, rasgava uma após outra. E eu não podia torná-las demasiado espessas, pois seria o mesmo que me esmagar no chão.

— Kelda... — ouvi Thorson clamar.

A copa de uma árvore... Se tentasse agarrar os ramos, arrancaria os braços. A última rede desfez-se. Preparei-me para a dor... De repente, um sopro quente irrompeu do solo ao meu encontro, exercendo uma oposição vigorosa. Sempre que me impelia para cima, a carne parecia separar-se dos ossos, mas o corpo refreava. Escorreguei por dentro dessa bolsa de ar, resguardada dos troncos acutilantes. Se não era eu quem estava a criá-la...

— Thorson... — solucei de alívio, ao estatelar-me nos seus braços. Estava viva!

O meu primo estreitou-me e murmurou comovido:

— Pregaste-me um susto tremendo, Kelda!

— Recuperei as pedras... — ripostei, ofegante.

Ele acenou em congratulação, mas retrucou sombriamente:

— Temos um problema.

— Íris! — exclamei angustiada. — Ela está...?

— Não — volveu estrangulado. — Porém, duvido que se aguento.

Consegues andar?

Por Íris, eu voaria! Apesar de dorida até ao âmago, segui o meu primo através de uma vereda íngreme. Não tardei a deparar com a

Observadora. Os seus ossos despedaçados tinham rasgado a carne; o sangue ensopava-lhe as vestes de seda e manchava o monte de neve onde tombara. Ajoelhei-me ao seu lado e vi mais sangue a escorrer-lhe dos lábios e do nariz. Os seus olhos estavam semicerrados, com o branco a espreitar. Thorson começou a impregná-la com energia curativa, enquanto arquejava:

— Ela sustém-se por um fio. Receio que estes instantes em que a deixei tenham sido fatais! Talvez se fundirmos a nossa magia...

Com mãos cuidadosas, envolvi a cabeça da minha amiga e busquei a sua consciência. As lágrimas saltaram-me dos olhos ao inferir que não havia magia capaz de salvá-la. Concentrei-me em extinguir a sua dor. Íris sacrificara-se por mim! Era meu dever assegurar-lhe uma passagem tranquila! O entrelaçar das nossas energias denunciava quão avidamente lutava pela vida... Mal o seu tormento se amenizou, a doçura do olhar castanho revelou-se com um breve suspiro:

— Kelda... Valeu a pena... Foi... libertador...

— Íris... — carpi. — Oh, Íris...

— Aguenta-te! — ordenou-lhe Thorson, numa voz que eu nunca escutara. E instou sem se resignar: — Não te entregues! A justiça divina compensa a coragem dos perseverantes.

Íris fitou-o com uma expressão arrebatada e esboçou um sorriso, murmurando:

— Jamais imaginei... sentir o teu calor...

Perante o meu assombro, a mão ensanguentada ergueu-se num esforço imensurável, até acariciar o rosto do príncipe vândalo. Ainda acrescentou:

— Cuidem... um do outro...

Thorson rangeu os dentes e estremeceu, tal o empenho em conter as lágrimas. Cobriu a mão de Íris com a sua e beijou-a ternamente, replicando:

— Não vou deixar-te partir! Não vou...

— Certificar-me-ei de que lhe fazes companhia.

O urro minaz fez-nos saltar de susto. Era impossível! Celsus surgia à nossa frente, com as vestes esfarrapadas, mas praticamente incólume... E disposto a fulminar-nos com a sua sanha.

— Protege Íris — ordenou Thorson, sustendo-se com um salto e desembainhando a espada.

Ante tamanha resolução, o Odioso Supremo gargalhou:

— Tu nada podes contra mim, reles impuro!

— Como vos sentis ao pisar a Terra após tantos séculos, excelência? — instigou o príncipe, cuspidando desdém. — Tínheis saudades de enterrar essas abençoadas patas na lama...?

— Vou desfazer-te! — bramiu o feiticeiro.

Duas bolas de fogo surgiram nas suas mãos e foram prontamente arremessadas. O meu primo defendeu-se com um escudo de ar, mas a brutalidade do ataque roubou-lhe o chão e arrojou-o contra uma árvore. Ao ver que a atenção do execrável se fixava em mim, Thorson recompôs-se e revidou... Porém, Celsus intercetou o seu fogo, segurou-o e moldou-o numa lança, com um sorriso perverso. Assim demonstrava que a magia do príncipe era inferior e não podia causar-lhe dano. Obviamente, pretendia cravar a arma na *Observadora*...

— Não! — entaramelei aterrada. Se eu quebrasse o nosso elo, Íris morreria... Porém, se nada fizesse, o resultado seria igual!

De súbito, a floresta estremeceu. Celsus cambaleou, abismado... E, mesmo ao meu lado, o solo fendeu-se, jorrando um clarão intenso. A lança rasgou o ar... Puxei o corpo da minha amiga contra o peito e deixei-me tombar dentro do fosso de luz, clamando a plenos pulmões:

— Thorson...

CAPÍTULO 15

Deslizámos através de um vazio resplandecente. Cingi Íris com toda a garra, sentindo o calor da esperança reacender-se. Mais uma vez, os precipícios que conduziam ao coração místico da Montanha Sagrada surgiam quando menos esperávamos... E quando mais necessitávamos! Já não tinha medo. A Senhora da Magia cuidaria de nós.

Inesperadamente, o vazio transformou-se em água. Rejubilei ao adivinhar para onde estávamos a ser conduzidas. Íris já não precisava de mim! Abri os braços e libertei-a. Quase de imediato, emergi. Sem espanto, deparei com as paredes repletas de cristais coruscantes da gruta que albergava a lagoa milagrosa, cuja água possuía a capacidade de sarar o mais destroçado dos seres. Olhei para a cascata que brotava da rocha, na esperança de ver Thorson a ser arrastado... Todavia, ele já surgia ao meu lado, perturbando a superfície cristalina.

— Íris...? — engasgava-se, cuspiendo água. — Onde está...?

Apontei para a pedra escura que reinava no centro da lagoa. O corpo submerso da *Observadora* fora atraído para a sua base e enroscava-se na superfície polida, como se buscasse o conforto do colo materno. As bolhas de ar quente que se formavam no fundo convergiam para ela; penetravam-lhe na boca, no nariz, nos ouvidos, revestindo-a por dentro. Sem delonga, haveriam de reconstruir as suas entranhas, os seus ossos e os seus músculos. Eram tantas que lhe cobriam a pele, até a ocultarem do nosso olhar, como se Íris estivesse encerrada num casulo. Eu já desfrutara da honra de ser salva por esta água, mas nunca testemunhara o modo como a magia atuava. Aparentemente, Thorson também não, pois ofegava, deslumbrado.

— E o feiticeiro? — inquiri, sobressaltada.

— Antes de vos seguir dei-lhe a provar um trago da sua peçonha — ripostou o meu primo, num rosnado. — Deixei-o a estrebuchar,

pregado a uma árvore com uma lança de fogo.

— Mataste-o? — indaguei com os olhos arregalados.

— Vontade não me faltou! — resmungou, frustrado. — Só me contive com receio de comprometer irremediavelmente as relações entre Homens e Seres Superiores. Talvez esteja a ser ingénuo, mas ainda guardo a esperança de que exista uma consciência iluminada pela razão, na Ilha Sagrada, que ponha fim a esta guerra.

Não soube o que responder. Thorson era mesmo o oposto de Halvard! Só alguém muito especial conseguiria raciocinar através da ira, para agir com tanto acerto e parcimónia.

Sentámo-nos na margem da lagoa, desejosos de restaurar as forças e decidir o que fazer. Agora que o pior passara, eu questionava como fora capaz de empreender tamanha loucura.

— Desculpa, Thorson — entaramelei com amargor. — Mais uma vez, ia estragando tudo!

— Não digas tolices — ralhou, apertando-me as mãos. — O que fizeste foi extraordinário! Mas, afinal... Onde estão as pedras?

— Engoli-as — esclareci.

— O quê? — abismou-se. E gargalhou: — Perdoa-me, Kelda... Mas terás de escusar a minha ajuda para recuperá-las!

— Engraçadinho! — resmoneei. — Não me tinha lembrado disso...

— Pois é bom que te lembres! — devolveu sem parar de rir. — E não contes isso a ninguém. As nossas mães teriam um delíquio se sonhassem por onde anda a preciosa herança de Aranwen.

O seu riso contagiou-me. Todavia, prestes a realidade se despenhava sobre nós. Eu tinha de concluir a missão que a Pedra do Tempo me atribuíra e, para tal, faltava-me o amuleto azul... No entanto, como recuperá-lo, quando o proceloso mar do Norte me separava da Ilha dos Penhascos? Voltar a recorrer aos trilhos de luz para estabelecer uma ponte era inexecutável. Após a minha proeza, os Feiticeiros estariam preparados para me estracilhar no instante em que assentasse um pé nos seus domínios.

— Além disso, terei de te acompanhar — enunciou Thorson, circunspecto. — Dificilmente te entregarão a pedra sem que eu

testemunhe que é essa a vontade da Montanha Sagrada.

— Crês que a minha mãe duvidaria de mim? — exasperei-me.

— Talvez não. Porém, sabes como se deixa influenciar pela opinião do primo Trygve... No dia em que descobrimos que estavas com Halvard, ele tornou a questionar a tua índole. E nem o facto de Will ter ressuscitado o convenceu de que não estás conluiada com o teu irmão.

— E Oriana? — interpelei indignada. — Também se insurge contra mim?

Os pesadelos que me mostravam o rancor da Sacerdotisa dos Penhascos perturbavam-me. Todavia, continuava a achar que só podiam resultar de um equívoco. Oriana não tinha nenhuma razão para me desprezar! Por isso, foi com vero espanto que ouvi Thorson contraditar:

— Não contes com a ajuda de Oriana. Ao contrário de ti, ela não se deixa mover pelo coração! É incapaz de viver sem a veneração dos súbditos e a aprovação dos mestres. Se Trygve assim a aconselhar, acredita que te virará as costas sem o mínimo remorso.

O rigor das suas palavras refletia-se no semblante e na limpidez do olhar. Quedei-me a fixá-lo, incerta do que replicar. Geralmente, Thorson seria o primeiro a defender Oriana!

— Falas... como se já não a amasses — tartamudeei.

— E não amo — firmou com uma lhaneza implacável. — Porém, mesmo que continuasse enredado na sua teia, o meu juízo não seria diferente.

— O quê? — pasmei. — Um amor como o vosso não fenece assim! A guerra há de acabar...

— Sim — justificou pacientemente. — E Oriana continuará a ser a Sacerdotisa dos Penhascos. A sua escolha está feita, Kelda... E eu pus uma pedra sobre o assunto! O que foi? Duvidas de mim? Juro que Oriana faz parte do meu passado! É verdade que sofri... Contudo, superei a dor e admiti que o nosso enlevo não passou de uma grande ilusão.

Estremeci, assolada por um calafrio, como se a sua resolução fosse o prenúncio de mais uma desgraça. Então, fitei o invólucro borbulhante que assimilara Íris e volvi suspeitosa:

— A pedra que esmagou o assunto tem algo a ver com a *Observadora* da Ilha Sagrada?

Eu conhecia a história que os unia... Porém, o sentimento que se derramava no olhar azul não era gratidão! A cada instante, tornava-se óbvio que a iniciativa de Íris tivera consequências que iam muito além da cedência de magia que permitira a Thorson derrotar Sigarr. As palavras que tinham trocado na floresta haviam soado estranhas, mesmo íntimas! E se o príncipe vândalo fosse a paixão secreta da *Observadora*? E se ele também se tivesse encantado por ela? Com mil ratazanas atordoadas, a perturbação do meu primo era tão evidente que nem ousava refutar!

— Thorson... — balbuciei. — Tu não podes... Raios, tenho de te dizer isto porque me preocupo contigo! Íris é uma mulher excepcional, mas é Feiticeira. E tu sabes o que sucede quando um humano e um feiticeiro...

— Sei — cortou, admiravelmente tranquilo. — E também sei que estou marcado pelo destino. Contudo, desde que Íris se arriscou para me salvar, não consigo tirá-la da cabeça. — Inspirou fundo, mas sustentou o meu olhar ao prosseguir: — Não imaginei que voltássemos a encontrar-nos... No entanto, aqui estamos! E tudo mudou! Íris fez uma escolha terrível para nos ajudar... Ela traiu o seu povo, Kelda! Atacou o próprio Mestre Supremo! Jamais poderá regressar à Ilha Sagrada e decerto perderá a magia... Isso, se o Conselho não engendrar um castigo ainda maior!

— Estás mesmo apaixonado! — ofeguei, boquiaberta.

Thorson desviou o rosto e não respondeu. Também fiquei calada, com os pensamentos a enrolarem-se. Então, o meu primo tornou a pronunciar-se com uma determinação férrea:

— É melhor que Íris não saiba nada disto. Quando despertar, devemos apoiá-la; não dar-lhe mais razões para se inquietar! Além

disso, tu e eu temos uma missão... Cumprir as ordens da Pedra do Tempo é tudo o que importa.

Detestava sentir-me impotente! Sentei-me pesadamente na margem da lagoa, ao lado de Thorson, afogueada de frustração. Pela centésima vez perscrutámos as paredes cintilantes da gruta, palmo a palmo, em busca de uma fresta que nos conduzisse ao exterior. Debalde. Estávamos cativos da vontade da Montanha Sagrada.

Aqui, o tempo não possuía significado, mas o meu primo calculava que tivessem decorrido pelo menos três dias desde que enfrentámos Celsus. A influência mística da gruta satisfazia todas as nossas necessidades. Não precisávamos de comida, nem de água... Nem, tão-pouco, de atender a questões mais privadas, por isso eu continuava com duas pedras mágicas no bucho. Porém, o que realmente me afligia era a inércia; cogitar no que Halvard estava a fazer, enquanto nós nos quedávamos de braços cruzados.

— Acalma-te — insistiu Thorson. — Sabes que estamos apartados da realidade do Homem... Que dias aqui podem ser meros instantes lá fora! Confia na Montanha!

— E se Celsus nos denuncia? Se Halvard sonhar que estou a reunir as pedras mágicas...

— Kelda — atalhou pertinaz. — Achas que o Mestre Supremo se sujeitará à humilhação de contar ao teu irmão que tu o roubaste e derrotaste num confronto?

— Não sei — titubeei, confusa. — Com Sigarr morto, Celsus terá de recuperar o controlo sobre Halvard... Sem mais opções, talvez acabe por lhe revelar o segredo da minha ligação à profecia!

— De forma alguma! Pensa bem... Os Seres Superiores concordaram em fazer de Halvard o Filho do Dragão na condição de o Homem ser avassalado e de os Feiticeiros voltarem a governar a Terra. Ora, se o teu irmão decidiu que pode conquistar o mundo sem prestar tributo a ninguém...

— Crês que Celsus se calará até ao derradeiro instante, para obrigar Halvard a renegociar?

— Sem dúvida! Vamos supor que, efetivamente, a tua intervenção na Noite Branca é crucial... Ignorando o facto, Halvard há de cumprir as demais exigências do ritual e concluir que, afinal, é incapaz de libertar o Conhecimento Absoluto.

— Terá de se humildar e aceitar as condições dos Feiticeiros...

— Exato! A relação do Mestre Supremo com o teu irmão sempre foi um jogo de interesses. Celsus possui o saber das regras da profecia e Halvard é o corpo que pode materializá-la... Esse cruzamento entre o poder e a ambição ainda irá favorecer-nos! — E tentou assegurar-me: — Não te preocupes... Por esta altura, Celsus já está no seu castelo a lamber as feridas. E Halvard representa a menor das suas ralações! Como julgas que sua excelência irá justificar o que aconteceu perante o Conselho? Os corvos que almejam usurpar-lhe o lugar hão de arrancar-lhe a carne e bicar-lhe os ossos! Esta é uma oportunidade de ouro para o desacreditarem e contestarem a sua capacidade de liderança perante toda a Ilha Sagrada.

A agudeza do raciocínio de Thorson deslumbrava-me. Ainda assim, eu não conseguia sossegar... Após uma pausa reflexiva, o meu primo suspirou e continuou gravemente:

— Se a Montanha não deseja que nos separemos, resta-nos aguardar que Íris desperte. Sei que temes por Lysander, mas lembra-te de que ele treinou para enfrentar provações como esta... O teu alvoroço não lhe trará nenhum benefício, Kelda! Pelo contrário! Só lhe poderás valer se te mantiveres calma e concentrada.

Falar era fácil! Eu estava ciente de que Thorson também sofria pelo príncipe da Gente Bela. Contudo, diria o que fosse necessário para me obrigar a reagir! Decidi não responder, com medo de que a minha agonia extravasasse em lágrimas. Então, a perplexidade tolheu-me quando ele resolveu enunciar:

— Recordo-me bem de vos ver dançar na Festa da Renovação... Fiquei tão zangado! Achei que estavas a usar Lysander para me fazer ciúmes. Depois, na gruta, admiti que te ajuizara mal. — Perante o meu desconcerto, aditou apaziguador: — Não pretendo causar-te embaraço, Kelda... Só gostava que soubesses que, ao longo destes anos, me interroguei muitas vezes sobre se nós estaríamos realmente destinados, como tu opinavas... Se terei sido eu a contrariar a nossa sina quando me apaixonei por Oriana! Desculpa se te magoei. Nunca tive essa intenção.

As minhas faces quase explodiram de tão roborizadas. Após vários fôlegos entrecortados, reuni alento para ripostar:

— Não te guardo nenhum rancor. O que senti por ti ajudou-me a crescer... Permitiu-me reconhecer o verdadeiro amor quando ele surgiu! — Superei o acanhamento e sorri ao exclamar: — Pensando bem, tive sorte em encantar-me por ti! Qualquer outro ter-se-ia aproveitado do meu enlevo... Tu soubeste ser cortês e gentil enquanto eu arrumava as ideias.

Thorson correspondeu ao meu sorriso e afagou-me as mãos, asseverando solenemente:

— A nossa amizade será sempre especial...

Uma súbita perturbação na superfície da lagoa cortou-lhe a voz. As bolhas de ar libertavam o corpo de Íris! Saltámos para dentro de água, expectantes. Porém, não obstante parecer sarada, a *Observadora* mantinha-se inconsciente. Eu já mordida uma imprecação quando um estrondo nos fez pular de susto. Aturdidos, virámo-nos para a parede da gruta e deparámos com uma abertura feita de energia coruscante, suficientemente ampla para nos esgueirarmos através dela. Encarámo-nos com o fôlego preso... E desatámos a correr.

Fui a primeira a chegar à fenda. Mal lhe toquei, um nevoeiro colorido e morno começou a atrair-me para o corredor místico. Todavia, os dedos de Thorson não penetravam na cortina de névoa, como se, para ele, esta fosse uma barreira sólida. Soprou o ar e inferiu, contrafeito:

— A Montanha quer que prossigas sozinha.

— Não... — gemi, angustiada. — Não!

O meu primo apertou-me o rosto entre as mãos e instou:

— Mantém-te fiel ao teu coração e tudo correrá bem. Prometo que irei ao teu encontro assim que puder... Vai! Não desperdices tempo!

A sua firmeza impeliu-me a entrar na passagem. Não olhei para trás, com medo de perder a coragem. Prestes cheguei à caverna que já fora a minha casa. A fogueira que Thorson acendera, antes de nos sentarmos diante da Pedra do Tempo, estava em brasas... Será que, na realidade do Homem, a noite em que nos batêramos contra Celsus ainda não terminara?!

De nada valia derreter os miolos a buscar explicações quando era a magia que governava o tempo. Ao passar pela minha cama, reparei na boneca que a tia Freya me oferecera, pouco depois de eu nascer. Não resisti à tentação de estreitá-la contra o peito... E, ao fazê-lo, a minha mente preencheu-se com a imagem de uma menina de cabelos negros, enfeitados com madeixas de prata, e olhos verde-floresta repletos de estrelas. Soltei um guincho de dolorosa frustração e arremessei a boneca contra a almofada. Porque é que me torturava com sonhos impossíveis de concretizar? Mesmo que a sorte nos sorrisse, Halvard acabasse derrotado e todas as divergências que me separavam de Lysander fossem sanadas, eu ainda estaria prometida aos Guardiões das Almas Atormentadas!

Pus as quatro pedras mágicas numa bolsa e preparei-me para enfrentar a noite... De súbito estaquei, fulminada por uma lembrança que me arrepiou até ao âmago. As Lágrimas do Sol e da Lua! Não podia partir sem elas! Concentrara-me de tal forma na herança de Aranwen que me esquecera de debater essa questão como Thorson. A verdade é que eu não tinha como chegar à Ilha dos Penhascos para resgatar o amuleto azul...

O sobressalto descontrolou-me os nervos. Sem aviso, uma dor lancinante roubou-me o fôlego e fez-me vergar sobre o ventre. Rugi, arrelhiada, ao perceber o que estava a acontecer. O meu dilema teria

de esperar... Com mil ratazanas borradas, porque é que as minhas tripas tinham decidido funcionar justo agora?

Corri para fora da caverna e embrenhei-me na floresta, com os olhos marejados de lágrimas de aflição. Onde é que eu estava com a cabeça quando engolira as malditas pedras? Se tinham custado a entrar, nem queria pensar no que me esperava! Já experimentava as primeiras agonias do meu desatino: a testa enchia-se de suores frios, o enjoo subia-me à garganta e a barriga... a barriga ardia como se estivesse a ser rasgada por dentro!

Por fim, achei um lugar decente para fazer «o que tinha de ser feito». Felizmente, para meu extremo alívio, a empresa terminou depressa. Torci o nariz ao imaginar que a minha antepassada Aranwen haveria de me fulminar com um raio se visse o estado em que estavam as guardiãs do seu poder! Um ramo, algumas folhinhas... E uma corrida até ao ribeiro.

O dia já despontava quando as pedras mágicas recuperaram as suas cores: amarelo e branco imaculado. Ninguém adivinharia o desonroso caminho que tinham percorrido! Enfiei-as dentro da bolsa, juntamente com as outras. Mais um problema resolvido! Restava-me voltar à caverna e procurar as Lágrimas. Decerto Thorson não as escondera num lugar assim tão inatingível! Haveria de descobri-las, nem que tivesse de virar a Montanha Sagrada do avesso!

Mexi um pé... E detive-me, abalada pela impressão de estar a ser espiada. O meu coração disparou ao rememorar o encontro que tivera, há anos, com a criatura sagrada que habitava a margem oposta do ribeiro: uma fera com olhos de luz, cujo rugido bastara para me usurpar os sentidos. Perscrutei em redor e, apesar de sentir os joelhos a bambolear, apelei em desafio:

— Estás aí? Revela-te!

A minha voz ecoou pela floresta e intimidou o canto dos pássaros. Seguiu-se um silêncio opressor, somente interrompido pela melodia do ribeiro. Se a fera espreitava, não se dignou a responder. Quedei-me com a respiração suspensa... E, de repente, foi como se uma

chuva de serenidade se precipitasse sobre mim, despojando-me de todas as inquietudes.

Suspirei, enlevada com o perfume da erva fresca e da terra molhada. A claridade da manhã transformava a água em prata e arrancava reflexos de mil cores aos seixos que forravam as margens. A minha história estava intimamente ligada a este lugar. Fora aqui que eu nascera... E, agora, também podia dizer que fora aqui que renascera! Talvez nem fosse exagero afirmar que fora aqui que o destino da minha família se definira, no dia em que, inocentemente, eu seguira Harvard a pedido da minha mãe para convencê-lo a treinar a Arte. Nessa tarde, achara o búzio mágico, cuja música preservara a minha sanidade ao longo de todos estes anos. Custava-me tê-lo perdido...

Retive o fôlego, com o pensamento cortado. Uma cintilação sobressaía de entre os seixos, resplandecendo qual estrela. Fora assim... Fora exatamente assim! Poderia ser...? A tremer, mergulhei a mão na água. E, ao revelá-la, uma exclamação jubilosa saltou-me dos lábios. O búzio! O meu adorado búzio, preso ao fio que a avó Catelyn tecera e pusera no meu pescoço! Apertei-o contra o peito e sucumbi ao pranto. Afinal, o ribeiro guardara os meus tesouros para que eu voltasse a recuperá-los.

Após, mais uma vez, a Montanha Sagrada me ter provado a sua boa vontade, regressei à gruta confiante de que acharia facilmente as Lágrimas. Todavia, ao sair da floresta, qual não foi o meu espanto ao deparar com Thorson e Íris. Corriam de mãos dadas, rumo ao trilho que os conduziria à Floresta dos Carvalhos, tão distraídos que só pararam quando os chamei. Fixaram-me como se eu fosse uma assombração... E o meu primo gaguejou, com as faces lívidas:

— K... Kelda? O que é que ainda estás aqui a fazer?

Incapaz de me refrear, saltei para o pescoço da *Observadora*. Abraçámo-nos com ardor e não contive as lágrimas de alegria ao excluir:

— Saraste tão rápido! Ainda há pouco deixei-te desacordada...

— Há pouco? — contestou Íris, mirando Thorson com estranheza.
— Nós calculámos que se passaram sete dias desde que partiste!

— Sete dias? — repeti, atordoada. — Mas eu só fui até ao ribeiro!

O meu primo soltou uma interjeição de espanto ao alcançar a verdade. E, em simultâneo, fez-se luz na minha mente. Trocámos sorrisos e suspirámos de alívio, sob o olhar intrigado de Íris. Thorson obsequiou-a com a explicação:

— A Montanha pregou-nos uma partida. A semana que estivemos na gruta foi um mero instante na vida da Kelda... Agora percebo porque as brasas da fogueira estavam quentes!

A feiticeira não teve dificuldade em entender que o berço da magia da Terra regia o tempo segundo a sua vontade, pois o mesmo sucedia no Observatório. Thorson regozijava por esta ser a primeira vez que o Sol nascia após termos combatido Celsus. Quanto a mim, estava felicíssima por tê-los novamente ao meu lado. Afinal, não teria de enfrentar esta provação sozinha.

— Já tenho as seis pedras de Aranwen — anunciei. E decidi confessar: — Também procurei as Lágrimas, mas não as encontrei.

Ao invés de se zangar, Thorson sorriu e abriu a bolsa que trazia à cintura para exhibir os cristais. Depois fez-me sinal, convidando-me a iniciar a descida do trilho.

— Se tudo correr bem, almoçaremos na Ilha dos Penhascos.

— Estás a brincar? — entaramelei. — Como?

— Com trilhos de luz e a ajuda da Ilha Sagrada — respondeu Íris, entusiasmada.

— Julgas que não pensei nisso? — refutei. — É inexequível! Teríamos os guardas à nossa espera...

— Não, se nos dirigirmos ao Observatório — redarguiu, vitoriosa. — Aí estaremos a salvo para invocar um novo trilho. O ideal seria que esse nos conduzisse diretamente ao destino... Porém, uma vez que a sua magia é incapaz de trespassar a aura mística da Ilha dos Penhascos, à semelhança do que acontece aqui, teremos de arriscar uma paragem na Ilha dos Sonhos.

Exposto assim, até parecia fácil! Contudo, eu não estava convencida.

— E Thorson? — inquiri. — A magia do Observatório não o reconhecerá.

— Também ponderámos nisso — replicou o meu primo. — Íris pode sustentar os dois trilhos em simultâneo, por algum tempo. Ao uni-los num ponto, eu só terei de saltar de um para o outro.

— É verdade, Kelda — concordou a feiticeira, sorrindo ante o meu pasmo. — Com um pouco de imaginação, não será difícil contornar as regras... Porém, impõe-se que sejamos rápidos! O Conselho não demorará a reclamar a minha magia e eu não pretendo entregá-la sem lhes dar luta. Para contrariá-los, devo manter-me longe da sua influência, quer seja aqui, quer na Ilha dos Penhascos.

— Eles poderão atacar-te enquanto estivermos na Ilha dos Sonhos — notou Thorson.

— Sim — assentiu ela. — Por isso espero que o Sacerdote Trygve não me recuse guarida.

— Não lhe daremos tal ensejo — objetei, sentindo um formigueiro no estômago ao congeminar que a artimanha podia resultar. — A sua ajuda é escusada... Eu sei como ludibriar os *Sentinelas*.

Estava tudo a correr tão bem que eu até estremecia de apreensão, receando ser vítima de uma armadilha a qualquer momento. Não era normal que os planos que influenciavam o meu destino se concretizassem sem percalços! Talvez a minha sorte estivesse a mudar...

A Ilha dos Sonhos, outrora a mais fértil e exuberante do arquipélago, era agora um rochedo estéril, coberto de poeira negra que contaminava a água fresca. Por isso, a frota que Halvard deixara para trás instalara-se noutra conjunto de ilhas, a sul, que lhes ofereciam condições de subsistência. O Sol deste dia de inverno, excepcionalmente ameno, disfarçara a fulgência do trilho mágico, quando pisámos o solo que o *jarl* Throst e a sua esposa Catelyn tanto tinham amado. A distância a que o inimigo se achava

permitira-nos mover a coberto das pedras. Depois, encontráramos um bote que escapara ileso ao fogo de Deimos, no qual deslizávamos rumo à passagem que nos concederia entrada na Ilha dos Penhascos. Íris invocara a magia para nos encobrir, criando uma distorção a partir da luz que o mar refletia. Deste modo, quaisquer olhos que nos fixassem nada veriam além de água... Perfeito! Restava-nos enfrentar os *Sentinelas*.

— Estás pronta, Kelda? — indagou o meu primo, mal a abertura na rocha surgiu.

— Espero que não tenhas perdido o jeito — gemeu Íris, encolhendo-se na exiguidade do assento. — Esses monstros causam-me calafrios.

— Não te preocupes — volveu o príncipe vândalo num tom matreiro, enquanto manejava os remos com destreza. — Eu protejo-te!

— Agradeço a atenção — revidou a *Observadora*, enrubescendo. — No entanto, terei de te recordar que a nossa magia é ineficaz contra essas bestas?

— Magia? — contestou Thorson, numa voz cava e sedutora. — Achas que um homem forte como eu necessita de se socorrer de subterfúgios para defender as formosas donzelas...?

— Chiu! — interferi, com uma expressão severa. — Tenho de me concentrar!

Eles baixaram os rostos, tão comprometidos como amantes apanhados em transgressão. Ao vê-los de mãos dadas, na Montanha Sagrada, eu cogitara se algo sucedera durante os dias em que tinham estado cativos da vontade da magia. De outro modo, porque perderiam o fôlego sempre que o seu olhar se cruzava? Os piropos e mimalhices trocados eram uma constante! Pelo menos, tinham desenvolvido uma amizade... Com mil ratazanas trôpegas, seria só isso? Não! Era óbvio que, se nada de íntimo acontecera, ambos desejavam que tivesse acontecido!

Suspirei, apreensiva, ao recordar a conversa que tivera com o meu primo. Thorson afiançara não pretender conquistar Íris...

Porém, afigurava-se incapaz de cumprir tal resolução, até porque ela não parava de provocá-lo. De certo modo, eu compreendia a exaltação da *Observadora*. Há gerações de Homens que Íris se deixava envolver nas aventuras alheias, na segurança do seu mundo. Agora, experimentava a emoção de vivê-las... Contudo, o ardor do sangue podia ser veneno para a mente! E se eu estivesse mesmo a assistir ao desabrochar de uma paixão proibida? Por mais que as suas brincadeiras me fizessem sorrir, receava que a cumplicidade que se gerara entre os dois acabasse por dificultar o meu cometimento. Oriana ficaria furiosa quando visse Thorson ao lado de Íris... E não hesitaria em descarregar a frustração em cima de mim.

A fenda que rasgava a solidez da rocha assemelhava-se à bocarra de um gigante, prestes a engolir-nos. O meu primo remou com firmeza, mantendo o bote afastado das pedras aguçadas que destroçariam a madeira com a mesma facilidade com que um punhal cortaria uma maçã. A claridade do dia esvaeceu-se e ficámos envoltos numa penumbra mórbida. As águas estavam tranquilas e o denodo de Thorson ajudava-me a superar o medo. O facto de já ter debelado a magia dos *Sentinelas* não me dava confiança. Estivera no covil desses monstros e conhecia bem a sua imensurável força e selvajaria. Não fora à toa que os Feiticeiros os tinham resgatado ao submundo para garantirem o isolamento da Ilha dos Penhascos.

— Onde estão? — sussurrou Íris, tão alvoroçada que se escutava o troar do seu coração. — Será que não vão aparecer?

Apesar de baixa, a sua voz soou como um assobio contra as paredes da rocha. Sustive o fôlego, atenta a todos os sons e odores; ao menor sinal de movimento... Chegáramos a meio da passagem sem que os monstros se revelassem. E eu adivinhava porquê! Exímios caçadores, observavam-nos em silêncio, aguardando o instante ideal para a acometida. Talvez por conhecer a sua essência, eu era a única que conseguia pressenti-los... Só tinham de se aproximar um pouco mais para que o meu sortilégio resultasse.

— É melhor deitares-te no fundo do bote, Íris — aconselhou Thorson, ciente de que o seu desassossego poderia ser-nos fatal.

— Não sou nenhuma criança! — reclamou a *Observadora*, indignada, como se ele tivesse queimado o seu orgulho. Afinal, apesar de assustada, não deixava de ser uma feiticeira! Devia haver algo que pudesse fazer... Mas não havia! E, sob o ardor da sua altercação, eu sentia o controlo a escapar por entre os dedos.

Ao olor do mar, das rochas e dos limos, juntava-se o fedor inconfundível dos predadores. A experiência ensinara-me a decifrar a linguagem silenciosa dos seus corpos; o cheiro nauseabundo que libertavam quando se preparavam para atacar. Sabia que, ao contrário do que sucedia com o Sacerdote dos Penhascos, os *Sentinelas* não obedeceriam prontamente às minhas ordens. Após a declamação do feitiço ainda se insurgiriam, como se cientes da minha ilegitimidade para subjugá-los. Por isso, hoje não usaria o sortilégio como um recurso de defesa, mas como arma de ataque. E chegara o momento de cumprir a minha decisão.

— Agora! — alertei Thorson e Íris. E pus-me de pé, com a cabeça erguida e os braços esticados, entoando as palavras mágicas com uma veemência exaltada. Fazia-o com a devida antecedência. Se a sorte soprasse de feição, os monstros nem mostrariam os focinhos.

Todavia, nada correu como previsto. Os *Sentinelas* responderam ao som da minha voz com silvos ensurdecedores e, num ápice, o caos instalou-se na passagem. Dezenas de criaturas semelhantes a dragões sem asas, com a pele couraçada coberta de escamas e uma cauda que terminava num espigão letal, deixavam os seus esconderijos, mergulhavam na água e saltavam de pedra em pedra, investindo contra nós. Mais parecia que o penhasco estava a ruir sobre as nossas cabeças! Íris engoliu um grito e prostrou-se no fundo do bote. Thorson rangeu os dentes, apelando a toda a sua destreza para impedir a embarcação de se virar. E eu repeti e repeti o sortilégio, enquanto os corpos colossais tombavam à nossa volta. Se vacilasse, se fraquejasse, seríamos esquartejados num piscar de olhos.

Enfim, o meu poder impôs-se. Senti o sangue ferver, enquanto as paredes da caverna devolviam o eco das minhas ordens, fazendo os *Sentinelas* perderem o impulso dos saltos; obrigando-os a escorregar e a cair, contorcendo-se na tentativa de se livrarem da minha influência. Porém, nenhum foi capaz de romper a barreira mística. Aqueles que rasgavam a água como flechas acabaram por se afundar e desapareceram. E os que pulavam sobre as rochas esgueiraram-se novamente para os buracos de onde tinham saído, soltando rugidos atroadores.

O bote oscilava perigosamente. A água agitada pela fúria das bestas formava ondas que se esmagavam contra as paredes e se precipitavam sobre nós. Todavia, não demorou para que o mar se tranquilizasse e o silêncio regressasse à passagem. Quando os meus lábios se fecharam, deparei com Íris de pé, ao lado de Thorson, ajudando-o a estabilizar o barco. Durante o ataque, a *Observadora* superara o pavor e reunira alento para nos apoiar. Estava pálida, mas extasiada com a vitória. Viu-me cambalear e apressou-se a amparar-me, congratulando-me. Contudo, não consegui retribuir-lhe o sorriso. Algo estava errado... Eu sentira-o na pele, na carne, nos ossos; em todas as partículas da minha essência. Dispunha-me a disfarçar a apreensão para não inquietá-la, mas Thorson indagou:

— O feitiço não correu nada bem, pois não?

Começava a pensar que era impossível ludibriá-lo! Respirei fundo e justifiquei:

— Os *Sentinelas* não deviam ter atacado... A sua resistência foi excepcional!

— E o que achas que aconteceu? — insistiu o meu primo.

— Não sei — hesitei, confusa. — Posso ter falhado... Mas não me parece! Algo mudou... As energias que nos rodeiam não são aquelas que conheci. Quase juraria que a essência da Ilha dos Penhascos está adulterada!

— O quê? — surpreendeu-se Íris. — Não pode ser! Ninguém, nem mesmo o Conselho da Ilha Sagrada, é capaz de superar a aura mística que protege este lugar.

— A não ser que a fonte de corrupção esteja na ilha — ponderou Thorson, franzindo a testa.

— Vamos — solicitei, arrepiada. — Quero acabar com isto depressa.

Um pé na areia da praia e cinco Filhos da Renovação rodeavam-nos, com espadas e lanças em riste. O príncipe vândalo apresentou-se com relativa sobranceira, esperando que recuassem. Porém, os guerreiros de elite do templo da Sacerdotisa, filhos do próprio Sacerdote dos Penhascos, mantiveram a postura agressiva e os rostos carrancudos.

— Sabemos quem sois! — ripostou o mais velho com uma frieza inusitada, mirando-me como se desejoso de me cortar a garganta para evitar males maiores. — Vamos conduzi-los à rainha.

— É isso que queremos — resmoneou Thorson, fixando a ponta aguçada de metal que o guerreiro encostara ao meu queixo. — Não vejo necessidade de nos apontarem as vossas armas.

— Quem decide isso sou eu! — objetou o outro. E dirigiu-se aos irmãos: — Que ninguém baixe a guarda na presença desta... «mulher»!

Tive de me controlar para não lhe cuspir na cara. O ignóbil conhecia-me desde que eu pisara a Ilha dos Penhascos pela primeira vez. Podia dizer-se que crescêramos juntos! Para não falar de que éramos parentes! E tratava-me assim? De súbito, Íris rebateu:

— Se conheceis tão bem a princesa Kelda, devíeis saber que ela é capaz de reduzir as vossas armas a cinzas e assar-vos vivos, antes que consigais ganir de dor. Mostrai respeito por aqueles que suam e sangram para vos ajudar!

— E quem julgas tu que és, ó emproada...? — desdenhou o Filho da Renovação, fitando-a de esguelha. Porém, não terminou a interpelação. Primeiro ficou hirto... Depois recuou, baixou a arma e reverenciou-me, gorgolejando numa voz alterada, como se ébrio: — Venerada princesa, pedi tudo o que desejas ao mais devoto dos vossos servos.

Prontamente, os companheiros caíram sobre um joelho, prostrando as armas aos nossos pés. Arrotei a feiticeira, perplexa. Os seus olhos cintilavam, ainda guardando a chama do poder que invocara. Fui assolada pela vontade de rir... Porém, Thorson não achou graça:

— Não devias ter feito isto! Os Sacerdotes vão ficar furiosos!

— Detesto faltas de educação — defendeu-se Íris. Ao que o príncipe vândalo contrapôs:

— Não podes andar por aí a sujeitar as mentes das pessoas! Temos de ser pacientes e argutos, se queremos ajudar Kelda.

— O imbecil chamou-me emproada! — fremiu, indignada.

Interpus-me rapidamente entre os dois, gracejando para desanuviar os ânimos:

— Se continuares ao meu lado, hão de chamar-te coisas piores! E tu, Thorson, admite que o incidente teve piada...

— Duvido que o prezado primo Trygve concorde! — atalhou, exasperado. — Mulheres! Não sei como, mas arranjam sempre maneira de complicar as coisas...

A voz falhou-lhe quando Íris avançou, subiu para as pontas dos pés e beijou-lhe a face.

— Desculpa — ronronou. — Tens razão... Excedi-me! Mas prometo que não volta a acontecer.

Depois, virou-se e veio ao meu encontro, deixando o príncipe vândalo pregado ao chão, com a baba a escorrer pelo queixo. Deu-me a mão e convidou-me a avançar, enquanto retrucava:

— Tão resmungão... E tão adorável! Tão irresistivelmente adorável!

Lá subimos a colina, rumo ao templo, obsequiados com a escolta de cinco afáveis Filhos da Renovação.

CAPÍTULO 16

Os braços da minha mãe. Os beijos da minha mãe. O seu aconchego, o calor da sua voz... Quantas saudades! Que conforto para a alma poder fechar os olhos e voltar a abri-los, sem que o seu sorriso se desvaneça na efemeridade de um sonho! Nesse instante, eu necessitava mais do seu carinho do que de ar para respirar. Havia tanto para contar, tanto por explicar... E a mais premente das questões não tardou a soar, trémula de aflição:

— O teu pai, Kelda? Onde está o meu Edwin?

A mão de Thorson pousou subtilmente nas minhas costas, transmitindo-me confiança para enfrentar a dureza da questão. Íris quedava-se um pouco atrás, mas a sua energia fortalecia-me. A Rainha do Sol viera receber-nos à entrada do templo. Estava - afogueada e arquejante, como se tivesse trocado as voltas aos Sacerdotes dos Penhascos e corrido ao nosso encontro, para ser a primeira a falar-me. E tal não era um bom presságio! Enchi o peito de ar... Porém, antes de lhe responder, uma voz estrondeou na penumbra:

— Sim, Kelda... Onde está o teu pai? Fugiste e abandonaste-o à mercê do teu irmão? Ou vieste a mando de Halvard impor-nos mais condições?

O primo Trygve surgiu no corredor. Apeteceu-me cuspir um vitupério, mas mordi a língua ao sentir a minha mãe estremecer. De súbito, recuou, como se temerosa de que a nossa proximidade desgostasse o anfitrião. Será que, por estas paragens, abraçar um filho se tornara um crime condenável? Fiquei tão perplexa que vacilei... Entrementes, Thorson já intervinha:

— Saudações, Sacerdote Trygve. Pedimos desculpa por entrar no vosso território sem nos fazermos anunciar, mas o tempo urge. A Pedra do Tempo atribuiu-nos uma missão...

— Atribuiu-vos? — interrompeu o arrogante, aproximando-se para ripostar à firmeza com que o jovem o enfrentara. — Agora trabalhas

com Kelda, Thorson? Pensei que ela só servia um Filho do Dragão, mas aparentemente enganei-me!

Fui obrigada a admirar o sangue frio do príncipe vândalo quando devolveu com solidez:

— Sei que há muito por explicar e terei gosto em fazê-lo...

— Nós não queremos as tuas explicações — voltou o Sacerdote a talhar. — Estamos, sim, ansiosos por ouvir os esclarecimentos da tua prima! Afinal, ela é a guerreira excepcional que se infiltrou no covil do inimigo para lhe sabotar os planos... Não foste muito eficaz, pois não, Kelda?

Com mil ratazanas perseguidas, que bicho mordera o primo Trygve? Não esperava que me recebesse com aplausos, mas, também, jamais me passara pela cabeça que me vilipendiasse com tamanha violência, sem me deixar dizer uma palavra! Fitei a minha mãe, horrorizada. A Rainha do Sol baixara os olhos e mal continha o pranto. Todavia, antes que eu explodisse de raiva, Thorson cortou o enxurro de acusações com uma rispidez gélida:

— Não podeis culpar Kelda pelos infortúnios da guerra!

— Deveras? — rebateu Trygve com uma fereza irreduzível. — Pois parece-me que ela é tão culpada quanto o monstro do irmão gémeo! Se quisesse pôr fim à guerra e impedir o extermínio de milhares de inocentes, bastar-lhe-ia ter matado aquele demónio em forma de gente.

— Kelda fez o que estava ao seu alcance para nos ajudar — insurgiu-se Thorson. — Estou aqui para confirmar que a Montanha Sagrada lhe concedeu a sua graça... Tê-lo-ia feito se a sua essência não fosse pura? Se existisse maldade no seu coração?

— A Montanha Sagrada abençoou Kelda... Tomas-me por tolo, para acreditar nesse desconchavo?

— E vós, tomais-me por mentiroso?

A minha mãe soluçou. Quis avançar para ampará-la, mas Trygve bloqueou-me a passagem, assumindo uma postura quase hostil. Thorson segurou-me, a tempo de me impedir de lhe dar um

empurrão. E o Sacerdote aproveitou esse fôlego para atacá-lo com a sua peçonha:

— Queres explicar como foi que viajastes do Norte até aqui, no pico do inverno? Será que tal prodígio se deve ao facto de estardes acompanhados por uma feiticeira? — Ao verificar que a insinuação acossara o contraditor, apontou um dedo a Íris. — O que foi? Achavas que não iria aperceber-me da natureza dessa criatura? Que concederia entrada no templo a uma espia?

— Tais acusações são despropositadas e injustas... Até insultuosas! — exprobrou o príncipe vândalo. — Íris é nossa aliada. Sem a sua ajuda, há muito que os Seres Superiores teriam escravizado a raça humana.

— Mas que defesa ardorosa! —olveu Trygve, mordaz. — Diz-me, Thorson... Como é que te deixaste manipular por uma traidora e ainda te dispões a introduzir uma feiticeira no nosso seio?

— Não me julgues sem me conheceres, homenzinho...

O rosnado de Íris cortou-me a respiração. Estava corada, com os olhos em chamas e a paciência destroçada pela intolerância e falta de discernimento do Sacerdote. Nada sensibilizado com o seu agastamento, Trygve afrontou-a e retrucou com desprezo:

— Não preciso de te conhecer, criatura! A podridão da tua aura fede à distância...

— Basta! — fremiu Thorson.

— Sim! Basta! — apoiou uma voz melodiosa, atraindo as atenções. Estávamos tão exaltados que nem déramos pela chegada de Oriana. A Sacerdotisa dos Penhascos interferia com o aparente intuito de apaziguar os ânimos. Trajava as vestes compridas e imaculadamente brancas que a identificavam como soberana do seu povo. Atrás dela, quais sombras, marchava o séquito de aprendizas que a veneravam. Avançou, altiva e etérea, até se quedar ao lado do Sacerdote. Deu o braço à minha mãe e encarou-nos por detrás da mantilha sufocante que mal permitia lobrigar os seus belos olhos. Só voltou a pronunciar-se depois de nos examinar. E fê-lo num tom admiravelmente tranquilo e conciliador:

— Não me parece que este seja o momento de disputar razões, senhor meu pai. Thorson e Kelda não são estranhos na nossa casa! Se se fizeram acompanhar por esta jovem, é porque confiam nela. Logo, não vejo motivo para lhes recusarmos a nossa hospitalidade.

— Minha Sacerdotisa... — tentou refutar Trygve. Porém, Oriana estava determinada:

— Deixemo-los repousar. Após as orações, reuniremos com serenidade e ponderação. Kelda contar-nos-á a sua história e Thorson cederá as justificações que solicitarmos. — Fixou-me antes de acrescentar: — Folgo por vos ver! Fiquem à vontade como se no aconchego das vossas casas.

A respiração do Sacerdote transformou-se num ronco, enquanto a Sacerdotisa ordenava às aprendizas que nos providenciassem quartos. Oriana era filha de Trygve, mas, como soberana, a sua palavra era lei. Ele apenas podia esperar que ela lhe desse ouvidos. Todavia, desta vez, a jovem demarcara-se da sua posição. Para nosso bem? Eu assim desejava! No entanto, continuava apreensiva. A sensação de que algo perturbava o equilíbrio das energias místicas da ilha não me abandonava. Além disso, o olhar venéfico que Trygve me lançava era de mau agoiro! Devia sentir-se desautorizado e humilhado... Decerto culpava-me pela oposição da filha, achando que Oriana decidira proteger-me em nome da amizade que nos unia desde o berço.

Esperei que a minha mãe me acompanhasse, mas ela permaneceu ao lado do Sacerdote, com os olhos cravados no chão e uma expressão atormentada. Com mil ratazanas intrigadas, eu não podia sair da ilha sem esclarecer esta anormalidade. A Rainha do Sol sempre dera ouvidos a Trygve, mas nunca fora uma mulher submissa que se arrastasse à mercê da vontade alheia! Mais uma vez, parecia que nada se encaixava no sítio.

Segui as aprendizas através dos corredores do templo, com Íris ao meu lado, num profundo silêncio. Se a nossa recepção tivesse sido pacífica, provavelmente estaria a preparar-me para partir ao encontro de Halvard. Depois disto, dar-me-ia por satisfeita se a

manhã trouxesse uma resolução para o meu problema. O Conselho dos Seres Superiores ainda não aplicara o castigo a Íris, por isso eu podia viajar para o Sul da mesma maneira que chegara até aqui, invocando trilhos mágicos e usando o Observatório como ponto de ligação entre os destinos. Restava-me cruzar os dedos e orar para que a minha estrelinha da sorte não se apagasse.

Desde que nos reencontráramos, na Montanha Sagrada, Íris e eu ainda não tivéramos oportunidade de conversar. Fiquei satisfeita por partilharmos um quarto. Não duvidava que ela soubesse tomar conta de si, mas inquietava-me com a sua segurança. A declaração de ódio do Sacerdote dos Penhascos devia ser considerada! Se ele fora capaz de matar Sibina, a mãe de Korn, quando esta o ameaçara, o que não faria a uma feiticeira?

Refrescámo-nos e recostámo-nos nas camas. A sua justificação para a estranha reação que tivera, aquando da minha passagem pelo reduto dos Seres Superiores, confirmou as minhas suspeitas. Íris vigiara o fatídico banquete no palácio dourado. No momento em que a minha energia se fundira com a magia do Observatório, interpretara o fenómeno como uma manifestação inequívoca da vontade da Ilha Sagrada de que a loucura de Halvard devia ser sanada. Ciente do perigo que eu corria, solicitara a ajuda de Regino. Porém, o resultado não fora o que expectara:

— Regino decidiu que a gravidade da situação exigia uma comunicação ao Mestre Supremo. Não me denunciou como traidora, mas Celsus não é tolo! Percebeu que eu andava a ocultar-lhe mais do que reportava. Afinal, era-me impossível desconhecer a conspiração de Sigarr. Só me librei de uma punição porque Regino se responsabilizou por mim. Porém, essa generosidade teve um preço. Eu não podia mexer um dedo sem lhe dar satisfações, pois ele estava obrigado a responder perante o Conselho por todos os meus fôlegos. Mas o pior não foi perder a liberdade... Foi perceber que o seu gesto não era desprovido de interesse! Regino não tardou a

reafirmar o seu afeto por mim. Só que, desta feita, a sua proposta tinha o peso de uma imposição.

Fez uma pausa para recuperar o fôlego, antes de prosseguir gravemente:

— Mandaram-me vigiar a Floresta dos Carvalhos e alertar o Conselho mal tornasses a aparecer. Porém, surgiste com Thorson... E invocaste um trilho de luz! O que podia eu fazer? Era óbvio que planeavas uma loucura e acabarias capturada. Por isso, esgueirei-me ao teu encontro, achando que conseguiria recambiar-te para a Terra antes que uma desgraça ocorresse. Então, vi-te com as pedras de Aranwen e inferi que a Pedra do Tempo te atribuíra uma missão. — Esboçou um sorriso e aditou: — Após tantos anos de indecisões, com medo de dar um passo que determinasse o meu exílio, nem parei para pensar quando me insurgi contra aqueles imbecis.

Fixou-me como se aguardasse um comentário. Porém, eu sentia-me demasiado abalada. Ante o meu silêncio, respirou fundo e enunciou:

— No instante em que Celsus me empurrou do trilho, tive a certeza de que ia morrer. Por isso, quando despertei na Montanha Sagrada e deparei com Thorson... — A comoção toldou-lhe a voz e fê-la arfar. Só a custo finalizou: — O facto de me encontrar aqui, convosco, deve significar que tomei a decisão certa... Talvez a minha missão como *Observadora* esteja concluída!

A curiosidade aguilhoava-me. Eu tinha de saber... Até porque Oriana haveria de me confrontar com a pergunta e urgia preparar-me para ripostar.

— Thorson e tu...? — titubeei insegura. Contudo, Íris compreendeu. Enrubesceu, mas não se melindrou. Sorriu e apertou-me a mão, inquirindo num sussurro:

— Recordas-te de me teres perguntado se eu estava apaixonada?

Tudo se explicava: o impulso que a levara a quebrar as regras para salvar Thorson; o sobressalto que sofrera quando Regino se declarara; a crispação quando eu a confrontara... A bem da verdade, nada disto me surpreendia! A história da minha família fora tecida

com fios semelhantes: materiais distintos e cores contrastantes que, uma vez misturados, originavam padrões maravilhosos. Com um nó na garganta, ouvi-a confessar:

— Conversámos bastante nos dias que permanecemos fechados na gruta. Trocámos ideias e imaginámos como seria o futuro. Inventámos brincadeiras para enganar o tempo... Contudo, a Montanha não se decidia a libertar-nos! Por fim, as emoções tornaram-se demasiado intensas para serem reprimidas e as palavras que nenhum de nós queria proferir soltaram-se dos lábios. Beijámo-nos... E a passagem abriu-se. Foi como se a Montanha declarasse: «Agora que percebestes o rumo que deveis tomar, podeis seguir viagem.»

Engoli em seco, com o coração apertado. Isso era bonito... Mas a realidade não se apiedava dos sonhadores e, muito menos, dos apaixonados! Titubeei o seu nome, constrangida. Porém, Íris não me deixou protestar, contraditando:

— Sei aquilo que hesitas em dizer... E Thorson também sabe! Uma feiticeira prestes a ser renegada e um humano marcado por uma profecia não são vaticínio de um desfecho feliz. Além disso, tenho consciência de que este teto irá impor-nos provas duras. Bem vi o olhar que Oriana lhe deitou! Todavia, mais do que nunca, estou disposta a lutar pelas minhas convicções. Não importa o que aconteça, não permitirei que a maldição destrua Thorson. No fim, se ele escolher Oriana, aceitarei a sua decisão e partirei... Certa vez, Sigarr perguntou-me se eu não tinha curiosidade de experimentar a vida como ela realmente é... E a verdade é que não trocaria a emoção dos momentos que passei ao vosso lado pelas centenas de anos de existência insípida que a Ilha Sagrada ainda haveria de me conceder.

A sua declaração era impressionante... Porém, assim que mencionou Sigarr, as lágrimas saltaram-me dos olhos. De repente, a minha mente preencheu-se com a memória do seu rosto, o calor do olhar azul-celeste e a tristeza da derradeira despedida.

— Kelda...? — apelou Íris. Só então me apercebi de que tremia. Mal ela me estreitou, desatei a chorar, como se todas as adversidades que me tinham conduzido até aqui me arrojassem no lodo do desespero. Sigarr morrerá... E, por mais que eu estrebuchasse, Lysander haveria de sofrer igual desdita! O ódio que Halvard lhe dedicava era obsessivo e letal, mais ardente do que o fogo que alimentava o Sol. A palavra que me dera não valia um cabelo! Apenas não decapitara o herdeiro de Lyria porque desejava desfrutar do prazer de torturá-lo.

— Apaixonaste-te mesmo por ele! — murmurou Íris como se pasmada. Um pouco atordoada, sacudi a cabeça e retorqui, limpando as lágrimas com as costas da mão:

— Não sei como farei, mas hei de libertá-lo...

— Não estou a referir-me a Lysander, Kelda!

Quis recalcitrar, mas acabei a soluçar. Íris buscou o meu olhar e aditou gravemente:

— É bom que saibas que Sigarr tentou manipular-te... — E prosseguiu, descrevendo como o feiticeiro inventara que o príncipe da Gente Bela exigira o meu degredo para incitar-me a odiá-lo. Quando repliquei que já tinha conhecimento dessa arteirice, abismou-se ainda mais:

— Mesmo assim choras por ele?

— Choro — assumi. — Não posso deixar de lamentar a sua morte... E, ainda mais, o modo como tudo ocorreu! Sigarr fez coisas hediondas, mas arrependeu-se e tentou redimir-se.

— Serias capaz de lhe perdoar as mentiras que te contou para te afastar de Lysander?

Essa era uma boa pergunta! Sacudi a cabeça e ripostei:

— Talvez... Teria de olhá-lo nos olhos e escutar as suas razões para decidir.

— Devo concluir que ficarias confusa se fosses obrigada a escolher entre Lysander e Sigarr? — interpelou, incapaz de disfarçar o choque.

— Não entendo, Íris! — retruquei, amofinada. — Sigarr era teu amigo! Foste a primeira a defendê-lo quando eu o abominava. Devias acreditar que a mudança do seu coração foi sincera...

— E acredito — atalhou, estonteada com a veemência da minha argumentação. — Mas isso não muda o facto de que ele não é... quero dizer, não era o homem certo para ti!

Estava tão exaltada que se engasgou. Eu entendia o seu cuidado, mas a intransigência que o acompanhava começava a abespinhar-me.

— E Thorson é o homem certo para ti? — controverti. — Após tantos anos a «observar», devias ter aprendido que os afetos não se impõem! Nascem sem que saibamos como, desenvolvem-se sem que consigamos justificá-los e, muitas vezes, escapam ao nosso controlo...

— Tu amavas Sigarr, Kelda?

A interrogação direta e crua fez-me perder o ar. Ainda assim, Íris moderara de tal forma o tom que era impossível zangar-me com a sua insistência. Respirei fundo e confessei:

— O que sentia por ele é diferente do que sinto por Lysander... Contudo, não deixava de ser forte! Mas o que importa isso agora? Sigarr está morto! E morreu porque escolhi salvar Lysander... Só por si, isso deveria esclarecer as tuas dúvidas!

A minha rispidez fez Íris engolir em seco. Tornou a abraçar-me e murmurou compungida:

— Desculpa, Kelda! Não queria irritar-te e, muito menos, magoarte. Só fiquei surpreendida! Achava que apenas cedias às atenções de Sigarr para auferires da sua proteção. Lamento se...

Foi interrompida por um movimento na cortina de cordas que isolava o quarto do corredor. A minha mãe surgiu a ofegar. Mais uma vez, parecia ter-se esgueirado em segredo para me ver. Saltei da cama, deveras assustada. A força e o carinho do seu abraço acalmaram-me um pouco. Nem tive de questioná-la, pois urgiu:

— Temos de falar, querida... Mas antes conta-me o que sucedeu ao teu pai ou enlouquecerei!

De novo, senti-me empurrada para um fosso de agonia. Ia anunciar a minha incerteza quando Íris interferiu:

— Lysander libertou o Rei da Lua e entregou-o a um dos seus homens de confiança, antes de regressar ao palácio para te buscar, Kelda... Na última vez que o vi, o teu pai já navegava em segurança, longe das águas controladas pelo teu irmão. O facto de as suas recordações terem sido inibidas não irá prejudicá-lo. Os guerreiros que o acompanham sabem que devem trazê-lo até aqui e os cuidados que têm de tomar para evitar a frota do Filho do Dragão.

Fixei a minha amiga com o queixo caído. A minha mãe começou a chorar, dividida entre a confusão e o alívio. Perante a sua expressão interrogativa, asseverei:

— Se Íris o afirma, é verdade. Ela é... era a *Observadora* da Ilha Sagrada.

Num ímpeto, a Rainha do Sol esqueceu as convenções e apertou as mãos da feiticeira, expressando a sua gratidão. Eu abanei a cabeça e alterquei, num misto de satisfação e exaspero:

— Porque não me contaste que conhecias a sorte do meu pai?

— Quantas vezes terei de te explicar quão perigosa é a minha ingerência no vosso destino? — revidou Íris, enternecida com a alegria da minha mãe. — Não planeava divulgar nada, para não me arriscar a desventurar a viagem do Rei da Lua. Porém, não consegui ficar indiferente ao sofrimento da Rainha do Sol... Tende fé, senhora! Em breve o vosso marido estará aqui.

Era inútil irritar-me com Íris por conta da sua teimosia em ocultar informações. Mais alguns dias na Terra e os pilares das suas convicções ruiam. Mal sentisse na pele as provações que o meu povo era forçado a suportar, a sua língua haveria de se soltar e os nossos líderes acabariam por reconhecê-la como uma aliada preciosa na luta contra o Filho do Dragão.

Entretanto, a minha mãe recompunha-se. Dir-se-ia que, num fôlego, rejuvenescera mais de dez anos! Os belos olhos azuis voltaram a brilhar e as cores animaram-lhe as faces. Não obstante, a sua voz continuou vacilante e receosa ao prevenir:

— Deves ponderar no que dirás aos Sacerdotes, Kelda. Eles convocaram Thorson primeiro, pois tencionam confrontar as vossas histórias. Por esta altura, a reunião está a terminar. Aproveitei a sua distração para vir falar-te... Já sei da missão que a Pedra do Tempo te atribuiu, mas receio que não será fácil cumpri-la.

Confirmar que a minha mãe viera ter comigo à socapa, como se precisasse de autorização para me ver, era muito grave. No entanto, o seu alerta para dificuldades acrescidas provocara-me um frio no estômago que se sobrepunha a tudo. Franzi a testa e retorqui com estranheza:

— Como não será fácil...? Só tens de me dar a pedra azul!

— A pedra não está comigo, querida. Quando partiste, Oriana insistiu em guardá-la. Eu não a contestei, convicta de que a pedra ficaria segura sob a sua proteção. Todavia...

— Guardiã da Lágrima do Sol... — estridulou uma voz no corredor, talhando a explicação. E as cordas que vedavam a entrada foram rudemente afastadas por uma mulher pouco mais velha do que eu, mas tão rígida na postura e severa na expressão que parecia avançada na idade. Há muito que eu não via tal figura... E de bom grado pagaria em prata para não ter de a cumprimentar! Invadiu o quarto com uma descortesia atroz e afrontou a minha mãe como se não lhe devesse respeito: — Bem que a venerada Sacerdotisa me disse que vos encontraria aqui!

— Saudações para ti também, Agata! — insurgi-me com uma frieza venéfica. — Folgo em constatar que estás de boa saúde e mais simpática do que nunca.

— Sou Sábia Agata para ti — cacarejou, sem se dignar a pronunciar o meu nome. Depois, arrostou a minha mãe e comunicou em tom de repreensão: — A amada Sacerdotisa requer a vossa presença no salão. Deveis quedar-vos ao seu lado, enquanto a vossa filha é questionada.

Bufei de desdém. Agata fora eleita Sábia em tão tenra idade? E desde quando é que alguém se atrevia a ditar procedimentos à Guardiã da Lágrima do Sol? O objetivo dos Sacerdotes era claro:

apartar-me da minha mãe e colocá-la numa posição de juíza, para me intimidarem. Talvez tivessem conseguido alcançar o seu propósito, se ela não tivesse tomado a iniciativa de me procurar. A Rainha do Sol não tivera tempo de me elucidar, mas transformara as minhas suspeitas em certezas irrefutáveis. Algo estava tremendamente errado!

Ver a minha mãe sair do quarto, qual ovelha tresmalhada resgatada pelo cão pastor, pôs-me as entranhas a arder. Defrontei a infesta e escarneci, com a brandura que sabia destroçar-lhe os nervos:

— Apraz-me constatar que evoluíste, Agata! Recordo-me das conspirações que tecias para desacreditar Oriana... Agora trata-la por venerada e mui amada! Como as coisas mudam...

— Não mudaram o suficiente — grunhiu num rompante. — Se a lei fosse cumprida, estarias a ser sacrificada aos *Sentinelas*, ao invés de conspurcares o templo sagrado com o ar que respiras!

— Não te informaram da minha habilidade para domar os bichanos? — ripostei candidamente. — A qualquer instante, posso ordenar-lhes que te arranquem a cabeça... Assim preservar-te-ei da agonia de respirares o ar que conspurquei. O que me dizes?

Nunca fora gabarola... Porém, Agata tirava-me do sério! Lançou-me um olhar mortífero e saiu. Rangi os dentes, ciente de que tinha de segui-la. Por detrás de mim, Íris mastigava:

— Que rapariga tão afável!

Soprei o ar e retruquei:

— Bem-vinda à colmeia.

— Podias ter regressado a casa com o príncipe Lysander, mas escolheste seguir Sigarr! O que tens a dizer em tua defesa?

Defesa? Será que o Sacerdote dos Penhascos padecia de surdez? Ou desenvolvera uma demência? Eu acabara de relatar a captura de Lysander, as exigências de Halvard e a missão que a Pedra do Tempo me atribuíra... E ele insistia em massacrar-me com os incidentes ocorridos no Império? Não me bastava ser forçada a explicar

perante o Conselho das Sábias Anciãs, ainda tinha de me sujeitar a interpelações, como se estivesse a ser julgada por um crime? Afinal, o que faziam as videntes da Sacerdotisa numa reunião de família? A vontade de respingar estracinhava-me. Todavia, recordei as palavras que Thorson me segredara quando entrara no salão e deparara com a multidão carrancuda:

«Terás de ser paciente para venceres esta batalha. Se te rebelares contra a intolerância de alguns, perderás a razão diante de todos e não conseguirás recuperar a pedra azul.»

A minha mãe posicionara-se atrás da Sacerdotisa, como indicado. A tia Ingrior não se encontrava entre as Sábias... Estaria doente? Desejei ter Íris ao meu lado, pois a sua aura tranquilizava-me. Porém, quando solicitara a sua presença, o primo Trygve mostrara-se irredutível:

«A feiticeira deve quedar-se no quarto. Até prova em contrário, todos os Seres Superiores são nossos inimigos.»

Apetecera-me inquirir se Hakon e Aranwen tinham sido nossos inimigos; se ele também assim considerava Melina da Gente Bela e tantos outros feiticeiros que, como ela, haviam deixado a Ilha Sagrada para trás e acabado por se unir à nossa causa. Todavia, a aflição no olhar da minha mãe refreara-me a ira. Ao invés, redarguira com sobriedade:

«É incorreto condenar toda uma raça pelas ações de alguns indivíduos!»

Ao que o soberano objetara, mordaz:

«Enquanto pisar o meu solo, a feiticeira respeitará as minhas regras. Se tiver algo a obstar, pode partir imediatamente!»

O meu silêncio começava a gerar desconforto entre as videntes. A maior parte dessas mulheres eram mestras na leitura da mente. Hoje, como no passado, deviam contorcer-se de raiva por serem incapazes de ver através de mim. Engoli em seco e condescendi numa resposta:

— Nesse dia, percebi que só conhecendo a magia de Halvard seria capaz de contrariá-lo. Logo, tinha de aprender as capacidades

que Sigarr lhe ensinara...

— Para tu própria te tornares mestra da Arte Obscura — atalhou Trygve, acusador.

O sangue subiu-me às faces. Com mil ratazanas raivosas, se isto não era um julgamento, não entendia o que seria! Estava a perder a paciência... Só o toque subtil de Thorson nas minhas costas me impediu de acometer contra o Sacerdote. Ele estava tão indignado quanto eu com o rumo que o soberano teimava em dar à conversa. Resolveu interferir, contraditando:

— A Montanha Sagrada jamais teria recebido Kelda se a sua essência estivesse corrompida! Já vos contei que unimos as mãos sobre a Pedra do Tempo e partilhei da sua Visão...

— E foram só as mãos que vós unistes, Thorson? — sibilou Trygve, sem nos dar tréguas. — Podes provar que não estás enfeitado? Afinal, é sabido que Kelda herdou o poder sedutor da bruxa Gwendalin. Sempre que deseja, é capaz de subjugar qualquer inocente à sua vontade. E provou-o inúmeras vezes! Levou Carl à morte, convenceu Korn a entregar-lhe o segredo dos *Sentinelas*, mantém Ulfvaldr escravo dos seus caprichos, enlouqueceu Lysander...

— Seu grandessíssimo aleivoso! — explodi, ameaçando-o com os punhos.

A minha mãe avançou em simultâneo, perplexa e ultrajada:

— Como foste capaz, Trygve?

Thorson segurou-me pelo braço, mas também porfiou, ribombando qual trovão:

— Isso é intolerável! Exijo uma reparação...

— Peço-vos desculpa! — declarou Oriana, numa voz ardorosa que acabou por se sobrepor às demais. — Estou certa de que não era isso que o senhor meu pai queria dizer.

Até ela concordava que Trygve se excedera. Para calar o burburinho que disturbava o salão, levantou-se do cadeirão e pediu silêncio. Apesar de ofendido, Thorson continuava a imobilizar-me, receoso de que eu esmurrasse o Sacerdote. Trygve tentou deter a

minha mãe, murmurando uma escusa. Porém, a Rainha do Sol repeliu-o e veio ao meu encontro. Envolveu-me no seu abraço e sussurrou, como se o incidente a tivesse despertado da letargia:

— Perdoa-me, querida! Devia ter-me imposto para te preservar a este constrangimento.

O salão aquietava-se, mas os Sacerdotes ainda mussitavam em discordância. Será que os anos de isolamento, frustração, remorso e temor constantes tinham ensandecido Trygve? Afinal, cuspi atrocidades como se fosse dono absoluto da razão e um exemplo de moral! Não obstante, acabou por se submeter à determinação da filha. Oriana assumiu o controlo, altiva e intocável no seu traje espectral. Como se em resposta à minha ansiedade, fixou-me por entre a abertura estreita da mantilha... Parecia declarar: «Tivemos divergências no passado, mas somos irmãos no coração. Hei de resolver o teu problema. Só não posso fazê-lo com ligeireza para não melindrar estas mentes tacanhas. Tem calma e confia em mim!»

A sua voz elevou-se para alcançar todas as consciências do salão:

— O facto de Kelda ter treinado com Sigarr não significa que se tenha tornado mestra da Arte Obscura. Thorson veio até nós para testemunhar a seu favor, mas não necessitava de fazê-lo. Kelda pode demonstrar que não está a mentir.

Deveras? Franzi o sobrolho sem entender. Thorson e a minha mãe também não alcançavam o seu intento. No entanto, Oriana não nos deixou na expectativa:

— A Montanha Sagrada guardava quatro das sete pedras mágicas. Se é verdade que Kelda recebeu a graça da Pedra do Tempo, só tem de mostrá-las para provar que, efetivamente, lhe foi confiada a missão de assimilar a magia da feiticeira Aranwen para combater o Filho do Dragão.

O salão animou-se com um clamor expectante. Sacudi os ombros e enfiei a mão na bolsa de cintura. Não via nenhum mal na satisfação desse pedido. Sem delongas, revelei as pedras vermelha, verde, roxa e cor de laranja, assim como a branca e a amarela, para que não subsistissem dúvidas quanto à aventura que vivera na Ilha

Sagrada. A minha mãe acariciou-as, assimilando o fulgor da sua magia. Há muito que a nossa família não se deslumbrava com a beleza desta herança mística... Depois, fixou a Sacerdotisa numa inquirição muda. Bastava que Oriana me devolvesse o amuleto azul para que a minha demanda tivesse um final feliz.

A soberana aproximou-se num passo solene. Retive o fôlego quando a vi estender a mão, lutando contra a vontade de me afastar. Contive-me... E Oriana limitou-se a adejar os dedos sobre as pedras sem lhes tocar. Parecia tão vacilante que a minha mãe garantiu:

— São autênticas, querida...

De súbito, Trygve surgiu ao nosso lado de manápula esticada. Instintivamente, recolhi as pedras e guardei-as na bolsa. No que dependesse de mim, o intolerante jamais lhes assentaria um dedo! Recuou, injuriado, e virou-se para a Sacerdotisa, vomitando o seu rancor:

— Sei que tens um grande coração, minha rainha, mas peço-te que ponderes... — A minha mãe iniciou um protesto e ele rosnou: — Acreditas realmente que a tua filha é uma vítima do destino, ao invés de uma traidora? A história que nos contou é convincente, até comovente... No entanto, gostaria imenso que ela me descrevesse o seu plano! — Arrostando-me e reptou: — Disseste-nos que Halvard te exigiu as Lágrimas para libertar Lysander... Isso significa que, depois de assimilares o poder das pedras, ainda teríamos de te confiar os cristais. Ou seja, a tua intenção é regressares para junto do teu irmão com a magia de Aranwen na essência, disposta a entregares-lhe tudo o que ele necessita para se tornar «Filho do Dragão». Estou enganado?

Arfei de indignação, hirta como uma vara. Exposto desta maneira, o meu desígnio soava à mais vil das insídias. Surpreendi-me quando a Rainha do Sol veio em meu auxílio, encrespada:

— Sugeres que Kelda está a manipular-nos para favorecer Halvard?

— Eu não sugiro! Afirmo! — resmoneou o execrável. — E, se estou enganado, ela deve explicar-nos como pretende evitar que o irmão ponha as mãos nas Lágrimas.

O clamor das Sábias tornara-se ensurdecedor. O príncipe vândalo demandou silêncio para que eu pudesse justificar-me. E Trygve não perdeu o ensejo de atacá-lo, fremindo, escarninho:

— Estás tão cego! A tua prima enredou-te bem na sua teia! Pena que não consiga fazer o mesmo comigo... Não é, Kelda? Confessa que enfeitiçaste Thorson! A tua intenção é roubar-lhe as Lágrimas, mal te aposses das pedras...

— A minha intenção é solicitar à minha mãe que me entregue a Lágrima da Lua e encante uma gema para substituir a Lágrima do Sol, tal como no plano que Sigarr concebeu e com o qual vós concordastes! Quando Halvard descobrir que foi enganado, Lysander já estará a caminho de casa... E, graças à magia de Aranwen, eu estarei apta a combatê-lo.

A firmeza gélida da minha voz paralisou o salão. Fiz uma pausa para recuperar o fôlego, sustendo-me com dignidade. Thorson acenou com a cabeça, garantindo-me o seu apoio. As Sábias entreolhavam-se, parecendo convencidas. Trygve fixava-me com olhos esbugalhados, como se eu tivesse esboroado a sua arrogância. Oriana não se mexia, mas surpreendi-lhe um tremor nas mãos, que ela tentou disfarçar apertando os braços do cadeirão. Então, a Rainha do Sol buscou a minha atenção, inquirindo num fio de voz que misturava expectativa com temor:

— Sê sincera, Kelda... Achas-te mesmo capaz de vencer o teu irmão?

A preocupação no olhar azul alimentou o meu denodo. Correspondi ao seu carinho, retorquindo com lhaneza e de coração aberto:

— Não sei... Mas tenho de tentar! Há algo que ainda não te contei... Eu também estou ligada à maldição. Aliás, a minha intervenção é fundamental para a celebração do ritual! No dia em que me bater com Halvard, um de nós há de morrer... Logo, quer seja eu ou ele a

tombar, a profecia do Filho do Dragão não se concretizará. Essa é a única garantia que te posso dar, mamã!

A Rainha do Sol deixou escapar um sopro de agonia. Fitou Thorson, como se esperasse uma contradição à fatalidade que eu anunciara. Porém, o meu primo volveu sombriamente:

— É verdade, tia! Por isso Kelda tem de assimilar a magia das pedras. No instante decisivo, é crucial que seja ela a vencedora do confronto... Porque, se Halvard triunfar, a guerra que suplicia o nosso povo jamais terá fim! Ele perderá a oportunidade de se tornar um deus na Terra, mas acabará por destruir tudo com a sua fome de vingança.

Incapaz de se conter, a minha mãe abraçou-me e desatou a chorar. De imediato, o caos instalou-se no salão. Todas as bocas tinham algo a opinar... Exceto as dos Sacerdotes. Trygve rangia os dentes com tanta força que estes ameaçavam quebrar-se. Já Oriana desviara o rosto, impedindo-me de averiguar se existia alguma emoção positiva no seu olhar. Mal se recompôs, a minha mãe rogou a sua atenção com uma subserviência que me abismou. Fiquei ainda mais estupefacta quando Oriana lhe cortou a voz com um gesto impaciente. Ergueu-se do cadeirão, impôs silêncio, cravou os olhos no vazio e declarou, sobranceira:

— Parece que não subsistem dúvidas quanto à pretensão de Kelda... Como soberana desta terra e guardiã da pedra azul, a resolução final pertence-me. Irei ponderar em todas as razões expostas e, prestes, dar-vos-ei conhecimento da minha decisão.

Engasguei-me, chocada. Guardiã da pedra azul? Quem lhe atribuíra tal título? Abri a boca para reclamar, mas o seu olhar trespassou-me sem vestígios da temperança que lhe observara há pouco. Virou costas e estabeleceu, seca e cortante:

— A reunião chegou ao fim.

CAPÍTULO 17

Uma voz melodiosa e doce entoava um hino de amor eterno que encantava a Ilha dos Penhascos: «*O meu coração será teu enquanto as estrelas brilharem no céu...*»

De súbito, um relâmpago rasgava a bruma noturna. Nuvens negras como o véu da morte encobriam as estrelas. E um coração, outrora puro, lacerava-se e purgava vurmo. As folhas secavam e tombavam das árvores esqueléticas. Os ovos apodreciam nos ninhos. Milhares de vermes brotavam da terra. Os peixes sufocavam num mar de lama... Tudo o que era belo fenecia, infetado pela perversão.

O cântico apaixonado findara. Agora, gargalhadas estrídulas furavam-me os ouvidos. A menina de branco, que em tempos de esperança cantara e dançara rodeada de pássaros e de borboletas, perdera a essência radiosa. A aura de Oriana chamejava, soltando faíscas pretas e escarlates, enquanto ela rodopiava sobre um solo pútrido, exibindo o seu longo vestido de trevas. Corvos gigantescos pairavam em seu redor, aguardando impacientes pela próxima vítima, desejosos de se deliciarem com o festim de carne.

Sob a luminosidade torpe de uma Lua cruenta, Thorson surgia no mais alto dos penedos, ensombrando o Homem com a sua majestade. Porém, quando me concentrei no seu tronco nu, verifiquei que as tatuagens de nascença que o identificavam como um Filho do Dragão tinham sumido. E o colar que usava, lembrança de um amor perdido, apertava-se em torno do seu pescoço... Tentou arrancá-lo, puxando-o com força. No entanto, as conchas que o formavam não estavam apenas a estrangulá-lo! Rasgavam-lhe a pele, fazendo o sangue jorrar e escorrer pelos penhascos, até manchar as ondas do mar e espalhar-se através da infinidade aquosa.

Uma tempestade aproximava-se... Thorson desaparecera, consumido pela maldição. Na praia, Oriana parara de dançar e abriu

os braços para receber a chuva de fogo. E o ribombar dos trovões trazia ecos de uma voz inconfundível:

«*Eu ascendi e o Homem tombou!*»

— Não! Não...

Sentei-me na cama, a tremer sem controlo. O suor gelado escorria-me pela pele, encharcando a túnica e as calças que não despira, expectante de que a Sacerdotisa ainda me chamasse. Íris acordou com a minha agonia e embalou-me, inquirindo preocupada:

— O que foi que sonhaste?

— Sonhei com Halvard — respondi, escusando-me a pormenores para não assustá-la.

Não concebia que o meu pesadelo resultasse num presságio. Se Oriana fosse responsável pelo desequilíbrio que adulterava as energias da ilha, não me teria recebido com tanta solicitude! Mesmo pressupondo que se tivesse tornado uma mulher soberba e mesquinha, jamais trairia o seu povo, condenaria a sua terra e colocaria o destino do mundo nas mãos do Filho do Dragão! Não... O culpado desta hediondez só podia ser Trygve! E eu haveria de desmascará-lo perante a sua comunidade. Todavia, para isso, tinha de falar com a minha mãe... O que começava a assomar-se impossível! Com mil ratazanas espezinhas, se tal não soasse ridículo, juraria que a Rainha do Sol se movia sob ameaça!

Íris não insistiu. Deu-me água e tentou acalmar-me. Porém, a frustração consumia-me ao recordar a expressão oprimida da minha mãe quando Oriana dera a reunião por terminada e a chamara com uma arrogância álgida. Ao invés de se quedar ao meu lado, a Guardiã enfiara o rabo entre as pernas e seguira a Sacerdotisa. O meu queixo ainda pendia quando o Sacerdote se interpusera entre mim e Thorson, ordenando-me que regressasse ao quarto e ficasse quieta, até que a soberana me comunicasse a sua decisão. De imediato, Agata surgira para me escoltar... E eu vira-me coagida a obedecer, sem outra alternativa senão aguardar que sua excelência, a guardiã da pedra azul, resolvesse convocar-me.

Convenci Íris de que estava bem, pois não queria privá-la do sono. No entanto, não tornei a adormecer. Continuei a esperar... E a esperar... Raios, não fora talhada para esperar! Porque é que a minha mãe não tornara a procurar-me? Estava tudo doido! Se a tia Thora aqui estivesse... Ah, Trygve e Oriana até pulariam ao som dos rugidos da loba prateada! Quem os nomeara líderes da luta contra o Filho do Dragão? E senhores de todas as decisões? O mundo estava a pegar fogo em redor desta maldita ilha e os seus soberanos só olhavam para o umbigo!

Thorson apareceu antes de o Sol nascer com uma estranha proposta:

— Gostarias de visitar Ulfvaldr e o teu avô Edwin? Segundo sei, estão num acampamento na floresta, a preparar-se para fazer frente a Halvard.

— É claro que sim! — exasperei-me. — Mas esqueces que me proibiram de mexer um dedo?

— Kelda vai arranjar mais problemas se desobedecer — concordou Íris gravemente. — Irritar o Sacerdote Trygve não abonará a seu favor.

Surpreendi-me quando Thorson me piscou o olho, revidando com um sorriso matreiro:

— Escuta atentamente os conselhos da *Observadora* Íris, Kelda. Ela é um exemplo de sujeição às regras! Na verdade, não conheço ninguém mais submisso...

Teve de se desviar para escapar a um tabefe. Contra-atacou, capturando a jovem e torturando-a com cócegas. Quedei-me a olhá-los, um pouco constrangida. A energia que os seus corpos libertavam era tão ardente, que me intrigava como conseguiam evitar rasgar as roupas e cair na cama. Tossi com força para recordá-los da minha presença. Íris recuou com as faces em chamas e o meu primo refreou a exaltação... Isto ia acabar mal!

— Vim agora do quarto de Trygve — revelou Thorson. — Quis pressioná-lo mal abrisse os olhos, na esperança de que o sono

tivesse desatravancado a sua intransigência. Debalde! Contudo, fiquei a saber que Oriana pretende consultar as antepassadas, antes de decidir sobre a pedra azul. Mas, primeiro, ainda tem de cumprir as suas obrigações...

— Isso vai demorar o dia inteiro! — atalhei, horrorizada.

— Por isso, fomos autorizados a sair — anunciou, pasmando-nos. — Cortesmente, Trygve ditou que, quanto mais longe estivermos do templo, melhor! E sim, podes vir connosco, Íris. Até foi «sugerido» que ficasse no acampamento... Pensando bem, talvez seja o mais acertado.

— Não! — refutou a minha amiga, sacudindo a cabeça. — Não irei abandonar Kelda!

— Decidiremos isso depois — retrucou Thorson, indicando a saída com um gesto afável. — Vinde... Está uma manhã linda! Ficarmos aqui, enterrados debaixo da terra, não será benéfico para as nossas essências.

Percorremos o labirinto de corredores sem encontrar viva alma. As videntes absorviam-se nas orações da manhã e os Filhos da Renovação empenhavam-se nos treinos de combate. Logo corríamos rumo à floresta, inspirando o ar com satisfação. O cheiro a maresia indicava que o tempo ameno se sustinha por um fio. Entreguei o rosto às carícias do sol e tentei esquecer os problemas... Não consegui.

Avançámos rapidamente através dos trilhos ladeados de árvores centenárias. Thorson e Íris pareciam pássaros na primavera... Porém, era o inverno que se impunha nas nossas vidas! Só almejava que Oriana não lobrigasse o seu enlevo. A última coisa de que eu necessitava era de depender da vontade de uma mulher enciumada, que decerto arranjará um pretexto para me culpar pela sua desventura. Afinal, fora por minha causa que a feiticeira se despenhara na Terra.

Não esperava ver Edwin McGraw a derrubar árvores na floresta! A saudação de Thorson atraiu as atenções dos lenhadores e,

prontamente, o meu avô arremessou o machado para o solo. Correu para nós, ergueu-me nos braços e fez-me rodopiar... E a alegria que me invadiu foi tão intensa, tão pura que, por instantes, voltei a ser criança.

O sangue mágico do meu avô garantia-lhe um vigor excepcional. Continuava cheio de vida, robusto como se trinta anos mais jovem. Não era difícil imaginar quantos amores despertara no passado e, decerto, continuava a despertar. Apesar de maduro, o seu rosto não perdera a beleza da mocidade. Era muito parecido com o meu pai... E o verde-floresta do seu olhar cintilava tal como o meu, enquanto os lábios ternos me cobriam de beijos e exclamavam:

— Querida neta! Orei tanto para que voltasses sã e salva! Que bom poder abraçar-te...

— Kelda! Kelda!

Num ápice, fui assimilada pelo júbilo de Ulfvaldr. Os braços musculosos testaram a resistência das minhas costelas e o rosto franco mergulhou no meu pescoço. Abismada, percebi que chorava e dei-lhe tempo para se recompor. Não desejava que as dezenas de homens que tinham parado de trabalhar para nos observar, curiosos, vissem o futuro rei do povo viquingue a prantear por minha causa. Rangi os dentes ao lembrar-me das insinuações maldosas de Trygve. Depois, decidi ignorá-las e desfrutar do entusiasmo do meu primo. A nossa história fora atribulada, mas estava devidamente esclarecida.

— Fico tão feliz por Lysander te ter resgatado... — calou-se abruptamente e susteve o fôlego, ao reparar que era Thorson quem me acompanhava. — Onde está Lysander? Não veio convosco?

Desta feita, foi o regozijo de uma voz feminina que o interrompeu. Suspirei de alívio ao ver a tia Ingrid aproximando-se, levantando a saia para conseguir correr. Tal como sucedia com Edwin McGraw, o sangue feiticeiro da irmã do meu avô Throst fazia-a parecer muito mais jovem. Aliás, estava até mais bonita do que na última vez que eu a vira, enfezada dentro das vestes austeras usadas pelas Sábias do Conselho da Sacerdotisa. Hoje, trajava como uma aldeã: um vestido direito, modesto mas garrido, que lhe coloria

as faces e conferia uma frescura sadia. Nem me ocorreu questionar a mudança. Simplesmente afundei-me nos seus braços, fechei os olhos e imaginei que estava em casa.

Os homens voltaram a empunhar os machados e a lenhar com afinco. Eram muitos, entre aldeões e guerreiros. Que estratégia para contrariar Halvard podia requerer o sacrifício de tantas árvores? Decerto os nativos não faziam isto de ânimo leve, pois o amor pela natureza era um pilar da sua cultura. Thorson fez a pergunta e o meu avô explicou:

— Lysander alertou-nos para o facto de Halvard não necessitar de invadir a ilha para destruí-la. Por isso, decidimos derrubar um anel de árvores ao longo da floresta, na área ao alcance dos seus arqueiros. Depois, escavaremos um fosso para criar uma zona de contenção. Se as setas incendiadas com o fogo de Deimos ultrapassarem a proteção dos penhascos, nada terão para consumir, acabarão por se extinguir... E tudo o que se encontra deste lado escapará incólume.

Obviamente, o plano estava a ser executado com extremo cuidado, para que os inimigos acampados a sul não se apercebessem de nada. Fazer uma queimada talvez fosse mais fácil e rápido, mas o fumo seria notado. Fiquei impressionada com o engenho do meu avô. No fim, este ardil poderia determinar a salvação da Ilha dos Penhascos.

Um pequeno acampamento fora montado para atender às necessidades dos homens que trabalhavam ininterruptamente. A tia Ingrior convidou-nos a sentar nos cepos e dirigiu-se a uma das fogueiras acesas, exclamando:

— Chegastes mesmo a tempo de provar o meu chá!

— Arranjas um pouco de hidromel, tia? — solicitou Thorson, com um dos seus sorrisos irresistíveis. — A nossa convidada nunca provou o néctar dos deuses.

— Felizmente é o que não falta por aqui — intrometeu-se o avô Edwin, juntando-se a nós. E piscou-me o olho, acrescentando: — Eu asseguro-me disso!

Ulfvaldr sentou-se ao meu lado e voltou a indagar por Lysander. Thorson pô-los ao corrente da situação, enquanto bebíamos o chá e o hidromel. Mal terminou, o meu avô resmungou:

— Não concordo com nada disso! Para começar, Kelda, aflige-me que sequer ponderes assimilar a magia dessas malditas pedras que desgraçaram a nossa família. Depois, voltares ao Sul será uma tremenda tolice! Cedo ou tarde, Halvard virá cumprir a profecia e a guerra há de resolver-se aqui... Logo, é aqui que deves estar!

— O teu avô tem razão, Kelda — apoiou Ulfvaldr. — Sei que sofres por Lysander, mas...

— Lysander jamais admitiria que ela se sacrificasse para salvá-lo — interrompeu o meu avô. — A tua mãe não te pôs juízo nessa cabeça? Assim que o teu pai chegar...

— Tio... — interferiu Thorson. — Kelda está a cumprir as determinações da Pedra do Tempo...

Um brusco desequilíbrio nas energias que regiam a ilha atingiu a nossa perceção, qual rajada de vento agreste. Calou a voz de Thorson e fez-me prender o fôlego. A tia Ingrior deitou a mão à pequena corneta suspensa no seu pescoço e soprou-a. De imediato, os homens largaram os machados e correram para longe das árvores que cortavam. Então, o chão começou a tremer.

De súbito, foi como se nos quedássemos na garupa de um cavalo bravo que escoiceava em todas as direções. Thorson saltou sobre Íris, Ulfvaldr sobre mim, o meu avô sobre a tia Ingrior... Os gritos de pavor que ecoavam à nossa volta foram abafados pelos rugidos do solo e os estrondos das árvores que se lascavam e tombavam. A energia que provinha do âmago da Terra revolvava-se e trespassava-me a carne em ondas abrasadoras. Eu não me enganara! A Ilha dos Penhascos convulsava num sofrimento excruciante.

Felizmente, o abalo foi breve. Os homens ajudaram as mulheres a suster-se... Só Ulfvaldr me mantinha prisioneira dos seus braços, como se temesse ver-me morta assim que me soltasse.

— Primo... — murmurei, sentindo o espinotear doloroso do seu coração. — Já acabou!

O seu olhar varou o meu... E os seus lábios soltaram um gemido atormentado:

— Não. Jamais vai acabar!

Engoli em seco e desviei o rosto, ciente do que ele queria dizer. Raios, não podia lidar com isso agora! Vi o meu avô estender a mão para nos ajudar e aproveitei para me apartar do príncipe viquingue. Íris ainda se mantinha pendurada em Thorson, mas fixava-me com uma interrogação muda: estaria este fenómeno relacionado com os distúrbios que pressentíamos?

— Isto já aconteceu antes? — inquiri, apontando para a corneta da tia Ingrid.

— A terra começou a tremer pouco depois de Lysander partir para o Sul — explicou o meu avô. — De início, os movimentos eram irrelevantes, espaçados no tempo. Contudo, ultimamente são quase diários... E cada vez mais violentos!

Debatíamos as possíveis causas da anomalia quando a tia Ingrid me tocou no braço.

— Preciso da tua ajuda, Kelda... Importas-te de me acompanhar?

Conduziu-me para o interior da floresta, até o reboliço do acampamento se tornar quase inaudível. Caminhava tão depressa que nem me dava oportunidade de falar. Quando já me dispunha a detê-la, estacou e encarou-me, ofegante de ansiedade:

— A tua mãe falou-te acerca de Oriana?

A pergunta espantou-me. Titubeei uma negação, com um frio no estômago. Afinal, o pedido de ajuda fora uma mera escusa para nos afastarmos dos ouvidos dos demais... E tal não era um bom presságio! A confirmá-lo, Ingrid prosseguiu com um suspiro:

— Já calculava! Edwina teima em resolver tudo com o auxílio de Trygve, mas receio que seja impossível... Que já não haja retorno! — Segurou-me as mãos e suplicou: — Por favor, Kelda, fala com a minha neta. Vós sois como irmãs! Diante de ti, ela há de abrir o seu coração.

— O que é que se passa com Oriana? — inquiri, atordoada. E ver a minha tia a mastigar a hesitação pôs-me ainda mais apreensiva.

Enfim, ciciou como se temesse o som das palavras:

— Para quem conhece a bondade e a perfeição de Oriana, é óbvio que ela não está bem. O seu comportamento tem vindo a alterar-se... É como se outra pessoa vivesse dentro dela! Uma mulher que, por vezes, é capaz de fazer e de dizer coisas incompatíveis com a sua condição... Até com a sua natureza!

Franzi a testa, incrédula. A «mulher» que a minha tia acabara de descrever era-me familiar! Ao contrário do que todos julgavam, Oriana nunca fora um exemplo de virtudes. Era uma jovem desencantada com a vida; cativa de um dever imposto que lhe roubara não só a liberdade como o direito de amar e de ser feliz. Será que Ingrid descobrira a verdadeira face da neta? Porém, tal não justificava tamanho pânico!

— O que fez ela de tão terrível? — insisti, sobressaltada.

— Não posso contar-te — vagiu, desviando o rosto. — Estou sob juramento.

Isto era inconcebível! Não bastava as adversidades que eu enfrentava, Ingrid ainda queria que adivinhasse o mal que a atormentava? Dei por mim a contraditar, azeda de impaciência:

— Se estás tão apoquentada com Oriana, devias ter ficado ao lado dela...

— Oriana expulsou-me do templo, Kelda!

O seu corte deixou-me sem ar, sem voz, sem pingo de sangue. Sacudi a cabeça... Teria ouvido mal? Ante o meu pasmo, entaramelou angustiada:

— Testemunhei algo... Algo hediondo! É tudo o que te posso dizer! Se Oriana desconfiar que quebrei a promessa que lhe fiz...

De repente, rodou nos calcanhares e desatou a correr, com as mãos sobre a boca para sufocar o pranto. Ainda a chamei, mas foi em vão. De volta ao acampamento, encontrei Thorson e Íris preparados para partir. Ingrid sumira e as minhas dúvidas urgiam resposta. Dirigi-me ao meu avô e pedi-lhe para conversarmos a sós. Após ter a certeza de que ninguém nos ouvia, indaguei:

— Porque é que a tia Ingrid deixou o templo?

Qual não foi o meu assombro ao ver Edwin McGraw a corar. Gaguejou algo sem nexos, antes de reunir coragem para replicar:

— Nós estamos juntos... como namorados.

E perante a minha surpresa, julgando-me desagradada, sentiu-se na obrigação de explicar:

— Entre mim e Ingrior sempre existiu uma amizade especial... Quando regresssei, após a batalha que destruiu a Grande Ilha, o meu coração estava desfeito. O carinho no seu olhar e o calor no seu sorriso devolveram-me a vontade de viver. Entendes, Kelda?

Uma confissão tão íntima devia ter custado horrores a este guerreiro de barba rija! Abracei-o e volvi com carinho, para que percebesse que não condenava a sua união:

— Acredita que fico radiante por vós! E se o avô Throst e a avó Catelyn aqui estivessem, também se alegrariam por ver os seus queridos irmãos juntos.

Na realidade, no meio de todas as imprecações que nos flagelavam, esta era uma notícia maravilhosa! Ele descontraíu-se um pouco e desabafou:

— A tua aprovação deixa-me muito feliz... Oriana não foi tão compreensiva! Mal se apercebeu do dilema que a avó vivia, dividida entre o coração e os deveres para com o Conselho das Sábias, escorraçou-a como se de uma traidora se tratasse.

Então, o meu avô achava que a minha tia fora expulsa do templo por sua causa? Com mil ratazanas atazanadas, quanto mais eu fugia das complicações, mais estas me perseguiram! E agora? O melhor era deixar-me de rodeios:

— E sabes se Oriana fez alguma coisa menos própria que possa estar a angustiar a avó?

Edwin McGraw franziu o sobrolho e ponderou, antes de controverter:

— Há algo que me intriga... Antes de partir para o Sul, Lysander confidenciou-me que Oriana estava a ser tentada pelo lado obscuro da magia. Quando transmiti os seus receios à tua mãe, Edwina assegurou-me de que Lysander se equivocara. Todavia, não fiquei

convencido... Tem cuidado, Kelda! Aquele antro é um ninho de serpentes.

Thorson chamou-me; a noite caía e tínhamos de regressar. Fiquei contundida ao verificar que Ulfvaldr voltara ao trabalho sem se despedir de mim... No entanto, talvez fosse melhor assim.

Oriana tentada pelo lado obscuro da magia... Essa ideia era tão terrível que eu nem ousava expressá-la! Se a partilhasse com Thorson, ele precipitar-se-ia em busca da Sacerdotisa e nem os Filhos da Renovação o impediriam de esclarecer a verdade. No fim, se tudo não passasse de um engano como a minha mãe garantira, a soberana ficaria tão furiosa que jamais me devolveria a pedra azul! Por isso, impunha-se prudência... Oriana possuía muitos encargos e já sofrera demasiados desgostos para se ver injustamente confrontada com acusações irremissíveis.

Percorri os trilhos da floresta em silêncio, supliciada por dúvidas que só a Rainha do Sol podia esclarecer. Porém, mal entrámos no templo, fomos imediatamente conduzidos aos quartos. Thorson urgiu-me calma quando nos separámos. Tive de engolir em seco e conformar-me, refém das circunstâncias. Um tabuleiro com pão e leite aguardava por mim e por Íris, sinal de que não seríamos convidadas para tomarmos a refeição da noite com os demais. Pouco depois, ostentando um ar de desprezo refinado, Agata surgiu para anunciar que os Sacerdotes estavam reunidos com a minha mãe e que Oriana só me apresentaria a sua decisão na manhã seguinte.

Ponderei desabafar com Íris... Todavia, ela comentava os acontecimentos do dia com tamanha satisfação que não tive coragem de preocupá-la. Após tantos anos a «observar» as aventuras e desventuras de Edwin McGraw e de Ingrior, filha de Thorgrim, conhecê-los em carne e osso deixara-a extasiada. Pouco depois, o cansaço venceu-a. As velas apagaram-se e o silêncio inundou o quarto.

Os meus olhos permaneceram abertos; a agonia agravava-se à medida que as trevas me consumiam. Quanto mais refletia na possibilidade de a essência de Oriana se estar a adular, mais os incidentes que me assombravam faziam sentido: a corrupção das energias que regiam a ilha, as estranhas reações da minha mãe, o pavor da tia Ingrior, a relutância da Sacerdotisa em entregar-me a pedra azul... Lysander não lançaria um alerta tão grave ao meu avô se não o tivesse confirmado! Gelei horripilada ao recordar o sonho funesto que me fizera despertar aos gritos na noite anterior. O vestido preto de Oriana podia representar a sua essência e a decadência da Ilha dos Penhascos podia ser um reflexo da danação da sua alma! Admitindo que o pesadelo fora um aviso,urgia considerar algo muitíssimo grave: o destino podia ter colocado nas mãos da Sacerdotisa o fio que tecia a morte de Thorson e o triunfo de Halvard.

Rolei e rebolei na cama, incapaz de adormecer. Por fim, até a respiração tranquila de Íris me incomodava. De súbito, um clarão fez-me arregalar os olhos. Sentei-me e encarei a bruma com o coração aos pinotes. Então, a voz de Oriana ecoou-me na mente:

«Vem até mim, Kelda... Temos de conversar.»

Percorri os corredores até à ala dourada, sem necessitar de apelar à magia que me tornava invisível. Anos consecutivos a entrar e a sair do templo às escondidas tinham apurado a minha destreza para ludibriar os guardas... Porém, desta feita, não me deparei com nenhum. Em menos de nada, a porta do quarto da Sacerdotisa abria-se silenciosamente para me conceder passagem.

Oriana encontrava-se de costas, junto ao altar, ostentando um faustoso roupão. E assim continuou, a brincar com as chamas das velas como se me ignorasse de propósito. Contive-me de apelar e aguardei que me obsequiasse com a sua atenção. Olhando em volta, verifiquei que pouco se alterara desde a última vez que aqui estivera. As Sacerdotisas dos Penhascos levavam uma vida recatada e só no leito de morte eram cobertas com os ornatos devidos a uma

rainha. Por isso, o aposento exalava simplicidade, desde a cama à mesa e à arca da roupa. Só o altar estava enfeitado com velas e flores... E as mãos da soberana moviam-se das chamas para as pétalas, arrastando o lume nas pontas dos dedos até a suavidade colorida ficar reduzida a cinzas.

— Oriana! — tartamudeei agastada. — Porque fizeste isso?

Dei um passo, mas ela deteve-me com um gesto e respondeu sem se virar:

— Estava a cogitar na fragilidade da vida... Em como tudo é belo e perfeito num instante, para, no seguinte, fenecer. Achas que Lysander está a ser torturado, enquanto esbanjamos conversa? Pensas nele frequentemente? Nos suplícios que Halvard lhe impõe? O teu irmão possui uma imaginação fértil... Imaginas quantas mutilações lhe pode infligir sem o matar? O príncipe da Gente Bela é resistente! Há de sangrar bastante até ceder um grito.

— Estás parva? — fremi, engasgada de indignação. — Isso lá é coisa que se diga?

Então, encarou-me. E a sua energia fustigou-me, qual ventania agreste e pernicioso. O ar ficou tão quente que custava a respirar. Contudo, gelei ante a visão de um rosto sereno e benévolo... de onde sobressaíam olhos que eram abismos de perversidade, raiados de sangue e luz, como se um espírito maligno se tivesse instalado no seu corpo e apossado da sua consciência.

Fui incapaz de proferir um som. A minha vontade era correr em busca da minha mãe, de Trygve, de Thorson, de todos os que pudessem ajudar-me a salvar Oriana. Porém, o instinto manteve-me no lugar, a apreender a efetivação de uma calamidade atroz... De um flagelo que, há muito, estava ao alcance da minha razão, mas que eu me recusara a enxergar!

A soberana rasgou um sorriso e aproximou-se devagar, apreciando o meu sobressalto.

— Estás surpreendida? Não devias! Foste tu quem me ofereceu este poder... E como me tenho divertido a explorá-lo! Os tontos dos nossos mestres, tão dedicados ao lado luminoso da magia, não

sabem o que estão a perder. No entanto, tu compreendes-me, Kelda! Também sentes o fogo da tentação a destroçar-te as entranhas; o ardor de um desejo que corrói enquanto não encontra satisfação... E que gozo nos traz esse aprazimento, não é verdade?

Encostou-se ao meu corpo e deslizou-me as mãos pelos braços. Empedernida, senti a energia obscura a penetrar-me na pele. Afastou-me os cabelos, roçou os lábios ao longo do meu pescoço e deteve-se junto ao ouvido, desdenhando roucamente:

— Pensei que já tivesses notado a minha «evolução». Afinal, a tua querida mãezinha anda à minha volta como uma galinha tonta, tentando remediar o que diz ser uma abominação. E o meu devoto paizinho nem se atreve a abrir a boca para não me aborrecer. Além disso, estiveste com a vovó Ingrior... Está tão aterrada, coitadinha! A imaculada netinha transformou-se num monstro debaixo do seu nariz. E ela nem se deu conta, tão ocupada que estava a abrir as pernas para o prodigioso Lorde Edwin McGraw! O teu avô ainda é um homem muito atraente, sabes? Eu devia fazer-lhe uma visita... De bom grado lhe saltaria para os ossos antes de lhe arrancar o coração.

Isso era mais do que eu conseguia suportar. Empurrei-a e - arrotei-a, exprobrando, chocada:

— Não podes estar a falar a sério...

A sua gargalhada contradisse-me. Arreganhou os dentes e afrontou-me:

— Sei que nunca deveste muito à inteligência... Todavia, questionares o que te entra pelos olhos é mais do que estultice, Kelda. É mediocridade! Só te perdoo essa falha porque não tens culpa de ter herdado a credulidade e a estupidez da tua mãe. Edwina também foi confrontada com o irrefutável, mas bastou-me carpir e suplicar inocência para que acreditasse que não passo de uma vítima desesperada, à procura de redenção. Nem imaginas como se tem esforçado por me ajudar a resistir à força maligna que me suga para o abismo! Tantas atenções... Tantos mimos... E tu sabes como gosto de ser mimada!

Retive o ar quando voltou a acariciar-me o rosto, prosseguindo, suave como seda:

— Porém, a ti, não posso mentir, Kelda! O nosso elo não é apenas afetivo. É místico, selado na noite em que partilhámos a mesma Visão, no topo do mais alto penhasco desta maldita ilha... A noite em que o destino nos uniu para sempre! Recordas-te de como zurraste e escoiceaste, reclamando seres tu a eleita pela Deusa? Ninguém acreditou... E com razão! Não passas de um fantoche concebido para cumprir os meus desígnios! É óbvio que a magia só se manifestou em ti para que, mais tarde, me revelasses o caminho que hoje nos colocou frente a frente.

Horripilada, ouvi-a justificar o efeito que a minha magia exercera sobre a sua essência no dia em que eu a prostrara para impedi-la de se sacrificar ao inimigo. Apesar de terrível, o que ela alegava fazia sentido. Ao devolver-lhe a vitalidade que lhe usurpara, nem me lembrara de que as nossas energias já se tinham fundido. Em consequência, acabara por impregná-la não só com magia luminosa mas também com magia obscura. E como Oriana nunca tivera contacto com o poder das trevas, não possuía defesas inatas na essência, nem treino para refrear os seus impulsos nefandos. O resultado estava à vista! No fim, eu nem sequer podia reclamar da atitude da minha mãe, pois a Rainha do Sol apenas se empenhava em salvar a jovem que criara como sua filha. Por mais que me custasse, era forçada a admitir-me culpada pela condição de Oriana.

— Lamento ter-te feito sofrer — volvi, compungida, rememorando as pragas que ela me rogara em sonhos. Se eu lhes tivesse dado a devida importância...

— Sofrer? — objetou, envolvendo as minhas faces com as mãos e aditando com uma ternura escarninha: — Não, minha inepta Kelda! Estou deliciada! É verdade que penei... Julguei-me condenada! Odiei-te por não me teres deixado morrer... Mas isso foi antes de abraçar o prazer. Agora, sinto-me como se tivesse renascido; abençoada por um poder que jamais imaginei existir. E o êxtase

crece a cada essência que usurpo! Enfim descobri o que quero... Vou desfrutar de tudo o que a vida tem para me oferecer.

Oriana acabara de me confessar, com uma ligeireza crua, que já matara sob a influência da Arte Obscura! Comecei a sentir-me nauseada. Não sabia o que dizer. Não sabia o que fazer. Os seus dedos afagavam-me os caracóis... Porém, as labaredas que testemunhavam a corrupção da essência preenchiam-lhe o olhar. Fazia-me lembrar Halvard! Essa ideia compeliu-me a rogar:

— Deixa-me ajudar-te. Posso desfazer o mal que fiz...

Recebi um repelão violento e quase caí. A expressão de Oriana gelou, os seus dentes arreganharam-se e a voz deformou-se num ronco cavernoso e minaz:

— Não ouviste nada do que eu disse, imbecil? Vais ajudar-me, sim... Mas a libertar-me das amarras desta existência miserável! — Como me quedei, perplexa, explanou num tom arrepiante: — Não obstante a Ilha dos Sonhos estar destruída, o ignóbil do meu pai teimou em celebrar a Festa da Renovação aqui, às portas do templo. Acabei por ceder «para o bem do nosso povo». Cumpri os meus deveres... Contudo, mais valia que tivesse cortado a garganta aos dois quando os tive à minha mercê!

Referia-se ao próprio Sacerdote e à Mãe da Renovação, fecundada sob a aura mística do ritual. Tamanha crispação denunciava que algo correria mal... E o que mais seria de esperar quando a bênção dependia da energia da Sacerdotisa e esta estava adulterada? Totalmente alheada da razão, Oriana continuou, como se as formalidades que outrora admirara a enojassem:

— No meio de tanta desordem, expectei que a cabra não emprenhasse. Porém, a tradição cumpriu-se! As Sábias anunciaram a chegada de uma nova cria... Uma cria que tem de morrer!

— O... O quê? — gorgolejei, com o ar a solidificar dentro dos pulmões.

— A Mãe da Renovação está prenhe de uma rapariga... E tu sabes o que isso significa!

Efetivamente, esta era uma noite de assombros! Por norma, nos rituais de renovação concebiam-se rapazes. O nascimento de uma menina profetizava o fim da atual soberana, pois essa criança haveria de ser treinada para se tornar Sacerdotisa dos Penhascos. Assim ditava a lei... E, até ao presente, a regra não falhara! Quando a Filha da Renovação atingia a idade de assumir a sua herança de sangue, a morte prostrava a rainha vigente, quer fosse por doença, imposição da idade ou, como sucedera com Amora, um infeliz acidente. Pelos vistos, as forças divinas já cuidavam da substituição de Oriana!

— Como podes ter a certeza de que é uma rapariga? — entaramelei, tentando ganhar tempo para raciocinar. E ela rugiu, esbracejando de fúria:

— Porque a vi numa Visão! Mas tu hás de impedir a concretização da minha desgraça.

— E como esperas que trave o nascimento de uma criança? — volvi, revoltada.

A réplica foi pronta, carregada de ódio e de ruindade:

— Matando a mãe, sua lerda! Eu não posso fazê-lo, pois estaria a atrair uma maldição sobre a minha cabeça... Que a maldição recaia sobre ti! Ao menos hás de ter alguma serventia, antes de tombares na podridão do submundo.

Isto já fora longe de mais! Empinei o nariz e resmoneei secamente:

— Se não queres que te cure, terás de aceitar a ajuda da minha mãe. E, desta vez, não irás enganá-la! Antes de partir, hei de certificar-me de que a tua essência será purificada.

Ela já previra a minha recusa, pois não hesitou na altercação:

— Esqueces que tenho a pedra azul? Farás o que te mando ou jamais a verás. A não ser que consideres que a vida de uma estranha é mais importante do que a salvação de Lysander!

— Isso não é justo! — recalcitrei. — Lysander não tem culpa...

— Lysander ama-te... Só por isso merece morrer!

O seu berro quase me rachou os ouvidos. Pulou sobre mim, qual cadela raivosa, com os punhos cerrados e espuma a escorrer dos cantos da boca. Desviei-me e impus distância com um gesto ameaçador, exclamando, ofegante:

— Tu estás completamente louca!

Oriana alardeou uma altivez alucinada, controvertendo, provocadora:

— Pelo contrário! Nunca estive tão lúcida! Todos os males que tornaram a minha existência deplorável têm a tua peçonha. E, não satisfeita com as humilhações que já me infligiste, ainda uniste Thorson àquela croia e trouxeste-os para o meu reino, para gozares com a minha cara! Achaste que a bênção da Pedra do Tempo faria de ti uma heroína... Porém, hás de acabar a estrebuchar na lama! — Ao verificar que eu tencionava sair, porfiou: — Vais fazer queixinhas à mamã? És tão parva que enjoas! A pedra azul está escondida... Se não cumprires as minhas ordens, jamais a verás! Além disso, até que consigas que alguém te dê ouvidos, o teu belo príncipe já terá as tripas de fora. Estás à minha mercê, querida!

O meu coração sofreu um baque. A tirana tinha razão! Com a respiração presa, vi-a remexer dentro do roupão e desvendar um punhal de prata. Estendeu-mo e demandou:

— O trabalho tem de ser feito fora do templo, para que as videntes não alcancem a verdade. Já que te apraz brincar com os *Sentinelas*, entrega-lhes a desgraçada. Assim, não sobrará um pedaço de carne nem um osso para contar a história. E não sonhes em enganar-me! A lâmina deste punhal está encantada. Deves usá-lo e trazer-mo, para que o sangue prove que cumpreste a minha vontade. — Ciente da minha relutância, aditou, implacável: — É bom que te apresses! Se não voltares antes de o dia nascer, o acordo fica desfeito... E poderás sentar-te a aguardar que o teu querido irmão faça chegar a cabeça de Lysander às tuas mãos!

Com mil ratazanas putrefactas, Oriana pensara em tudo! Até encantara o maldito punhal, afastando a possibilidade de eu lhe

plantar uma imagem falsa na mente para convencê-la da morte da jovem. Também não podia lançar um contrafeitiço à arma, pois ela aperceber-se-ia da alteração da sua marca. A lâmina de prata devia infligir um golpe fatal na vítima para que, ao examinar o sangue, a Sacerdotisa confirmasse o cumprimento da sua ordem: o raciocínio perfeito de uma mestra da Arte Obscura... Se algo corresse mal, todas as culpas recairiam sobre mim, pois seria eu quem estaria a atrair a Mãe da Renovação para fora do templo e teria nas mãos o punhal destinado a matá-la.

Atravessei o corredor deserto da ala nobre do templo, rubra de raiva e de frustração. As Mães da Renovação desfrutavam de regalias especiais, por isso o meu alvo encontrava-se num quarto isolado, acompanhada pelas videntes que a serviam. Certifiquei-me de que estas continuavam a dormir profundamente. Depois, abeirei-me da cama onde repousava a jovem que se submetera ao Sacerdote, a fim de assegurar a mais aberrante tradição do seu povo. Pousei-lhe uma mão na testa e ela sentou-se, de olhos abertos, mas cega para a realidade. Levantou-se e ficou-se ao meu lado, subjugada pela superioridade da minha magia. Observei-a na penumbra... Era bonita, com a pele dourada característica do seu povo a contrastar fortemente com o azul puro do olhar. A mistura de sangue nativo com sangue viquingue tornava-se óbvia, até na cor e textura dos seus cabelos. Trajava uma camisa cujo tecido grosso não ocultava a barriga saliente. Tinha, no máximo, dezassete anos... E uma ameaça terrível a pender sobre a cabeça.

«*Segue-me*», ordenei com a voz da mente.

Os pés descalços ensaiaram passos incertos, mas prestes ganharam firmeza. Saímos do templo sem nos cruzarmos com ninguém. Oriana garantia que nada perturbaria a satisfação da sua vontade... Como é que eu planeava contrariá-la? Ainda não me ocorrera uma solução. Só sabia que não podia concretizar o crime hediondo que ela me encomendara.

Já não me sentia culpada pelas barbaridades que a Sacerdotisa cometera sob a influência da Arte Obscura. Os nossos pais jamais

lhe recusariam ajuda, se ela a tivesse solicitado. Ao invés, escolhera desfrutar da magia negra... A verdade é que Oriana sempre fora fortemente atraída pelo poder. Agora, a sua ambição transformara-a numa assassina. Eu até podia ser estulta por não ter atendido aos sinais que denunciavam a sua perversão. Porém, não sujaria as mãos de sangue inocente para seu deleite, nem que as ratazanas ganhassem asas!

Detive-me para recuperar o fôlego. À minha esquerda, estendia-se o trilho que nos levaria à praia; à direita, o trilho que nos conduziria ao coração da floresta. Um vento súbito quase me arrancou os pés do chão. A Mãe da Renovação não se mexeu, aguardando instruções. Fixei o céu e constatei que as estrelas desapareciam rapidamente, encobertas por um manto denso de nuvens. O Sol seria incapaz de nos abençoar com a sua luz quando a manhã chegasse ao arquipélago. O mar já se encrespava e um nevoeiro cerrado cavalgava sobre as rochas que se erguiam fora de água, prestes a invadir terra. Uma tempestade aproximava-se... E adivinhava-se implacável, arrasadora; o cenário perfeito para o triunfo da Sacerdotisa. Contudo, para seu azar, Oriana não me conhecia tão bem como julgava!

Estava provado que a própria Ilha dos Penhascos se insurgira contra a soberana, ao ditar o nascimento da sua sucessora. Logo, era minha obrigação impedir que um infortúnio se abatesse sobre a filha dos rituais de Renovação! Fechei os olhos, abri os braços e respirei fundo, deixando a energia do solo fundir-se com a minha essência. Supliquei por orientação... E, de repente, soube o que tinha de fazer. Dei a mão à jovem e encorajei-a a andar depressa. Ao alcançarmos a bifurcação, virei para a direita com uma certeza: Oriana não escaparia impune!

Já percorrera estes trilhos centenas de vezes. A escuridão não me estorvava. Mesmo com uma saca enfiada na cabeça, seria capaz de encontrar o acampamento dos lenhadores. Marchei determinada, com a Mãe da Renovação a tropeçar atrás de mim, imersa no

encantamento. Só pensava no que diria ao avô Edwin. Tinha a certeza de que ele acreditaria em mim e me apoiaria, mas impunha-se cuidado na escolha das palavras. Afinal, neste território, a vontade da Sacerdotisa era lei e o meu povo necessitava de continuar sob a sua proteção, pelo menos até ao fim do inverno. Além disso, ainda tinha de considerar a interferência da minha tia. Ingrid estava muito perturbada! Se a veneranda neta viesse com falinhas mansas, acabaria por se enredar nas suas mentiras e entregar-lhe-ia a jovem, julgando estar a agir para o bem de todos.

De onde surgira esta neblina? Era impossível que a cerração que eu vira sobre o mar já tivesse chegado aqui! Estava a brotar do solo... Vi o caminho desaparecer à minha frente e os arbustos mais baixos a serem engolidos. Braços de névoa trepavam pelos troncos das árvores, uniam-se junto às copas e tombavam sobre nós como flocos de neve... se a neve fosse quente! Estaquei com o fôlego descompassado, ao sentir a humidade cálida a envolver-me a pele. Isto era uma manifestação mística! Será que Oriana se apercebera da minha transgressão?

Puxei a jovem contra o meu corpo e desembainhei o punhal, resolvida a usá-lo contra quem se revelasse para nos ameaçar. Se chegássemos a tanto, conseguiria matar Oriana? Apesar de tudo, ela era minha irmã de criação. Se eu não fora capaz de prostrar Halvard...

Senti os pelos da nuca a eriçarem-se e engoli em seco, ciente da energia que acometia contra nós. Veloz... Fenomenal... Arrasadora... O nevoeiro envolvara-nos e deixara-me cega. Até a minha habilidade para enxergar na bruma falhava! Fechei os olhos e apurei o instinto. Então, foi como se uma rajada de vento passasse, abanando as nossas vestes, sacudindo os nossos cabelos... A energia sobrepujara-nos, mas o ente que a originara detinha-se a curta distância. Comecei por sentir o cheiro de erva fresca, o perfume da terra molhada, o odor do suor a impregnar pelo... Depois, o som cavo e arrepiante de um rosnado alcançou-me os ouvidos. Abri os

olhos e deparei com um espírito abençoado... Um gigantesco lobo cinzento, tão terrífico quanto majestoso.

Era impossível confundir esta criatura com o Líder de Alcateia que me prostrara na Montanha Sagrada. Os seus olhos irradiavam uma luz que aturdiava, candente como o Sol. A névoa tecia-lhe reflexos de fogo, ouro e prata sobre o pelo. O seu corpo era sólido, robusto como uma montanha. Porém, dir-se-ia feito de ar tal a leveza com que se movia. Eu conhecia-o... O homem que albergava a sua essência ocupava um lugar muito especial no meu coração! Baixei o punhal, tentando compreender o que estava a acontecer. Então, o lobo agitou a cabeça como se me ordenasse que o seguisse. Sem mais, mergulhou no nevoeiro... E lancei-me no seu encalço, apertando a mão da Mãe da Renovação com firmeza.

Conforme avançávamos, o nevoeiro ia-se dissipando. Era difícil acompanhar o lobo. Além de evitar as armadilhas da floresta, tinha de arrastar a jovem enfeitada atrás de mim. Despertá-la não era opção. Mal se deparasse comigo, os seus berros de pavor alertariam toda a ilha.

A incursão terminou numa clareira que me era familiar. Fora aqui que, há alguns anos, os espíritos dos meus avós Throst e Catelyn tinham implantado a sua morada para me treinarem. Após partirem, as ruínas de pedra que originalmente ocupavam o solo sagrado haviam reclamado o seu lugar. Ainda assim, uma magia grandiosa pululava em nosso redor. O lobo cinzento desaparecera... Afilei o olhar através da bruma e sustive o fôlego. Quase de imediato, o vulto de um homem surgiu de entre as pedras. Não me assustei, pois sabia de quem se tratava.

— Ulfvaldr... — apelei para atrair a sua atenção.

— Kelda? — inquiriu, precipitando-se ao meu encontro. Quando consegui divisar com clareza através da bruma, assustei-me com o palor do seu rosto. Sem cerimónias, esmagou-me contra o peito. Fiquei aturdida ao senti-lo tremer, enquanto ciciava por entre sopros de aflição:

— Despertei com o teu nome a estrondear dentro da cabeça. Depois, sem saber como, vim parar a este sítio...

— Também estou aqui porque segui o espírito do teu lobo — repliquei mansamente, ao decifrar o significado deste prodígio. — No entanto, não fui eu que chamei por ti, nem tu que chamaste por mim. Foi a vontade da magia que nos juntou, Ulfvaldr! Eu buscava o auxílio do meu avô, mas parece que a Ilha dos Penhascos deseja que sejas tu a ajudar-me.

O meu primo afastou-se o suficiente para me encarar. Espreitou por cima do meu ombro e franziu o sobrolho, indagando:

— O que foi que aconteceu? Quem é essa rapariga?

Apesar de ter a certeza de que estávamos encobertos pelo véu místico da ilha, conduzi-o para o interior das ruínas, de modo a que ninguém nos visse. Acomodei a Mãe da Renovação num tapete de erva fofa e sentei-me em cima de uma pedra, diante de Ulfvaldr. Em poucas palavras, expliquei-lhe a gravidade da situação. O meu primo ouviu-me e, como de costume, não me contestou. As lágrimas subiram-me aos olhos, ao congeminar que ele era a única pessoa que confiava incondicionalmente em mim. Não necessitava de testemunhos, nem de provas; a minha palavra era quanto bastava para que colocasse os seus recursos ao meu dispor.

— Só não entendo uma coisa... — murmurou, fixando a Mãe da Renovação. — Se nunca tencionaste cumprir as ordens de Oriana, porque a trouxeste até aqui?

— Se a deixasse naquele antro estaria a condená-la — ripostei num sussurro. — Oriana está determinada em evitar o nascimento da criança. Mal descubra que a enganei, virará a ilha do avesso até capturá-las! Não sei se Trygve e a minha mãe serão capazes de reabilitá-la a tempo...

— Por isso, queres que eu proteja a rapariga — concluiu, circunspecto.

— Fá-lo-ás por esta terra e pela sua gente? — roguei, ansiosa. E Ulfvaldr não me dececionou:

— Se for preciso, levo-a para o Norte. Fica descansada! Não permitirei que toquem num fio do seu cabelo. Mas... E agora? O que dirás a Oriana?

Suspirei e passei a mão pela testa, ciente de que essa era a questão fundamental.

— Tenho de convencê-la de que o seu plano corria na perfeição, quando os *Sentinelas* nos atacaram e me arrancaram a rapariga das mãos, antes que eu conseguisse usar o punhal. Vou já à passagem lançar a maldita arma para o meio das rochas. Se Oriana a achar, pensará que a perdi durante a luta. Como não pode ler a minha mente, ficará a cismar se estou ou não a mentir. E, enquanto mastiga a dúvida, arranjarei uma maneira de contar tudo à minha mãe. Só a Rainha do Sol pode despertar Trygve para a gravidade...

Calei-me abruptamente quando uma pequena luz rasgou as trevas. Em simultâneo, outra acendeu-se sobre o nariz de Ulfvaldr. Ele esbracejou para afastá-la, praguejando:

— Malditos bichos!

As luzes esvoaçaram à nossa volta, entrecruzando-se como se dançassem. Estávamos na Ilha dos Penhascos, em pleno inverno... Não podiam ser pirilampos! De repente, precipitaram-se para o meio das pedras e um esplendor surgiu no local onde sumiram. Ulfvaldr pôs-se de pé e imitei-o. Estupefactos, verificámos que o clarão provinha de uma abertura na terra. Teria estado sempre ali, sem que reparássemos? Não! Eu sentia a energia mística a deslizar pela pele... E o meu primo também, pois esfregava os braços por cima do casaco grosso e indagava, perspicaz:

— Vais dizer-me que isto é a magia da ilha a manifestar-se?

Acenei com a cabeça e ripostei, ofegante:

— Acho que estamos a ser convidados a entrar.

Centenas de bichinhos reluzentes colavam-se às paredes de uma -ladeira que se afundava no solo, como se nos indicassem o caminho a seguir. Chamei a Mãe da Renovação e ela aproximou-se no seu passo sonâmbulo. Dispus-me a avançar, mas Ulfvaldr deteve-me:

— Tens a certeza de que é seguro? Lembra-te de que esta ilha pertence a Oriana... Ela pode estar a manipular a sua magia com o propósito de te atrair para uma armadilha.

Fixei-o e objetei com firmeza:

— Esta ilha já não pertence a Oriana... Pertence à criança que esta rapariga guarda no ventre. E, ou muito me engano, ou a solução para este dilema está prestes a ser desvendada.

Ulfvaldr quis ir à frente. Caminhávamos com a jovem entre nós através de uma passagem que, não sendo demasiado inclinada, dir-se-ia mergulhar até às profundezas da terra. Possuía bifurcações, mas os bichinhos continuavam a iluminar o nosso rumo. Agora que se quedavam tão próximos, assemelhavam-se mais a minúsculas borboletas do que a pirilampos.

Por fim, a passagem desembocou num corredor de pedra polida que refletia a luz emanada pelas criaturas aladas. As paredes estavam enfeitadas com caracteres que, eu quase afiançava, eram iguais àqueles que se encontravam esculpidos na laje da caverna da Ilha dos Sonhos, identificada como um Altar do Mundo.

— Entendes o que aqui está escrito? — indagou Ulfvaldr, curioso.

Sacudi a cabeça em negação. Apesar de ter vivido na ilha e estudado a sua história, nem apelando à energia exclusiva que usurpara a Oriana era capaz de decifrar o significado da mensagem contida nos desenhos. Provavelmente, estes haviam sido gravados antes de o Conselho dos Seres Superiores exilar neste solo a feiticeira que desafiara o Mestre Supremo: a primeira Sacerdotisa dos Penhascos. A confirmar-se tal suspeita, a magia que governava este lugar era antiquíssima! Talvez remontasse ao tempo em que os dragões reinavam na Terra...

— Não tem saída — declarou Ulfvaldr, arrancando-me às cogitações.

Diante de nós, erguia-se uma parede tão sólida como a que forrava o corredor. Porém, as borboletas não tinham dificuldade em atravessá-la, quais espíritos fulgurantes. Movida pelo instinto, apro-

ximei-me e repousei as mãos na pedra. Não pensei na minha magia, nem na magia de Oriana. Simplesmente libertei-me de todos os pensamentos. E, prestes, senti a energia da rocha fluir por mim, como lava a queimar-me por dentro.

A realidade desvaneceu-se e a minha mente foi preenchida por uma luz candente. Quando o brilho se atenuou, distingui o azul do céu e o azul do mar, o castanho das rochas que formavam a Ilha dos Sonhos e o verde luxuriante da sua floresta, milhares de anos antes de Deimos a destruir. No cume da Montanha da Magia, sob o testemunho das Pedras do Mundo, uma criatura sustinha-se... Possuía aspeto humano, mas era feita de energia! As suas mãos seguravam uma concha de pedra negra e cintilante. Homens e mulheres ajoelhavam-se aos seus pés, carregando nos corpos o testemunho de maleitas graves. Então, o ser divino molhava um dos seus dedos na concha e besuntava os lábios dos enfermos. E estes regeneravam-se num fôlego libertador.

Escutei o meu nome várias vezes, antes de conseguir encarar o rosto aflito de Ulfvaldr:

— Kelda... Acorda! Estás bem?

Percebi que desfalecera por instantes. Contudo, era óbvio que a magia deste lugar reconhecera a minha essência! A pedra que bloqueava o nosso progresso afundara-se no solo, descobrindo uma câmara. Aceitei a ajuda do meu primo para me levantar. E o meu queixo pendeu ao constatar o prodígio que se revelava.

As leis da razão não se aplicavam nos lugares onde a magia imperava. Acabáramos de entrar numa caverna que eu juraria ser constituída pela mesma matéria que a Pedra do Tempo. A rocha negra e cintilante envolvia todo o espaço e irradiava uma energia fresca, pura, sadia, formando um círculo perfeito. No centro da câmara, algo estranho sustinha-se no teto, como uma lagoa de energia que borbulhava por cima das nossas cabeças. Era para lá que as borboletas se dirigiam, mergulhando no esplendor e desaparecendo, para voltarem a surgir incólumes como se a

substância que originava o fenómeno fosse a base da sua própria essência.

Conforme as borboletas imergiam e emergiam, arrastavam consigo gotas de luz. Esses pingos cintilantes tombavam suavemente sobre uma espécie de vaso que brotava da pedra do chão. O vaso era composto por uma taça e um pé adornado com veios, os quais conduziam a uma protuberância em forma de concha. A taça parecia repleta de vida... Aproximei-me e prendi a respiração ao deparar com um amontoado de larvas luminosas, a deslizarem e a contorcerem-se, libertando um suco translúcido que vertia em fio pelos rebordos do vaso, escorria pelos veios rasgados no pé e terminava recolhido na concha... A concha que eu vira nas mãos do ser divino!

— Mas que coisa...? — começou Ulfvaldr, esboçando uma careta. Porém detive-o, observando:

— Olha com atenção. As borboletas libertam as gotas de luz e as lagartas consomem-nas para produzirem o muco. Isto é magia convertida em algo real, palpável, que pode ser utilizado pelo mais comum dos Homens.

— Utilizado para quê? — resmoneou. — Aquilo é repugnante, Kelda!

— Não... — sussurrei maravilhada. — É uma dádiva divina!

Devia contar-lhe sobre a Visão que tivera? Não. A revelação servira exclusivamente para me elucidar. Hoje aprendera que as ilhas deste arquipélago partilhavam uma ligação muito mais profunda do que aquela que a primeira Sacerdotisa estabelecera com a Festa da Renovação. Ao revelar esse segredo estaria a trair a confiança da magia que alimentava a Ilha dos Penhascos.

— Dá-me o teu punhal — pedi, circunspecta. — Não posso usar o de Oriana.

Ulfvaldr mirou-me com estranheza, mas condescendeu. Ao ver-me lacerar um pulso, soltou uma exclamação chocada. Quis deter-me, mas ripostei com uma determinação férrea:

— Fica quieto! Confias em mim ou não?

O sangue escorria para o chão e a pedra cintilante absorvia-o. Não tinha a certeza de estar a proceder corretamente, mas Lysander ensinara-me que nunca se devia retirar nada de um lugar sagrado sem deixar algo em troca. Sangue era vida; o mais puro dos sacrifícios, a mais perfeita das ofertas. Quando achei que era suficiente, dirigi-me à concha. Molhei um dedo no muco e levei-o aos lábios. O protesto horrorizado de Ulfvaldr transformou-se num gorgolejo de asco... Esbocei um sorriso. Se ele soubesse como o muco era delicioso, tão doce que fazia lembrar os rebuçados de Sigarr! De imediato, um calor morno deslizou-me pela garganta e espalhou-se por todo o corpo. Fixei o pulso para confirmar o prodígio. Depois, exhibi-o ao meu primo, a tempo de ele me ver sarar sob o efeito da magia miraculosa.

— Não pode ser... — gaguejou, tão abismado quanto nauseado.
— Isso é... ranho curativo?

— Vem cá — apelei. — É a tua vez!

Julguei que iria recusar-se, mas acabou por me obsequiar.

— Só tu para me convenceres... — mastigou, desgostoso. — Se eu vomitar...

A ideia ficou suspensa. Sorri em resposta e lacerei-lhe a mão. O seu sangue escorreu para o chão e a pedra assimilou-o, tal como sucedera comigo. Existia uma solenidade nesta experiência que fazia os olhos de Ulfvaldr brilharem ao fixar-me. Não era difícil adivinhar o que lhe ia na cabeça! Com mil ratazanas atormentadas, quando é que ele se convenceria de que tinha de me arrancar do coração? Vi os seus lábios entreabrirem-se e, antes que dissesse uma tolice embaraçosa, apontei para a concha e declarei:

— Sabes o que se segue!

Foi a sua vez de esboçar um sorriso que misturava tristeza e sarcasmo, ciente de que eu me apercebera da sua comoção e me apressara a cortá-la cerne. Com o cenho franzido e os dentes cerrados, molhou um dedo no muco. Demorou a levá-lo aos lábios... Contudo, mal tomou o gosto, a sua expressão alterou-se. Ficou tão

surpreso e deliciado que tornou a estender o braço para a concha. Tive de lhe dar uma palmada para afastá-lo.

— Não abuses — ralhei. — Só deves usar o que precisas... Olha para a tua mão.

Estava sarada, sem vestígios do golpe. Concedi-lhe um momento para se refazer. E ele provou a agudeza do seu raciocínio ao enunciar:

— A Ilha dos Penhascos ofereceu-te a solução para o problema! Podes besuntar o punhal no sangue da rapariga, que Oriana jamais desconfiará que ela sobreviveu ao teu ataque.

— Enquanto isso, tu cuidarás dela — completei. — Dar-lhe-ás o mucro e mantê-la-ás escondida, até que o juízo de Oriana se restabeleça.

Fixámos a pobre infeliz e ele entaramelou, hesitante:

— Já sabes como irás...? Não podes prejudicar a criança.

Respirei fundo, reunindo coragem para concretizar a atrocidade. Não era fácil, mesmo com a certeza de que a jovem ficaria bem.

— Estás pronto? — indaguei. E Ulfvaldr assentiu:

— Sim... Não hesites, Kelda. Cada instante que perdemos pode comprometer o futuro.

CAPÍTULO 18

— Aqui não! — determinou Oriana quando me viu suja de sangue.
— Segue-me.

Dirigiu-se ao altar e revelou a passagem secreta. Fiquei a observá-la, ofegante devido à corrida que me levara ao seu quarto. As videntes não demorariam a acordar, pois pulavam das camas antes do romper do dia. Como é que a Sacerdotisa ia encará-las, depois do que fizera? Tal não parecia preocupá-la minimamente! Estava... excitada, até radiante! Já se vestira, mas não com os trajes impostos pela sua condição. Exibia roupas de corte direito e cor neutra, como uma simples aldeã usaria para cumprir uma tarefa fora de casa. Acreditaria que eu ia deixá-la sair do templo depois disto? E, mesmo que assim fosse, para onde tencionava ir? Sacudi os ombros. Se Halvard me ensinara algo, fora a inutilidade de tentar justificar as atitudes de um alienado.

A entrada para a Gruta das Vozes Ancestrais estava exposta. Oriana desceu as escadas em silêncio, obrigando-me a segui-la. Mal pisei os primeiros degraus, arrepiei-me até ao âmago. Este berço de magia era composto por uma câmara imensa, de teto alto e côncavo, cujas paredes de pedra estavam cobertas com desenhos que narravam a história do Povo dos Penhascos e a forma como esta influenciava a sorte da Terra. Tão precioso testemunho fora pintado pelos punhos das sucessivas soberanas, durante as suas Visões... E fora uma Visão catastrófica de Oriana que me fizera embarcar para o Sul, em seu lugar, convicta de que estava a ludibriar o destino. Porém, começava a suspeitar que apenas adiara o inevitável!

O solo argiloso da gruta estalou debaixo dos pés da tirana. Sem hesitar, dirigiu-se ao Esteio das Almas: uma formação repleta de cristais, que brotava do chão e se erguia acima da sua cabeça. Segundo me fora explicado, cada uma daquelas gemas acolhia a essência de uma Sacerdotisa. Ou seja, quando uma rainha morria, o seu espírito ressurgia no Esteio sob a forma de uma pedra cintilante,

para que a sua magia pudesse orientar as futuras soberanas sempre que estas buscassem aconselhamento através de uma Visão.

Na última vez que eu aqui estivera, a essência de Amora tinha acabado de emergir no topo da formação... Agora, a meio das escadas, os meus olhos arregalavam-se de terror. O Esteio das Almas fora profanado! Existiam marcas profundas de golpes de lâmina em torno dos cristais, como se uma mão movida pelo ódio tivesse tentado arrancá-los. E não era tudo! Dois homens estavam tombados junto à parede... Dois cadáveres nus e ressequidos como se mumificados! Com mil ratazanas empedernidas, Oriana tivera coragem...?

— O que foi, Kelda? — apelou com desdém. — Vais ficar aí parada, com cara de parva?

— Esses homens...? — inquiri horripilada. E ela devolveu:

— Meteram-se onde não eram chamados. O que é que te importa isso? Para de distrair essa cabecinha exígua! O nosso tempo urge!

— Tu mataste dois Filhos da Renovação? — titubeei, inferindo que esta execração se estendia para além do que eu imaginara. Oriana não prostrara os guerreiros por estes terem descoberto as suas insídias... Prostrara-os para assimilar as suas essências!

— Dá-me o punhal!

O seu berro autoritário forçou-me a reagir. Não havia nada a fazer por aqueles infelizes, mas podia salvar muitos outros. Para isso, tinha de finalizar com sucesso a teia que a Ilha dos Penhascos me ajudara a tecer. Oriana quedava-se junto ao Esteio com a mão esticada, a bufar de impaciência. Fui ao seu encontro com o fôlego preso. Este momento era crucial! Se a aleivosa fosse capaz de enxergar para além daquilo que a prata enfeitiçada lhe revelava, não só se aperceberia de que a barbaridade não ocorrera nos penhascos, como pressentiria a energia de Ulfvaldr... E saberia que fora enganada! Vi as chamas malignas acenderem-se nos seus olhos, enquanto cheirava a arma e lambia a lâmina. Porém, mal assimilou o sangue, urrou extasiada:

— Um golpe limpo na garganta... Francamente, querida, duvidei de que fosses capaz! Parece que não és assim tão imprestável quando te empenhas num objetivo. Livraste-te do corpo...?

— Os *Sentinelas* trataram de tudo — cortei para evitar mais questões. — Agora dá-me a pedra azul!

— Não te enerves — motejou. — Sabes que sou uma mulher de palavra.

Dito isso, baixou-se ao lado do Esteio e, com a ponta do punhal, soltou um pedaço de barro da sua base, revelando o amuleto escondido num buraco. Estendeu-mo, exclamando com um sorriso descontraído, como se estivéssemos a desfrutar de um piquenique:

— Parabéns, Kelda! Reuniste as sete pedras mágicas da feiticeira Aranwen! Trá-las contigo?

Senti um imenso alívio ao pôr a pedra azul dentro da bolsa de cintura, junto das outras seis. Era óbvio que as carregava comigo! Depois do que penara para cumprir a vontade da Pedra do Tempo, não me arriscava a perdê-las de vista. Contudo, não pretendia dar-lhe o gosto de uma resposta. Enfim, Oriana deixara de ter controlo sobre mim! Era tempo de lhe ensinar a não brincar com a magia negra... Ainda assim, não resisti a interpelá-la, apontando para o Esteio:

— Ousaste atentar contra os espíritos das tuas antepassadas?

— Deixa-te de pieguices! — retrucou, sem um pinga de remorso. — Não percebes que a farsa terminou? Acabaram-se as Sacerdotisas! Mataste a minha sucessora... E eu não pretendo continuar nesta ilha que me sufoca como uma prisão! Os cristais do Esteio já não têm serventia, por isso lembrei-me de os levar. Se não pudesse assimilar a sua magia, talvez os vendesse por bom preço! Porém, fui incapaz de desencravá-los. — Gargalhou ante a minha concussão e aditou provocadora: — Queres tentar arrancá-los, Kelda? Se conseguires, dou-te um... Talvez aquele que alberga o espírito da minha antecessora! Poderás oferecê-lo à Rainha do Sol, para que jamais se esqueça de que a venerada Sacerdotisa Amora sacrificou a vida para salvá-la.

— Como podes falar assim? Amora era tua mãe! — rosnei. E a minha exprobração deu-lhe a volta à cabeça. Num ápice, o riso transformou-se em guinchos de fúria:

— Amora mais não era do que uma rameira desejosa de seduzir Trygve! A necessidade de gerar uma criança à revelia da lei foi um mero pretexto para consumir a sua luxúria. Os dois continuaram a fornicar como cães até ao dia em que a morte os separou. Devo reverenciar a mulher que nunca me reconheceu como filha? E que moral possui Trygve para me exigir que obedea cegamente às regras que ele próprio se fartou de quebrar? Desde que a Arte Obscura me abriu os olhos só me apetece cuspir-lhe para a cara. Odeio-o! Odeio-o!

O fogo consumia-lhe o olhar. Batia com os pés na argila e roncava, qual trompa desafinada:

— Odeio-vos a todos! Quero-vos mortos! Mortos!

Sacudi a cabeça, transtornada. A perturbação de Oriana agravava-se a cada fôlego.

— E tu és a maior embusteira, sempre a fingires ser minha amiga — cuspiu rancorosa. — Falsa! Traidora! Não descansaste enquanto não roubaste o meu destino! Porque tinhas de estar no penhasco na noite em que a Deusa se manifestou? Só eu devia ter assistido à sua declaração e recebido a sua graça! Eu sou a verdadeira eleita da Deusa, iluminada pela sua sabedoria...

— Tu és um logro! — brami, com a paciência a esvair-se. — Se não me tivesses seguido nessa noite, armada em coscuvilheira, nem em sonhos terias assistido à revelação mística!

Ela estacou como se tivesse recebido uma bofetada. Arrependi-me de ter revidado, pois o meu despeito só ia alimentar o seu desvario. Arrastou a voz ao devolver, gélida e sobranceira:

— Julgas-te melhor do que eu? A guerreira Kelda, abençoada pela Pedra do Tempo, prestes a assimilar a magia da antepassada feiticeira para salvar o seu grande amor... Pois fica sabendo que, assim que Lysander regressar, virá a correr para a minha cama,

desejoso de voltar a desfrutar do meu corpo e de sentir o calor do nosso filho, que guardo no meu ventre!

O quê!? Fui assolada pelo espanto. Oriana era capaz de inventar os piores despautérios para me ultrajar! Empinei o nariz e controverti, desdenhosa:

— Tu, grávida de Lysander? Achas que vou engolir uma mentira tão ridícula? Como se ele fosse capaz de te pôr um dedo em cima...

— Lysander pôs-me todos os dedos em cima, sua miserável! Enterrou-os na minha carne e uivou de prazer, enquanto plantava a sua semente dentro de mim...

— Chega! — atalhei, chocada. — Não tenho tempo para tolices!

Sairia da Gruta e trancaria a porta com magia. Oriana podia ser mestra da Arte Obscura, mas tinha muito que treinar para suplantar o meu poder. Mantê-la-ia aprisionada aqui para que não causasse mais estragos, até convencer a minha mãe e Trygve da sua periculosidade... Porém, ciente do meu propósito, ela saltou para a minha frente e brandiu o punhal, guinchando:

— Tenta passar por mim e juro que te mato!

Agitou a mão como se fosse fulminar-me com uma descarga de energia. Levantei o braço para me defender... Então, os meus pelos eriçaram-se ao ouvir gemer:

— Ahhh... Ahhh...

De soslaio, vi um dos guerreiros a erguer-se... E o companheiro também se mexia! Quedei-me, terrificada. Os mortos regressavam à vida, tomando fôlegos profundos que ressoavam como o sibilo do vento através de uma fenda estreita. Os cabelos desgrehados deslizaram sobre a pele cinzenta, encarquilhada e ressequida, desvendando rostos familiares. Um já estava de pé e estendia-me a mão como se suplicasse ajuda. Chamava-se Brand e era pouco mais velho do que Oriana... Oriana matara um irmão!? Era evidente que o jovem que eu tantas vezes vira treinar com Korn já não habitava aquele corpo. Os olhos verdes haviam sido engolidos pelas cavidades. Os lábios que se moviam para renovarem o incessante apelo tinham um tom roxo, macerado. A sua energia vital fora

sugada até à última gota! Agora, uma energia abominável despertara-o do sono eterno... A vontade de uma mestra da Arte Obscura!

— Ahhh... Ahhh... — gorgolejou, prestes a alcançar-me. Engoli com força e pulei para trás. Nesse instante, Oriana arremeteu contra mim e prostrou-me.

Rebolámos no chão e, só por pouco, evitei que me espetasse o punhal no pescoço. Não era fácil enfrentar alguém que não desejávamos magoar quando esse alguém tentava matar-nos! Oriana fustigou-me com sucessivos malefícios, esforçando-se por se impor. Desfiz as pragas sem custo e imobilizei-a, pronta para lhe usurpar a consciência. Então, a nossa proximidade denunciou algo que me deixou tolhida, sem ar... Oriana estava realmente grávida!

A hesitação foi fatal. De súbito, garras afiladas cravaram-se nos meus ombros, empuxando-me para trás. Fui arrancada de cima da Sacerdotisa, arremessada contra a parede... E, antes que pudesse levantar-me, tinha um cadáver possuído por um espírito maligno a esmagar-me. Os dedos ressequidos de Brand perfuravam como lâminas, na ânsia de me destroçar. Um violento esticão nas pernas indicou-me que o seu irmão também me alcançara. Gritei ao sentir a carne rasgar-se... O monstro cravara-me os dentes e sacudia-se num frenesim, empenhado em arrancar um pedaço da minha coxa. Brand já inclinava a cabeça, com a boca distendida... Ia atacar! Sem contemplações, evoquei a Arte e projetei-os para longe... Os mortos estavam a ser sustentados pela magia negra de Oriana. Se a subjugassem, poria fim ao pesadelo.

Ergui-me resoluta... Todavia, o meu coração sofreu um baque ao vê-la no topo das escadas, aguardando a minha atenção. Acenava uma despedida com a mão direita... E, na esquerda, exibia a minha bolsa de cintura! Atirou-me um beijo e escarneceu, vitoriosa:

— És tão fátua e previsível... Até metes dó, Kelda! Graças a ti, as pedras de Aranwen são minhas. Vou assimilar a sua magia... Vou tornar-me invencível!

Com mil ratazanas assanhadas, esta confusão não passara de um ardil para me roubar! Quase voei pelas escadas, tentando alcançá-la. Porém, a infame levava um grande avanço. Brami iracunda quando a porta secreta se fechou na minha cara. Não fazia mal! Eu conhecia os segredos dos seus feitiços. Rosnei aquele que obrigaria a pedra a ceder-me passagem... Mas nada aconteceu! Repeti-o... E o riso enlouquecido da Sacerdotisa ecoou no quarto, atravessou a parede e feriu-me os ouvidos.

— Tomas-me por parva, Kelda? Achas que, depois de usurpares o meu conhecimento, seria tão descuidada que não modificaria os sortilégios? Podes desfazer a garganta a berrar por socorro que ninguém conseguirá salvar-te. Hás de morrer e apodrecer aí...

O instinto alertou-me para o perigo. A energia que nutria os cadáveres consolidava-se. Brand galgava as escadas com a bocarra escancarada. Saltou qual fera... Contudo, apesar de o patamar ser exíguo, consegui repeli-lo com um pontapé. Voou sobre os degraus e esmagou-se contra a argila. Pulei atrás dele e alcancei-o antes de se levantar. Sentei-me sobre as suas costas e usei as pernas para imobilizá-lo. Depois, apertei-lhe a cabeça entre as mãos e rodei os braços com toda a força. O meu urro abafou o estalo do seu pescoço, quando o osso se quebrou. «*Não se pode matar o que já está morto*», dissera Lysander certa vez, ao explicar-me como se destruíra um espírito errante... Eu tinha de lhe desfazer os miolos, pois era nestes que a magia negra se alojava. Evoquei a Arte e trespassei a sua frente com um espigão de luz.

O segundo guerreiro ficara onde caíra aquando do meu repelão de energia, vagindo o seu cântico de arrepiar. Tinha tantos ossos quebrados que era incapaz de se suster. Não conseguia recordar-me do seu nome. De entre os Filhos da Renovação mais velhos, poucos se haviam incomodado a dirigir-me a palavra. Pus fim ao seu tormento... E o silêncio inundou a câmara.

O que fazer? O meu olhar foi atraído para os desenhos resultantes das adivinhações de Oriana. Algo se sobrepunha aos riscos negros interpretados como a sua morte e a condenação da Terra. Ciente de

que a sua sorte mudara, a Sacerdotisa invocara uma nova Visão... Talvez esta me desse uma pista sobre como detê-la.

Ajoelhei-me junto à parede para estudar as figuras e remói a frustração, ao constatar que estavam impercetíveis. Sobre os frutos da Visão ocultos, havia mais marcas de sangue: a tentativa consciente de delinear outro futuro! No entanto, despojada do êxtase místico, Oriana apenas traçara borrões. Resolvida a decifrar o seu intento, pressionei a mão contra essas manchas. De imediato, uma sucessão de imagens invadiu-me a mente, desfazendo o enigma.

Assim que me assumira como Sacerdotisa dos Penhascos, diante de Deimos, o destino concertara-se. Vi claramente o nascimento de uma nova soberana na ilha e os povos da Terra a celebrarem a derrota do Filho do Dragão... Porém, não era isso que Oriana desejava! Ficara tão transtornada que, apesar de o recente vaticínio favorecer o Homem, decidira forjar uma sina que cumprisse a sua ambição. Para isso, lacerara as mãos e usara o sangue para encobrir a Visão original, pintando, por cima desta, a morte da Mãe da Renovação e a sua fuga da ilha.

Tombei na argila, esforçando-me por respirar. A magia negra lançara Oriana numa queda vertiginosa no abismo da danação. Alegava ter engravidado de Lysander... E, de facto, estava prenhe! Soltei um gemido pungente. Se ela não mentira, a partida do príncipe da Gente Bela devia tê-la deixado ainda mais iracunda e rancorosa. Decerto julgara-se perdida... Até ao instante em que Thorson surgira. Por isso ficara tão satisfeita por nos ver! Encarara o príncipe vândalo como a sua salvação... Achara que a paixão que os unira se reacenderia e que os dois partiriam, desprezando os demais! Porém, as suas expectativas jamais se concretizariam. Thorson já não a amava... De repente, o pesadelo que me assombrara na noite em que chegara à ilha assumia-se como o desfecho deste enredo abominável. Já sabia para onde a Sacerdotisa se dirigia e o que pretendia! Tinha de detê-la ou tudo estaria perdido.

Impelida por essa certeza, pus-me de pé e subi as escadas. Esmurrei a pedra que me bloqueava a saída até lacerar a carne, cuspiendo todos os sortilégios que poderiam debelar o empenho de Oriana. Nada resultou. Desatei a gritar... Mas não obtive resposta. Com mil ratazanas desembestadas, se a passagem não se abria a bem, haveria de se abrir a mal!

Fixei o objetivo, com a magia a abrasar-me o sangue. Concentrei toda a veemência do meu poder num único fôlego e arremessei essa energia contra a porta. Esperei ouvir um estrondo e ver uma miríade de destroços a serem projetados. Porém, ao invés de fazer ruir a pedra, a luz ardente trepou por ela, qual onda ao embater num penhasco... E precipitou-se sobre mim.

Nesse instante em que o tempo pareceu soluçar, a imprecisão de Oriana estrondeou-me na mente: «*Hás de morrer aí!*» Envolvi-me num escudo místico... Contudo, não havia barreira que me protegesse da colossalidade do meu próprio poder!

A explosão fez-me voar do topo das escadas e despenhar-me no chão da gruta. Senti que era esmagada, dilacerada, incendiada por dentro e por fora, como se todas as partículas do meu ser se separassem e ardessem. Estava a consumir-me... Ou não?

O clarão ígneo que me paralisava atenuava-se, assumindo formas e cores. Debaixo de um céu de tormenta, Oriana corria através da floresta, rumo ao penhasco onde eu assistira ao fenómeno de luz originado pelas Pedras do Mundo. Thorson aguardava à beira do precipício, fitando o mar com uma expressão tensa e desgostosa. Encarou aquela que fora a sua amada... E ela saltou-lhe ao pescoço. Thorson tentou afastá-la. Oriana insistiu. Ele impôs a sua resolução. Começaram a discutir. Oriana agrediu-o. Thorson arrancou do pescoço o bonito colar de conchas rosadas que ela lhe oferecera. Estendeu-lho e Oriana arrojou-o no solo, calcando-o debaixo das botas. Irritado, o meu primo afastou-a do caminho e deixou-a para trás...

Arrasada pelo suplício do corpo e da mente, vi Oriana desvendar o punhal de prata. Investiu contra Thorson e cravou-lhe a lâmina nas

costas com um ímpeto proceloso, duas, três, quatro vezes, fremindo, tresloucada. O meu primo gritou de surpresa e de dor... Eu bradei de desespero. Thorson estava tombado no solo, a convulsar nos braços da morte. Oriana remexia-lhe nas vestes ensopadas em sangue e desvendava as Lágrimas do Sol e da Lua. Sorria... Gargalhava... A saga que haveria de cobri-la de riqueza e de glória acabara de se iniciar.

— Mamã? — murmurei ao sentir o calor das mãos delicadas que me afluavam a testa. Abri os olhos... E deparei com a Sacerdotisa Amora.

Clamei, apavorada. Estaria morta? Não podia estar morta! Tentei levantar-me e bati contra o Esteio das Almas... Ou o que dele restava: um amontoado de destroços! Então, a lembrança do que acabara de acontecer atingiu-me como um raio. A energia que eu usara para tentar sair da Gruta das Vozes Ancestrais prostrara-me inconsciente... E o Esteio também não escapara à sua veemência! O ardor místico fizera o barro incandescer e os cristais tinham-se libertado. Agora, as essências das Sacerdotisas que estes haviam albergado encontravam-se diante de mim! Eu estava em sérios apuros!

— Perdão... — gaguejei. — Não tive intenção de vos fazer mal...

— Nós viemos ajudar-te, Kelda — replicou Amora, na voz branda que tantas vezes se erguera em meu favor quando eu causava alvoroço. — A fatalidade pode ser evitada.

A mãe de Oriana destacava-se do grupo de mulheres resplandecentes, vestidas de branco imaculado, que me observavam com ar severo. A condição espiritual não alterara o seu aspeto jovial, fresco e benévolo que eu tão bem recordava. Sacudi a cabeça e refutei, sufocada:

— Thorson está morto...

— Não! — contraditou Amora. — Oriana ainda corre pela floresta.

Nesse instante, escutei o som de pedra a deslizar. Espantada, vi que a porta secreta se abria, permitindo distinguir o brilho das velas

que iluminavam o quarto. Sustive-me a cambalear e lancei-me escadas acima, como se temerosa de que a passagem se cerrasse na minha cara. Já a cruzava quando me ocorreu que não agradecera por esta graça. Virei-me para fazê-lo... Porém, as Sacerdotisas tinham desaparecido.

Os meus gritos despertaram as consciências do templo. Precipitei-me rumo ao penhasco, debaixo de um aguaceiro torrencial. Pouco me importava se Trygve e as Sábias me seguiam, mas, pelo menos, desejava que a minha mãe me atendesse. E ela corria atrás de mim, acompanhada por Íris, alertadas pelo meu clamor:

— Thorson está em perigo...

Não tivera tempo de me restabelecer da energia que despendera, por isso sentia-me tonta e nauseada. Estava encharcada até aos ossos e mal divisava os obstáculos dos trilhos da floresta. Contudo, o medo acirrava-me a determinação. Só pensava em Thorson prostrado no solo, a gorgolejar asfíxiado no seu próprio sangue, enquanto Oriana exibia triunfante as Lágrimas do Sol e da Lua... Traidora! Miserável! Infame!

Não tardei a escutar os ecos de uma discussão acalorada, por entre os gemidos do vento e o ribombar da trovoada. Oriana apelava:

— Vem comigo! Podemos viver a vida com que sempre sonhámos!

O príncipe vândalo revidava:

— Basta! Não quero ouvir mais nada!

Irrompi para debaixo de um céu plúmbeo rasgado por rios de fogo, no instante em que o meu primo virava as costas à soberana. Estacou abismado ao deparar comigo. Bradei um aviso... Mas foi inútil! O ódio de Oriana efervesceu quando me encarou. O primeiro golpe do seu punhal fez Thorson cambalear; o segundo atirou-o ao chão. Nem os brados horripilados da minha mãe e de Trygve refrearam o seu delírio assassino.

Ciente de que o seu tempo se esgotava, a Sacerdotisa pulou sobre o príncipe vândalo em busca dos cristais. Alcancei-a e cravei-

lhe os dedos nos cabelos, afastando-a do corpo agonizante. Os ruídos guturais de Thorson deixaram-me em pânico. Contudo, não podia acudir-lhe sem neutralizar a louca que o ameaçava. Com o brilho maligno aceso no olhar e exposto à vista de todos, Oriana fremiu possessa:

— Rameira ordinária! Como foi que fugiste? Devia ter-te arrancado o coração...

Acometeu com a lâmina de prata em riste, surda aos apelos dos mestres. Desviei-me e dei-lhe um murro nas fuças que a fez cambalear. Antes que recobrasse, eu já pontapeara o punhal para longe. Enfim recuou, com o sangue que lhe pingava do nariz a misturar-se com a espuma da raiva que lhe escorria dos lábios. Ouvi o rogo de Trygve e o choro desesperado da minha mãe, agarrada ao sobrinho... No entanto, todos pareciam tolhidos pelo assombro, incapazes de mexer um dedo contra aquela que sempre fora considerada um exemplo de perfeição.

— Dá-me as pedras de Aranwen — rugi com o sangue em chamas. Nem Halvard, com todas as atrocidades que perpetrara, fora capaz de me descontrolar como Oriana. Ela crescera ao lado de Thorson, declarara-lhe o seu amor, seduzira-o... E agora matava-o, instigada pela cobiça de um poder abominável.

A Sacerdotisa abeirou-se do precipício e desatou a bolsa que trazia à cintura... A minha bolsa! Sem se inquietar com as rajadas de vento e as bâtegas de chuva, agitou-a sobre a cabeça e alardeou um sorriso escarninho, bramindo por entre o retumbar ensurdecido da trovoada:

— Achas que permitirei que assimiles esta magia, sua aleivosa? Ainda não estou derrotada... Mas tu estás! Jamais terás as pedras... Lysander há de morrer!

Dito isso, arremessou o seu troféu pelo ar. Em choque, vi a bolsa a despenhar-se no vazio... Gritei espavorida e corri em frente, descuidando a prudência. Talvez ainda pudesse evitar o pior se recorresse à magia! Porém, sem que nada o fizesse prever, a terra convulsou sob os nossos pés... E o solo começou a tremer.

Em menos de um fôlego, a confusão reinava. Caí desamparada e fui incapaz de me levantar, qual boneca de trapos sacudida pela mão de um gigante. Oriana tombara a poucos passos, sobre os despojos do colar de Thorson. O seu corpo ondulava com o solo, a um palmo do abismo. Quando me fixou, reparei que as flamas tinham abandonado o seu olhar. Estranhamente, parecia tomar consciência do mal que fizera... E as lágrimas escorriam-lhe pelas faces. Estendeu-me um braço e suplicou:

— Kelda... Por favor, ajuda-me!

À nossa direita, onde a floresta se fundia com a fraga, parte da escarpa acabara de ruir. E os sons que chegavam até nós provavam que o mesmo sucedia por toda a ilha. De novo, tentei erguer-me... Mas acabei estendida sobre as pedras, incapaz de deitar a mão a Oriana.

— Usa a magia — ordenei. Todavia, ela ripostou:

— Não me obedece! A magia abandonou-me!

Seria outra das suas mentiras? Quis rebater, mas a rocha que nos sustinha estalou e fendeu-se, qual camada de gelo fino sob os pés de um colosso. Prontamente evoquei a Arte; se prendesse Oriana com uma amarra de luz, conseguiria arrastá-la até mim... Contudo, nada aconteceu! Com o coração apertado, inferi que o prodígio dimanava da própria ilha. O solo absorvia a minha energia mística, impedindo-me de interferir na sua vontade. E o mesmo sucedia com aqueles que nos rodeavam. Nesse instante, mais não éramos do que comuns humanos.

— Kelda! Faz qualquer coisa! — carpiu Oriana, com o medo enraizado em cada traço do rosto.

De súbito, o mundo mergulhou no caos. Diante dos meus olhos, a rocha cedeu ao ímpeto da natureza, lasca após lasca. A Sacerdotisa guinchou... E desapareceu.

Com o fôlego preso, vi o penhasco desfazer-se a uma velocidade vertiginosa. Tal como Oriana, eu não tinha como escapar! Fechei os olhos e entreguei-me à mercê da ilha.

— Kelda? — apelou a minha mãe, numa voz que soou agoniada e distante. — Responde, filha! Estás bem?

A sua aflição trouxe-me de volta à realidade. Aparentemente, a terra parara de tremer. Abri os olhos a custo e constatei que o mar que envolvia as ilhas do arquipélago se comportava como se as correntes tivessem enlouquecido. Em certos locais, formavam-se remoinhos que desvendavam o fundo repleto de pedras pontiagudas, as quais se exibiam como lanças por entre as torrentes de espuma. Noutros, as ondas erguiam-se alterosas, galgando os penhascos e cobrindo os depósitos de areia... Quis levantar-me, mas o grito do Sacerdote deteve-me. Ecoava de um nível superior e alertava:

— Não, Kelda! A rocha pode não suportar o teu peso.

Por uma vez, ele tinha razão. O perigo não passara! O chão terminava mesmo à frente do meu nariz. Estendi o braço, dobrei-o e deparei com um espaço oco. Eu estava deitada numa lasca de pedra, precariamente suspensa sobre o abismo.

— Rasteja para trás com cuidado — ordenou Trygve. — Devagar... Isso! Agora dá-me a mão.

Os dedos fortes fecharam-se nos meus, içando-me para terreno seguro. Encarei-o e murmurei um agradecimento trémulo. Os seus olhos estavam molhados; a expressão, sombria. No entanto, amparava-me com gentileza. Parecia aguardar que lhe dissesse algo...

— Lamento — enunciei com sinceridade. Todavia, para já era Thorson quem requeria atenção.

A Rainha do Sol e Íris debruçavam-se sobre o príncipe vândalo. Seria possível expectar um milagre? As misteriosas forças que tinham inibido a nossa magia haviam-se dissipado, permitindo impregná-lo com energia curativa. No entanto, prestes esse empenho se revelou insuficiente.

— O sortilégio que a rainha Lyria me ensinou há de salvá-lo — declarou a minha mãe. — Mas vou necessitar de muita energia.

— Todo o meu poder está ao vosso dispor, Guardiã — ofereceu Íris, pálida como um cadáver.

Os ferimentos de Thorson eram de extrema gravidade. No entanto, batia-se valorosamente contra as garras da morte. Ajoelhei-me ao seu lado e estendi a mão à minha mãe para participar na corrente de magia. Quando os nossos dedos se enlaçaram, o olhar com que me contemplou fez-me soluçar de emoção. As agruras da missão que carregava sobre os ombros podiam tê-la transformado numa mulher fria e dura... No entanto, amava-me! Amava-me muito!

CAPÍTULO 19

— Bebe, querida. Vais sentir-te melhor.

Aceitei a malga de chá que a minha mãe estendia. Ela deu-se por satisfeita, sem reparar que eu só molhara os lábios. Mesmo que quisesse, não conseguiria engolir! Não existia infusão nem unguento capaz de aliviar a minha angústia. Oriana estava morta... Sim, porque ninguém sobreviveria àquela queda! A Sacerdotisa tombara do penhasco mais alto da ilha, envolta numa avalanche de pedras e sem a possibilidade de recorrer à magia. Ao recordar o sucedido, o meu desalento fundia-se com a revolta, culminando em amargor. As pedras mágicas estavam perdidas... E, com elas, a possibilidade de libertar Lysander e combater Halvard.

O quarto onde Thorson convalescia era amplo, decorado com esmero para acolher os visitantes ilustres. A minha mãe sentou-se ao meu lado, à cabeceira da cama. Íris adormecera aos pés, exaurida. Por esta altura, a paixão que a unia ao príncipe vândalo tornara-se óbvia. No decorrer do sortilégio que o salvara, ela oferecera-lhe a sua energia com tamanha abnegação que quase expirara. Já ninguém ousava repudiá-la. Sem a sua ajuda, Thorson não estaria connosco.

— Há novidades? — perguntei, embora adivinhasse a resposta.

— Não — ripostou a Guardiã, recostando-se. — Trygve e os Filhos da Renovação persistem, mas devemos começar a conformar-nos. Sabíamos que seria difícil encontrá-la.

Difícil? Antes impossível! Apesar de ninguém ousar enunciá-lo, se Oriana não ficara desfeita entre as rochas, decerto fora capturada pelos *Sentinelas*.

A minha mãe fechou os olhos e suspirou, arrasada. Culpava-se pela tragédia; por não ter alcançado a profundidade do desatino da protegida. Oriana fora magistral a manipular e ludibriar! Dissimulara as suas malfeitorias e justificara com astúcia as decisões mais aberrantes, inclusive a expulsão da avó do Conselho das Sábias.

Talvez devido à imagem de imaculada perfeição que sempre transmitira, os seus mentores só tinham encarado a crua realidade no instante em que ela apunhalara Thorson. Depois, coubera-me a ingrata tarefa de conduzi-los à Gruta das Vozes Ancestrais para que testemunhassem toda a verdade.

Entretanto, a tia Ingrior regressara ao templo, lavada em lágrimas. Enfim confessara que se desentendera com a Sacerdotisa porque a surpreendera com o coração de um homem nas mãos. Agora, também se responsabilizava pelo seu infortúnio, carpindo que jamais deveria ter guardado tão abominável segredo. Se tivesse enfrentado a neta e revelado tudo a Trygve, ao invés de sair do templo presa a um voto de silêncio, talvez Oriana estivesse viva... Talvez! Porém, eu achava que a imposição de Ingrior tê-la-ia condenado à morte. De qualquer forma, o passado não podia ser consertado. Todos teríamos de suportar o peso das decisões que tomáramos.

— Oriana afiançou-me que estava grávida de Lysander — dei por mim a gemer, contundida. — Crês que fosse verdade?

A Rainha do Sol amparou-me as lágrimas com carinho e replicou:

— Que importância tem isso agora, Kelda? No entanto, se necessitas de uma resposta para te tranquilizares, considera que essa criança podia ter sido gerada por qualquer dos homens que ela condenou. E não te tortures! Se Oriana seduziu Lysander foi porque o enganou... Assim como nos intrujou a todos! Quantas vezes garantiu, a mim e ao pai, que estava empenhada em libertar-se da influência da magia negra? Entrementes, abraçava a danação da sua alma...

Uma coisa era inegável: Oriana destroçara o coração de todos aqueles que a amavam.

— Trygve já deve ter suspenso as buscas — prosseguiu. — A noite está a cair e aproxima-se outra tempestade. De manhã, iniciaremos as cerimónias fúnebres. Apesar de não termos um corpo para entregar à Deusa, a tradição deve ser respeitada para que o espírito de Oriana repouse em paz. — Desalentada, suspirou antes

de firmar: — Prevejo tempos de dor e de incerteza para esta terra! Pela primeira vez, uma Sacerdotisa morre sem que a sua sucessora tenha recebido a devida preparação. Espero sinceramente que o fruto da última Festa da Renovação seja mesmo uma menina... Ou o Povo dos Penhascos enfrentará o seu fim.

Eu ponderara bastante antes de revelar o incidente com a Mãe da Renovação, mas acabara por fazê-lo. Com Oriana morta, a jovem já não corria perigo e devia voltar para casa. Assim, Ulfvaldr também podia retomar as suas obrigações no acampamento dos lenhadores.

Felizmente, a magia da ilha protegera-os durante o tremor de terra. Mal escutara o meu apelo, Ulfvaldr deixara o esconderijo seguido pela Mãe da Renovação. Ao confirmar a veracidade dessa história, o primo Trygve sofrera uma forte indisposição. O seu coração quase falhara e a minha mãe tivera de assisti-lo. Eu não expectava que o Sacerdote me pedisse perdão; sabia o quão orgulhoso era... Só gostava que tivesse a decência de parar de me maltratar! Porém, apesar de se tornar menos acerbo, os seus olhos purgavam ressentimento sempre que me fixava. No seu entender, tudo isto acontecera porque Oriana fora corrompida com a magia obscura da minha essência. Logo, eu era culpada pela sua perdição.

Contar-lhes o passado de Oriana e Thorson teria estilhaçado a ideia de que ela era um poço de virtudes antes da minha intervenção. Todavia, apesar de, por várias vezes, o vômito de desdém me queimar a língua, conseguira refrear-me. Não me cabia a mim revelar esse segredo. Fatalmente, iria comprometer Thorson... E o meu primo não merecia enfrentar a ira do Sacerdote dos Penhascos depois de tudo o que sofrera. Que Trygve persistisse em odiar-me, se isso apaziguava a sua dor, o seu pesar, a sua vergonha. Eu já vivera tantos anos com o seu veneno; não seria agora que este haveria de me matar!

Após um breve silêncio, a minha mãe tornou a pronunciar-se, num tom sumido e trémulo, como se temerosa da minha reação:

— Trygve pretende justificar a morte de Oriana como um trágico acidente. Aqueles que assistiram ao seu desvario guardarão segredo

e não espero menos de ti, Kelda... A honra da Sacerdotisa dos Penhascos deve ser preservada diante do seu povo.

Então, o Sacerdote pretendia esconder a podridão da realidade debaixo de uma mentira colorida! Porque é que isso não me admirava? Sacudi os ombros, dormente. Pouco me importava se Oriana seria recordada como uma mártir, ao invés de uma traidora. Afinal, não podia fazer mal a mais ninguém! Se a felicidade do Povo dos Penhascos dependia de uma ilusão, não seria eu a adversar Trygve. Os nossos verdadeiros inimigos estavam prestes a atacarnos. Era contra o Exército do Dragão que tínhamos de lutar.

Suspirei, exaurida. Necessitava desesperadamente de um sono sem sonhos, que me restaurasse as energias e o ânimo. Ainda não decidira o que fazer no dia seguinte, mas o tempo que Halvard me concedera esgotava-se. Cruzar os braços e deixar Lysander morrer não era opção! Então, a minha mãe enunciou:

— Sei que estás perturbada, filha... No entanto, peço-te que reflitas com frieza! Apesar de o teu plano para adversar Halvard ser ambicioso, talvez pudesse resultar com a magia de Aranwen. Contudo, perdidas as pedras, já não faz sentido viajares para o Sul! O teu irmão não tardará a perceber o logro das Lágrimas e há de esmagar-te com a sua fúria, sem que tenhas condições de te defender. Lysander acabará morto... E tu voltarás a ficar prisioneira daquele terror!

Fixei-a de olhos arregalados. Ela não estava a querer dizer...? Então, julgando que tais conselhos podiam fazer sentido aos meus ouvidos, a Rainha do Sol insistiu:

— A decisão acertada é ficares aqui, para nos ajudares no derradeiro confronto com o Exército do Dragão. Tenho a certeza de que Lysander concordaria comigo, se pudesse falar-te. Sabes que ele é um homem forte e determinado... Se tiver o ensejo de fugir, há de aproveitá-lo! Entretanto, vamos orar e manter a chama da esperança acesa.

A chama da esperança? Não teria a minha mãe noção de quão ridículo isso soava? Correndo o risco de ser injusta, eu até tinha a

impressão de que ela se sentia aliviada com o desaparecimento da herança de Aranwen! Não porque quisesse mal a Lysander, mas por receio do que poderia acontecer depois de eu assimilar o poder que assombrava a nossa família há gerações. Além disso, a suspeita de que a minha magia haveria de se revelar fundamental para a profecia do Filho do Dragão também lhe pesava no espírito. Queria-me longe de Halvard a todo o custo! E quaisquer argumentos que lhe apresentasse em contrário só serviriam para causar atritos... Com mil ratazanas impacientes, o melhor era respirar fundo para não explodir de indignação. Se a convencesse de que ia ponderar na sua opinião, a Rainha do Sol dar-me-ia espaço para respirar, até eu achar uma solução... Porque tinha de existir uma solução que não implicasse o sacrifício de Lysander!

— Prometo que vou pensar, mamã... Agora, só quero dormir.

A Guardiã condescendeu e sussurrou com ternura:

— Então descansa, querida... Após os rituais fúnebres, quando Thorson estiver plenamente restabelecido, tornaremos a debruçar-nos sobre essa questão.

A chama da esperança... As palavras da minha mãe ecoavam-me na mente, durante o sono. Seria essa luz que bailava diante dos meus olhos? Pisquei-os com veemência e a flama surgiu suspensa numa tocha. Sustive o fôlego ao reconhecer a cela onde Halvard aprisionara Lysander. Rodei nos calcanhares e deparei com o príncipe, inconsciente e cativo de armelas de magia negra. Estendi a mão para tocar-lhe... Mas saltei para trás quando uma lâmina me atravessou os dedos, como se eu fosse feita de ar. Porém, o herdeiro de Lyria era bem real! Horripilada, vi o punhal de Lobo Cinzento a deslizar na vertical sobre o seu peito ensanguentado... Dois cortes. Três cortes. Halvard não se dava por satisfeito! Seis cortes... Enterrou a lâmina e torceu-a. Lysander abriu os olhos e arrostou-o. O meu irmão sorriu e desdenhou:

«Começo a acreditar que te estou a dar tanto prazer quanto aquele que sinto! É verdade, bastardo? Gostas de ser esquartejado?»

Não respondes...? Pois quem cala consente!»

Agora a lâmina movia-se na horizontal, unindo os cortes iniciais. Halvard enterrava os dedos nos golpes e arrancava tiras de pele. Gargalhava e retrocedia. Deimos ocupava o seu lugar. Soprava fumo ardente para os olhos do príncipe e cuspiu lava para as chagas abertas no seu peito. O meu gémeo regressava com luvas cobertas de espigões de ferro. Cerrava os punhos e fustigava o ventre de Lysander. Urrava alucinado, no auge do seu êxtase perverso. Esmurrava-lhe as virilhas e motejava:

«Peço desculpa, valoroso príncipe. Esqueci-me de que jurei manter-te inteiro...»

Três socos consecutivos no baixo-ventre, seguidos de nova gargalhada:

«Que cabeça a minha! Lá me esqueci outra vez!»

Ergueu o punho e arrancou-lhe parte do lábio. Perante a face desfeita do herdeiro de Lyria, quase caiu de tanto rir. Deimos acompanhou-o. Enfim recuaram e o Filho do Dragão ordenou:

«Não o deixes morrer, Erebus... Mas também não o sares demasiado. Quero-o desfigurado! Quando Kelda voltar, veremos se sente ardores por esse monstro.»

Erebus avançou e tratou Lysander com desprezo. Halvard e Deimos partiram... Incapaz de me conter, ataquei o meu primo com murros e pontapés, bradando:

«Como é que és capaz de pactuar com esta barbaridade? Traidor! Miserável! Eu confiei em ti! Odeio-te! Odeio-te...»

Porém, ele não me ouvia. Não me via. Não me sentia. Eu era ar... Tombei no chão sobre as poças de sangue de Lysander e chorei... Então, apercebi-me da magia curativa como se esta estivesse a ser injetada na minha carne. Erebus não estava a cumprir as ordens do Filho do Dragão! A energia que cedia ao príncipe era fenomenal, suficiente para lhe refazer as entranhas, estancar o sangramento, restaurar os ossos quebrados, renovar a pele... Os olhos de Lysander abriam-se e a garganta soltava um uivo martirizado. Tinha

consciência da presença de Erebus, mas não o enxergava, pois o fumo de Deimos cegara-o. Sorvia o ar e gorgolejava uma súplica:

«*Mata-me... Mata-me...*»

Então, o «Criador das Trevas» pôs-lhe os dedos sobre os olhos e ripostou:

«*Não! Príncipe aguentar. Kelda vir, Erebus resolver.*»

De seguida, afastou-se. Lysander encarou-o com os olhos regenerados. Deixou o queixo pender e inquiriu num arquejo rouco:

«*Porque estás a ajudar-me? Porquê?*»

A réplica foi pronta:

«*Príncipe primo.*»

Acordei imersa em silêncio. Thorson continuava inconsciente. Íris e a Rainha do Sol dormiam. Quedei-me a recuperar o fôlego, tolhida de perturbação. Sentia-me restabelecida graças à magia com que os meus avós nutriam a minha essência. Todavia, a mente convulsava. Não mais confundiria sonhos com Visões! O que acabara de testemunhar acontecera realmente! Tentei concentrar-me na reação de Erebus. Será que o meu primo não me traíra? Estaria a fingir pactuar com o Filho do Dragão, enquanto aguardava uma oportunidade para neutralizá-lo?

«*Príncipe aguentar. Kelda vir...*»

Se assim fosse, Erebus arriscava o pescoço por mim! Desobedecia a Halvard e reabilitava Lysander, na expectativa de que eu não delongasse. Porém, quantos dias demoraria o meu gémeo a infligir um golpe fatal ao príncipe? Não havia volta a dar... Se queria salvar Lysander, eu tinha de partir imediatamente! Mas como resolver as questões que pendiam dessa decisão?

A minha mãe já clarificara a sua posição. E, atendendo às circunstâncias, quando Thorson despertasse, decerto concordaria com a sua mestra. Por outro lado, se eu teimasse em viajar para a Terra das Montanhas de Areia por minha conta e chegasse ao palácio de mãos vazias, o Filho do Dragão mataria Lysander num ápice... A não ser que eu não fosse de mãos vazias!

A ideia fez o meu coração ribombar e inundou-me a testa de suor. Após o incidente no penhasco, a minha mãe guardara as Lágrimas... Será que ainda as trazia consigo? Como se uma Entidade tentadora me respondesse, a Rainha do Sol mexeu-se e as suas vestes deslizaram, revelando o esconderijo dos cristais. Não... Eu não podia! Thorson encararia a minha iniciativa como uma traição! E a minha mãe jamais me perdoaria!

«*Uma decisora tem de decidir!*»

Estendi o braço e os cristais voaram para a minha mão. A Rainha do Sol continuou a dormir. Se me levantasse agora, não teria como voltar atrás. Deslizei silenciosamente para o chão e deitei um último olhar a Thorson e à minha mãe com uma súplica de perdão nos lábios. Virei-me para a porta... E quase choquei contra Íris.

Pulei como se diante de uma assombração. Eu não a vira despertar; não a ouvira erguer-se... A feiticeira varou-me com o seu olhar castanho, sincero e intenso, inquirindo num murmúrio:

— Aonde vais?

Se tentasse sair à força, acordaria a minha mãe e, então, sim, estaria em sarilhos. Restava-me contar a verdade e apelar à sua compreensão. Mostrei-lhe as Lágrimas e sussurrei:

— Erebus está a ajudar Lysander... Se não me apressar, Halvard há de matá-los aos dois.

Íris assentiu com a cabeça e, para meu supremo espanto, ciciou:

— Boa sorte, Kelda... Ficarei a orar por ti.

Estava tão abismada que não resisti a ripostar:

— Não vais deter-me?

Ciente do meu choque, a *Observadora* contraditou meigamente:

— Confio no teu instinto... E no teu coração. Agora vai! A minha magia está fraca, mas tentarei alimentar o sono da tua mãe para que tenhas tempo de alcançar a Ilha dos Sonhos.

Abracei-a e Íris correspondeu. Era incrível como sentia que a conhecia desde que nascera, como se ela tivesse estado sempre comigo... Pensando bem, fora isso que acontecera!

A noite ditava o descanso do Homem, mas a tormenta não dava tréguas ao arquipélago. Este era, sem dúvida, um inverno excepcional! A natureza parecia tão descontrolada como a razão daqueles que urdiam esta guerra. Dias sombrios sucediam-se aos dias claros e as tempestades eram assoladoras. Porém, apesar de o vento soprar com tanta violência que quase me arrancava do solo, o seu bafo era quente. A chuva que me encharcava até aos ossos também estava morna. Corri com toda a garra, tentando não pensar; apenas agir. Estava novamente sozinha... E prestes a embrenhar-me naquela que podia ser a maior loucura que já cometera.

Quando pisei a praia deserta, a energia que pairava em meu redor era tão veemente que ardia na pele. Os guerreiros que tinham passado o dia a procurar o corpo de Oriana haviam puxado os botes para a segurança da areia seca. Todavia, o ímpeto enraivecido das ondas capturara um. Estaquei a olhá-lo, com o fôlego descompassado. Ainda estava ao meu alcance, como se o mar o segurasse para que eu pudesse entrar.

Sem mais hesitações, lancei-me à água. Fui coberta por uma onda, lutei contra o remoinho e consegui equilibrar-me. Alcancei o bote com três braçadas. Icei-me sem dificuldade, pensando que teria de recorrer à magia para conduzi-lo. No entanto, os remos estavam arrumados no fundo, como se uma força invisível os mantivesse no lugar.

Alcancei o corredor de rocha sem percalços, apesar de as ondas se esmagarem contra as fragas com uma fúria tenebrosa. Quase não precisava de mexer os remos! Uma corrente capturou o bote e arrastou-o para a passagem, combinando ligeireza com suavidade. Agora, devia preparar-me para enfrentar os *Sentinelas*! Pus-me de pé... Porém, descobri-me incapaz de descortinar a energia arrepiante que os monstros sempre exalavam. Não tinham acometido para me intercetar! Será que o temporal os afugentara? Não... Sentei-me e agarrei-me à amurada do bote, fulminada pelo espanto. E não voltei a pegar nos remos.

Apesar da ira das ondas, do furor do vento e da chuva torrencial, o bote navegou até à Ilha dos Sonhos e encalhou na praia. Quando saltei para a areia, ainda tinha os olhos arregalados de pasmo. A energia que me impelia provinha do solo, do mar, do vento... Era a magia que animava o coração desta terra e estabelecia um elo entre a Ilha dos Penhascos e a Ilha Mãe; a mesma magia que assumira forma em redor das Pedras do Mundo na noite em que o meu poder se manifestara. Após tudo o que acontecera, jamais me imaginaria a desfrutar de tamanha graça!

A tempestade exaltava-se sobre o arquipélago. Os relâmpagos eram fulgurantes. A chuva escavava regos na areia sufocada pelas cinzas provenientes da destruição que Deimos infligira a este solo. A aldeia transformara-se numa pilha de destroços e também nada sobrara da floresta luxuriante que, no passado, deliciara a minha família. Senti-me estremecer de comoção, mas engoli as lágrimas. Tinha de me apressar a regressar à Terra das Montanhas de Areia. Enchi o peito de ar, pronta para invocar o trilho de luz que me conduziria ao Observatório da Ilha Sagrada... Então, inesperadamente, o céu rasgou-se e um raio despenhou-se sobre mim.

Lancei-me para o chão, aterrada. Porém, não era o meu corpo que a energia reclamava. Com o coração a galope, vi o relâmpago mergulhar no mar, tão perto que a sua ardência me afogueou as faces e eriçou os cabelos. Sustive a respiração, enquanto a fulgência se dissipava. O trovão já ribombava... Comecei a suster-me, mas vacilei. No sítio onde o raio entrara na água, distinguia perfeitamente uma cintilação esverdeada, como se uma luz se tivesse acendido na areia do fundo. Brilhou por um fôlego e extinguiu-se. Pisquei os olhos, atordoada... Será que a imaginação me pregara uma partida?

Disponha-me a retomar o meu plano quando outro raio se precipitou no mar. O trovão ecoou... E um esplendor rubro surgiu! O meu coração ameaçou rebentar. Com mil ratazanas encandeadas, estaria a delirar? A luz vermelha desapareceu, mas detive-me a observar a água, petrificada de assombro. Um novo relâmpago

rasgava as ondas. Outro trovão retumbava. E uma claridade branca emergia... Raio. Trovão. Luz roxa na água. Escuridão... Raio. Trovão. Luz amarela na água. Trevas cerradas... O vento a açoitar-me. O aguaceiro a fustigar-me. E um fio da minha voz, engasgado de emoção:

— Por favor... Que seja verdade...

Raio. Trovão. Luz azul na água! Prostrei-me de joelhos na areia, com as mãos a pressionarem o peito... Raio. Trovão. Luz cor de laranja na água. O meu sangue efervescia tal a exaltação que me subjugava.

A magia podia ser comparada a uma entidade com discernimento. Obedecia a regras, mas também possuía inúmeros caprichos. Sempre ouvira dizer que os cristais mágicos estabeleciam um elo com o seu senhor. Quando era criança, os meus pais contavam a história de um cristal roubado que caíra da sacola do ladrão em fuga e rebolara através de montes e vales, até regressar às mãos do legítimo dono... Era só uma história! Porém, que história não continha um fundo de verdade? Neste momento da realidade do Homem, as pedras de Aranwen eram minhas por vontade expressa da Pedra do Tempo! E, por vontade das energias que me envolviam, era tempo de reclamá-las e cumprir o meu destino.

Não sendo especialista em rituais, permiti que a magia inata que habitava a minha essência comandasse os meus gestos. Comecei por desenhar um círculo grande em meu redor, afastado da água para que as ondas não me alcançassem. Não o fechei. Na abertura estreita virada para o mar, deixei as marcas das minhas mãos: polegares unidos e os dedos mínimos a tocarem o círculo. Depois, a partir desse anel, desenhei sete linhas curtas. Na extremidade de cada linha cavei sete buracos com o punho. Por fim, saindo dessas covas, sete linhas compridas terminavam num círculo menor; esse sim, perfeito. Tudo tinha de estar ligado. Nada podia falhar.

A tempestade atingia o auge quando terminei. Os Elementos exaltavam-se e espargiam energia. O vento soprava com uma ferocidade minaz. As ondas alterosas desfaziam-se contra as rochas.

O fogo dos relâmpagos inundava o céu. A terra pulsava, reconhecia a minha essência e abraçava-a. Eu era Kelda da Montanha Sagrada... Eu era magia.

Fiz a evocação de pé, no interior do círculo menor, descalça e com as mãos erguidas ao céu. Sabia o que ia acontecer e estremecia. Só um tolo não teria medo! No entanto, confiava na vontade divina, nas forças da Natureza e no meu poder, que se fundia com o sentimento que fazia o meu coração bater. Por Lysander... Por Erebus... Pelo meu povo...

Um raio fenomenal precipitou-se contra mim. Recebi a descarga com um grito, misto de resolução e dor. Eu era capaz... A colossal energia concentrava-se na cabeça, empurrava-me os olhos para fora das cavidades, dilacerava-me os miolos, queimava-me a boca como se prestes a libertar-se num vômito de flamas.

«Eu sou capaz! Eu sou capaz!»

Engoli com força, obriguei-me a respirar... E, enfim, a energia fluiu por mim. Percorreu todas as partículas do meu ser e fez-me rutilar na bruma, qual fogueira viva. As flamas deixaram de ser fogo divino ou a energia de uma essência. Tornaram-se magia com identidade e consciência, escorreram pelo meu corpo e encheram o primeiro círculo. Depois, espalharam-se através das linhas compridas e mergulharam nas covas. Quando as sete estavam repletas, derramaram-se sobre as linhas curtas e completaram o círculo maior, até imergirem nas marcas das minhas mãos e verterem para o mar. Só então tombei de joelhos e enterrei os dedos na areia. Fechei os olhos e ordenei:

— Vinde até mim...

Senti a energia abandonar-me e comecei a tremer sem controlo. Apenas os dedos se quedavam firmes. As unhas ardiam e sangravam, mas pouco me importava. Repetia sem cessar, agora com a voz da mente, pois a garganta seria incapaz de produzir tão estrondoso clamor:

«Vinde até mim! Vinde até mim!»

Uma onda gigante esmagou-me sem aviso. De repente, fiquei submersa na sua escuridão voraz, molhada e gélida, completamente sufocada. Lutei contra o ímpeto das garras aquosas, como se os meus dedos fossem raízes profundas que me prendiam ao solo, impedindo a água de me arrastar. O caos foi breve. O mar varreu a praia e retrocedeu. No entanto, a magia guardou-me em segurança dentro do círculo.

Tombei na areia encharcada, a arfar e a tossir. Esta batalha terminara, mas a exaustão impedia-me de averiguar se fora bem-sucedida. Sobre a minha cabeça, a tempestade continuava irascível. Será que a minha mãe já despertara? Esta colossal manifestação mística não escaparia às perceções da Ilha dos Penhascos! O meu tempo esgotava-se... Com um esforço supremo, sentei-me e constatei que os traços do ritual se mantinham visíveis. Só as marcas das minhas mãos tinham desaparecido. O círculo estava fechado! E isso significava...

Acometi para a cova mais próxima, com a respiração embrulhada e os dentes a tinir. A água que a onda depositara misturara os grãos de areia. Esgaravatei num frenesim e o meu coração apertou-se ao deparar com uma forma dura. Arranquei-a do cativo, sob o clarão dos relâmpagos. E estremei de emoção ao ver o brilho da pedra vermelha de Aranwen a sobressair entre os dedos. Fixei-a ainda incrédula, enquanto o vento e a chuva me fustigavam. Depois, virei-me para a cova à direita, com as lágrimas a estrangularem-me.

Uma a uma, as sete pedras de Aranwen regressaram às minhas mãos. O ritual fora um sucesso! A onda gigante arrastara os amuletos perdidos no mar e colocara-os, com desvelo, nos buracos que eu encantara... De súbito, a ansiedade dos últimos dias sobrepujou-me. Dei por mim deitada na areia, a rir às gargalhadas por entre os soluços de um pranto compulsivo. Este era o meu momento privado de loucura... Um derradeiro desabafo, antes de partir para a guerra.

Correr... Correr e não pensar. Correr e não sentir o cheiro a morte que o solo ainda exalava. Correr com a esperança de que, um dia, voltaria a existir vida na Ilha dos Sonhos, cores festivas, perfume de ervas, flores e frutos, risos de crianças... Correr alentada pela certeza de que estava a fazer o que era devido.

Cheguei derreada ao cume da Montanha da Magia. Tombei de joelhos para recuperar o ar e senti a energia das Pedras do Mundo a envolver-me. Era inegável que a minha essência estava ligada a este lugar! Fora só depois de testemunhar a manifestação do seu poder, naquela noite inesquecível, que a magia se acendera no meu sangue e as tatuagens do Guardiã da Montanha haviam surgido nos meus pulsos... E ainda mais memorável fora a noite da Festa da Renovação, em que dançara nos braços de Lysander, sob o seu olhar atento.

Lysander... A minha águia sagrada. O meu espírito protetor. O homem que eu amava. Haveria de reencontrá-lo em breve, para salvá-lo e perdê-lo para sempre. Após ter prometido a vida aos Guardiães das Almas Atormentadas, não podia admitir que a ilusão renascesse no meu peito. Dar-me-ia por satisfeita quando o visse em segurança, longe da crueldade de Halvard.

Inspirei um fôlego de resolução e sustive-me para cumprir a missão que me fora confiada. Entrei no círculo sagrado formado pelas Pedras do Mundo, abri os braços e rodopiei em torno de mim mesma, absorvendo a dádiva da sua energia. Como desfazer o feitiço que Aranwen lançara sobre os seixos do Lago Encantado? Não sabia! Todavia, a Pedra do Tempo devia ter plantado esse conhecimento na minha essência quando me instruíra sobre o rumo a seguir. Dispus os amuletos no solo, em meu redor. Depois fechei os olhos, com o corpo a tremer e o coração descompassado. Comecei por ignorar o ímpeto da chuva, a fúria do vento, o ribombar dos trovões... Por fim, esqueci tudo, exceto o meu objetivo. Com a cabeça limpa e o espírito sereno, senti-me deslizar para o interior de mim. E não resisti... Simplesmente deixei-me ir.

A magia da minha essência guiou-me até ao instante da criação das pedras, revelado na Visão partilhada com Thorson. Eu ouvira Aranwen a declamar o sortilégio e recordava as suas palavras. Comecei a entoá-las, ciente de que algo tinha de mudar. E, de repente, foi como se o véu que me toldava a perceção tombasse e a preciosa informação irrompesse do nada, qual herança adormecida no sangue que desperta ao tornar-se necessária.

De imediato, raios da mais pura energia libertaram-se das pedras e suspenderam-se no ar, desafiando a veemência do aguaceiro e deslumbrando-me com um bailado de cores distintas. O azul, o verde, o amarelo, o laranja, o vermelho, o roxo e o branco subiam em espiral, desciam a pique, entrecruzavam-se e remoinhavam sem se tocarem... Até que começaram a fundir-se! O resultado foi um arco-íris que se iniciava na pedra central deste lugar abençoado e terminava em mim, cobrindo-me a pele como névoa ardente. Ao aflorar a minha essência, a magia incandesceu e as cores converteram-se em luz cristalina. Respirei fundo e aceitei a dádiva. Kelda da Montanha Sagrada: mulher, guerreira, feiticeira... O princípio. O fim.

O poder de Aranwen subjugou-me, excessivamente grandioso para a fragilidade da minha condição humana. Quando recuperei a consciência, a tormenta findara e uma ténue claridade rasgava as nuvens que encobriam o céu. Levantei-me, dorida desde as raízes dos cabelos às unhas dos pés. Em meu redor, jaziam sete pedras... Sete simples pedras! Quem, neste momento, visse os seixos que a minha antepassada feiticeira recolhera do Lago Encantado jamais suspeitaria da fabulosa história que a sua essência ocultava. E o que acontecera à magia que estes tinham albergado durante gerações? Enchi o peito de ar... Então, apercebi-me de que, efetivamente, algo mudara no meu âmago. Era como se a minha perceção se estivesse a ajustar e eu visse o mundo através de outros olhos!

Não tive tempo de me habituar às sensações que esta nova condição me proporcionava. Ao fixar o mar, deparei com um bote a rasgar as ondas revoltas... E quaisquer dúvidas sobre o seu

propósito dissiparam-se ao constatar que o Sacerdote dos Penhascos e a Rainha do Sol se encontravam no seu interior.

Instintivamente, toquei nas Lágrimas. Não era tarde para reparar a minha malfeitoria. Podia deixar os cristais aqui para que fossem resgatados. Afinal, já tinha a magia de Aranwen... Porém, era óbvio que só a satisfação da exigência de Halvard salvaria Lysander! E se aguardasse a chegada da Guardiã? Após justificar-me, retomariamos o plano de encantar a Lágrima do Sol... Não! O roubo dos cristais decerto deixara a minha mãe tão furibunda que nem se dignaria a escutar-me. Para mais com Trygve a envenenar-lhe os ouvidos! Se eu permitisse que me alcançassem, não tornaria a pôr os pés na Terra das Montanhas de Areia.

Posto isto, uma questão impunha-se: seria assim tão perigoso entregar os cristais do Guardião da Montanha ao Filho do Dragão? Talvez... Mas estava disposta a correr esse risco por Lysander! Afinal, enquanto Halvard ignorasse a minha importância para a profecia, a vantagem pertencia-me.

Precipitei-me para fora do círculo das Pedras do Mundo, ainda a cambalear. E, mesmo angustiada, apressei-me a evocar o caminho de luz que haveria de me conduzir ao Observatório. Recuperaria o fôlego durante a viagem e preparar-me-ia para combater o meu irmão... No instante em que o clarão sólido se estendeu em direção às nuvens, a voz da minha mãe estrondeou-me dentro da cabeça:

«Não, Kelda... Não!»

Desatei a correr pelo trilho. Se a sorte me permitisse regressar para junto dela, sujeitar-me-ia aos castigos que quisesse infligir-me. Contudo, para já, era a minha decisão que prevalecia.

CAPÍTULO 20

O dia já se impunha quando avistei o palácio dourado. Mal vislumbraram o trilho de luz, os guardas que se quedavam no terraço fizeram soar uma corneta. Orei para que Erebus viesse receber-me. No entanto, quem saiu para debaixo do céu azul foi Deimos.

O demónio ufanava-se como sempre. Quando me aproximei, chicoteou o chão com a cauda segmentada para me intimidar. Mantive a calma e a prudência, pois não me sentia confortável com a energia que acabara de assimilar. Dir-se-ia que emborcara um barril de hidromel de um só trago! A cabeça latejava, as pernas bamboleavam, o sangue ardia... A magia de Aranwen era tão poderosa que a minha essência carecia de tempo para absorvê-la de modo a permitir que a mente se ajustasse às alterações. Contudo, tempo era coisa que eu não possuía! Ainda assim, fazia tudo para proteger o meu segredo. Se Halvard me tivesse armado uma cilada, eu só prevaleceria se o surpreendesse com a magnitude do meu novo poder.

— Afinal voltaste! — rugiu a besta, sacudindo os cornos. — És mais estúpida do que eu julgava!

O trilho esmoreceu... E, com ele, a minha segurança. Contornei Deimos e rumei às escadas.

— Aonde pensas que vais? — estrondeou. Num ápice, barrava-me o caminho, com os olhos em chamas e espuma ardente a borbulhar por entre as presas. — Os teus privilégios terminaram! Não darás um passo sem a minha ordem. Trouxeste os cristais?

Arrostei-o e ripostei com audácia:

— É ao meu irmão que tenho de dar satisfações... Não ao seu escravo eunuco!

As flamas no olhar do monstro explodiram num incêndio devastador. Sem dúvida, este era o mais rude golpe que eu poderia infligir ao seu orgulho. Não só o reduzira à condição de servo, como lhe lembrara que o despojara da sua virilidade. Bufou-me uma

nuvem de fumo pestilento para a cara, obrigando-me a tossir. Não obstante, apenas grunhiu:

— Segue-me!

Onde estaria Erebus? Mesmo que Halvard descobrisse a sua transgressão, não o mataria porque necessitava dele para concretizar a profecia. Porém, não hesitaria em torturá-lo... Marchei atrás de Deimos até ao salão nobre, com as entranhas a contorcerem-se. Uma garra invisível apertava-me a garganta, alterando-me a respiração. Estava em pânico! E, ao invés de me fortalecer, a magia das pedras ainda me perturbava mais, impondo uma tontura que me enevoava o olhar e fazia o chão ondular debaixo dos pés.

Halvard esperava-me junto ao tanque. Brincava com a água da cascata como se desejasse capturá-la entre os dedos. Surpreendi-me ao constatar que trajava com simplicidade, pois seria de esperar que se vestisse como um rei para se vangloriar do meu regresso. A longa trança loura e rubra, que nascia no topo do seu crânio tatuado, reluzia sob a claridade das portadas e serpenteava-lhe sobre o ombro... Seria um prazer enrolá-la em torno do seu pescoço!

— Deixa-me a sós com Kelda.

A ordem arrepiou-me. Notava algo diferente na sua voz: uma rouquidão possante que antes não existia. Igualmente esquisito foi ver Deimos obedecer sem resmungar. Ficámos sozinhos na imensidão resplandecente do salão e o meu gémeo continuou a mexer na água, destroçando-me os nervos. Odiava-o! E odiava este lugar que tão abomináveis lembranças me trazia! As pedras do salão estavam impecavelmente polidas, mas eu sabia precisar onde o sangue de Lysander fora derramado. E o sangue de Sigarr...

De repente, outra tribulação juntou-se à vertigem causada pela magia de Aranwen... Não existia ar à minha volta! Sem o alento da luz cedida pelos espíritos dos meus avós, teria tombado no chão. Ainda cambaleei... Então, o meu instinto troou em alarme. Essa energia incapacitante proviera de Halvard! Ele tentara derrubar-me! Agora, mirava-me como se averiguasse os efeitos do assalto. E os

seus olhos fulguravam com um novo brilho! Sofri mais um susto. Seria possível que a magia do meu gémeo tivesse crescido desmesuradamente? A não ser... A não ser que ele tivesse assimilado uma essência extraordinariamente poderosa! Lysander...?

— Estás bem, Kelda? — Levantou-se, ágil como uma fera. — Pareces tão cansada...

As centelhas perversas tinham abandonado o seu olhar. Era o irmão carinhoso que se aproximava, de braços abertos para me estreitar. Acharia que eu perdera a memória ou o siso?

— Sentiste a minha falta? — inquiriu, continuando a avançar. — Eu quase morri com saudades tuas! Felizmente, esta foi a última vez que tivemos de nos separar. — E quando o repeli, atónita, aditou com espantosa placidez: — O calor está a incomodar-te? Vem refrescar-te no tanque...

— Trouxe-te as Lágrimas — cortei, tentando pôr fim ao seu desvario. Abri a bolsa de cintura para provar que não estava a enganá-lo e vi os seus olhos faiscarem de cobiça. Porém, limitou-se a acenar com a cabeça e a exclamar:

— Está claro que trouxeste! Eu nunca duvidei das tuas capacidades! Agora descontraí-te. Se preferires, ordenarei que te preparem um banho no quarto. Deve estar a chover muito no Norte... Estás toda suja de lama! Vai repousar e depois contas-me a tua aventura.

Mastiguei o assombro e a raiva. Com mil ratazanas trapaceiras, que jogo era este que Halvard inventara agora? Pusera-lhe o mais ambicionado dos tesouros debaixo do nariz e ele nem esticara a mão? E ainda insistia para que eu fosse descansar, como se nada se passasse? Incapaz de alcançar os desígnios da sua mente tortuosa, contrapus:

— Chega de conversa! Liberta Lysander...

— Sim, sim... Vou libertá-lo. Só não tenho de ir a correr, pois não? O príncipe está a ser bem cuidado... Mandarei que lhe sirvam uma refeição farta antes de partir, para que não lhe falem as forças durante a viagem. Fica tranquila! Tratarei de tudo... Alguma vez te

dei razões para duvidares de mim? Estás tão tensa, querida! Relaxa! Olha nos meus olhos. Está tudo bem... Tudo bem... Podes confiar em mim. Para sempre...

A sua voz... Os seus olhos... Um timbre novo na voz. Um brilho novo nos olhos. Um poder novo na essência. Halvard não podia controlar a minha mente... Ou será que podia? Algo estava errado! Funestamente errado! Os seus olhos... A sua voz... A sua essência entorpecia-me. Fiquei colada ao chão, a respirar aos borbotões, enquanto ele sussurrava:

— Esquece a vida que deixaste para trás... Esquece o príncipe da Gente Bela... Esquece as nossas divergências... Esquece tudo, exceto o laço inquebrável que nos une...

Pisquei os olhos, atarantada. Quando permitira que ele segurasse o meu rosto entre as mãos? Estávamos próximo... Demasiado próximo! A sua essência envolvia-me... Tão quente. Escaldante! O seu olhar trespassava-me... Tão fúlgido. Candente! E perseverava, rouco e terno:

— Tu amas-me. Eu amo-te. Vamos ficar unidos. Para sempre... É o que mais desejas! Farás tudo o que eu disser... Tudo o que eu ordenar... Para sempre...

Essência. Voz. Olhos... E lábios carnudos que desciam sobre os meus! O choque foi tão grande que me fez saltar como se queimada por um ferro em brasa. Empurrei-o, bramindo:

— O que estás a fazer? Quantas vezes terei de te dizer que a minha mente é inviolável?

Esforçava-me por demonstrar segurança, mas estava assustada. Já não tinha dúvidas de que Halvard adquirira um novo poder. E depositava tanta confiança nessa magia que a usava descaradamente... O que raio acontecera na minha ausência?

Halvard demorava a refazer-se da surpresa imposta pela minha resistência. Após ponderar, decerto concluiu que era inútil insistir, pois a frustração venceu-lhe o rosto. Aguardei por uma explosão de fúria... Todavia, soprou o ar e refreou-se, interpelando obstinado:

— Queres que acredite que, se tivesses de escolher entre mim e aquele bastardo, não ficarias ao meu lado?

— Maldito sejas, Halvard! — praguejei. — Vais soltar Lysander já ou juro por tudo o que é sagrado que terás de me matar se não quiseres que eu te mate!

A sua expressão fechou-se. Empinou o nariz e rosnou:

— Dá-me as Lágrimas.

— Primeiro vais levar-me até Lysander...

— Queres medir forças comigo, Kelda? — troou, libertando a sua sanha. — Pois agora sou eu que te faço uma jura... Se não me obedeceres, certificar-me-ei de que o «teu protegido» não exalará nem mais um suspiro! E sabes que essa é uma promessa que não me custará nada cumprir.

Engoli em seco, petrificada por um horror que não podia denunciar. Respirar fundo... Respirar simplesmente! Continuava tonta e nem sequer tinha uma arma. Nestas condições, combater o meu irmão seria estupidez. A minha mente clamava:

«Aguenta-te! A magia de Aranwen há de ajudar-te! De outro modo, porque te atribuiria a Pedra do Tempo esta missão? Confia em ti!»

Negociar com um louco... Não era fácil iludir Halvard, mas era possível! Enquanto percorria os trilhos de luz, eu refletira na melhor maneira de debelar a sua mais do que previsível traição. O meu gémeo não fazia ideia de que a concretização da profecia pendia da minha magia... Essa era a minha vantagem! Se lhe entregasse as Lágrimas e fingisse render-me aos seus desígnios, ganharia tempo. E, mal a minha essência se ajustasse à magia de Aranwen, poderia enfrentá-lo... Desta vez, não vacilaria! Se não fosse capaz de matá-lo, acabaria morta. Logo, de uma forma ou de outra, a maldição do Filho do Dragão estava condenada.

Estendi-lhe os cristais com cuidado, para que não visse que a cicatriz na palma da minha mão direita desaparecera. Halvard segurou-os, fechou os olhos, sentiu o pulsar da sua energia e sorriu vitorioso. Devia pensar que estavam reunidas todas as condições

para a efetivação da sua glória... De súbito, encarou-me e indagou com uma severidade gélida:

— Quem foi que te obsequiou com o trilho de luz que te trouxe até aqui? O nosso prezado parente Ingimar...? Ou a *Observadora Íris*?

— O quê? — titubeei desconcertada. Poderia ele saber...? Mas como? Teria Thorson avaliado mal o Mestre Supremo? Será que, efetivamente, Celsus me denunciara? Com mil ratazanas desunhadas, se tal fosse verdade, eu estava a chapinhar no lodo!

Perante a minha inquietação, o facínora cruzou os braços diante do peito numa pose instigadora e mastigou:

— Uma vez que não estás interessada em ir descansar, como tão gentilmente te propus, podes começar a contar-me como foi que te apossaste das Lágrimas... Agora!

Cerrei os punhos com o ar preso. Se sofresse os nervos, talvez conseguisse convencê-lo de que os Feiticeiros lhe tinham enfiado um monte de mentiras pela goela abaixo com o intuito de virá-lo contra mim. Sustive o seu olhar e repliquei com prodigiosa firmeza:

— Chamei Thorson à floresta para conversarmos. Ele acreditou que eu tinha fugido e acedeu a purificar a minha essência, para que pudéssemos regressar juntos à Montanha Sagrada. Quando ficou vulnerável, ataquei-o. Depois, escondi-me e aguardei por um trilho de luz.

— Mais uma vez pergunto... Quem te obsequiou com esse trilho?

— Foi Ingimar! Por ordem do Mestre Supremo! Não estou a entender...

— Quem não entende sou eu... — objetou com uma lentidão agonizante. — Talvez possas explicar-me como é que isso é possível... se o Mestre Supremo foi expulso há dias da Montanha Sagrada, pela mão do próprio Ingimar!

O meu coração parou e o ar gelou dentro dos pulmões. Acabara de me afundar no lodo! Como me quedei, empedernida, o meu gémeo torceu uma careta e continuou, num tom moderado, mas escarninho:

— A vossa luta deixou Celsus em sarilhos. Ao pisar a Terra, quebrou uma das principais leis que aplica. Logo, teve de se colocar à mercê do Conselho. E, evidentemente, tudo o que aqueles asnos desejavam era um pretexto para lhe dar um coice. Não sabias disto? Imagino que o isolamento impeça que as notícias cheguem em tempo útil... à Ilha dos Penhascos.

A calamidade era muito pior do que eu imaginava! Halvard estava tão deliciado com a minha agonia que mal conteve o riso ao prosseguir:

— Foi da Ilha dos Penhascos que vieste, correto? Afinal, era lá que se encontrava a última pedra da nossa antepassada Aranwen. Diz-me, querida... Assimilaste a sua magia?

A minha posição enfraquecia a cada fôlego. Tinha de reagir e impor a caliginosa questão:

— O Mestre Supremo veio ter contigo?

Halvard riu abertamente, sacudiu os ombros e replicou com um gesto teatral:

— O que mais podia o coitado fazer, além de procurar abrigo sob o teto do único amigo que lhe restava? E como podia eu recusar-lhe esse favor?

Celsus estava no palácio? De súbito, a verdade explodiu-me na cabeça como uma bolha de sangue. A vista tingiu-se de vermelho e comecei a tremer sem controlo. Seria essa a justificação para as alterações que a essência de Halvard sofrera? Não! Era abominável de mais!

— Mataste-o... — gorgolejei, sufocada pelo pânico.

A resposta fundiu-se com uma gargalhada mesquinha:

— É claro, Kelda! — E elucidou, azedo e ferino: — Celsus abordou-me com ares súperos, assegurando ter informações cruciais para a realização da profecia... Queria ditar-me condições, o imbecil! Para lhe mostrar a minha gratidão ante a sua generosidade, ofereci-lhe um repasto regado com o melhor néctar do palácio... Acreditas que, há séculos, sua excelência não provava comida verdadeira? Refastelou-se como um porco! Nem percebeu que estava a ser

envenenado! Sim, fui deselegante na ofensiva. Devia tê-lo desafiado para um duelo e demonstrado que merecia a sua vida. Porém, o tempo urgia! Sabes, é que eu não desejava apenas o seu conhecimento... Queria a sua magia! E não podia arriscar-me a que, entretanto, os seus infetos pares lhe aplicassem o anunciado castigo e o seu poder se me escapasse por entre os dedos.

Essa razão pesara, mas não fora a única. Halvard não tivera pejo em prostrar Celsus dessa forma indigna porque receara confrontá-lo num combate justo. E agora? Num estalar de dedos, as minhas esperanças tinham-se desfeito em pó. A Pedra do Tempo mandara-me assimilar a magia de Aranwen para me tornar mais poderosa do que Halvard... E o meu irmão superava-me, usurpando a magia do Mestre Supremo! Começou a andar em meu redor, como um predador a divertir-se com a presa antes de a devorar, enquanto desdenhava:

— Devias tê-lo visto... Foi hilariante! Parecia um peixe a estrebuchar fora de água! Mantive-o consciente até ao último instante... E jamais esquecerei o olhar que me lançou quando lhe abri o peito e arranquei o coração! Deleitei-me com a sua essência e diverti-me a deslindar os segredos mais bem guardados do universo... Mas isso é outra história! Para já, interessa-me saber de ti, Kelda. Afinal, apropriaste-te ou não da magia de Aranwen?

Rangi os dentes, esforçando-me por respirar. Era óbvio que ele descobrira a minha importância para a celebração do ritual... E, após averiguar que a minha mente era tão sólida que nem a magia de Celsus conseguia devassá-la, convencera-se de que era impossível domar-me. Jamais me deixaria escapar, mas também não podia matar-me... Engoli em seco, com as ideias num turbilhão. No fim, talvez a minha situação não fosse assim tão precária! Halvard adaptava-se às circunstâncias, conforme as suas conveniências. Estava ciente da minha traição, mas mantinha-se cauteloso na abordagem, pois sabia o quanto dependia da minha vontade. Esta nova face da realidade confrontava-o com o desafio mais complicado que o seu raciocínio vicioso alguma vez tivera de enfrentar: como

levar-me a pactuar com as suas atrocidades, sem ceder às minhas exigências? A solução era recorrer a todas as manhas para me provar que eu não possuía outra escolha senão segui-lo. E já apertava o cerco, declarando noutra «golfada» de ternura:

— É inútil negares! A resposta está no brilho do teu olhar, nos movimentos do teu corpo... Quando me apoderei do poder de Celsus estive dois dias como se embriagado. A visão turvava-se, o chão oscilava, o pensamento arrastava-se... É isso que sentes, não é? Percebi-o mal te vi! A magia que consumiste é tão excelsa que a essência necessita de se adaptar. Porém, logo verás o mundo de outra perspectiva. Tudo se assomará mais claro, mais... fácil! E eu estarei ao teu lado, para te apoiar e proteger em cada passo dessa nova caminhada.

Quanta desfaçatez! E continuava, como se fosse o mais magnânimo e íntegro dos seres:

— Confesso que me revoltei quando Celsus te acusou de te aliares a Thorson... Porém, ao trazeres-me as Lágrimas, demonstraste o quanto me amas! Aliás, ainda que te seja difícil admiti-lo, estou convicto de que assimilaste a magia das pedras de Aranwen com o propósito de me ajudares a vencer a guerra. Por isso, estou disposto a perdoar as tuas insídias.

A sua conclusão retorcida deixou-me estupefacta, incapaz de reagir quando me agarrou as mãos e inclinou a cabeça para me fixar, asseverando:

— Aqueles que consideras teus aliados apenas te usaram para servir os seus desígnios... Enganaram-te desde o berço! — Pousou-me um dedo sobre os lábios, travando o meu protesto e sustentando: — Eu sempre soube que o nosso destino era um só. E a magia de Celsus desvendou o porquê dessa intuição. O teu sangue é a chave que liberta o poder das Lágrimas do Sol e da Lua... Sim, Kelda! Tu não nasceste para combater a profecia. Nasceste para concretizá-la.

O segredo estava desfeito! Senti que a minha queda no abismo terminara e o meu corpo se esmagava no fundo rochoso do fosso da

danação. Ossos partidos, carne destroçada, vísceras e sangue derramados; tudo varrido por uma onda assoladora de desespero... Porém, quando a mente atinge o pico do terror e a razão se verga à evidência de que toda a esperança é vã, o medo perde o seu poder; torna-se insignificante, mesquinho, ridículo até. Uma calma insana apoderou-se do meu ser, enquanto o meu irmão rematava:

— Agora que os nossos poderes estão colossalmente ampliados, graças à magia de Celsus e de Aranwen, já imaginaste o que podemos alcançar com a fusão das nossas energias?

Não desperdiçaria mais tempo a contestá-lo. Afastei-o e dirigi-me para a porta, impelida pela convicção de que, em prol da sua preciosa profecia, Halvard dilaceraria o orgulho à dentada antes de voltar a quebrar um fio do meu cabelo.

— Aonde vais? — inquiriu nas minhas costas, como se perplexo.

— Libertar Lysander — volvi com uma firmeza seca. — Queres a minha colaboração? Tê-la-ás mal ele parta em segurança.

— Não ouviste o que eu disse? — retrucou, indignado. E, como não me quedei, estrondeou: — O que te importa a sorte daquele reles? Fica sabendo que, na tua ausência, o bastardo amaldiçoou o teu nome, cuspiu nos vossos laços, jurou matar-te se lhe aparecesses à frente...

Halvard não sabia resignar-se! Soltou um urro furibundo e precipitou-se no meu encalço. Fui obrigada a estacar quando me cortou o caminho. Arrotei-o, disposta a tudo. E, ao constatar quão férrea era a minha resolução, ele abespinhou-se ainda mais:

— Para de contender e abraça a nossa sorte, Kelda! Deixei-te partir, não deixei? E tu tentaste resistir, mas o nosso amor sobrepôs-se a tudo! Ousas contestar que roubaste as Lágrimas a Thorson para voltares para mim? Ou queres que acredite que o miserável renunciou à sua posse para me prestar tributo?

Ninguém distorcia a realidade melhor do que o meu gémeo! Soprei o ar e volvi, despeitada:

— Roubei as Lágrimas, sim... Para salvar Lysander! Achei que, por uma vez, cumpririas a tua palavra! Fui estulta, bem sei... Mas não

voltarei a sê-lo! Sai da minha frente, Halvard! Se fizeres algo para me deter, terás de raspar o meu sangue do chão se quiseres tornar-te Filho do Dragão.

— Que tolices estás para aí a dizer? — resmoneou, hesitando perante a minha determinação.

— Que me mato... E tu não podes impedir-me! A magia é a minha maior arma; vive dentro de mim e está para além do teu controlo.

— Nada está para além do meu controlo — rugiu.

— O falhanço de há pouco não te serviu de lição? — contendi.

— Esqueces que me pertences? — berrou, com a fúria a emergir. E, num arranco, cravou-me as garras no pulso direito e expôs-me a palma da mão. — Tu devotaste-te a mim...

O urro morreu-lhe na garganta ao verificar que a marca do pacto de sangue sumira. Fixou a cicatriz bem vincada na sua mão e gaguejou, incrédulo:

— C... Como é possível...?

Libertei-me com um safanão e alterquei, com o vilipêndio a extravasar na voz:

— Tu já não tens, nem voltarás a ter, qualquer domínio sobre mim!

Então, prendeu-me um braço e puxou-me contra o peito, bramindo iracundo:

— Não sei como quebraste o nosso elo, mas celebraremos outro pacto...

— Solta-me imediatamente! — guinchei no mesmo tom. — Não torno a avisar-te...

Calei-me quando me cravou os dedos no pescoço. Vi o verde-floresta do seu olhar ser consumido pelas chamas da perversidade, enquanto arreganhava os dentes e trovejava:

— A minha paciência chegou ao fim! Achei que a revelação da profecia te faria reconhecer que a nossa união é inevitável e eterna... Mas tu teimas em rejeitar a verdade! Não me deixas outra opção senão abrir-te os olhos de uma vez por todas!

E os seus lábios tombaram sobre os meus com uma paixão arrebatada. Desviei o rosto e fugi da sua boca, arfando horrorizada:

— O que é que estás a fazer? Nós somos irmãos...

— Não, não somos! — refutou numa voz cava e aterradora, forçando-me a encará-lo. — Olha bem para nós, Kelda... Achas que sequer somos parecidos? As Entidades divinas apenas nos juntaram no mesmo ventre para que não existissem dúvidas de que fomos talhados um para o outro! A Noite Branca selará o nosso destino. Durante o ritual, eu darei a carne; tu darás o sangue. Eu serei o Filho do Dragão e tu a minha companheira. Ficaremos ligados para além da vida e da morte.

— Nem que todos os deuses descessem à Terra! — gemi, agoniada, lutando para me libertar.

— Não me contraries! — resmungou, voltando a imobilizar-me. — O nosso amor nada tem de fraterno! Tu sentiste-o tal como eu, mal os nossos olhos se cruzaram pela primeira vez, neste salão. Desde então, vivo num tormento para me refrear, convicto de que a nossa paixão só deveria consumir-se sobre o Altar do Mundo... Porém, não irei sofrer mais! Ao regressares, provaste que me desejas tanto quanto eu te desejo. Rende-te, querida! Entrega-te a mim e o nosso prazer será sublime.

Com mil ratazanas peçonhentas, isto era um pesadelo grotesco dentro de um pesadelo abominável! A minha mente revolvia-se numa voragem de negação. O coração massacrava-me o peito. O asco queimava-me as entranhas... A loucura de Halvard estava para além de quaisquer argumentos! Tudo o que eu dizia e fazia era moldado para servir os seus caprichos desvairados. Estava cativa de um monstro que não possuía a menor noção de dignidade e de decência!

Tentou beijar-me novamente... Debatí-me, contorci-me e estrebucheí, clamando ameaças que se revelaram vãs. O celerado apelou à superioridade da sua força para me empurrar contra uma coluna. Esmagou-me e varou-me o olhar, roncando:

— Não quero tomar-te à força... Mas fá-lo-ei se me obrigares!

Soltei um braço. Sem ângulo para lhe dar um soco, tentei afastá-lo o suficiente para torcer o corpo e usar as pernas. Então, as minhas unhas arranharam uma superfície sólida e as lágrimas subiram-me aos olhos, ao perceber tratar-se do punhal de Lobo Cinzento. A sorte esboçava-me um ténue sorriso e eu não ia ignorá-la.

Num fôlego desesperado, arranquei a arma da bainha e enterrei-a nas suas costas. O uivo de Halvard estrondeou através do salão e o choque fê-lo cambalear. Empurrei-o e desatei a correr. Para que lado ficava a porta? A luz encandeava-me. Estava tão tonta e nauseada que mal me sustinha. Por pouco não tombei dentro do tanque. Precisava de parar e recuperar o equilíbrio, ou arriscava-me a desfalecer...

— Kelda...

O apelo troou qual derrocada de um penhasco. Virei-me para enfrentar o infame, a tempo de vê-lo livrar-se do punhal. O seu rosto estava desfigurado pela raiva e pela dor. O sangue manchava-lhe a túnica, mas a ferida não era mortal. Para além da sua resistência natural, agora Halvard podia contar com a magia de Celsus para sarar. Parecia petrificado de espanto... Fitava-me com olhos cerrados e lábios comprimidos, como se fosse chorar.

— Porque fizeste isto? — interpelou, num ulo profundo e magoado.

Não tornaria a baixar a guarda diante dele... Jamais! Halvard tentara violar-me... Halvard só descansaria quando conspurcasse tudo o que existia de puro à face da Terra! De resto, o miserável alcançara o seu objetivo: eu já não o via como um irmão! A sua presença era suficiente para me fazer estremecer de ódio e repugnância. Seria capaz de pôr fim à sua abominável existência sem um tremor de pulso se tivesse ânimo para me mexer... Maldição! Não podia continuar a tremelicar à beira do tanque! Se evocasse a invisibilidade, talvez conseguisse sair do salão e esconder-me até a vertigem se extinguir.

— Não permitirei que fujas de mim — arfou, com a alienação a sobrepor-se ao pungimento. — A nossa união está escrita nas estrelas...

— Pois destruirei as estrelas! — cuspi com desdém. E inspirei fundo, orando para que a magia não me falhasse. Baixei o rosto para observar as mãos e comprovar o sucesso do encantamento. Então, um ruído retumbou nas minhas costas... E uma onda despenhou-se sobre mim, colheu-me e arrastou-me para dentro do tanque.

Tentei pôr-me de pé, mas fui enrolada e sovada pelos punhos de água. Fiquei cega, surda e sufocada pelo pânico. A capacidade de ficar invisível dependia da concentração... Porém, neste momento, tudo se resumia ao mais completo caos! Halvard apelara à cascata para me capturar. Decerto preparava-se para atacar e eu nem tinha forças para me livrar da veemência aquosa... De repente, algo extraordinariamente possante atingiu-me. Bati num dos lados do tanque e senti os ossos do peito colarem-se às costas. Os pulmões quase me saltaram pela boca, ao mesmo tempo que o crânio se esmagava contra a pedra. Cuspi sangue e engoli água. A dor foi tão excruciante que, por instantes, a consciência se esvaiu.

Ao recobrar a percepção, vi-me imersa num turbilhão de água destroçado por braços e pernas. Halvard prendera-me contra a parede do tanque, rasgava-me as roupas e grunhia pragas... Mal enxergou o branco do meu olho, espetou-me os dedos nas faces e rosnou na voz demoníaca que jorrava da sua garganta sempre que o monstro se manifestava:

— Gostas de lutar? Eu também gosto... Esta será a melhor luta das nossas vidas!

E comprimiu os lábios contra os meus. A sua língua era uma adaga de fogo a trespassar-me os dentes. As mãos rudes cravavam-se nos meus seios e as pernas abriam caminho por entre as minhas, com o ímpeto de um aríete. Quanto mais eu estrebuchava para afastá-lo, mais Halvard urrava de excitação. Jamais o deteria pela força! Fustigá-lo com socos e pontapés era o mesmo que atacar um

rochedo. Apelei à magia, mas adversou-me prontamente. Teimei e ele cascalhou. Revidou e atordoou-me com um vômito do seu novo poder... Terror. Dor. Asco... Se voltasse a perder os sentidos, seria o fim!

Com as lágrimas a ruírem pelas faces, percebi que a proteção das vestes sumira. O contacto das peles nuas fez-me carpir de horror. A energia negra do Filho do Dragão entranhava-se em mim, como agulhas a perfurarem-me a carne, os músculos e os ossos, até alcançarem o meu cerne. Depois, inflamava-se e incendiava-me... Mas não com o resultado que Halvard almejava. Quanto mais se empenhava em despertar o meu desejo, mais avivava a repugnância. Não obstante, era um mestre da Arte Obscura, com a magia do mais excelso dos Feiticeiros a pulsar no sangue. Só apelando à Arte Luminosa conseguiria debelá-lo... Porém, a claridade da minha essência tremulava, confundida pela nova energia que lhe fora imposta.

Para meu martírio, o poder de Aranwen desgraçava-me, ao invés de me salvar! A fraqueza subjugava-me; o corpo desfalecia, o raciocínio extinguiu-se, a magia apagava-se... Então, o meu gêmeo escancarou-me as pernas e torceu as ancas, pronto para consumir a perversão. Senti o fogo do seu bafo e a pressão odiosa da sua virilidade como uma tocha prestes a invadir-me, a rasgar-me, a destruir-me para além de qualquer conserto.

— Mano, não... — carpi, numa derradeira súplica carregada de angústia.

O Filho do Dragão arrostou-me, exclamando abrasado:

— És minha, Kelda! Para sempre!

Os seus olhos eram pântanos de labaredas, onde miríades de almas flageladas se contorciam, consumidas pela fome assoladora da magia negra. Tal como elas, eu estava condenada... Ou talvez não! Restava-me uma possibilidade... Superar o nojo e enganá-lo! Inspirei um fôlego de coragem e arquejei, com a maior convicção que fui capaz de simular:

— Venceste, Halvard! Não posso mais refutar o amor que nos une... Beija-me e serei tua!

Parei de escabujar, envolvi-o num abraço e ofereci-lhe os lábios. Ele ainda hesitou... Então, soltou um ganido e beijou-me como se pretendesse devorar-me. Afundei-me na sua boca e, sem hesitar, cravei-lhe os dentes nos lábios até sentir o sabor do sangue. Halvard estava tão arroubado que assumiu a investida como um sinal de paixão. Uivou excitado e tornou a pressionar-me. Porém, no instante em que o golpe dos seus quadris se anunciava, apelei ao poder que guardava bem escondido nos confins da minha essência: a maldição de Mazin.

A magia do verdadeiro soberano deste território era terrível. Não podia ser aprendida, pois encontrava-se imiscuída na essência. E, se o seu progresso não fosse travado, um simples corte prestes originava uma chaga que se alastrava sem controlo. Enquanto a carne se desfazia, os músculos e os órgãos decompunham-se, até nada restar do corpo além de uma massa disforme a escorrer dos ossos. No dia em que combatera Mazin, eu só me salvara graças à capacidade de assimilar conhecimento. Contudo, quem não possuía tal aptidão dependia da rapidez do auxílio de alguém com habilidades curativas excepcionais. De outro modo, sofreria uma morte atroz.

Em tempos, o meu gémeo também enfrentara esta imprecisão. Por isso, conhecia-a bem! Não demorou a aperceber-se da energia que se espalhava pelo seu sangue, como o veneno da mais letal das serpentes. E os seus olhos esbugalharam-se, pois acreditara que a peçonha que tanto o apavorava fora erradicada com a perseguição que movera aos descendentes de Mazin.

— Como...? — gorgolejou. — Como é que tu...?

Empurrei-o com a força que me restava e libertei-me da prisão dos seus braços. Já me içava para fora do tanque quando me capturou um tornozelo. Puxou-me com tanta violência que me arrancou do chão. Tombei desamparada e magoei as costelas. Nem tive tempo

de pensar na dor, pois o ascoroso caiu sobre mim e fechou as mãos na minha garganta, sacudindo-me e berrando:

— Aleivosa! Quebra imediatamente o sortilégio ou...

— Odeio-te! — talhei, cuspendo-lhe para a cara. — Hás de arder nos confins do submundo...

Halvard deu-me uma bofetada que quase me arrancou a cabeça. Depois, agarrou-me pelos cabelos e esmagou-me o crânio contra a pedra, fremindo:

— Desta vez foste longe de mais! É junto daquele bastardo que queres ficar? Pois far-te-ei a vontade! Irás assistir à sua tortura e testemunhar o seu suplício, até que a morte o arrebate das minhas mãos.

O malefício já quase lhe desfizera os lábios. O sangue escorria a rodos... Contudo, estava tão iracundo que desprezava a urgência de apelar por ajuda. Continuava a estrangular-me e bramia:

— Foi a última vez que me embaíste. A profecia encarregar-se-á de te domar! Quando eu for Filho do Dragão vais rastejar aos meus pés, rogar a minha atenção, suplicar pelo meu ardor...

Um abanão mais veemente fez o meu pescoço estalar. Gritei de aflição, mas só escutei um eco dentro da cabeça, como a pancada de um chicote... E a realidade tingiu-se de negro.

CAPÍTULO 21

«*Príncipe aguentar. Kelda vir. Erebus resolver.*»

A voz do meu primo soou tão distinta como se me sussurrasse ao ouvido. No entanto, era apenas um sonho; o reavivar da declaração que me compelira a efetivar esta loucura. Vi-me na praia da Ilha dos Sonhos com as sete pedras de Aranwen nas mãos. Depois, quedei-me sob as sombras das Pedras do Mundo, embriagada pelo seu poder... Se a fenomenalidade da magia da minha antepassada feiticeira ia para além do que a minha condição humana era capaz de suportar, porque é que a Pedra do Tempo me ordenara que a assimilasse?

Aos poucos, a memória restabelecia-se. De novo, Halvard tentara avassalar-me a mente; apossara-se das Lágrimas do Sol e da Lua, recusara-se a libertar Lysander e quisera violar-me. Se não precisasse de mim para concretizar a profecia, ter-me-ia morto. Todavia, a sua imprecação firmara-se: «*Serás minha para sempre, Kelda! Para sempre!*»

Um assobio rasgou as trevas álgidas da minha inconsciência. Carregava o calor da primavera, o perfume de ervas virgens e de flores coloridas, a harmonia da canção do vento a deslizar por entre as copas das árvores... Era a música da flauta de Lysander, mas não era o herdeiro da rainha Lyria quem a entoava. Dedos ásperos e secos como galhos acariciavam-me as faces, ao mesmo tempo que uma energia fresca e sadia purgava o sangue derramado dentro da minha cabeça. Então, o som ganhava voz e murmurava: «*Confiar, prima. Erebus proteger.*»

Lutei ardorosamente contra a escuridão que me asfixiava os sentidos; enfrentei a vertigem e a náusea. De repente, deparei com uma cintilação estranha... Um brilho adverso à pureza da luz, onde trevas coruscantes se misturavam com a perversão do fogo. O meu olhar exaurido reconheceu a essência da magia negra, palpitando nas correntes que imobilizavam dois braços roxos, estirados sobre

uma cabeça pendida. Não enxergava o rosto do homem, mas o seu crânio estava esfacelado e chagas purulentas cobriam-lhe o tronco nu. O seu sangue ensopara as calças e formara poças no chão de argila... A minha respiração alterou-se, à medida que a razão se impunha e o coração acelerava em sobressalto. Eu estava na cela de tortura... E, à minha frente, encontrava-se a sombra definhada e flagelada do príncipe da Gente Bela.

— Lysander... — chamei. Saiu-me um gemido quase inaudível, mas foi o suficiente para ele me encarar. Mal contive um soluço de horror ao ver o seu rosto desfeito. Os olhos eram bolbos de sangue e, por instantes, convenci-me de que Halvard o cegara. Mesmo assim, o seu semblante denunciou a comoção que o assolava.

— Kelda... — arquejou. — Pela graça da Águia Sagrada, Erebus não mentiu!

— Lys... — tornei, rouca de comoção. Quis correr para ele, mas as pernas não me obedeceram. Os braços também estavam presos! Ainda aturdida, descobri-me cativa de correntes de magia negra, tal como o príncipe. E um frémito de raiva percorreu-me ao recordar as palavras do meu irmão: «*Ficarás ao lado do bastardo e assistirás à sua tortura!*»

Pois o monstro enganava-se grosseiramente se achava que me subjugaria com esta atrocidade! Eu já me libertara de armelas amaldiçoadas...

— Não, Kelda! Não... — apelou Lysander. Porém, era tarde. Num impulso resolutivo, apliquei-me em assimilar a magia das correntes, como fizera no salão. E foi como se lâminas ardentes se enterrassem na carne e a separassem dos ossos. Gritei de surpresa e dor, com a mente a encher-se de névoa. Desfaleci e quase perdi os sentidos... Com mil ratazanas esboroadas, que me servisse de lição para não subestimar Halvard!

— Perdoa-me — vagi num fio de voz. — A culpa é toda minha...

— Escuta... — retrucou com firmeza. — Deimos consolidou as tuas correntes com a sua magia. É inútil tentares quebrá-las. Ao invés, bloqueia a razão e escuda a essência. Se impedires a luz que

estás continuamente a gerar de se esvair, ganharás forças para reagir na altura certa.

— Como sabes que a minha essência acumula luz? — indaguei, atónita.

— Não há tempo para explicações — urgiu. — Concentra-te!

O esforço que o príncipe empreendera para pronunciar cada palavra cortou-me o coração. O seu alento esgotava-se, mas, ao ver-me hesitar, ainda aditou:

— Faz o que te peço... Por favor!

Gaguejei um protesto. Halvard chegaria a qualquer momento e iria esquartejá-lo só para retirar prazer da minha agonia! Devia haver algo que pudéssemos fazer... Todavia, Lysander baixou o rosto para me coagir a obedecer e não tornou a responder-me. Respirei fundo e fechei os olhos, rendida... Formar um escudo para conter a luz da essência. Bloquear a razão e esquecer as ameaças, o perigo. Esquecer tudo, por um instante...

Apliquei-me tão rigorosamente nas instruções do meu mestre que pulei de susto quando a porta rangeu, anunciando que alguém entrara. Lysander não se mexeu. Teria desmaiado? Prendi o fôlego, à beira de um delíquio. Nunca me sentira tão indefesa... Tão odiosamente vulnerável! Uma sombra fundia-se com as trevas... E se fosse Deimos? Ou o Filho do Dragão? Reconheci Erebus e estremeci, corroída pela ansiedade. Devia ficar apreensiva ou aliviada?

Rápido como um raio, Erebus despiu a sua capa e retirou algo semelhante a cristais de gelo da dobra do tecido. Lançou-os sobre as correntes que me aprisionavam e, sob o meu olhar perplexo, o brilho destas alterou-se. O malefício de Deimos estava neutralizado! As armelas que me cingiam eram agora de pura magia negra, compatível com a sua essência. Num ápice, libertou-me e apoiou-me nos braços. Balbuciei o seu nome, mas silenciou-me com dureza:

— Guardar forças. Cuidar príncipe.

Confirmou que me sustinha sem ajuda e dirigiu-se a Lysander. Fixei-o, atónita, enquanto soltava o prisioneiro e o deitava no chão.

Amparou-o contra o tronco e cedeu-lhe energia curativa. Em poucos fôlegos, o herdeiro de Lyria recuperava os sentidos e indagava:

— Está tudo pronto?

O meu primo respondeu:

— Halvard demorar restaurar. Deimos dormir. Príncipe apressar.

Inesperadamente, Lysander rebolou sobre Erebus e subjugou-o. Precipitei-me para os dois, a titubear de aflição. Então, verifiquei que não estavam a lutar. Pelo contrário, o meu primo oferecia abnegadamente a sua essência... E a sua miraculosa magia! Sob o meu olhar pasmado, o príncipe recuperava robustez à medida que o «Criador das Trevas» definhava.

— Para, Lysander! — apelei, assustada com a rapidez do prodígio.
— Vais matá-lo!

Não acreditava que fosse esse o seu propósito... Porém, nunca o vira apelar à Arte Obscura com tanta sofreguidão! Parecia descontrolado, tão embriagado de poder que me repeliu e continuou a assimilar a essência de Erebus. Com mil ratazanas tolhidas, o que podia eu fazer...? Nesse instante, o meu primo ergueu um braço e, prontamente, Lysander tombou para o lado. Quedei-me a observá-los, com as mãos sobre os lábios e as pernas a tremer: o príncipe fortalecido, com o olhar abrasado pelas chamas da magia maldita; o «Criador das Trevas» prostrado, mirrado, quase despojado de alento para respirar. No entanto, apercebeu-se da minha confusão, pois sibilou dorido:

— Estar bem, prima... — Depois, dirigiu-se a Lysander: — Tempo esgotar. Príncipe acabar...

O herdeiro de Lyria ergueu-se... E começou a flagelar o meu primo com pontapés! Desta feita, fui incapaz de me conter e tentei separá-los, rugindo indignada:

— Estás doido? Ele acabou de te salvar...

— Quieta! — fremiram em uníssonos. O próprio Erebus afastou-me e o príncipe resmoneou:

— Não interfiras, Kelda! Explicar-te-ei tudo quando estivermos a salvo.

Horripilada, vi Lysander espancar Erebus, sem que este esboçasse um gesto de defesa. Por fim, ajudou-o a pôr-se de pé... E, mesmo cambaleante, com a consciência por um fio, o «Criador das Trevas» esticou os pulsos para ser aprisionado com armelas de magia negra.

— Combinastes isto? — interpelei assombrada, enfim deduzindo o que estava em causa.

— Só assim Halvard se convencerá de que Erebus não foi cúmplice da nossa fuga — justificou Lysander, imobilizando-o com firmeza.

O meu primo fitou-me com o olhar negro pejado de carinho, antes de instar:

— Partir... Rápido!

— Não! — objetei, censurando-me por ter duvidado da sua amizade. — Tens de vir connosco!

— Não poder — contrapôs pertinaz. E Lysander acrescentou:

— Erebus e Halvard estão unidos por um pacto de sangue. Não importa onde Erebus se esconda, o teu irmão encontrará o rasto da sua essência. Seria impossível escapar-lhe...

— Temos de tentar! — porfiei, irredutível. — Por favor, Erebus! Halvard há de matar-te...

— Não! — atalhou. — Erebus saber enganar...

— Enganar? — alterquei. — Como? Quem mais poderia desfazer o malefício de Deimos...?

— Fugir, prima! Fugir antes magia esgotar!

Lysander interrompeu-nos e obrigou-me a encará-lo, enunciando com severidade:

— A magia que Erebus me cedeu é poderosa, mas breve. Consome-se a cada fôlego! Se não partirmos agora, serei incapaz de alcançar o navio.

— Mas não podemos deixá-lo...

— Não temos opção! Colocar-te fora do alcance de Halvard é a única maneira de impedi-lo de concretizar a profecia.

Perante a minha estupefação, o meu primo esclareceu numa voz que já acusava a fraqueza imposta pelas correntes:

— Erebus contar príncipe. Vida Kelda preciosa. Ir! Ir já!

Por pouco, não me desfiz em lágrimas quando o herdeiro de Lyria declarou solenemente:

— Mantém-te vivo, Erebus. A tua ajuda não será esquecida.

O outro não hesitou na réplica:

— Príncipe proteger Kelda. Kelda salvar, Erebus feliz.

O meu primo ocultara uma segunda capa por baixo da sua, para que os dois fugitivos se fundissem com a noite. A frustração corroeu-me quando Lysander me cobriu os ombros, puxou o capuz sobre a cabeça e arrastou para a porta. Erebus desviou o rosto para esconder a tristeza que o olhar denunciava... Estava convicto de que não nos tornaríamos a ver! Por mais excelso que o seu poder de dissimulação pudesse ser, Halvard não era tolo. No fim, acabara de perpetrar aquilo que jurara jamais fazer: traíra o Filho do Dragão. E dispunha-se a pagar por isso.

Esgueirámo-nos através dos corredores, a coberto da bruma, iludindo os guardas. Se alguma dúvida subsistisse acerca do pacto firmado entre Lysander e Erebus, os dois cavalos preparados para nos facilitar a fuga tê-la-iam dissipado. Montámos sem trocar uma palavra. As explicações ficariam para depois... Halvard não podia capturar-nos.

A ordem de Lysander para escudar a minha energia revelara-se profícua. A debilidade imposta pelas correntes malignas extinguiu-se assim que Erebus as quebrara. A náusea sumira e a cabeça assentava com firmeza sobre os ombros. Porém, mais extraordinário do que a pujança física era a rapidez com que a magia se consolidava. A luz que os espíritos dos meus avós proviam voltava a latejar... Mas algo mudara! O fulgor que me animava era mais consistente, muito mais vigoroso... Sim! A magia de Aranwen começava a manifestar-se naturalmente. Era... A minha magia! Alterada e elevada a um extremo que a razão ainda era incapaz de discernir, mas minha! A cada fôlego, apercebia-me da excelência de um poder que me preenchia a essência e robustecia o corpo. A

Kelda que Halvard prostrara não era a mesma que acabara de despertar!

Pelo contrário, Lysander estava cada vez mais fraco. Enquanto galopávamos em direção ao porto, fui verificando que a magia que Erebus lhe cedera se dissipava como poeira ao vento. Esse era o preço a pagar pela prontidão dos seus efeitos: tão eficaz quanto efémera, como uma chama que, por arder com grande exaltação, se consumia demasiado depressa. O príncipe não se queixava, mas já mal se sustinha em cima do cavalo. Segurei-lhe nas rédeas, mas ele impediu-me de parar, ordenando por entre fôlegos entrecortados de exaustão:

— Procura um navio chamado *Estrela Rubra*. O capitão Nolan é nosso aliado... E, Kelda, se algo correr mal, não te detenhas por minha causa.

Fixei os olhos ensanguentados e retorqui com toda a convicção:

— Se algo correr mal, morrerei ao teu lado!

Lysander não teve forças para alterar. Concentrei-me na condução dos cavalos e, prestes, a escuridão das ruas cedeu lugar à cintilação das fogueiras que iluminavam o porto. A construção de navios de guerra continuava, apesar de o Filho do Dragão já possuir uma frota colossal. Os escravos trabalhavam mesmo de noite, sob os estalos dos chicotes. Evitei a claridade e fundi-me com as sombras. Dois cavaleiros encapuzados não tardariam a despertar as atenções dos espiões de Halvard. Urgia encontrar o *Estrela Rubra*!

Os barcos sucediam-se, envoltos numa calmaria enganadora. Pareciam não conter viva alma, mas a minha visão apurada diferenciava os vultos de dezenas de marinheiros. A maior parte ponderava se seríamos presas fáceis. O facto de Lysander ter tombado sobre o pescoço da montada não pesava a nosso favor. Provavelmente, a única coisa que os coibia de nos assaltar eram as marcas do Filho do Dragão gravadas nos ornamentos dos cavalos.

Já avistava o fim do ancoradouro e a aflição queimava-me as entranhas. De súbito, um homem saltou de um navio pequeno e frágil, travando o nosso progresso. Aquele não podia ser o *Estrela*

Rubra! Dispus-me a desembainhar a espada, ao ver o intrometido deitar as mãos aos cavalos. Então, ele declarou na língua do Norte, sem vestígio de sotaque:

— Não receies, Kelda. Vou ajudar-vos.

O facto de trajar como os nativos confundira-me por instantes. Porém, nem sequer tive de lhe perguntar o nome, perante o verde-floresta do seu olhar. À minha frente estava o guerreiro que eu perseguira através do oásis... O mesmo que, mais tarde, me fora revelado na Visão que me mostrara a chegada do príncipe da Gente Bela à Terra das Montanhas de Areia.

Nolan era detentor de uma força excepcional. Sem ajuda, carregou o príncipe inanimado para o interior do navio. Soltei os cavalos e segui-os, estrangulada pela confusão. E agora? O mais prudente seria ficarmos escondidos no porão, até o herdeiro de Lyria se restabelecer. Mal se apercebesse da nossa fuga, Halvard mandaria os guerreiros passarem o porto a pente fino. Contudo, eu haveria de iludi-los recorrendo à invisibilidade. Já usara esse poder para encobrir Ulfvaldr de Deimos; faria o mesmo com Lysander... Qual não foi o meu espanto quando os marinheiros se posicionaram junto aos remos. Questionei o capitão e a sua resposta foi pronta:

— Se não partirmos já, teremos as cabeças espetadas em estacas antes de o Sol nascer.

— Mas é noite cerrada! E este barco não possui robustez para fazer uma viagem...

Nolan silenciou-me com um gesto impaciente, como se afrontado pela observação.

— Tens poderes mágicos? Concentra-te em sarar Lysander e não interfiras no meu trabalho!

Trinqueei um palavrão quando a escotilha do porão se fechou sobre a minha cabeça. Pensar que estávamos prestes a sair do rio e a enfrentar o mar, dentro desta casca de noz, no meio da mais completa escuridão, fazia-me ponderar se não seria menos perigoso combater a fúria de Halvard. Não conhecia Nolan... Porém, o que

acontecera no oásis incomodava-me. Detestava sentir-me em desvantagem! O capitão parecia saber tudo sobre mim e eu nada sabia acerca dele! No entanto, era óbvio que se tratava de um daqueles homens inchados de fatuidade, que não admitiam ingerências nas suas deliberações. Estava tramado comigo! Se o *Estrela Rubra* não se desfizesse antes de chegar à foz, sua excelência teria muito que me ouvir durante a viagem.

Descobri uma lanterna presa a um barroto e acendi-a com o auxílio da Arte. Não precisava de luz, mas o clarão confortava-me. Detestava barcos! O pavor de viajar em alto-mar acompanhava-me desde sempre. Ao longo dos anos, inteirara-me das técnicas de navegação e empenhara-me em debelá-lo. Contudo, nunca o superara totalmente... E estar encerrada abaixo do nível da água era um mergulho no mais primitivo dos horrores.

Apesar de ser um navio de comércio, o *Estrela Rubra* tinha o porão quase vazio. A sua carga resumia-se a caixotes de provisões e barris de água doce, atados com cordas para se manterem estáveis. O ranger ensurdecido da madeira combinava-se com o tinir incessante das correntes, massacrando-me os nervos. Em meu redor, tudo era velho... Imensamente velho! Uma análise atenta revelava que o barco sofrera sucessivas reparações e vários remendos. Engoli em seco vezes sem conta. Depois, sacudi a cabeça e obriguei-me a sossegar. Lysander precisava de mim e eu estava a comportar-me como uma estulta cheia de melindres.

Os marinheiros tinham deitado o príncipe numa manta, em cima de caixotes secos. Acomodei-me ao seu lado e impregnei-o com energia curativa. Acabei por adormecer, aninhada no seu calor, e só despertei quando o capitão desceu ao nosso encontro. Reparei que o dia nascera e, pela oscilação do navio, já navegávamos sobre as ondas do mar. Nolan abriu uma arca e saiu tão mudo e carrancudo como entrara... E eu mordi a língua, ciente de que seria inútil perguntar-lhe o que quer que fosse.

A arca continha roupas, lenços, toalhas, uma capa e uma manta. Deviam pertencer ao próprio Nolan, pois os tecidos eram de

excelente qualidade, fora do alcance da bolsa de um marinheiro comum. Molhei uma toalha em água doce e refresquei-me. Depois, livre-me das vestes imundas com um suspiro de alívio. As túnicas e as calças à disposição eram demasiado grandes, mas sabia como dobrá-las para que servissem o seu propósito. Por fim, verti água numa vasilha e dediquei-me a limpar as feridas de Lysander.

Estremeci perante o testemunho dos suplícios que ele sofrera às mãos de Halvard. Porém, uma agradável surpresa fez-me sorrir. O receio de que a seda preta e prata dos seus cabelos não tornasse a crescer dissipou-se ao constatar que o crânio dilacerado pelo punhal do *jarl* Throst quase sarara e pequenos espigões de pelo brotavam da pele como erva fresca. Pouco importava se tamanho prodígio dimanava da energia que Erebus lhe cedera ou se era consequência da magia exclusiva do Povo da Terra. As chagas que o cobriam também cicatrizavam e os ossos partidos tinham-se regenerado. Em pouco tempo, recuperaria a beleza máscula... Contudo, os danos infligidos ao seu espírito talvez fossem irreparáveis.

Quedei-me a fixá-lo, com os olhos marejados de lágrimas. Amava-o tanto... Bastava tocar-lhe para a paixão me inflamar o sangue! Pensei em Sigarr e as lágrimas rolaram-me pelas faces. Pretender compará-los era como igualar a chama de uma vela às labaredas de uma fogueira. O carinho do feiticeiro animara-me... Lysander enlouquecia-me com um simples olhar.

Completar os cuidados que lhe devia foi um suplício. Vê-lo nu recordou-me as declarações de Oriana e o ciúme atingiu-me como uma bordoadada na cabeça. Terminei aos soluços, virei as costas, cobri o rosto e desatei a chorar. Com mil ratazanas destroçadas, porque é que me sentia tão mal? Lysander não era meu... Jamais seria meu! Eu estava prometida aos Guardiães das Almas Atormentadas... E o príncipe tinha de viver para se tornar rei da Gente Bela, desposar uma jovem do seu povo, educar uma dezena de filhos e desfrutar de uma vida longa que o fizesse esquecer os horrores da guerra... Que apagasse da sua memória o facto de que, algures na bruma sombria do seu passado, a irmã do seu maior inimigo marcara o seu coração.

— Ela é tão linda... Custa a acreditar que está amaldiçoada!

Isto era um sonho? A afirmação que me chegava aos ouvidos não podia pertencer ao capitão Nolan! Então, sofri um sobressalto ao escutar Lysander:

— Temos de protegê-la a todo o custo. Se Kelda se perder, a esperança dos nossos povos perder-se-á com ela.

Esforcei-me por abrir os olhos e as vozes foram substituídas pelo som do mar, o ranger da madeira e o tinir das correntes. Sentei-me, aflita, com as mãos a palparem os caixotes em busca do meu mestre. O apelo morreu-me na garganta ao vê-lo junto às escadas. Trajava roupas limpas e parecia restabelecido. Só o crânio rapado trazia à lembrança os horrores que vivera. Agora, era o seu vigor que contrastava com a minha fraqueza... Deteve-me com autoridade e ordenou:

— Aquieta-te! Não devias ter-te exaurido! O que farias se o teu irmão nos tivesse alcançado?

Quis descer dos caixotes, mas os ossos transformaram-se em geleia. Pendi no vazio e só a rapidez de Lysander me impediu de esmagar o nariz contra o fundo do porão. De repente, estava nos seus braços, com o coração a galope e a respiração presa na garganta. «Amo-te! Amo-te! Amo-te!», era o que me apetecia gritar. Porém, ele obrigou-me a sentar e repreendeu-me:

— Serás incapaz de cumprir uma simples recomendação? Não te mandei ficares quieta?

Tentou afastar-se, mas estreitei-o com quanta força me restava, indagando num gemido:

— Porque me sinto tão débil?

O príncipe respirou fundo antes de responder:

— Cedeste-me toda a tua energia. Eu estou refeito... E tu estás uma lástima!

Não contive o riso e a sua expressão suavizou-se. De súbito, o seu corpo estremeceu junto ao meu... E os nossos corações assumiram o mesmo ritmo louco e apaixonado.

— Não tem graça, Kelda! — tentou vituperar, mas a voz saiu-lhe rouca e ofegante. — Sabes que não podes baixar a guarda. É só uma questão de tempo até Halvard nos atacar.

— Tu és o meu *protetor* — repliquei com calor. — Não é isso que dita a profecia?

— Para de dizer tolices! — ripostou. — O poder do teu irmão suplanta largamente o meu! Ainda mais agora que assimilou a essência do Mestre Supremo...

Como é que Lysander sabia tanta coisa? Só podia ter sido Erebus quem o informara. Todavia, quando o questionei sobre o assunto, rompeu o nosso abraço e volveu com firmeza:

— Falaremos mais tarde. Aproveita para descansar enquanto me inteiro do que se passa no convés. Há cinco dias que os homens trabalham sem cessar. Alguns estão doentes...

— Cinco dias? — pasmei. — É impossível! Não estivemos desacordados todo esse tempo!

— Estivemos. Nolan veio ver-nos... Jura que cintilávamos como estrelas! Deves ter caído num sono profundo, enquanto me alimentavas com energia curativa. E a minha essência estava tão sôfrega que sugou a tua magia até à última gota.

— Não me lembro de nada...

— Eu lembro-me — volveu, grave e circunspecto. — Recordo-me de sentir o perfume da minha floresta, o vigor da Árvore da Sabedoria, o calor da magia do meu povo na tua luz... Também tens muito que me explicar, Kelda! Mas depois.

Amaldiçoei todas as ratazanas da Terra enquanto combatia a fraqueza. A ligação mística que me unia aos meus avós e à Árvore da Sabedoria não se quebrara, mas a energia da minha essência delongava a atingir o pleno. Em conclusão, era mais moroso encher um barril do que uma taça. Ao transformar-me num barril de poder, a magia de Aranwen tornara-me mais forte, mas também complicara o equilíbrio das forças que me sustentavam. Por várias vezes, tentei pôr-me de pé, mas as pernas continuavam a bambolear. Se

conseguisse concentrar-me, tudo seria mais fácil, mais rápido, menos enervante... Porém, Lysander não me saía do pensamento! O que estaria a fazer? Porque não voltara a aparecer? Não podia deixar-me aqui fechada!

Estava à beira de me esgatanhar quando a escotilha se abriu. Contudo, foi o capitão quem desceu as escadas. Saudei-o e recebi um grunhido. Rugi para dentro... A incivilidade deste homem irritava-me! Quem era Nolan, afinal? Quando começara a colaborar com Lysander? Por ordem de quem me andara a espiar? E porque é que os seus traços me pareciam tão familiares?

Pousou uma tábua ao meu lado, com peixe chamuscado em cima. Agradei, mas ignorou-me. Ia sair, tão mudo como entrara, quando insisti:

— Podemos conversar...?

O estrondo da escotilha foi a minha resposta. Esmurrei o caixote e desatei a praguejar:

— Grandessíssima besta! Cavalgadura! Asinino! Grosseirão...

Devia ter-lhe atirado a tábua à cara! Nem sequer sentia fome... Mentira! O cheiro do peixe entrava-me pelo nariz e forçava o estômago a contrair-se. O melhor era comer. Afinal, tinha de recuperar as forças para poder sair deste porão infeto e subir ao convés.

Por baixo da pele queimada, o peixe era branco, macio, succulento, delicioso. Sabia a mar... Ainda estava a lamber os dedos quando Lysander veio ao meu encontro, visivelmente cansado.

— Que bicho te mordeu? — inquiriu, zangado. — Quase afundaste o navio com tanta gritaria!

Empinei o nariz e revidei, desgostosa com a reprimenda:

— De facto, não deve ser preciso muito para pôr este traste no fundo! E eu só gritei porque o bruto do teu amigo capitão não se digna a responder-me.

— Nolan é um homem de poucas palavras — revidou. — Dará a vida por ti, mas não esperes que te lisonjeie com mesuras. Quanto

ao *Estrela Rubra*, estás muito enganada! É mais robusto e seguro do que a maioria dos navios em que já navegaste.

Resmoneei, desdenhosa. Porém, sabia que tinha de refrear o ânimo se queria prosseguir a conversa. Respirei fundo e perguntei num tom mais moderado:

— Quem é Nolan, Lysander? Porque tenho a sensação de que o conheço?

O príncipe hesitou, mas acabou por se sentar à minha frente, meio encoberto pelas sombras projetadas pela chama da lanterna. Soltou um longo suspiro e enunciou:

— Dir-te-ei na condição de nunca mencionares o assunto na presença dele.

— É meu primo, não é? — investi, incapaz de me segurar.

Lysander torceu as sobrancelhas impressionado com o meu raciocínio.

— Nolan é neto de Krum, o primo do teu avô Throst, seu Primeiro Homem e melhor amigo.

Sacudi a cabeça e ripostei com estranheza:

— Não pode ser! Eu conheci os filhos do *jarl* Eric e da tia Helga, no castelo do tio Ivarr...

— Nolan não é filho de Eric, mas da sua irmã Svana.

— Eric tem uma irmã? — espantei-me. — Nunca ouvi falar dela!

— Por vezes, acontecem incidentes tão dolorosos no seio das famílias que estas escolhem esquecê-los. Svana foi criada com a tua mãe e as tuas tias. Contudo, ainda muito jovem, fugiu da Ilha dos Sonhos a bordo de um navio e não tornou a dar notícias.

— Porque fez isso? — inquiri, abismada. E Lysander tornou a vacilar, acabando por volver:

— Provavelmente por não suportar as imposições do seu legado. Talvez, um dia, Nolan tome a iniciativa de te contar a sua história. Até lá, não o pressiones! Ele é um homem muito reservado, mas a sua lealdade é inquestionável.

Por isso o capitão não receava conduzir o navio através da escuridão profunda dos mares! A magia que herdara no sangue permitia-

lhe enxergar claramente... Passei a mão trémula pela testa e desabafei:

— Preciso de apanhar ar...

— Não podes sair daqui, Kelda.

— O quê? — contestei, sobressaltada. E ele elucidou:

— A maioria dos marinheiros do *Estrela Rubra* são homens do Sul que não se vergaram à soberania do teu irmão. Sabem quem és e não te olham com bons olhos! Além disso, foram educados na crença de que ter uma mulher a bordo avoca o azar.

— Eu só quero ajudar — protestei. — Posso, pelo menos, reabilitar os enfermos! Decerto Nolan não acredita nessa estupidez...

— Não. Mas sabe que tu atraís sarilhos como o doce atrai formigas! Apesar de exaustos, os marinheiros continuam a trabalhar, cientes de que sofrerão uma morte atroz se Halvard nos alcançar. Sê compreensiva e não desafies Nolan. Uma discussão a bordo poderá ser fatal! Todos devemos colaborar para chegar rapidamente ao destino... E tu contribuirás bastante se ficares quieta! — Ao verificar que eu me rendia, levantou-se e concluiu: — Tenho de ir atender à tripulação, mas voltarei logo que possa.

— Deixa a escotilha aberta — solicitei, pouco conformada.

Lysander saiu, envolto em sombras, mas acedeu ao meu pedido.

Uma ratazana. Dez ratazanas. Quinze ratazanas... A praga nojenta estava por toda a parte! Sendo um capitão experiente, Nolan devia saber quão importante era manter um gato no porão. Talvez os marinheiros do Sul achassem que estes também davam má sorte... Infame ignorância!

Aborrecida, comecei a encantar a bicharada. Todas a correr para a direita... Todas a correr para a esquerda... Agora, a saltar! Lindas meninas! Pulinhos nas patinhas de trás... E porque não pô-las a dançar como os cães dos artistas nómadas?

Uma interjeição incrédula pôs-me o coração aos pinotes. Estava tão distraída que nem ouvira Lysander descer. Um arrepio quente fez-me arfar, tal a vontade de me lançar nos seus braços. Tentei

disfarçar, enquanto ele espantava as ratazanas e se sentava perto de mim.

— Os homens estão refeitos e o vento sopra de feição — anunciou. — Recorri à magia para perscrutar o mar e não encontrei nenhum navio... Até tenho medo de dizê-lo, mas começo a acreditar que vamos escapar ao teu irmão! — Fez uma pausa, fixando-me intensamente antes de concluir: — Podemos conversar agora.

Indaguei sobre a iniciativa de Erebus e o príncipe obsequiou-me com uma justificação. Tal como a Visão me revelara, o meu primo principiara a ajudá-lo à revelia de Halvard. E essa partilha de energia e informações fizera com que Lysander se apercebesse da luz que cintilava na sua essência. Por isso, não duvidara da sua sinceridade quando o «Criador das Trevas» se oferecera para nos salvar. Terminou a suspirar, desabafando:

— É incrível como nunca me tinha ocorrido que estamos unidos pelo sangue... E quão fortes são esses laços! Erebus é filho da princesa Estrid e neto da princesa Geirny. Geirny era irmã do rei Steinarr... O que faz com que Erebus e eu sejamos primos.

Era verdade! Eu também nunca fizera essa associação... Mas Erebus fizera-a, com certeza! Durante anos, a sua lealdade fora para Halvard, por ele possuir o seu sangue. Todavia, já inferira que o meu irmão apenas o encarava como um escravo. E tudo o que Erebus desejava era sentir-se acarinhado; desfrutar do consolo de pertencer a uma família e a um solo. Eu mostrara-lhe que existia outro caminho para além da maldição do Filho do Dragão... Só esperava que ele vivesse para trilhá-lo!

A questão seguinte tinha de recair sobre o meu pai. Efetivamente, Lysander libertara-o e entregara-o a um capitão da confiança de Nolan. Antes de regressar ao palácio — para me resgatar! — já o navio que albergava o valioso fugitivo deixara o porto. Porém, o herdeiro de Lyria fizera questão de ignorar o rumo que tomaria até à Ilha dos Penhascos. Assim, se Halvard o capturasse, não correria o risco de o paradeiro do Rei da Lua ser usurpado da sua mente... E esta fundamentação confirmou a minha suspeita. O meu irmão

tentara, mas fora incapaz de devassar a consciência do príncipe da Gente Bela.

— Juro que não sei porquê, Kelda. Contudo, resultou como uma graça divina! No auge da fúria, Halvard até fremiu algo sobre a minha resistência ser semelhante à tua.

Essas palavras conduziram-me à verdade. Arregalei os olhos ao titubear:

— Tu ganhaste essa capacidade a partir da minha essência, na noite em que te prostrei, na Ilha dos Penhascos. Lembras-te de que perdi o controlo e tive de reverter apressadamente o fluxo de energias? Contudo, a magia que te devolvi já possuía a minha marca.

No fim, com Lysander sucedera o mesmo que com Oriana. Todavia, ao contrário da Sacerdotisa, a Arte Obscura já fazia parte da génese do príncipe, por isso ele não se apercebera de nenhuma alteração mística no seu cerne. As particularidades da minha magia tinham-se simplesmente enraizado na sua essência... E, no momento em que a sua integridade fora ameaçada, haviam-se manifestado à revelia da vontade.

— Estás a dizer que a energia que me devolveste carregava o poder de bloquear a mente?

— E, possivelmente, o segredo da invisibilidade, a destreza para domar os *Sentinelas*...

— Não! — refutou, parecendo mais assustado do que entusiasmado. — Se assim fosse, eu saberia! Teria de sentir algo... Olha! Estou a pensar que quero ficar invisível e nada acontece...

— Porque não é assim tão simples! — contrapuz, ofegante. — Esqueces que essa magia sempre fez parte da minha essência, mas só se declarou ao tornar-se imprescindível para a minha sobrevivência? E que, depois disso, tive de «aprender» a invocá-la racionalmente?

Desta feita, Lysander quedou-se em silêncio com a testa vincada por uma ruga profunda. Seria assim tão mau descobrir que conquistara as minhas habilidades? Então, discerni o motivo da sua apreensão ao ouvi-lo trincar:

— Se isso for verdade, Oriana também adquiriu o poder de entrar e sair da Ilha dos Penhascos a seu bel-prazer...

Calou-se, como se tivesse falado de mais. Ignorava o meu conhecimento da adulteração da essência da Sacerdotisa. Ciente de que era inútil protelar o assunto, divulguei gravemente:

— Oriana está morta, Lysander.

— O quê? — assombrou-se. E a sua expressão foi a de um homem atingido por um machado. De seguida, baixou o rosto e piscou os olhos compulsivamente, sorvendo o ar em golfadas. Rangi os dentes ante a sua comoção. Estaria... apaixonado pela Sacerdotisa? Não... Ia jurar que ficara aliviado! Quedei-me, atarantada, sem saber o que pensar. Por fim, decidi dar-lhe a oportunidade de esclarecer tudo:

— Passou-se algo entre ti e Oriana?

Lysander estava tão perturbado que nem tomara consciência de que as estrelas do seu olhar se tinham apagado. Mexeu os lábios sem emitir um som, antes de tartamudear:

— Não... Quero dizer... Na última vez que falámos, ela estava alucinada! Anunciou que a vitalidade que lhe cedeste naquela noite a confrontara com o lado negro da magia, mas rejeitou a ajuda dos seus mestres para purificar a essência. Afinal, como foi que...?

Não obstante o que Erebus lhe contara, fiz questão de expor detalhadamente a missão que a Pedra do Tempo me atribuíra e as peripécias subsequentes, para desfazer as suas dúvidas. Quando iniciei o relato das dificuldades que vivera na Ilha dos Penhascos, Lysander já recuperara a compostura. Ainda assim, as suas faces foram empalidecendo, à medida que eu descrevia as exigências de Oriana e o incidente com Thorson. Após escutar os pormenores da morte inglória da Sacerdotisa, retrucou, seco como as areias do deserto:

— Sei que lamentas por Oriana, Kelda... Mas foi melhor assim! Desvairada como estava, ia continuar a perpetrar atrocidades sem que ninguém conseguisse detê-la.

— Oriana podia regenerar-se... — principiei a reclamar. Todavia, objetou, implacável:

— Não, não podia... Porque não queria! Se a Ilha dos Penhascos não tivesse decidido o seu destino, a Sacerdotisa acabaria por prejudicar irremediavelmente o futuro de todos nós!

O seu desprendimento chocou-me. Tamanho rancor ia para além da indignação... Denunciava uma mágoa pessoal! Rememorei os seus berros irados quando me repudiara no Império: «*Eu devia matar-te antes que arruínes mais vidas!*» O juízo que formulava acerca de Oriana era similar ao que emitira sobre mim... Será que a experiência que vivera ao lado de Erebus não lhe ensinara o quanto as pessoas podiam mudar? Com mil ratazanas agonizantes, a reação de Lysander não era normal! Agora estremecia e fugia do meu olhar! Tão inopinado descontrolo obrigava-me a cogitar sobre quão profundo fora o seu envolvimento com Oriana... Porque algo se passara, indubitavelmente! No entanto, após tudo o que já fora dito, era óbvio que não tencionava confessar-se. Inclusive, apressava-se a mudar de assunto:

— Queres explicar porque é que senti a magia do meu povo na tua essência?

Tentei superar a concussão e ser objetiva. O desvendar do enigma da luz que me nutria abismou Lysander... Porém, saber que eu recebia a energia da Árvore da Sabedoria através do elo que me unia aos meus avós agradou-lhe, como se essa ligação fosse uma garantia de que as trevas jamais me arrebatariam.

Seguiu-se uma troca de informações que desfez incertezas sem aditar novas relevantes. Lysander confirmou, com o ódio a estralejar na voz, que Sigarr lhe ordenara que se afastasse de mim para aceitar negociar a entrega de Halvard. O facto de a Ilha dos Penhascos se ter vergado a essa condição fora uma das razões por que ele decidira viajar para o Sul. Depois, quis saber mais sobre a espada mágica, o meu treino da Arte Obscura, a proteção que o feiticeiro me concedera... Respondi com uma firmeza despida de emoção. Apesar de não ter nada de que me envergonhar, não lhe

daria motivos para me julgar. Pelo menos, eu explanava sobre Sigarr com a cabeça erguida, enquanto ele era incapaz de mencionar Oriana sem baixar o rosto.

O poder que me ajudara a prostrar Halvard inflamou a sua curiosidade. Contei-lhe sobre Mazin e a maldição de decadência, mas transformei a tentativa de violação do meu gêmeo numa mera agressão. Sentia-me incapaz de recordar esses instantes, quanto mais enunciá-los em voz alta. Além disso, não queria que o príncipe tivesse pena de mim... E, a bem da verdade, ele mostrava-se pouco interessado em escutar quaisquer lamentos.

Comecei a irritar-me ante a frieza com que Lysander convertia a conversa numa inquirição. Quando se sentara ao meu lado, não fora nada disto que eu imaginara! Achava que seria fácil sanar as nossas divergências. Clarificaríamos tudo com sinceridade e, por esta altura, estaríamos a abraçar-nos... Ao invés, distanciávamo-nos a cada palavra. Ele nem sequer fora capaz de se desculpar pela rudeza com que me tratara no Império! E essa mágoa destroçava o meu coração já lacerado pela suspeita do seu envolvimento com Oriana. O pingo de fel que fez a minha impaciência transbordar foi a exprobração com que rematou:

— Não posso apoiar o que fizeste, Kelda... Roubar as Lágrimas foi de uma irresponsabilidade e insensatez irremissíveis! Para além de traíres a confiança que Thorson e a tua mãe depositavam em ti, ofereceste a Halvard todas as condições para concretizar a profecia. Não foram essas as instruções que a Pedra do Tempo te deu!

— Eu não desobedeci à Pedra do Tempo — contendi. — Apenas fiz uma interpretação diferente dos seus desígnios... E tudo poderia ter resultado na perfeição se Halvard não tivesse usurpado o poder do Mestre Supremo! — Sacudi os ombros e não resisti a acrescentar, encrespada: — Além disso, não sei de que te queixas! Se eu não tivesse regressado com os cristais, já estarias morto.

— Talvez fosse esse o meu destino! — revidou, com uma aspereza que me fez perder a cabeça. Antes que me pudesse conter, já agitava os punhos diante do seu nariz e bradava:

— És mesmo imbecil! Estamos livres, não estamos? No meio das asneiras que me apontas, devo ter feito alguma coisa bem! Lamento não ser perfeita... Talvez o meu erro tenha sido lutar de mais! Pois mudarei de estratégia. Cruzarei os braços até ao fim da guerra. Só tens de pedir a Nolan que pare o navio para que eu invoque um trilho mágico...

— Que tolices estás para aí a dizer? — tentou interromper-me, no mesmo tom inflamado.

— Vou exilar-me na Montanha Sagrada — retruquei, exasperada.
— No fim, Thorson tinha razão. Se o meu sangue é a chave para quebrar o encantamento das Lágrimas, só tenho de me afastar dos Filhos do Dragão para travar a profecia.

— Mas nós precisamos da tua ajuda, Kelda!

— O que vós precisais é que eu esteja longe de Halvard no solstício de verão. Finda a Noite Branca, ele ficará desorientado... E esse será o meu ensejo para enfrentá-lo definitivamente!

— Halvard arrasará com a Ilha dos Penhascos...

— Será pior se eu lá estiver! Assim, talvez esqueça as ameaças que fez e se decida a viajar para o Norte, na derradeira tentativa de me resgatar... Sabes que tenho razão, Lysander!

Ele quis adversar o meu raciocínio, mas foi forçado a admitir que essa solução podia, em simultâneo, salvar vidas e quebrar o malefício. Após ponderar, aquiesceu gravemente:

— Vou explicar o teu plano a Nolan e pedir-lhe que lance a âncora à água.

Mal contive um soluço ao vê-lo virar as costas. Provavelmente, esta fora a nossa última conversa! Destroçava-me pensar que a nossa história ia terminar com tanto amargor, mas não havia alternativa. A realidade ditava que, se um dia o coração nos aproximara, hoje a razão separava-nos fatalmente. Éramos aliados na perseguição do mesmo objetivo, nada mais! A vida já se encarregara de nos provar inúmeras vezes que, não obstante o carinho que nos unia, o nosso amor não estava destinado a

consumar-se... Então, a meio das escadas, Lysander deteve-se, encarou-me e determinou:

— Vou acompanhar-te. Se estás decidida a combater o teu irmão, precisarás de alguém com quem treinar as novas competências que a magia de Aranwen...

— Não! — talhei, aflita. — Não quero que venhas comigo... — E, ante a sua perplexidade, tentei justificar: — A Ilha dos Penhascos não pode prescindir da tua perícia caso Halvard decida atacar. Além disso, a Montanha há de proporcionar-me muitos desafios para aguçar a minha destreza...

— Estou assim tão hediondo que tenhas de inventar desculpas para me afastar?

A acerbidade do seu corte pôs-me a gorgolejar de confusão. E ainda acrescentou:

— Não vale a pena negares, Kelda! Sei que Halvard me desfigurou, mas não imaginei que te causasse tanta repulsa.

— Repulsa? — retorqui, abismada. Esquecera-me de que o ser da terra que vivia dentro dele ficara com o orgulho em cinzas quando Halvard lhe rapara o crânio. Porém, a sua parte humana deveria ser mais racional! — Não digas disparates, Lysander! Estás praticamente sarado e com o cabelo a crescer... Dentro de pouco tempo, ninguém adivinhará os tormentos que sofreste.

A sua réplica foi pronta e azeda como fel:

— Se não é o meu aspeto que te compele a recusar a minha companhia, devo concluir que a tua rejeição possui uma natureza mais íntima?

— Não entendo o que estás a insinuar — resmunguei, com o estômago a comprimir-se. Era mentira! Sabia perfeitamente o que Lysander ruminava! No entanto, acalentava a esperança de que ele esfriasse o ânimo e recuasse. A última coisa que me apetecia era disputar razões...

— Eu vi-te beijar Sigarr — lançou, acusador, com as faces em brasa, como se incapaz de se refrear. — Vais negar que te envolveste com ele? Julgas que não reparei no esforço que fizeste

para contornar a questão, enquanto me falavas do vosso... «ajuste»?

E pronto! O salto para o abismo estava dado! Não fora este o caminho que eu escolhera... Todavia, se o primoroso príncipe desejava trilhá-lo, não seria eu quem debandaria.

— Então, também deves ter notado o meu esforço para contornar a questão do teu enlace com Oriana! O que foi, Lysander? Achavas que a mulher em que ela se transformou prescindiria da satisfação de ver a minha cara enquanto descrevia o prazer que sentiu nos teus braços?

As faces do herdeiro de Lyria passaram do rubro ao amarelo, num piscar de olhos. Depois, foram-se acinzentando à medida que o seu sangue gelava. Apanhara-o desprevenido! Num arranco, investiu e estacou à minha frente, objetando como se asfixiado:

— Isso foi um logro! Sabes que Oriana perdeu o siso! Não podes acreditar...

— Negas que te deitaste com ela? — cortei. E, perante a minha acutilância, a sua expressão assumiu uma culpa tão grosseira que dissipou todas as dúvidas. Engoli com força, lutando contra a vontade de lhe dar um murro. Afinal, que direito tinha de lhe cobrar fidelidade? Nós nunca assumíramos compromissos! Lysander era livre para escolher a malga de onde comia... Desejei que tivesse a sensatez de desaparecer da minha frente. Ao invés, estendeu um braço como se desejasse atrair-me para si, enquanto replicava:

— As coisas não são assim tão simples, Kelda...

— Pois eu discordo — alterquei, frustrada, afastando-o com um repelão. — Não te admito que me condenes por me afeiçoar a um homem que mudou de rumo para provar que me amava; que arriscou a pele para me salvar, enquanto tu cuspias na minha cara que eu era uma aleivosa, demasiado vil para merecer o conforto da morte! Sim, Lysander... O que me disseste no Império ainda me causa pesadelos! E, depois do que aqui falámos, esperava que tivesses tido a decência de te escusares pela forma atroz como me

trataste. Mas isso seria pedir de mais... Alguém tão magistral como tu jamais se humildaria diante de alguém tão imperfeito quanto eu!

O príncipe ficou-se, paralisado. Achei que as minhas palavras poderiam despertar-lhe a consciência para o quanto me ferira... Todavia, aparentemente, os seus ouvidos apenas tinham retido a afronta ao orgulho másculo, pois revidou num arquejo cavo:

— Como podes ser tão ingénua? Sigarr não estava apaixonado por ti! Estava obcecado pela ideia de possuir uma mulher com o rosto de Aranwen...

— E tu? — devolvi num rosnado. — Ficaste obcecado pela ideia de possuíres uma mulher com o rosto de Trygve? Não te atrevas a atirar-me areia para os olhos!

— Oriana armou-me uma cilada! Deu-me uma mistela a beber...

— Não tarda, jurarás que foste violado!

O meu sarcasmo silenciou-o. Defrontámo-nos, trémulos e transtornados, com os olhos a faiscar. Enfim, Lysander respirou fundo e perpez roucamente:

— Esta discussão não nos levará a lugar nenhum.

— Nisso estamos de acordo! — volvi, implacável.

Sacudiu a cabeça e precipitou-se para o convés. Iracunda, vituperei nas suas costas:

— Não suspires de alívio quando pensares que a morte de Oriana te livrou de um fardo... Ela estava grávida!

Lysander estacou como se fulminado por um raio. Não podia divisar-lhe o rosto, mas sentia o cheiro do seu horror... De súbito, retomou a marcha e fechou a escotilha com estrondo.

CAPÍTULO 22

Durante muito tempo, enrolei-me sobre os caixotes e chorei o meu desalento. Como pudera perder o controlo tão ignobilmente, depois de prometer a mim própria que nada diria acerca da condição da Sacerdotisa? Ainda que o príncipe da Gente Bela tivesse dormido com ela, podia não ser o pai do seu bebé, como a minha mãe corretamente alegara. Além disso, Oriana estava morta, Sigarr fora assassinado, eu estava prometida aos espíritos da Montanha Sagrada... Discutir com Lysander era uma perda de tempo! Com mil ratazanas extenuadas, estava mais do que provado que éramos incompatíveis! Mesmo quando tentávamos esclarecer divergências, acabávamos por nos desviar daquilo que realmente importava, pecávamos por omissão e conseguíamos a proeza de desgastar ainda mais o ténue elo que nos unia.

Por fim, os meus olhos secaram. Fiquei estendida, a pesar sobre os caixotes, com o corpo dormente e a alma vazia. Decerto adormeci, pois dei por mim a deslizar através do mar tal como um peixe. Não sentia frio e respirava sem dificuldade. Pendurado ao meu peito, o búzio mágico cintilava e iluminava o caminho. Não sabia para onde me dirigia, mas tinha de chegar rapidamente. A escuridão ocultava inúmeros perigos... A Morte Branca estava à espreita!

Acordei sobressaltada ao ouvir a escotilha. Sentei-me com os dedos apertados em volta do fio que Pequena tecera e de onde pendia o búzio. Ia jurar que estava quente... Todavia, não pude atender ao fenómeno, pois alguém descia as escadas. O meu coração apertou-se quando Lysander avançou e me estendeu uma malga, enunciando, afável:

— É um caldo de algas, excelente para restabelecer as forças.

O seu gesto era tão conciliador que fui incapaz de contrariá-lo. Levei a malga aos lábios e bebi com satisfação. Sabia a mar tranquilo, a vento morno, a sol restaurador...

— Obrigada — murmurei, fixando o olhar azul estrelado. Por instantes, Lysander ficou-se a mirar-me, como se reunisse coragem para dar o próximo passo. Ao vê-lo encher o peito, inferi que nada de bom me aguardava. Para prová-lo, a sua voz soou diferente, seca e fria, ao elucidar:

— Estive a refletir... Talvez a morte de Celsus resulte num benefício para a nossa causa. Ao assassiná-lo, Halvard provou que não tenciona partilhar o poder que há de conquistar com a realização da profecia. Este é o momento certo para tentarmos chegar a um consenso com a Ilha Sagrada! Por isso, quero que invoques um trilha de luz que nos leve, não ao Observatório, mas até ao Castelo de Cristal. Achas que és capaz, Kelda?

O quê? Lysander não podia estar a falar a sério! Soprei o ar e titubeei, incrédula:

— Pretendes negociar com o Conselho dos Feiticeiros? Torná-los nossos aliados? As pancadas que Halvard te deu na cabeça fizeram-te perder o juízo?

O príncipe ignorou o sarcasmo e ripostou:

— Eles não de reconhecer que, devido à superioridade da sua magia, serão o primeiro alvo a abater quando o Filho do Dragão ascender. Logo, têm todo o interesse em detê-lo!

— Esqueces que foi Ingimar quem expulsou o Mestre Supremo da Ilha Sagrada? — retorqui, aturdida com a sua falta de discernimento. — E que, decerto, já usurpou o seu lugar? Não o conheces, Lysander! Ingimar é obcecado pela pureza da sua raça. Odeia-me por carregar o seu sangue... Aliás, se dependesse dele, todos os herdeiros de «O Que Tudo Vê» estariam mortos. Foi esse aleivoso que persuadiu Celsus a concretizar a profecia, para transformar os demais povos da Terra em escravos... Achas que faz sentido ambicionares o seu apoio?

— Ingimar não é o único feiticeiro no Conselho — objetou, pertinaz. — Tu aludiste a um que deseja a paz... Regino, não é verdade? É com ele que vamos falar... A não ser que estejas com

medo, Kelda! Se assim for, só tens de invocar o caminho; não precisas de me acompanhar.

Engoli um bramido de indignação. Grandessíssimo petulante! A minha vontade era mandá-lo roer os rabos às ratazanas... Arquejei até refrear os nervos e só então devolvi:

— Não vou fazer nada disso, pelo simples facto de que se trata de uma estupidez grotesca...

— Vais, Kelda! — interrompeu com uma solidez minaz. — Vais porque te estou a mandar! Não preciso de te recordar que me deves obediência enquanto guerreira, pois não? E não me venhas com a léria de seres a *decisora*... Perdeste essa autoridade quando roubaste as Lágrimas! Além disso, Nolan já lançou a âncora à água e não sairá daqui sem a minha ordem. — Ao ver-me enrubescer de fúria, ainda acrescentou: — Grita se te apetecer! Contudo, depois de desabafares o ódio que sentes por mim, subirás ao convés e cumprirás a minha determinação... A não ser que queiras ficar à espera que o teu irmão chegue e te resgate depois de nos matar a todos.

O Sol estava a pique quando enfrentei a tripulação carrancuda do *Estrela Rubra*, o seu sombrio capitão e o príncipe arrogante. O navio detinha-se entre o céu e o mar, próximo de um grupo de ilhéus, embalado pelas ondas criadas por um vento plácido. Mal pisei as tábuas do convés, a barafunda dos marinheiros cessou e um silêncio tenebroso preencheu o ar. Chegara a «mulher»! Em menos de nada, refugiaram-se na popa, com medo de respirarem o azar que eu exalava. O capitão passou por mim e juntou-se aos homens. Surpreendi-me com o olhar que me deitou, como se solidário... Pelos vistos, a resolução de Lysander não fora aceite de ânimo leve.

Encaminhei-me para o herdeiro de Lyria, com uma expressão que patenteava o meu desagrado. Que nem ousasse dirigir-me a palavra! O seu intuito era o cúmulo da estultice... Logo, após muito resmonear sob a obscuridade bafienta do porão, eu decidira não lhe obedecer. Ia invocar um trilho mágico, mas até ao Observatório

como inicialmente planeava. De lá, continuaria para a Montanha Sagrada e entregar-me-ia ao julgamento da Pedra do Tempo. Porém, não diria nada a Lysander. Deixá-lo-ia acompanhar-me como se estivesse a cumprir o seu propósito e, só no último instante, desvendaria o ardil. O príncipe seria incapaz de me seguir e teria de regressar ao *Estrela Rubra*. Ficaria zangado, sem dúvida... No entanto, um dia haveria de me agradecer! E, mesmo que assim não fosse, pelo menos estaria vivo para me execrar.

Virei-lhe o traseiro e posicionei-me no alto da proa, com os olhos fixos no azul imaculado do céu. Elevei os braços, inspirei e murmurei o encantamento. O caminho surgiu como um lençol de luz que se desdobrava... E ficou a ondular, truncado, soltando faíscas pouco acima das nossas cabeças. Não contive uma interjeição abismada, enquanto as entranhas se enodavam. A energia mística manifestava-se, mas não se desenvolvia. Simplesmente... estagnava como se perdesse o fôlego! Com mil ratazanas atrofiadas, o que estava a acontecer?

As exclamações deslumbradas dos marinheiros ecoaram nas minhas costas. A maior parte nunca testemunhara um prodígio igual... Contudo, não tardou a que alguém indagasse:

— A luz não deveria estender-se até ao céu?

— O que é que se passa? — ciciou Lysander, tão próximo que me bafejou os cabelos.

— Isso gostava eu de saber! — repliquei, a arfar de perturbação.

— Não fiques nervosa... Demora o tempo que for preciso.

— Isto nada tem a ver com nervos — titubeei, eriçada. — Não estou a conseguir...

— Como, não estás a conseguir? — atalhou impaciente.

Nesse instante, Nolan abeirou-se de nós e ofertou, com uma gentileza de pasmar:

— Se a instabilidade do navio te perturba, posso aportar para que tentes em terra firme.

— Não... — tartamudeei com a cabeça num turbilhão. — O problema não é o navio!

E também não provinha de mim, pois a minha magia estava refeita. Isso significava...

— As regras mudaram — justifiquei assustada. — Os Feiticeiros devem ter alterado o sortilégio para me impedirem de voltar a invadir os seus domínios.

— Estás a tentar enganar-me, Kelda? — resmungou Lysander... E, colado às suas palavras, o estrondear de um trovão fez-me prender o fôlego.

— O que foi isto? — inquiriu Nolan, franzindo o sobrolho, enquanto perscrutava o céu. Então, do nada, manchas cinzentas pulularam sobre as nossas cabeças até se transformarem em nuvens, medrando sobre o azul-claro a uma velocidade aterradora. Os marinheiros já gritavam, alarmados. O capitão cuspiu um palavrão cabeludo. O príncipe gorgolejou, tomando consciência da gravidade da situação. E eu afrontei-o, bufando de horror e exprobração:

— Isso responde à tua pergunta? Os teus cobiçados aliados deviam andar à nossa procura... E a manifestação do meu poder deixou-nos completamente expostos.

A culpa não era de Lysander. Afinal, a ideia de invocar um trilha mágico fora minha e eu tê-la-ia concretizado mesmo à revelia da sua vontade. A minha contusão dimanava da maneira intransigente como me comandara, por acreditar nesciamente que, após a sua intervenção, os Seres Superiores haveriam de nos favorecer contra Halvard.

— Levantar âncora! — bradou Nolan para os marinheiros. — Rápido! Temos de alcançar terra antes que a tempestade nos apanhe.

— Desce ao porão — ordenou Lysander.

— Estás parvo? — ripostei indignada. — Vós precisais de mim!

Às vezes, parecia que o príncipe se esquecia de quem eu era! Sem lhe dar o ensejo de objetar, corri ao encontro de Nolan. De imediato, os marinheiros começaram a afastar-se como se eu carregasse a peste. Aparentemente, representava uma ameaça mais

perversa do que a tempestade mística que se abatia sobre o *Estrela Rubra!*

— Porque é que ela ainda aqui está, Lysander? — rugiu Nolan ao encarar-me.

— Não podemos prescindir da sua magia — retorquiu o herdeiro de Lyria, detendo-se ao meu lado. — Se, realmente, os feiticeiros forem os causadores desta imprecisão, estamos em apuros.

O olhar verde-floresta de Nolan varou-me com uma intensidade arrasadora. Sustive-me firme, não obstante os joelhos bambolearem. O azul do céu já se tornara uma miragem distante. Sobre nós, as nuvens condensavam-se e bloqueavam a luz do Sol. À esquerda, ainda longe, uma ilha suficientemente grande para nos acolher distinguia-se da espuma das ondas... Então, o capitão confirmou com a cabeça e concentrou-se na salvação dos marinheiros e do navio.

Prestes, todos se empenhavam nos seus deveres e eu tornara-me, apenas, mais um par de mãos atarefadas. Era óbvio por que Lysander confiara as nossas vidas a Nolan. O capitão liderava com mestria! Não tardei a desvendar o seu segredo: a voz estava carregada de magia e, a cada palavra, a sua energia entranhava-se nos homens e alimentava o seu denodo. Contudo, principiara a chover e o vento soprava contra nós, dobrando vigor a cada fôlego. As rajadas entrecruzavam-se, carregando chicotes de água; castigavam a vela, desafiavam o equilíbrio dos marinheiros e enfureciam as ondas. Num instante, avançávamos com ligeireza rumo à ilha... No seguinte, as correntes enlouqueciam e empurravam-nos novamente para alto-mar.

Os gritos de Nolan foram abafados pelo estridor da trovoadas e do aguaceiro, mas os homens enfrentaram a tormenta com uma resolução férrea. A luz do dia extinguiu-se, devorada por uma mortalha de nuvens negras que borbulhavam e cuspiam outras nuvens inflamadas com labaredas. Os relâmpagos rasgavam o céu; multiplicavam-se, digladiavam e precipitavam-se sobre o mar. Dentro do *Estrela Rubra*, as ondas varriam o convés com uma violência

atroz, arrastando tudo o que não estava atado com cordas. Ainda assim, os marinheiros persistiam, segurando-se sempre que as vagas tentavam lançá-los borda fora. Tal como os demais, eu estava derreada e encharcada até aos ossos. Porém, não podia desistir.

Reparei que Lysander abraçava o mastro e concluí que fortalecia a madeira, impregnando-a com magia. Corri para o seu lado e deixei a minha energia fluir até à vela. Consolidei os panos, para que se mantivessem unidos, e protegi-os das garras afiadas do ar. Depois, comecei a virar a vela, usando a fúria do vento em nosso favor. Agora, não existia corrente capaz de nos afastar da ilha! O *Estrela Rubra* sulcava as ondas bravias mais rápido do que os raios rasgavam o céu.

— Aguentem firme! — ordenou Nolan, ao constatar que readquiríamos o controlo da nossa sorte. Em resposta, os homens enrolaram-se em cordas e torceram os braços sobre a madeira e o ferro, para que as ondas não os arrebatassem.

De soslaio, vi o capitão ajoelhado no convés com os dedos cravados nas pranchas, sem nenhuma proteção. O seu tronco nu rutilava à luz dos relâmpagos e os olhos eram poços de luz. Enfim compreendi por que o *Estrela Rubra* ainda não se quebrara em pedaços, apesar de todas as tábuas que o formavam rangerem em agonia... A magia sustinha-o! A essência de Nolan estava ligada ao navio! E, mais do que nunca, o sangue que partilhávamos declarava-se.

— Kelda... — apelou subitamente Lysander. E a minha testa franziu-se ante o palor das suas faces. Segui o olhar estrelado e horrorizei-me ao ver uma onda colossal formar-se entre as ilhas. Movia-se em oposição às demais, recolhendo água com um ímpeto assolador, crescendo, progredindo, elevando-se qual montanha... Uma montanha que arremetia contra nós.

— Protejam o mastro! — bradou Nolan. — Eu consigo transpô-la...

Por momentos, acreditei que assim seria. O fragor do mar tornou-se ensurdecedor, à medida que a onda galopava contra as correntes

e o *Estrela Rubra* era capturado na sua veemência. De olhos arregalados, vi o rosto do capitão contrair-se e todos os seus músculos retesarem-se, enquanto obrigava o navio a escalar a parede de água. Fomos subindo, subindo... O meu coração comprimiu-se quando a mão de Lysander se fechou na minha. A magia que nos unia revelou-me a emoção que o transtornava ao suplicar:

— Perdoa-me, Kelda...

Nesse instante, o bramido de Nolan chamou a nossa atenção. Afligi-me ao vê-lo desfalecer sobre o convés, com a luz da essência a esvaír-se e o sangue a escorrer do nariz e dos lábios. Em simultâneo, o *Estrela Rubra* estremeceu como se prestes a desconjuntar-se. A força que o impelira a cavalgar a onda esgotava-se e a água dispunha-se a engolir-nos. O topo da montanha aquosa desfazia-se num turbilhão de espuma... Íamos morrer esmagados!

— Agarra-te... — gritou Lysander. E soltou-me, correndo para Nolan e prostrando-se ao seu lado. De imediato, o *Estrela Rubra* sofreu outro esticão e voltou a rasgar a onda. Porém, eu sabia que eles não teriam energia para nos empurrar através da massa de água. E de que serviria ter um mastro e uma vela intactos se o resto do barco se despedaçasse?

O convés estava tão inclinado que tive de trepar até Lysander e Nolan. Quando os alcancei, o *Estrela Rubra* tombava para trás e uma avalanche de espuma despenhava-se contra a proa. Saltei sobre os dois homens e escudei-os, acirrando a resolução. Sorvi um fôlego e, pela primeira vez, evoquei conscientemente o poder da feiticeira Aranwen.

Deixei de ver. Deixei de ouvir. Apenas sentia! O mundo era feito de água... E de carne, ossos, madeira e ferro. Lysander alimentava o elo que Nolan mantinha com o *Estrela Rubra* para que o navio não se quebrasse, enquanto eu assumia a missão de nos conduzir através da coluna de água que se desfazia à nossa volta, por cima e por baixo de nós, tentando enrolar-nos, sugar-nos e triturar-nos. A dor que me fustigava era excruciante... Contudo, da minha

determinação pendiam dezenas de vidas e um barco que possuía alma. O desespero corroía-me, à medida que as garras implacáveis do mar se iam apoderando dos marinheiros. Ainda assim, impeli o *Estrela Rubra* em frente, cega, surda e sufocada, com o corpo a consumir-se no furor da magia que a essência irradiava. Rangi os dentes e repeti com ardor: «Eu sou capaz! Eu sou capaz!»

De repente, senti o vento no rosto. Abri os olhos e vi as nuvens de fogo ao alcance dos dedos. Nesse instante de aturdimento, inferi que atravessara a onda. Agora, a proa inclinava-se para baixo... E o *Estrela Rubra* tombava num abismo que parecia não ter fim.

— Concentrem-se no impacto — estridulou Nolan. — Temos de fazê-lo deslizar!

O navio despenhava-se a uma velocidade alucinante. Escutei gritos nas minhas costas... E a certeza de que alguns homens se tinham salvado ajudou-me a reagir. Numa fusão perfeita, a minha magia fluiu para a essência de Lysander e condensou-se em Nolan. No fim, foi o capitão que ergueu a proa do *Estrela Rubra* e o fez rasgar a água. Entrámos na superfície sólida como se não tivéssemos peso e escorregámos suavemente, até o mar sustentar a madeira.

Sobre as nossas cabeças, as nuvens principiavam a dissipar-se, revelando pedaços de céu por onde a claridade do dia se esgueirava. A trovoadas extinguiu-se, a chuva enfraquecia, o vento acalmava, as ondas amansavam... O *Estrela Rubra* resistira à mais dura das provas! Pelo menos o casco, pois o mastro estava quebrado, o leme fora arrancado e perdêramos os remos.

Enquanto recuperava o fôlego, verifiquei que os marinheiros que se tinham amarrado aos barrotes e aos ganchos de ferro haviam escapado à fúria do mar. No entanto, alguns tinham sofrido golpes mortais na travessia do caos. Aqueles que se levantavam elevavam as vozes para saudar o capitão. Só então tomei consciência de que estava nos braços de Lysander... Encontrei o olhar azul estrelado e as lágrimas escorreram-me pelas faces. Ele abriu os lábios, mas foi a exclamação de Nolan que me preencheu os ouvidos:

— Pelas barbas dos demónios marinhos, preciso de um barril de hidromel!

O príncipe ajudou-me a erguer-me. Fiquei atónita ao constatar quão rápido eu recuperava, após toda a energia que despendera. Então, Nolan declarou com solenidade:

— Obrigado, Kelda. Devo-te a minha vida, a vida dos meus homens e o meu navio.

— Não me deves nada — ripostei, emocionada. — Isto aconteceu por minha causa...

Um trovão cortou-me a voz. Sobressaltados, fixámos o céu e o choque paralisou-nos.

— Ainda não acabou — mastigou Lysander, dando voz ao nosso horror.

As nuvens negras tornavam a acumular-se, devorando a luz... Num estalar de dedos, a bruma cobria o mar, a chuva transformava-se em aguaceiro, os relâmpagos dilaceravam o céu, o vento exaltava-se e as ondas sacudiam o casco mutilado do *Estrela Rubra*. Como era possível...?

— Os Feiticeiros estão aqui — balbuciei, alvoroçada, precipitando-me para a amurada.

— Onde? — inquiriu o príncipe com premência. — Não discirno a sua energia...

— Não resistiremos a outro ataque! — afligiu-se o capitão.

Eu estava ciente disso. O *Estrela Rubra* já sofrera danos que nos impediam de navegar e as ilhas tinham desaparecido. Embora não se queixasse, Nolan também estava ferido; não parava de sangrar do nariz e as manchas púrpura que lhe rodeavam os olhos acentuavam-se cada vez mais. Necessitava urgentemente de energia curativa! Para não falar dos marinheiros com lesões graves que voltavam a agarrar-se às cordas. O pavor já consumira as suas reservas de coragem. Gemiam-se orações... E o pesadelo recomeçava.

Uma onda mais procelosa varreu o convés. Os homens gritaram. Nolan rangeu os dentes e ajoelhou-se, invocando o que restava da

sua magia para equilibrar o navio. Lysander ainda corria ao longo da amurada como uma fera encurralada, repetindo sem cessar:

— Onde estão? Onde?

A Natureza ditava o conflito de forças antagônicas. Logo, se os trilhos dos Feiticeiros eram formados com magia luminosa... Enchi o peito de ar e libertei a magia obscura, espalhando-a sobre o mar. Não muito longe, o vazio preencheu-se com chispas coloridas e um som arrepiante ecoou na bruma, enquanto a energia das trevas se confrontava com a energia radiosa. O fenômeno alastrou-se até às nuvens como fogo sobre pez, denunciando o caminho de luz... E as três figuras que se quedavam na sua base, vestidas com túnicas que esvoaçavam ao sabor do vento agreste que nos fustigava. Os seus braços cruéis estendiam-se para o mar, depois para o céu, novamente para as ondas e para o *Estrela Rubra*, agitando-se com uma exaltação feroz, no esmero de uma dança mortífera.

— Filhos de uma ratazana piolhosa...

Ingimar sobressaía, alto e esguio, com os longos cabelos dourados a ofuscarem a cintilação do trilho. Ao verem-se descobertos, aguçaram ainda mais a perversidade. E quaisquer dúvidas quanto ao seu alvo ficaram sanadas quando a vaga que se preparava para varrer o convés se contorceu e abateu sobre mim.

Lysander segurou-me, impedindo que o mar me levasse. Mal superáramos o aturdimento, já outra onda nos subjugava. A pressão da água era tão descomunal que senti os ossos do crânio a estalar. Acreditei que, desta vez, o *Estrela Rubra* ia mesmo desfazer-se... Porém, apesar de a tortura delongar, o ar tornou a abençoar-nos.

— Temos de prostrá-los... — começou o príncipe.

— Cuidado! — clamou Nolan.

Fiquei momentaneamente cega e rebolei por puro instinto, abraçada a Lysander. E em bom tempo, pois, desta vez, não foi água que os celerados lançaram contra nós... Foi fogo!

As tábuas do convés sumiram onde o raio caiu. De soslaio, vi o feiticeiro que o invocara a recuar e outro a ocupar o seu lugar, levantando as mãos e entoando uma ladainha tenebrosa. Com a

respiração presa, constatei que uma nova onda gigante se formava... E essa haveria de nos arrastar para o fundo do mar, onde os peixes se banqueteariam com a nossa carne.

— O que quer que seja que tendes em mente, apressai-vos! — urgiu Nolan.

Encontrei o olhar de Lysander e, tal como nos dias em que éramos mestre e aprendiz, concertámos os fôlegos e erguemo-nos com um salto. Sem hesitar, libertei a magia e ataquei o feiticeiro que criava a vaga, ao mesmo tempo que o príncipe arremessava a sua energia contra Ingimar. Desprevenido, o aleivoso obsequiado com a minha atenção nem se defendeu. Foi atingido em pleno peito e arrojado pelo ar. Tombou do trilho, a berrar e a espernear, acabando devorado pela crista da onda letal. Os pares nem tentaram acudir-lhe... A solidariedade entre Seres Superiores era deveras impressionante!

A vontade de estracilhar Ingimar corroía-me, mas não podia interferir na luta de Lysander, pois o feiticeiro encarregue de nos fulminar já lançava um novo ataque. Ergui um escudo de proteção e contive a sua energia flamante... Todavia, o facínora era poderoso! A sua magia principiou a corroer as minhas defesas, no instante em que o *Estrela Rubra* se inclinava sob o vigor da onda criada pelo infame que eu matara. Escutei os urros de agonia de Nolan, enquanto forçava o navio a escalar a parede de água. No entanto, não podia valer-lhe. A ardência rompia o escudo e abrasava-me o rosto... Com mil ratazanas ardilosas, o meu émulo podia ser forte, mas não se comparava à herdeira da feiticeira Aranwen!

Com um grito iracundo, fundi a energia obscura com a energia do desafiador. Depois, reverti o fluxo místico e devolvi-o. O feiticeiro gargalhou ao ver o raio rasgar o ar, por cima da sua cabeça, convicto de que eu errara... Enganou-se! Ao ensombrá-lo, a magia explodiu numa chuva de fogo. As partículas incandescentes colaram-se ao corpo esguio, incendiaram-lhe as vestes e prostraram-no sobre o trilho, a escabujar em agonia. O martírio dos seus berros uniu-se ao estrondo da trovoadas e aos rugidos do mar... Então, o *Estrela Rubra*

pendeu vertiginosamente e começou a despenhar-se no abismo de trevas aquosas, envolto numa avalanche de espuma.

Num único fôlego, escutei o grito de Lysander, vi Ingimar incandescer, perdi o chão e choquei violentamente contra a amurada. Aturdida e desamparada, acabei enrolada no turbilhão destruidor da onda. Estiquei os braços em busca de algo onde me agarrar... E uma mão fechou-se na minha, puxando-me para o abrigo de um corpo robusto. Senti a solidez da madeira e o calor da energia de Nolan. Porém, esse reconhecimento confirmou-me a sua exaustão... A magia do capitão esgotava-se e, como ela, a força que sustinha o *Estrela Rubra*.

Nem hesitei. A minha essência aflorou a sua e a fusão foi imediata. Através da sua mente, tomei consciência de cada tábuas, cavilha e corda existentes no navio. A dor que o percorria era indescritível, mas ele ignorava-a com bravura, lutando pelas nossas vidas. Os estragos impostos ao *Estrela Rubra* eram assimilados pela sua magia e refletiam-se nos seus ossos e músculos, nas entranhas e na carne... Eu desconhecias as regras desse estranho elo e não sabia como ajudá-lo. Por isso, limitei-me a entregar-lhe a minha energia. E Nolan absorveu-a com avidez e usou-a com eficácia.

O barco enfrentou a superfície do mar. A solidez da onda esmagou-nos. A vontade de Nolan sustentou o casco e selou o porão, impedindo a água de o invadir. Essa bolsa de ar fez-nos regressar à tona. O *Estrela Rubra* estava pronto para travar uma nova batalha... Contudo, o mesmo não se podia dizer dos seus marinheiros! Apenas quatro homens haviam resistido à morte, além do capitão e de...

— Lysander! — bradei, aflita, virando a cabeça em busca do príncipe. Quase desfaleci de alívio ao encontrá-lo junto ao que restava do mastro. Tentava levantar-se... Estava vivo!

Fixei o trilho de luz com o fôlego preso. Ingimar erguia-se num cambaleio, como se tivesse sofrido um golpe poderoso. O feiticeiro incumbido de acirrar a tormenta tinha desaparecido. Os relâmpagos ainda rasgavam o céu e chovia torrencialmente. Porém, apesar de o

mar continuar encrespado, não se avistavam ondas que nos ameaçassem. A minha esperança renasceu... Só tinha de colaborar com Lysander para nos livrarmos do dejetos místico responsável por esta desgraça. Nolan apercebeu-se da minha intenção e arquejou:

— Vai! Acaba com aquele verme!

Ao suster-me, inferi que o *Estrela Rubra* consumira grande parte da minha energia. Contudo, a que restara chegaria para arrancar os olhos a Ingimar! O energúmeno já estava de pé, mas Lysander não recuperara. Urgia alcançá-lo, pois o seu desequilíbrio tornava-o um alvo fácil... Inesperadamente, o feiticeiro endireitou as costas como se refeito. O olhar glacial varou-me com um ódio que nem a distância era capaz de dissimular. Enchi o peito de ar, achando que ia atacar-me... Todavia, Ingimar estendeu os braços para o céu e uniu-os sobre a cabeça. De imediato, toda a energia da tempestade foi atraída para os seus dedos. No entanto, antes que esta o alcançasse, o aleivoso arrojou as mãos na direção do *Estrela Rubra*. E os relâmpagos precipitaram-se sobre nós, qual chuva de setas ardentes.

Saltei sobre Nolan. O que mais podia fazer? Era a sua essência que sustentava o navio. Se ele morresse, seria o fim! Fogo vivo espalhou-se pelo convés. O capitão bradou, trespassado por uma dor que queimava a carne e estracinhava a mente. Concentrei-me na luz que me ligava à magia restauradora da Árvore da Sabedoria. E, através desse elo, Nolan conseguiu superar o tormento, debelar a colossal energia que nos consumia e salvar o *Estrela Rubra*.

Ergui a cabeça, encarando a realidade através de uma cortina de névoa fumegante... Ainda flutuávamos. Aqui e além, as labaredas mordiscavam a madeira, mas as ondas e a chuva ajudariam o capitão a apagá-las. Os marinheiros jaziam carbonizados... E Lysander sumira!

O meu olhar apavorado perscrutou em redor. A luz do trilho acabou por me atrair a atenção. E o meu coração sofreu um baque ao ver o príncipe suspenso no ar, enforcado com um chicote de luz, a baloiçar no vazio ao sabor da crueldade de Ingimar.

— Não! — bradei, desesperada. Ao escutar-me, o feiticeiro gargalhou e soltou a presa.

Gelada até ao âmago, fiquei a ver Lysander tombar, impotente para lhe valer. Apesar do caos que nos rodeava, o som da sua queda no mar sobrepôs-se aos demais. Seguiu-se o ribombar de um trovão. E o meu frémito de dor:

— Não! Não! Não...

Era como se me arrancassem o coração... Como se a minha alma fosse retalhada em pedaços! Era... Insuportável!

De súbito, Nolan agarrou-me, sacudiu-me e obrigou-me a encará-lo, apelando com firmeza:

— Kelda! Reage! Não podemos permitir que Lysander morra em vão!

— Ainda posso salvá-lo — gorgolejei, assolada pelo choque.

— Não há nada a fazer...

— Eu vou salvá-lo! — fremi. E libertei-me com um safanão, desatando a correr para a popa. Nolan bramiu de aflição e acometeu no meu encaço, tentando deter-me. Pelo canto do olho, vi um reflexo candente e senti o ar aquecer sob o ímpeto do novo ataque de Ingimar. Saltei, cravei os pés na amurada para ganhar impulso e projetei o corpo. O negrume das ondas tingia-se de vermelho, testemunhando quão perigosa era a ameaça que investia contra mim. Sorvi um último fôlego e mergulhei de cabeça... O meu destino estava traçado.

Rasguei o mar, imergindo a pique como uma lança. Fundo... Cada vez mais fundo... A bola de fogo que Ingimar lançara espargia um clarão que cegava. No derradeiro instante, sacudi as pernas, torci o tronco e desviei-me. Apesar de a água estar gelada, as chamas místicas ainda me abrasaram a pele antes de se afundarem rumo ao desconhecido. E outra bola de flamas acabara de trespassar as ondas e caía sobre mim... Mais haveriam de se seguir! O feiticeiro não desistiria de me matar! Contudo, não podia atingir o que era incapaz de enxergar.

A magia tornou-me invisível e ajudou-me a permanecer submersa, enquanto nadava com a destreza de um peixe. Preenchi a mente com uma resolução: encontrar Lysander. Ele estava vivo! Tinha de estar! Ingimar apenas o prostrara inconsciente. Eu acreditava... Eu sentia! E, apesar de um ente de sangue antigo poder ficar sem respirar por muito mais tempo do que um ser humano, também se afogava. Se o príncipe recobrasse os sentidos na solidão negra e gélida das profundezas do mar, ficaria tão desorientado que consumiria os seus recursos místicos num único fôlego.

As bolas incandescentes despenhavam-se à minha volta. O feiticeiro perdera-me o rasto e estava possesso! Apesar de a água ser turva, a luz das flamas permitia-me divisar com relativa clareza. Porém, não via Lysander... E se o fogo de Ingimar o tivesse atingido? Não! A energia do príncipe haveria de se revelar! Eu só tinha de mergulhar um pouco mais, seguir a corrente, deixar-me guiar pelo instinto... De repente, deparei com uma sombra à distância de três braçadas. Temi que fosse uma criatura marinha, mas limitava-se a vogar. E afundava-se... Afundava-se...

«Lysander... Lys! Lys! Lys...»

Apertei-o nos braços e estreitei-o contra o corpo. Perscrutei-lhe a essência... E obtive resposta! Lysander estava vivo! A excelência do seu poder impedira que a água lhe inundasse os pulmões. Todavia, a energia que lhe restava mal mantinha o coração a bater. Por pouco, não tombara no esquecimento eterno sem voltar a despertar.

Decidi não acordá-lo. O choque que sofreria ao reaver a razão e descobrir-se rodeado de água poderia ser-lhe fatal. Além disso, se o conservasse suspenso nesse torpor, a minha magia não se consumiria tão rápido, o que me permitiria continuar imersa. Arrastá-lo para a superfície estava fora de questão. Ingimar mantinha-se à espreita; só partiria quando se convencesse do nosso fim. Desistira de arremessar fogo, mas eu apercebia-me de que o brilho do trilho persistia. Devia ficar quieta para preservar energia...

E orar para que a claridade que alimentava a minha essência nos sustentasse sob as ondas até o perigo se extinguir.

Enrolei-me em Lysander e envolvi os nossos corpos com energia luminosa. Tinha de me concentrar nas batidas dos corações. Forçar a magia a nutrir os pulmões. Não permitir que o frio esgotasse o nosso calor... Torná-lo numa parte de mim e esquecer tudo. Meramente existir, submersa, ao sabor da corrente.

Perdi a noção do tempo. Perdi a noção da realidade. Quando voltei a abrir os olhos só vi escuridão num universo feito de água. Sentia-me gelada... E a sufocar! Os meus recursos místicos sustinham-se por um fio e os sentidos troavam em alarme. Felizmente, acordara antes que Lysander escorregasse dos meus braços. Refreei o pânico e o instinto indicou-me em que direção nadar para regressar à superfície. Se estivesse demasiado longe...

Libertar-me da corrente que nos envolvera e carregar o corpo inerte do príncipe na subida foi um exercício penoso, mesmo cruciante. Todavia, não podia permitir que ele se afogasse! O meu desejo de salvá-lo era tão veemente que me compelia a lutar para além das forças.

«Amo-te, Lys... Não vou desistir! Eu sou capaz!»

Seria mesmo? As trevas aquosas eram aterradoras. Se pensasse no que me rodeava, ficaria paralisada de horror. Também não fazia ideia do que me esperava à tona. E se Ingimar insistisse em caçar-nos? O medo cravava-me as garras na garganta, enquanto ia emergindo. Já não sentia o ardor da magia e a necessidade de respirar agravava-se a cada impulso. Sem o sustento da minha energia, Lysander retesava-se em agonia. Arrefecera abruptamente e o seu coração falhava. Enfrentei a oposição do mar, agitando desesperadamente as pernas... E quase saltei fora de água, tal o ímpeto que me instigava.

Traguei o ar em fôlegos profundos e dolorosos, enquanto tentava manter-me à superfície. As ondas cobriam-me, empurravam-me e sufocavam-me. Aflita, tossi e cuspi o veneno salgado, ao mesmo tempo que puxava por Lysander. Demorei a recuperar o controlo,

mas, enfim, consegui. Felizmente, o mar estava mais calmo do que me parecera ao início. O príncipe voltara a respirar sem ajuda... E devagar, muito devagar, a luz da minha essência também recomeçava a cintilar, devolvendo-me o ânimo.

Perscrutei a cerração, mas não enxerguei vestígios do trilho mágico, nem de Ingimar... Nem rasto do *Estrela Rubra*! Onde estaria Nolan? Teria sucumbido à sanha do feiticeiro? A nossa única possibilidade de salvação pendia na esperança de sermos resgatados por um navio. No entanto, tal assomava-se impossível! Mal me concentrei na posição das estrelas, descobri que as correntes das profundezas nos tinham arrastado para longe do local onde o conflito se iniciara.

Quedei-me a flutuar, trincando a angústia. Desde que guardava memória, encarava o mar com temor, detestava barcos, evitava tirar os pés do solo... E agora acontecia-me isto! Sobre as nossas cabeças, a Lua navegava no céu, marcando a passagem do tempo... Para que lado se situaria a costa? Com mil ratazanas perdidas, teimar em nadar sem rumo era estupidez! E não era tolice ficar à espera que a exaustão nos prostrasse? Mas o que mais podia fazer? Nada! Nada... Raios, não ia esmorecer! Depois de tudo o que enfrentáramos, recusava-me a admitir derrota! Lysander continuava a ser um peso inerte entre os meus braços, mas a sua magia acabaria por se restaurar. Quando despertasse saberia o que fazer...

De súbito, uma pequena luz faiscou à minha frente. Pisquei os olhos, assustada. Estaria a delirar? O fenómeno repetiu-se, deixando-me estarecida. Com os movimentos do corpo, o búzio que eu carregava ao pescoço libertara-se da túnica... E a sua magia reagia com a água do mar! Pulsava e resplandecia! De imediato, recordei a mensagem que a voz terna e melodiosa que a concha albergava já sussurrara uma miríade de vezes ao meu ouvido:

«*Sopra o búzio dentro de água e eu escutarei o teu apelo...*»

Uma ideia louca tomou-me de assalto. A tentação era irresistível... O que aconteceria se soprasse o búzio? Provavelmente nada! Todavia, também podia obter resposta... E talvez essa resposta

determinasse a nossa salvação! Afinal, não viera a concha parar às minhas mãos, por duas vezes, em circunstâncias tão excepcionais? De que mais provas necessitava para concluir que esta tinha uma função a desempenhar na resolução do meu destino?

Sem mais considerações, afundei-me e levei o búzio aos lábios. Expectei ouvir um assobio, um silvo... Porém, nada! Repeti o gesto, bafejando com mais força... Sem resultado. Voltei à tona, assolada pela frustração. Estava a ser tola! Quem encantara o búzio podia encontrar-se no outro lado do mundo... Ou até já ter morrido! E, mesmo que assim não fosse, porque haveria de nos acudir? Não obstante, movida por uma teimosia insana, soprei pela terceira vez... Debalde! Nenhum som, logo, nenhuma resposta.

Ajeitei o corpo de Lysander sobre o meu, enquanto as ondas lambiam o sal das minhas lágrimas. Estava a chorar para quê? Era uma guerreira! Devia honrar a minha herança de sangue e lutar sem queixumes, até ao último fôlego. Além disso, a respiração do príncipe já se normalizara. Talvez acordasse ao romper do dia... Não importava o que acontecesse, não iria entregá-lo aos dedos álgidos do mar! Beijei-lhe a testa e murmurei:

— Vou amar-te até morrer... E para além da morte! Para além de tudo!

O infinito do céu fundia-se com a imensidão aquosa. O tempo arrastava-se; perdia o significado... Dolência. Abandono. Uma tristeza morna... A harmonia do silêncio preenchia-se com a voz da Natureza: o murmúrio das ondas, o assobio do vento... O coração de Lysander e o meu coração. A cadência da nossa respiração... E o chamamento da Terra Mãe. Embrenhada no caos da guerra, eu fechara os olhos à Sua beleza e os ouvidos ao Seu canto. Agora, libertava a mente de todas as tribulações. A minha condição já não me amargurava. Eu fazia parte deste mundo, do seu ritmo, da sua energia... E continuaria a pertencer-lhe, mesmo quando deixasse de ser carne e ossos, humana e feiticeira.

Um sorriso conformado. Dois corações pulsando como um só... O silvo do vento misturava-se com o embalar das ondas e entorpecia-

me. O céu liquefazia-se. A Lua dissolvia-se no mar. As estrelas apagavam-se. Os meus olhos cerravam-se. A vontade esvaía-se. O corpo deslizava. O vazio acolhia-me... E um sonho já sonhado absorvia-me: água, trevas, o fulgor do búzio mágico... A Morte Branca à espreita.

— Kelda! Kelda!

Abri os olhos e deparei com o rosto pálido de Lysander. Agora era ele quem me sustinha! Obrigava-me a contrariar o torpor que me subjugava, ordenando com ardor:

— Presta atenção! Tens de ficar quieta... Muito quieta!

Tentei divisar através da bruma, receando outro ataque dos Feitiçeiros. Nada vi... Mas senti! O alerta do instinto encheu-me de calafrios. Algo agitava a água, à nossa volta e por baixo... Um predador gigantesco, detentor de uma força descomunal, cercava as presas indefesas.

— A Morte Branca... — arfei horripilada.

Estávamos à mercê do pior terror dos marinheiros! Sempre que um naufrágio ocorria nos domínios desse monstro, nenhuma alma ficava a salvo. Quem já o avistara e vivera para contar a história garantia não existir assassino mais implacável. Podia devorar dois homens com uma dentada... Todavia, divertia-se a sacudir as vítimas entre os dentes aguçados como punhais até despedaçá-las. Só quando o sangue inundava as águas é que se banqueteara com a carne.

— Não te mexas — murmurou Lysander.

Mas como parar de balançar os braços e as pernas sem ser engolida pelo mar? No entanto, devia fazê-lo se não queria atrair a atenção da criatura e sofrer um fim atroz!

— Podemos combatê-la com magia — ripostei, inspirando um fôlego de coragem. Todavia, Lysander volveu com um carinho que me deixou em pânico, pois soava a despedida:

— Qual magia, Kelda? Estamos exauridos...

— Lys...

— Quieta!

O alvoroço cessara... Contudo, trompas de alarme ribombavam-me na mente, incendiando o sangue e descontrolando a respiração. O perigo persistia! Apurei o olhar e verifiquei que algo se elevava fora de água, rasgando as ondas com uma rapidez impressionante. A enorme barbatana da abominação afastava-se! Teria decidido poupar-nos? Esperança vã! Apavorada, vi-a dar meia-volta e acometer contra nós à velocidade do pensamento.

— Quieta... — Ainda sussurrava o príncipe. E, de repente, empurrou-me.

Afundi-me, desprevenida e estonteada. A água salgada inundou-me o nariz e a boca, silenciando o meu grito. Aflita, regressi à superfície, temendo sentir a dor excruciante da dentada do monstro. Porque é que Lysander me afastara...? Então, vi-o nadar para longe com quanta força lhe restava, perturbando as águas com toda a veemência e bradando a plenos pulmões:

— Aqui! Aqui! Vem... Aqui!

E obtive o que desejava! A barbatana desviou-se de mim e seguiu-o, qual raio. Lysander esperava que a criatura se saciasse com o seu corpo e me deixasse viver... Não! Não!

Mergulhei, determinada, aguçando o olhar através da negridão turva da água. O monstro possuía a forma de um peixe, cinzento no dorso, alvo no ventre... e maior do que um barco de pesca! Em menos de nada, Lysander estaria morto. Apelei à magia sem sequer pensar. Podia estar exausta, mas a luz cedida pelos meus avós não cessava de me refazer.

Arremessei a energia como um arpão. A magia superou o ímpeto da criatura e trespassou-a, desviando-a do objetivo... Ou assim eu esperava! A água tingia-se de sangue... Fui sugada para um remoinho que me virou do avesso. Não enxergava nada... Mas sentia!

Algo sólido como um rochedo abalroou-me. O monstro revidava! Falhara a dentada, mas não desistira. O impacto da cauda quase me partiu ao meio... E o caos recomeçou! A Morte Branca investia... Todavia, não estava só! A água revolvia-se num turbilhão. Dezenas

de vultos colossais surgiam de toda a parte... E, desta feita, não havia magia que me pudesse valer.

Através da escuridão, percebi que os recém-chegados se entrecruzavam e rodopiavam num frenesim. Porém, em simultâneo, dir-se-ia que obedeceriam a uma ordem, como se se movessem sob o controlo de algum tipo de consciência. Ignoravam-me e atacavam o monstro! Sangue... Muito sangue em meu redor! Tentei clarear a visão e assombrei-me ao deparar com formas quase humanas. Com mil ratazanas entontecidas, que abominação era esta?

De súbito, uma das criaturas lançou-se contra mim. Gritei e estrebuchei de pavor, mas não tinha como lhe resistir. Duas garras imobilizaram-me... No entanto, foi o som agudo emitido pela sua bocarra que me rasgou os ouvidos, dilacerou a mente e usurpou os sentidos.

CAPÍTULO 23

A maravilhosa sensação de estar deitada em terra firme, sobre areia quente e macia, tomou conta de mim. O cheiro intenso da maresia e das rochas cobertas de limos entrou-me pelo nariz e convidou-me a abrir os olhos. Vislumbrei um deslumbrante céu azul, onde se passeavam nuvens finas como vapor... Mas que lugar era este?

Sentei-me, aturdida, e deparei com uma praia interminável, banhada por um mar que, apesar de calmo, não admitiria a aproximação de um barco, tantas as rochas afiladas que a maré baixa deixava a descoberto. Então, as lembranças tomaram-me de assalto... Numa batida de coração, vi Lysander à minha esquerda, deitado na areia, enquanto, à minha direita, uma criatura grotesca me observava com uma expressão minaz.

— O meu nome é Nereus e sou um príncipe do Povo da Água — anunciou gravemente. — Fica descansada... Não tenciono fazer-vos mal.

Um tritão! Não me faltava mais nada! De imediato, fui fustigada pela recordação dos avisos dos Guardiães nas noites da minha infância passadas na Montanha Sagrada:

«Jamais confiem no Povo da Água», firmara a minha mãe sob o olhar sombrio do meu pai. E o crepitar sinistro da fogueira tornara a sua advertência ainda mais solene, ao prosseguir: *«Não se deixem enganar pelos seus encantos e pelas suas falas mansas. Tanto as sereias como os tritões são monstros terríveis! Raptam os homens para torná-los seus escravos e matam-nos quando já não têm serventia.»*

Durante a minha instrução, aprendera que os tritões se tinham tornado inférteis ao longo das sucessivas gerações. Por isso, as sereias recorriam às sementes dos machos humanos para procriarem, na tentativa de evitar a extinção da raça. Em contrapartida, quaisquer fêmeas humanas que tivessem a

infelicidade de cair nas suas garras eram arrastadas para o fundo do mar... No entanto, o príncipe Nereus devia reservar-me outra sorte! Ordenara aos seus guerreiros que atacassem a Morte Branca para nos salvar. E, apesar de me ter prostrado inconsciente, conduzira-me até aqui sem deixar Lysander para trás. Isso significava que sabia quem nós éramos! Fixei o meu mestre com o coração a martelar o peito... Estaria vivo? Pelo menos a Morte Branca não o despedaçara, como eu tanto temera!

Os tritões podiam ser descritos como uma mistura aberrante de homem e peixe. A sua pele prateada era tão lisa e reluzente como a dos golfinhos e os cabelos assemelhavam-se a algas. Porém, o mais aterrador era o rosto, de onde se destacavam olhos negros, vazios de emoção, e uma bocarra de lábios finos, repleta de dentes pontiagudos. Nereus era particularmente possante, quase um gigante. A magia do Povo da Água permitia-lhes exibirem-se aos humanos como criaturas belas... Todavia, este fazia questão de se revelar na plenitude da sua natureza bravia, para que não persistissem dúvidas no meu espírito quanto à sua supremacia e ferocidade.

Quis suster-me, mas as pernas falharam. Rangi os dentes e rastejei sobre o traseiro até Lysander, sem desviar a atenção do príncipe dos tritões. Não avistei nenhum dos seus súbditos... Aparentemente, tinham partido. No entanto, o instinto de preservação garantia-me que Nereus não ficara a aguardar que eu lhe demonstrasse a minha gratidão. O Povo da Água não nos ajudaria se não expectasse algo em troca! Enfim alcancei o meu mestre e o alívio inundou-me ao verificar que respirava. Apesar de inconsciente, parecia estar bem...

— Admito que me impressionaste, filha da Montanha Sagrada! Não é qualquer um que tem coragem de fazer frente à Morte Branca.

A voz do tritão arranhava os ouvidos e não possuía um pingote de cortesia. Aliás, existia desdém no elogio! Confirmava-se que conhecia a nossa identidade... E que não nos devotava a mínima

consideração! Noutras circunstâncias, eu estaria a agradecer-lhe. Porém, a postura de Nereus não era, de todo, afável. O ar que nos rodeava estralejava com uma animosidade crescente. Apesar disso, tentei manter o tom firme e neutro ao indagar:

— Porque viestes em nosso auxílio?

Os seus lábios distenderam-se para soltar um silvo agudo; decerto uma gargalhada, atendendo ao sarcasmo da réplica:

— Não acreditas que foi por mera generosidade?

Consegui pôr-me de pé e, reduzida a desvantagem, empinei o nariz e demandei:

— Enunciai o vosso propósito.

— Forte e inteligente —olveu sem pressa. E, mais uma vez, a lisonja soou a escárnio. — És filha dos teus pais... Contudo, para teu bem, espero que não tenhas herdado a sua teimosia! Os Guardiães nunca te falaram de mim? Pois eu também não irei enfadar-te com o relato da história que ditou o nosso encontro. Basta saberes que tens algo que me pertence e que quero reaver.

Com mil ratazanas desossadas, que cilada é que o destino me armara agora? Era óbvio que o tritão dedicava um rancor profundo aos meus pais! Tentei superar o pasmo e raciocinar. O que podia Nereus desejar? Eu só trazia sobre o corpo as roupas e o fio que Pequena tecera... de onde pendia o búzio mágico! Quando dei por mim, já levava a mão ao peito e balbuciava:

— Não pode ser...

— Vejo que me fiz entender!

Ignorei a sua sobrançeria, suplantada pela confusão. O búzio pertencia ao Povo da Água? Tal jamais me ocorrera... Porém, se Nereus apenas pretendia resgatá-lo, porque não mo arrancara do pescoço e me abandonara no meio do mar? Debelei a curiosidade. O importante era livrar-me do tritão e socorrer Lysander! Doía separar-me da concha... Todavia, não hesitei em libertá-la do fio e estendê-la a Nereus. O meu coração engasgou-se quando ele objetou:

— Mais devagar... Terás de prestar-me um serviço para que a tua dívida fique saldada.

Era o que eu temia! Engoli em seco, mastigando a ira. Se Lysander estivesse desperto, só teríamos de nos refugiar na floresta para ficar a salvo. Fora do seu elemento, a magia do Povo da Água não era assim tão excepcional que nos causasse dano! Porém, enquanto o príncipe continuasse estendido na areia, seria uma imprudência afrontar o tritão. Restava-me ceder:

— O que pretendeis?

Ele torceu o cenho, como se surpreendido pela minha solicitude. E determinou:

— Vais voltar a soprar o búzio dentro de água ao cair da noite. Nada mais.

Franzi o sobrolho, alarmada. Era evidente que a simplicidade do pedido ocultava um desígnio funesto. E eu não podia arriscar-me a desencadear uma praga que me impusesse piores tormentos do que aqueles de que já padecia! Incapaz de segurar a língua, dei por mim a altercar:

— Para que serve o búzio, afinal?

A brusquidão seca e impaciente da sua réplica deixou-me estupefacta:

— Não te faças de tonta! Se desconhecesses o segredo desse búzio, não terias recorrido à sua magia quando te viste perdida no mar.

— Apenas sei que o búzio é mágico... — principiiei a retrucar. Então, o enigma que me confundia desde o dia em que achara a concha como que se desvendou num fôlego. — Foi por causa do búzio que viestes em nosso auxílio? Ele lança um apelo ao Povo da Água? Foi uma sereia que o encantou?

— Chega — sibilou o tritão, com o ímpeto de uma corneta desafinada. — Faz essas perguntas ao teu pai... Já desperdicei demasiado tempo aqui! — Apontou para a floresta que nascia no topo das dunas e enunciou: — Para lá das árvores há de encontrar um abrigo. Depois de o Sol se pôr, acende a fogueira que está à entrada, regressa à praia e faz o que te mandei. Mal termines,

recolhe à cabana e não saias de lá, até que eu vá ter contigo. Entendeste?

Indignada, empinei o nariz e contrapus com firmeza:

— Se não me explicardes com clareza as vossas intenções...

O seu guincho cortou-me a voz e quase me rebentou os ouvidos:

— Humana petulante! Estou a dar-te uma ordem e tu vais obedecer...

— Não, não vou! Não vos devo vassalagem!

— Deves-me a vida...

— Pois, muito obrigada! Mal regresso a casa, certificar-me-ei de que a vossa «generosidade» será devidamente recompensada.

O silêncio envolveu a praia. Até parecia que as ondas do mar se tinham detido e que o vento se extinguiu. Nereus fixava-me com aqueles olhos horríveis, que nada revelavam sobre o que lhe ia na mente. Contudo, os lábios finos tremiam, expondo os dentes afiados. Ousaria atacar-me? Vi-o levantar um braço com a manípula aberta. De imediato, preparei-me para invocar a magia. A sua mão fechou-se e torceu-se... E eu nada senti! Porém, nas minhas costas, Lysander soltou um berro de agonia e começou a estrebuchar.

Soprei o ar, apavorada. Atenta a Nereus, ajoelhei-me ao lado do meu mestre. Os seus olhos afundavam-se nas cavidades e os lábios cuspiam uma espuma avermelhada. Temi que fosse sangue, mas o odor fétido e a consistência provaram tratar-se de outra coisa. Puxei-o para o meu colo, prendi-lhe a cabeça contra o peito e impregnei-o com energia curativa. Enquanto isso, o tritão sibilava triunfante:

— Sabia que ousarias desafiar-me! Por isso, pus uma alga especial debaixo da língua do príncipe... E, devido à arrogância que te corre no sangue, fui forçado a desfazê-la. Não te iludas, Kelda! O veneno que Lysander engoliu é tremendamente poderoso. Se fosse um simples humano, já estaria morto.

— Seu monstro! — berrei, devassada pela vontade de esfolá-lo vivo. Só me refreei com medo de que Lysander se finasse no instante em que parasse de receber a minha magia.

— Acredita que não me apraz matar o herdeiro da rainha Lyria — replicou, nada intimidado. — Ele ainda não está condenado... Mas a sua salvação depende de ti!

Quedei-me a fitá-lo, transtornada. Com tranquilidade, Nereus levou a mão à sua cabeleira de algas e cortou um pedaço, exibindo-o enquanto continuava:

— Certifica-te de que o príncipe engole isto sem mastigar. Não irá restabelecê-lo plenamente, mas impedirá a peçonha de se espalhar e sustentá-lo-á até de manhã. Quando vier buscar o búzio, dar-te-ei a cura. — Arremessou a alga para a areia, de modo a ficar ao meu alcance. E concluiu: — A solicitação que te fiz está relacionada com um assunto que só ao meu povo concerne. Não acarretará nenhum dano para ti, para os teus ou para a causa que defendes... Todavia, não demores a decidir, Kelda! A progressão do veneno pode causar danos irreversíveis.

Ao constatar que tencionava partir, rugi por entre arquejos de uma aflição iracunda:

— Que garantia tenho de que Lysander viverá se eu cumprir a vossa determinação?

O seu olhar estreitou-se e, por um momento, tornou-se quase humano ao retorquir:

— Tens a minha palavra! É quanto basta!

A palavra do príncipe do Povo da Água. A agonia do príncipe do Povo da Terra... E o meu dilema.

Lysander soltava outro berro e retorcia-se em convulsões. Em todos os anos que passara ao seu lado, nunca o vira perder o controlo desta maneira. A dor que o assolava devia ser excruciante! E a minha energia curativa parecia surtir pouco ou nenhum efeito.

Levantei os olhos, lutando contra as lágrimas. Nereus desaparecera, deixando para trás um pedaço da substância viscosa que compunha o seu cabelo. Depois de o meu mestre ter sido envenenado, como é que lhe ia impingir outra mistela, ignorando que efeito teria?

A asseveração do príncipe do Povo da Água. O suplício do príncipe do Povo da Terra... Eu não tinha escolha!

Agarrei no cabelo de Nereus e sacudi a areia que se lhe colara. Era mesmo como uma alga, denso e pegajoso... Até cheirava a mar! Obriguei Lysander a abrir a boca e empurrei-o até ao fundo da sua garganta. Depois, estreitei-o e orei com todo o ardor.

O efeito não foi imediato. O príncipe continuou a debater-se, com a testa coberta de suor e a pele a adquirir um tom cinza-arroxeadado, como se os dedos ossudos da rainha do submundo o estrangulassem. De súbito, ficou imóvel... Tão hirto que acreditei ter exalado o último suspiro!

— Lysander... — arfei desesperada. E desatei a sacudi-lo: — Por favor, Lys! Lys!

Chorei compulsivamente, exausta e desamparada. Será que a minha hesitação o condenara? Ou será que o tritão me enganara?

— Kelda... Acalma-te! Já me sinto melhor.

Encarei o meu mestre, aturdida. O cabelo de Nereus era mesmo miraculoso! Os olhos azul-escuros estavam abertos e os lábios esboçavam um sorriso cansado, desejoso de me tranquilizar. Louca de alívio, apertei-o com quanta força tinha e cobri-o de beijos, até ele protestar:

— Estás a sufocar-me!

Tombei na areia ao seu lado, incapaz de parar de tremer. Então, a sua mão procurou a minha e os nossos dedos enlaçaram-se. O pesadelo não terminara, mas eu queria acreditar que o pior fora superado.

Contei os últimos acontecimentos a Lysander, enquanto o apoiava na subida da duna. Ele escutou-me em silêncio, demasiado fraco para se pronunciar. E a sua expressão carregou-se ao descobrir que o príncipe do Povo da Água só lhe daria a verdadeira cura contra o veneno após a satisfação das suas exigências.

A cabana situava-se à entrada da floresta, tal como Nereus indicara. A distância era curta, mas a debilidade dos passos do meu

mestre fez com que demorássemos bastante. A luz do dia principiava a desvanecer-se quando, enfim, Lysander se sentou no abrigo construído com ramos, folhas e cascas de árvore. No exterior, uma fogueira aguardava para ser acesa. Incrédula, verifiquei que uma cesta cheia de frutos e raízes, uma vasilha com água e algumas mantas haviam sido deixadas à nossa disposição.

— O nosso amigo Nereus pensou em tudo — gracejou Lysander amargamente, acusando o esforço da caminhada. — É melhor comeres, Kelda. Vai ser uma noite longa.

— Se, ao menos, eu entendesse o porquê de tudo isto — desabafei, sentando-me ao seu lado.

— Fomos apanhados no meio da guerra que divide o Povo da Água...

— Sabes o que está em causa? — indaguei. E ele esclareceu:

— Há algum tempo, escutei rumores sobre o nascimento de um macho fértil no seu seio. Tal prodígio concedia-lhe o direito ao trono. Porém, a rainha Luthia nunca se dispôs a prescindir do poder que herdara e mandou matar esse tritão. Pelo que sei, o jovem é irmão de Nereus...

— Mas o que é que isso tem a ver com o búzio mágico? E com os meus pais?

Então, apesar de o cansaço lhe arrastar a voz, Lysander deixou-me perplexa ao relatar o rapto do meu pai por aquela que, na altura, era a princesa herdeira do Povo da Água. E concluiu:

— Jamais me passou pela cabeça que o búzio que tu trazias ao pescoço era o mesmo que Luthia encantou!

— Os meus pais nunca me disseram nada — titubeei, chocada com a revelação. Afinal, a voz doce que me embalara nos dias mais penosos da minha vida mais não era do que o apelo que uma sereia tresloucada lançara ao escravo por quem se apaixonara: o Rei da Lua.

— Tens de admitir que essa não é uma história que se partilhe de ânimo leve com uma filha!

— É preferível que a filha descubra o passado tormentoso do pai ao ser esmagada por ele?

— Decerto Edwin nunca imaginou que Nereus ou Luthia te ameaçariam...

— Isso não é escusa! — objetei, indignada ante a sua condescendência. — Não é a primeira vez que me vejo em apuros por causa dos segredos dos meus pais... Se até tu sabias! E como foi que essa confusão chegou ao teu conhecimento?

— A tua mãe desabafou com a minha — volveu, circunspecto, tentando não me melindrar ainda mais. — E a rainha Lyria achou que essa informação poderia ser-me útil... Sabes que os Povos da Terra e da Água não são, propriamente, amigos!

Baixei o rosto com as lágrimas a cair, murmurando, contundida:

— Tens sorte por ter uma mãe que confia incondicionalmente em ti... Os meus pais nunca confiaram em mim! E isso dói-me... Dói-me muito!

— Sabes que não é bem assim...

— Infelizmente, é! — contestei, erguendo-me e dirigindo-me à saída. — Vou acabar com isto...

— Kelda — deteve-me, firmando gravemente: — Não és obrigada a fazer nada que não queiras!

— Estás a dizer que devo deixar-te morrer? — retruquei, exasperada.

— Estou a pedir-te que decidas com calma. Já sopraste o búzio uma vez... Nereus pode ter-nos alcançado primeiro, mas, sem dúvida, Luthia também te ouviu e está alerta. Mal o apelo se repita, encaminhar-se-á para aqui, julgando estar a responder ao teu pai. E eu tenho a certeza de que virá ao encontro da morte! — Suspirou, combatendo a exaustão antes de prosseguir: — Talvez exista outra solução para o meu mal que não te obrigue a manchar as mãos... Esta guerra não é tua, Kelda! Imagina que os planos de Nereus são malogrados; que aqueles que permanecem fiéis à rainha decidem não reconhecer a legitimidade do novo rei e se revoltam... Muitos

dedos irão apontar-te como a responsável pela morte de Luthia e o Povo da Água jamais te deixará em paz.

— Estou disposta a correr esse risco — ripostei. Depois, virei-lhe as costas e enfrentei a noite.

Acendi a fogueira com magia e precipitei-me para o mar, sem parar de cogitar na advertência de Lysander. Com mil ratazanas abocanhadas, ele tinha razão! A consciência repreendia-me pelo que estava a fazer... No entanto, quando a escolha que se impunha oscilava entre a vida do meu mestre e a vida de uma sereia louca, a resolução era mais do que óbvia.

A noite avançava, mas a fogueira que eu acendera ainda ardia intensamente. Quem estivesse na praia, ou mesmo no mar, não teria dificuldade em avistá-la. O brilho das chamas esgueirava-se pelas frestas do abrigo e acariciava as faces de Lysander. Eu embalava o seu corpo adormecido, enquanto escutava a música do búzio mágico pela última vez. O príncipe alegara estar com sono para não me inquietar... Porém, na verdade, recomeçara a sentir o suplício da peçonha e a esmorecer, à medida que o efeito do remédio de Nereus se extinguia.

— Meu amor... — murmurei, tecendo carícias sobre a penugem preta e prata que principiava a cobrir-lhe o alvor do crânio. — Como eu gostava que pudesses viver em paz!

Em poucos dias, o herdeiro de Lyria libertara-se do jugo de Halvard para quase tombar às mãos de Ingimar, morrer afogado, ser devorado pela Morte Branca e acabar envenenado pelo príncipe do Povo da Água. Eu cumprira rigorosamente a minha parte do acordo... Só esperava que o tritão não fosse estulto ao ponto de me trair! Nereus podia ter escapado à sua rainha, mas seria incapaz de se esconder de mim. Se Lysander se finasse, eu haveria de persegui-lo através dos mares para lhe arrancar a pele!

«*Amar-te-ei até à morte...*», ciciava a voz melódica no interior do búzio, tão sofrida quanto esperançada. Afastei-o do ouvido, impaciente. Faltaria muito para o desenlace desta provação?

Nesse instante, um guincho ecoou na noite, fazendo-me retesar de susto. Repetiu-se, limpando as dúvidas do meu espírito. Quem gritava era a mulher que encantara a concha. E a sua aflição era inequívoca:

— Edwin... Edwin, ajuda-me!

Comecei a respirar aos arrancos. Por vezes, a ignorância era mesmo uma bênção! Cerrei os olhos e trinquei os dentes. A rainha Luthia merecia ser castigada pelo mal que fizera ao meu pai! No entanto, a ternura da voz que habitava no búzio moía-me a consciência... Anos passados, a sereia devia continuar a amar o Rei da Lua ou não teria caído nesta armadilha.

— Porque me traíste, Edwin? Eu confiei em ti!

O que lhe estariam a fazer? Com mil ratazanas abespinhadas, que prendessem a sereia... Mas precisavam de torturá-la? Incapaz de me quedar indiferente, deitei Lysander sobre a manta e corri para o exterior. Na orla da floresta, quatro tritões tinham acabado de prostrar um quinto. Um sexto aguardava ao lado, limitando-se a observar os demais. Reconheci Nereus e confirmei que a criatura tombada na areia era uma fêmea. Escabujava e carpia, desesperada:

— Por favor, Edwin... Ajuda-me! Ajuda-me!

Precipitei-me em seu auxílio. Porém, Nereus bloqueou-me o caminho, silvando irado:

— Não te mandei ficar no abrigo?

— É necessário tanta força? — arrotei-o, indignada. — Como pode uma simples mulher opor-se a quatro guerreiros?

— Não fales do que não sabes... — sibilou o príncipe dos tritões.

Então, o olhar da sereia fixou-se em mim. De novo apelou... Todavia, ao constatar que eu não era o Rei da Lua, soltou um assobio estridente que me fez vergar em agonia. Era como se todos os meus ossos se estilhaçassem! E, por entre a dor, ecoavam palavras:

— Quem és tu? Como foste capaz de despertar a magia do meu búzio?

A custo, ergui a cabeça. E o que vi gelou-me o sangue. A sereia livrara-se dos tritões e investia contra mim. Empunhava algo semelhante a uma adaga de osso e fremia, possuída por um ódio desmesurado:

— Tu és a filha da aleivosa... Maldita! Maldita!

Eu descobria da pior maneira que era imune ao canto das sereias, mas não aos seus brados de guerra. A adaga de Luthia despenhava-se contra o meu peito... Quis reagir, mas um mero piscar de olhos custava-me horrores. Então, Nereus interpôs-se entre nós, desviou o golpe e fulminou a rainha com uma descarga de energia mística que a fez chiar e cair na areia.

A tremer, vi Luthia estrebuchar envolta numa luz candente, espargindo faíscas. O cheiro a peixe queimado empestou o ar. Passei a mão pela testa e controlei a respiração, enquanto a dor se atenuava. Entrementes, Nereus reassumia a postura altiva e arrogante. Porém, eu não voltaria a encará-lo com os mesmos olhos. Acabara de testemunhar que ele era detentor de uma magia que superava, em muito, aquilo que me fora ensinado que o Povo da Água era capaz de fazer.

— Ides matá-la? — inquiri com as emoções divididas.

— Os assuntos do meu povo não te dizem respeito! — altercou Nereus, implacável.

— Lysander contou-me o que se passou... — principiei a ripostar. Contudo, ele interrompeu-me com os olhos a fulgurarem na bruma:

— Saíste do abrigo em defesa da mulher que raptou e torturou o teu pai? E ainda te inquietas quanto ao seu destino, depois de ela te tentar esventrar? És uma humana estranha, Kelda!

— Só estou cansada de ver sofrimento e morte...

— Um guerreiro que dá ouvidos ao coração está à beira do fim — tornou a cortar friamente. — Não te comovas com as fraquezas dos teus inimigos... Eles não se apiedarão das tuas!

Engoli em seco, incerta do que retrucar. Nereus envenenara Lysander para me obrigar a cumprir a sua vontade... No entanto, movia-o o desejo de salvar o irmão e repor a ordem no seio do seu

povo. Além disso, se não tivesse vindo em nosso auxílio, neste instante seríamos um amontoado de papas aos trambolhões dentro das tripas da Morte Branca.

Quedei-me em silêncio, enquanto os guerreiros arrastavam Luthia para o mar. Nereus parecia aguardar que ficássemos sós. Eu só esperava não ter de recordá-lo da promessa que me fizera! O dia não tardaria a nascer e Lysander agonizava no abrigo... Então, a mão do tritão revolveu a cabeleira de algas. Cortou um filamento que divergia, tanto em textura como em cor, daquele que me dera nessa tarde, estendeu-mo e disse:

— O nosso ajuste está concluído. Procede de igual forma e, em dois dias, o príncipe do Povo da Terra estará restabelecido. — Após uma breve hesitação, rematou num tom quase solene: — Lamento que não tenha sido possível resolver este assunto com maior subtileza e cortesia.

Aceitei o pedaço de alga e rebati com estranheza:

— Estais a pedir desculpa?

Nereus soltou um dos silvos que me soavam a gargalhadas, antes de objetar:

— Não abuses da sorte, filha da Montanha Sagrada! Agora, dá-me o búzio.

O meu coração apertou-se ao vê-lo esmagar a concha entre os dedos... Porém, talvez fosse melhor assim! Nereus espalhou os despojos sobre a areia e surpreendeu-me ao aditar:

— Não vos trouxe até esta ilha por acaso. Segui para poente e encontrareis ajuda no coração da floresta... Espero que a minha «atenção» agrade ao príncipe Lysander, para que o incómodo que lhe causei não se torne, no futuro, motivo de desentendimento entre os nossos povos.

E desapareceu nas sombras da noite, rumo à imensidão do mar.

Nunca confiar no Povo da Água... Dois dias para Lysander se refazer... E se Nereus me tivesse mentido? Que desvario me acometera para confiar na probidade da sua palavra?

Os efeitos da singular cura não se fizeram esperar, ainda mais arrasadores do que o flagelo causado pela peçonha. Lysander perdeu o controlo sobre o corpo e as suas convulsões e os seus vômitos levaram-me ao cume do desespero. O Sol já ia alto quando se pacificou. Aos poucos, a sua respiração tornou-se regular, o coração recuperou o ritmo e o suor secou-lhe na fronte. Porém, ao contrário do que acontecera após ingerir a primeira alga, não recobrou a consciência.

Nesse dia, não desviei a atenção do meu mestre, atendendo às suas necessidades, livrando-o da sujidade e molhando-lhe os lábios com água fresca. A minha esperança renasceu quando a energia curativa que lhe cedia começou a surtir efeito. Não era fácil ver um guerreiro tão poderoso transformado num destroço, mais vulnerável do que um recém-nascido. Contudo, o amor dava-me forças para não esmorecer.

A segunda noite trouxe vento, trovoadas e chuva. No exterior do abrigo, o mundo oscilava à beira do colapso. O aguaceiro escavava regos na terra e as árvores rangiam de aflição ao serem sacudidas com veemência. Porém, a cabana deu provas da sua robustez. Deitei-me junto de Lysander, preocupada em mantê-lo quente. Estava tão cansada que o sono me suplantou. Não sei quanto tempo passou... A escuridão ainda nos cobria quando a voz do príncipe da Gente Bela me acariciou os ouvidos:

— Kelda... Minha menina-feiticeira...

Senti-o despertar para a vida e envolver-me num abraço intenso. Quis expressar o quanto estava feliz por vê-lo consciente, mas a exaustão foi mais forte. Deixei-me embalar no seu carinho... Talvez estivesse a sonhar! Contudo, se estava, o sonho era maravilhoso.

CAPÍTULO 24

O Sol brilhava quando despertei, como se a tempestade que fustigara a ilha durante a noite não tivesse passado de um pesadelo. Enchi o peito de ar e espreguicei-me, revigorada e satisfeita. Então, o meu estômago contraiu-se... Estava sozinha!

Pus-me de pé com um salto, a tremer e com o coração a galope, enquanto bradava:

— Lysander! Lysander, onde estás?

Corri aos tropeções para fora do abrigo. Talvez ele tivesse descido as dunas para se banhar no mar... Não! A praia estava deserta. Ter-se-ia embrenhado na floresta? Mas porquê, se havia água e comida na cabana? E porque não me acordara? Porque me deixara sem uma explicação? E se tivesse resolvido explorar os arredores e acabasse nas presas de uma fera? Afinal, eu não sabia que perigos esta ilha ocultava!

— Lysander... — chamei, angustiada, decidindo entrar no bosque.

Corri em círculos durante bastante tempo. O solo estava enlameado, mas o príncipe sabia disfarçar os seus passos, se assim o desejasse... No entanto, era ridículo pensar que se estava a esconder! Com mil ratazanas espavoridas, como pudera desaparecer sem deixar rasto?

Estava tão apoquentada que descuidei a cautela... E, quando dei por mim, tinha uma lança encostada à garganta.

— Quem és tu? — fremia um rapazote alto e magro, com um olhar intimidador, o corpo tenso e a respiração alterada... Perante o meu silêncio, coagiu-me com a ponta de metal e insistiu: — Se tens apego à vida, responde!

Eu bem queria... Contudo, estava demasiado assombrada para emitir um som. Será que caíra e batera com a cabeça? O jovem à minha frente não tinha mais de quinze anos e os seus trajes resumiam-se a panos entrelaçados em volta dos quadris. Falava a língua do Norte... E assemelhava-se de tal forma com o meu tio

Ivarr que dir-se-ia ser seu filho! Como era possível que um garoto nativo de uma ilha perdida nos mares do Sul possuísse os mesmos cabelos negros e brilhantes, os olhos verdes cristalinos, o nariz, o queixo e até o porte altivo do rei do povo viquingue? Só a cor da pele o distinguia, mais escura e dourada pelo sol...

— O que foi, mulher? — rosnou. E o bico aguçado da lança feriu-me a pele. — Não me entendes? Fala ou juro que...

Calou-se abruptamente, como se lhe tivessem arrancado a língua. Aturdida, vi-o empalecer. Então, sofri novo sobressalto ao escutar uma voz familiar:

— Baixa a arma, fedelho... Isso! Devagar!

Lysander surgiu de trás dos arbustos, empunhando uma haste de madeira suficientemente afiada para rivalizar com a lança... E a arma improvisada pressionava a nuca do rapaz num ângulo letal. Este rangia os dentes, arfava e obedecia, contrafeito. Todavia, se a louca suspeita que me assaltava se verificasse, decerto ousaria uma reação temerária para tentar recuperar o controlo da situação. O sangue que corria no seu corpo era demasiado quente para se sujeitar mansamente às ordens de um inimigo. E o príncipe não lhe divisava o rosto, por isso ignorava o prodígio que enfrentávamos. Prevendo uma desgraça, obriguei-me a interferir:

— Liberta-o, Lysander.

— Nem pensar! — ripostou com firmeza. — Ele estava a ameaçar-te...

— Por favor! — insisti com acérrima convicção. E fixei o jovem, enunciando: — O meu nome é Kelda e sou filha dos Guardiões das Lágrimas do Sol e da Lua. O meu amigo chama-se Lysander e é um príncipe do Povo da Terra. O barco onde viajávamos naufragou numa tempestade...

— Perdeste o juízo? — indignou-se o meu mestre. E, em simultâneo, o nativo acusou:

— Não me enganas com as tuas mentiras, mulher! Sei bem o que desejas! Fingis estar perdidos para ganhades a minha confiança...

Porém, atrás de vós muitos mais virão, desejosos de conquistar a minha terra e escravizar a minha gente.

— Só falta dizeres que és o rei da ilha — desdenhou Lysander.

— E serei, um dia — retrucou o outro com sobrançeria, não obstante continuar com o espigão encostado à nuca. — O meu pai, o rei Steinarr da Ilha dos Carvalhos, há de arrancar-vos a pele...

— O quê? — atalhou Lysander, engasgando-se com o próprio ar. — O que foi que disseste?

— Tu ouviste-o — intrometi-me, rouca de emoção. — Mas tens de vê-lo para acreditares.

O jovem franziu o sobrolho, perdido nas minhas afirmações. Estupefacto, o meu mestre baixou a vara e recuou. De imediato, o nativo arrostou-o, assumindo uma posição defensiva. Porém, estacou ao encará-lo... Cambaleou de susto e deitou a mão ao punhal que carregava à cintura, sem, contudo, o desembainhar. A sua voz tremia, ao titubear:

— Não é possível... Isto é um truque? Feitiçaria?

— Tem calma — supliquei. — Há uma explicação...

— Que explicação? — gemeu o rapaz, mal se sustentando nas pernas. — Quem sois vós?

Lysander fitava-me com os olhos arregalados, fulminado pelo choque. E eu tive de engolir em seco antes de ripostar:

— Sei que é incrível... Mas acho que sois irmãos!

«Espero que a minha "atenção" agrade ao príncipe Lysander...»

A estranha declaração de Nereus estava justificada! Diante do príncipe da Gente Bela e do jovem nativo, era fácil acreditar que a imensidão do mundo cabia na palma da minha mão.

A história deste rapaz contava-se em poucas palavras: chamava-se Askr, tinha treze anos e nascera nesta ilha, filho de uma princesa da terra e de um rei de um reino distante. Já a história desse soberano inspirava infindas cantorias de bardos... E, pelo que eu podia constatar, não tivera um fim trágico como muitas vezes pressagiavam! O caprichoso destino guiara o rei Steinarr do povo

viquingue até estas paragens e oferecera-lhe uma nova vida, diferentes desafios e responsabilidades... uma nova família! Esta era, efetivamente, uma revelação extraordinária!

Askr ficara abalado ao enfrentar o testemunho do passado do pai. No entanto, a inocência da juventude rapidamente o fizera esquecer que nos considerava uma ameaça. O apelo do sangue era tão forte que já sorria extasiado por conhecer um irmão vindo do Norte do mundo. Em contrapartida, Lysander continuava pregado ao chão, ciente do quanto a sua vida ia mudar. Não só descobrira um irmão, como estava prestes a encontrar o pai que nunca vira. Estremeceu quando Askr nos convidou a segui-lo até à aldeia. Tentei assegurá-lo, murmurando para que o jovem não nos escutasse:

— Vai correr tudo bem...

— Não sejas complacente, Kelda! — ripostou, denunciando a tensão que o estracinhava. — Steinarr irá saudar-te quando identificar em ti os traços de Catelyn e das tuas tias... Mas o que fará ao deparar comigo? Esqueces que nem sequer sabe que eu existo?

— Estou certa de que entenderá... Há de abrir os braços e regozijar por te conhecer.

Então, os seus dedos entrelaçaram-se nos meus. Quase desfaleci de emoção quando rogou:

— Ficarás ao meu lado?

Queria responder: «para sempre»... Porém, o acordo firmado com os Guardiões das Almas Atormentadas impossibilitava o cumprimento de tal promessa. Limitei-me a apertar-lhe a mão e a sorrir. Após tudo o que já sofrêramos, partilhar este momento com Lysander era uma bênção.

Steinarr nascera e crescera na Terra dos Carvalhos, o povoado que acabara por se tornar o coração do País dos Viquingues. Chamar a este território Ilha dos Carvalhos talvez tivesse sido a maneira que o rei ideara de se sentir em casa e jamais esquecer as suas

origens... Que outra razão podia existir, quando eu não divisava um único carvalho entre as árvores da floresta?

Dirigimo-nos para poente e prestes deparámos com sinais da presença humana. Askr tagarelava sem cessar... Agora que ganhara confiança, perdera a altivez e parecia ansioso por partilhar a sua inquietação com o irmão. Pelo que eu percebia do seu discurso atabalhoado, o pai já estava doente há algum tempo. Fiz contas de cabeça e concluí que Steinarr devia ter uma provecta idade, pois nascera antes do meu avô Throst. Por seu lado, Lysander estava tenso e apreensivo. E eu até adivinhava o que lhe ia na cabeça! Será que o destino o trouxera até aqui para assistir à morte do pai?

A aldeia de Askr assomava-se idêntica a muitos povoados que eu conhecia. As casas eram pequenas, feitas de ramos e folhas, tal como a cabana que nos abrigara. As crianças brincavam no terreiro, numa correria estridente e desregrada. Mal a nossa chegada foi notada, a confusão instalou-se. Dezenas de pessoas aproximaram-se, formando anéis que se apertavam e quase nos impediam de andar. A maior parte eram nativos do território: homens e mulheres de pele dourada, olhos rasgados, cabelos negros e corpos magros. Porém, em alguns jovens, a mistura com o sangue dos guerreiros do Norte sobressaía. A curiosidade transparecia em cada rosto e as perguntas sucediam-se.

— Encontrei-os a deambular pela floresta... — explicava Askr, entusiasmado.

Um grupo de homens mais velhos deteve-nos. Apesar de trajarem como os demais, com panos leves em torno da cintura, distinguiam-se pela sua altura e robustez e pela cor rosada da pele. Além disso, mantinham os cabelos entrançados e as barbas compridas como era costume na sua pátria. Não havia dúvidas de que estávamos perante os valorosos guerreiros que tinham acompanhado o rei Steinarr na sua empresa.

— Por onde andaste, Askr? — indagou com severidade um dos colossos. — Desde cedo que te procuro... — Estacou ao encarar-me e atrapalhou-se nas palavras, de tão atónito: — Rainha Thora?

— Não pode ser! — objetou um dos companheiros. — Passaram-se vinte anos!

— A rainha Thora é minha tia — justifiquei. — Sou filha da princesa Edwina...

Fui interrompida por um coro de perplexidade. E as considerações não demoraram: eu não era nada parecida com a minha mãe; era a imagem viva da avó Catelyn... O costume! De seguida, as atenções fixaram-se em Lysander.

— E quem és tu, guerreiro?

O meu mestre baixara o rosto mal entrara na aldeia. Desta feita, não era só o facto de ter o crânio rapado que o incomodava. A sua herança não passaria despercebida a ninguém... Muito menos a estes homens! Ciente de que era inútil adiar o inevitável, ergueu corajosamente a cabeça e declarou:

— Sou o príncipe Lysander, filho da rainha Lyria do Povo da Terra.

Aguardei por interjeições assombradas, seguidas de catadupas de perguntas embaraçosas. Porém, foi como se os guerreiros tivessem engolido a língua. Os seus olhos esbugalharam-se, os queixos penderam, as gargantas emitiram sons gorgolejantes... Mas nem uma palavra!

— Vejo que já percebestes que Lysander é meu irmão — enunciou Askr, impaciente. — Agora, deixai-nos passar! Queremos falar com o meu pai...

— Espera — atalhou o guerreiro que primeiro o interpelara. — Eu tentei avisar-te! A condição do rei agravou-se... — Ponderou um pouco antes de terminar: — Não me parece que este seja o melhor momento para lhe impor tamanha comoção.

— O quê? — afligiu-se o jovem, tremendo da cabeça aos pés. — O meu pai piorou?

E desatou a correr para uma das casas. Lysander e eu hesitámos, sem saber o que fazer. Então, o guerreiro prendeu-nos a atenção, inclinando a cabeça em reverência:

— O meu nome é Fastgeirr. Perdoem a descortesia, mas a vossa chegada foi inesperada. É raro alguém passar por esta ilha... E creio

que falo pelos meus companheiros quando digo que, desta vez, o mar surpreendeu-nos a todos! Estou admirado por vos conhecer, príncipe Lysander. Nenhum de nós sabia que a rainha Lyria... — Engasgou-se e mediu melhor as palavras: — Quero dizer, o rei Steinarr nunca nos contou que tinha outro filho...

— Agradeço a amabilidade, senhor — interrompeu o meu mestre, ao verificar que o guerreiro receava ofendê-lo. — Mas podeis falar sem rodeios! O rei Steinarr ignora que sou seu filho. A minha mãe pretendia contar-lhe aquando do vosso regresso ao País dos Viquingues... Mas vós nunca regressastes! Julgávamo-los mortos!

Fastgeirr passou a mão calejada pela testa, antes de volver:

— A nossa viagem foi longa e atribulada. Acabámos por nos instalar aqui e aqui avelámos. Entretanto, alguns de nós já foram chamados à presença do grande Odin... E lamento ser eu o portador de tão más notícias, mas deveis saber que a vida do vosso pai se sustém por um fio.

— O rei Steinarr está assim tão doente? — intrometi-me, angustiada.

— Não acredito que aguente mais uma noite — anunciou o guerreiro, com a voz cava de dor. Depois desabafou o que, decerto, ia na cabeça de todos: — Quão cruel pode ser o destino, ao decidir unir um filho ao seu pai quando este está prestes a partir?

Lysander encheu o peito e contraditou com firmeza:

— Cresci a pensar que o meu pai estava morto... Ficarei feliz se a sorte me conceder um dia que seja ao seu lado! Por favor, nobre Fastgeirr, leva-nos à sua presença.

O guerreiro respirou fundo e condescendeu.

A casa do rei Steinarr era um pouco maior do que as restantes, mas igualmente simples. Cortinas de palha separavam os quartos do espaço onde se cozinhava e convivia. As armas e o escudo do rei estavam pendurados numa parede, como se, com o passar do tempo, se tivessem tornado objetos de decoração. Nada mais vi forjado em metal. As escassas peças de mobília tinham sido talhadas

em madeira ou habilmente entrançadas com cordas. Os utensílios e os enfeites eram de vime, osso e barro. Contudo, o que mais sobressaía eram os ornamentos compostos com vistosas penas, como se estivéssemos dentro de um ninho.

A luz jorrava através das portas e das janelas, convergindo para o centro do salão. Nesse preciso local, cinco anciãs nativas sentavam-se no chão, em redor de um círculo desenhado com terra. A magia era uma linguagem quase universal, por isso não tive dificuldade em reconhecer alguns símbolos destinados a atrair energias positivas que fortaleciam os enfermos. As mulheres guinchavam e carpiam, agitando os corpos como folhas ao vento, mergulhadas no êxtase da evocação. Achei que nem dariam por nós... Porém, quando passámos, estacaram bruscamente e, sem exceção, os seus olhos fixaram-se em Lysander. Então, os gritos transformaram-se em murmúrios que me arrepiaram. No entanto, o meu mestre não reagiu, como se o seu espírito já estivesse no quarto para onde Fastgeirr nos conduzia.

Algumas mulheres mais jovens quedavam-se à entrada, a prantear baixinho. Questionei-me se a mãe de Askr, a nova esposa de Steinarr, estaria entre elas. Contudo, não havia tempo para indagações. O guerreiro viquingue afastou a cortina de palha para nos ceder passagem, com uma expressão solene no rosto marcado pela vida.

Mesmo ciente do que ia encontrar, senti um nó formar-se na garganta ao deparar com o homem alto e ressequido, deitado sobre um leito de folhas, flores e plumas. Apesar da magreza extrema que a doença lhe impusera, era óbvio que outrora fora possante como um touro... Ou melhor, como um urso! Guerreiro-urso, assim fora conhecido Steinarr da Terra dos Carvalhos, antes de se tornar soberano do povo viquingue.

O corpo decrépito do rei estava coberto até à cintura com uma manta rubra, bordada a ouro com os símbolos da sua linhagem: o Carvalho da sabedoria e o Falcão do poder. Os cabelos longos e alvos espalhavam-se pela almofada, brilhantes como seda. O suplício

deformara-lhe o rosto, mas, ainda assim, não deixava de ser um homem belo. Os seus traços eram marcantes, inconfundíveis, reveladores da força da sua semente; uma herança transmitida com exatidão aos seus descendentes. A densa barba branca ainda conservava fios negros... Porém, começava a ficar tingida de vermelho. Os vestígios do vômito de sangue eram quase impossíveis de apagar.

Duas anciãs carregadas de amuletos debruçavam-se sobre o leito. Tinham um aspeto assustador, como se a idade da Terra estivesse gravada na sua pele e enraizada até aos ossos. No entanto, moviam-se com prodigiosa agilidade! Oravam na língua nativa e ungiam o enfermo com óleos perfumados... Todavia, parecia não haver dúvidas de que nenhuma reza entoada neste mundo salvaria Steinarr! A sua consciência já se dissipara e os penosos sopros de ar que tomava mais não eram do que uma leve brisa, prestes a fenecer. Fastgeirr tinha razão... O valoroso rei não resistiria até ao nascer do Sol. Eu nem imaginava o que Lysander estava a sentir, finalmente diante do pai, sem poder olhar nos seus olhos ou receber a sua bênção.

Um vikingue quedava-se à cabeceira do rei. Entoava, num tom sofrido, uma cantiga que eu já ouvira muitas vezes, tanto festejada em banquetes como chorada nos campos de batalha. Era a ovação com que os guerreiros do Norte se despediam dos companheiros que partiam rumo a Valhalla, o seu paraíso, para desfrutarem da fartura e dos prazeres da mesa do grande Odin. E o deus da guerra haveria de receber de braços abertos este seu servo, pois a vida de Steinarr, guerreiro-urso e rei dos Viquingues, fora sublime, pejada de honra e glória.

Tal como acontecera no salão, as anciãs calaram-se e fixaram o olhar esgazeado em Lysander. O mesmo sucedeu com o guerreiro, cujos dentes começaram a tinir de assombro. Prostrado junto ao leito, Askr soluçava, arrasado por uma agonia que suplantava a razão. Não voltaria a sentir o abraço forte do pai, nem a escutar as

suas palavras de encorajamento... Então, ao ver Lysander, lançou-se intempestivamente para os seus braços e gemeu:

— Primeiro foi ela que me deixou... Agora ele! Vou ficar sozinho no mundo!

Sustive o fôlego, incapaz de prever a reação de Lysander. As demonstrações de afeto costumavam incomodá-lo... E, apesar de tudo, Askr era um estranho! A sua expressão denunciou que ficara desconcertado. Fastgeirr interveio e replicou:

— Peço-vos perdão. O nosso príncipe está perturbado, como é natural! A rainha faleceu cedo e ele e o rei são muito unidos... — A voz poderosa embargava-se de comoção, enquanto tentava que o jovem soltasse Lysander. — Acalma-te, Askr! Estás a ser inconveniente...

— Não há vergonha na dor de um filho prestes a perder o pai! — objetou Lysander quase com rispidez, levando Fastgeirr a recuar. Depois, apertou o rosto do mais novo entre as mãos e declarou: — Ouve-me com atenção, Askr. O meu povo é detentor de uma magia poderosa, bastante eficaz contra as maleitas humanas. Juro que tudo farei para salvar o rei Steinarr... Porém, aconteça o que acontecer, não ficarás sozinho! Tens um irmão que olhará por ti.

Os soluços do jovem findaram e a sua respiração serenou-se. Abismada, ouvi-o volver:

— Eu confio em ti! Foi para salvar o nosso pai que os deuses te trouxeram até aqui.

Este era um dia de prodígios! Askr mal conhecia Lysander e já parecia disposto a confiar-lhe a vida. Ao senti-lo mais tranquilo, o meu mestre disse para os guerreiros:

— Estou certo de que vos recordais da magia do Povo da Terra... Gostava de evocá-la para tentar curar o rei.

Fastgeirr ficara profundamente agradado por ver Lysander acarinhar Askr. Após trocar um olhar com o companheiro, assentiu:

— Conhecemos bem a excelência da vossa magia, príncipe! Não é a primeira vez que o rei Steinarr beneficia da graça da Gente Bela. Há muitos anos, eu próprio testemunhei como a rainha Lyria o

libertou da escuridão do submundo. Além disso, atendendo à sua debilidade, não temos nada a perder. Ficar-vos-emos eternamente gratos se o conseguirdes salvar.

Lysander confirmou com a cabeça e determinou:

— Deixai-me com a princesa Kelda.

Fastgeirr amparou Askr e exprimiu-se na língua nativa. Foi quanto bastou para que as anciãs saíssem do quarto. Mal ficámos sós, Lysander dirigiu-se ao leito e as suas mãos adejaram sobre o rosto e o peito do rei viquingue, sem lhe tocar. O meu coração acelerou ao ver a sua pele começar a rutilar sob o ardor da magia. Por fim, inspirou fundo e anunciou:

— O mal está enraizado nos pulmões. Os danos são profundos... Não vai ser fácil!

— Tens a certeza de que deves fazer isto? — rebati, estrangulada.

Ele fixou-me com o sobrolho franzido, sem ocultar o quanto a minha questão o surpreendera.

— Queres que cruze os braços e deixe o rei Steinarr morrer? Isso nem parece teu, Kelda!

Engoli em seco ante a sua indignação, mas objetei com firmeza:

— Só estou preocupada contigo. Não tenho de te enumerar os riscos que esse sortilégio acarreta! Se não fores capaz de debelar as forças que consomem o teu pai, ao fundires as vossas essências serás subjugado e partilharás da sua desdita. Passaste por mil e uma tribulações e mal recuperaste do envenenamento...

— Eu sei — atalhou, destruindo a distância que nos separava. Pousou as mãos sobre os meus ombros e prendeu-me o olhar, antes de continuar: — Por isso conto com a tua ajuda. Por favor, Kelda! Isto é importante para mim! Quero conhecer o rei... O meu pai! Não aceito que o destino nos tenha reunido em circunstâncias tão excepcionais, só para que eu veja o seu corpo a arder numa pira! Steinarr é o elo que me liga à raça humana...

A voz falhou-lhe, mas os olhos declararam aquilo que os lábios hesitavam em proferir:

«*O elo que me liga a ti!*»

Deslizei para os seus braços, com o fôlego preso. Ele estreitou-me e sussurrou roucamente:

— Não permitirei que nenhum mal te aconteça. Se fraquejar, liberto-te de imediato.

— Não — contestei, resoluta, afastando-me para encará-lo. — Se começarmos, iremos juntos até ao fim! Não te concentrarás devidamente se estiveres preocupado comigo.

Lysander ficou-se a observar-me, com a respiração alterada. Estremeci, desejando ardentemente o seu beijo. E ele beijou-me... na testa! Depois voltou a abraçar-me, asseverando:

— Eu sinto-me bem e sei que a tua magia está muito mais robusta. Vamos conseguir, Kelda!

Lysander fundiu os nossos poderes e, como combinado, envolvemos a essência do rei e começámos a sará-lo. Foi uma tarefa morosa e penosa. No entanto, acabámos por triunfar, graças à sua perseverança e ao meu domínio cada vez mais perfeito da magia de Aranwen. Chegando o momento de recuar, eu estava exausta, mas feliz; com a certeza de que muito em breve celebraríamos a nossa prodigiosa vitória na companhia de Steinarr.

Aguardei que o príncipe quebrasse a nossa união mística... E assim fez. Porém, não me seguiu no regresso à realidade do Homem. Afligi-me ao senti-lo escorregar para longe de mim... Tentei reatar o nosso elo, mas ele ordenou:

«*Vai. Eu ficarei bem.*»

«*Lysander, não! Lysander...*»

A minha voz ecoou no vazio, enquanto as nossas consciências se apartavam. Acordei com os olhos inundados de lágrimas, a pele alagada em suor e a enjoar de fraqueza. Isto não devia ter terminado assim... Lysander perdera o siso! Tamanha temeridade podia matá-lo! O que teria em mente? E porque me excluía dos seus planos?

Dois dias passaram. Lysander e Steinarr continuavam inanimados e os viquingues estavam apreensivos. Askr angustiava-se, com medo

de perder o pai e o irmão. Todavia, ninguém negava que a recuperação física do rei era impressionante. Os vômitos de sangue tinham cessado, a tosse desaparecera e a sua respiração assumira um ritmo compassado, fortalecido a cada fôlego. As faces ganhavam cor e os músculos firmeza, à medida que o seu sangue se vigorava. Por outro lado, Lysander parecia dormir... Apenas dormir... Fui obrigada a montar guarda no quarto, para evitar que alguém ignorasse as minhas recomendações e tentasse acordá-los. Bastaria uma simples perturbação no ténue equilíbrio místico que sustentava os dois homens para que eles não tornassem a abrir os olhos.

Mais dois dias se seguiram. A impaciência dos nativos aumentou. A questão que lhes ensombrava as mentes era pertinente: se o rei estava curado, porque não despertava? Além disso, exigiam saber o que estava uma estranha a fazer junto ao seu leito. Felizmente, os guerreiros de Steinarr confiavam em mim e tentaram apaziguar os ânimos. No entanto, também me pediam respostas... E eu não tinha nenhuma para dar.

A filha de Fastgeirr veio visitar-me e oferecer-me a sua amizade. Era uma jovem lindíssima, que se destacava das demais pelos longos cabelos louros e olhos azuis, como se a herança nativa da mãe tivesse sido sufocada pela semente do pai. Askr venerava-a... Aliás, os dois estavam ligados por uma circunstância engraçada que o príncipe fez questão de me explicar:

— Conheces a história de Askr e Embla?

Eu sorri pois, assim que escutara o nome da jovem, a lenda viquingue fora a primeira coisa que me acudira à mente. Confirmara com a cabeça e respondera:

— Enquanto passeavam pela Terra, os deuses encontraram duas árvores com formas muito curiosas. Odin ficou tão impressionado, que decidiu dar-lhes vida. Assim nasceu o primeiro homem e a primeira mulher, que receberam os nomes das árvores a partir das quais foram criados: Askr e Embla.

O príncipe aquiescera, declarando:

— Nós fomos as primeiras crianças a nascer na ilha, fruto de uma mistura de sangue. Os nossos pais acharam que, ao atribuir-nos esses nomes, estariam a honrar Odin. Em breve, Embla será minha mulher... Estamos prometidos desde o berço!

Nessa tarde, Embla sentou-se ao meu lado, à cabeceira dos enfermos, e fez-me mil perguntas sobre o Norte do mundo e o povo viquingue. Nada vi de errado no facto de ela querer saber mais acerca das suas raízes. Pelo contrário, até me diverti a esclarecê-la, pois revia-me na sua curiosidade insaciável. Então, o seu interesse fixou-se em Lysander:

— É verdade que as estrelas moram dentro dos olhos do príncipe?

Contei-lhe que tal se devia à magia e falei-lhe do Povo da Terra. Estava tão agradada com a sua companhia que fiquei abismada ao vê-la levantar-se. E ainda mais atónita quando se debruçou sobre Lysander, pois acabara de clarificar quão perigoso seria acordá-lo.

— É tão lindo! E tão forte... Quase um deus! Adorava casar-me com um homem assim!

Franzi o sobrolho com estranheza. Será que Askr me mentira? Suspirei de alívio ao vê-la recuar, porque não me apetecia ralhar-lhe. E decidi lançar a questão:

— O príncipe Askr também é bonito...

— Sim — replicara Embla, com uma careta desgostosa. — Nós até estamos prometidos! Afinal, eu não podia recusá-lo... Ele vai ser rei! Mas é tão desajeitado, tão tolo... uma criança!

Fiquei estupefacta. Não conhecia Askr muito bem, mas não o via como um rapazote inábil. Talvez ficasse um pouco intimidado ao pé de Embla, por gostar dela... No fim, até eram da mesma idade! Contudo, as surpresas mal tinham começado:

— E tu, Kelda? Pareces gostar de Lysander, mas não ostentas sinais de um compromisso!

Corei estupidamente enquanto titubeava:

— Não! Quero dizer... Nós somos apenas companheiros de armas.

— Não precisas de ficar envergonhada! — volveu com um sorriso largo. — Já percebi tudo! Estás apaixonada, mas ele não te quer...

Não fiques triste! Essas coisas acontecem! Porém, aconselho-te a esquecer-lo rapidamente. Tens mais de vinte anos... Estás a ficar velha para arranjar um marido decente! E, não tarda, estarás seca e não conseguirás ter filhos!

A insolência da jovem deixou-me pregada ao banco e incapaz de emitir um som. Senhora do seu nariz ainda rematou:

— Tomara que Lysander acorde para eu tentar a minha sorte... Afinal, está para nascer o homem capaz de me resistir!

Lançou uma chuva de cabelos de ouro sobre o meu rosto e saiu do quarto.

Não admitiria que uma fedelha que mal largara os cueiros me irritasse! No fim, só lamentava por Askr. O príncipe era um excelente rapaz... Porém, encontrava-se prisioneiro de uma péssima escolha! Embla podia ter nascido nesta ilha e nada conhecer do mundo, mas estava carregada de manhas. Jamais lhe daria o apreço que ele merecia.

Não obstante essa resolução, os meus dentes ainda rangiam de fúria ao cair da noite. Acomodei-me para dormir no chão, com a cabeça sobre o leito e encostada ao braço de Lysander. O sono já me vencia quando Fastgeirr espreitou pela cortina, apelando num murmúrio:

— Princesa Kelda, porque teimas em ficar aqui, tão desconfortável? Ide deitar-vos que eu velarei pelo meu senhor e pelo príncipe.

Agradei, mas declinei. Queria estar presente quando Lysander recobrasse. Comovida, vi o guerreiro ajoelhar-se junto ao rei. A sua voz soou embargada ao confessar:

— Tenho esperanças, mas também muito medo... Se nem vós conseguis explicar o que está a acontecer! Porque será que o meu rei não desperta? Parece sarado! Até... rejuvenescido!

Mais uma vez, eu não tinha resposta. Suspirei, exausta. E a minha consciência principiou a desvanecer-se, ondulando para o mundo dos sonhos ao sabor do eco das palavras de Fastgeirr: «*Sarado... Rejuvenescido...*»

Abri os olhos, alvoroçada, e pus-me de pé com tal ímpeto que o guerreiro se assustou. Fiz-lhe sinal para que ficasse quieto e rodeei o leito para observar Steinarr. A pele do rei perdera a flacidez... Ia mesmo jurar que as suas rugas se atenuavam! E, se alguma dúvida persistisse, bastaria olhar para a barba, carregada de pelos pretos. Com os dedos a tremer, toquei levemente na cabeleira alva espalhada pela almofada. E a confirmação da minha suspeita estava nas raízes, negras como a mais profunda das noites. Fixei Fastgeirr, com os olhos arregalados de pasmo e a respiração a sair-me aos borbotões, enquanto sussurrava:

— Lysander não se limitou a curar o pai... Está a dar-lhe anos de vida!

Os dias seguintes foram assombrosos. Debaixo dos nossos olhos, Steinarr libertava-se do peso da idade sob a influência da magia de Lysander. O fenómeno adquiria rapidez e tornava-se cada vez mais perceptível. Askr até já se divertia a medir o crescimento dos cabelos escuros do rei. A certa altura indagou, preocupado:

— Se Lysander está a oferecer a sua vida ao nosso pai, não deveria envelhecer?

Apertei-lhe a mão para tranquilizá-lo, sorrindo carinhosamente enquanto justificava:

— O povo de Lysander possui uma longevidade muito superior à do Homem. Imagina que podes viver quinhentos anos ou mais... Mesmo que prescindas de vinte ou trinta desses anos, a idade não irá deixar marcas no teu rosto.

Fastgeirr ouviu a fundamentação e exclamou:

— Seja como for, é um sacrifício extraordinariamente nobre!

Anuí com a cabeça e enunciei:

— Sim. Mas eu compreendo-o! Até agora, Lysander viveu plenamente como um ser do Povo da Terra. Contudo, encontrar o pai confrontou-o com a sua herança humana... E fê-lo questionar se vale a pena perdurar muito para além daqueles que conhece e ama, sofrendo a dor de vê-los perecer ao longo do caminho.

Enfim acedi a descuidar a vigília. Agora que toda a aldeia estava ciente da generosidade de Lysander, já não me inquietava o receio de que algum espírito mais exaltado decidisse atacá-lo. Ainda assim, insisti para que ficasse sempre alguém à sua cabeceira. Os guerreiros viquingues ofereceram-se de imediato e o próprio Askr quis participar... E foi durante o turno de Askr que tudo aconteceu.

Nessa manhã, saí da cama com um aperto no peito e cambaleei ensonada até ao salão. Qual não foi o meu espanto quando vi o príncipe a comer junto das mulheres, como se nenhuma responsabilidade pesasse sobre os seus ombros.

— Askr... — apelei indignada. — Deixaste-os sozinhos?

— Não te preocupes, Kelda! — ripostou com um sorriso. — Embla está com eles...

Voei até ao quarto. E mal pude acreditar nos meus olhos! A jovem dispusera uma dezena de amuletos sobre o tronco do príncipe da Gente Bela e inclinava-se para beijá-lo nos lábios, enquanto entoava uma reza. Sem considerações, agarrei-a pelos cabelos e arranquei-a de cima de Lysander. Os seus guinchos de raiva ecoaram pela casa, despertando todas as consciências. Demasiado furiosa para me preocupar com o que Fastgeirr diria, empurrei-a contra a parede e apertei-lhe o pescoço, rugindo:

— O que julgas que estás a fazer, sua estulta?

Ao encarar-me, os seus berros transformaram-se em gargalhadas:

— Tarde de mais, Kelda! Lancei um feitiço de amor a Lysander... Ele vai ser meu!

Ouvi o brado horrorizado de Askr nas minhas costas, seguido do trovejar de Fastgeirr:

— O que é que se passa aqui?

— Então, Embla? — rosnei sem soltá-la. — Explica ao teu pai o que fizeste!

Nesse instante, um gemido ecoou no leito, atraindo as atenções. Lysander sentava-se com uma expressão dorida e levava a mão à cabeça, como se tivesse recebido uma bordoadada. Ao seu lado,

Steinarr também se mexia... Aproveitando a confusão, Embla libertou-se com um safanão e precipitou-se para fora do quarto.

CAPÍTULO 25

A Ilha dos Carvalhos estava em festa. O rei Steinarr não só sobrevivera a uma morte certa, como recuperara o vigor da juventude. Os tambores rufavam sem parar e as pessoas cantavam e dançavam no terreiro. Os duros guerreiros viquingues tinham chorado como crianças ao verem o seu soberano e amigo erguer-se do leito. E eu também me emocionara no momento em que Askr correria para o pai e se afundara nos seus braços. O jovem até corara de prazer quando o irmão o apontara como o responsável pela salvação do rei. Afinal, fora ele quem nos guiara até à aldeia, a tempo de lhe valer. Todavia, realmente prodigioso era constatar o entendimento que transparecia nos olhos de Steinarr e de Lysander, como se o elo consolidado pelas suas essências dispensasse quaisquer palavras.

O guerreiro-urso extasiara-se ao descobrir que Lysander era fruto do seu amor pela rainha Lyria... E deliciava-se comigo, pelo muito que eu lhe recordava a avó Catelyn. Conhecê-lo estava a ser uma experiência maravilhosa. As histórias que tínhamos para partilhar pareciam não ter fim. No aconchego do seu salão, dei por mim a suster a respiração enquanto escutava a descrição das memoráveis aventuras que vivera, desde o dia em que deixara o ancoradouro da Terra dos Carvalhos até à noite em que uma tormenta desviara os seus navios da rota e os empurrara contra as rochas que cercavam esta ilha... De início, o contacto com os nativos fora difícil, pois a visão dos gigantes do Norte aterrorizara-os. Contudo, após verificarem que os guerreiros não vinham por mal, tinham-lhes entregado a sua confiança.

— Começámos a reparar os barcos para prosseguir viagem e todos se mobilizaram para nos ajudar — relatou Steinarr, com um sorriso nos lábios. — Porém, não tardei a aperceber-me de que a maioria dos homens se sentia feliz aqui. A terra era fértil, as mulheres bonitas e dóceis... Além disso, os meus guerreiros já

tinham muitas conquistas para recordar. Reuni-os à minha volta e decidimos que era tempo de assentar. É óbvio que nunca esqueci o que deixei para trás! Atormentavam-me as saudades de Ivarr, a vontade de conhecer o meu neto... Porém, a ternura de uma mulher foi-me amolecendo o coração. E Askr acabou por nascer!

Fez uma pausa para acariciar os cabelos negros do filho que adormecera deitado no banco, com a cabeça sobre o seu colo. E a comoção acabou por enrouquecê-lo ao continuar:

— Askr ainda era bebé quando ventos ferozes carregaram uma nuvem de areia através do mar e a lançaram sobre a ilha. Algo funesto conspurcava aquele pó! Pouco tempo passado, febres fulminantes começaram a prostrar homens, mulheres e crianças. Nenhum viquingue adoeceu, mas mais de metade da população nativa sucumbiu. A minha dedicada esposa também não resistiu... — Engoliu em seco, antes de prosseguir: — Após a catástrofe, o povo decidiu que devia ser eu a assumir a soberania da ilha. Por mais que me apetecesse regressar ao País dos Viquingues, como podia virar as costas a esta terra e à sua gente, que tantas alegrias me tinham oferecido? Fiquei... E desfrutei da felicidade de ver a aldeia a recompor-se e a prosperar, as famílias a refazerem-se e Askr a crescer, livre dos sobressaltos impostos pela guerra.

No entanto, fora uma circunstância da guerra que nos trouxera a este solo. Steinarr escutou, circunspecto, tudo o que Lysander tinha para contar. Como sempre, o meu mestre foi sucinto e preciso; tão frio nas declarações que não desperdiçou uma palavra a manifestar uma emoção. Eu era incapaz de me exprimir assim! Quando chegou a minha vez de relatar os acontecimentos, falei com o coração. E, apesar de nenhum de nós ter mencionado o dilema que tanto nos unia como nos separava, o rei não era tolo! Ao ver-me terminar, lutando contra as lágrimas, afagou-me as mãos entre as suas e ripostou:

— Não te atormentes, Kelda. Eu acredito que o que fizeste foi por amor... E com amor! Logo, nada tens de que te envergonhar. — Os seus olhos cravaram-se no filho ao concluir: — Por vezes, temos de

atravessar mares bravios para alcançarmos um porto seguro e próspero.

No Norte, o inverno devia estar a terminar. Porém, eu começava a ter dificuldade em interiorizar a passagem do tempo, pois a Ilha dos Carvalhos parecia apartada da realidade. Se, num instante, éramos abençoados com um sol esplêndido, no seguinte, podia deflagrar uma tempestade arrasadora, com trovoadas medonhas, ventos que quase nos arrancavam do solo e aguaceiros que massacravam a pele. Ainda assim, o frio raramente se impunha. O pior eram os mosquitos, que não nos davam descanso... E as recordações!

Afligia-me pensar no que estava a acontecer no Norte, mas, principalmente, no arquipélago da Ilha dos Sonhos. Decerto era para lá que Halvard se dirigia, com a sua terrível frota, em minha perseguição. Eu sugerira que tentássemos alcançar a consciência da minha mãe, para lhe contar que tínhamos sobrevivido, mas Lysander opusera-se. O risco era demasiado grande! O Filho do Dragão devia estar furioso por ter perdido o nosso rasto... Logo, haveria de concentrar a sua atenção em todas as manifestações místicas que dimanassem daquele que sabia ser o nosso destino. Se surpreendesse o fluxo da nossa energia, prestes descobriria a sua proveniência. Acometeria contra a Ilha dos Carvalhos e nenhuma alma escaparia... Apesar de contrafeita, acabara por lhe dar razão. No entanto, a agonia corroía-me. A guerra ia deflagrar na Ilha dos Penhascos, dura e sangrenta, sem que eu nada pudesse fazer para preservar o nosso povo.

Ciente do destino sombrio que ameaçava a Terra e das dificuldades com que Viquingues e Aliados se batiam, Steinarr ordenou que todos os homens aptos a trabalhar se dedicassem ao restauro de um dos *drakkars* ancorados na enseada, a oeste da aldeia. Ele próprio pôs a sua renovada vitalidade ao dispor da causa e logo a praia se transformou num estaleiro. Askr estava radiante com o reboliço e não perdia uma oportunidade de aprender aquilo que o pai e Lysander tinham para lhe ensinar.

Enquanto as obras decorriam, os vikingues Alvin e Valdimárr dedicaram-se a instruir alguns nativos na arte de navegar. Um navio necessitava de marinheiros e a maioria dos homens do Norte já não tinha pujança para empreender uma viagem tão longa e repleta de perigos. Por seu lado, os aldeões mais afoitos ansiavam por aventura. Nem a garantia de que iríamos defrontar-nos com enormes adversidades os demovia.

As mulheres também nos ajudavam, circulando pelo estaleiro com potes de água fresca e cestos com pão e fruta. Embla estava entre elas, cobrindo Askr de mimalhices. O jovem derretia-se sem suspeitar dos desígnios da prometida. Após o incidente no quarto, Embla justificara que a sua única intenção fora devolver a consciência ao rei... E — reivindicava com orgulho — fora bem-sucedida! Como a sua leviandade não tivera consequências, os demais tinham-na esquecido. Eu era a única a quem ela não enganava, até porque fazia questão de me provocar com os seus sorrisos venéficis. A sua amabilidade era um mero pretexto para se alardear diante de Lysander.

Sempre que a noite caía, os corpos derreados pelo esforço demandavam repouso. A ideia de que urgia regressar à Ilha dos Penhascos compelia-me a trabalhar até à exaustão. E o mesmo sucedia com o meu mestre. Os dias passavam-se sem que trocássemos uma palavra que não estivesse relacionada com o *drakkar* e os planos para a viagem. Além disso, depois da discussão que tivéramos a bordo do *Estrela Rubra*, nada mais havia a debater! Destruir Halvard, cumprir a promessa que fizera aos Guardiões das Almas Atormentadas e repousar em paz era tudo o que eu almejava. Estender um dedo que fosse a Lysander só implicaria mais sofrimento e decepção. Por isso, evitava-o... E ele também não forçava uma aproximação, empenhado que estava em usufruir da companhia do pai e do irmão. Era melhor assim! Era melhor... Com mil ratazanas desprezadas, a quem é que eu queria enganar?

Os meus nervos estavam à flor da pele e a frustração dilacerava-me, ao confrontar-me com a polidez despreendida do herdeiro de

Lyria. Inevitavelmente, a tensão começou a crescer entre nós. Em casa, podia refugiar-me no quarto, mas no estaleiro era impossível evitá-lo. Sempre que tentava esquecer tudo e embrenhar-me no trabalho, Lysander surgia a espreitar por cima do meu ombro... Todavia, era incapaz de me oferecer uma palavra de incentivo! Apenas desejava certificar-se de que me esmerava no cumprimento das tarefas de que fora incumbida. E, cada vez mais, eu ressentia-me da sua indiferença... Principalmente quando obsequiava Embla com sorrisos de gratidão pelas atenções que a fedelha lhe dispensava.

Ver Embla a pairar à volta de Lysander causava-me um desconforto agreste. Não acreditava que o feitiço que a tresloucada lançara ao príncipe tivesse surtido efeito... No entanto, ela já me provara que não se dispunha a desistir! E eu temia que os seus desvarios resultassem num conflito que acabasse por destruir a amizade que unia os filhos de Steinarr.

Após o seu restabelecimento, uma das primeiras coisas que Steinarr fizera fora conduzir-nos à Lagoa das Três Cascatas. Enquanto Lysander e eu nos deslumbrávamos com a beleza pura e bravia que nos rodeava, o rei explicara-nos que o solo que pisávamos era sagrado. De facto, o lugar parecia ter sido criado para desfrute dos deuses! Não admirava que os nativos o elegessem para a celebração dos seus rituais. Porém, durante o resto do tempo, evitavam-no, pois acreditavam tratar-se de uma passagem para o mundo dos espíritos. E nem sempre os espíritos visitavam a realidade do Homem com boas intenções.

À nossa frente, os ribeiros que nasciam nas encostas montanhosas da ilha uniam-se e despenhavam-se ao longo de um penedo sinuoso, dando origem a uma cascata colossal. Na base, a água flagelava a rocha com estridor, formando um nevoeiro denso e um rio de espuma que corria por um leito largo e acidentado, rasgando a floresta até se precipitar no mar. No entanto, a inclinação do solo determinava que parte dessa água se desviasse para a

esquerda e transbordasse num nível mais baixo, formando a segunda cascata. Era sobre essa plataforma de rocha polida que se cumpriam algumas das cerimónias de iniciação dos jovens nativos... Na verdade, não me custava imaginar os rapazes a mergulharem para o poço fundo, escavado pela força da água, a fim de provarem aos adultos que a sua coragem os elevava a homens.

De acordo com Steinarr, nem todos os que se afundavam no abismo voltavam à tona. Daí os nativos acreditarem que os espíritos reclamavam os seus corpos. Entre aqueles que passavam o teste, muitos emergiam com o testemunho de que dedos viscosos e ferozes tinham tentado arrastá-los para o submundo. Perguntei-lhe se já averiguara os mistérios que a cortina espumosa do poço escondia. Pasmei ao vê-lo corar ligeiramente, antes de ripostar:

— Esta terra acolheu-me como se fosse seu filho, Kelda... Desafiar as tradições dos nativos seria uma afronta para os espíritos que os protegem.

Não insisti, mais interessada em apreciar o prodígio do que em explorá-lo. Um pouco acima das nossas cabeças, a formação rochosa tornava a torcer-se para a esquerda e a água do enorme poço vertia por cima de pedregulhos com a altura de quatro homens, originando a terceira cascata. A oferta aquosa criava uma lagoa calma, em forma de lágrima, que eu facilmente atravessaria com vinte ou trinta braçadas. De imediato, propus-me a fazê-lo. Contudo, mal me descalçara, Steinarr detivera-me:

— Trouxe-vos a este lugar para vos explicar o seu significado e pedir que o evitem. A vossa presença aqui poderá ser encarada pelos nativos como uma profanação.

E continuara, explicando que só seria possível pisarmos aquele solo sem ofendermos os espíritos após recebermos a bênção das anciãs, o que nos tornaria filhos da ilha. Lysander replicara que não havia tempo para tais formalidades, por isso iríamos respeitar as tradições. Eu anuíra com a cabeça, sob o seu olhar carregado de suspeição. O meu mestre conhecia-me bem! Sabia que, cedo ou tarde, a tentação acabaria por me subjugar.

De facto, já há alguns dias eu despertava com os primeiros raios de sol para dar um mergulho na lagoa sagrada, antes de ir trabalhar. Começara por pensar que seria só uma vez. Mas voltara... E voltara... Essa manhã não foi exceção. Enquanto os demais ainda dormiam, saltei da cama de rede e esgueirei-me para fora de casa. Depois, embrenhei-me na floresta, correndo sem parar, até me encantar com a visão paradisíaca, abençoada pela claridade mística da alvorada.

O verde forte das árvores misturava-se com o verde fresco dos arbustos, o azul do céu e o cristalino da água, o castanho da terra e o cinzento das pedras. Uma tapeçaria de flores brancas, amarelas e vermelhas estendia-se através das margens, libertando perfumes inebriantes. O troar arrebatador das cascatas fundia-se com o zunido harmonioso dos insetos e o canto dos pássaros, num hino de louvor à vida. Enlevada, senti a energia que brotava do solo a inundar-me a essência e a aquecer-me o coração... Fechei os olhos, inspirei fundo e deliciei-me. Estaria a cometer uma vilania ao quebrar as regras dos nativos? Pelo contrário! Desrespeitar esta dádiva da Natureza seria ignorar a sua beleza e desprezar a sua magia.

A luz esplêndida que me envolvia fazia o espelho de água cintilar num apelo sedutor. Tirei a roupa e mergulhei, deslizando através da lagoa numa dança desprovida de pudor, deleitando-me com as carícias tépidas que arrepiavam a pele. A sensação de liberdade era sublime! Emergi de braços erguidos ao céu e sorvi o ar com força, sentindo-me renascer. Por fim, icei-me para a margem e fiquei estendida, lânguida e aprazida, entregue à luxúria do Sol. Assimilei a pulsação da Terra, numa união íntima e perfeita. Libertei a mente de todas as apoquentações... Então, como num sonho, abri os olhos e vislumbrei as cascatas quais lençóis resplandecentes. A rocha escura rutilava como se dela brotassem línguas de fogo. E, no topo do mais alto penedo, uma águia colossal estendia as asas e exibia com orgulho as penas negras e prateadas, para depois rasgar a floresta com um olhar ígneo e desafiar os deuses com o seu grito.

O estalar de ramos arrastou-me para a realidade. Apoiei-me sobre um braço, assustada. Alguém se aproximava! Deitei as mãos às roupas e ocultei-me atrás de uma pedra, acabando por apelar à invisibilidade, decidida a não correr riscos. A última coisa que desejava era enfurecer os nativos, quando dependia da sua ajuda. Com mil ratazanas desajeitadas, fora muito imprudente! Jamais deveria ter desobedecido a Steinarr... De repente, vislumbrei o intruso e o meu queixo pendeu. Embla movia-se de mansinho, como se receasse ser apanhada em transgressão. Após certificar-se de que estava só, começou a arrancar as folhas de um arbusto e a guardá-las dentro do pote que trazia na mão. Quando se deu por satisfeita, encheu o pote com a água que jorrava da cascata e desapareceu a galope.

Vesti-me à pressa, ciente de que estava atrasada para o trabalho. Ainda me detive junto do arbusto para tentar compreender o interesse de Embla nas suas folhas. Eram compridas e rijas, com um aroma doce. Porém, não fazia a mínima ideia para que serviam. Acabei por sacudir os ombros, pensando que estava a dar demasiada importância ao incidente. Devia era apressar-me a chegar ao estaleiro, se não queria despertar suspeitas sobre a minha infração.

Lysander mandou-me escolher as melhores trepadeiras para entrançar, por isso passei a manhã na orla da floresta, afastada do reboliço que rodeava o *drakkar*. Começara a fazer cordas quando vi Embla encaminhar-se para a enseada, com um pote nas mãos... o mesmo que levava à cascata! Talvez eu nem lhe tivesse prestado atenção se ela não estacasse abruptamente e se ocultasse por detrás de uma árvore, como se aguardasse por algo. Pousei as trepadeiras e fiquei a observá-la, sem que tivesse consciência de quão próximo me encontrava. O seu propósito ficou claro quando, enfim, Lysander deixou a praia e rumou na nossa direção. Vinha falar-me, mas Embla não sabia. Quando se moveu para abordá-lo, intersetei-a e solicitei:

— Dás-me um pouco da tua água, por favor?

A filha de Fastgeirr saltou de susto. Tentou esconder o jarro atrás das costas e gaguejou:

— Isto não é água... E não é para ti!

Por esta altura, o aroma singular já me chegara ao nariz. Embla fizera uma infusão com as folhas que recolhera do arbusto... E com a água da cascata! Para Lysander beber! O que raio era aquilo? Uma poção de amor? De qualquer maneira, não ia permitir que impingisse as suas mistelas ao príncipe! Vi-o entrar no trilho e ripostei alto, para que me escutasse:

— Dá-me só um gole, Embla... Estou a morrer de sede!

Ao deparar com Lysander, a facínora correu para ele, guinchando:

— Fiz este chá de propósito para ti, Lys... Bebe! É delicioso!

O meu mestre franziu a testa, estranhando o bulício. Começou a erguer as mãos para segurar o pote e preparei-me para impedi-lo... Então, baixou os braços e volveu com firmeza:

— Agradeço a tua atenção, Embla... Mas, se Kelda está sequiosa, deixa-a beber primeiro. Decerto chegará para os três.

Decerto! Porém, a última coisa que Embla desejava era os meus lábios na sua infusão. Ficou a tremer, tentando arranjar argumentos para objetar. Por fim, admitiu-se encurralada. Arrostando-me... E fiquei chocada com o ódio que lhe vincava a expressão. Fingiu tropeçar e lançou o pote para o chão, assegurando-se de que se partia. Perante a interjeição de Lysander, limitou-se a exclamar:

— Desculpa, Kelda! Terás de beber de outro pote!

Sem mais, fugiu. Lysander sacudiu a cabeça e inquiriu, estupefacto:

— Podes explicar-me que confusão foi esta?

Suspirei, decidindo que não era prudente continuar a menosprezar as doidices de Embla. Lysander tinha de estar prevenido ou, um destes dias, ainda tombaria vítima de uma peçonha.

— Vem comigo — pedi. — Não quero que ninguém nos oiça.

Afastámo-nos do caminho que ligava a enseada à aldeia. Mal me senti segura para falar abertamente, encarei-o e justifiquei:

— Embla ficou deslumbrada com a tua história, com o teu poder... Meteu na cabeça que quer ser tua mulher!

Lysander ficou perplexo quando lhe falei do incidente dos amuletos e dos aleives que a jovem dissera acerca de Askr. Terminei com cautela para não denunciar a minha visita à cascata:

— Há pouco vi-a escondida, à tua espera, e percebi que estava a tramar outra maluquice.

— Por isso quis evitar que tu bebesses do pote — concluiu o príncipe, soprando exasperado. Fez uma pausa para refletir, antes de aditar: — Falta pouco para partirmos, por isso é escusado apoquentar aqueles que a prezam. Vou impor-lhe distância. Quando Embla constatar que o seu entusiasmo é inútil, o problema resolver-se-á por si.

Agora que o alertara, o desfecho desse assunto já não dependia de mim. Aguardei que tomasse a iniciativa de regressar ao trabalho. Porém, não se mexeu! Fixava-me com um olhar intenso, repleto de estrelas cintilantes... Como eu temera nunca mais desfrutar desse espetáculo de inigualável beleza! Como receara não tornar a vê-lo assim: altivo, vigoroso e confiante! E como desejava poder saltar para o seu pescoço, derreter-me no seu calor, clamar que o amava...

De súbito, tinha um rio de lágrimas a inundar-me a cabeça. Baixei o rosto e orei por um aguaceiro, que nos obrigasse a debandar para a aldeia... Todavia, o dia estava tórrido e assim continuaria. Sem um sopro de vento que as sacudisse, as enormes folhas das árvores formavam uma cobertura cerrada que ensombrava o solo. A luz do Sol rasgava essa manta aqui e além, quais cordões fulgurantes que ligavam a terra ao céu, espargindo faíscas que se dispersavam como névoa mística. Um bando de pássaros preenchia o vazio das vozes com uma canção terna... Com mil ratazanas supliciadas, cada pio era uma agulha a enterrar-se no meu peito! Porque trouxera o príncipe para longe de tudo, quando sabia que um instante de fraqueza

bastaria para destroçar o meu coração? Eu tinha de sair daqui! Não podia ceder à emoção!

— Há muito que não conversamos — murmurou Lysander, num ímpeto. Tentei interrompê-lo, mas não se deteve: — Nem te agradei por me teres salvado...

— E é escusado — cortei com brusquidão. — Esquece o passado! Devemos diligenciar para pôr aquele *drakkar* dentro de água... Nada mais importa!

Vi o nó na sua garganta subir e descer, mas mantive a expressão dura. Julguei que conseguira demovê-lo... Porém, após um instante de aturdimento, deixou-se de rodeios e refutou:

— Não estás a ser sincera! Não acredito que tenhas desistido de mim... De nós!

— Nós? — volvi transtornada. — Nunca houve «nós», Lysander! No máximo, existiu a «nossa» luta, o «teu» dever de me treinar... E as ilusões tolas de uma menina que foi obrigada a crescer...

A voz falhou-me, estrangulada por um soluço. Percebi que o meu controlo ia ruir e tentei passar por ele. Contudo, o príncipe capturou-me e puxou-me contra o peito. Quis soltar-me... Mas o corpo não me obedeceu. Não podia chorar! Não podia... Os seus braços amimavam-me e os dedos longos afagavam-me os cabelos, enquanto me sussurrava ao ouvido:

— Sei que estás magoada comigo... Que não te tenho prestado a devida atenção! Precisei de tempo para refletir. No entanto, é óbvio que, a cada dia, o meu silêncio só aumenta o fosso que nos separa. Por isso, suplico-te que me dês uma oportunidade e me escutes até ao fim.

Comecei a tremer compulsivamente. Porque é que ele fazia isto agora, quando já não havia esperança? Urgia afastá-lo, antes que tomasse o rumo que acabaria por nos atolar num pântano de tormentos... Todavia, continuava prisioneira do seu calor. Amava-o tanto! Desesperadamente!

— Conheces-me melhor do que ninguém, Kelda — prosseguiu, buscando o meu olhar. — Sabes que não sou um homem de trato

fácil... Sempre pus o dever acima de tudo, até que desfazer a profecia do Filho do Dragão se transformou numa obsessão. — Respirou fundo como se reunisse coragem para confessar: — No dia em que cortei as amarras daquela maldita ponte, desejei morrer. Sentimentos reprimidos durante anos explodiram-me na cabeça e enlouqueceram-me de dor! Quis recuar, mas não podia... Então, prometi a mim próprio que, se o destino me concedesse um ensejo de redenção, não tornaria a questionar-te.

Essas palavras tiveram o dom de reacender a minha indignação. E, perante a mágoa que flamejava no meu olhar, o príncipe apressou-se a aditar:

— Estou ciente de que não cumpri a minha resolução. Pelo contrário! Porém, surpreender-te nos braços de Sigarr deixou-me iracundo, cego de ciúme, completamente desorientado. Acho que só nesse momento interiorizei a minha fraqueza humana! Admito que fui um imbecil, Kelda... Não obstante, não desististe de mim; nem mesmo quando viste o mar engolir-me! Por isso sei que, para além da «nossa» luta, existe um «nós» que é bem real.

Desta feita, fui incapaz de conter as lágrimas. Lysander amparou-as com uma carícia quente. Depois, afagou-me a nuca e prendeu-me o olhar, concluindo com ardor:

— Devo-te muito mais para além da minha vida, menina-feiticeira! Ensinaste-me a sentir, a sorrir, a desejar, a apreciar a satisfação de ouvir o teu coração a bater ao mesmo ritmo do meu... Preenches-me com a tua luz. Dás-me uma paz que, até te conhecer, eu só alcançava quando tocava a minha flauta. Amo-te... Amo-te loucamente!

Vi tudo tremido e achei que ia desfalecer... Quando dei por mim, Lysander retirara algo do bolso e exibia-o, com as mãos trémulas e um olhar fúlgido. Era uma pulseira fina, entrançada com fios coloridos que formavam um padrão... O símbolo real da Gente Bela!

— O que é que estás a fazer? — esbofei para lá de assombrada.

Os dedos de Lysander envolveram os meus, a sua respiração alterou-se e as faces enrubesceram, enquanto declarava num

arquejo rouco, tenso, abrasado de ansiedade:

— Gostava de te oferecer um bracelete de compromisso, talhado em prata e ornado com os símbolos da minha família, como manda a tradição. Porém, tão longe de casa, esta pulseira foi o melhor que pude fazer. Entrancei-a com todo o meu amor... E a esperança de que aceites tornar-te minha mulher sob a bênção do senhor desta terra.

Agora sim, eu ia desmaiar! Todo o meu ser convulsava em sobressalto. Só podia estar a sonhar... E o sonho estava prestes a transformar-se num pesadelo! Tentei recompor-me... Contudo, fui incapaz de proferir um som. Perante a minha concussão, Lysander respirou fundo e enunciou solenemente:

— O meu pai aceitou casar-nos antes de deixarmos a ilha. Só tens de dizer «sim» e farás de mim o homem mais feliz do mundo... Não tenhas medo, Kelda! Vamos vencer esta guerra. E, mal regressemos à minha floresta, receberás o reconhecimento da rainha Lyria, tornar-te-ás princesa herdeira do trono da Gente Bela e desfrutarás de todas as honras a que tens direito.

Como é que eu admitira que a situação se descontrolasse desta forma irreparável? Lysander apenas aguardava por uma palavra ou um gesto de assentimento para atar a pulseira em torno do meu pulso. Rangi os dentes, enquanto gorgolejava:

— Espera... Não... Não!

Afastei-o com um repelão e impus-lhe distância, para que não subsistissem dúvidas quanto à solidez da minha resolução. O choque que o assolou despedaçou-me o coração. Engoliu em seco, cerrou os olhos e franziu a testa, indagando:

— O que foi, Kelda? Se algo está errado, só temos de conversar... Não existem barreiras que o nosso amor não possa derrubar!

Existia: um pacto firmado com os Guardiões das Almas Atormentadas que não podia ser quebrado! Nesse instante, parecia que o Líder da Alcateia voltava a uivar-me aos ouvidos:

«Dar-te-emos a possibilidade de um novo início e tu retribuirás com sangue e magia.»

Ao ver-me aturdida, Lysander ousou aproximar-se, instando num tom apaziguador, repleto de ternura e súplica:

— Por favor, conta-me o que te atormenta! Sei que desejas estar ao meu lado...

— Estás enganado! — objetei, convicta de que essa era a única maneira de acabar com o nosso martírio. E apelei a toda a coragem para fazer com que as palavras soassem ríspidas e terminais ao exclamar: — Eu não ambiciono o que tens para me oferecer!

— O... O quê? — entaramelou, abismado. Perante a sua expressão mortificada, apressei-me a altercar antes que me faltasse o fôlego:

— Recordas-te de me dizeres que jamais ficaríamos juntos, porque tencionavas casar-te com uma jovem do teu povo? Pois é isso que deves fazer! Não quero ser tua mulher, Lysander. Se sobreviver à guerra, desejo ser livre como o vento para viajar e explorar o mundo. Não vou ficar prisioneira de um trono, dos encargos do teu reino e dos problemas do teu povo. O tempo das ilusões esgotou-se! Já não sou uma menina cheia de sonhos... E tu não és o meu príncipe encantado.

Dito isto, virei-lhe as costas e corri desembestada através da floresta. Quando o alento se esgotou, tombei num leito de folhas mortas e carpi a minha agonia. As lágrimas amargavam como fel e os pensamentos eram vermes a devorar-me os miolos. Na verdade, almejava ver Lysander surgir de entre as árvores, disposto a reconquistar-me não obstante os despautérios que eu cuspira... Todavia, o meu veneno surtira efeito! E, por mais que o coração sangrasse, a razão garantia que procedera corretamente. Os espíritos da Montanha Sagrada tinham cumprido a sua parte do ajuste ao livrarem-me da peçonha de Halvard... Agora, eu devia retribuir o favor. Só assim venceria o meu irmão. Só assim salvaria o meu povo. Só assim o príncipe da Gente Bela viveria para se tornar rei, gerar filhos e ver a sua terra prosperar. Lysander jamais saberia... Porém, renunciar à nossa paixão fora a maior prova de amor que eu lhe poderia dar.

— Foste fazer queixas de mim ao príncipe, não foste, sua rameira?

Embla falava baixo para que a sua voz não ribombasse pela casa e chegasse aos ouvidos dos demais. Contudo, tremia da cabeça aos pés e os olhos azuis chispavam na obscuridade do quarto. Fastgeirr viera conversar com Steinarr e a filha acompanhara-o. Eu desculpara-me e recolhera ao quarto, sem a mínima vontade de estar perto de Lysander, depois do que acontecera na floresta. Ainda assim, não escapara à ira da desassisada fedelha que sacudia um dedo diante do meu nariz e bravateava entredentes:

— Isto não vai ficar assim! Hei de dar cabo de ti! E Lysander será meu... Só meu!

Permiti que saísse impune por respeito ao seu pai. Fastgeirr era um homem íntegro; sofreria um desgosto se confrontado com os desvarios da filha. Além disso, tal como Lysander dissera, partiríamos em breve... Todavia, nos dias seguintes, Embla devotou-se a massacrar-me a paciência, provando que não ameaçava em vão.

As anciãs nativas tinham iniciado a herdeira de Fastgeirr nos segredos da Arte, confiando que, mais tarde, ela lhes sucederia nos cuidados a prestar ao seu povo. No entanto, como a maior pretensão de Embla era abandonar a ilha e viver faustosamente como rainha de um qualquer reino distante, não hesitava em distorcer os ensinamentos que recebera para me causar dano. Sempre que se aproximava, arranjava forma de introduzir peçonhas na minha comida ou de esfregar ervas venenosas nas minhas roupas. Fui antecipando e contrariando os seus sortilégios, sem nada dizer, tentando levá-la a crer que estes eram ineficazes. Assim, talvez questionasse a sua habilidade e desistisse... Porém, certa noite, perdi a cabeça ao deparar com um pássaro com o pescoço torcido, dentro da rede onde dormia.

Tive ganas de irromper pela casa de Fastgeirr e esfregar a ave morta nas fuças de Embla, diante de toda a sua família. Todavia, ela haveria de inventar uma escusa que a ilibaria da atrocidade e, sem

provas da sua culpa, a vergonha recairia sobre mim. Por isso, decidi retribuir-lhe a gentileza. Já era tempo de a aleivosa aprender que a magia não era uma brincadeira.

Aguardei que as consciências sossegassem na morada de Steinarr. Quando nada se escutava, além do ressonar dos homens, os meus olhos rasgaram as trevas. Deixei o corpo para trás e voei através do telhado de colmo, banhando-me na luz da Lua. Embla escolhera bem a noite para me amaldiçoar! A energia estralejava no ar... Só que era eu quem a governava!

Trespassei as tábuas que resguardavam o seu quarto e encontrei-a a dormir numa cama de vime entrançado, com um sorriso nos lábios. Sonhava com a concretização do seu sortilégio. Na manhã seguinte, enquanto trabalhava, eu tombaria da amurada do *drakkar* e partiria o pescoço... Um acidente lamentável! Dei-lhe a respirar um pouco de energia mística para entorpecê-la. Não pretendia magoá-la... Apenas pregar-lhe um susto para que se borrarasse de medo!

Concentrei-me no pulsar da terra; nos seres que se contorciam dentro do solo, alimentando-se e defecando, caçando e copulando, nascendo e fenecendo a cada fôlego. Dominados pela minha vontade, corriam e rastejavam rumo a uma fonte de calor; carne e sangue que os atraía irresistivelmente. Logo, dezenas de aranhas, centopeias, baratas e escaravelhos trepavam pela cama de Embla e passeavam-se sobre o seu corpo. Então, libertei-lhe a consciência e forcei-a a despertar. Os seus olhos esbugalharam-se ao deparar com a mortalha de negro irrequieto, castanho repugnante e vermelho ameaçador que a cobria. Quis guinchar de horror... Porém, a sua voz e todos os músculos estavam cativos do meu poder. Obriguei-a a suportar o tormento por instantes. Depois, invadi-lhe a mente e enunciei com clareza:

«A tua essência está marcada, Embla! Pensa bem antes de voltares a praticar magia negra... Porque, a partir de agora, todo o mal que evocares tombará sobre a tua cabeça.»

Num ápice, os bichos que chafurdavam sobre o corpo e os belos cabelos da jovem escorregaram para o chão, desaparecendo da

mesma forma que tinham surgido... Só o suor que alagava a pele de Embla testemunhava quão séria fora a minha advertência! Respirei fundo, fechei os olhos e tornei a abri-los dentro do meu corpo, na cama de rede, sob a tranquilidade da morada de Steinarr, no momento em que os berros da filha de Fastgeirr ecoavam pela aldeia. Forjei a mais inocente das expressões, certa de que a arrogante prestes surgiria a grunhir acusações... Enganei-me! Pouco depois, aqueles que tinham saltado da cama para averiguarem a causa do tumulto regressavam para relatá-la: Embla tivera um pesadelo.

Repousei a cabeça na rede, mas não consegui desfranzir a testa. Embla surpreendera-me ao não denunciar o nosso confronto. Será que aprendera a lição? Ou, pelo contrário, a sua mente astuciosa adivinhara que ninguém acreditaria na história que tinha para contar... E, por essa razão, decidira calar-se para mastigar friamente a sua vingança?

O Sol ainda ardia com vivacidade quando os remos foram encaixados e a derradeira emenda fixada. A vela que as mulheres nativas tinham reparado com desvelo estava pronta a desafiar o vento. Assim que se reunissem os utensílios e os mantimentos indispensáveis para a viagem, o *drakkar* poderia enfrentar as ondas rumo à Ilha dos Penhascos.

Enquanto viquingues e nativos saltavam alegremente em redor do navio e mergulhavam no mar para se refrescarem, Steinarr pousou as mãos sobre os ombros de Lysander e declarou:

— Esta noite vamos festejar! Amanhã arrastaremos o barco para a água e verificaremos os últimos detalhes, enquanto as mulheres tratam da comida. Depois, desfrutaremos de uma boa noite de sono e partiremos ao romper do dia.

— Partiremos? — inquiriu o príncipe, sustendo o fôlego na expectativa. E o pai respondeu com um sorriso franco:

— Irei convosco. Não posso ficar aqui enquanto o nosso povo enfrenta os tormentos da guerra! Além disso, quero matar saudades

de Ivarr e conhecer o meu neto Ulfvaldr.

Abraçaram-se, regozijando com a solidez do elo que tinham consolidado. Continuei a entrançar as cordas, fingindo-me alheia à conversa. No entanto, também me congratulava com a resolução do rei. Mal podia esperar para ver o espanto e o contentamento da minha família e do nosso povo quando Steinarr tornasse a casa após tantos anos de penosa incerteza quanto ao seu destino... E tão rejuvenescido que, facilmente, passaria por irmão do tio Ivarr! Agora que cortara os cabelos brancos, era ainda mais engraçado vê-lo ao lado de Lysander; ambos barbeados e com uma camada cerrada de espigões negros a cobri-los os crânios, como se o seu aspeto tivesse sido concertado.

Não obstante a satisfação, Lysander quis esclarecer a questão que ficara pendente:

— Tens a certeza de que é isso que desejas? Sabes o quanto esta gente depende de ti... E Askr? Ele há de querer seguir-te e não está preparado para enfrentar o Exército do Dragão.

— Tens razão — admitiu o rei. — Askr ainda tem muito que aprender! É inteligente e um excelente caçador, mas não daria dois passos num campo de batalha sem receber um golpe mortal. — Abriu um sorriso orgulhoso e apertou os braços do filho, antes de prosseguir: — Não te preocupes com o teu irmão, Lysander... Eu fiz-lhe ver que o seu futuro está aqui, nesta ilha. E ele concordou em ficar, na condição de que regressemos após a guerra para levá-lo a conhecer o País dos Viquingues e a floresta da Gente Bela.

— Terei todo o gosto em recebê-lo — volveu o príncipe, aliviado. — Então, está tudo acertado... capitão Steinarr!

O rei soltou uma das suas gargalhadas estridentes e ripostou:

— Sim, capitão Lysander! Tornemos, pois, à aldeia, para preparar o festim... — Quase saltei de susto ao ouvi-lo apelar: — E tu, Kelda? Já temos cordas que cheguem! Vem connosco.

A cortesia demandava que o encarasse... E que sorrisse. Felizmente, Lysander desviara o rosto, por isso respondi sem que a voz tremesse:

— Irei de seguida... Ainda quero conversar com as sábias anciãs, para que me dispensem algumas ervas curativas que poderão ser-nos úteis na viagem,

Steinarr esboçou um gesto de assentimento e não insistiu. Eu ignorava se Lysander lhe contara os pormenores da nossa discussão. O facto é que o rei não tentara impor-nos uma reconciliação... Ao contrário de Askr, que, nos últimos dias, conseguira tornar-se insuportável de tão inconveniente. O jovem não imaginava o que poderia ter sucedido de tão grave para que Lysander e eu deixássemos de nos falar e mal suportássemos partilhar o mesmo espaço.

Felizmente, esse martírio estava prestes a terminar! Quando estivéssemos a navegar, não haveria tempo para remoer tristezas.

CAPÍTULO 26

Na Ilha dos Carvalhos, as celebrações organizavam-se num piscar de olhos. Bastou uma palavra para que os nativos saíssem das suas casas, ansiosos por festejar. Cada família ofereceu comida à mesa do banquete e a música estrondeou numa mistura de tambores, vozes, palmas e batuques de pés. Ao cair da noite, acenderam-se fogueiras e o ambiente tornou-se fantasmagórico. O pó solto no ar já se colara às peles suadas, mas os homens e as mulheres continuavam a dançar e a cantar, trocando gargalhadas e gritos de satisfação.

Os viquingues tinham-se acomodado junto de Steinarr, em volta da fogueira principal. Todos desejavam acompanhar o rei na nova aventura, mas as maleitas da idade impediam alguns de fazê-lo. Fastgeirr seria um dos que se quedariam, pois Steinarr confiara-lhe a responsabilidade de concluir o treino de Askr, para que o jovem assumisse rapidamente a sua herança de sangue. Julguei que Embla ficaria entusiasmada com a expectativa de ver o noivo tornar-se rei, mas limitou-se a sacudir os ombros e a afastar-se dos demais.

Congeminei que, desde a noite em que tentara discipliná-la, a filha de Fastgeirr mostrava-se alheada do que sucedia em seu redor. Eu estava sempre à espera que me preparasse outra armadilha, mas passava por mim como se não me visse. Que me apercebesse, também não voltara a importunar Lysander. Talvez apenas estivesse a contar o tempo que faltava para desaparecermos da sua vida a fim de se reassumir como a mais cintilante estrela da aldeia!

Agradou-me a maturidade com que Askr escutava os conselhos do pai. Nem se levantara para dançar com Embla! Estariam zangados? Pamei ao ver a jovem recolher-se, como se a festa a enfadasse. Também não percebia porque é que eu ainda estava sentada no terreiro, a fingir que me divertia, quando, na realidade, só me apetecia chorar. O melhor era alegar exaustão e ir para casa. O dia seguinte seria cansativo... Além de ajudar os homens, ainda

precisava de preparar as ervas curativas que as anciãs me tinham oferecido.

Ia cumprir a minha resolução quando Steinarr se debruçou sobre Lysander. E o meu ouvido apurado intercetou a sua questão:

— Kelda parece tão triste... Porque não a convidas para dançar?

O meu coração sofreu um baque e os músculos retesaram-se. Tinha de me levantar... Depressa! Com mil ratazanas apavoradas, não tinha força nas pernas! Colei os olhos ao chão, com o fôlego preso, enquanto Lysander retorquia num tom que denunciava desconforto:

— Kelda não quer dançar. Já declinou muitos convites.

— Não rejeitou o teu...

— Já te contei o que se passou. Ela foi bastante clara!

— Para mim, nada é claro nessa história — objetou Steinarr, pertinaz. — Algo deve estar a apoquentá-la, para dizer tamanhas tolices... E tu tens de descobrir o quê! Depois de todas as dificuldades que vós já superastes, não podes desistir...

— Somos demasiado diferentes!

— É assim tão impossível encontrar um equilíbrio entre a razão e o coração? É óbvio que estais apaixonados...

— Sabes perfeitamente que, por vezes, o amor não basta — talhou Lysander com uma rispidez lancinante. — Não amavas a minha mãe? E ela não correspondia? No entanto, decidistes separar-vos porque achastes que a vossa união seria prejudicial para aqueles que de vós dependiam.

Eu não ousava erguer os olhos, mas imaginava que pai e filho estavam rubros de embaraço e fúria. Lysander não admitia que ninguém se intrometesse na sua privacidade e acabara por revidar à provocação de Steinarr com um argumento que soara a acusação. O seu silêncio arrastou-se e acreditei que a conversa chegara ao fim. Todavia, o rei acabou por respirar fundo e contestar, circunspecto e grave:

— Sei que não acompanhei o teu crescimento... Porém, o que já partilhámos dá-me legitimidade para falar como teu pai! Não são

apenas as semelhanças físicas que nos unem, Lysander. Reconheço na firmeza dos teus gestos e na franqueza das tuas palavras o homem que fui, enquanto a responsabilidade de decidir o destino do povo viquingue pesava sobre os meus ombros. Coloquei o dever acima de tudo... E essa obstinação transformou-se em cegueira.

Provavelmente, o filho esboçou uma expressão incrédula, pois Steinarr firmou:

— Sim, arrependo-me de ter renunciado à ânsia do meu coração! Devia ter ficado ao lado da tua mãe, mesmo que isso significasse enfrentar mil adversidades. Assumo dolorosamente a culpa por tudo o que perdemos... Como gostaria de ter estado presente para te ver crescer, Lysander! No entanto, sinto-me abençoado pela graça de te conhecer, por isso devo asseverar-te, olhos nos olhos, que virar as costas à felicidade é o erro mais grosseiro que alguém pode cometer. Todos os instantes da vida são preciosos, filho... Torna-os memoráveis para que, como eu, não chegues ao fim do trilho a lamentar o que deixaste para trás.

Cerrei os olhos e apertei os punhos sobre o colo, engolindo as lágrimas como se fossem agulhas. Sentia uma tristeza densa e gélida a consumir-me a alma, combinada com um aperto no peito que me roubava o ar. Obriguei-me a abstrair, procurando reunir um pingo de alento que me permitisse arrastar-me até casa. Então, o meu nome ecoou na bruma que me toldava a consciência, empurrando-me para a realidade. Fui assolada por um tremor violento ao deparar com uma mão estendida. Quase desfaleci, julgando tratar-se de Lysander... Porém, era Steinarr quem apelava:

— Dás-me a honra de dançar comigo, Kelda? — E, perante a minha hesitação apavorada, acrescentou: — Não vais recusar e envergonhar-me diante de toda a aldeia, pois não?

O que mais fazer, além de lhe dar a mão e orar para que os nervos não me prostrassem? Com mil ratazanas terrificadas, o que acontecera no tempo em que bloqueara a percepção? Porque tomara Steinarr esta iniciativa? E onde estava Lysander? Tentei encontrá-lo sem que o rei se apercebesse da minha ansiedade. Contudo, o

gigante que me sustinha nos braços como se eu fosse a mais delicada das plumas provou estar bem atento, ao enunciar sobriamente:

— Lysander deixou a festa... Creio que as minhas palavras o perturbaram.

Engoli em seco e quis concentrar-me na malfadada dança. Os nativos saltavam à nossa volta, clamando e acenando. Eu jamais seria capaz de acompanhar os movimentos impostos pelo batuque desenfreado dos tambores. Porém, Steinarr segurava-me a mão, enlaçava-me contra o peito, rodopiava e afastava-se, como se nos movêssemos sob a harmoniosa suavidade das flautas e das harpas tocadas pelos músicos que animavam as cerimónias no castelo viquingue. Não desejava ofendê-lo... Todavia, por mais perfeita que fosse a sua condução, a impaciência corroía-me e cada passo era um suplício. Faltaria muito para que se aborrecesse e me liberasse desta tortura?

— E tu, Kelda? — inquiriu ao estreitar-me. — O que pensas dos conselhos que dei a Lysander?

Troquei os pés e, por pouco, não me estatelei na areia. Ainda assim, consegui tartamudear:

— Como posso saber o que falastes, senhor?

Fiquei perplexa quando Steinarr riu abertamente. E ainda mais desconcertada com o ardor da sua voz, ao controverter:

— És muito parecida com Catelyn! Herdaste a sua aura fulgurante, os seus olhos irresistíveis, os seus cabelos maravilhosos... E, sem dúvida, os seus ouvidos aguçados! Não me enganas, Kelda! Sei que nos escutaste com atenção. — Estacou e o olhar verde cristalino trespassou-me como se me dissecasse a alma, enquanto inquiria: — Porque desprezaste Lysander, se o amas com paixão? Deves saber que o magoaste...

— Magoá-lo-ia muito mais se não o afastasse... — dei por mim a revidar, rouca de comoção. E tive de trincar a língua, antes que cacarejasse algo irremediável. Corei desalmadamente e tentei

escapar à sua influência. Porém, ele não se desviou e ainda perseverou, contumaz:

— Porque afirmas isso com tanta convicção? Diz-me, Kelda!

Incapaz de adversá-lo, arrotei-o e contendi:

— Se a morte pairasse sobre vós, daríeis esperanças à mulher que amais, sabendo que acabaríeis por lhe impor a angústia de vos perder?

O sobrolho de Steinarr franziu-se e o seu olhar escureceu. As mãos fortes deslizaram para os meus ombros e ampararam-me. Temi que me obrigasse a confessar a causa do meu tormento, mas limitou-se a fixar-me com uma intensidade arrasadora, ao replicar:

— Todos estamos destinados a perecer assim que somos gerados! O que importa é o que fazemos no tempo de existência que nos é concedido. Se eu estivesse condenado, não desperdiçaria um instante do amor que a vida ainda me pudesse oferecer. Enganas-te se julgas que, ao distancias-te de Lysander, o preservarás da dor! Ele sofre agora por não te ter... E sofrerá ainda mais no dia em que a tua morte se concretizar, pois será incapaz de buscar conforto na lembrança dos momentos de felicidade que poderiam ter partilhado. — Inclinou-se suavemente, beijou-me a testa e concluiu: — Se a tua avó Catelyn aqui estivesse, dir-te-ia para seguires o teu coração. Eu tive de percorrer um caminho longo e atribulado para reconhecer a sabedoria desse conselho... Por isso, pondera na minha história e não cometas os mesmos erros.

Dito isto, reverenciou-me com uma vénia e encaminhou-se para Askr, que nos observava com uma expressão curiosa. Deu-lhe o braço e arrastou-o para a euforia da dança. Esta poderia ser a última noite em que Steinarr desfrutava da companhia do filho mais novo... E tencionava aproveitá-la ao máximo.

Deambulei através da floresta, sufocada pelas lágrimas, até o cansaço me prostrar no solo. Gemi e carpi, esmurrei a terra e pontapeei os troncos e os ramos que se enredavam nas pernas... Por fim, quedei-me sem alento, estendida sobre a manta morta, com

o olhar exânime preso no negrume estrelado do céu. Dentro da minha mente, uma voz pranteava: «É tarde de mais...» Porém, outra retrucava, rouca de exprobração: «És uma covarde... A única responsável pela tua miséria! Porque não voltas para casa e confrontas Lysander? Se for preciso, ajoelha-te e suplica o seu perdão, sua estulta!»

— Não posso — murmurei, extenuada. — Os Guardiões das Almas Atormentadas...

«Não ouviste Steinarr?», devolveu a voz num grunhido iracundo. «Queres viver os dias que te restam a amargar de frustração? Ou vais lutar pela felicidade, por efémera que esta possa ser? O que darias para tornar a estreitar Lysander? Para saborear o mel dos seus lábios...?»

— Tudo! — ripostei, sentindo o calor da terra a fundir-se com a luz da minha essência. — Daria tudo para inspirar mais um fôlego entre os seus braços!

Inesperadamente, um assobio atingiu-me a percepção... tão nítido que se diferenciava do batuque dos tambores que ecoavam na aldeia!

— Lysander...? — entaramelei, alvoroçada, ao reconhecer a melodia que ele tocava na sua flauta. Mas como podia ser, se o som se fundia com o canto das cascatas da ilha? O príncipe da Gente Bela jamais pisaria solo sagrado em desacordo com as instruções que recebêramos do rei! Tal significaria quebrar as regras... E ele nunca quebrava as regras! Arfei, com a ansiedade a corroer-me as entranhas. E desatei a correr num rompante, sem permitir que a razão se sobrepusesse à vontade do coração.

O assobio esvaiu-se antes de eu alcançar as Três Cascatas. Perseverei, movida por um ímpeto que me queimava até ao âmago. Prestes, deparei com o cenário que me deslumbrava. Sob a luz da Lua, a névoa húmida gerada pelas quedas-d'água formava nuvens que deslizavam sobre as rochas com uma lentidão onírica. Os sibilos dos insetos e o coaxar dos sapos entrelaçavam-se em belos ritmos,

mas não se comparavam ao som que me atraía a este berço de pureza. Perscrutei em redor, ávida por um movimento... Contudo, não estava ninguém nas margens, nem sobre as pedras, nem na água. Soltei o ar, decepcionada. O desalento verteu do meu coração, espalhou-se pelo sangue e voltou a encher-me os olhos de lágrimas. Ia virar as costas, quando algo perturbou a serenidade ondulante da lagoa... E uma cabeça surgiu.

Na penumbra, os cabelos prateados de Lysander evidenciavam-se como se incandescidos pelo luar. Fiquei paralisada ao ver os seus ombros nus emergirem. Alheio à minha presença, rasgou a lagoa com braçadas vigorosas. Depois, tornou a mergulhar.

Apertei as mãos sobre o peito, respirando aos borbotões. Entrementes, Lysander regressara à superfície e nadava para a margem. De repente, apercebeu-se da energia que eu exalava, estacou e pôs-se de pé num impulso pasmado. A magnificência do seu tronco, emoldurado até à cintura pela cintilação aquosa, fez-me resfolgar de ardor. Num ápice, o seu olhar estrelado relampejou e o peito oscilou ao sabor de arquejos descompassados. Esperei que falasse, mas parecia tão perturbado quanto eu... Tão anelante quanto eu!

À medida que o meu sangue aquecia, todas as dúvidas se esvaíam. Sabia o que desejava... E não aguentava mais! Livrei-me da túnica e puxei pelos cordões das calças, num fôlego de resolução. Em menos de nada, sustinha-me tal como viera ao mundo sob a claridade pálida da Lua. Definharia de vergonha se Lysander esboçasse um gesto para me repreender... Todavia, permaneceu hirto como uma estátua. Ousei um passo. Depois outro... Entrei na lagoa e surpreendi-me com o calor da água. Depois, avancei sobre os seixos polidos, inflamada pelo mais primordial dos instintos.

A expressão do príncipe foi-se alterando. Engoliu a custo, uma e outra vez, enquanto os olhos se fixavam nos meus seios, nos mamilos túrgidos de excitação, na curva acentuada da cintura... As suas faces enrubesceram e nem a água foi capaz de ocultar o efeito que a minha aproximação estava a ter sobre o seu corpo.

— Kelda... — gaguejou, transtornado. — O que estás a fazer?

Não pensar. Apenas agir. Pousei-lhe as mãos no peito e fixei o olhar fulgente, sentindo-o arrepiar-se sob o meu toque. Ciente de que ia voltar a protestar, declarei rouca de emoção:

— Perdoa-me, Lys! Disse-te coisas horríveis... Magoei-te para te afastar de mim, quando o que mais almejava era abraçar-te.

E abracei-o; pele nua contra pele nua. O ardor fazia-o estremecer e o seu coração batia tão acelerado quanto o meu... Ainda assim, continha-se. Os seus braços pendiam ao longo do corpo, como se temesse perder a razão no instante em que os fechasse. A sua voz soou como um gemido estrangulado, ao indagar:

— Não entendo, Kelda... Porquê?

Lysander era assim... E eu aprendera a amá-lo assim! Tudo tinha de estar devidamente esclarecido ou o seu espírito não parava de estrebuchar. Por isso, afastei-me o suficiente para encará-lo e confessei com uma sinceridade terna:

— Porque tenho medo! Se o destino nos apartar... Acreditei que sofreríamos menos se não conhecêssemos a felicidade de estarmos juntos. Mas estava errada! Amo-te com todo o meu corpo; com toda a minha alma! E quero ficar contigo até ao derradeiro sopro de vida, se tu ainda...

O seu urro calou-me. Esmagou-me contra o peito e apossou-se dos meus lábios com uma paixão assoladora. Correspondi com voracidade, extasiada pela satisfação de estar nos seus braços sem que nada nos separasse. O desejo que há muito reprimíamos libertava-se e transbordava, devastador. Era como se o ar, a água, tudo em nosso redor eclodisse em chamas. E esse fogo indomável consumia-nos até à última partícula da essência, infligindo um prazer que a razão era incapaz de comportar. Porém, antes que as pernas me falhassem, Lysander agarrou-me ao colo e carregou-me para a margem.

No momento em que as minhas costas repousaram na erva macia, tive medo de que ele recuasse. Vi a incerteza germinar no olhar estrelado quando me encarou. Adivinhei o que estava a pensar... Enquanto meu mestre, o príncipe jurara aos meus pais

jamais desrespeitar a minha virtude. Logo, para a sua mente governada por regras, fazer amor comigo sem um compromisso firmado era estar a quebrar a mais sagrada das promessas! Estremeci e balbuciei o seu nome... Porém, mal o enlacei pelo pescoço, todas as inibições se desfizeram em cinzas.

Suspirei, arroubada, quando o seu corpo cobriu o meu. Os nossos lábios fundiram-se num beijo que revelava a urgência que nos enlouquecia. As mãos fortes apertaram a minha cintura e deslizaram para os seios, afagando-os com ternura. Contudo, os meus vagidos de ansiedade incentivaram o seu furor. De cada vez que os dedos trémulos e inquietos se concentravam nos mamilos, roçando e beliscando, era como se mil raios me fulminassem. O meu ventre palpitava, convulsava, queimava com uma necessidade desenfreada... E Lysander não parava de me beijar, reclamando a minha língua com uma fome alucinada, lambendo, mordendo, tragando. A solidez dos seus quadris testava a resistência dos meus, arrancando-me roncões que misturavam dor com prazer... Dor? Eu mataria por esta dor! Eu morreria por esta dor!

Não havia rodeios nas minhas carícias... E, muito menos, na lubricidade com que me insinuava, enlaçando as nossas pernas numa prova de que não existiam limites para a minha entrega. Exultei ao constatar que, apesar de tudo, os seus cabelos não tinham perdido a sensibilidade e continuavam a proporcionar-lhe sensações abrasadoras. Ouvi-lo gemer sem se refrear, rendido ao contentamento que nos sublimava, só alimentava o meu denodo. Os meus dedos ávidos percorriam-lhe os ombros, enterravam-se nos músculos das costas, cravavam-se na firmeza das nádegas... Até que, por fim, os nossos suspiros fizeram coro e os corações ribombaram como tambores de guerra.

Embrenhada no delírio de oferecer e de receber prazer, mal tomei consciência de que Lysander se ajeitava para que nos moldássemos na perfeição. Nos meus sonhos, sempre imaginara que, no momento crucial, ele se deteria para requerer a minha permissão... Não o fez! Pelo contrário, fixou-me com um incêndio descontrolado a deflagrar

no olhar e soltou um uivo quase doloroso, como se não pudesse suportar nem mais um instante sem me possuir por completo... E o seu impulso foi vigoroso, como se as nossas vidas pendessem do seu ardor. Bradei arrebatada, quase surpreendida, quando a última barreira foi derrubada e o seu corpo me preencheu. Os meus olhos marejaram-se de lágrimas... E só então o príncipe parou, com a respiração ofegosa a misturar-se com o canto das cascatas.

Encarei-o, atordoada. Estávamos abraçados, tão ligados quanto a nossa condição física permitia. Porém, não obstante a premência vincada em cada traço do seu rosto, o meu mestre sofria-se, recordando como a primeira experiência de uma mulher na arte do amor podia ser penosa. Murmurou o meu nome, num arquejo cavo, quase assustado, seguro de que o seu ímpeto me magoara. As lágrimas que me escorriam pelas faces só confirmavam o seu receio. Como lhe explicar que era a emoção e não a dor que me suplantava, quando o gozo me consumia a voz? Na realidade, estava tão extasiada, tão afogueada, tão delirante, que nem apreendera o desconforto. Nesse instante, todo o meu ser se revolia com vontade de assimilá-lo. Sentir a plena fusão dos nossos corpos, após anos de frustração e de repressão, era simplesmente maravilhoso!

— Lys, por favor... — consegui titubear, num protesto significativo. E o instinto ajudou-me a clarificar a minha intenção. Cruzei as pernas em redor do seu tronco, numa súplica para que continuasse. À medida que o meu coração batia, o sangue concentrava-se no ventre e compelia-me a rebolar as ancas; a acometer contra os seus quadris e a roçar-me desenfreadamente na sua pele, a fim de apaziguar um prurido que ensandecia e que, a cada toque, se condensava em vagas de puro leite.

Perante a minha veemência exaltada, quase enlouquecida, a expressão de Lysander iluminou-se num sorriso. Vi ternura e desejo no seu olhar, mas também o regozijo de um macho que finalmente conquista a fêmea que tanto cobijou. Mergulhou os dedos nos meus cabelos e afagou-me a nuca, antes de voltar a beijar-me. Só depois correspondeu ao meu frenesim, com movimentos longos e firmes,

impondo um ritmo cadenciado como uma dança... A mais sublime das danças!

— Se isto é um sonho, não quero acordar! — sussurrei, comovida, tecendo carícias com a ponta dos dedos sobre a cicatriz marcada no ventre do príncipe da Gente Bela, consequência do seu confronto com a serpente Nidhogg, na noite em que o destino nos unira.

A Lua já enrubescia, de tantas vezes que testemunhara a consumação do nosso amor, sem que o fogo da nossa paixão se apaziguasse ou o cansaço nos demovesse. Porém, o tempo era implacável! Os primeiros raios de sol começavam a abrilhantar o verde fresco das ervas e a transparência cristalina da lagoa. A canção dos insetos também se alterara, trazendo-nos à lembrança as obrigações impostas por este novo dia. Tínhamos trocado poucas palavras... Agora, a necessidade de escutar a sua voz sobrepujava-me. E Lysander não me decepcionou. Deslizou a mão pelo meu braço e entrelaçou os nossos dedos, prendendo-me o olhar enquanto replicava:

— Não é um sonho! É... um pequeno vislumbre da felicidade que o futuro nos reserva. Sabes que te amo, menina-feiticeira... E que estou disposto a tudo para te ter ao meu lado! Mais do que nunca, sinto-me confiante e cheio de força para lutar. Nós vamos vencer! Juro-te!

Deixei a cabeça tombar no seu peito, tentando apagar da memória a imagem do focinho ameaçador do líder dos Guardiões das Almas Atormentadas. Assumira a decisão de ignorar a fatalidade do meu destino para desfrutar da vida que me restava. Contudo, não era fácil...

— Desperdiçámos tanto tempo — desabafei com um suspiro pungente.

— Mas vamos recuperá-lo! — revidou o meu mestre, segurando-me no queixo. — Pensa que as adversidades que enfrentámos nos trouxeram algumas vantagens. Decerto os teus pais já se reuniram, o regresso do rei Steinarr há de reforçar o ânimo do povo

viquingue... E a descoberta do significado das tuas tatuagens garante-nos que Halvard não concretizará a profecia. Resta-nos esmagar o Exército do Dragão...

— Se o meu irmão nos seguiu, chegará antes de nós à Ilha dos Penhascos!

— Não te inquietes, Kelda... Vamos surpreendê-lo! Halvard assimilou a essência de Celsus, mas não pode suplantar a união das nossas forças! O meu poder, aliado à magia dos teus pais, de Thorson e de Trygve, há de distraí-lo. E, quando estiver exaurido, tu avançarás para prostrá-lo com a magia de Aranwen. Sei que te sentes insegura e receosa por ainda não teres tido oportunidade de explorar as capacidades que adquiriste... No entanto, irei treinar-te durante a viagem e ajudar-te a desenvolvê-las.

A firmeza dos seus argumentos esvaziou a minha contestação. Além disso, a última coisa que me apetecia era cismar nas tribulações que nos aguardavam. Queria prolongar o sonho; desfrutar da ilusão de que havia esperança para o nosso amor... E vivê-lo mais uma vez.

— Kelda...? — interpelou-me estupefacto quando deslizei e tornei a sentar-me sobre o seu ventre. Depois, soltou uma gargalhada e exclamou: — És mesmo insaciável!

— Estás a queixar-te? — ripostei em acesa provocação, cravando-lhe os dedos no peito. Apreciei a suavidade da pele que se inflamava sob o meu toque e a firmeza dos músculos que se retesavam de antecipação. O riso inebriado do príncipe aliou-se à resposta pronta do seu corpo e fez-me jubilar. Sentia-me magnífica, tão sedutora como uma deusa, quando as estrelas do seu olhar fulguravam só para mim! Sem delongas, afundei-me no seu calor e silencieei-o com beijos de mel, desejosa de lhe mostrar que aprendera com distinção tudo o que ele acabara de me ensinar.

Prestes, Lysander delirava, enredado na minha sofreguidão. Eu não demorara a descobrir como fazê-lo gemer e estremecer... E as manhas secretas que o obrigavam a bradar e a suplicar pelo meu ardor. Arrebatada, controlei cada impulso da nossa paixão, enquanto

a minha essência buscava a sua. Encontrei-a mais do que disposta a acolher-me. A minha luz envolveu a sua luz... A sua obscuridade entranhou-se na minha obscuridade... E as nossas energias fundiram-se como se jamais pudessem ser dissociadas, comprovando a força imensurável do amor que nos unia.

Mais uma vez, senti o êxtase fulminar-me. O deleite do príncipe da Gente Bela uniu-se ao meu, como se dois rios de lava transbordassem no meu cerne. As vagas de prazer sucederam-se, indomáveis, assoladoras. Nesse instante de perfeita exaltação, explodi e dissolvi-me. Fui fogo e água nos braços de Lysander... Humana e feiticeira... Simplesmente mulher.

A cada passo que encurtava a distância que nos separava da aldeia, as minhas entranhas enodavam-se e o coração comprimia-se. Lysander sentia o mesmo, pois o seu silêncio tornara-se sombrio. Caminhávamos de mãos dadas, mas a iminência da separação pesava nos nossos espíritos. Decidir o que fazer no retorno ao povoado fora doloroso. Porém, apesar de contrariado, o príncipe concordara em guardar segredo sobre a nossa união, pelo menos por alguns dias. Divulgá-la iria distrair Steinarr e os demais da urgência de colocar o *drakkar* dentro de água. Fingir que nada acontecera facilitaria tudo... E dar-me-ia tempo para recuperar o controlo das emoções. Eu permitira-me viver o sonho do nosso amor por uma noite. Agora, devia enfrentar a crua realidade.

Não obstante todas as resoluções, estacámos ao divisar as casas por entre os troncos das árvores. Lysander ficou-se à minha frente e fitou-me com uma intensidade quase assustadora. Depois, apertou-me as mãos contra o seu peito e murmurou, rouco de emoção:

— Há dias recusaste a minha proposta, mas o que partilhámos hoje devolveu-me a esperança... Sei o que combinámos, mas nada nos impede de nos casarmos durante a viagem para a Ilha dos Penhascos! Conceder-me-ás a honra de te tornares minha mulher a

bordo do *drakkar*, sob a bênção do rei Steinarr, Kelda da Montanha Sagrada?

De súbito, a pulseira que ele tecera com tanto carinho e que eu rejeitara com uma crueldade implacável surgia entre os seus dedos, pela segunda vez, aguardando uma anuência para me envolver o pulso. Num piscar de olhos, o meu coração disparou, o sangue efervesceu, as pernas bambolearam... E uma exultação desmesurada pôs-me a tremer e a arquejar. Lysander mantinha-se prodigiosamente calmo, atendendo às circunstâncias. Desta feita, não temia a minha resposta, convicto de que o seu desejo era o mesmo que o meu... Contudo, eu não podia! Estaria a enganá-lo... A enganar-me! Então, como se escapassem à censura da razão, as palavras verteram-me dos lábios:

— Sim, Lysander... Sim!

Caí nos seus braços e entreguei-lhe os lábios, certa de que ia explodir de alegria. O herdeiro de Lyria soltou um urro vitorioso e beijou-me com paixão. Quando nos separámos para respirar, trocámos sorrisos e lágrimas, inebriados de felicidade. Depois, enquanto ele atava a pulseira em torno do meu pulso, asseverei extasiada:

— Jamais irei tirá-la... E, quando o meu corpo fenecer, levá-la-ei comigo para o outro mundo.

Lysander mergulhou no meu olhar e ripostou com uma solenidade arrepiante:

— Quando o teu corpo fenecer, hei de seguir-te, Kelda. Não permitirei que voltem a separar-nos... Nunca mais!

Ofereceu-me beijos doces, quentes, repletos de promessas maravilhosas. Estreitei-o com força e assimilei a emoção de lhe pertencer. Não podia renunciar ao acordo que firmara com as criaturas sagradas, mas haveria de desfrutar do nosso amor até exalar o último suspiro! O pérfido destino podia despojar-nos de tudo, mas jamais apagaria esta satisfação da nossa memória...

Sobressaltei-me quando Lysander recuou. Olhou em redor, como se atordoado, e fez-me sinal para que me quedasse em silêncio.

Quase de imediato, interiorizei a causa do seu alarme. Algo perturbara a harmonia da Natureza! Uma energia densa e cálida... De repente, o som de pés em fuga alcançou-me os ouvidos, confirmando que alguém estivera a espiar-nos. E, obviamente, não se tratava de um fedelho atrevido ou de um aldeão curioso, pois a sua aura exalava perversidade. Ao inferir que fora descoberto, escapulira-se para o interior da floresta, tentando escapar impune. Troquei um olhar com o meu mestre e precipitámo-nos no seu encalço.

Corri com os dentes cerrados, dividida entre a raiva e a apreensão. Com que propósito alguém se quedaria a nos observar furtivamente? Agora que os meus sentidos despertavam em alerta, sentia um desconforto gélido e cortante a percorrer-me a coluna. O intrometido debandava à nossa frente, mas eu quase jurava que outro par de olhos nos seguia... Então, enxerguei-o: alto, louro, com um vestido de palha entrançada. Uma mulher?

— Embla?

Ao escutar o meu berro indignado, a facínora tropeçou na raiz de uma árvore e estatelou-se no chão. Virou-se num rompante, tencionando levantar-se para me afrontar. Porém, estava tão atrapalhada que tornou a cair de costas. A ira desfigurava-lhe a beleza do rosto, roborizava-lhe as faces e quase projetava os olhos azuis para fora das cavidades. Fitou Lysander, que parara ao meu lado, e soltou um soluço. Depois, arrostou-me e cuspiu num estridor:

— Odeio-te... Odeio-te! Odeio-te!

Parecia dominada pela loucura. Quis avançar, mas o príncipe segurou-me o braço. Puxou-me para junto do peito e ciciou:

— Não percas tempo. Os homens já devem estar à nossa espera.

— Ela preparava-se para tramar alguma...

— Esquece, Kelda! Amanhã já não estaremos aqui.

— E a energia que paira no ar...?

— Que energia? Não sinto nada!

De facto, dissipara-se... Ou teria sido uma falsa impressão? Após outra troca de palavras, percebi que fora o som de passos que alertara o meu mestre, nada mais. Será que a imaginação me pregara uma partida? Mirei Embla com o sobrolho franzido. A jovem erguera-se e agitava os punhos para me agredir. Todavia, o som cavo que escapou da garganta de Lysander, qual rugido, fê-la vacilar... Rodou nos calcanhares e desapareceu.

Ver o *drakkar* em cima das ondas encheu-me de sentimentos contraditórios. Se, por um lado, ansiava seguir viagem, por outro, sabia que deixar esta ilha seria o primeiro passo rumo à minha perdição.

Desde que saíramos da floresta não voltara a estar com Lysander. Ele acompanhara o pai na instrução dos nativos, enquanto eu ficara na aldeia a ajudar as mulheres a preparar os alimentos que haveriam de nos sustentar nos primeiros dias. Embla nem se dignou a aparecer. A sua ausência foi notada, mas as aldeãs limitaram-se a sacudir os ombros, acostumadas a relevar os caprichos da futura soberana da ilha. A condescendência com que tratavam a jovem tirana eriçava-me os nervos. Porém, decidi que o melhor era mesmo esquecer o comportamento deplorável que ela tivera nessa manhã. Comparada com os suplícios que o futuro me reservava, a irritante Embla era uma gota de água na imensidão do mar.

Ao fim da tarde, toda a aldeia estava na praia a observar a perícia dos marinheiros. Os nativos tinham aprendido a remar, a içar e a recolher a vela. Satisfeito, Steinarr ordenou-lhes que tornassem a puxar o *drakkar* para terra, a fim de ser abastecido com os mantimentos e os utensílios necessários à viagem. Um petiz mais afoito perguntou porque é que o navio não ficava dentro de água. Acabado de chegar, Lysander explicou que os anciões previam uma tempestade para essa noite. Logo, não podiam arriscar-se a encontrar o barco desfeito contra as rochas, com a chegada da manhã. De seguida, presenteou-me com a sua atenção e elogiou:

— Fizeste um bom trabalho, Kelda! Temos bastantes provisões e remédios.

— Por acaso, duvidaste das minhas capacidades? — aticei com um sorriso, acariciando a pulseira que ele me oferecera; um gesto repetido ao longo do dia que já se tornara um hábito.

Lysander reparou e sorriu. Disfarçadamente, inclinou-se para me segredar ao ouvido:

— A minha vontade é levar-te para as Três Cascatas e amar-te até ao nascer do dia! — Ao constatar que eu sustinha o fôlego em antecipação, apressou-se a aditar: — Mas não podemos... O meu pai faz questão de reunir os seus guerreiros ao jantar e devemos marcar presença.

A conversa terminou com a chegada do rei e de alguns homens. Congeminavam sobre as dificuldades que poderíamos enfrentar durante a viagem. Deixei de ouvi-los e a minha mente preencheu-se com a lembrança de Halvard. Os dias passados nesta ilha tinham-me restabelecido, mas a realidade voltava a assomar-se mais perversa do que nunca. Fitei Lysander de soslaio, tentando refrear a apreensão... Porém, era óbvio que o sonho se esvaía.

Os anciões sabiam prever o tempo! Ventos fenomenais arremes-savam bâtegas de chuva sobre a aldeia e os trovões ribombavam com tamanho furor que estremeciam as casas. Apesar de a morada de Steinarr ser robusta, eu não conseguia tirar os olhos do teto, convicta de que a cobertura ia voar a qualquer instante. A luz dos raios esgueirava-se através das fendas das paredes, iluminando o espaço por duas batidas de coração. Depois, a escuridão tornava a reinar, assombrada pelo estridor da tormenta.

Deitada na cama de rede, distingui os gemidos dos troncos das árvores, sacudidos pelas garras impiedosas do ar. Na enseada, o mar devia estar encrespado e alteroso... Será que o *drakkar* fora puxado para uma distância segura? Como é que toda esta gente conseguia dormir, quando o mundo parecia desabar à nossa volta? Os anciões tinham asseverado que a manhã traria a bonança e o Sol estaria a

brilhar no momento de partirmos. No entanto, agoniava-me pensar que o dia poderia despontar enredado neste caos.

— Kelda, acorda...

Julguei ter ouvido mal. Porém, quando o apelo se repetiu, os meus olhos arregalaram-se de incredulidade. Alguém se encostara à parede, no exterior da casa, e chamava por mim... Alguém cuja voz eu conhecia bem! Com mil ratazanas pasmadas, o que é que Embla estava a fazer debaixo deste temporal?

— Vem aqui fora — suplicava. — Preciso da tua ajuda... Por favor!

Saltei da rede, exasperada. Ia agarrar a tresloucada por uma orelha e trazê-la para dentro de casa, para que os demais testemunhassem que não estava boa da cabeça. Qual não foi o meu espanto quando abri a porta e a filha de Fastgeirr se prostrou aos meus pés, molhada até aos ossos e pálida como um cadáver. Agarrou-se às minhas pernas e fixou-me com olhos alucinados, chorando copiosamente enquanto soluçava:

— Fiz uma coisa horrível! Só tu podes remediá-la...

— O que foi que fizeste? — indaguei, convencendo-a a levantar-se. — Entra...

— Não! Vem já ou não chegarás a tempo! — ripostou, puxando-me para a rua: — Com a tua magia podes corrigir tudo e ninguém terá de saber...

Uma lufada de vento colheu-me e a chuva açoitou-me. Mas que noite aterradora! Um passo e estava encharcada, com os pés enterrados em lama. Embla continuava a arrastar-me e a implorar, num tom que soava sinceramente aflito e compungido:

— Ajuda-me e não voltarei a portar-me mal! Estou tão arrependida! Morrerei de vergonha se alguém descobrir!

Por mais que cogitasse, não imaginava o que ela poderia ter feito de tão grave para se alvoroçar neste pavor. Contudo, o melhor era tentar resolver. No fim, talvez o susto lhe servisse de lição! Resisti ao seu ímpeto e objetei:

— Isto não é outra das tuas aleivosias, pois não? Se estiveres a enganar-me...

— Não! — assegurou. — Juro! Juro pelo espírito da minha mãe!
Ante uma exclamação tão solene, como podia insistir em questioná-la?

A tempestade fustigava-nos, enquanto corríamos através da floresta. Não obstante a chuva e o vento, o ar estava quente, sufocante, impregnado com uma energia que me causava um tremendo incómodo. Apesar da cegueira noturna e das armadilhas que a natureza estendia à nossa frente, Embla desenvencilhava-se bem e avançava depressa. Julguei que ia tomar o rumo das Três Cascatas, mas prosseguiu em direção à enseada... E, nesse instante, o meu coração sofreu um baque, enquanto o inimaginável me fulminava como um relâmpago. O *drakkar*... Não! A filha de Fastgeirr era retorcida, mas não seria capaz de perpetrar tamanha atrocidade!

O pânico deu-me asas. Deixei Embla para trás e voei até ao local onde o *drakkar* ficara, supostamente protegido do vendaval que se anunciava... Agora, a tormenta assolava a ilha, mas o navio desaparecera.

— C... Como...? — balbuciei, desorientada. Então, como se guiados pelo instinto, os meus olhos viraram-se para o mar... E deparei com o *drakkar* a vogar à deriva, quase subjugado pela violência das ondas.

Percorri a praia num fôlego, demasiado horrorizada para raciocinar. Quedei-me no meio da rebentação e lancei os braços ao ar, apelando à magia. As ondas esmagavam-se contra o meu tronco, os pés enterravam-se na areia e o suor queimava-me os olhos, mas a mente devotava-se inteiramente à salvação do navio. Senti uma ténue esperança quando o casco se susteve sobre as águas revoltas. Principiei a retroceder, tentando afastar-me da selvajaria das vagas. A madeira e o ferro estavam solidamente presos às amarras da minha vontade. Se o meu corpo recuperasse a estabilidade, seria mais fácil concentrar-me na difícil tarefa de arrastar o *drakkar* para a praia, sem correr o risco de vê-lo quebrar-se em pedaços. Estava a

conseguir... Então, quando o casco já roçava a areia, um brilho rubro acendeu-se no convés.

Cuspi o ar como se recebesse uma paulada no estômago. Que imprecação era esta? Fogo? Como era possível, se chovia torrencialmente e o barco estava ensopado? Dir-se-ia que o jorro de labaredas irrompia da própria madeira! Lancei um sopro de magia para extingui-lo... Todavia, quanto mais me empenhava, mais as chamas se animavam como se tivessem vontade própria. Num ápice, a proa do *drakkar* estava à mercê da sua sofreguidão destruidora, sem que eu fosse capaz de contrariá-las... De súbito, o horror impôs-me uma questão pungente: como é que Embla empurrara o navio para o mar? A resposta encontrava-se precisamente no incêndio que o devorava, empestando o ar com o fedor da madeira queimada... E do enxofre! Nessa manhã, eu pressentira uma energia maléfica a esgueirar-se por entre as árvores, mas não insistira em desvendá-la, julgando-me equivocada... Agora ia pagar o preço da minha incúria!

Antes que pudesse mexer um músculo, uma mortalha tecida com a cintilação escarlate e preta da magia maldita caiu sobre mim, prostrando-me na areia. Estrebuchei para me soltar, mas só consegui que as malhas da nefanda rede se apertassem ainda mais, cravando-se na carne, roubando-me a vista e paralisando-me o fôlego, ameaçando quebrar os ossos. Gritei, guinchei, rugi, mas a voz foi engolida pelo ribombar da trovoada e pelo estridor do mar. Então, a minha cabeça quase se rachou sob a violência de um impacto que me encheu a boca de sangue.

Nesse instante de terror e aturdimento, achei que alguém me batera com uma pedra. Contudo, quando o choque se repetiu no peito, na barriga e nas pernas, inferi que estava a ser massacrada por pontapés. Perdi o apoio do solo e fiquei içada no ar, enforcada pelo aperto de garras afiadas como punhais. Fiz um esforço descomunal para debelar o efeito da rede de magia negra e recuperar a visão. E, quando a névoa que me toldava o olhar se

dissipou, deparei com um rosto abominavelmente familiar a mirar-me com um sorriso vitorioso, antes de indagar:

— Tiveste saudades minhas, meu amor?

Deimos manteve as minhas costas coladas ao seu peito e um braço a rodear-me o pescoço. A rede mística que me aprisionava não afetava a sua vitalidade porque estava imersa na sua peçonha. Era formada pela energia maligna que misturava a magia negra com a magia essencial dos seres do fogo, tal como as armelas que me tinham cingido na cela de tortura do palácio dourado... Porém, extraordinariamente mais poderosa! Gota a gota, comecei a sentir a força a esvair-se, de novo impotente para enfrentar a criatura mais hedionda que conspirava a Terra: o meu irmão gémeo.

— Pois é, Kelda... — mastigava Halvard, aproximando-se e trespassando-me com o olhar. — A história da nossa vida repete-se! Eu engano-te... Tu enganas-me... Eu venço e tu perdes! Achaste realmente, por um único instante, que serias capaz de me escapar?

Não trajava como um guerreiro, mas com a imponência de um rei. Se, em tempos, fizera questão de passar despercebido, agora, era óbvio que desejava ser reconhecido como o Filho do Dragão. Ergueu a mão e deslizou-a pela minha face, numa carícia. Tornara-se tão exímio no domínio das magias nefandas que a energia da rede não o molestava. Inclusive, entranhava os dedos na cintilação escarlate e negra como se esta não existisse. Afagou-me o pescoço e desceu pelo braço. Sobressaltei-me ao recordar o presente de Lysander... E era esse o seu propósito.

Mordi um grito quando Halvard arrancou a pulseira do meu pulso. Exibiu-a diante do meu nariz, com a respiração entrecortada e o olhar esbraseado, enquanto o ódio lhe corroía as entranhas. De seguida, com uma lentidão torpe, esmagou-a entre os dedos, deixando que o vento arrebatasse os pedaços desfeitos. Observei-o em silêncio, por entre a cascata de água que tombava do céu, orando para que a loucura se apossasse da sua razão e o instigasse a matar-me... Contudo, o meu gémeo sabia que não podia ceder a

essa tentação, pois precisava de mim para cumprir o seu execrando destino. Num rompante, puxou o braço atrás e fremiu:

— Rameira! Cadela! Puta desgraçada!

A bofetada quase me roubou a consciência. A minha mente preencheu-se com uma névoa plúmbea, de onde brotavam pontos brilhantes... Então, ouvi uma gargalhada fresca e deleitada:

— Olha para ti... — escarnecia Embla. — A todo-poderosa enredada como um peixe pronto para assar na fogueira! Sempre soube que eras ridícula, Kelda... Todavia, não imaginava que fosses tão estúpida! Só tive de choramingar um bocadinho para cáíres na minha conversa!

Halvard desviou-se para que eu pudesse fixá-la. A filha de Fastgeirr fora cúmplice do inimigo... Com mil ratazanas petrificadas, as evidências tinham-me entrado pelos olhos; apenas me recusara a vê-las! E a minha persistente ingenuidade resultara nesta catástrofe! Há quanto tempo estaria a traidora a colaborar com os invasores? Não muito... Provavelmente, Halvard só chegara à ilha nessa manhã. Presenciara a nossa disputa e, ao invés de me atacar de imediato, divertira-se a desfrutar de um jogo perverso. Convencer Embla a cumprir a sua vontade devia ter sido tão fácil como estalar os dedos. Aquela cabeça de estrume nem estava sob o efeito de um sortilégio! Antes regozijava por me ver sofrer, longe de imaginar as consequências da sua estultice. Perante a sua satisfação, esqueci a resolução de ficar calada e acusei, chocada:

— Tu juraste pelo espírito da tua mãe!

— A minha mãe está morta e vai continuar morta! — desdenhou a aleivosa. — Eu estou viva... E, finalmente, vou sair desta ilha detestável para desfrutar do conforto que mereço!

— Não fazes ideia do sarilho em que te meteste... — volvi amargamente.

— Sarilho? — objetou a infeliz com uma gargalhada. E estreitou Halvard, extasiada. — És tão lerda que metes nojo! Eu vou ser a rainha do rei Dragão e governar a Terra! Apaixonámo-nos assim que os nossos olhos se cruzaram... Não é verdade, meu amor?

O meu irmão obsequiou-a com um dos seus sorrisos encantadores e condescendeu, jocoso:

— Sim, minha flor esplendorosa! És tão linda... Como posso resistir-te?

Beijou-a com tamanha edacidade que Embla se derreteu nos seus braços. O riso cavo de Deimos ecoou por cima da minha cabeça. O chifrudo sabia o que ia acontecer. Eu também! Só a desassisada estava longe de adivinhar a sua desdita.

Sem romper o beijo, Halvard fixou o olhar em mim... E, de imediato, começou a devorar a essência da presa. Num instante, a jovem suspirava de paixão; no seguinte, debatia-se assolada pela dor. O ribombar da tempestade sufocou os seus berros de aflição, quando a mão do predador se enterrou no seu peito, inflamada com o ardor da magia negra, rasgando carne e quebrando ossos.

Apesar de tudo, a agonia da filha de Fastgeirr foi breve. Visivelmente deleitado com o meu terror, Halvard arrojou o cadáver para a areia e exibiu o coração palpitante. Depois, levou-o aos lábios e tragou o sangue quente. O néctar da vida de Embla escorreu-lhe pelo queixo e manchou-lhe o tecido rico das vestes. Por fim, saltou sobre mim e esmagou-me o coração contra a boca, ordenando:

— Bebe! Aceita quem és e acaba com o teu tormento!

Fui incapaz de conter o vómito. Cuspi fel e sangue, enquanto o meu irmão cascalhava. Não desistiu de desfazer a massa mole contra os meus lábios, até quase me asfixiar. Cravou-me os dedos nas faces e obrigou-me a encará-lo, fremindo de raiva:

— Isto é um pequeno exemplo do que está para vir. A partir deste momento, farás tudo o que eu mandar... E com um sorriso nos lábios! Pelas escamas do dragão, hei de ver-te a rastejar aos meus pés enquanto suplicas pelo meu amor, maldita!

Enfrentei o olhar de chamas com um olhar de gelo, rangi os dentes e retruquei:

— Jamais vencerás...

O seu rosto desceu até unir as nossas testas. Só então devolveu, num gorgolejo minaz:

— Eu já venci, minha amada!

Num rompante, resgatou-me às garras do monstro e lançou-me sobre um ombro.

— Começa, Deimos — determinou. — E que o fogo queime devagar, para que eles tenham a ilusão de que podem extingui-lo.

Dito isto, desceu rumo ao mar. Prostrada sobre as suas costas, eu nada via além de areia e chuva. No entanto, apercebia-me do cheiro a enxofre... Halvard tencionava reduzir a Ilha dos Carvalhos a cinzas! Quando a aldeia despertasse, julgaria que o incêndio que consumia a floresta fora causado pelos relâmpagos e tentaria combatê-lo. Lysander estaria tão aflito à minha procura que, provavelmente, se alhearia da tarefa... Quando, enfim, se confrontasse com a verdade, seria tarde de mais.

CAPÍTULO 27

Sentia o tempo a deslizar pela pele, quais serpentes escamudas que arranhavam e feriam a cada movimento. Claridade. Trevas. Luz. Obscuridade. Dia. Noite. Dia...

Desde que me aprisionara, Halvard não tornara a dirigir-me a palavra. Abandonáramos a Ilha dos Carvalhos num bote e, indiferente à veemência da tempestade, a sua magia conduziu-nos até ao navio que nos aguardava em alto-mar. Assim que subíramos a bordo, despejara-me no porão e desaparecera. E, quando o meu horror se mitigara o suficiente para me permitir respirar, constatara que não estava só.

Erebus quedava-se aos meus pés, subjogado por armelas forjadas com a mesma essência nefanda que compunha a rede que me imobilizava. Após ver-me desfazer correntes de magia negra, Halvard não correria riscos e imiscuíra a peçonha de Deimos em tudo o que usava para nos prostrar. Como o meu primo não possuía uma energia abençoada a nutrir-lhe a essência, as armelas tinham consumido os seus recursos físicos e místicos, acabando por lhe usurpar a razão. Eu não podia indagar sobre o que lhe acontecera, mas era fácil adivinhar: o Filho do Dragão não se deixara embair e inferira que só podia ter sido o seu *decisor* a patrocinar a minha fuga.

Graças à luz que recebia dos meus avós, a rede era incapaz de me roubar o discernimento. Todavia, apesar de me manter consciente, eu pouco mais conseguia fazer além de piscar os olhos. Podia mergulhar dentro de mim, escudar a essência e acumular vigor... No entanto, já sabia o que aconteceria se tentasse debelar o malefício de Deimos. Não obstante, o facto de Halvard ignorar que eu conservava a razão talvez se revelasse uma vantagem! Assim sendo, decidi fingir que sucumbira ao malefício. Eventualmente, ele haveria de me libertar da rede. Só então eu poderia dar bom uso à magia que, entretanto, armazenaria.

Sempre que o sono me arrebatava, era assombrada por pesadelos. Via a aldeia de Steinarr a ser devorada pelo fogo de Deimos e os nativos a debandarem em pânico através da floresta. Despertar era um alívio efêmero. Tentava mexer-me e a precariedade da minha condição dilacerava-me. O sonho lindo que vivera fora arrasado! Será que Lysander se salvara?

Por vezes, sentia-me enlouquecer. Então, fixava Erebus e inspirava um fôlego de coragem. Jurara ao meu primo que ele haveria de visitar a Floresta de Lyria e desfrutar da sua energia restauradora. Devia continuar a lutar para cumprir essa promessa! O Filho do Dragão confiava que seria capaz de quebrar o meu espírito e, quando eu estivesse despojada de esperança, não me restaria outra opção senão segui-lo... Enganava-se! Esta provação iria fortalecer-me ainda mais! Só pararia de combatê-lo quando a última centelha de luz se apagasse na minha essência.

O tempo divertia-se a atormentar-me. Será que passara uma semana? Um mês? Halvard só podia estar a caminho da Ilha dos Sonhos... E tinha de lá chegar antes do solstício de verão! Noite. Dia. Trevas. Luz... Quando a Noite Branca se impusesse e o Filho do Dragão me obrigasse a caminhar ao seu lado, eu haveria de abraçá-lo sim... Mas para arrastá-lo até aos confins do submundo, onde fruiria da satisfação de vê-lo penar por todo o mal que infligira durante a sua miserável existência.

O navio ancorou. Deimos desceu ao porão e carregou-me, qual fardo incómodo, vituperando e praguejando, convicto de que a minha razão já se esvaíra. Mal saímos para o convés, senti o calor do sol e reconheci os odores que pairavam no ar... Estávamos no arquipélago da Ilha dos Sonhos! Espreitei por entre as pestanas, tentando orientar-me. Porém, só divisei vultos sebosos, madeira encharcada e mar. Cerrei os olhos quando o monstro saltou para um bote, temendo que descobrisse que eu estava desperta. Halvard bradou ordens por cima das nossas cabeças, mas não nos acompanhou.

O bote foi arrastado para terra firme. Escutei o ruído de pés a enterrarem-se na areia e um tumulto de vozes. Deimos lançou-me sobre um ombro e levou-me para uma cabana. A habitação era ampla e estava ricamente mobilada com o espólio das conquistas do Filho do Dragão. Decerto Halvard mandara construí-la para ter um lugar confortável onde repousar, enquanto esperava a chegada da Noite Branca. Fui arrojada para cima de uma cama e quedei-me com o fôlego suspenso, incapaz de adivinhar a iniciativa seguinte da besta. Tive de lutar contra o pânico, ao sentir as suas manípulas caírem sobre mim. Contudo, limitou-se a desfazer a rede, soltando um enxurro de rosnados incompreensíveis. Quando eu já pensava que a sorte ia bafejar-me, prendeu-me os pulsos com a mesma magia nefanda. Por fim, saiu e bateu com a porta.

Aguardei para me certificar de que estava só, antes de ousar abrir os olhos. Surpreendi-me num quarto com uma janela que acolhia os raios de sol, deitada numa cama digna de um rei, sobre uma colcha de seda vermelha. Havia também duas arcas de roupa e uma mesa com dois bancos. Sem dúvida, o aposento fora preparado para duas pessoas! Ao interiorizar o facto, o medo fulminou-me. E ainda não me refizera do susto quando a porta se tornou a abrir.

Dois homens entraram com uma tina e pousaram-na junto à cama. Três escravas seguiram-nos, trazendo jarros. O perfume de óleos exóticos fez-me cócegas no nariz. Rangi os dentes, tentando domar a respiração. Com mil ratazanas eriçadas, como superar esta vicissitude sem levantar suspeitas? Restava-me fingir que estava inanimada.

Os homens saíram e a atenção das mulheres fixou-se em mim. Sem me tirarem da cama, despiram-me, lavaram-me e limpam-me com desvelo, servindo-se de toalhas, com imenso cuidado para não tocarem nas armelas de magia negra. Sempre que lhes roçavam acidentalmente, guinchos ecoavam seguidos de soluços de pranto. Cobriram-me o peito com um corpete branco, que ataram com cordões, e enfiaram-me numa saia comprida e leve, da mesma cor,

como se eu fosse uma noiva de primavera. Terminavam de me arranjar os cabelos quando Halvard fez a sua aparição.

— Saí! — ordenou, gelando-me por dentro.

Engoli o terror enquanto o ouvia deslizar em meu redor. Se o convencesse de que estava privada da razão, haveria de me deixar em paz... Puro engano! Estava em apuros! O infame sentou-se na cama, inclinou-se sobre mim e sussurrou, num misto de ira e pesar:

— Sonhei tanto com este momento, Kelda! Tu e eu, prestes a cumprirmos o nosso destino... Porque tinhas de estragar tudo com a tua obstinação? Por pouco não chegava a tempo de te impedir de casares com aquele miserável... Felizmente, nada está perdido! A minha raiva já se apaziguou e podemos reconstruir a nossa felicidade.

Então, amparou-me como se eu lhe inspirasse grandes cuidados. Qual não foi o meu horror quando senti que me suspendia os braços e os amarrava à cabeceira da cama. Deste modo, afastava as armelas nefandas da frente do corpo, deixando-me estendida, à sua mercê. Sem pressa, ficou a adejar sobre mim, torcendo os caracóis negros entre os dedos. Depois, acariciou-me as faces... E o seu bafo abrasou-me a pele! Ia beijar-me! Descontrolada pelo pânico, abri os olhos e arrotei-o, quase me engasgando ao rugir:

— Ousa tocar-me, seu ascoroso, e quero ver como te salvarás da peçonha de Mazin, sem a ajuda de Erebus!

Halvard pulou para fora da cama, com um grunhido que denunciava o susto que eu lhe pregara. Fitou-me com os olhos arregalados e a respirar aos arrancos, enquanto recuperava do assombro. Por fim, a sua expressão deformou-se de raiva. Agitou os punhos e fremiu:

— Como foi que te mantiveste desperta? O poder de Aranwen não é tão forte que prevaleça sobre o malefício que te impus! — Certo de que não obteria resposta, continuou numa voz que se adulterava a cada fôlego: — Ao menos aproveitaste para refletir sobre as tuas falhas? É óbvio que não... Ou não terias tido coragem de me ameaçar! Sequer imaginas os danos que me infligiste? O quanto me

fizeste sofrer? Tens muito que me explicar, Kelda... Mas vais começar por contar como te apossaste do segredo de Mazin!

— Pergunta a Sigarr — ripostei, incapaz de segurar a língua. — Ah, é verdade! Esqueci-me de que não podes... porque o mataste, seu monstro!

— Cala-te! — berrou. Começou a marchar pelo quarto, bufando e estrondeando: — Por mais oportunidades que te dê de te redimires, insistes em desfeitear-me... Pois chega! Chega!

Acometeu para a cama e deu um esticão na colcha, rasgando uma tira longa e larga de seda. De seguida, amordaçou-me com tal violência que me cortou os lábios e testou a solidez dos maxilares, ao mesmo tempo que ribombava, alucinado:

— Queres tornar a envenenar-me com a peçonha de Mazin? Pois desafio-te... Morde-me, cadela! Morde-me!

Continuou a aqular-me, cravando-me os dedos nas faces e puxando-me os cabelos. A tira de seda enterrara-se na carne, enchendo-me a boca de sangue e provocando-me vômitos. Todavia, o meu suplício mal começara! A cada urro que acompanhava a violência insana de Halvard, a sua excitação pululava: enrubescia-lhe a pele e inflamava-lhe o olhar. De novo, esquecia-se de que era meu irmão e dispunha-se a violar-me! Desfez as próprias vestes num frenesim, afastou-me a saia e distendeu-me as pernas. Depois, caiu sobre mim e varou-me o olhar, roncando triunfante, pronto para consumir a sordidez.

Ciente de que nada tinha a perder, fixei-o com ardor... E, num impulso, baixei as defesas da razão e escancarei as portas da consciência. Perplexo, Halvard viu o verde-floresta do meu olhar dissipar-se e foi incapaz de evitar o mergulho nas minhas recordações. Determinada, fundi as nossas mentes e enredei-o na minha vontade. Sem hesitar, impus-lhe a imagem de um céu noturno repleto de estrelas, envolto no som mavioso das Três Cascatas... E o sabor doce da saliva do príncipe da Gente Bela. A sensação arrebatadora do seu corpo másculo a cobrir o meu. O calor! O gozo! O delírio! A

satisfação da carne e a perfeita fusão das essências! O êxtase que Lysander e eu partilháramos, fruto do nosso amor...

Assolado pelo choque, o meu gémeo debateu-se em agonia, tentando livrar-se da visão que o subjugara. Recuou com um ganido lancinante e tombou no chão, tal a urgência de se afastar de mim. Pressionou a cabeça entre as mãos, berrou e escabujou num desvario. Quando se ergueu, estava irreconhecível, com o corpo a tremer, os olhos em chamas e a boca a espumar fel. Quedou-se por momentos, a mirar-me da cabeça aos pés... Depois, deitou a mão à espada e investiu, com uma expressão que não deixava dúvidas quanto ao seu propósito. O ódio que o transtornava era tão veemente que o fazia esquecer a profecia... Eu conseguira o que queria!

A certeza de que ia morrer inundou-me de alívio. Vi o Filho do Dragão agitar o braço, a lâmina a descer... Então, o solo começou a tremer como se um gigante tivesse arrancado a ilha do mar e a sacudisse num frenesim! O meu corpo deslizou sobre a colcha, ao mesmo tempo que o chão fugia debaixo dos pés de Halvard. Desequilibrado, cravou a espada a um palmo das minhas costelas e estatelou-se contra a cama.

Durante o que me pareceu uma eternidade, a terra continuou a espinotear. O barulho era ensurdecedor, como se mil demónios roncassem em coro. Por toda a parte, a madeira estalava e fendia-se, a mobília tombava, os adornos estilhaçavam-se... Porém, tão bruscamente como se iniciara, o caos findou.

Aos poucos, fui tomando consciência de gritos e gemidos no exterior... E do vagido penado que ecoava junto à cama. Halvard estava a chorar! Tentei virar a cabeça, mas não fui capaz. De súbito, a porta abriu-se e Deimos surgiu, galopando ao encontro do seu senhor. Todavia, foi recebido com um rugido atroador:

— Sai daqui! Sai!

O demónio bufou e agitou os cornos, mas acabou por obedecer. E o silêncio inundou o quarto... Voltei a sentir o sabor a sangue. Porém, a dormência infligida pelas armelas impedia que a dor me

alcançasse a consciência. Inerte e vulnerável, aguardei o próximo ataque do meu irmão. Ouvia-o respirar... E respirar... Por fim susteve-se, resgatou a espada e partiu sem dizer uma palavra.

O solo estremeceu mais três vezes antes de o dia se finar. Uma das réplicas foi quase tão forte como aquela que me salvara a vida... Ou, melhor dizendo, aquela que adiara a minha morte e prolongara o meu sofrimento. O pavor de que Halvard regressasse não se concretizou. Durante a noite, a ilha sofreu novos abalos, leves mas perceptíveis. A natureza revoltava-se contra a destruição das energias que, durante milénios, tinham nutrido o arquipélago. Os avisos eram claros... Porém, o Homem escolhia ignorá-los, embrenhado nos seus desígnios.

Cedi ao cansaço e acordei sobressaltada quando a luz da manhã já se esgueirava pela janela. Em meu redor, nada se alterara. Halvard continuou sem aparecer e ninguém veio verificar a minha condição. Permaneci atada à cama, torcida como uma rodilha, apenas capaz de mexer os olhos. Fora do quarto, a confusão extremava-se. Pela vozearia, depreendi que os generais do Exército do Dragão, acampados em diferentes ilhas do arquipélago, vinham prestar contas ao seu senhor. Um deles trazia uma oferta valiosa... Uma mulher!

Angustiei-me ao congeminar quem seria. Uma simples nativa não provocaria tamanha comoção! E se fosse a minha mãe? Ou Íris? Os guerreiros coscuvilhavam no exterior, tão alto que era impossível não escutá-los. Devorei sofregamente as informações que pude recolher. A mulher fora encontrada à beira-mar, desmaiada sobre a areia, maltratada pela rebentação. De acordo com as instruções que recebera, o general trancara-a numa «jaula mágica». Mal despertara, a prisioneira desatara a berrar ameaças. Depois, calara-se e não tornara a soltar um pio. Haveria de falar agora, pois seria o Filho do Dragão a questioná-la.

Nessa noite, houve festa. Enquanto os mercenários celebravam a reunião com o seu líder, eu continuava paralisada, com a boca

destroçada por um açaimo de seda. Fixava a janela como se, apesar de tudo, acalentasse a esperança de que alguém me viesse resgatar. Mas quem se arriscaria a invadir o ninho da mais letal das serpentes? Mesmo que a nova da minha desdita lhes chegasse aos ouvidos, os meus pais e Thorson não ousariam tanto, cientes de que a sorte da Terra pendia das suas mãos. Vivo ou morto, Lysander estava a mares de distância. E, algures neste antro, Erebus partilhava da minha triste sina. Quaisquer que fossem as tribulações que o pérfido destino me reservava, teria de me desenvencilhar sozinha.

Acirrada por essa ideia, concentrei-me na luz que alimentava a minha essência. Se, na cela do palácio dourado, eu bloqueara a mente para armazenar a energia que recebia dos meus avós, aqui não me atrevia a ceder ao esquecimento, receosa de um novo assalto de Halvard... No entanto, talvez não precisasse de fazê-lo! Estava imensamente mais forte, graças ao poder de Aranwen. Tentaria manter-me consciente e, em simultâneo, reunir a magia na essência. Só teria de me tranquilizar e concentrar-me. O processo seria lento... Mas era exequível!

Antes de o dia nascer, o solo voltou a tremer. Foi um abalo fraco, insuficiente para alarmar os homens e afastá-los da pândega. No exterior, alguém apelou à calma: o Filho do Dragão já explicara que estes incidentes mais não eram do que a confirmação de que a Terra se preparava para reconhecê-lo como um deus. Eu sustinha-me num torpor, praticamente alheia a tudo, animada pela minha nova resolução... Porém, a energia que arrecadara quase se exauriu num fôlego sobressaltado quando Halvard invadiu o quarto.

Semicerrei os olhos e controlei-me. Só reagiria se a minha integridade fosse ameaçada. Por entre a névoa que me distorcia a perceção, constatei que o meu irmão arrastava alguém consigo. Nem tentou aferir se eu estava a dormir, se me rendera ao malefício ou se, simplesmente, o ignorava. Manteve a atenção na sua vítima e obrigou-a a encarar-me, fremindo:

— Estás a vê-la? Acreditas agora? Kelda é a única coisa que estimo neste mundo... Se fui capaz de sujeitá-la para que me obedeça, imagina o que farei contigo! Decides-te a falar? Ou queres que te proporcione uma viagem ao mais caliginoso dos teus pesadelos?

Então, a prisioneira gritou o meu nome, numa voz rouca de aflição... Era Oriana.

Oriana estava viva! E à mercê de Halvard! Isso ditava a ruína de todos os planos de defesa da Ilha dos Penhascos! Esses pensamentos flagelaram-me incessantemente, ao longo de mais um dia interminável. Tentei escutar algo que revelasse o que estava a acontecer, mas foi em vão. Os festejos da noite anterior ainda inflamavam o ânimo dos homens e, entre urros e gargalhadas, só sobravam disparates.

As escravas vieram cuidar de mim. Retiraram-me a mordaca, limparam-me as feridas e deram-me um caldo a beber. Questionei-as acerca de Oriana e de Erebus, mas não abriram a boca. Acabei por desistir, ciente de que uma palavra lhes custaria a vida. Então, à medida que as trevas se impunham, o alvoroço que sempre agitava a cabana cessou, como se a própria ilha retivesse o fôlego... E o Filho do Dragão começou a interrogar a Sacerdotisa dos Penhascos.

Durante o dia, eu mastigara o receio de que a mulher que me encarcerara na Gruta das Vozes Ancestrais pudesse firmar um acordo de conveniência com o Filho do Dragão, através do qual venderia o sangue do seu povo pela promessa de um punhado de riquezas. Todavia, contra tudo o que seria previsível, Oriana não parecia disposta a ceder às exigências do meu irmão. E ele não tardou a perder a paciência. Às perguntas sucederam-se os berros... E as agressões! Fui incapaz de conter um soluço. Como é que Halvard tinha coragem...? Oriana estava grávida! Ou será que já não estava? Teria perdido a criança? Ou esta já nascera?

Senti a cabeça a estalar de horror e confusão. Halvard rugia e massacrava Oriana. Ela gritava e chorava. Ele indagava, uma e outra

vez, sobre os planos de Viquingues e Aliados para combater o seu exército. A soberana da Ilha dos Penhascos voltava a carpir... Porém, não cedia uma resposta! Porquê? Um prodígio começava a assomar-se: a mulher que resistia à flagelação e se recusava a colaborar com o Filho do Dragão não era a mesma que tentara matar-me!

Mais uivos e prantos, bramidos de fúria e gemidos de dor... E uma dúvida que me cobria de estranheza. Porque é que Halvard não devassava a mente de Oriana para lhe subtrair as informações que desejava? Então, uma ideia cortou-me o ar. Se, ao assimilar a minha magia, Lysander herdara a capacidade de escudar a razão, o mesmo podia ter ocorrido com Oriana! A confirmar-se esse prodígio, o Filho do Dragão tornava a deparar-se com alguém que resistia ao seu ímpeto profanador... Por isso se exasperava!

O interrogatório arrastou-se através da noite. Contudo, apesar de brutalmente torturada, a Sacerdotisa não cedeu. Será que as provações que, entretanto, vivera lhe haviam despertado a consciência? Ter-se-ia arrependido das atrocidades que perpetrara? Estaria mesmo disposta a desafiar o Filho do Dragão para salvar o nosso povo? Por fim, um estrondo monumental, um ronco iracundo, um brado arrepiante... e um silêncio aterrador. Agonizei, temendo que Oriana estivesse morta. Então, inesperadamente, Halvard acometeu pelo quarto e quedou-se diante de mim, coberto de sangue e a espumar, qual cão raivoso, aulindo numa irrupção de loucura:

— A culpa é toda tua! Traidora! Como pudeste permitir que aquele bastardo te tocasse?

O pavor estrangulou-me quando saltou para a cama e cravou as mãos nos meus ombros, sacudindo-me como se desejasse quebrar-me os ossos, enquanto grunhia alucinado:

— O que é que eu faço agora? Diz-me, maldita! Como posso apaziguar este fogo que me consome? Preciso de sentir o teu corpo junto ao meu... Mas nem consigo olhar para ti, depois de te ter visto a ganhar nos braços daquele miserável! Metes-me nojo! Nojo!

Arrojou-me contra a cabeceira e pulou para o chão. Ante o meu olhar arregalado, saiu tão tempestuosamente como entrara... E o caos reiniciou-se no outro lado da cabana.

Os gritos martirizados da Sacerdotisa misturaram-se com os urros desvairados do Filho do Dragão. Horripilada, percebi que ele estava a violá-la... Fechei os olhos e as lágrimas escorreram-me pelo rosto. Isto era demasiado grotesco! Se continuasse consciente, iria enlouquecer! Por isso, decidi apagar a mente. Sofria por Oriana... No entanto, tinha de me concentrar na luz da minha essência e preparar-me para enfrentar a Noite Branca. Só assim evitaria que mais inocentes perecessem sob o jugo do meu irmão.

De vez em quando, o som do pranto de Oriana esgueirava-se por entre as tábuas. No entanto, não tentou chamar por mim. Mantive-me fiel à minha resolução; totalmente empenhada em avigorar-me, enquanto aguardava por uma nova e inevitável investida de Halvard.

O meu irmão desapareceu durante dois dias. Ouvi os homens comentarem que o tinham visto mergulhar no mar com um punhal entre os dentes. Também escutei o estrondo das patas de Deimos, marchando para trás e para a frente, mais impaciente e irascível do que nunca. As oscilações de humor de Halvard enfureciam-no... No entanto, mantinha-se atento ao objetivo que partilhavam. No fim, apesar de abominável, o rei do Povo do Fogo estava a lutar pelos interesses da sua raça. Isso era muito mais do que se podia dizer acerca do meu gémeo.

A manhã do terceiro dia trouxe revelações assombrosas. O Filho do Dragão regressou e foi recebido com júbilo pelo seu exército. Carregava a cabeça de um *Sentinela* e reclamava ter matado mais de vinte. O magnífico troféu foi exposto para que os guerreiros se extaciassem com a coragem e a determinação do líder. Pensar que Halvard podia ter superado as defesas da Ilha dos Penhascos, invadido o templo e assassinado os nossos pais, deixou-me apavorada. Contudo, se tal tivesse ocorrido, ele não teria pejo em

vangloriar-se. Como não o fez, aquietei-me, convicta de que apenas se lançara nessa caçada temerária para esfriar o ânimo.

Recebi outra visita das escravas. Após cuidarem de mim, trouxeram um cadeirão. O pavor corroeu-me, certa de que o meu irmão não tardaria... Só surgiu ao cair da noite, com uma altivez que me fez trincar a língua para calar o ódio. Qual seria o seu objetivo? Apelar à minha amizade por Oriana para, através de uma ameaça à sua vida, tentar quebrar a minha vontade?

Apreensiva, vi Halvard sentar-se no cadeirão, envolto pela penumbra. E assim ficou durante bastante tempo, a mirar-me com um olhar intenso, mergulhado no mais profundo silêncio... Então, num rompante, ergueu-se e saiu. Mal me permitira respirar quando os gritos atormentados de Oriana começaram a estrondear pela casa. Não houve interrogatório; o celerado limitou-se a estuprá-la. Depois, a cabana tombou numa quietude mórbida que me esmagou o coração.

No dia seguinte, os guerreiros reuniram-se com o líder e treinaram com afinco. Quando a luz já se desvanecia, o Filho do Dragão sujeitou a Sacerdotisa a nova interpelação. Ela recusou-se a responder e, mais uma vez, a tortura terminou em violação. Pouco depois, Halvard entrava no meu quarto, totalmente nu, a cambalear como se embriagado, exibindo na pele os testemunhos da sua vilania. Tornou a afundar-se no cadeirão a coberto das sombras, fixando-me como se nada mais existisse. Quis refrear-me, mas acabei por abrir a boca para amaldiçoá-lo. Porém, ele adiantou-se. Calou-me com um gesto brusco e asseverou, cavo e ferino:

— Diz uma só palavra e a rameira morre!

Engoli os protestos como lâminas e tive de me resignar a quedar-me indefesa sob a ameaça ardente do seu olhar. Então, como no dia anterior, o meu gémeo levantou-se num arranco e desapareceu.

Esse desvario horrído transformou-se num ritual. Por mais de uma semana, Halvard quase não dormiu. Deixava o meu quarto com a noite avançada e, ainda o Sol não nascera, já estava a treinar os guerreiros. Ao cair das trevas, investia contra Oriana. Depois, vinha

até mim, repleto de sangue, suor e sémen, e sentava-se a observar cada um dos meus fôlegos. Enfim, outra bolha de loucura devia estalar dentro da sua cabeça; era quando partia.

Numa dessas noites tenebrosas, enquanto eu enfrentava o afogo de ser esmiuçada pelo olhar alienado do Filho do Dragão, Deimos entrou no quarto, carregando as roupas e as armas do seu senhor. Halvard saltou do cadeirão como se picado por uma lança e ribombou, iracundo:

— Não te avisei de que não quero ser incomodado quando estou com Kelda?

— Os Viquingues estão a chegar — ripostou o demónio secamente.

O meu gémeo empederniu-se. Contudo, após um instante, como se atordoado, deitou a cabeça para trás e desatou às gargalhadas.

— Finalmente! — festejou, aceitando as roupas que o laçao estendia. — Vai! Eu não tardo.

Vestiu-se num ápice. Depois, aproximou-se da cama e esticou a mão para me acariciar os caracóis. O meu coração sofreu um baque ao vê-lo empunhar o punhal do *jarl* Throst. Com um movimento rápido, cortou-me uma madeixa de cabelo, levou-a ao nariz e inspirou profundamente. Após guardá-la, encarou-me. Sorriu e murmurou com uma ternura enlevada:

— Não te inquietes por mim, meu amor! Juro que regressarei em breve... Com a cabeça do rei Ivarr para te oferecer! Este dia marcará o início da nossa ascensão. Após a realização da profecia, o passado será esquecido. As nossas feridas ficarão saradas e voltaremos a estar juntos, sem receios nem rancores, unidos por toda a eternidade como sempre sonhámos.

E abalou, deixando-me a definhar de agonia.

Dia e noite. Noite e dia. Amaldiçoei os dias. Execrei as noites. As escravas deixaram de aparecer. Também nada ouvia que me indicasse que Oriana estava viva. Noite e dia... Dia e noite... Os meus braços ficaram roxos. A língua secou e colou-se ao céu da

boca. Respirar tornou-se um suplício. A dormência imposta pelas armelas estava a ser substituída por dores excruciantes... E isso acontecia porque eu começava a ter noção do corpo! Gota a gota, a luz que alimentava a minha essência estava a debelar o domínio da magia negra. Por isso, suportei o sofrimento com constância, orando para que todo este sacrifício não fosse em vão.

No exterior da minha prisão, a guerra eclodira com uma violência esmagadora. Os homens que se tinham quedado na ilha eram poucos e de poucas palavras, por isso raramente escutava algo esclarecedor. No entanto, apercebi-me de que o tio Ivarr viera preparado para fazer frente ao meu irmão. Ao longo dos anos, fora consolidando alianças com vizinhos de valor que hoje combatiam ao seu lado, cientes da necessidade de destruir o Exército do Dragão. E se, em outras contendas, o rei Cyrus da Gente Bela se recusara a colaborar, agora não tinha outra opção senão ajudar-nos, pois esta era a luta que determinaria a sobrevivência ou a extinção do seu povo.

Ao avançar contra os inimigos, Halvard não imaginara deparar-se com uma resistência tão feroz. O modo como se despedira de mim provava-o! Sem a mente sagaz de Sigarr para guiá-lo e o acerto dos conselhos de Erebus, a sua soberba pesava a nosso favor. Porém, eu sabia que ele se encontrava em grande vantagem quanto ao número de homens, navios e recursos. Além disso, tinha o poder de Celsus a alimentar-lhe a essência e o fogo letal de Deimos ao seu dispor. Se, no momento decisivo, os Feiticeiros lhe oferecessem apoio, por mais valorosos e resolutos que Viquingues e Aliados pudessem ser, estariam condenados à derrota.

A ofensiva perdurou, com os dois exércitos a medirem forças nas águas do arquipélago — navio contra navio, avançando e recuando ao sabor das marés; guerreiro contra guerreiro, batendo-se pelo domínio das ilhas que rodeavam os alvos desta disputa: a Ilha dos Penhascos, controlada pelo meu povo, e a Ilha dos Sonhos, invadida pelo Filho do Dragão. Eu cogitava na selvajaria dos combates e sofria com cada vida que Halvard reclamava. Decerto as águas

estavam tingidas de sangue e as praias repletas de cadáveres... Por vezes, o barulho era tão ensurdecedor que me alcançava os ouvidos: o ranger dos barcos fundia-se com os gritos dos homens e o estridor do ferro das armas. E, enquanto o caos da guerra medrava, a Natureza como que se calara em protesto, numa quietude sinistra que acabou por me espertar a atenção.

No exterior da cabana, não se escutava um pio de um pássaro nem o vento a brincar com as folhas das árvores. Até os insetos pareciam ter debandado! A terra não voltara a estremecer, mas a sua tranquilidade assomava-se funesta e traiçoeira. O ar também estava estranho, denso, quente, agressivo mesmo. Se eu ignorasse o tumulto causado pelos homens, os dias ficavam preenchidos com um vazio arrepiante, onde apenas subsistiam luz e trevas. Questionei-me sobre essa estranha impressão; talvez não passasse de um delírio da minha mente transtornada! No entanto, o instinto garantia-me que algo estava errado... Todavia, ninguém mais haveria de tomar consciência do facto, tão incendiados que estavam pelo furor da contenda.

Os feridos começaram a chegar às dezenas, perturbando com berros de dor a infausta calma da ilha que o Filho do Dragão escolhera para seu reduto. E se, durante dias, eu definhara de angústia perante a incerteza dos resultados da guerra, de repente as revelações sucediam-se, tão cruzadas e atabalhoadas que a minha mente tinha dificuldade em decifrá-las.

Dessa enorme confusão de conversas entrelaçadas, retive que a frota de *drakkars* estivera em apuros, prestes a ser abalroada pelos assassinos ao serviço de Halvard. Todavia, no instante crucial, os «feiticeiros» da Ilha dos Penhascos — obviamente os meus pais, Thorson e Trygve — tinham interferido para proteger os Viquingues. Em pouco tempo, o domínio das forças alterara-se. Se o Filho do Dragão não tivesse ripostado com a sua magia superior, o pânico teria assolado e desfeito a linha avançada do seu exército.

— Amanhã esmagaremos esses miseráveis! — estrondeou uma voz que me eriçou os cabelos. — Nem vão perceber o que lhes caiu em cima...

Halvard regressara! Irrompeu pelo quarto, com o rosto deformado pela ira e o olhar em chamas, frustrado por não poder clamar vitória. Trazia as roupas chamuscadas, o que indiciava que o seu barco também fora atacado. E não era só... A sua trança estava desfeita e ensopada em sangue. O mesmo sucedia com o colete de couro, que ostentava um corte profundo sobre o peito. Fiquei sem ar, tal a estupefação. Alguém alcançara o Filho do Dragão... Alguém que, decerto, estava morto! Porém, o facto de o meu gémeo ter sentido o frio de uma lâmina era um prodígio extraordinário e confirmava o valor e a coragem dos adversários que enfrentava.

A minha expressão propalou o que me ia na mente, pois Halvard estacou e cerrou os punhos, cuspiendo furibundo:

— Fui até aos confins do submundo e voltei por tua causa! Combati os nossos inimigos, de dia e de noite, para te manter a salvo... E tu recebes-me com esse olhar? Diz-me, Kelda, ficas mais feliz por me ver ferido...? Ou por saberes que o trono viquingue perdeu o seu herdeiro?

Ulfvaldr...? Não! Não podia ser!

— Uma coisa admito... — prosseguiu o execrável. — O lobito tinha pelo na venta! Consegui nadar até ao meu barco a coberto da bruma. E, sem que ninguém o visse, subiu a bordo e apareceu à minha frente, qual assombração. A sua destreza surpreendeu-me... Mas não me impressionou! Por esta altura, os peixes já devem ter devorado a sua real carcaça.

Rangi os dentes e engoli as lágrimas. Ulfvaldr ficaria dececionado se eu fraquejasse diante de Halvard por sua causa. Ao invés, devia assegurar-me de que o seu sacrifício não fora em vão.

— Estás com péssimo aspeto! — desdenhou, inferindo que eu não me dignaria a altercar. — Porque te sujeitas a tamanhos tormentos, quando poderias desfrutar das regalias de uma rainha? Agora mesmo estarias a receber-me de braços abertos, ansiosa para que te

contasse os pormenores dos duros combates que travei para libertar a Terra dos nossos inimigos. Pelo contrário, obrigas-me a magoar-te para te resguardar da tua estultice.

Dito isso, aproximou-se da cama e abeirou-se de mim, com cuidado, para não correr o risco de ficar ao alcance dos meus dentes. Sabia que as armelas me impediam de mexer, mas temia que eu conseguisse empestá-lo novamente com o malefício de decadência, do mesmo modo que fora capaz de conservar a razão. Arrostei-o com os olhos bem abertos, num desafio inflamado de ódio. Porém, o alienado fingiu não reparar no meu despeito e entreteve-se a afagar-me os cabelos. Por fim, recolheu a mão e murmurou, como se enrouquecido pela comoção:

— Sê paciente, meu amor! Esta será a última noite em que teremos de suportar as limitações desta existência. Amanhã, a magia ditará a nossa união... Para sempre, Kelda! Para sempre! Agora, descansa... Ficarei ao teu lado para te mimar e proteger, por isso podes dormir em paz.

Deslizou pela cama, abraçou-se às minhas pernas e ficou-se inerte. Em menos de nada, estava a rressonar. Só então tomei consciência da claridade que perturbava a bruma noturna, desvendada pela janela. A Lua crescia no céu... O meu destino acometia contra mim! E, esgotados todos os subterfúgios para contrariá-lo, restava-me enfrentá-lo de cabeça erguida.

Fingi estar a dormir quando Halvard saiu do quarto ao romper da manhã. A berraria que o aguardava lá fora, causada pelo regresso do general a quem confiara a ofensiva durante a sua ausência, deixou-me na expectativa de que o tio Ivarr tivesse sido capaz de superar o ímpeto sanguinário do Exército do Dragão. Porém, as novas eram inquietantes.

Durante a noite, o rei viquingue apelara ao maior fôlego dos seus guerreiros para avançar até à Ilha dos Penhascos. Enquanto os *drakkars* lutavam para manter os navios de Halvard à distância, botes carregados com mulheres e crianças tinham percorrido a

passagem guardada pelos *Sentinelas*. A angústia cravou garras no meu peito, enquanto me debatia com a confusão. Porque é que Trygve tomara a iniciativa de evacuar a ilha, quando ela era o único lugar capaz de lhes garantir segurança? O meu irmão providenciou-me a resposta ao desabafar com Deimos:

— O ignóbil previu que eu tencionava aproveitar a inércia dos *Sentinelas* para tomar a ilha...

Engoli em seco ante o seu engenho. Era sabido que a aura do solstício de verão inibia o ataque dos *Sentinelas* e permitia aos habitantes da Ilha dos Penhascos navegarem através da passagem, a fim de festejarem a Festa da Renovação na Ilha Mãe. Pois se, durante esse tempo, os nativos podiam sair incólumes da ilha, os invasores também haveriam de lá entrar!

Em consequência, a razão da iniciativa do meu gêmeo destringava-se. Após cumprir a profecia, a sua essência exigiria a assimilação de uma quantidade colossal de vida. E se essa vida estivesse impregnada com energia mística, melhor! Neste momento, a Ilha dos Penhascos albergava alguns dos entes de sangue mágico mais poderosos da Terra. Um ataque surpresa faria com que a ilha deixasse de garantir proteção e se transformasse numa armadilha letal. Não haveria para onde fugir... Halvard teria os pais, Thorson e Trygve à sua mercê, assim como as videntes do templo e os druidas que viviam na montanha. Depois de os matar, não existiria ninguém suficientemente poderoso para desafiá-lo. O exército viquingue acabaria esmagado... E a ascensão do Filho do Dragão seria festejada sobre os cadáveres dos seus contraditores.

— Quão nobre é esse Sacerdote! — escarneceu, denunciando a frustração. — Dispor-se a sacrificar dezenas de guerreiros para salvar um punhado de fedelhos e de rameiras...

— Aqueles que querias capturar decerto também fugiram — lembrou Deimos.

— Fizeram-me um favor! — retrucou o meu irmão, acerbo, incapaz de admitir a contrariedade. — Será mais fácil caçar os coelhos fora da toca! Assim, quando tudo terminar, terás mais carne

tenra à disposição e os nossos guerreiros festejarão a vitória entre as pernas das nativas...

— Vais desistir de conquistar a ilha? — insistiu o chifrudo, como se tal representasse uma afronta para a reputação do Filho do Dragão. Então, Halvard soltou uma risada pérfida e volveu:

— Agora que os meus estimados pais debandaram, esse calhau não encerra interesse... Vou reduzi-lo a cinzas, para que não volte a providenciar abrigo aos meus inimigos! Estás incumbido disso, Deimos. Reúne os melhores arqueiros e põe o teu fogo nas suas setas. A floresta da Ilha dos Penhascos há de arder e arrastar as labaredas até aos confins do tempo.

O monstro soltou um dos seus grunhidos de entusiasmo, agrado com o novo plano. E Halvard prosseguiu:

— Partiremos com a mudança da maré. Os Guardiães hão de reunir-se aos Viquingues e atacar em força, para tentar impedir-me de desembarcar na Ilha dos Sonhos. Por isso, a frota que aguarda ao largo do arquipélago também deve avançar, a fim de cobrir a tua retirada e assegurar a nossa supremacia. — Fez uma pausa, como se remoesse, e a sua voz tornou-se mais grave ao firmar: — Não te esqueças de lembrar os generais de que os Guardiães e Thorson devem ser capturados vivos... Quando a Noite Branca findar, quero regalar-me com as suas essências.

CAPÍTULO 28

— Recordai-vos de que a minha glória é a vossa glória... Quando a manhã despontar, todas as riquezas do mundo estarão nas vossas mãos!

Assim terminou o discurso com que o Filho do Dragão acirrou o ânimo dos seus guerreiros para a derradeira batalha. Um clamor de ovação ribombou qual trovão. Depois, o estrondo de milhares de pés a correrem sobre a areia indicou-me que os homens se precipitavam para os navios. Quando achou que mais ninguém o escutava, para além do rei do Povo do Fogo, o meu gémeo mastigou, num tom inflamado pela mais funesta das ânsias:

— O revés da evacuação da Ilha dos Penhascos não irá protelar a consolidação do poder do Guardiã da Montanha na minha essência. Se não contar com as vidas dos nativos para acelerar a assimilação do Conhecimento Absoluto, consumirei a vitalidade desses imbecis...

— E, de novo, assumiu o tom de comando: — Estás pronto, Deimos? Irás atrair as atenções para os navios, de modo a que Ivarr e os meus pais acreditem que estou contigo. Mal alcance a Ilha dos Sonhos, subirei a Montanha da Magia e ficarei a aguardar por ti junto às Pedras do Mundo.

O chifrudo roncou a sua anuência e, enfim, *executor* e *protetor* separaram-se. O demónio embarcou e o Filho do Dragão entrou na cabana em busca da «chave» que lhe permitiria concretizar a profecia.

Antes de sair para falar aos guerreiros, o meu irmão já me tinha amordaçado e reforçado as armelas de magia negra, para se assegurar de que eu não seria capaz de me insurgir. Deteve-se junto à cama a observar as minhas faces coradas, os caracóis pretos espalhados sobre a pele alva, os seios que a respiração ofegosa empurrava para fora do corpete, as pernas reveladas pela saia descomposta... Eu toda de branco. Ele todo de negro. Halvard devia ter imaginado este momento, vezes sem conta! Agora, não obstante

as vicissitudes que enfrentara, tentava recriá-lo de modo a estabelecer uma correspondência perfeita com a sua visão doentia. Abriu a boca como se fosse declarar algo profundo. Todavia, reprimiu-se e enunciou apenas:

— Falta pouco, Kelda. Pensa no quanto eu te amo e a espera há de tornar-se menos dolorosa.

Se não estivesse amordaçada, ter-lhe-ia cuspidido para a cara. Rangi os dentes para refrear o ódio, ciente de que devia continuar a ocultar a energia que acumulara na essência, até ele me livrar das armelas. Eventualmente, seria obrigado a fazê-lo.

Sem mais delongas, carregou-me para fora da cabana. Tentei divisar o que sucedia à minha volta, mas só vi folhas pisadas, terra revolvida e suja, botas sebatas, os seixos da beira-mar e as ondas a embalarem os botes que conduziam os guerreiros aos navios. O odor da maresia misturava-se com o fedor do suor e da urina, mas também com outro cheiro que fui incapaz de identificar... E foi esse cheiro que me revirou as tripas. Engoli com força para conter a náusea quando Halvard me deitou na areia. Afastou-se um pouco e gritou ordens para os marinheiros. Por entre o seu clamor, apercebi-me de um gemido... Fiz um esforço para virar a cabeça e o meu coração sobressaltou-se ao deparar com Oriana, estendida ao meu lado.

O corpo nu da Sacerdotisa encontrava-se coberto de feridas e de contusões, resultantes da tortura que sofrera. Era fácil constatar que tinha vários ossos partidos, os olhos roxos de tão inchados... E o seu nariz estava esmagado, a boca desfeita, os dentes quebrados. Horrorizei-me ainda mais ao verificar que o seu ventre fora cindido; depois cosido com linha grosseira, sem o menor desvelo. Parte dos pontos acabara rasgada pela brutalidade do meu irmão e a carne pendia, macerada. Se não fosse pela excelência da sua magia, estaria a apodrecer! Lágrimas ensanguentadas escorriam-lhe pelo rosto enquanto me fitava. Apesar das armelas de magia negra que lhe cingiam os pulsos, mexeu os lábios para arquejar:

— Lamento... A culpa é minha... Se te tivesse apoiado... — Soluçou e tossiu um muco preto. Lutou para se manter consciente, mas conseguiu continuar: — Não contei nada... Não traí o meu povo...

Fixei o seu ventre, tentando que me entendesse. E Oriana gorgolejou:

— Levaram-no... Mataram-no... Diz a Lysander... que...

Que...? Que??? Os seus olhos reviraram-se. A Sacerdotisa desmaiou sem esclarecer a minha agonia! Porém, no fim, o que é que isso importava? O bebé estava morto; Lysander estava morto... E, em breve, Oriana e eu também estaríamos mortas! Com mil ratazanas moribundas, não podia ceder à comoção! Mal Halvard me libertasse, devia estar apta a sufocar a mulher que vivia dentro de mim e ser apenas feiticeira.

Um sibilo estrangulado fez-me aguçar ainda mais o olhar e a minha respiração acelerou ao ver Erebus. Trajava apenas umas calças e exibia marcas de tortura recente. No entanto, as armelas malignas que o aprisionavam já não continham a peçonha de Deimos. Ao confirmar que despertara a minha atenção, reuniu alento para ciciar:

— Aguentar, prima! Halvard não vencer... Ritual precisar palavras *decisor*. Erebus não falar! Kelda usar magia luz... Prostrar Halvard! Kelda ouvir? Prometer Erebus... Prometer!

O último silvo soou tão alto que temi que alcançasse os ouvidos do meu irmão. Pisquei os olhos compulsivamente, em concordância. Erebus deu-se por satisfeito, vagiu e murmurou:

— Calor ser anormal, ar pesado, silêncio mau... Natureza estar zangada!

Ele partilhava da estranheza que me apoquentava. Há dias que não se sentia um sopro de vento... Existiam milhares de aves marinhas neste arquipélago, mas não se vislumbrava uma no céu perturbadoramente azul! Apenas uma enorme Lua, redonda e branca... A claridade estava longe de se desvanecer, mas a rainha das trevas fazia questão de anunciar ao mundo que esta seria a sua noite de glória.

Não houve tempo para mais congeminações, pois Halvard regressou. Pegou-me ao colo e levou-me para dentro de um bote. Deitou-me no fundo e, pouco depois, Erebus e Oriana faziam-me companhia. Dez homens da guarda de elite do Filho do Dragão arrastaram o barco para dentro de água e, logo, este deslizava discretamente por entre os majestosos navios da frota, rumo ao seu destino. Dei-me conta dos olhares atravessados dos guerreiros, mas ignorei-os. Para eles, a minha traição não fora uma surpresa. Mesmo quando lutara ao seu lado, nunca tinham confiado em mim... E com razão! Porém, não obstante a sua argúcia, eram incapazes de prever a fatalidade que os aguardava: o líder que veneravam planeava matá-los a todos.

A magia deste arquipélago ditava que, na noite do solstício de verão, os Sacerdotes dos Penhascos celebrassem a Festa da Renovação na Ilha Mãe, sob o testemunho das Pedras do Mundo. Porém, esta noite, não eram os rituais sagrados do povo nativo que a Lua e as estrelas se preparavam para testemunhar, mas a concretização da profecia do Filho do Dragão.

Enfim compreendi porque, nos últimos tempos, ao contrário do que era seu hábito, o meu irmão se alardeava com as mais faustosas vestes. Hoje, Halvard trajava como um guerreiro comum e era um dos seus generais mais terríficos que ostentava a capa de pelo rubro como fogo, oferecida pela Ilha Sagrada. Esse guerreiro mantinha-se ao lado de Deimos no comando do navio do Filho do Dragão, durante a ofensiva à frota viquingue. Com este ardil, Halvard expectava ludibriar os seus inimigos. O principal objetivo dos meus pais e do tio Ivarr era impedi-lo de chegar à Ilha dos Sonhos... Logo, empenhavam-se na caça ao homem da majestosa capa, enquanto o meu gémeo se esgueirava em segurança por debaixo dos seus narizes.

E dir-se-ia indubitável que a sorte insistia em conduzir Halvard pela mão! As minhas tripas retorceram-se quando o meu irmão conseguiu a proeza de pisar a Ilha dos Sonhos, sem sofrer

contrariedade. Silenciosos e esquivos como a sombra da morte, os seus guerreiros carregaram Erebus e Oriana, enquanto ele me transportava sobre o ombro. Escalada a enegrecida Montanha da Magia, engoli em seco perante a visão imponente das Pedras do Mundo. Na última vez que aqui estivera, a sua aura cintilante envolvera-me e abençoara-me, enquanto eu assimilava o poder de Aranwen. Porém, agora pareciam despojadas de essência, como se de meros rochedos se tratassem... Do mesmo modo que a esperança e a alegria tinham sido arrancadas do meu coração.

Oriana e Erebus foram arrojados para o chão. Muito atencioso, Halvard sentou-me apoiada contra uma pedra, à beira do declive, para acompanhá-lo na observação da batalha. À nossa frente, erguia-se a inexpugnável Ilha dos Penhascos... Todavia, era igualmente possível avistar outras ilhas e confirmar a devastação que a guerra lhes infligira. As praias estavam pejudadas de corpos em decomposição, que ressaltavam à percepção como pontos coloridos. Já no mar, tive finalmente noção das forças colossais que se defrontavam. Era impossível contar quantos barcos existiam de cada lado da contenda, pois estes formavam um amontoado maciço de madeira que encobria a água. Entre os seus cascos, uma infinidade de destroços deslocava-se ao sabor das correntes: tábuas quebradas, escudos partidos, cadáveres mutilados e retalhos dos panos das velas.

Guerrear neste arquipélago era bravatear nas fuças da morte. A maioria dos caminhos marítimos que ligavam as ilhas ocultava armadilhas letais. A coberto das águas, mesmo durante a maré alta, rochas aguçadas como lâminas dilaceravam o mais robusto dos navios, com a mesma facilidade com que uma espada deceparia um ramo verde. Aqueles que conseguiam escapar-lhes ainda tinham de enfrentar as correntes implacáveis que deslizavam por entre as linhas da costa e se divertiam a arremessar contra os rochedos tudo o que as ondas arrebatavam. Fora o meu avô Throst quem traçara uma rota que permitia a navegação segura no interior desse labirinto intrincado. Mesmo de olhos fechados, a tia Thora seria capaz de

conduzir os seus *drakkars* através dele... O mesmo já não sucedia com Halvard! Por isso, muitos dos seus barcos haviam naufragado enquanto tentavam cercar a frota viquingue. Agora, as suas carcaças elevavam-se açoitadas pelas vagas, assinalando os percursos proibidos. Não obstante, era provável que, no calor da batalha, mais navios se desgarrassem e sofressem o mesmo fim.

Neste momento, sob o nosso olhar, os *drakkars* travavam aquele que podia ser o derradeiro confronto com o Exército do Dragão. O rei Ivarr empenhara-se em reclamar o controlo sobre as águas que ligavam a Ilha dos Sonhos à Ilha dos Penhascos, não só para afastar os mercenários da passagem que os *Sentinelas* tinham deixado desprotegida, mas também para impedir que Halvard pisasse a praia que lhe garantiria acesso ao Altar do Mundo. Por algum tempo, os Viquingues haviam resistido valorosamente... Porém, tal como lhe fora ordenado, o general que assumira a identidade do meu irmão cumprira o seu disfarce na perfeição e, com Deimos ao lado, opusera-lhes um ataque arrasador. Além disso, os reforços que haveriam de assegurar a vitória de Halvard tinham acabado de chegar.

Convocada pelo ressoar arrepiante das trompas, a frota do Exército do Dragão que aguardava a sul do arquipélago avançava agora contra os *drakkars*, obrigando-os a recuar. O estrondo dos barcos que se chocavam na aflitiva confusão preenchia o ar, abafando os berros dos homens. Alguns guerreiros remavam à ré, enquanto os companheiros repeliam com os escudos, as espadas, as lanças e os machados, os mercenários que tentavam saltar sobre as amuradas. Felizmente, quando tudo me parecia perdido, uma chuva de setas proveniente dos *drakkars* mais afastados desencorajou a perseguição do inimigo. A tia Thora era uma arqueira exímia e, com o passar dos anos, aguçara a destreza daqueles que combatiam sob as suas ordens. Sustive a respiração ao ver dezenas de mercenários tombarem... Todavia, ao meu lado, Halvard gargalhou:

— Imbecis! Ainda não perceberam que falharam? Já nada me pode impedir de cumprir o meu destino! Talvez precisem de ver que

eu já estou com um pé sobre o Altar do Mundo e que tu estás comigo, a apoiar-me incondicionalmente, para se convencerem de quão inútil e ridícula é a sua resistência... O que me dizes, Kelda? Vem! Quero que todos os olhares se fixem em nós. Mostremos ao mundo a imensurável excelência de Halvard, o Filho do Dragão!

Içou-me contra o seu corpo, virada para o mar, e exibiu-me como se eu fosse o seu estandarte de vitória. A luz do dia principiava a desvanecer-se, mas era impossível não nos avistar sob as sombras das Pedras do Mundo, mesmo do interior do mais afastado dos navios. Ainda assim, para garantir que nenhuma atenção lhe escapava, Halvard ordenou a um dos guerreiros que nos acompanhava que soprasse a corneta que carregava ao pescoço.

Num ápice, a batalha ficou suspensa num fôlego doloroso. Os mercenários viraram-se para aplaudir o seu senhor e os viquingues arregalaram os olhos, engolindo a espinhosa revelação de que o seu esforço fora vão. O Filho do Dragão enganara-os! Já chegara à Ilha dos Sonhos... E Kelda da Montanha Sagrada encontrava-se ao seu lado! O que estariam os meus pais a pensar? Conseguiriam lóbrigar-me amarrada e amordaçada? Ou, mais uma vez, escolheriam acreditar que a filha era uma traidora?

— Estás a vê-los, Kelda? — escarneceu Halvard. — Toda a Terra se curva diante de nós, deslumbrada com a nossa majestade! É tempo de mostrarmos aos nossos inimigos o que acontece àqueles que se recusam a aceitar a supremacia do Filho do Dragão.

Outro sinal e a corneta troou duas vezes. De imediato, dezenas de chamas acenderam-se num dos navios do Exército do Dragão que conquistara uma posição estratégica junto à costa da Ilha dos Penhascos — o navio de Halvard. Fui percorrida por um calafrio. Sabia que era o fogo de Deimos que incendiava as pontas das flechas que os arqueiros se preparavam para disparar.

Apesar da distância, o urro do monstro gelou-me. As setas rasgaram o ar, subindo e subindo, desenhando um aro vermelho com uma cauda negra contra o azul do céu. Prendi o fôlego, ciente de que não existiam arqueiros exímios no Exército do Dragão. E a

minha expectativa consumou-se! Mais de metade das flechas chocaram contra a barreira rochosa que resguardava a ilha e acabaram por cair no mar; poucas foram as que alcançaram o objetivo.

Halvard praguejou e deixou-me tombar, qual boneca de trapos. Rodou sobre si próprio e espezinhou o chão num acesso de fúria. Entrementes, uma algazarra estalou no interior dos *drakkars*. Eu não precisava de vê-los para adivinhar que os Viquingues se torciam a rir perante a ineficácia do inimigo. Obviamente eram gargalhadas vãs! Contudo, casquinar nas ventas da morte fazia parte da sua natureza.

No lado oposto, Deimos tornou a grunhir. E uma nova chuva de flechas incendiadas fustigou a Ilha dos Penhascos. Desta feita, mais transpuseram a barreira das fragas. Halvard urrou de satisfação e os seus guerreiros também festejaram.

— De novo! — fremiu o meu irmão. E, como se estivessem a ouvi-lo, os arqueiros de Deimos fizeram pontaria pela terceira vez. As setas flamejantes voaram para lá dos rochedos onde, em tempos, existira uma floresta deslumbrante... Em tempos, pois Edwin McGraw previra o assalto do neto e derrubara as árvores, a fim de garantir que o fogo místico não encontraria alimento para medrar e espalhar-se através da ilha. Eu só esperava que o meu avô tivesse conseguido escavar o fosso! Com um pingo de sorte, neste momento, as chamas do demónio estavam a agonizar sobre terra estéril e montes de pedras... Alheio às minhas cogitações, Halvard ufanou-se:

— Não tarda, avistaremos as primeiras labaredas!

Apanhou-me do chão e voltou a sentar-me, para que eu não perdesse pitada do espetáculo que preparara. Todavia, não foram labaredas que surgiram no topo da penedia, mas formas humanas vestidas com trajes verdes, cabelos longos como capas e arcos em punho... Afinal, os botes que haviam percorrido a passagem não tinham apenas evacuado o Povo dos Penhascos! O príncipe Galinn da Gente Bela aproveitara o ensejo para introduzir os seus

guerreiros na ilha, de onde tinham uma vista privilegiada sobre o cenário da batalha.

O Povo da Terra estava bem treinado na arte da guerra, mas o confronto direto não era o seu forte, especialmente contra adversários robustos como os mercenários. Em compensação, dominavam o tiro com arco. As suas flechas não possuíam a malignidade do bafo de Deimos, mas cada uma reconhecia o seu alvo de antemão. O chifrudo estava ciente do facto, pois começou a debandar mal os viu, deixando o general da capa rubra para trás. Galopou com todo o ímpeto e pulou sobre a amurada do seu navio, aterrando no barco mais próximo. Sem parar, continuou qual raio, aproveitando a proximidade da frota para saltar de convés para convés, quase como se voasse, por entre a multidão estupefacta de guerreiros. Sabia perfeitamente que a maior parte dos arqueiros da Gente Bela o tinha marcado.

— Pelos bofes do dragão... — mastigou Halvard, atónito. — Como é possível...? — E desatou a bradar: — Apressa-te, Deimos! Preciso de ti aqui! Não te atrevas a ser atingido...

Um sibilo nas nossas costas calou-lhe a voz. Desta feita era Erebus que troçava do seu malogro. De imediato, o primo acometeu e castigou-o com pontapés.

Os arqueiros do príncipe Galinn dispararam a um tempo. O céu vestiu-se de cinzento, enquanto as flechas cortavam o ar. Formaram um aro curto, antes de tombarem a pique sobre o inimigo. As primeiras ainda não tinham alcançado os barcos já as segundas eram lançadas.

O meu irmão passou por mim e ficou-se no limite da montanha, fixando a sua frota com os olhos arregalados. Respirava aos arrancos e tinha as faces tão rubras que dir-se-iam prestes a explodir. As flechas da Gente Bela atingiram o objetivo e os mercenários berraram de agonia. Extasiei-me por vê-los tombar como moscas. A esta distância, o general da capa rubra parecia uma almofada cravejada de alfinetes! Em simultâneo, um clamor de júbilo retumbou do interior dos *drakkars*...

— Porque não apelaís à magia para proteger os nossos, senhor?
— indagou inesperadamente um dos guerreiros que nos escoltavam, rouco de indignação. Acompanhara Halvard em muitas batalhas e vira-o erguer escudos de energia para defender o exército de ataques como este, por isso estranhava a sua inação. Porém, interrogar o Filho do Dragão neste instante revelava fraca inteligência. O meu gémeo rodou nos calcanhares... Ouvi-o desembainhar a espada e rugir:

— Porque necessito de toda a minha magia para realizar o ritual, seu imbecil!

Escutei o impacto de um corpo no solo, mas só percebi o que efetivamente acontecera quando a cabeça do guerreiro passou a rebolar, despenhando-se pela encosta, impulsionada por um pontapé. Halvard já roncava:

— Mais alguém deseja questionar-me?

Ninguém respondeu. O Sol principiava a esconder-se. A Lua agigantava-se no céu. Os meus olhos fixaram-se em Deimos. O chifrudo já percorrera metade da linha de barcos, com uma chuvada ininterrupta de flechas a arranhar-lhe a pele. Os seus recursos chegavam ao fim... Como pensava alcançar a praia da Ilha dos Sonhos? Não podia saltar para um bote e remar!

Matem-no... Matem-no!, orei com todo o ardor. Se o demónio fosse atingido, este pesadelo terminaria de imediato.

Dentro dos navios atacados, os mercenários organizavam-se, escondendo-se debaixo dos escudos e dos cadáveres dos companheiros. Ainda assim, bastava que um escorregasse para que uma brecha se abrisse e dois ou três tombassem. Os barcos que se tinham lançado em perseguição dos *drakkars* quedavam-se fora do alcance dos arqueiros do Povo da Terra. O seu objetivo era afastar os Viquingues da Ilha dos Sonhos e, aparentemente, não teriam dificuldade em fazê-lo, pois a mancha que formavam sobre o mar era três vezes superior à dos seus émulos.

De súbito, voltei a tomar consciência do cheiro desagradável que pairava no ar. Assemelhava-se ao bafo de um demónio, mas era

ainda mais intenso. Será que, afinal, as flechas incendiadas com o fogo de Deimos estavam a causar estragos na Ilha dos Penhascos? Fixei Halvard para aferir se ele se apercebera de algo. No entanto, toda a sua atenção era para Deimos.

— Mexe-te! — bramia por entre pragas. — Mexe-te!

O monstro chegou ao último barco... E lançou-se ao mar, perseguido por dezenas de setas. Mais e mais trespassaram a água. A Gente Bela sabia que o nosso destino se resolveria com a morte do demónio, por isso não desistia de caçá-lo. Trinquei a mordaga, esperando ver os abomináveis cornos a sulcarem a água... Porém, Deimos não emergiu. O meu irmão cuspiu uma saraivada de improperios. Depois, desatou a correr pela encosta estéril da montanha, ordenando para os guerreiros da escolta:

— Que ninguém toque nos prisioneiros!

Se a situação não fosse tão terrificante, seria digna de uma gargalhada! O Filho do Dragão quisera sentar-se no topo do mundo a assistir à agonia dos seus inimigos. No fim, era forçado a mergulhar no caos da batalha para acudir ao seu *protetor*. Eu só podia imaginar a extensão da sua ira... E expectar que este imprevisto implicasse uma reviravolta em meu favor. Fixei o olhar na linha de *drakkars* e supliquei mentalmente:

«Por favor, que alguém desembarque na praia! Têm de nos salvar... Têm de nos salvar agora!»

Então, como se me tivessem escutado, os Viquingues clamaram a uma só voz e os remos dos *drakkars* rasgaram a água. Não obstante a sua colossal desvantagem, carregavam sobre o inimigo com uma veemência aterradora. No topo da Ilha dos Penhascos, os arqueiros da Gente Bela continuavam a atirar com eficácia sob as ordens do príncipe Galinn. Apesar de o Sol estar a decair no horizonte, a noite não travaria a batalha. As sombras tinham-se alterado, mas quase parecia dia. A Lua Cheia dominava o céu, fulgurando com um esplendor que encandeava. Mesmo os guerreiros humanos não teriam dificuldade em enxergar.

Será que Halvard já alcançara a praia? Não conseguia vê-lo... De repente, o cheiro pestilento voltou a invadir-me o nariz, ardeu-me dentro dos pulmões e provocou-me um vômito. Tornara-se impossível ignorá-lo! Não era impressão; era bem real! Qual seria a sua causa? Adviria das energias que se fundiam para concretizar a maldição da Noite Branca? O dia fora excepcionalmente quente e a bruma deveria proporcionar algum frescor. Ao invés, dir-se-ia que o calor aumentava a cada sopro, até me cobrir a pele de suor. No entanto, parecia que mais ninguém estava a ser apoquentado pelo mesmo desconforto. Dimanaria este da minha condição?

No mar, as duas frotas chocavam-se. Os *drakkars* abalroavam os barcos do Exército do Dragão e obrigavam os mercenários a empunhar as suas armas. O estridor do confronto foi crescendo até os gritos inflamados dos guerreiros, o embate do ferro e o estalar da madeira ribombarem, atoadores. De novo procurei pelo meu irmão, mas fui incapaz de lhe encontrar o rasto.

Entrementes, sob a proteção da Ilha dos Penhascos, os arqueiros do príncipe Galinn já tinham prostrado centenas de mercenários. Sem ninguém a bordo capaz de segurar os remos, alguns navios eram apanhados pelas correntes e vogavam à deriva, chocando uns contra os outros. A Gente Bela podia agora alterar a sua posição e deslocar-se para os penedos mais a norte, de onde alcançariam o flanco traseiro da frota inimiga. Tal providenciaria uma preciosa ajuda aos Viquingues e salvaria muitas vidas. A determinada altura, ouvi-os clamar e percebi que gesticulavam. Abismada, constatei que recuavam e desapareciam... Será que Galinn tivera a mesma ideia que eu? Ou os meus receios de que as setas incendiadas por Deimos tivessem achado alimento confirmavam-se? Pisquei os olhos, assolada pela confusão. Ia jurar que vira uma nuvem de fumo a libertar-se da ilha... Ou seria um efeito da luz estranha que perseverava, à medida que o Sol se punha?

Sobre as águas, os Viquingues nem se aperceberam de que tinham perdido o apoio dos seus aliados, tal o furor com que brandiam as espadas e agitavam os machados. Fogos eclodiam nos

conveses e consumiam os mastros, de ambos os lados da contenda. Nas minhas costas, a escolta de guerreiros estranhava o sumiço do líder. Os comentários sucediam-se. A cabeça de Deimos não aparecera à tona de água... Será que...?

— Mas que pestilência é esta? — indagou subitamente um dos guardas.

O homem ao seu lado farejou o ar e motejou, despertando gargalhadas:

— Foi o Assir que se peidou!

O companheiro em questão ripostou com um vitupério cascudo, mas não lhe prestei atenção. Já não era a única que sentia o cheiro nauseabundo... Abruptamente, o riso dos guerreiros foi substituído por interjeições de assombro. Colunas de fumo denso brotavam do interior da Ilha dos Penhascos e elevavam-se rumo ao céu.

— O que é aquilo? — alguém perguntou.

— Será o fogo das nossas flechas a queimar a floresta? — sugeriu outro.

«Não... Não é isso!», pensei angustiada, pois já afastara tal possibilidade. Contudo, o que mais podia ser? Algo terrível, para justificar a debandada da Gente Bela... De repente, apercebi-me de uma espécie de formigueiro sob as pernas. Alheios ao facto, os guerreiros continuavam a pasmar-se com as nuvens de fumo cada vez mais maciço. E, no mar, o confronto que opunha os Viquingues aos mercenários do Sul tornava-se caótico e sangrento. Os guerreiros saltavam de navio para navio, desferindo golpes mortais à direita e à esquerda, numa amálgama indecifrável de cabeças, braços, escudos, espadas... O seu clamor ressoava, qual trovoadas, enquanto os corpos tombavam nos conveses, galgavam as amuradas e despenhavam-se no mar já carregado de cadáveres. Ao longe, assemelhavam-se a pragas de vermes a estrebuchar sobre tábuas. Nenhum, de entre eles, tomou consciência do que sucedia no cerne dos penhascos... Então, a terra começou a tremer.

As minhas entranhas enodaram-se ao sentir os espasmos do solo. Porém, tudo terminou num estalar de dedos. Sobre as águas, os

exércitos continuaram a combater como se nada tivesse acontecido... E a terra voltou a convulsar! Um soluço e deteve-se... Para, de novo, se sacudir com maior brusquidão... E parar, como se estivesse a troçar de nós! Alguns guerreiros da escolta soltaram interjeições de espanto, outros praguejaram, outros cederam ao riso, denunciando o quão nervosos estavam. À minha frente, o cume da Ilha dos Penhascos acabara de desaparecer, engolido pelo fumo. Não tive tempo para me horrorizar, pois, mais uma vez, o solo desatou a espintear... E, desta feita, com uma veemência atroz! Comecei a escorregar sobre a rocha, rumo ao declive, sem alento para me segurar e incapaz de gritar por ajuda.

— Prima! — sibilou Erebus aflito, despertando as atenções.

— Agarrem-na! — alguém bradou. — Se ela cair, ele arranca-nos as tripas!

No derradeiro instante, mãos fortes impediram-me de rebolar pela encosta. Um homem içou-me para a clareira que sustentava as Pedras do Mundo e manteve-me cativa dos seus braços, enquanto o chão ondulava debaixo dos nossos corpos. Voltei a ver Erebus e Oriana cercados pelos guerreiros que se tinham prostrado na terra. A apreensão vincava os rostos rudes, o meu primo fixava-me com o olhar negro dilatado e Oriana chorava compulsivamente. Virei os olhos para o céu e vi a Lua a pairar sobre mim: um círculo perfeito e candente, enxertado com medalhões de prata... A mais majestosa das mortalhas.

O abalo parecia não ter fim. Cerrei os olhos... E a minha mente preencheu-se com a lembrança de um passado distante, repleto de música e de risos. Sob a luz abençoada de outra Lua Cheia, rapazes e raparigas pulavam e rodopiavam em redor das grandes fogueiras da Festa da Renovação, enquanto as Pedras do Mundo cintilavam com todo o seu esplendor místico... Então senti-o, tão real como nessa noite, a enlaçar o meu corpo e a murmurar-me ao ouvido:

«*Prometeste-me uma dança...*»

Dançáramos, ríramos, partilháramos segredos. E eu apaixonara-me... Irremediavelmente! Sabia que estava a delirar, mas recusava-

me a despertar. Mais uma vez, Lysander estreitava-me com um carinho possessivo e fixava-me, enlevado, com os olhos azuis repletos de estrelas a fulgurarem só para mim, enquanto me desafiava:

«Uma guerreira não abandona o campo de batalha.»

«Não sou uma guerreira!», revidava eu de nariz empinado, excitada com o repto. E ele volvia:

«Tu serás o que quiseres, menina-feiticeira!»

Depois, enterrou o rosto nos meus cabelos... E sussurrou, numa voz tensa mas firme, determinado a transmitir-me confiança:

«Não te entregues, Kelda. Continua a lutar! Eu estou a caminho... Jamais desistirei de ti!»

«Lys...?», gorgolejei, sobressaltada, ciente da energia quente que trespassava as minhas memórias e me arrastava de volta à realidade. Nesse lapso de tempo, oscilei entre a estupefação e o aturdimento. Como explicar o que acabara de acontecer? Será que Lysander estava vivo e tentara falar à minha mente?

O pio longo e agudo do espírito de uma águia sagrada forçou-me a abrir os olhos. Em pânico, descobri-me estendida sobre as cinzas que cobriam a Ilha dos Sonhos, prisioneira do mais nefário dos pesadelos. Não podia mexer-me e tinha uma mordalha a rasgar-me a boca. O ar estava tão quente e fétido que mal me permitia respirar. E o chão tremia... Tremia... Tremia... O estrondo horripilante que acompanhava as derrocadas destacou-se do seu fragor. E o solo fendeu-se a um braço de distância do meu nariz.

— Os pedregulhos vão ruir! — alguém bradou, num alerta aterrado.

Então, a terra sossegou. Seguiu-se um silêncio opressor... Gelada de pavor, verifiquei que o abalo derrubara algumas das Pedras do Mundo. O solo sagrado fora conspurcado; as guardiãs da magia estavam feridas... As forças malignas esfregavam as mãos e lambiam os beiços de contentamento! Por cima das nossas cabeças, o fumo exalado pelas entranhas da Ilha dos Penhascos já manchava o céu... Com mil ratazanas paralisadas, que abominação era esta?

Enfim, tomei consciência de que os sons da batalha se tinham calado. Apoquentado pela mesma dúvida, um guerreiro ergueu-se com cautela e avançou até ao declive. E o seu uivo assombrado arrepiou-me até ao âmago:

— A ilha... Aquela maldita ilha é um vulcão! E está prestes a explodir nas nossas fuças!

Prostrada dentro do círculo profanado das Pedras do Mundo, eu via apenas a gigantesca Lua a pairar sobre mim, sentia o fedor das cinzas... Mas podia imaginar o que estava a acontecer só por escutar as exclamações abismadas dos mercenários do Sul.

Fumo mais negro do que a capa da morte jorrava do cerne da Ilha dos Penhascos, vertia pelas fragas e elevava-se em direção ao céu. Centelhas ardentes fulguravam no seu interior, anunciando a iminência da catástrofe... O que iria ser da minha família e do meu povo, apanhados nesta armadilha do destino enquanto combatiam o Exército do Dragão?

No mar que rodeava as ilhas, as correntes tinham voltado a enlouquecer tal como sucedera na minha última visita ao arquipélago. Em alguns sítios, as águas sumiam, deixando os navios encalhados, com os cascos destroçados; noutras, as ondas elevavam-se descomunais, cobrindo os barcos ou arremessando-os contra os rochedos... E, após a convulsão da terra, o ar tornava a preencher-se com sons: uma amálgama estrídula e tumultuosa, na qual a ira da natureza se fundia com a fúria e o horror dos homens.

A Ilha dos Penhascos começava a emitir rosnados profundos e assobios que feriam os ouvidos. Em simultâneo, os guerreiros superavam o espanto e voltavam a empunhar as suas armas. Eu distinguia os seus brados, o esmagar dos escudos, o arranhar do ferro... Deveriam estar a debandar! Todavia perseveravam, determinados em defender as suas causas até ao último homem sucumbir: uns por paixão; outros por temor; outros, ainda, por vã ambição. Suspirei esgotada. Ninguém se salvaria para contar esta história!

— Ir iniciar! — declarou Erebus num sibilo sussurrado e arrepiante.

Perdi o ar ao constatar que a face da Lua se alterara. Uma mancha negra infiltrara-se na perfeição brilhante do seu círculo, como se uma Entidade maligna a tivesse mordido e arrancado um pedaço. Não... Na verdade, a Lua mantinha-se inteira, pois a sua auréola cintilante persistia. No entanto, as trevas medravam, invadindo-a e devorando a sua luz a cada batida de coração. Rememorei a Visão que me subjugara no deserto e os meus dentes começaram a tinir.

— Kelda sábia... — continuou o meu primo a ciciar. — Kelda forte. Ficar calma e contrariar Halvard. Erebus ajudar! Família viver. Gente boa viver. Prima viver...

Um súbito alvoroço silenciou-o. Alguém se aproximava a correr. Fiquei estonteada, suspensa na arrebatada expectativa de que os meus pais estivessem a chegar para nos resgatar. Porém, um berro inconfundível retumbou sobre o caos que assolava o mundo, destroçando toda a esperança:

— Despachem-se, imbecis! Tenho de fazer tudo sozinho?
Halvard estava de volta. E Deimos acompanhava-o.

O Filho do Dragão parecia indiferente à confusão que pululava em nosso redor. O facto de quase ter perdido o seu *protetor* no calor da batalha deixara-o iracundo. Além disso, abespinhava-se porque o tempo para a realização dos rituais exigidos pela profecia se escoava rapidamente. Mal as trevas se apoderassem da cintilação da Lua, o Dragão do Conhecimento emergiria ao encontro do guerreiro-feiticeiro predestinado a herdar o seu poder... E o meu irmão tinha de estar pronto para recebê-lo ou todos os seus planos ruiriam.

Fui carregada sobre o ombro de Halvard, pela encosta abaixo, através de um trilho que conhecia bastante bem. Deimos transportava Erebus e um dos guerreiros segurava a Sacerdotisa ao colo. Não tardei a distinguir o canto sereno do ribeiro, por entre o turbilhão de estrondos que arrepiavam a noite. E, num ápice, a

corrida desembestada ao longo da margem coberta de cinzas terminou diante da pequena cascata que ocultava a gruta para onde Korn trouxera Oriana durante a Festa da Renovação que alterara o rumo das nossas vidas.

Definitivamente, este não era um lugar de boa memória para a minha irmã de criação! Pensei que, há muito, não a ouvia gemer... Teria desmaiado? O pavor estrangulava-me ao congeminar na razão por que Halvard a arrastara connosco, quando ela nada tinha a ver com a maldição. Todavia, restavam-me poucas dúvidas quanto à nequícia grotesca da sua intenção. O ritual impunha um sacrifício... Mas não Oriana! Não Oriana! Só esperava que ele me retirasse as armelas a tempo de evitar tamanha desgraça.

Enquanto Halvard escalava a rocha e atravessava a cortina molhada, ainda expectei que o tremor de terra tivesse causado estragos na caverna que se assumia como o Altar do Mundo eleito pela profecia. Contudo, prestes ele sentava-me na laje de pedra que se erguia acima do nível da água. Não obstante a violência do abalo, as paredes cobertas de trepadeiras, raízes e musgos subsistiam incólumes... E, hoje, o buraco no teto parecia ter sido talhado de propósito para acolher a Rainha da Noite.

Sustive o fôlego ao constatar que a forma redonda da Lua preenchia a enorme abertura, ocultando a visão do céu. Porém, mais de metade do seu esplendor já fora devorado pelas trevas... Não podia render-me ao pânico! Devia aguentar firme e ser paciente, como Erebus demandara. A Terra ainda não estava condenada. Se me recusasse a cumprir as disposições de Halvard, o melhor vislumbre que o meu irmão teria do Conhecimento Absoluto seria o do traseiro rabudo do Guardiã da Montanha, no instante em que as funestas energias que regiam a Noite Branca se extinguíssem, forçando o dragão a debandar para os confins do submundo.

Deimos sentou Erebus à minha frente, no lado oposto da laje, sem lhe retirar as armelas de magia negra. Oriana foi arrojada para o centro da pedra, no interior do círculo onde estavam esculpidos os

símbolos mágicos. Depois, o meu gêmeo fixou os guerreiros e ordenou:

— Aguardai lá fora até eu vos chamar... E matem quem quer que seja que se aproxime.

Os homens inclinaram-se em reverência e saíram. Incapaz de respirar, vi Halvard abeirar-se de Oriana e livrá-la das armelas. Cravou-lhe os dedos nos cabelos e obrigou-a a encará-lo. Nada disse, apenas sorriu... Soltou-a num rompante e deixou-a estendida no chão, com a pele vestida de sangue iluminada pela perversidade da Lua. Virou-se para Erebus e enunciou:

— Ainda podes reconsiderar... Sabes como te estimo, primo! Se me pedires perdão, relevar-te-ei com agrado. O teu lugar é ao meu lado, a partilhar da minha glória...

— Halvard não ter glória — atalhou Erebus com vilipêndio. — Ter podridão...

Um pontapé no rosto silenciou-o. O meu primo tombou na pedra, sem sentidos. Halvard cuspiu-lhe para cima e vomitou um jorro de obscenidades. Depois, quedou-se a bufar por entre os dentes cerrados. Enfim, marchou até ao centro da laje e, com um gesto brusco, livrou-se da túnica e expôs o tronco. De olhos fechados, respirou fundo várias vezes... E, quando tornou a abri-los, parecia ter arrefecido a ira. Retirou as Lágrimas da bolsa que trazia à cintura e fitou-as intensamente: o cristal de brilho claro na mão direita; o cristal de brilho escuro na mão esquerda. Trocou um olhar significativo com Deimos e estendeu os braços à face da Lua. Elevou a voz e entoou:

— Rainha da Noite, Senhora da Arte Obscura, dos sonhos e dos desejos, do êxtase e da dor, da vida e da morte, aqui me tendes perante vós, Halvard da Montanha Sagrada, eleito Filho do Dragão sob o vosso testemunho. No corpo carrego as marcas que me tornam legítimo herdeiro do Guardiã da Montanha e, na essência, a excelência da magia que domino. Por isso, esta noite, sobre o Altar do Mundo, declaro-me *executor* e nomeio o meu *protetor* e o meu *decisor*... E também esta noite, sobre o Altar do Mundo, reclamo

com sangue o direito de assumir o meu legado: o Conhecimento Absoluto das Lágrimas do Sol e da Lua.

Por instantes, nada aconteceu... Então, quase abruptamente, a pele do meu gêmeo começou a brilhar com o fulgor da Lua Cheia. O seu urro vitorioso sobrepôs-se ao meu gemido de horror. Estava dado o primeiro passo para a destruição da Terra.

Reconhecido como *executor* pela magia da Noite Branca, Halvard baixou lentamente os braços, abriu as mãos... E as Lágrimas do Sol e da Lua ficaram suspensas no ar, iniciando um movimento de rotação perfeito, em polos opostos de um círculo invisível. Prestes, o meu irmão desembainhou o punhal de Lobo Cinzento e lacerou a mão direita sobre a cicatriz que, outrora, resultara do nosso pacto. Sem delongas, pois a escuridão não cessava de consumir a fulgência da Lua, fez sinal a Deimos. O monstro aproximou-se e, submisso, ajoelhou-se aos seus pés. Atassalhada pela revolta, vi Halvard besuntar-lhe a testa com sangue e firmar:

— Eu te nomeio meu *protetor*.

De imediato, a pele rubra e coraçada da besta adquiriu o brilho lunar. Os seus olhos tornaram-se ainda mais incandescentes e os chifres resplandeceram como diamantes. Era uma visão aberrante: um demónio a rutilar como uma fada! Susteve-se a assimilar a dádiva que recebera, soltando gargalhadas, enquanto observava o efeito que a magia da Noite Branca exercia sobre si. Halvard também sorria, extasiado por constatar a facilidade com que a sua ambição se materializava. Trocaram outro olhar e Deimos ressoou:

— Um *protetor* tem de proteger...

Foi a sua vez de erguer os braços e estendê-los para o teto da caverna. De imediato, as manáculas libertaram um jorro de magia que se concentrou na abertura. Transparente e reluzente, a energia espalhou-se sobre a face da Lua e verteu pelas paredes como um manto de água. Enquanto o fenómeno se desenrolava, a cintilação ia abandonando o corpo de Deimos. Inferi que as Entidades que regiam a profecia tinham confiado esse poder ao *protetor*, para que moldasse um escudo destinado a travar quaisquer ameaças ao ritual.

Essa energia roçou a minha pele e provocou-me um calafrio. No entanto, não me causou dano, pois eu estava inclusa na sua influência... Erebus continuou sem se mexer.

A magia deslizou através do chão até tocar na laje, mas sem trespassá-la. Por fim, Deimos tombou de joelhos e assim ficou, qual estátua abominável, com os chifres inclinados para trás e o olhar candente fixo na Lua, como se prisioneiro de um encantamento. As garras cravaram-se no solo, sem perderem o esplendor. O escudo alimentava-se da essência do *protetor* e o *protetor* estava cativo da aura mística da Noite Branca. Agora, Halvard tinha de se concentrar no *decisor*... E eu nem imaginava as consequências desse confronto! Comecei a orar por Erebus; era tudo o que podia fazer. Todavia, foi ao meu encontro que o Filho do Dragão veio.

O meu coração espintou quando o celerado me puxou para os seus braços. Estreitou-me contra o peito, mergulhou o rosto no meu pescoço e absorveu o meu cheiro, sussurrando:

— Não te impacientes, meu amor... Em breve serás minha, como sempre sonhaste!

Depois, esfregou a mão na minha testa e declarou:

— Eu te nomeio minha *decisora*.

Do nada, fui fulminada por uma sensação arrebatadora, ao mesmo tempo que um clarão deslumbrante se apossava dos meus sentidos. Quando recuperei a capacidade de respirar, verifiquei que Halvard se afastara... E que a minha pele fulgia com o brilho lunar! Não era tudo... Antes de me soltar, o infame removera a mordança e as armelas! Eu estava livre... Porém, incapaz de reagir! A magia do ritual suplantara-me com a mesma veemência com que a magia negra me tinha subjugado... E a energia espargida pela Lua Cheia atraía-me irresistivelmente. Sentia uma vontade incontável de mergulhar na sua luz e esquecer tudo... Mas não podia! Não podia! Com mil ratazanas podres, onde estava Halvard? À minha frente! Inclina-se para me encarar e arrazoava solenemente:

— Vês, Kelda? Não te asseverei que o teu destino era realizar a profecia? A magia da Noite Branca está a incorporar-se na tua

essência. Confia em mim e entrega-te...

— Eu não sou a tua *decisora*! — rugiu.

Halvard sorriu e ripostou com firmeza:

— Sob a aura do ritual, o *executor* tem o poder de escolher o seu *protetor* e o seu *decisor*. Foi o que fiz! Erebus recusou essa honra, mas tu vais acompanhar-me até ao fim.

— Não, não vou! — porfiei. — A minha resposta é igual à de Erebus.

Esperei por um ataque de fúria... No entanto, ele sustentou o sorriso e devolveu:

— Esta guerra já provocou demasiado sofrimento, Kelda... Mais ninguém tem de morrer! Basta que cumpras a tua missão de *decisora* e fiques ao meu lado. Sabes bem que sou capaz de tudo para te agradar... Isso não mudará quando te tornares companheira do Filho do Dragão! Até perdoarei Erebus...

— Vai apodrecer no submundo, Halvard! — alterquei, sufocada.

O seu olhar estreitou-se e o sorriso desfez-se, ao mastigar:

— Deixa-me explicar-te o que está a acontecer... Porque achas que os Feiticeiros se deram ao trabalho de formar a Ordem do Dragão para contrariar as determinações do Guardiã da Montanha? O Dragão do Conhecimento ditou duas condições ao criar as Lágrimas: ou a sua consciência voltaria a governar a Terra, pela mão do seu herdeiro; ou a Terra cessaria de existir! O processo já é irreversível. Olha para a Lua! Não sentes o seu apelo? A enormidade do seu poder? No momento em que as trevas reclamarem a sua luz, a profecia terá de se realizar. De outro modo, o fogo que habita o coração da Terra irá libertar-se e destruir toda a vida.

— Estás a mentir... — rosnei. E ele contrapôs, sem hesitar:

— Deveras? Porque não chamamos o Mestre Supremo da Ilha Sagrada para te esclarecer? Ah, é verdade! Não podemos... porque eu matei-o! — Torceu um esgar sarcástico e prosseguiu: — A Ilha dos Penhascos já começou a vomitar fumo, Kelda... Ou realizamos a profecia ou os dias da Terra chegarão ao fim! Como é que vai ser?

Fiquei queda, muda, a respirar aos borbotões. Então, o meu irmão apontou para o rasgo de luz que persistia na face da Lua e aditou:

— Resta-te pouco tempo para decidir... Por isso, vou dar-te um pequeno incentivo. Seria uma pena se, após tantos anos de treino e de dedicação, Erebus não participasse nesta experiência fantástica! Não concordas, meu amor?

Dirigiu-se ao primo e segurou-lhe na mão direita, enquanto voltava a exhibir o punhal de Lobo Cinzento. Arrostando-me e perpez com uma crueldade gélida:

— Por cada fôlego que hesitares, Erebus perderá um dedo... Vais colaborar? Não? Então, comecemos!

O punhal desceu e um dedo saltou. A dor fez o meu primo despertar e o seu berro fundiu-se com o meu horror. Quis acometer contra Halvard, mas estatelei-me no chão. A energia do ritual não paralisara Deimos antes de ele proferir os seus votos, por isso não podia estar a reprimir-me... Eu ainda padecia da debilidade causada pelas armelas! E a luz que armazenara na essência estava atordoada pelo esplendor da Lua! Nova tentativa para me erguer... E já o infeto decepava outro dedo a Erebus. Incapaz de se insurgir, o meu primo apenas chiava, com o rosto transfigurado pelo suplício. Rugi de raiva e frustração. E o meu gémeo insistiu:

— Podemos ficar por aqui, Kelda! Basta que te assumas como *decisora*!

— Não! — silvou Erebus. — Não, prima! Erebus dar vida...

Clamou quando o terceiro dedo voou. Fremi agoniada:

— Para, monstro! Para!

— Só tu podes fazer com que eu pare, Kelda — revidou. — Só tu!

Erebus perdeu o último dedo, mas não se demoveu:

— Aguentar, prima! Tempo acabar...

— Não há mais dedos nesta mão — interrompeu, varando-me com o olhar ardente. — Devo continuar na outra?

— Não! Para!

— Serás minha *decisora*?

— Não... Não! Não!

— O melhor é cortar-lhe a mão. De qualquer modo, já não serve para nada.

E assim fez. Com os olhos esbugalhados, vi-o golpear violentamente o pulso de Erebus. O meu primo gorgolejou e perdeu os sentidos, esgotada que estava a sua resistência à malignidade das armelas e ao sofrimento atroz que o Filho do Dragão lhe infligia. O sangue jorrou do coto e manchou a laje. Não satisfeito, Halvard saltou sobre o corpo prostrado e agarrou-lhe no braço esquerdo.

— Desta vez não vou perder tempo com dedos...

— Odeio-te! — fremi, enlouquecida pelo desespero.

— Eu sei — retrucou como se motejasse. — Já mo disseste muitas vezes! No entanto, quando eu for senhor do Conhecimento Absoluto será tudo diferente! Estás pronta, Kelda?

— Maldito...

— Porque me obrigas a fazer isto?

Tornou a erguer o punhal para concretizar a barbaridade... E o meu espírito quebrou-se:

— Não! Espera! Espera...

Recuou no derradeiro instante e teve a desfaçatez de inclinar a cabeça numa vénia, enquanto exclamava:

— A minha maior alegria é a satisfação dos anseios da minha amada!

Restava um palmo de claridade à Lua. As trevas tinham-se apoderado da noite, mas a caverna continuava iluminada pela magia do escudo de Deimos e pelo brilho dos nossos corpos. O que é que eu podia fazer? Faltava tão pouco para o tempo da profecia se esgotar! Erebus morreria... Halvard matar-nos-ia a todos, mas jamais se tornaria Filho do Dragão! Porém, e se estivesse a falar verdade? E se as energias que assombravam a Noite Branca ditassem, realmente, a destruição da Terra? Afinal, a Ilha dos Penhascos estava prestes a explodir! O fedor das cinzas já se introduzira na gruta... Tomei consciência de que Oriana chorava. E se eu tentasse ganhar tempo? Talvez conseguisse salvá-la... E a

Erebus! Entretanto, alguém poderia chegar para nos ajudar... A minha cabeça estalava de confusão, de dor, de asco, de revolta. Enchi o peito de ar e zuni entredentes:

— Se eu for *decisora*, tu matarás Oriana...

Fiquei espantada com a rapidez da sua resposta:

— Já te disse que mais ninguém tem de morrer. Preciso que Oriana derrame algum sangue, mas não demando a sua vida. E posso sarar Erebus! Só tens de me dizer...

— Está bem — esbofei. — Sara Erebus... Agora!

De imediato, Halvard calcinou a ferida do primo com magia para que não se esvaísse em sangue. Depois encarou-me, aguardando... E eu enunciei:

— Uma *decisora* tem de decidir...

Repentinamente foi como se a magia da Lua, já infiltrada na minha carne, se apossasse da minha vontade. Após tanto ter lutado para me pôr de pé, fazia-o sem dificuldade. Todavia, a raiva que Halvard me inspirava também se diluía como se por encanto. Ao invés de arremeter contra ele, dirigi-me para as Lágrimas, qual fantoche suspenso por cordéis. Quando me aproximei, os cristais pararam de girar como se acatassem uma ordem silenciosa. Os meus dentes batiam, tamanha a agitação que fervilhava no meu âmago. Ergui os braços com um propósito que desconhecia. Pousei a mão direita sobre a Lágrima do Sol e a esquerda sobre a Lágrima da Lua. Então, as palavras surgiram na minha mente e os lábios declamaram-nas com uma clareza terrificante:

— A *decisora* decide que o Conhecimento Absoluto das Lágrimas do Sol e da Lua pertence a Halvard da Montanha Sagrada, herdeiro legítimo do Guardião da Montanha. Esta noite, sobre o Altar do Mundo e por minha ordem, a essência do dragão irá entranhar-se na carne do homem e o saber iluminará a sua mente, por toda a eternidade... Que a profecia se cumpra!

Dito isto, senti a energia lunar fluir do meu corpo para os cristais, incendiando o sangue e inebriando o espírito. Sem fôlego, verifiquei que uma chama se acendia no interior da Lágrima do Sol, assim

como na Lágrima da Lua, palpitando com a força de um coração. Recuei, governada por uma vontade que não era minha, até me quedar no limite da laje... tal como Deimos! Esse pensamento foi como a derrocada de um glaciar dentro da minha mente. Tentei sacudir a cabeça e livrar-me da magia que me avassalava. Porém, um clarão idêntico ao que me encandeara quando Halvard me besuntara a testa tomou conta da minha percepção. Pisquei os olhos... Contudo, fui incapaz de recuperar a visão. O meu queixo ergueu-se na direção da Lua, enquanto o corpo se ajoelhava junto à pedra e os dedos se cravavam no solo. Ouvei Halvard gargalhar:

— Perfeito, meu amor! Quando despertares, serás a mais devota... a mais apaixonada serva do Filho do Dragão!

CAPÍTULO 29

Luz! Luz! Luz! A minha mente estava preenchida com luz... Mas essa luz era funesta como uma erva daninha! Eu não queria essa luz... Essa luz ia condenar-me, destruir-me, supliciar-me por toda a eternidade! Afinal, não era a luz da Lua... A luz da Lua governava a magia obscura que eu conhecia e acolhia na minha essência. A luz que me invadia pertencia à Entidade maligna que profanara a Lua e pervertera a sua magia para cumprir os seus desígnios: reinar sobre todos os povos da Terra, usando o corpo de um homem marcado pelo destino... De um louco... Do meu irmão...

Luz! Luz! Luz! Era inútil lutar contra a luz. A luz envolvia-me e absorvia-me, consumia-me o corpo e a mente... Porém, era incapaz de macular a minha essência! Porquê? Porque dentro da minha essência existia outra luz. Quente. Edificante. Sadia. Vigorante. Boa... A luz que eu recebera no dia em que fora gerada, combinada com a luz que os meus avós recolhiam da Árvore da Sabedoria e fortalecida com a luz da magia da feiticeira Aranwen. Essa era a luz que eu desejava! A minha arma para combater a luz nefária... Parei de estrebuchar para tentar romper a barreira de energia do ritual e mergulhei dentro de mim, fundindo a mente com a essência. De imediato, a luz perniciosa começou a dissipar-me, permitindo-me enxergar sombras e formas. Todavia, eu queria mais! Queria recuperar o meu corpo. A minha vontade. A minha decisão... Eu era a *decisora*! E a decisora decidia não ser escrava desta maldição!

Dor... Dor! Dor! Pungente. Lancinante. Insuportável. Tinha de enfrentá-la para contrariar o malefício que me subjugara. E ia fazê-lo! Sem medo. Sem um tremor. Já chorara tudo o que podia chorar. Já sofrera tudo o que podia sofrer. Já perdera tudo o que podia perder. Restava-me morrer... E morreria como guerreira, como feiticeira, com o orgulho de ser mulher... Com o orgulho de ser Kelda da Montanha Sagrada, eleita pela Pedra do Tempo para destruir o Filho do Dragão.

Abri os olhos e vi a Lua Cheia... Ou o que dela restava. A claridade que persistia era tão fina como um cabelo! O círculo estava negro, envolto por uma auréola escarlate. Quando aquele fio de esplendor se extinguisse, o ritual teria de estar consumado. Esse pensamento fez-me baixar o olhar... E o choque que me assolou foi tão extremo que me libertou a voz, o corpo e a vontade. Sem força para me aguentar nas pernas, estatelei-me no solo, com os olhos arregalados de pavor e a boca escancarada num grito que não findava.

Halvard quedava-se no centro da laje que formava o Altar do Mundo. Voltara a estender os braços na direção da Lua e a invocar a magia. Os cristais do Guardiã da Montanha mantinham-se suspensos no ar e tinham reiniciado a rotação sobre um círculo invisível... Todavia, já não fulgiam com a sua cintilação essencial; agora espargiam um brilho rubro violáceo! E, por baixo deles, estendido sobre a pedra cerimonial, encontrava-se o corpo da Sacerdotisa dos Penhascos... O Filho do Dragão rasgara-lhe o peito para lhe expor o coração! Porém, ao invés de escorrer para o solo, o sangue que ela vertia ascendia em espiral, sugado pela abominação que corrompia a energia das Lágrimas.

Oriana fora sacrificada! Eu não parava de bradar de horror... E Halvard fixava-me, incapaz de esconder o seu assombro.

— Tu libertaste-te? — gaguejou, baixando os braços. — Como...?

— Monstro! — berrei, tresvariada pela dor. — Disseste que não ias matá-la...

— Menti-te! — atalhou num ronco. — E vou continuar a mentir-te, Kelda! E tu vais continuar a acreditar! Não sei como rompestes o encantamento, mas não permitirei que estragues tudo.

Caiu sobre mim com o punho fechado e atingiu-me na frente, qual machado de guerra. A realidade tingiu-se de negro... Eu não podia desmaiar! Se desmaiasse seria o fim! Mais uma vez, lutei contra o esquecimento. Lutei contra a dor. Lutei contra a sorte rameira e o destino aleivoso que teimavam em condenar-me! Não ia

desistir... Jamais me renderia! Com mil pragas de ratazanas, o Filho do Dragão não haveria de vencer!

Abri os olhos e vi tudo a andar à roda. Não... Eram as Lágrimas que estavam diante de mim! Halvard apertava-me contra o seu peito e cuspia vitupérios mais depressa do que respirava. Quando se apercebeu de que eu recobrou os sentidos, resmungou, exasperado:

— Isto não devia acontecer assim! Se estivesses sob a influência do encantamento, não terias de passar por esta provação. Mas não... Tens de me contrariar até ao último instante! Pois será como desejas, Kelda! Olha para a Lua... As trevas conquistaram-na. Os pilares da profecia estabeleceram-se. O sacrifício foi celebrado. Agora, a profecia irá cumprir-se.

Sobre as nossas cabeças sustinha-se um círculo de perfeita negridão, cingido por um halo de fogo... Tal como a Visão do deserto me revelara! Em simultâneo, os cristais pararam de girar como se saciados com a vida de Oriana. Quis repelir Halvard, mas senti-me como uma mosca a empurrar um boi. A fraqueza do corpo aliava-se à náusea e à vertigem provocadas pela pancada na cabeça. Então, convicto de que eu já não podia opor resistência, o execrável continuou:

— Cumpriste com distinção a função de *decisora*, no lugar de Erebus... Porém, essa não é a verdadeira missão que a profecia te reservou! Ainda não entendeste, Kelda? Pois vou explicar-te. A Pedra do Tempo quis travar as rodas do destino quando te nomeou *decisora* do imbecil do Thorson. Achou que te recusarias a celebrar o ritual se fosse ele o Filho do Dragão. Por outro lado, acreditou que haverias de me deter com as tuas manhas caso fosse eu a desfrutar dessa honra... Falhou! E só podia falhar! Porque a vontade de realizar a profecia está incrustada no teu cerne, concebida para emergir sob a influência da Noite Branca. Em conclusão, no seu esforço para debelar os desígnios do Guardiã da Montanha, a Pedra do Tempo quis desviar-te do propósito para que foste concebida, mas apenas conseguiu impelir-te na minha direção!

Fez uma pausa para recuperar o fôlego e desfrutar do meu terror. Ao ver-me sacudir a cabeça em negação, fez questão de aditar para que não subsistissem dúvidas:

— Recordas-te de a Rainha do Sol nos ter contado que, durante a gravidez, nunca se apercebeu da tua existência? De como o teu nascimento foi uma bênção inesperada, até para a néscia vovó Catelyn? Tal sucedeu porque tu foste gerada com um único objetivo: abrir as portas místicas que estão a enclausurar o espírito do Dragão do Conhecimento, impedindo-o de regressar à Terra... Agora vou mostrar-te aquilo que o generoso Celsus me revelou quando eu devorei a sua essência.

Inesperadamente, arrojou-me para o meio das Lágrimas. Pensei que ia despenhar-me sobre o cadáver de Oriana, mas uma energia poderosa resgatou-me e suspendeu-me no ar. Horripilada, vi a minha pele a rutilar, enquanto essa força invisível me ajeitava segundo a sua vontade. Sem que eu nada pudesse fazer para contrariá-los, os meus braços elevaram-se até as mãos adejarem por cima dos cristais. De imediato, a energia que estes irradiavam envolveu-me os pulsos... E as tatuagens do Guardião da Montanha principiaram a corroer-me a pele! Duas chagas surgiram onde estavam os desenhos dos dragões que perseguiram o Sol e a Lua. Não tardaram a lacerar-se... E o meu sangue escorreu sobre a superfície rubra das gemas que, outrora, haviam sido as Lágrimas. Todavia, se dessa hediondez resultava alguma dor, eu não a sentia, suplantada pela magia que me sustentava.

Entrementes, Halvard observava-me com uma expressão extasiada, enquanto enunciava:

— O ritual torna impossível a distinção dos cristais, mas a resposta para o enigma está gravada nos teus pulsos: a Lágrima do Sol à direita, a Lágrima da Lua à esquerda. Por fim, o sangue que verte das tuas tatuagens vai quebrar a carapaça mística que as resguarda... Vês? Estão a perder a solidez! Já não são cristais... São energia!

De facto, as pequenas faces quadradas que compunham as gemas desvaneciam-se, como gelo a derreter sob o calor da lareira. Transformadas em bolas incandescentes sob a influência do meu sangue, as Lágrimas ascenderam e moldaram-se às palmas das minhas mãos.

— Agora, vais uni-las para que se tornem uma só — arquejou Halvard, rouco de expectativa. — Não tenhas medo, meu amor! Foi para isto que nasceste!

Que mil ratazanas me devorassem, eu não podia... Não queria... E não ia! Tinha de resistir... Então, ciente da minha sublevação, Halvard urrou de raiva e saltou sobre mim. Sem se importar com a profanação da magia, agarrou-me nos braços e juntou-os. Insurgi-me, mas fui incapaz de contrariá-lo. Sob o meu olhar aterrado, os cristais começaram a fundir-se, entranhando energia em energia. Prestes, o imiscuir do seu fulgor rubro violáceo resultava num amarelo fulgurante como o Sol... E apenas uma esfera resplandecia entre as minhas mãos.

— Está feito! — exultou o meu irmão, recuando. — Já nada poderá deter-me!

Do mesmo modo que me capturara, a força invisível libertou-me. O ímpeto com que me debatia fez-me tombar, desamparada. Esmaqueei a nuca contra a laje e vi a caverna rodopiar: terra, raízes, ramos e folhas iluminados pelo escudo de Deimos... Estava tudo acabado! O meu olhar agonizante fixou-se na abertura do teto... E o choque preservou-me a consciência. Uma chama acendera-se no coração da Lua prenhes de trevas, germinando, fervilhando, pululando, alimentada pelas energias sombrias que governavam a Noite Branca! Ainda não assumira forma... Porém, eu sabia o que estava a acontecer! O Guardiã da Montanha livrara-se das amarras do submundo e acometia para reclamar a soberania da Terra.

De súbito, o ronco de Halvard ecoou pela caverna. E o meu horror extravasou ao constatar que a magia anunciada pela profecia o arrebatara. Após anos a tragar a vitalidade de inocentes, Halvard via a própria essência pervertida para alimentar a malignidade do

Dragão do Conhecimento... E entregava-se com satisfação! Quedava-se prostrado de joelhos, com as costas vergadas para trás, os braços abertos e os olhos incendiados, enquanto uma cascata de energia jorrava da esfera e lhe trespassava a boca, estirando os maxilares. Nesse instante, o brilho lunar do seu corpo adulterou-se... E as tatuagens que o cobriam, como se magistralmente delineadas pela mão de um ente nefando, principiaram a ressaltar-lhe da pele.

Estrangulada, verifiquei que os seus olhos deslizavam para o exterior das cavidades e os ossos do peito se distendiam, como se a magia os preparasse para albergar algo maior... Muito maior! Os seus braços alargavam-se e os dedos cresciam. Em simultâneo, as ancas e as pernas também se deformavam, desenvolvendo-se para além do que as vestes podiam comportar. O cinto de onde pendiam as suas armas rebentou e tombou sobre a laje. O couro das calças rasgou-se e os músculos descomunais tornaram-se visíveis. Prisioneira dessa visão terrífica, imaginei que talvez não faltasse muito para que um par de asas lhe irrompesse das costas... Fitei a Lua e gemi de aflição. A figura ardente do Guardiã da Montanha já dilacerava a face negra da Rainha da Noite! Ciente da minha atenção, varou-me com o olhar ígneo e retumbou:

«É inútil fugires... És minha escrava, filha da Montanha Sagrada!»

Rangi os dentes, com o pânico a entranhar-se nos ossos. Não! Não podia resignar-me! Esta calamidade concretizara-se por minha causa... Eu assim o determinara como *decisora* do ritual! A *decisora* decidira... Com mil ratazanas embusteyras, a *decisora* não decidira nada! Fora coagida para salvar Erebus! Halvard sabia que eu me virava do avesso para preservar a vida daqueles que amava. Por isso, também se fiava de que nada faria agora, para não lhe causar dano.

Sacudi a cabeça, num desvario de desespero... E deparei com o cadáver de Oriana estendido ao meu lado. O seu sangue despertara o Guardiã da Montanha. O meu sangue escancarara as portas místicas que permitiam ao monstro fazer uma entrada triunfal na Terra. Eu era a chave... A chave para a realização da profecia... E a

chave para contrafazê-la, pois tudo o que uma chave abria também era capaz de fechar! Senti o coração acelerar no peito, como se, por instantes, tivesse desistido de bater e esse pensamento o reanimasse. Fixei os olhos na esfera que extravasava a sua energia para o interior do meu gêmeo, transformando-o no Filho do Dragão... E, de repente, soube o que tinha de fazer.

Inspirei fundo e busquei dentro de mim a energia que os meus avós extraíam da *Árvore da Sabedoria*. Chegara o momento de honrar o seu sacrifício! A força que acumulara não bastaria para contrariar a maldição, mas o meu propósito não requeria a intervenção de uma feiticeira... Nem sequer o empenho de uma guerreira, pois, apesar de as armas de Halvard se encontrarem caídas sobre a pedra, a energia exalada pelo seu *protetor* escudava-o de quaisquer ameaças à sua integridade. Enquanto o ritual decorresse, o meu irmão seria intocável... Por isso o ritual devia ser interrompido! E, para interrompê-lo, bastar-me-ia ser «mulher».

Afiei a resolução e arrastei-me através da laje, até me abeirar de Halvard. A minha vitalidade demorava a restabelecer-se, o que afetava a capacidade de sarar. As feridas originadas pelas tatuagens faziam-me perder imenso sangue e só agora a cicatrização se iniciava... Todavia, era precisamente isso que eu não desejava!

Halvard não se mexeu, dominado pela magia do ritual. As deformações que acolhera regrediam e a sua aparência humana prevalecia, ainda que agigantada. Icei-me num cambaleio e deitei as mãos à esfera. Quando os meus dedos se afundaram na sua energia, apercebi-me de quão colossal e terrífico era o poder que ele herdava. Mal a fusão das essências se consolidasse, o meu irmão seria, efetivamente, um deus na Terra. Qual razão imperaria? A sua ou a do Guardião da Montanha? Nenhuma das opções era admissível! Por isso, eu não podia vacilar.

Com um soluço agoniado, cravei as unhas nas chagas dos pulsos. O sangue voltou a verter, manchando a cintilação da esfera. De imediato, Halvard soltou um ulo lancinante. Estrebuchou sob o jorro de energia, mas foi incapaz de se livrar da sua influência. Os seus

olhos ainda estavam suspensos no exterior das cavidades, mas os ossos do crânio ajustavam-se e assumiam o tamanho original. Já podia ver o meu gêmeo por baixo daquela criatura... Uma imagem tão terna quanto enganadora! Há muito que o irmão que eu amava desaparecera. Era tempo de aceitar a sua morte.

Lentamente, o meu sangue introduzia-se na fulgência da esfera e corroía o seu esplendor. Em consequência, uma linha rubra assomava-se. Os cristais do Sol e da Lua tinham-se moldado, mas as suas essências perseveravam. E a «chave» que os unira ia separá-los! Cravei as unhas na perturbação que se formava e declarei com ardor:

— Eu sou a *decisora*... E decido pôr fim à maldição do Filho do Dragão!

Nada aconteceu. Bradei de frustração e insisti... Então, Halvard tornou a uivar, como se o estivessem a esquartejar de dentro para fora. Acirrei a determinação e clamei:

— Esta maldição vai terminar... Vai terminar agora!

Enterrei os dedos na fenda de energia e fiz força para rasgá-la. O suor banhou-me a testa e as lágrimas inundaram-me as faces. Halvard berrava e escabujava, aprisionado pela boca à energia que a esfera irradiava, qual peixe suspenso na linha de um pescador... Então, inesperadamente, deu-se a cisão. Os meus braços distenderam-se e a esfera desfez-se entre as minhas mãos, estilhaçando-se numa miríade de partículas candentes.

A explosão arrojou-me contra a parede. Fiquei cega e surda, excruciada pela dor. A magia do Guardiã da Montanha, que Halvard ainda não absorvera, libertara-se e arrasava tudo com a sua veemência. Acreditei que ia morrer... Porém, aos poucos, fui sentindo o pulsar da minha essência. Abri os olhos e constatei que o clarão da esfera se dissipara. Interrompido o ritual, o escudo de Deimos esvaecia-se e a caverna mergulhava na obscuridade. Para lá do buraco do teto, a Lua também se libertava das trevas. No fim, talvez a Natureza ainda conseguisse recuperar das feridas que a profecia do Filho do Dragão lhe infligira...

— O que foi que fizeste, maldita? — estrondeou uma voz do meio da penumbra, tão rouca que achei que pertencia a Deimos. No entanto, o ser que grunhira arrastou-se através da laje e ficou iluminado pelo fio de claridade que a Lua voltara a espargir. E o choque fez o meu coração falhar, ao encarar o meu irmão.

Halvard não assimilara a energia necessária para recuperar plenamente o seu aspeto. Ficara com os ossos dilatados e os olhos salientes. Os dedos ainda pareciam garras e os dentes revelavam-se, quais presas afiadas, quando tornou a rugir:

— Tu destruístes-me, Kelda! Como foste capaz...? Eu amava-te!

Começou a erguer-se, assumindo uma altura descomunal sobre pernas grossas como troncos. Uma magia terrificante inflamava-lhe o olhar. Dois passos separavam-nos... Levantou uma manápula e preparou-se para me capturar na voragem da sua sanha, bramindo:

— Nem sonhes que te livrarás de mim! Hei de arrastar-te comigo...

— Não te atrevas a tocar-lhe! — fremiu alguém nas suas costas, talhando-lhe o impulso... E quase desfaleci ao reconhecer Thorson.

— Afasta-te de Kelda, Halvard — mastigava o meu primo, com a espada apontada ao peito do émulo. — Não me obrigues a matar-te!

— Matar-me? — retumbou o meu irmão, arrostando-o, iracundo. — Achas que podes tocar num fio do meu cabelo, miserável? Eu sou o Filho do Dragão!

E atacou, espargindo magia pela boca. Horripilei-me ante tamanha abominação, mas Thorson foi rápido a ripostar. Esquivou-se do vômito de chamas e acometeu. Contudo, a mão disforme de Halvard opôs-se à espada sem sofrer dano. Os dedos fecharam-se na lâmina, arrastando o primo no impulso, enquanto rugia com um furor que fazia a caverna estremecer... Não! Era o solo que voltava a tremer! De súbito, recordei-me do que estava a acontecer na Ilha dos Penhascos. Thorson sobrevivera... Mas qual teria sido a sorte dos demais?

— Levanta-te, Kelda — bradou o meu primo, obrigando-me a reagir.

Halvard arrancou-lhe a espada com um repelão. Deteve-se à sua frente e, com os dedos cerrados em torno da lâmina, deixou-a escorregar pela carne. O sangue verteu do golpe e foi exibido para que eu também pudesse vê-lo. Arregalei os olhos, incrédula... Tornara-se violáceo! Num ápice, a ferida fechou-se sem deixar marca. E o Filho do Dragão vociferou:

— Falhaste, Kelda! Posso não me ter apoderado do saber do Dragão do Conhecimento, mas herdei a sua força. Todos os povos da Terra hão de submeter-se ao meu poder. E tu ficarás ao meu lado... Depois de eu desfazer este infame!

Virou-se para Thorson e tornou a acariciar a espada que lhe usurpara, resmoneando:

— O famoso aço da Gente Bela... Acreditaste realmente que conseguirias enfrentar um deus com uma arma forjada na Terra? Devias ter-te preparado melhor para o nosso confronto... De todos os príncipes ignóbeis que já matei, tu és, sem dúvida, o mais reles!

Posto isto, vergou a espada contra a palma da mão e partiu-a, com a mesma facilidade que quebraria um galho. Investiu, colheu o émulo e arrojou-o no chão, cuspendo flamas. Porém, Thorson insurgiu-se, rebolou e escapou-lhe. Nada contrariado, Halvard gargalhou:

— Foge, cobarde... Foge!

— Kelda — insistiu o meu primo. — Sai daqui! Vai!

Todavia, eu não podia abandoná-lo! O reinado de terror do meu irmão tinha de terminar nesta caverna! Vi-o abeirar-se perigosamente do corpo inanimado de Erebus, mas ignorou-o. Deimos continuava tombado e eu expectava que a deflagração de energia que destroçara o seu escudo o tivesse morto. Desarmado, Thorson acabou por recorrer à magia para contrariar os ataques de Halvard, mas só lhe arrancou risadas mais fortes:

— Eis que o prodigioso aprendiz dos Guardiões das Lágrimas do Sol e da Lua, protegido pela Pedra do Tempo, se revela a maior

deceção da nossa nobre família! Foste treinado para me enfrentares numa luta memorável, mas vais acabar espezinhado como um verme. Pena que os teus mestres não estejam aqui para testemunharem o teu fracasso!

Bolas de fogo surgiram nas suas mãos. Arremessou-as como raios, obrigando Thorson a revelar toda a sua destreza física. Corria e saltava com uma rapidez impressionante, distraindo o meu gémeo para me dar tempo de debandar. A chuva de labaredas incendiava as raízes e as trepadeiras que cobriam as paredes. Em breve, a gruta transformar-se-ia numa tumba de flamas! O fumo já envenenava o ar. Sustive-me com grande esforço... Então, Halvard exclamou:

— Chega! Já me diverti o suficiente!

Afinal, apenas estivera a brincar com a presa! De repente, Thorson como que perdeu a capacidade de se esquivar. Já pouco mais fazia, além de erguer escudos de proteção contra a magia maligna que reclamava a sua vida. O olhar azul-celeste fixou-me, num derradeiro apelo para que fugisse... Porém, eu tinha outros planos.

Saltei sobre as costas de Halvard, cravei-lhe as pernas na cintura e envolvi-lhe a garganta com os braços. Surpreendido com o estrangulamento, ele sacudiu-se qual demónio. Quando concluiu que eu estava tão presa quanto uma carraça, acometeu contra a parede, rodou os pés sobre a pedra e usou o impulso para me esmagar. Senti as costelas cederem e as chamas colarem-se às vestes, ao cabelo, à pele... Invoquei a magia, sem saber se teria alento para resistir. Para minha surpresa, o corpo arrefeceu de imediato. Não sofrera queimaduras graves... Contudo, o fogo era o menor dos perigos!

O meu gémeo lançou uma manápula para trás das costas, cravou as garras no meu pescoço e dobrou-se, projetando-se sobre a sua cabecorra. Consegui equilibrar-me... Todavia, ele já retomava o assalto. Lançou um pé contra o meu peito com o ímpeto de um aríete. Depois, inacreditavelmente rápido, seguiu-me na queda e tombou sobre mim, qual rochedo. Massacrou-me contra a laje e

enterrou os dedos nas minhas faces. Obrigou-me a encará-lo e troou:

— Sua desgraçada! Hás de viver para me dar prazer...

A imprecisão terminou num urro. Arregalei os olhos ao ver a sombra de Thorson a cavalgar as suas costas. O meu primo bradava de ódio e de aflição... E, dentro da sua mão, o punhal do *jarl* Throst subia e descia, enterrando-se profundamente na carne do Filho do Dragão. Ainda assim, golpes que seriam fatais para qualquer homem não surtiam efeito em Halvard, para além de lhe acirrarem ainda mais a fúria. Pulou como se não tivesse peso e repeliu o émulo, arrojando-o no chão e ribombando:

— O honrado príncipe também ataca à traição? Tens assim tanta vontade de salvar esta rameira? Pois vou obrigá-la a comer as tuas tripas!

O punhal escorregara da mão de Thorson e ficara ao meu alcance. Prostrada, ferida e exaurida, vi gotas de sangue violáceo a escorrerem pelas costas do monstro... Mas prestes os cortes sararam! Halvard tornara-se invencível! Sentou-se sobre o primo e imobilizou-o, pronto para cumprir o propósito anunciado... Angustuada, avoquei forças que desconhecia para me pôr de pé e resgatar a herança de Lobo Cinzento. Thorson já clamava de dor! Arremeti e saltei com as mãos fechadas no punhal, apelando ao peso do corpo para aumentar a intensidade do golpe. A lâmina encontrou o osso do crânio de Halvard onde nascia a sua trança... E partiu-se!

A brusquidão do impacto fez-me cair desamparada. Rebolei no chão e detive-me a curta distância, com as labaredas que consumiam a caverna a iluminarem o cenário de profundo terror. Halvard rasgara o ventre de Thorson, mas a minha iniciativa deixara-o tão perplexo que estacara antes de lhe arrancar as entranhas. Apesar do aparato sangrento, o meu primo estava vivo... Por enquanto! O Filho do Dragão continuava petrificado. Os olhos grotescos miraram-me, mudando de cor à medida que as emoções o assolavam: vermelhos, roxos, pretos... Temi que baixasse as garras

e concluísse a pravidade. Todavia, o meu ataque assimilara por completo a sua atenção. Levantou-se lentamente, exprobrando num tom cavo e arrastado:

— Acabei de dizer que nenhuma arma forjada na terra será capaz de me causar dano... E tu és tão estulta que tentas prostrar-me com o punhal que me ofereceste como prova da tua lealdade? Desejas mesmo a minha morte, Kelda? — Ensombrou-me e fixou-me gravemente, antes de concluir: — Ter-me-ei deixado cegar pelo amor? Talvez, na realidade, tu e eu não estejamos destinados! Hoje destruístes os meus sonhos... E o que acabaste de fazer é imperdoável! No fim, para meu próprio bem, o melhor será decepar o mal pela raiz!

O punhal do nosso avô voou para a sua mão. Apesar de quebrada, a lâmina era letal... E, desta feita, Halvard não intentava apenas supliciar-me para me corrigir! Ciente de que lutava pela vida, esgueirei-me por baixo do braço que pretendia trespassar-me. Protegi o peito, mas fui atingida numa perna. Sem apoio, tombei estendida sobre a laje. Então, os meus dedos roçaram algo sólido e frio. A espada de Halvard... A espada que Sigarr trouxera da Ilha Sagrada!

O grunhido do meu irmão estourou-me os ouvidos... E foi como se o tempo se desenrolasse aos soluços. Rebolei sobre a pedra. O punhal de Lobo Cinzento dilacerou o vazio. Os meus dedos fecharam-se no punho de ouro cravejado de rubis. A espada saiu da bainha. O meu tronco rodopiou em sentido contrário. O braço moveu-se sob o ardor do meu grito. A lâmina forjada pelos Feiticeiros rompeu o ar. O metal brilhante atraiu a luz da Lua. As runas nele inscritas incandesceram como se em chamas: «Eu ascenderei e o Homem tombará...» E o meu olhar ficou preso ao olhar do meu gémeo, num fôlego que haveria de perdurar por toda a eternidade, enquanto a sua espada rasgava pele, carne, músculo... e cortava osso.

A sua cabeça saltou para longe, mas o tronco despenhou-se sobre mim. De súbito, fiquei esmagada debaixo de um peso colossal e

asfixiada por uma torrente de sangue violáceo. Estrebuchei, cuspi, berrei com todas as forças que me restavam... E, enfim, consegui libertar-me. Sentei-me sobre a laje, entre os cadáveres de Halvard e de Oriana, incapaz de parar de gritar, com as lágrimas a queimarem-me os olhos. Eu matara o Filho do Dragão... Eu matara o meu irmão!

Completamente alucinada, esfreguei o rosto e os braços, tentando livrar-me do sangue que me queimava a pele. A mão de Halvard ainda tremelicava junto à minha perna, como se tentasse alcançar-me. Comecei por repeli-la, mas acabei por agarrá-la e apertá-la com força, clamando:

— Não! Não! Não! Porque teve de ser assim? Eu amava-te! Tu eras o meu irmão... O meu querido irmão...

Essas palavras trouxeram-me à memória os dias distantes da nossa infância... A noite que destroçara as nossas vidas! Na fronteira que separava a magia dos trilhos da Montanha Sagrada do inverno rigoroso da Floresta dos Carvalhos, Halvard fitava-me com os seus olhos intensamente verdes, abraçava-me com ardor, acariciava-me os cabelos e murmurava:

«Tu és a minha querida irmãzinha... Estamos unidos desde sempre e devemos ficar juntos para sempre. Vem comigo! Provaremos ao mundo que só precisamos um do outro para vencer!»

A mão de Halvard parou de se mexer... Voltei a bradar e sucumbi a um pranto compulsivo. Contudo, um gemido fez-me reagir. Thorson estava a recobrar a consciência e requeria cuidados imediatos. Eu não ia permitir que o meu primo morresse nesta noite maldita! A cada fôlego, sentia a essência a recuperar fulgor e o corpo a revigorar-se. Ao contrário do que temera, o fogo que consumia as paredes da caverna definhava sozinho e não exigia interferência. Arrastei-me até Thorson... De súbito, ouvi sons que indicavam que um confronto se desenrolava do outro lado da cascata! E vozes que falavam a língua do Norte!

— Aqui! — chamei, arquejante de ansiedade. — Ajudem-nos! Estamos aqui!

Perdi o fôlego ao reconhecer a voz que bradava em resposta... Era o meu pai! O meu coração ganhou novo ânimo. Se ele sobrevivera, a minha mãe também estava a salvo. E a fusão das suas magias haveria de curar Thorson! Impregnei o meu primo com a energia curativa que, aos poucos, se acendia na minha essência... Então, um sibilo anunciou-me que Erebus despertara. Ergui os olhos e encarei-o, murmurando com uma tristeza que, não obstante, carregava uma centelha de esperança:

— Está tudo bem! O pesadelo chegou ao fim...

— Prima...

A aflição do seu assobio misturou-se com o horror que lhe inundava a expressão. Franzi o sobrolho, sentindo um calafrio... E uma dor excruciante a dilacerar-me! Num ápice, fui colhida pelas costas e arrancada do chão. Suspensa no vazio, levei as mãos ao peito e constatei que acabara de ser trespassada por um tronco aguçado... Nesse instante, um ronco estremeceu as paredes da caverna, plantando a verdade cruel na minha consciência atordoada. Não era um tronco que reclamava a minha vida... Era um dos cornos de Deimos!

O demónio sacudiu a cabeça e livrou-se de mim. Fui lançada pelo ar e esmaguei-me contra a laje, com a enorme Lua Cheia a preencher-me a visão. Como pudera esquecer-me do monstro? Isso agora pouco importava... Tinha de me levantar! Tinha de proteger Thorson e Erebus! Porém, a dor era desmesurada, insuportável, terminal... Rangi os dentes e concentrei-me em combatê-la. Eu era capaz... Eu era capaz... Surpreendi-me quando o suplício principiou a atenuar-se. Em menos de nada, estava dormente! Sem dúvida era a luz dos meus avós que me sarava!

De repente, o caos tomou conta da caverna, misturando brados com o batuque de pés. Deimos rugiu como sempre fazia quando se preparava para vomitar fogo... Com mil ratazanas desgrenhadas, porque é que eu não conseguia erguer-me? Nem sequer virar a

cabeça, como se tivesse ficado colada ao chão? Tinha de avisar o meu pai! Abri a boca para gritar e ouvi-me gorgolejar. E, qual maldição, a dor tornou a apossar-se de todas as partículas do meu ser. Felizmente, o martírio foi breve... como um espasmo, uma convulsão que me devolveu a capacidade de respirar. Tornei a encarar a face redonda da Lua, simplesmente brilhante, livre de quaisquer influências malignas... Então, o seu brilho foi ofuscado por uma sombra que se foi definindo, até revelar um rosto que eu temera jamais voltar a ver.

— Papá! — exclamei num sopro de puro júbilo. Levantei os braços e estreitei-o pelo pescoço, com todas as minhas forças. Já era capaz de me mexer! As energias que me abençoavam eram mesmo milagrosas! Pelo canto do olho, vi Deimos prostrado... Enfim morto! Estava a suspirar de alívio quando o Rei da Lua começou a bramir:

— Kelda! Kelda! Oh, não... Filha, não! Kelda...

Senti a sua magia curativa fluir pela minha essência e estranhei a sua aflição.

— Eu estou bem, papá — ripostei. — Juro! Posso sarar sozinha! É Thorson que precisa da tua energia...

Calei-me, fulminada pelo pasmo. O meu pai continuava a clamar e a chorar como se não me estivesse a ouvir! Com mil ratazanas assarapantadas, o que é que...?

— Kelda! — bradou subitamente outra voz... E foi como se todo o meu ser se iluminasse de felicidade. Lysander estava vivo! Estava mesmo vivo! Afinal, talvez as Entidades que regiam os nossos destinos não fossem assim tão perversas.

Vi-o correr na minha direção, com as faces brancas de pavor. Com o coração a espinotear de alegria, soltei o meu pai, pus-me de pé sem dificuldade e precipitei-me ao seu encontro, regozijando:

— Estou bem, Lys! Não te assustes...

Lysander passou por mim... Lysander passou por mim! Senti um vento gélido percorrer-me, arrepiando-me até ao âmago. Agora era a minha mãe que surgia à entrada da caverna, a gritar o meu nome com as faces desfiguradas pela dor. O avô Edwin agarrou-a,

impedindo-a de avançar. Erebus chorava em silêncio, cativo das armelas de magia negra e com os olhos presos ao chão. Apertei os punhos e cerrei os dentes para evitar que batessem. Tinha de reunir coragem para olhar para trás! Virei-me lentamente... E quedei-me petrificada, com um som oco a preencher-me a cabeça, enquanto fixava o meu corpo inerte e dilacerado, a deslizar dos braços do meu pai para os braços de Lysander.

Enquanto o príncipe da Gente Bela me estreitava contra o peito, chorando copiosamente, o meu pai levantou-se. Com os ombros vergados e uma expressão assombrada, arrastou os pés sobre o Altar do Mundo. Passou pelos despojos do filho e deteve-se bruscamente ao identificar o cadáver de Oriana. Levou as mãos à cabeça, como se prestes a desfalecer. Tinham-lhe contado que a sua protegida morrera afogada... Nesse momento, Erebus chamou-o, silvando com premência:

— Thorson viver, Rei Lua! Precisar magia!

O meu pai apressou-se a examinar o sobrinho. Depois apelou, num tom que denunciava sofrimento mas, também, uma firme resolução:

— Tens de me ajudar, Lysander! Ainda podemos salvar Thorson...

Soprei o ar e fixei as minhas mãos. Estavam pálidas, brilhantes... Eu era apenas essência! Inesperadamente, algo se agitou ao meu lado. Estrangulada pelo choque, deparei com um lobo gigante de pelo cinzento... O Líder da Alcateia dos Guardiães das Almas Atormentadas! Trespassei-me com os seus olhos de luz e falou à minha mente:

«Provaste o teu valor, Kelda da Montanha Sagrada... Agora, não te esqueças de cumprir a tua palavra! Estamos à tua espera.»

CAPÍTULO 30

A impreciação que condenava a Ilha dos Penhascos encontrava-se desenhada nas paredes da Gruta das Vozes Ancestrais: após o nascimento de um Filho da Renovação marcado pelo destino, os nativos seriam submetidos ao juízo do Conselho dos Seres Superiores e dizimados por um «fogo purificador». Ora, Korn nascera e traíra o seu povo para satisfazer a causa dos Feiticeiros. Oriana, a menina que viera ao mundo para contrariar tal fatalidade, fora sacrificada sobre o Altar do Mundo da Ilha Mãe. E, por fim, terminada a Noite Branca, o enigma do fogo purificador desvendava-se com a concretização de uma catástrofe.

O vulcão que, durante milhares de anos, permanecera adormecido no coração da Ilha dos Penhascos despertava com uma violência brutal, destruindo o lar do povo nativo e ameaçando todo o arquipélago... O arquipélago e não o mundo, como Halvard reclamara para me coagir a realizar a profecia! Apesar de tudo ter terminado e de a maldição do Filho do Dragão estar desfeita, era assustador pensar quão perto os povos da Terra tinham estado de enfrentar o fim, por conta da loucura do meu irmão gémeo.

Sentada à popa do *drakkar*, ao lado de Lysander, eu ainda não me habituara à ideia de que apenas subsistia em essência. Com um nó na garganta, via o príncipe a aninhar contra o peito o corpo que me pertencera... Porém, era inegável que algo estava errado!

Deimos infligira-me um ferimento fatal antes de tombar às mãos do meu pai. O seu corno varara-me as costas e emergira no peito. Não havia a menor dúvida de que eu estava morta... No entanto, a minha carne não arrefecia! E esse facto prodigioso trazia à memória o encantamento da espada mágica. Por essa razão, Lysander insistia em impregnar a minha carcaça com energia curativa, não obstante «eu», sob a forma de essência, ter perdido a capacidade de senti-la. Embora não ousassem expressá-lo por palavras, era óbvio que aqueles que me eram queridos se alentavam com a esperança de

que eu ainda pudesse regressar à vida, de um instante para o outro, por artes de um qualquer capricho divino.

Aos poucos, as conversas que decorriam à minha volta foram-me ajudando a compreender o que acontecera no cenário de batalha, enquanto Halvard me mantinha sob o seu jugo. O destino dos botes que tinham partido da Ilha dos Penhascos fora uma ilha no extremo norte do arquipélago, controlada pelos Viquingues. Em bom tempo, o Sacerdote Trygve evacuara o seu povo, ou este teria sucumbido aos fumos venenosos que, subitamente, o solo da ilha começara a expelir. O príncipe Galinn e os arqueiros da Gente Bela tinham escapado incólumes, graças à sua magia e à rapidez com que tinham debandado. No entanto, aparentemente, o rei Cyrus não estava com ânimo para celebrações. A antipatia que dedicava ao rei Steinarr era antiga e visceral... Vê-lo surgir vivo e rejuvenescido, ao lado de Lysander, decerto causara-lhe mais azedume do que satisfação.

A aventura de Steinarr e de Lysander contava-se em poucas palavras. Halvard ordenara que Deimos incendiasse a Ilha dos Carvalhos, convicto de que esta arderia até à extinção da última partícula de vida. Porém, a magia das anciãs nativas fora bem-sucedida onde, muitas vezes, a magia do Povo da Terra falhara. O incêndio fora extinto, mas, ainda assim, faltava-lhes um barco para seguir no nosso encalço, destruído que estava o *drakkar*. Então, qual aparição, Nolan surgira a bordo do *Estrela Rubra* com uma história impressionante para contar.

Após a tempestade mística criada por Ingimar, um cardume de tritões conduziu Nolan e o *Estrela Rubra* para uma praia não muito distante. Quando o capitão já achava que iria servir de repasto às terríficas criaturas, estas tinham-se oferecido para ajudá-lo a reparar o navio. Com o auxílio da magia, em pouco tempo, o *Estrela Rubra* voltava a enfrentar o mar, mais robusto do que nunca. Então, um tritão chamado Nereus dissera-lhe onde podia encontrar Lysander. Inclusive, fora o Povo da Água que empurrara o *Estrela Rubra* até à Ilha dos Carvalhos, uma vez que Nolan perdera a sua tripulação. De

imediatamente, tinham tomado o rumo da Ilha dos Penhascos. E o resto era fácil de adivinhar: a alegria do povo viquingue ao reencontrar o seu rei, a emoção do tio Ivarr ao abraçar o pai que julgara morto, o entusiasmo de Ulfvaldr ao conhecer o avô...

Não contive um suspiro de alívio ao lembrar-me de que Ulfvaldr sobrevivera ao ataque do Filho do Dragão. Ficara feliz ao descobrir que, embora ferido, o meu primo fora capaz de nadar no meio daquele caos até alcançar auxílio. Ainda não o vira... A tia Thora não permitira que o filho viesse espreitar-me, receosa de que o abalo compromettesse a sua recuperação. Porém, ouvira-o gritar por mim... Só esperava que a paixão ardente que Ulfvaldr alimentava há tantos anos se apaziguasse com o meu desaparecimento. Afinal, o príncipe viquingue tinha de se preparar para assumir a sua herança de sangue ao lado da prima Beth, que tanto carinho lhe dedicava.

Uma nova explosão atalhou os meus pensamentos e arrancou exclamações receosas em meu redor. Apesar de a distância garantir segurança à frota viquingue, a fúria de um vulcão era algo a que nem o mais corajoso dos espíritos podia ficar indiferente. Deixei Lysander e dirigi-me à amurada, a fim de observar melhor as enormes nuvens de fumo preto que se elevavam no ar e galopavam através do céu, rasgadas por pedregulhos incandescentes que voavam em todas as direções, como se arremessados pelos próprios deuses. Os penhascos que davam nome ao berço dos nativos tinham desaparecido debaixo de uma mortalha de lava que se espalhava pelo mar. O vento carregava lençóis de cinzas, que chegavam até nós ainda quentes. Senti um nó na garganta ao cogitar como, por pouco, estas águas não se tinham transformado num cemitério para todos estes homens, mulheres e crianças.

Essa ideia fez-me olhar para os meus pais e sorrir com um orgulho carinhoso. Após tantas tribulações e padecimentos, finalmente Edwin e Edwina estavam juntos. Tinham sido eles, com a ajuda de Íris, os principais responsáveis pela salvação da nossa gente e dos nossos navios. Não obstante o exército do rei Ivarr ter enfrentado com bravura o Exército do Dragão, os mercenários não

tinham baixado as armas, com os ânimos inflamados pela convicção de que o seu triunfo estava assegurado. Só quando a magia dos Guardiães, combinada com a energia pura de Íris, se precipitara sobre eles é que os infames haviam tomado consciência de que a sua vantagem se extinguiria... E, em consequência, duas questões tinham-se imposto: Onde estava o todo-poderoso Filho do Dragão? Porque é que não os protegia, como até então?

O rumor de que Deimos tombara varado pelas flechas dos arqueiros da Gente Bela depressa se espalhara. E, confrontados com a ausência de comando, a firmeza dos mercenários principiara a desmoronar-se. Se o Filho do Dragão não surgia para liderar o seu exército, era sinal de que também fora prostrado... E, se estava morto, não podia oferecer-lhes a vida eterna e todas as riquezas que prometera! Perante essa inesperada adversidade, o raciocínio dos mercenários fora simples: não havendo recompensa para o seu esforço, não tinham porque combater. A perspectiva de reclamarem um triunfo contra os Viquingues nem sequer era sedutora quando a ameaça da erupção de um vulcão pairava sobre as suas cabeças.

No instante em que as sombras da Noite Branca tinham libertado a Lua da sua influência maligna, a linha mais recuada da frota de Halvard batera em retirada, abandonando os navios que enfrentavam os *drakkars*. De súbito, os mercenários que lutavam contra os guerreiros do Norte tinham-se visto subjugados pela determinação dos opositores. Restara-lhes, pois, a rendição ou a morte. Só então os meus pais e Íris tinham conseguido avançar, abrindo caminho para que Thorson alcançasse a Ilha dos Sonhos. E, enquanto o meu povo festejava uma vitória que não era apenas sua, mas de toda a Terra, a minha família descobrira que a profecia do Filho do Dragão fora desfeita à custa do sangue derramado sobre o Altar do Mundo.

Neste momento, apesar de exaustos e destroçados com a perda dos dois filhos, os meus pais continuavam empenhados em salvar Thorson... Talvez a sua resolução os ajudasse a enfrentar a dor! Bastava observá-los para se perceber o quanto estavam a sofrer.

Inclusive, ninguém fora capaz de contrariar a minha mãe quando ela expressara a vontade de levar o corpo do filho para cremar. Até o primo Trygve, sempre tão célere a cuspir aleives sobre tudo o que a mim e ao meu irmão concernia, mantivera a boca fechada.

A atitude do rígido Sacerdote dos Penhascos começara por me surpreender. Contudo, a sua súbita transigência era facilmente justificada: se Halvard traíra o seu povo, o mesmo sucedera com Oriana. Trygve não estava em posição de julgar quem quer que fosse... Nem parecia interessado em fazê-lo! Eu não duvidava de que o infortúnio da filha o atormentava. Agora, aquilo que ele mais desejava era proporcionar-lhe uma passagem digna para que o seu espírito repousasse em paz.

A morte da Sacerdotisa fora chorada uma segunda vez, pela nossa família e pelo seu povo. Gostaria de ter podido asseverar perante os meus pais e Trygve que, nos seus últimos dias de vida, ela se redimira ao enfrentar o Filho do Dragão com bravura. No entanto, Erebus fizera-o por mim, com proibidade, divulgando o empenho de Oriana em proteger aqueles que dela dependiam. Ainda assim, uma questão persistia no espírito dos conhecedores da verdade... Eu bem vira o olhar que a minha mãe trocara com Trygve, enquanto preparavam o corpo da Sacerdotisa para embarcar no *drakkar*! A cicatriz que lhe atravessava o ventre não lhes passara despercebida. Angustiam-se por nada saber acerca do destino da criança que Oriana concebera. Porém, eu não tinha como elucidá-los e eles não ousariam interrogar os prisioneiros em busca de uma explicação. Se um assunto tão delicado alcançasse ouvidos indiscretos, a reputação da Sacerdotisa, o seu nome e a sua memória ficariam arruinados.

O meu temor de que Erebus fosse castigado devido à sua ligação a Halvard acabara por se revelar vão. Lysander já tratara de esclarecer a colaboração que o meu primo nos prestara e o meu pai não hesitara em retirar-lhe as armelas de magia negra e acolhê-lo nos seus braços. O encontro de Erebus com o avô Edwin fora comovente... Apesar de tudo, sentia-me abençoada por a minha

condição me permitir testemunhar a preciosa história da minha família. Sabia que o fim me aguardava no topo da Montanha Sagrada, mas, até lá, tencionava desfrutar plenamente da companhia daqueles que amava, mesmo que eles não me pudessem ver nem ouvir.

Outra explosão fez jorrar ainda mais lava do cume da Ilha dos Penhascos. Porém, a minha atenção já se fixava em Íris. Embevecida, constatei a ternura com que acariciava os cabelos de Thorson, enquanto os meus pais cumpriam o seu turno de cedência de energia curativa. Devia estar a pensar que esta era a terceira vez que a vida do homem que amava se sustinha por um fio. De novo, a sua magia fora essencial para sustentá-lo nos momentos mais críticos da recuperação. Felizmente, os Feiticeiros ainda não lhe tinham aplicado o castigo... Aliás, se fosse ingénua, eu até diria que os energúmenos se tinham esquecido da sua existência.

O silêncio da Ilha Sagrada, perante o que estava a suceder na Terra, já fora alvo de muitas especulações. Os testemunhos de Íris, Erebus e Lysander só tinham aumentado ainda mais a estranheza e a apreensão entre aqueles que conheciam a índole dos Seres Superiores. Será que estes tinham decidido não interferir nos confrontos da Noite Branca para castigarem Halvard pela morte do Mestre Supremo? Pensar que Ingimar podia ter ocupado o lugar de Celsus causava-me grande apreensão quanto ao futuro. A minha morte não aplacaria a sua raiva! Ingimar desejava transformar a Terra num campo de escravos para satisfação dos seus caprichos, por isso o desfecho desta saga não seria do seu agrado.

Prendi o fôlego quando vi Erebus suster-se do recanto onde se sentara a descansar. Os meus pais também se quedaram a observá-lo, quando se aproximou do lugar onde os corpos de Halvard e Oriana repousavam, envoltos em mantas. Ficou imóvel por algum tempo, como se orasse pelo espírito do primo... Senti-me confortada ao inferir que ele nem teria de se esforçar por conquistar o afeto da nossa família. A sua alma revelava-se tão pura, tão generosa, que era impossível não estimá-lo depois de conhecê-lo. Já eu não

possuía a sua indulgência... Recordar-me de Deimos punha-me os dentes a ranger! Saber que o seu cadáver fora esquartejado e deixado a apodrecer na praia da Ilha dos Sonhos era um fraco consolo. Simplesmente não me perdoava por ter virado as costas ao demónio sem me ter certificado de que estava morto. No fim, Deimos tivera a sua vingança! Mesmo enterrado até aos cornos na podridão do submundo, decerto ainda não parara de rir às gargalhadas perante a minha estultice.

Tornei a fixar os olhos no mar, lutando contra as lágrimas. Restava-me tão pouco tempo... Não iria desperdiçá-lo a mastigar rancores e a chorar! Vi que Erebus se detinha ao meu lado e não resisti a deitar a cabeça no seu ombro. Então, fiquei em choque ao ouvi-lo murmurar:

— Kelda... Kelda...

Pulei para o lado, a respirar aos borbotões. Se estava morta, como era possível sentir o coração a bater com tanta força? Será que Erebus me conseguia divisar? As palavras que proferiu a seguir responderam ao meu anseio:

— Erebus sentir prima... Mas não ver! Não ver! Porquê não ver? Saber Kelda estar aqui... Favor, dar sinal Erebus! Favor! Favor...

As lágrimas escorriam-lhe em cascata pelas faces encobertas pelo capuz. A mão que lhe restava cerrava-se sobre a amurada. Tentei sacudi-lo e empurrá-lo; gritei o seu nome até consumir a voz. Porém, foi tudo em vão. Deixei-me tombar sobre o convés e cedi ao pranto. Ainda tivera esperança... Se Erebus me escutasse, eu poderia despedir-me daqueles que amava e explicar-lhes a urgência de me conduzirem à Montanha Sagrada. No entanto, tal possibilidade parecia afastada. Felizmente, mesmo sem saber, Lysander prestava-me uma ajuda inestimável ao acreditar que eu seria capaz de ressuscitar por artes mágicas. Nem imaginava as consequências se alguém decidisse cremar-me juntamente com Halvard e Oriana.

Ao recobrar, as primeiras palavras de Thorson foram:

— Temos de levar Kelda para a Montanha Sagrada!

Tal como Lysander, o meu primo estava convicto de que o berço de magia da Terra haveria de me devolver a vida. O facto de o meu corpo se manter quente, sem revelar o menor sinal de decadência, ao passo que Halvard e Oriana já se decompunham sob o Sol de verão, era a prova de que a minha essência continuava viva e a magia me preservava. Posto isto, também os meus pais se agarravam a essa expectativa com unhas e dentes. Inclusive, os olhos da minha mãe cintilavam de ansiedade ao abraçar-me, enquanto falava sobre a gruta dos cristais, onde se situava a lagoa cujas águas milagrosas tinham o poder de curar as mais graves maleitas. Do mesmo modo, Íris confiava que isso era possível e relatava a sua experiência com entusiasmo:

— Fiquei como se morta e essas águas sararam-me...

Angustiava-me vê-los partilhar tão vã ilusão, pois sabia o que me aguardava. Com mil ratazanas desentranhadas, começava a ser doloroso assistir à comoção que se gerava em torno do meu corpo. O fenómeno que, inicialmente, me parecera uma bênção convertera-se num suplício. Eu sofria, eles sofriam... E sofreriam muito mais, quando fossem confrontados com a crua realidade.

Acabámos por aportar no território aliado mais próximo. Para além de a nossa frota ser numerosa, os Viquingues ainda tinham capturado alguns navios do Sul. Ao contrário do que eu receara, os *drakkars* não haviam sofrido muitos estragos, graças à nobreza da sua madeira e à excelência da sua construção... Todavia, os danos humanos eram imensuráveis! No rescaldo da batalha, centenas de vidas tinham-se perdido sob a selvajaria do Exército do Dragão. Ainda assim, o êxodo da Ilha dos Penhascos encheu os barcos. O ancoradouro era pequeno, por isso muitos *drakkars* tiveram de seguir viagem. Apenas os meus familiares mais chegados ficaram, para apoiar os meus pais no momento difícil que se avizinhava. Também Trygve e o seu povo saíram dos navios, após receberem autorização do senhor da terra para se instalarem na aldeia e

acamparem na praia. Quedar-se-iam pelo tempo necessário, até o seu arquipélago se tornar seguro para acolhê-los.

Enfim revi a tia Thora, o tio Ivarr, o tio Helgi e tantas outras faces que me inspiravam ternura. Um a um, fizeram questão de abraçar o meu corpo. E assombraram-se ao confirmar que, ao invés de adquirir a rigidez gélida e pútrida da morte, eu parecia estar a dormir tranquilamente. Após escutarem as suposições de Lysander, não hesitaram em apoiar as suas expectativas. Ulfvaldr superou a agonia e começou a saltar de contentamento, convencido de que, em breve, eu e ele estaríamos a passear a cavalo pela Floresta dos Carvalhos.

Ciente de que a minha condição causaria grande estranheza àqueles que não estavam familiarizados com os caprichos da magia, Lysander decidiu ficar comigo no *drakkar*. Steinarr e Ulfvaldr ofereceram-se para acompanhá-lo. Deixei-os para trás e segui os meus pais, pois queria assistir às cerimónias fúnebres de Halvard e de Oriana.

Ao cair da noite, os nativos da Ilha dos Penhascos prestaram uma homenagem comovente à soberana, enquanto o seu corpo ardia numa pira gigante. Houve cânticos, danças, prantos... E uma mensagem de esperança. A Sacerdotisa Oriana salvara-os do Filho do Dragão e, a partir do mundo dos espíritos, haveria de apaziguar o vulcão, para que eles pudessem regressar rapidamente ao seu solo sagrado e iniciar a construção das suas casas.

A cerimónia de Halvard foi muito modesta: uma simples fogueira a sustentar o corpo, com os familiares a ampararem os meus pais. Não se escutava um som nesse lado da praia, para além do crepitar do fogo e do choro martirizado da minha mãe. Senti-me confusa... Halvard torturara-me, levara-me ao desespero... E eu matara-o! No entanto, agora que tudo terminara, o ódio convertia-se em tristeza... E numa dor que a linguagem do Homem seria incapaz de descrever! A verdade é que continuava a amar o rapaz traquina, rebelde, divertido, forte e exceccionalmente inteligente que me acompanhara dia a dia, até que o cruel destino nos separara aos oito anos. Fora

por esse garoto que eu lutara e me sacrificara... Desejava, sinceramente, que o meu irmão encontrasse no outro mundo a paz de espírito que nunca conhecera na sua existência humana. E a redenção... Apesar de tudo!

Seria isto que eu diria se pudesse falar. Mas não podia. E mais ninguém falou. Quando a fogueira se transformou em brasas, o meu pai conduziu a minha mãe para a aldeia. A família acompanhou-os. Só Erebus se quedou. Envolto pelas sombras da noite, arrancou algumas flores que cresciam nas dunas e lançou-as para as cinzas. Depois chorou. E, enfim, as minhas lágrimas também se libertaram. Abracei o meu primo e desejei ser capaz de lhe dizer o quanto me orgulhava de ter conquistado a sua amizade, de ter partilhado os seus segredos, de ter conseguido iluminar a sua essência e aquecer o seu coração. Pensar que o ajudara a libertar-se do pesadelo em que vivia tornava a minha derradeira caminhada um pouco mais fácil. Sem dúvida, a salvação de Erebus era a minha maior vitória.

Mal o Sol nasceu, os viquingues estavam prontos para seguir viagem. A minha mãe expressou o receio de que a demora em chegar à Montanha Sagrada pudesse comprometer o meu regresso à vida, mas a tia Thora sossegou-a, jurando-lhe que os *drakkars* seriam rápidos como o vento. Porém, um sobressalto aguardava-os no porto. Três feiticeiros tinham invocado um trilho de luz e descido à Terra para lhes falar. Regino estava entre eles. Envergavam trajes sumptuosos e quedavam-se no limite da cintilação, fixando-nos do topo da sua arrogância.

De imediato, as mãos dos guerreiros colaram-se aos punhos das espadas. Esquecida de que não podia intervir, corri para o lado de Íris e assumi uma posição defensiva. Percebi que Thorson tentava encobri-la com o seu corpo, mas ela sacudiu a cabeça e deu-lhe a mão. Não tencionava esconder-se... Sabia o que queria e estava disposta a assumi-lo. O tio Ivarr trocou um olhar com o meu pai e ambos avançaram.

— O que quereis? Falai rápido! — interpelou o meu tio com frieza, para lhes demonstrar que não tínhamos tempo nem paciência para as suas aleivosias. A réplica foi célere:

— Saudações, Ivarr do povo viquingue. O meu nome é Regino e sou o novo Mestre Supremo dos Seres Superiores. Venho, em nome do Conselho que represento, felicitar-vos pela vitória contra o exército do Sul e pela destruição da profecia que amaldiçoava o Filho do Dragão. Faço votos para que esta nova era que agora se inicia fique marcada pelo entendimento e pela cooperação entre os diversos povos da Terra...

— Perdoai, excelência... — interrompeu a tia Thora, com um sarcasmo que me abismou. — A minha limitada inteligência humana não está a alcançar o significado da vossa declaração. Vindes felicitar-nos pela vitória contra o exército que vós patrocinastes? E fazer votos para que haja entendimento entre os nossos povos nesta «nova era», quando, na «velha era», tudo fizestes para nos tramar? Corrigi-me se estiver equivocada, mas foi o vosso companheiro de Conselho, o feiticeiro Ingimar, que há bem pouco tempo atentou não só contra a vida da minha sobrinha Kelda, mas também contra o futuro rei da Gente Bela. É a essa cooperação que vos referis?

— E o Filho do Dragão tinha nome... — interferiu a minha mãe igualmente gélida. — Chamava-se Halvard e era meu filho. Foi raptado em criança por um renegado ao vosso serviço e, por vossa ordem, treinado para cumprir a mesma profecia que, hoje, tão sabiamente identificais como uma maldição. Será impressão minha ou existem graves contradições no vosso discurso?

Seguiu-se um silêncio sepulcral. Eu dividia-me entre a perplexidade, o orgulho e o temor. Regino começou por ficar lívido de espanto, mas, agora, exibia um rubor que denunciava uma fúria contida. Fitava o rei viquingue com olhos semicerrados, como se esperasse que ele repreendesse as mulheres. Ao invés, o tio Ivarr sacudiu os ombros e ripostou:

— As questões apresentadas pela minha rainha e pela princesa Edwina são bastante pertinentes. Gostaria de saber o que tendes a

dizer sobre o assunto.

Achei que Regino ia fulminar-nos com uma chuva de raios. Todavia, mostrou a razão por que conquistara a simpatia de Íris ao respirar fundo e responder, circunspecto e moderado:

— Durante anos, a posição do Conselho quanto à profecia do Filho do Dragão dividiu as consciências da Ilha Sagrada. Enfim, o meu povo pronunciou-se e foi claro na expressão da vontade de fomentar a paz e a harmonia entre as raças pensantes da Terra. Sei que existem feridas a dividir-nos que só com tempo, ponderação e tolerância poderão sarar. No entanto, estou a tomar a iniciativa de vos estender a mão, na expectativa de que este encontro possa ser o primeiro passo para um ajustamento futuro.

— Nós já ouvimos falar de ti, Regino da Ilha Sagrada — rebateu o rei viquingue. — Não duvido das tuas intenções. Contudo, o povo que lideras já nos mostrou muitas faces... Por isso, devo insistir numa resposta às questões que aqui foram colocadas. E acrescento outra: se houve uma mudança de mentalidade na Ilha Sagrada, porque não nos apoiastes mais cedo? A vossa ajuda na batalha teria poupado centenas de vidas!

Regino acusou o desconforto de estar a ser contestado. Porém, engoliu em seco e cedeu:

— Os Seres Superiores não têm tradições bélicas, Ivarr. Como soberano, há de compreender que eu não podia incentivar o meu povo a estabelecer a paz com o Homem ao mesmo tempo que os conduzia para uma guerra.

— Uma guerra que vós incitastes — mastigou a minha mãe. E, nas suas costas, ouviram-se desabafos ciciados pelos guerreiros:

— Lérias!

— Cobardes!

— Corja de fingidos...

Regino ignorou-os e prosseguiu:

— Quanto aos atos do Sacerdote Ingimar, nada posso fazer além de lamentá-los e condená-los. Tendes a minha garantia de que tais agressões não se repetirão.

— Não estás em posição de afiançar tal coisa — refutou o meu pai sobriamente. — Nenhum soberano está! Eu já vivi entre Homens, Seres do Ar, da Terra, da Água e do Fogo e asseguro-te que a ambição e a traição serpenteiam no cerne de todas as raças. Não sejas ingénuo na tua equidade ou não viverás tempo suficiente para testemunhar o entendimento que desejas.

Desta feita, Regino não ficou indiferente perante o repto:

— Tu não me conheces, Edwin... Não duvides da firmeza da minha mão! Desejar a paz não me torna fraco nem permissivo. Muito pelo contrário!

Nesse instante, Thorson surpreendeu os demais ao destacar-se e enunciar com uma impaciência quase agressiva, como se não acreditasse numa palavra proferida pelo feiticeiro:

— Se assim é, dá-nos uma prova da boa vontade que apregoas e entrega-nos Ingimar, para que o julgemos pelos crimes que cometeu contra a nossa família, o nosso povo e os nossos aliados.

Pior só mesmo acusar: «Isto não passa de um truque, seu mentiroso! Foi Ingimar quem te mandou aqui para nos embair.» Até a tia Thora o fitava de olhos arregalados. Eles não sabiam que a exasperação de Thorson ia para além das divergências que separavam Feiticeiros e Homens... A causa do seu alvoroço puxava-lhe pela mão, tentando acalmá-lo! Por outro lado, a tranquilidade estudada do Mestre Supremo parecia esfumar-se ao encarar o humano pelo qual Íris quebrara todas as regras.

Tive o pressentimento de que, se tivesse sido qualquer outro a fazer aquela exigência, com a requerida cortesia, Regino teria ponderado... Porém, era o rival que o afrontava! Empinou o nariz e contraditou com uma rispidez exacerbada:

— As ações do Sacerdote Ingimar serão avaliadas na Ilha Sagrada pelo Conselho dos Seres Superiores, como dita a nossa lei.

Os guerreiros não gostaram da resposta. Ressaltava a ideia de que nós não éramos dignos de julgar um feiticeiro ou de que, como Thorson insinuara, Ingimar haveria de escapar impune. Perante o burburinho que se avultava, o tio Ivarr elevou a voz e declarou:

— A tua oferta agrada-me, Regino da Ilha Sagrada... Concordo que todos iremos lucrar com uma conciliação que nos liberte dos ressentimentos do passado e previna futuros desacertos. No entanto, tal como tu precisaste de falar com o teu povo, também eu necessito de falar com o meu. Como vês, os meus homens estão desejosos de chegar a casa, abraçar as suas mulheres e os seus filhos, e homenagear os companheiros desaparecidos... Por isso, peço-te que me concedas alguns dias, findos os quais voltaremos a reunir-nos com mais calma.

As palavras do tio Ivarr fizeram-me despertar para a estranheza da situação. De facto, a oferta de paz deveria ter sido feita num ambiente de serenidade que lhes permitisse conversar em privado. Como justificar a vinda do Mestre Supremo a um porto insignificante num momento de tão grande agitação? Era óbvio que esta demonstração de magnanimidade ocultava outro propósito... Uma ansiedade que compelira Regino a precipitar-se até aqui, por não poder esperar nem mais um fôlego para satisfazê-la! E, firmada essa conclusão, nem me custava adivinhar do que se tratava. O feiticeiro já enunciava:

— Será como demandas, Ivarr do povo viquingue. Tornarei a procurar-te após o definhar de duas luas. — Depois, fixou o olhar em Íris e apelou: — A paz reina na Terra e na Ilha Sagrada, *Observadora*... É tempo de regressares a casa.

O rosnado de Thorson arrepiou-me a nuca. Desde o primeiro instante, ele previra que isto ia suceder. Contudo, mais uma vez, Íris demandou-lhe calma enquanto volvia:

— Agradeço a tua atenção, elevado Regino, mas já estou em casa! A missão que abracei trouxe-me dificuldades e sofrimento, mas também me mostrou outro modo de vida que me apaixonou. Não pretendo retornar à Ilha Sagrada... E aceito, sem contestar, as consequências ditadas pela lei para a minha resolução. O Conselho pode reclamar a minha magia...

— Não quero a tua magia, Íris — objetou o Mestre Supremo com ardor, como se a desfeita da jovem o fizesse esquecer quem era e

onde estava. — O teu lugar é ao meu lado, sentada no Conselho... A Ilha Sagrada precisa da sua *Observadora*!

Um apelo ao coração, à honra e ao dever. Muito inteligente... Porém, Íris não se demoveu:

— Vieste até aqui para falar de paz, Regino... E, como conheço bem a tua integridade, sei que estás a ser honesto. Ora, povos que vivem em concórdia não precisam de se «observar»! Têm, sim, de dialogar para encontrar consensos. Logo, a função que eu desempenhava tornou-se escusada. Sentar-me no Conselho nunca fez parte das minhas ambições... E, quanto ao resto, creio que já deixei bem clara a minha posição. — Ao verificar que ele abria a boca para contestar, apressou-se a atalhar: — Se ainda prezas a nossa amizade e desejas a minha felicidade, peço-te que não insistas! A minha decisão está tomada e é irreversível.

Agora, sim, Regino ia arrojear a capa de proibidade ao chão e declarar-nos guerra! Porém, comecei a acreditar que a Ilha Sagrada estava realmente a ser governada por uma consciência diferente quando o Mestre Supremo engoliu as palavras de Íris como ramos de espinheiros, mas, ainda assim, replicou com parcimónia:

— É verdade que prezo a tua amizade... Por isso, respeitarei a tua decisão, se ela te faz feliz. Não obstante, se um dia quiseres regressar, a Ilha Sagrada voltará a ser a tua casa.

Posto isto, virou costas e iniciou a subida do trilho, com os dois feiticeiros no seu encalço. Eu estava para lá de atónita e o meu espanto era partilhado pelos guerreiros, pois tudo o que se ouvia eram sopros de estupefação. A minha família entreolhava-se com o queixo caído... Então, a voz de Thorson ecoou com uma solenidade desconcertante:

— Tencionava aguardar até a situação de Kelda estar resolvida. Contudo, depois disto, não posso deixar de te perguntar... Queres casar comigo, Íris?

O silêncio tornou-se pesado enquanto todos sustínhamos o fôlego. Íris cambaleou, levou as mãos aos lábios... E lançou-se ao

pescoço do meu primo. Ao vê-los beijarem-se, a multidão explodiu em aplausos e gritos de ovação. Eu sorri... Simplesmente sorri.

Enquanto esperava pela carroça que haveria de transportar o meu corpo até à Floresta dos Carvalhos, imaginei a alegria que percorreria o País dos Viquingues quando os guerreiros entrassem nas suas casas não só com o anúncio da sua vitória e consequente salvação da Terra, mas também com a nova do regresso do rei Steinarr ao seio do seu povo.

Não pude, igualmente, deixar de congeminar o que estaria a acontecer na torre da rainha Lyria, na floresta da Gente Bela. O rei Cyrus e o príncipe Galinn não se tinham detido durante a viagem, por isso já deviam ter alcançado o seu território. Lyria ia ficar muito perturbada com o anúncio da minha morte, disso eu tinha a certeza... Todavia, era incapaz de prever qual seria a sua reação ao descobrir que, afinal, Steinarr estava vivo. E o que faria Steinarr? Teria coragem de ir visitá-la? Infelizmente, eu jamais saberia.

Principiava a anoitecer. Engoli em seco ao interiorizar que essa fora a última vez que vira o Sol. O meu tempo esgotava-se com a aproximação da Montanha Sagrada. A minha angústia contrastava com o entusiasmo dos meus familiares e amigos, ante a convicção de que, logo, eu estaria sarada. À certeza de que tudo o que amava ia desaparecer, acrescentava-se a dúvida quanto ao meu destino. Será que me estava reservada uma eternidade de sofrimentos? Afinal, eu concordara em aliviar o martírio de almas penadas... A carroça parou ao nosso lado. Lysander apertou-me nos braços e beijou-me a testa. Ulfvaldr indagou:

— Ela continua quente?

O tio Helgi enviara um mensageiro à nossa frente para avisar a tia Freya e ela chegava a cavalo com uma escolta. Assim que se assegurou de que Thorson estava bem, correu para mim. Fiquei feliz por revê-la, mas desgostosa por lhe causar tamanha tristeza. Ao contrário da tia Thora, que rasgava a vida qual rajada de vento, a tia Freya era sensível e delicada. Abraçou-se à minha mãe e chorou,

chorou... Ficou tão transtornada que Thorson nem teve coragem de lhe apresentar Íris. Sorri ao pensar que as duas se iriam entender perfeitamente. Depois, saltei para a carroça e aninhei-me entre Lysander e Erebus. Pela primeira vez, eu reunia toda a família em meu redor sem ser motivo de uma discussão... Pena que fosse para o meu funeral!

O meu pai estava destroçado. Via-se nos seus olhos. De todos, era quem menos confiava que a Montanha haveria de me ressuscitar. Sempre que o fixava, eu suspirava de alívio por constatar que o sortilégio que lhe lançara nos calabouços do palácio dourado não lhe causara dano. A minha mãe soubera restituir-lhe a razão sem comprometer o seu discernimento. Gostaria de ser capaz de lhe pedir que cuidasse de Erebus como se fosse seu filho. Contudo, no fim, talvez isso não fosse necessário, pois os dois já tinham desenvolvido laços para a vida.

— Não me deixes, Kelda — murmurou Lysander subitamente, obrigando-me a soluçar. — Não posso viver sem ti... Não quero viver sem ti! Que raio de maldição é esta que nos condena à separação, vezes e vezes sem conta?

Calou-se para não sucumbir ao pranto. Deitei a cabeça no seu ombro e fechei os olhos, incapaz de suportar a visão do meu corpo estropiado. Inspirei com força e deliciei-me com o perfume do príncipe e o som do seu coração. Por instantes, recordei a nossa noite de paixão, o seu carinho e cuidado, o prazer de lhe pertencer por completo. Se conseguisse guardar uma lembrança desta existência, seria essa que escolheria. Quando me entregara ao seu ardor, já sabia que a nossa felicidade seria efémera... Só não imaginava que seria tão difícil dizer-lhe adeus! Adeus, meu amor... Adeus... Voltei a encher o peito de ar. E senti o cheiro dos lobos.

— O trilho mágico! — exclamou a minha mãe, arquejante de ansiedade.

— Rápido! Rápido! — urgiu Ulfvaldr, desejoso de ajudar Lysander a carregar-me.

Comecei a respirar com dificuldade. O caminho que haveria de nos conduzir ao cume da Montanha Sagrada estendia-se diante dos nossos olhos. E, de ambos os lados, apesar de mais ninguém os enxergar, estavam os Guardiões das Almas Atormentadas. Acreditei que tudo ia terminar abruptamente... Porém, o Líder da Alcateia virou-me as costas e iniciou a subida do trilho.

Que estranho cortejo devíamos parecer! Um Lobo Cinzento, seguido por Lysander com o meu corpo nos braços e eu, sob a forma de essência, marchando ao seu lado pelo meu pé. Atrás de nós, a minha família... E, nas beiras do caminho, uma alcateia que parecia não ter fim. Será que todos iriam reclamar um pedaço de mim, como acontecera da última vez? Comecei a sentir frio... Queria sofrer o medo, pois sabia que as feras podiam cheirá-lo. Contudo, não conseguia evitar o tremor que me enfraquecia as pernas e punha os dentes a tiritar. Thorson acercou-se de Lysander e segredou-lhe:

— Vamos já para a caverna. De certeza que a passagem para a lagoa está aberta.

A noite já envolvera o País dos Viquingues quando alcançámos o topo da Montanha Sagrada. Um súbito clarão fez-me piscar os olhos e arrancou exclamações de espanto aos demais. Um trilho acabara de ser delineado pela vontade da magia, com labaredas que brotavam do solo quais tochas. Conduzia diretamente à Pedra do Tempo... Nem sequer admitia o acesso à caverna para onde todos julgavam que teriam de me levar.

— Confia na Montanha — insistiu Thorson ao ver a aflição de Lysander. — A essência de Kelda está intimamente ligada a este lugar.

O príncipe da Gente Bela respirava aos arrancos. Estava em pânico, embora não pudesse admiti-lo. Era a sua esperança que sustinha a expectativa dos companheiros, por isso, obrigou-se a recuperar a compostura. Manteve a firmeza do passo, enquanto se aproximava da Pedra do Tempo. Surpreendi-me ao constatar que os lobos tinham desaparecido... Será que o Líder da Alcateia me

aguardava sob a aura da Senhora da Magia? Não! Eu era esperada, sim... Mas pelos meus avós Throst e Catelyn!

Deixei o cortejo e corri para os seus braços. Senti-os como se fossem reais... Afinal, agora eu também fazia parte do mundo dos espíritos. Tentei falar, mas só gaguejei, sufocada pelas lágrimas. O avô Throst continuou a amparar-me como se receasse ver-me desfalecer. A avó Catelyn segurou-me o rosto entre as mãos, mergulhou no meu olhar e enunciou:

— Assumiste um compromisso e terás de cumpri-lo, Kelda. Mas não desespères... Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para aliviar o teu martírio e facilitar a tua viagem pelo mundo das trevas. Não serás esquecida... Embora não nos possas ver, prometo que não te deixaremos sozinha.

— O que é que me vai acontecer? — inquiri numa voz sumida.

Pequena pôs-se nas pontas dos pés e beijou-me a testa, enquanto Lobo Cinzento me beijava os cabelos. Depois, a minha avó replicou:

— Não há tempo para explicações...

Segui o seu olhar e verifiquei que Lysander deitara o meu corpo no solo coberto de ervas macias que rodeava a Pedra do Tempo. Esta noite, a Senhora da Magia fulgurava com todo o seu esplendor. Porém, ao contrário das outras vezes em que eu desfrutara do seu brilho negro, a minha vontade era fugir... Todavia, fugir para onde? Não! Com mil ratazanas danadas, eu não era nenhuma cobarde! Todos tínhamos de morrer... E este era o meu dia!

— O que tenho de fazer? — perguntei, inspirando um fôlego de determinação.

— Apenas deixa-te ir, meu amor — respondeu Pequena.

— Mantém a cabeça erguida — aditou Lobo Cinzento. — Não tenhas medo.

A minha família sustinha-se com o ar preso, esperando por algo que não ia acontecer. Entreolhavam-se e remexiam-se, com os nervos à flor da pele; soltavam exclamações e gemidos... A tia Freya começou a chorar. Depois, a tia Ingrior e a minha mãe. E Ulfvaldr! E

Íris... Até a tia Thora tinha lágrimas a escorrer pelo rosto! O melhor era acabar com isto depressa! Voltei a respirar fundo e escutei a minha avó a sussurrar:

— Lembra-te de que estaremos ao teu lado como sempre estivemos...

Então, foi como se a minha essência se convertesse em água e escorresse para dentro do corpo. Por um instante, um mero sopro, fui fulminada por uma dor violenta que me fez escancarar os olhos. De repente, distingui claramente o rosto de Lysander por cima do meu; o universo azul estrelado dos seus olhos inundado por lágrimas que vertiam sobre a minha pele, deslizando como carícias. E ele também me viu... Nesse instante, nesse sopro...

— Ela está viva! — gritou. — Kelda... Kelda...

O sopro esvaiu-se. A sua voz desvaneceu-se e a minha mente encheu-se de trevas. A terra que sustinha o meu corpo sob a aura protetora da Pedra do Tempo agitou-se, quais areias movediças... E a Montanha Sagrada engoliu-me.

CAPÍTULO 31

— Kelda! Kelda... Porque não respondes?

Abri os olhos, sobressaltada, e encarei a mulher que gritava. Era alta e robusta, com cabelos louros encaracolados e olhos azul-celestes. Parecia aborrecida, até exasperada, ao indagar:

— Sabes onde está o teu irmão? Halvard prometeu-me que não sairia de junto de ti!

Assolada pela confusão, volvi sem perceber porquê:

— Está morto... Eu matei-o!

De súbito, a mulher desapareceu... Tudo desapareceu.

Trevas... Silêncio... Vazio... Frio... Frio... Tanto, tanto frio...

— Kelda! Kelda... Porque não respondes?

Abri os olhos e fixei a mesma mulher. Parecia mais velha! Quanto tempo se passara? Chorava copiosamente... Um homem amparava-a: um guerreiro de olhos verdes, com os cabelos louros repletos de madeixas de fogo. Fustigada pela confusão, dei por mim a replicar:

— Não posso responder porque estou morta!

De repente, os dois sumiram... Tudo sumiu.

Trevas... Silêncio... Vazio... Frio... Frio...

— Kelda! Kelda... Tens de reagir, querida!

Abri os olhos e encontrei outra mulher. Era baixa e franzina, com cabelos brancos encaracolados e olhos verde-floresta. Parecia aguardar, expectante... Aguardava o quê? Começou a dissipar-se... E extinguiu-se. Tudo se extinguiu.

Trevas... Silêncio... Vazio... Tanto, tanto frio...

— Kelda! Kelda... Abre os olhos, Kelda!

Arrostei o homem que clamava. Era alto e imensamente forte, com cabelos brancos e olhos azul-celestes. Principiou a desvanecer-se... De repente, rasgou a névoa que o envolvia com um ímpeto tempestuoso e cravou-me os dedos nos ombros, quais garras. Sacudiu-me e ordenou:

— É tempo de regressares à vida! Vais acordar... Vais acordar já!

Um estalo ecoou dentro da minha cabeça, arrebatando-me ao torpor e permitindo-me enxergar para lá das trevas. De imediato, confrontei-me com um focinho... O focinho de um lobo de pelo grisalho e olhos de luz! Bufou-me para a cara, exibindo presas longas como punhais. Depois, rugiu, escancarando a boca diante do meu rosto:

— Volta a dormir! Não podes despertar!

Bradei aterrada e comecei a arrastar-me para trás... Nesse instante, choquei contra algo sólido, imensamente grande. Outro lobo! E outro... Eram dezenas! Os seus olhos de fogo iluminaram e preencheram o vazio, profanando o silêncio com uivos ensurdecedores e minazes. Onde é que eu estava...? No covil dos Guardiães das Almas Atormentadas, a pagar os favores exigidos aquando da purificação da minha essência.

— Não te deixaremos partir — tornou o Líder da Alcateia a rosnar.
— Tu pertences-nos! Ficarás para sempre ao nosso lado... A dívida que tens para connosco assim o determina.

— Há muito que vos alimentais da energia de Kelda... Ela já pagou o que é devido!

Incrédula, virei o rosto e deparei com a avó Catelyn, enfrentando os lobos com destemor. Fora ela quem me livrara do feitiço que me subjugava... Com a ajuda do avó Throst! Ele também se manifestava em minha defesa, avançava e fremia:

— A dívida de Kelda está saldada. Libertai-a imediatamente... Ou juro que vos desfaço!

O Líder da Alcateia soltou um ronco, qual gargalhada, antes de afrontá-lo:

— Não tens o direito de contestar a minha autoridade, Lobo Cinzento. Perdeste-o quando nos desprezaste a nós, os teus irmãos, para te unires a essa feiticeira no mundo das sombras. Atraiçoaste-nos na vida e traíste-nos na morte... Por isso, a tua neta há de continuar a regalar-nos com a sua luz! Ide... Ou esta vossa intrusão nos nossos domínios será a última!

— Essa decisão não te pertence! — retrucou a minha avó com uma firmeza autoritária. De imediato, os lobos resmungaram e assumiram posturas agressivas, ameaçando atacar. Seguro da sua superioridade, o Líder da Alcateia revidou:

— E quem irá adversar-me? Vós?

Soltou outra gargalhada e eriçou-se, tornando-se ainda maior. Vergou o corpo a fim de ganhar impulso para a acometida... E os outros imitaram-no! O covil foi preenchido por rosnados arrepiantes e um cheiro intenso a pelo suado. Apavorada, tentei argumentar com os meus avós. Throst e Catelyn já se tinham sacrificado demasiado por mim! Não podia admitir que as suas essências fossem destroçadas pelos Guardiões das Almas Atormentadas e cessassem de existir! Contudo, eles escudaram-me e confirmaram a sua resolução... Então, no derradeiro instante, quando o caos violento e sangrento se preparava para irromper, algo colossal como que brotou do próprio ar e saltou para o meio do covil, interpondo-se entre nós e os lobos.

Uma vaga de energia luminosa varreu os opositores, espalhando-se em todas as direções. Muitos lobos ganiram ao esmagarem-se contra as paredes. Se não estivesse segura entre os meus avós, teria sido arrojada também. Fiquei momentaneamente encandeada pelo esplendor. E, enquanto os meus olhos se ajustavam, um rugido atoador fez estremecer o covil, alvoroçando o meu coração. Eu conhecia esse bramido! Escutara-o em criança, na margem do ribeiro onde nascera... A fera da Montanha Sagrada, cujo espírito Halvard tanto cobiçara, encontrava-se à minha frente.

Perdi o fôlego ante a criatura mais bela que os meus olhos alguma vez tinham contemplado. Assemelhava-se a um gato gigante, sem, contudo, o ser. Também não era um tigre! Era... um felino magnífico! Aliás, uma felina, vigorosa, mas elegante, com uma pelagem soberba, longa e alva como a neve, repleta de manchas e malhas onde a prata se misturava com o cinzento e o negro, libertando reflexos deslumbrantes como a superfície de uma lagoa

acariciada pela luz da manhã. As flamas do seu olhar ardiam com uma veemência letal, enquanto defrontava os lobos.

— Tu... — trincava o Líder da Alcateia. — Não tens o direito de interferir! Kelda é minha presa!

— Pode o verme que rasteja na podridão do solo contestar o direito que o Sol tem de brilhar? — refutou a fera, arrepiando-me até ao âmago. — Kelda não é tua presa... Não é presa de ninguém!

Um novo rugido pôs os lobos a escabujar e a cainhar, arranhando o solo como se buscassem um buraco que lhes permitisse fugir. Apenas o líder se manteve no lugar, altivo e arrogante, ainda que incapaz de disfarçar o tremor das patas, enquanto a felina enunciava:

— Eu permiti que Kelda viesse até aqui para que a sua magia vos libertasse. Alguns dos vossos irmãos aproveitaram essa dádiva, sararam as suas essências e conquistaram a paz... Porém, vós que estais diante de mim preferistes a satisfação da carne à elevação do espírito. Observei-vos através dos tempos e vi-vos desperdiçar esta oportunidade. Logo, só posso concluir que não estais preparados para abraçá-la... Ou que sois indignos de tal bênção! Por isso, ireis continuar a errar pela Terra, até que aprendais a lição.

— Não! — ganiu o Líder da Alcateia, como se essa sentença o despisse de toda a arrogância. — Suplico-te que não nos condenes a outra era de provação! Concede-nos mais um dia e juro...

— Nem mais um fôlego! — retorquiu a fera, inflexível. E, diante do meu olhar arregalado, os lobos começaram a transformar-se em poeira, soltando uivos de indescritível agonia, enquanto a voz bravia declamava: — Ao amanhecer, ireis definhar e com as trevas despertar. Seguireis o trilho da névoa, da fome, do frio e da dor, aguardando o nascer de uma nova esperança. Só quando esse clarão se acender, voltareis a tocar a luz. Até lá, ireis penar e expiar. Essa é a lei da magia. Essa é a minha lei.

Boquiaberta, vi os lobos desaparecerem. A própria gruta alterava-se! O nevoeiro místico, colorido, húmido e quente, que sempre surgia quando algo de extrema importância acontecia neste berço de

magia, começava a brotar do solo, cobria os nossos pés e trepava pelas paredes de pedra, iluminando-nos com uma claridade irreal. Estremeci, receosa, quando a fera se virou para nós. De imediato, os meus avós prostraram-se de joelhos. Achei prudente fazer o mesmo. A criatura ignorou-me e dirigiu-se a Throst e a Catelyn no seu tom grave, mas melodioso:

— A vossa missão foi cumprida. As vossas falhas estão reparadas. A Terra agradece o vosso contributo para a restauração do equilíbrio das energias que a sustentam... E eu agradeço pelo que me ensinastes acerca da natureza humana. Estou certa de que, através do testemunho dos vossos herdeiros, a história do vosso amor aquecerá os corações de muitas gerações de Homens. Lobo Cinzento e Pequena sois livres para avançardes ao encontro da Luz.

Quando os meus avós se ergueram, percebi que iam partir... E que não tornaria a vê-los!

— Por favor, não... — titubeei angustiada. — Não me deixeis sozinha!

— Já não precisas da nossa ajuda, Kelda — replicou Lobo Cinzento, tomando o meu rosto entre as mãos e beijando-me a testa. Com igual carinho, Pequena estreitou-me e aditou:

— Continuaremos a acompanhar-te, ainda que de outra forma. Visitar-te-emos em sonhos e, sempre que quiseres abraçar-nos, só terás de fechar os olhos e escutar o teu coração.

— Voltaremos a reunir-nos quando chegar o momento de emprenderes a tua caminhada para a Luz — firmou o meu avô. E a minha avó terminou:

— Até lá, aproveita a felicidade que a vida ainda tem para te oferecer. Lembra-te de que és a nossa menina, a nossa guerreira... a nossa querida, querida neta! Amamos-te muito, Kelda!

— E estamos muito orgulhosos de ti! — concluiu Throst.

— Até breve... — despediu-se Catelyn.

As suas figuras dissolveram-se num esplendor. Apenas pude arfar, por entre soluços:

— Também vos amo muito! Obrigada...

Chorei compulsivamente, ciente de que já não me escutavam. A fera da Montanha Sagrada quedava-se à minha frente, mas não me restavam forças para encarar o seu olhar de chamas. Recordava-me de tudo o que acontecera até Lysander pousar o meu corpo aos pés da Pedra do Tempo... E também principiava a assimilar o que sucedera depois. A minha essência fora conduzida até aqui e a minha luz servira de sustento aos Guardiões das Almas Atormentadas. Através da sua cintilação, alguns haviam-se libertado das sombras que oscilavam entre realidades e alcançado a redenção. Porém, os restantes apenas se tinham extasiado com a minha magia, esquecidos do propósito do meu sacrifício. Por isso, haviam sido castigados.

E agora? Alegrava-me por, finalmente, os meus avós poderem repousar em paz. Contudo, temia por mim... Sabia que morreria! No entanto, Pequena e Lobo Cinzento tinham falado como se a vida e a esperança ainda animassem o meu ser. Talvez a fera fosse capaz de me elucidar... Atrever-me-ia a interpelá-la? Desde que se manifestara, já se revelara tão benevolente quanto implacável! Será que apenas me salvara do jugo das almas penadas para me impor uma sorte mais tenebrosa? Demorei a reunir coragem para fixá-la e balbuciar:

— O que vai ser de mim?

Perplexa, deparei com um olhar intensamente verde, a cintilar por entre os tufo de pelo que lhe enfeitavam o focinho... O meu olhar! Agora, a sua expressão tornava-se assombrosamente humana, como se eu estivesse a lobrigar o meu próprio rosto, numa realidade distinta... Esta criatura possuía a capacidade de divisar os cantos mais recônditos da minha alma!

— Ainda não percebeste quem sou? — ripostou.

— Sei que és um espírito — volvi, num arquejo.

— Não... Sou tão real como tu, Kelda! Carne, ossos e sangue. Essência de luz e de obscuridade. Água da nascente. Árvores da floresta. Terra e fogo. Ar e névoa. Prazer e dor. Tu e eu somos filhas da Montanha Sagrada... Tu e eu somos magia.

Sacudi a cabeça, entaramelando desconcertada:

— O que é que isso quer dizer?

— Dá-me a tua mão.

Estendeu-me uma pata e, embora aturdida, imitei o gesto. Estiquei os dedos, convicta de que ia sentir a firmeza das garras, a suavidade do pelo. Porém, algo extraordinário aconteceu. A minha mão atravessou a pata... A pata atravessou a minha mão... E, no fim, não existia mão nem pata, nem unhas, nem garras, pele ou pelo... Apenas essência! Luz e trevas combinadas! Então, a fera enunciou:

— Eu sou tu e tu és eu, mas ambas existimos. Fomos geradas e paridas no mesmo instante. Assim nos tornámos almas gémeas; o corpo e a essência da Montanha Sagrada.

Enquanto ela falava, mergulhei na limpidez verde do seu olhar... E distiquei o meu reflexo: uma fera dentro dos olhos da fera.

— Não... Não é possível... — gaguejei, rouca de emoção.

Eu crescera com o testemunho de espíritos que assumiam a forma de feras e incorporavam a essência de um guerreiro com o propósito de torná-lo excelente perante os demais... Isto era diferente! A felina não era um espírito. A sua essência integrava a magia que nutria a Montanha Sagrada... Mas também fazia parte de mim! Por isso Halvard a sentira tão próximo, mas nunca fora capaz de alcançá-la; nem sequer de enxergá-la.

— Ainda assim... — titubeei. — Não consigo compreender...

— A razão por que me revelei à tua perceção? — completou. E ia jurar que o focinho esboçava um sorriso ao replicar: — O caminho que trilhavas chegou ao fim, mas o teu propósito de vida não foi cumprido. Por isso, deves regressar à Terra e continuar a ser Kelda da Montanha Sagrada.

— Como...? Eu estou morta! — exclamei, perdida na voragem de incoerências que agitava cada partícula do meu ser.

A fera aumentou a minha estupefação ao contraditar:

— Estás morta de acordo com a conceção do Homem. Porém, manténs-te viva sob a perceção das energias que regem as

essências! O teu corpo definhou, mas o teu espírito, a tua razão e a tua magia persistem. Sendo o corpo matéria que provém da energia, com o auxílio da magia pode ser restaurado, uma vez que a tua consciência permanece intacta.

— Continuo sem entender...

— Então, deixa-me simplificar. Existe um fosso a separar o mundo dos mortos do mundo dos vivos. Sob a vontade da Montanha Sagrada, eu serei a ponte que te ajudará a transpor esse abismo e a regressar à realidade que abandonaste prematuramente.

Senti-me esmagada pela gravidade da revelação. Sacudi a cabeça e protestei:

— Não! Para isso eu teria de assimilar a tua essência... Não é justo!

De novo, a fera pareceu sorrir ao objetar:

— As determinações da Montanha Sagrada não são justas, nem injustas, Kelda... São simplesmente o que têm de ser. Assim é o nosso destino... Eu sou tu e tu és eu.

— Mas ambas existimos — perseverei. — Logo, se eu regressar à vida, tu serás sacrificada.

— Não, se a minha cedência for abnegada e se tu aceites a minha entrega com satisfação. Subsistirei não só na energia da tua essência, mas também no bater do teu coração, no calor da tua pele, no brilho do teu olhar. Tu serás eu e eu serei tu, unidas pela magia, até ao momento em que a Montanha Sagrada decidir o termo da nossa fusão.

Soltei o ar, abalada pela sua resolução. Todavia, ainda não estava convencida. Era certo que este ajuste me permitiria voltar a pisar a Terra, fruir do calor do Sol, desfrutar da frescura da água, apreciar os perfumes da natureza, tornar a abraçar aqueles que amava... No entanto, que consequências adviriam da partilha de outra consciência? No fim, seria mesmo eu quem ressuscitaria? Ou uma mulher completamente diferente que ninguém reconheceria?

— Existe uma condição, Kelda... — aditou a fera, deixando-me ainda mais nervosa. — A minha magia é a tua magia, por isso não

deve existir outra.

— Referes-te ao poder de Aranwen — constatei, estrangulada. E ela aquiesceu:

— Terás de devolvê-lo à Natureza, no lugar onde tudo começou, para que o derradeiro desequilíbrio seja reparado. A saga das pedras mágicas deve terminar contigo... De outro modo, uma nova imprecisão há de gerar-se. Se isso suceder, o teu sangue não contará com a ajuda da Montanha Sagrada. Essa é a ordem da Pedra do Tempo.

Os meus dentes tiniam, enquanto fixava os deslumbrantes olhos verdes que eram seus e meus. Pensei em Lysander, nos meus pais e nas minhas tias, em Thorson e Íris, no avô Edwin... Estava a ser agraciada com a bênção da vida! Porque hesitava? Enchi o peito e asseverei:

— A ordem da Pedra do Tempo será cumprida.

A fera fitou-me intensamente. Depois, ergueu a pata e eu estiquei a mão. De imediato, a magia exaltou-se e a minha forma começou a incorporar a sua... Nenhuma de nós vacilou.

CAPÍTULO 32

Tum-tum... Tum-tum...

Despertei, embalada pelas batidas do meu coração. Respirei fundo, espreguicei-me e soltei um gemido de satisfação, enquanto os ossos se esticavam e os músculos desentorpeciam. Há muito que o dia devia ter nascido! A luz do Sol era tão forte que encandeava... Sofri um sobressalto colossal. Não era o Sol que pairava sobre a minha cabeça! Era o teto da gruta repleta de cristais cintilantes, onde se situava a lagoa de água borbulhante que sarava. Eu estava no cerne da Montanha Sagrada!

Tum-tum... Tum-tum... Tum-tum...

Agora, o meu coração galopava descompassado! As recordações preenchiam-me com tal veemência que me faziam bradar e estrebuchar. Escorreguei da pedra que me sustinha e tombei dentro da lagoa. Esbracejei para me manter à tona e finquei os pés no chão. Engasgada pela água e sufocada pelo susto, arrastei-me aos tropeções até à margem. Caí e fiquei estendida, com as lágrimas a ruírem em cascata pelo rosto. Eu estava viva... Estava viva! Podia voltar a abraçar Lysander; mergulhar no seu olhar de céu estrelado e gritar que o amava até perder a voz!

Aos poucos, consegui recuperar o fôlego e olhar em redor. Uma das paredes da gruta exibia uma passagem envolta em nevoeiro colorido, convidando-me a regressar à realidade do Homem. Comecei a levantar-me... E só então reparei nos desenhos que me marcavam os braços! O tronco! As pernas! A respirar aos borbotões, observei com atenção os pequenos círculos e riscas negras espalhados pelo meu corpo nu, como se tatuados por uma mão habilidosa; combinados num padrão que se assomava extraordinariamente belo aos meus olhos.

— As manchas do pelo da fera! — murmurei, dividida entre o pasmo, a comoção... e o receio. O que mais teria mudado em mim? Aflita, debrucei-me sobre a lagoa e levei as mãos ao rosto, temendo

deparar com um focinho, bigodes, presas e orelhas arrebitadas. Porém, a imagem que a água refletia era a minha, ainda que a tatuagem me enfeitasse os olhos e a testa.

«Se aceitares a minha entrega, eu viverei na tua essência, no bater do teu coração, no calor da tua pele, no brilho do teu olhar... Tu serás eu e eu serei tu, unidas pela magia.»

— Unidas pela magia... — repeti, assombrada. — Aposto que as surpresas não vão acabar aqui!

Ergui-me devagar, temendo que as pernas me falhassem ou que desse por mim a andar com o auxílio das mãos. A fera instalara-se no meu cerne! Sentia-a! No entanto, não tentava impor-se. Limitava-se a coexistir em harmonia. Decidi não me inquietar enquanto não tivesse razões para isso. O meu novo aspeto não me incomodava... Só esperava que Lysander também gostasse! Não tardaria a saber. A vontade de correr ao seu encontro era cada vez mais premente.

Dirigi-me à passagem, determinada. Sabia que permanecera algum tempo no covil dos Guardiões das Almas Atormentadas. Porém, como a magia da Montanha se regia pelas suas próprias normas, talvez esse tempo não tivesse tido expressão na realidade do Homem. A minha família ainda podia estar reunida, tentando descobrir o que me acontecera. Entusiasmada com essa ideia, precipitei-me através do corredor místico.

A gruta estava deserta... Pelo menos, não sofreria o embaraço de ser vista desnuda! A luz da manhã que atravessava a entrada revelou que muito mudara desde a última vez que eu aqui estivera. Afinal, talvez se tivesse passado algum tempo! A decoração do espaço conferia-lhe um ar alegre e acolhedor, semelhante àquele que eu rememorava dos dias da minha infância. Cortinas coloridas separavam a zona de convívio da zona de dormir. Onde teriam posto a arca das roupas? A minha mãe e as minhas tias guardavam sempre algumas vestes na Montanha Sagrada, pois nunca se sabia quando seriam necessárias.

Entrei na zona de dormir e confrontei-me com outra divisória. A arca estava a um canto e foi para lá que me dirigi, ansiosa por me cobrir. Surpreendi-me ao encontrar vestidos... E mais vestidos... Com mil ratazanas ataviadas, lá teria de ser!

Escolhi um, cor de terra, por ser o mais discreto. Decerto pertencia a Íris, pois reconhecia os haveres de Thorson no lado oposto do quarto. Um espelho fora preso à parede, junto à arca. A nova Kelda renascida das entranhas da Terra conservava os cabelos negros, repletos de caracóis rebeldes, e o olhar verde-floresta. Porém, a minha pele estava mais pálida do que o habitual... As alterações em meu redor também me inquietavam! Se Íris estava a viver com Thorson, eu chegara demasiado tarde para assistir ao seu casamento. Ter-me-ia ausentado por semanas? E se tivessem decorrido meses? Onde estaria Lysander neste momento?

Espreitei para lá da última cortina e franzi o sobrolho ao desvendar uma cama enorme, enfeitada com bonecas. Entre elas estava aquela que a tia Freya me oferecera. Não resisti a pegá-lhe... Inesperadamente, uma voz estridulou nas minhas costas:

— Quem és tu? O que fazes aqui?

Uma criança? Virei-me devagar, com um gesto apaziguador, e deparei com um petiz que não tinha mais de cinco anos. Apontava-me uma espada de madeira... E era uma pequena imitação de Thorson! O meu coração pulou no vazio e faltou-me o ar, ao inferir as implicações do que estava diante dos meus olhos. Eu ficara cativa das almas penadas durante cinco anos!? Ao choque sobreveio a emoção. Estendi-lhe a mão, mas ele desatou a guinchar:

— Mãe! Mãe! Mãe...

A cortina escancarou-se e Íris surgiu, a bufar devido ao esforço da corrida imposta pelo alerta do filho. Estava tal e qual eu recordava... À exceção da enorme barriga que exibia, prova de uma gravidez bastante avançada. Estacou a olhar para mim, engolindo um berro de susto. O petiz agarrou-se às suas saias, sem baixar a espada, enquanto ela tartamudeava:

— K... Kelda? És mesmo tu? — De seguida, começou a bradar: — Thorson! Vem depressa!

Depois, correu para mim, tão rápido quanto o pequenito lho permitia. Abraçou-me com um ardor quase desesperado e sucumbiu ao pranto. Fechei os olhos e entreguei-me ao seu carinho, com um suspiro enlevado... Como era bom voltar a casa!

Após o alvoroço da revelação, sentámo-nos na zona de convívio e descobri que estava cheia de fome. Íris tornara-se conhecedora das ervas da Montanha Sagrada e fez um chá delicioso para acompanhar o bolo preferido do pequeno Bjarni. Mesmo enquanto eu mastigava, Thorson abraçava-me como se temesse ver-me sumir debaixo do seu nariz. As emoções do reencontro ardiam no olhar azul-celeste. Porém, mal esbocei uma pergunta, ripostou com firmeza:

— Primeiro tu, Kelda. Conta-nos o que te aconteceu.

Aquiesci, não obstante a angústia da incerteza me corroer. Quando terminei, Thorson estreitava-me ainda com mais força, Íris engolia o pranto e até Bjarni me fixava como se tivesse entendido o que ouvira.

— Os nossos avós ajudaram-te até ao derradeiro instante — assinalou o meu primo, como se o facto o confortasse.

— Tiveste de carregar um fardo muito pesado, Kelda! — enunciou Íris sobriamente. — Sabias que serias forçada a entregar a tua vida e suportaste tudo em silêncio.

— Receio que esta fusão me reserve mais tribulações — confessei, exibindo os braços.

— Foi a magia da Montanha que te marcou — replicou Thorson, contumaz. — Logo, tudo o que daí advenha será para teu benefício.

— Agora é a vossa vez — instei, ansiosa.

— Muitas coisas sucederam entretanto, como podes ver — adiantou-se Íris, envolvendo Bjarni no seu calor. — Felizmente, não voltei a ter notícias da Ilha Sagrada... Parece que Regino irá cumprir a promessa de me deixar em paz! A minha magia permanece intacta e tenho-a usado para reparar os estragos da guerra no Império, na

Grande Ilha e na Ilha dos Sonhos. Regressámos há poucos dias, pois a minha condição já não me permite grandes aventuras. Dentro de três semanas terei outro rapagão nos braços.

Bjarni soltou uma gargalhada e cobriu o ventre da mãe com beijos.

— Ainda não vos felicitei... — volvi com um sorriso, satisfeita com a sua ventura. — Bjarni já me deu provas de que será um guerreiro de excelência!

— Então, ficarás deliciada com as gémeas — ripostou Thorson com uma risada que me soou cautelosa. Essa impressão intensificou-se quando trocou um olhar com Íris, antes de acrescentar: — São iguaizinhas a ti, até no espírito! A tia Thora adora-as... E a minha mãe está deleitada por ter duas netas que são um reflexo do seu rosto, embora gostasse que elas fossem mais sossegadas.

Senti um aperto incómodo no estômago, mas mantive o sorriso ao indagar:

— Bjarni tem duas manas mais novas? Não tens tido mãos a medir, Íris!

De novo, os dois trocaram olhares. E foi a minha amiga quem elucidou, circunspecta:

— Káta e Unna têm sete anos... E Helgulf, o nosso primogénito, fez nove anos na primavera.

— Vais adorar conhecê-los — prosseguiu Thorson, no mesmo tom complacente e comedido. — Neste momento, estão com os avós... O meu pai está a preparar Helgulf para sucedê-lo no trono vândalo. E Káta e Unna recusam-se a deixar o irmão! Teimam que serão as suas guerreiras de elite, por isso acompanham-no nos treinos.

Eu estava gelada, a respirar aos arrancos. Nove anos? Com o coração a martelar o peito e as tripas a enodarem-se, recuperei o suficiente para inquirir num arquejo:

— Afinal, quanto tempo se passou desde que...?

— Faz mais de dez anos que a Montanha Sagrada te separou de nós — murmurou Thorson, amimando-me com ternura. — Nem

imagino quão difícil é para ti assimilares isto! Enquanto falavas, pensei em mil maneiras de tornar a revelação menos pesada. Porém, o melhor será encarar a realidade e esclarecer as tuas dúvidas dentro das nossas capacidades.

— Lysander... — gaguejei, com os dentes a tinir. — O que aconteceu a Lysander?

A sua hesitação fez-me soluçar. Decerto o príncipe assumira o trono da Gente Bela e casara-se! Eu perdera-o... Ou pior! O silêncio de Thorson e Íris era esmagador. Fiquei em pânico quando a minha amiga mandou Bjarni para o quarto.

— Por favor... — supliquei, estrangulada. — Digam-me... Lysander está bem, não está?

— A verdade é que não sabemos, Kelda — retrucou Íris, assim que o filho fechou a cortina.

— Como não sabeis? — mastiguei, tentando não soar ríspida, mas falhando claramente.

A minha amiga insistiu para que eu bebesse outra malga de chá. Apeteceu-me atirar tudo pelo ar, mas respirei fundo. Eles não tinham culpa... Só desejavam ajudar-me. Afinal, caíra-lhes no colo passados dez anos! Levei a malga aos lábios, esperando que o chá dissolvesse o nó que me bloqueava a garganta. Ao verificar que eu refreava a exaltação, Thorson principiou:

— Depois de a terra te engolir, ficámos tolhidos pela confusão. Aguardámos e aguardámos; cada um tentando alentar o próximo, asseverando que seria uma questão de dias até surgires reabilitada. Os nossos esforços para obter uma explicação da Pedra do Tempo foram vãos. Com o passar das semanas, os ânimos começaram a esmorecer. Por fim, uns conformaram-se, outros revoltaram-se... Outros ainda persistiram, recusando-se a ceder ao desespero. No entanto, quando os meses se acumularam em anos, julgou-se inquestionável que nada mais havia a fazer, além de lamentar a tua sorte e enaltecer a tua recordação.

Pelos lábios de Thorson, fiquei a conhecer o destino da família que a Montanha Sagrada me obrigara a deixar para trás. O tio Ivarr

e o tio Helgi tinham sido os primeiros a abandonar a vigília, pois não podiam descuidar os cuidados que deviam ao seu povo. Pouco depois, a tia Thora e a tia Freya haviam-nos seguido pela mesma razão. Ainda assim, tinham regressado muitas vezes, na expectativa de boas novas, até que a chama da esperança acabara por se extinguir. Chegado o outono, haviam convencido os meus pais, o avô Edwin e a tia Ingrior a descerem a Montanha.

De todos os meus entes queridos, Ulfvaldr fora quem mais acerrimamente confiara no meu retorno. Quedara-se onde me vira desaparecer, qual estátua, recusando-se a falar e mal se alimentando. Um dia, quando o gelo já cobria o País dos Viquingues, desembainhara a espada e atacara a Pedra do Tempo num acesso de loucura. Após o terem refreado, o meu primo amaldiçoara a Montanha Sagrada e jurara não mais pisar o seu solo. Depois, precipitara-se para casa, onde Beth o aguardava ansiosa por sarar o seu coração... Porém, a ferida de Ulfvaldr era demasiado profunda. Durante uma visita ao castelo, Thorson e Íris tinham assistido a uma violenta discussão, que terminara com Ulfvaldr a declarar que jamais se casaria com Beth, porque não a amava e não desejava fazê-la infeliz.

Enquanto os demais iam e vinham, Lysander permanecera na Montanha... Erebus não saíra do seu lado e esse convívio fomentara uma amizade especial. Então, na primavera, a rainha Lyria visitara o filho acompanhada pelo rei Steinarr. Os três tinham-se reunido em privado e, do que fora dito, Lysander apenas revelara que os pais haviam decidido partir rumo a outras paragens, a fim de iniciarem uma nova vida. Decerto afrontado pela separação da esposa, Cyrus também deixara o Norte com alguns dos seus homens. O príncipe Galinn ficara a reger os destinos da Gente Bela, aguardando que Lysander se sentisse preparado para se sentar no trono.

Galinn aparecera no verão. Apesar de solidário com a dor do sobrinho, não se coibira de pressioná-lo. Há um ano que eu sumira. Quando é que o príncipe ia aceitar a realidade? Porém, Lysander não lhe dera ouvidos. E Erebus continuara a apoiá-lo com a dedicação de

um irmão. Às vezes, Thorson reunia-se a eles. Partilhavam experiências, mas também falavam sobre mim. Pelas vozes dos três homens, era possível reconstruir a história da minha vida.

Outro ano decorrera sem que nada se alterasse. Após uma conversa com a tia Freya, Thorson e Íris tinham decidido que a sua magia poderia ser de grande valia para a família que, mais a sul, se esforçava por reconstruir os territórios arrasados pela guerra. Convictos de que Helgulf já era suficientemente crescido para suportar a viagem, tinham-se despedido de Lysander e de Erebus e embarcado no *drakkar* da tia Thora. Beth acompanhara-os, definhada pelo desgosto, perdida que estava a esperança de conquistar o afeto de Ulfvaldr.

A paragem na Ilha dos Sonhos impressionara-os. Mal a fúria do vulcão da Ilha dos Penhascos se apaziguara, Trygve instalara-se com o seu povo na Ilha Mãe, começara a edificar casas e a trabalhar a terra. A vegetação crescia como se alimentada por uma mão divina e adivinhavam-se boas colheitas. Naquele ano, os festejos do solstício de verão foram retomados, sob o testemunho das Pedras do Mundo que haviam sobrevivido à calamidade que abalara o arquipélago. Porém, os rituais da Festa da Renovação não voltariam a ser celebrados, uma vez que a Sacerdotisa estava morta e o Sacerdote renunciara à sua posição. Embora continuasse a ser respeitado como um líder, o primo Trygve assumira-se como um homem «normal» e dedicara-se à educação dos filhos. Apenas as Sábias não se resignavam com a sua decisão...

Ao contrário do que seria previsível, os meus pais não se tinham fixado na Ilha dos Sonhos. A minha mãe fora incapaz de suportar as recordações e o meu pai achara melhor levá-la para a Grande Ilha, ao encontro do avô Edwin e da tia Ingrior. E fora precisamente na Aldeia do Lago, sob a aura da Floresta Sagrada, que a família se voltara a reunir. No local onde outrora se situara a Casa Grande de Lorde Garrick e da Senhora Edwina McGraw haviam sido construídos um jardim e uma capela, onde as pessoas rezavam pelos mártires prostrados pelo Filho do Dragão.

Nesse ponto, Thorson e Íris tinham feito outra pausa que me eriçara os nervos. Era óbvio que ponderavam na melhor maneira de me contarem algo! Por fim, a minha amiga apertara-me as mãos e tomara a iniciativa:

— A casa dos teus pais reservava-nos uma grata surpresa. A energia mística da Floresta Sagrada teve um efeito maravilhoso sobre a tua mãe... Edwina voltou a engravidar, Kelda! Tens uma irmãzinha, pouco mais nova do que Helgulf. O seu nome é Katrina.

Uma irmã! Eu tinha uma irmã! Cedi ao pranto, dividida entre a felicidade da descoberta e a tristeza de não ter estado presente para apoiar a minha mãe. Thorson contou que a tinham visto recentemente. Estava a tornar-se uma jovem muito bonita, parecida com o nosso pai. Imaginei como seria emocionante abraçá-la em breve... Muito em breve.

Íris prosseguiu o relato. No Império, Will fora recebido como um herói. Sentara-se no trono e começara a sarar as feridas que o Filho do Dragão infligira ao seu povo e ao território. Durante o seu exílio no País dos Viquingues, encantara-se por uma das filhas do *jarl* Eric e da princesa Helga, que não hesitara em aceitar o seu pedido de casamento. As más-línguas até diziam que já estava grávida quando subira ao altar. Pouco depois de se reunir ao irmão, Beth decidira entrar para um convento cristão. E, segundo parecia, finalmente encontrara a paz.

As gémeas Káta e Unna tinham nascido na Grande Ilha. Só depois, Thorson e Íris haviam regressado ao Norte. Entretanto, a minha prima Evalyn viera visitar a família e trouxera uma cunhada. A deslumbrante jovem lançara um olhar atravessado a Ulfvaldr que o fizera cair de joelhos. O príncipe viquingue suara para conquistá-la, mas o desafio ajudara-o a esquecer-me. Casados e felizes, já expectavam a chegada do segundo filho.

— E Lysander e Erebus? — indaguei, ciente de que eles protelavam essa informação.

— Quando chegámos, já não estavam aqui — cedeu Thorson com um suspiro. — Fui procurá-los à Floresta de Lyria... E lá soube que,

pouco tempo após a nossa partida, Lysander discutiu com o tio e abdicou do trono. Hoje, Galinn e Melina são reis da Gente Bela. Erebus vive com eles... E Lysander desapareceu. Lamento, Kelda, mas é tudo o que tenho para te dizer.

Thorson e Íris insistiram para que me quedasse com eles nessa noite. Eu queria muito abraçar a tia Thora, mas, atendendo ao choque que sofrera, acabei por aquiescer. Precisava de refletir... E de chorar! Com mil ratazanas torcidas, porque é que a Montanha me devolvera a vida, após dez anos de escuridão, quando já todos se tinham conformado com a minha morte? Descobrir que Lysander sumira sem deixar rasto era um golpe demasiado duro para suportar.

Thorson revirara o Norte em busca do príncipe da Gente Bela, indagara junto de todos aqueles que o conheciam... Até enviara um mensageiro à Ilha dos Carvalhos, ao encontro de Steinarr e de Lyria. Ninguém sabia do seu paradeiro e temia-se o pior. Todavia, antes de me recolher, Íris abraçara-me e murmurara:

— Não desesperes, Kelda... Estou convicta de que Lysander simplesmente decidiu isolar-se do mundo. Mal lhe chegue aos ouvidos a nova do teu restabelecimento, não tardará a aparecer.

Porém, tal não fazia sentido! Lysander colocava o dever acima de tudo... Não renunciaria às suas responsabilidades e, muito menos, se esconderia num buraco, durante anos a fio, para lastimar a minha perda! De entre aqueles que me tinham amado, apenas Ulfvaldr seria capaz de tamanho desatino... E até ele avançara com a sua vida! Por isso, eu só podia concluir que, efetivamente, algo sucedera a Lysander. E tinha de descobrir o quê. Não suportava a incerteza.

Exaurida pelo choro, fechei os olhos e tentei dormir. Contudo, algo fez-me despertar... Do outro lado da cortina, Thorson e Íris altercavam em sussurros.

— Ela vai acabar por descobrir — reclamava o meu primo.

— E quem lhe contaria tal coisa? — ripostava Íris numa súplica. — Pondera bem! Kelda está perturbada; triste por Lysander. Isso só lhe causará transtornos!

— Duvidas de que ele irá correr atrás dela, mal se espalhe a notícia de que está viva? — rebatia Thorson. — Kelda ficará furiosa connosco se lhe omitirmos...

— É para o seu bem! Achas que Kelda está em condições de raciocinar com frieza, depois do martírio que enfrentou? Dá-lhe tempo para se acalmar...

— Kelda não precisa de se acalmar! Precisa de estar segura de que pode confiar naqueles que ama! Amanhã vais dizer-lhe...

— Não, não vou!

— Então, digo-lhe eu!

Num impulso, saltei da cama, afastei a cortina e arrotei-os, demandando:

— Podeis começar... O que é que ainda não me contastes?

Fixaram-me, lívidos de susto. Então, Íris forçou um sorriso e tentou disfarçar, replicando:

— Tolices do Thorson! Vai descansar, Kelda. Amanhã, tens outro dia difícil pela frente. Talvez seja melhor acompanharmos-te...

— A fim de avisardes a tia Thora para se calar sobre aquilo que tentas esconder-me, Íris? — devolvi exasperada. — O que pode ser assim tão grave...?

— Sigarr está vivo — anunciou subitamente Thorson, cortando-me a voz.

Fiquei petrificada, com o queixo a descair até roçar o chão... E Íris saltou da cama, agitando os punhos cerrados enquanto fremia:

— Tinhas de lhe dizer! Mesmo sabendo que isso vai ser péssimo para ela, tinhas de lhe dizer!

Bjarni acordou a choramingar. Thorson puxou o filho para o colo enquanto eu gaguejava:

— C... Como? Não pode ser! Halvard matou-o... Sigarr finou-se nos meus braços!

— Raios! — praguejou Íris, irritada com o desfecho da situação. — A espada que o trespassou era mágica... Eu encantei-a, do mesmo modo que encantei aquela que tu usaste ao serviço do Exército do Dragão. Oferecê-la a Halvard foi a forma que Sigarr

ideou de contrariar a Visão do seu fim. Se o teu irmão estava destinado a matá-lo, que o prostrasse com uma lâmina enfeitiçada. Assim a Visão cumpria-se, mas Sigarr tinha uma possibilidade de se salvar.

Fez uma pausa para recuperar o fôlego e foi Thorson quem continuou:

— Sigarr decidiu não partilhar esse segredo contigo nem com Erebus, com medo de que algo falhasse... Halvard podia cortar-lhe a cabeça! No entanto, o plano foi um sucesso. Os seus amigos feiticeiros estavam avisados e trataram de retirá-lo do salão. Transportaram-no para um lugar seguro...

— Quando tomaste conhecimento disso? — interrompi-o num arquejo aturdido.

Thorson passou a mão pela testa e esclareceu sobriamente:

— Um ano depois de tu desapareceres, quando Sigarr veio procurar-te. Ouvira a tua história, mas não acreditava que estivesse morta. A Montanha Sagrada não lhe revelou os seus trilhos, por isso quase pegou fogo à Floresta dos Carvalhos. Achava que nós te tínhamos aprisionado aqui e exigia que te libertássemos... Só se convenceu da verdade no dia em que Erebus lhe foi falar.

O meu olhar virou-se para Íris, encrespado e acusador:

— Mas tu encantaste a espada... Sabias de tudo e deixaste-me chorar o infortúnio de Sigarr?

— Eu ponderei dizer-te — resmungou. — No entanto, o ensejo esvaiu-se e acabei por concluir que tal informação só te prejudicaria. Testemunhar o quanto a sua morte te afetara deixou-me perplexa! Se descobrisses que ele estava vivo, talvez tivesses feito uma asneira. O teu lugar é ao lado de Lysander, Kelda! Não é com Sigarr...

— Isso não te cabe a ti decidir! — objetei, indignada. — Não estavas constantemente a reclamar quão perigoso era interferires no destino dos demais? Não tinhas o direito de fazer isto, Íris!

— Se é essa a tua opinião, porque não vais ter com ele? — bradou, assanhada. — Não sei porque é que, ao fim de tantos anos,

ainda insisto em preocupar-me com a tua cabeça dura... Que sejas muito felizes!

Dito isto, saltou da cama e precipitou-se para fora da gruta. Desgostoso com a comoção que o impedia de dormir, Bjarni quis regressar ao seu quarto. Thorson deixou-o ir e fez-me sinal para que me sentasse. Acabei por tombar pesadamente sobre o colchão, com a cabeça a latejar.

— Não percebo... — entaramelei. — Íris e Sigarr eram amigos! Se ela não confiasse nele, não teria enfeitado as espadas. Porque está a reagir assim?

— Íris está a tentar preservar-te de futuros dissabores — retorquiu Thorson. — Acredita que a raiz do encantamento que Sigarr sente por ti é a tua semelhança com Aranwen e que, prestes, esse enlevo se converterá em obsessão. Tem medo de que ele te seduza e te destrua.

Soprei o ar e cogitei em mil refutações para esses argumentos. Contudo, fui incapaz de expressar uma. Por fim, sacudi os ombros e desabafei com amargor:

— Talvez tenha sido melhor assim! Se Sigarr se preocupasse verdadeiramente comigo e com Erebus, ter-nos-ia procurado após recuperar da magia da espada para nos ajudar a combater Halvard. Todavia, ficou escondido... Deixou que enfrentássemos a Noite Branca desamparados! Isso prova que só se importa com o seu umbigo.

O silêncio constrangido de Thorson fez-me desconfiar de que algo estava errado. Então, ele abanou a cabeça e objetou cautelosamente:

— Sigarr não vos procurou porque não pôde... Íris enganou-o! A espada que o prostrou deveria ter recebido um encantamento igual à tua, mas não foi assim. O feiticeiro ficou cativo das brumas do esquecimento por mais de um ano... Por sorte, tinha os amigos ao seu lado! Quando despertou, estava tudo consumado. E a descoberta da verdade deixou-o tão iracundo que jurou matar Íris se ela surgisse à sua frente.

Agora eu estava horrorizada! Nem imaginava o que Sigarr sentira... Era fácil compreender porque não perdoara Íris. Até eu tinha vontade de descabelá-la! Engoli em seco quando o meu primo completou:

— Sei que estás ressentida... Mas desculpa Íris! A sua intenção foi proteger-te, pelo muito que te estima. Mesmo agora, pretendia resguardar-te para evitar que sofresses. Eu confio no teu discernimento... No entanto, suplico-te que tenhas cuidado! — Ao verificar que me dispunha a rebater, ergueu o braço e enunciou: — Se encontrares uma fera ferida na floresta, podes levá-la para tua casa pela bondade do teu coração, alimentá-la para que não morra e ajudá-la a sarar... Porém, deves saber quando deixá-la partir. Se não, cedo ou tarde, a sua natureza selvagem há de emergir e, um dia, arriskas-te a acordar com as suas presas na garganta. Entendes o que te quero dizer, Kelda?

— Não acreditas que Sigarr se regenerou — constatei, estrangulada.

— E tu? Crês que um tigre se contentará em comer ervas quando o instinto o compele a alimentar-se de carne e sangue? Sigarr é um mestre da Arte Obscura que já destruiu milhares de vidas... Não te tornes a sua próxima vítima.

Thorson saiu no encalço de Íris. Recostei-me na sua cama, mas fui incapaz de adormecer. Assim que os primeiros raios de sol espreitaram pela cortina, lavei o rosto e entrei no quarto das crianças para ir buscar a minha boneca. Bjarni dormia a sono solto e tive cuidado para não despertá-lo com o meu beijo de despedida. Não sabia se algum dia regressaria à Montanha Sagrada... Depois de tudo o que acontecera, não tinha a mínima vontade de o fazer.

Thorson e Íris aguardavam-me no exterior da caverna. Ao vê-los, senti o coração mais leve. Não hesitei em abraçar a minha amiga e ela desatou a chorar, estreitando-me com força. Roguei-lhe que não se enervasse, para não perturbar o bebé que o seu ventre albergava. Ainda assim, Íris quis justificar-se:

— Eu sabia que Sigarr não descansaria enquanto não te separasse de Lysander. Por isso, resolvi mantê-lo afastado, até que definisses o teu rumo. Juro que tencionava contar-te tudo, mal a guerra terminasse... Jamais me passou pela cabeça que te perderíamos na Noite Branca! — Fez uma pausa, antes de soluçar: — Sigarr culpou-me pela tua morte... Afiançou que, se tivesse recobrado como planeara, não teria permitido que Halvard concluísse o ritual.

— Halvard haveria de matá-lo... definitivamente! — refutei, apaziguadora. — Pensando bem, salvaste-lhe a vida ao impedi-lo de interferir na Noite Branca. E, se o seu coração mudou, ele há de acabar por admiti-lo! Quanto a mim, tinha o destino traçado com ou sem a vossa intromissão.

— Vais procurá-lo? — indagou Thorson, algo apreensivo.

— Não — volvi, apesar de confusa. — Quero abraçar a tia Thora, o tio Ivarr, Ulfvaldr... Entretanto, terei tempo para ponderar com mais rigor.

— Não desistas de Lysander, Kelda — suplicou Íris, fixando-me com os belos olhos castanhos repletos de bondade. — Eu sinto... Sei que ele está à tua espera!

Thorson desviou o rosto. Era óbvio que não partilhava dessa convicção... Se Lysander estava vivo, porque haveria de se esconder quando os amigos o buscavam com tanta ansiedade?

— Leva um dos nossos cavalos — ofereceu, forçando um sorriso. — E, por favor, não tornes a desaparecer! Imagino que irás viajar ao encontro dos teus pais, mas gostaria muito que nos visitasses no próximo verão para conheceres o nosso novo rebento.

Aceitei a gentileza e escolhi um garanhão cinzento, bastante robusto, que haveria de me conduzir com ligeireza. Ao segurar nas rédeas, encarei as marcas nas mãos e achei melhor cobrir-me com uma capa. Thorson e Íris concordaram. Os Viquingues julgavam-me morta... Não podíamos prever como reagiriam quando me vissem surgir do nada, com a pele tatuada por artes místicas. Apesar de tudo, ainda era a irmã do Filho do Dragão! Pelo menos para já,

enquanto não anunciasse o meu regresso aos reis, devia passar despercebida.

Um último abraço, mais um beijo, muitas lágrimas contidas... E deixei Thorson e Íris no cume da Montanha Sagrada, envoltos na aura de calor que só o verdadeiro amor pode prover.

O sol radioso que brilhava no céu realçava as cores amadurecidas pelo verão, ao longo dos trilhos da Floresta dos Carvalhos, tornando-as garridas e deslumbrantes. Por várias vezes, detive o cavalo para inspirar os aromas com que a natureza me brindava... E para escutar o canto dos pássaros, a música dos ribeiros, os assobios incessantes dos insetos, os guinchos dos roedores, o vento que agitava as folhas das árvores, o palpitar do coração da Terra... Eu estava viva!

Encher o peito e soprar com força era um deleite. Todos o faziam sem se dar conta de quão maravilhoso era respirar! Soltei as rédeas e estendi os braços, para que os dedos rompessem os fios de luz cintilante que rasgavam as copas cerradas, escorriam através do ar e acariciavam as folhas secas e as raízes que cobriam o solo. Não me permitia pensar... Apenas desejava sentir; extasiar-me com esta bênção. Se começasse a raciocinar, toda a alegria se esvairia num fôlego perante uma dúvida angustiante: onde estava Lysander?

Durante dez anos eu persistira na escuridão; sofrera com a solidão, o frio e a dor, sem que disso tivesse tido consciência. E, ao longo de dois desses anos, o príncipe da Gente Bela chorara por mim, orara por mim, expectara por um milagre... O que teria acontecido quando a sua esperança fenecera? Os meus olhos encheram-se de lágrimas ao congeminar que teria sido melhor descobrir que Lysander prosseguira com a sua vida, desposara uma boa mulher e sorria todos os dias com as brincadeiras dos seus filhos, ao invés desta incerteza que me dilacerava o peito. Será que eu ressuscitara apenas para me confrontar com a morte do meu amor? Estava a pensar... Com mil ratazanas decadentes, não podia pensar!

Desviei-me dos trilhos principais para escapar à percepção dos vikingues. Num dia tão agradável, os guerreiros patrulhavam a floresta com entusiasmo, alguns curandeiros colhiam os ingredientes para o seu ofício, os pais aproveitavam para ensinar os filhos a caçar, os namorados esgueiravam-se por entre as árvores para inflamarem ainda mais a sua paixão... Por fim, alcancei a orla da floresta e avistei o castelo dos meus tios. Ia começar a descer a encosta para atravessar o vale que me conduziria à muralha, quando o som de uma gargalhada fresca me deteve.

Recuei para a floresta e aquietei o cavalo. Vi aparecer um petiz de cabelos escuros, seguido por uma jovem com uma barriga que denunciava uma gravidez avançada. Os seus cabelos eram de um negro cerrado, que adquiria reflexos azuis sob a luz do Sol. Os olhos tinham uma forma alongada que a identificava como uma nativa dos territórios distantes do Norte, onde o gelo jamais derretia. A beleza dos seus traços era diferente, mas delicada... Alcançou o garoto, deu-lhe as mãos e fê-lo rodopiar por cima do manto de flores que os envolvia, numa celebração de verde e branco, amarelo e laranja, violeta e vermelho, afugentando uma infinidade de borboletas. A visão era tão graciosa e salutar que me quedei a observá-los. Então, um homem surgiu a correr... E o meu coração exaltou-se ao reconhecer Ulfvaldr.

O meu primo estava diferente. A maturidade imposta pela experiência de vida declarava-se em cada traço do seu rosto! Nesse momento em que o tempo se susteve no meu fôlego, recordei o jovem impulsivo que me jurara amor eterno, enquanto eu mastigava o desgosto de descobrir que Thorson se apaixonara por Oriana. E uma estranha comoção fez as lágrimas rolares pelas minhas faces, enquanto os lábios se entreabriam para chamar o seu nome.

Ulfvaldr pulou sobre a mulher e o petiz, com um berro vitorioso que se diluiu em risadas. O garoto trepou-lhe para os ombros, gargalhando, deliciado. Ela enlaçou-o pela cintura e ofereceu-lhe os lábios. Beijaram-se com ternura... Então, lembrei-me das revelações de Thorson. Esta era a jovem que sarara o coração do príncipe

viquingue! Fechei a boca e engoli em seco, ao ver as mãos fortes do meu primo acariciarem o ventre da esposa... Não! Não ia revelar-me! Não tinha o direito de voltar a entrar na vida de Ulfvaldr, qual furacão, arriscando-me a destruir a harmonia que tanto me comovera. Num ímpeto, virei o cavalo e embrenhei-me na floresta.

Perdi a noção do tempo, enquanto galopava sem rumo, imersa em cogitações. A visita à tia Thora teria de ficar para depois! A nova do meu retorno devia chegar ao castelo viquingue antes de mim, para que o choque dos meus entes queridos não fosse tão violento. Desse modo, Ulfvaldr teria tempo para se preparar... E para compreender que o amor que conquistara era real e muitíssimo mais valioso do que o sonho de uma paixão que jamais seria correspondida.

Quando dei por mim, deixara a Terra dos Carvalhos e aproximava-me da Terra Antiga. A euforia que sentira antes de avistar o castelo fora substituída por uma melancolia pesada e lúgubre, que me consumia as entranhas e dificultava a respiração. Não conseguia parar de chorar! Ver Ulfvaldr confrontara-me com a ideia de que o meu regresso só iria causar sobressaltos e transtornos àqueles que amava.

Ainda assim, tinha de descobrir o destino de Lysander... Porém, cada passo afastava-me da floresta da Gente Bela, como se a razão me ordenasse que seguisse num sentido e o instinto me compelissem na direção oposta. A noite começava a cair e o cavalo estava sedento. Devia parar para lhe dar de beber. O melhor seria procurar um sítio onde dormir, num tronco oco ou entre as ramagens altas. Mais do que nunca, não queria arriscar-me a encontrar pessoas, com medo de que alguém me reconhecesse.

O som de um ribeiro fez-me suspirar de alívio. Mal o alcancei, desmontei e soltei o cavalo para que pastasse livremente. Iniciei a busca por um recosto confortável e seguro. Então, fui surpreendida por uma voz que cantava... Uma mulher? Ou uma fada? A melodia estava despojada de palavras, mas era maviosa. Os meus olhos -

tornaram a encher-se de água... Porém, essas lágrimas mitigavam a dor, saravam o espírito e faziam-me sorrir.

Caminhei ao longo do curso de água, movida por uma curiosidade que superava a razão. As sombras da noite envolveram-me quando entrei numa clareira. Ao fundo estava uma casa, mas não era de lá que a voz provinha. Escondi-me por detrás de um arbusto ao deparar com um casal sentado na margem do ribeiro. A mulher que cantava tinha cabelos longos, da cor do fogo, e uma aura que resplandecia como se absorvesse energia do seio da própria Natureza. Embalava um homem nos braços, do mesmo modo que amimaria uma criança tristonha. Um movimento das mãos delicadas sobre os cabelos masculinos libertou uma chuva de ouro... E o ar escapou-me num sopro, enquanto o coração se descompassava. Quis recuar, mas as pernas falharam. Não... Não podia ser! Com mil ratazanas alouçadas, porque é que o destino me conduzira até aqui?

Reprimi um soluço, receando denunciar a minha presença. A emoção assolava-me, mas, ao contrário do que sucedera perto de Ulfvaldr, a vontade de me anunciar aumentava a cada fôlego. Apetecia-me correr para Sigarr, lançar-me ao seu pescoço e comemorar a vida que ambos recuperáramos. Estaria inebriada pela melodia que Gaya entoava? Dei por mim a recordar a agonia que experimentara quando o feiticeiro se finara nos meus braços. O facto de a espada de Halvard estar encantada não minimizava o valor do seu gesto! No momento em que saltara para me escudar, Sigarr não podia saber se o meu irmão lhe iria infligir um golpe fatal. Mesmo assim, não hesitara! Salvara-me! E eu devia agradecer-lhe...

Nesse instante, Gaya parou de cantar. Susteve-se graciosamente e Sigarr seguiu-a. Enfim, divisei-lhe o rosto e apercebi-me do quanto mudara... Não porque o tempo lhe tivesse marcado a pele; a sua beleza permanecia imaculada. Era a essência que estava irreconhecível! O mestre da Arte Obscura perdera a aura etérea e inatingível, altiva e arrogante. Na verdade, eu nunca o vira tão vulnerável! Tão... puro! Estava prestes a ceder à tentação de avançar, quando a porta da casa se abriu.

Narkissus surgiu. Gaya saudou-o e Sigarr ergueu o braço para recebê-lo. A manga da sua túnica escorregou, revelando a joia que lhe adornava o pulso. Pasmei ao reconhecer a herança da sua avó: a deslumbrante pulseira feita de fios de cristal! Pelos vistos, ele regressara à Terra das Montanhas de Areia para recuperá-la. Engoli em seco ao recordar o que me dissera na noite do banquete, quando ma oferecera... Mas porque estava a usá-la? A resposta estalou na minha mente qual chicotada: «Porque acredita que morreste... E que não voltará a apaixonar-se por outra mulher!»

Levei as mãos aos lábios, mal contendo um gemido ao tomar consciência de que estava a ser confrontada com a resolução que determinaria o meu futuro. Se corresse para os braços do mestre da Arte Obscura, estaria a iludi-lo... Tal era inadmissível! Sigarr não se contentaria com a minha amizade e eu não tinha mais nada para lhe dar. Se ele tentasse envolver-me no seu ardor, seria forçada a rejeitá-lo. Destroçaria o seu coração... Como Aranwen! E um novo círculo de ódio haveria de se iniciar... Não! Não! Não!

Recuei com cuidado para não alertar os feiticeiros. Depois, voltei a entrar na floresta, movida por uma resolução férrea. Ia rumar à floresta da Gente Bela... Quando Sigarr descobrisse que estava viva, compreenderia a razão por que não o procurara. E, cedo ou tarde, acabaria por me esquecer e encontraria alguém que o amaria incondicionalmente. Alguém que não estivesse assombrado pelo seu passado... Alguém que não possuísse o rosto de Aranwen.

CAPÍTULO 33

Não me detive na Floresta Sombria. Abraçaria a tia Freya e a restante família no caminho de regresso. Apesar de a viagem ainda ser longa, apenas parei para comer e dar descanso à montada. Forcei-me a conservar a mente limpa e a não cismar no que me aguardava.

Mal o cavalo assentou os cascos nos domínios do Povo da Terra, fui cercada por uma dezena de guerreiros. Removi o capuz e anunciei-me. Aqueles que me reconheceram ficaram mais apreensivos do que satisfeitos ao constatarem que estava viva. De imediato, declararam que iam levar-me à presença do rei Galinn.

Os solos ocupados pelo Povo da Terra eram sagrados. Na maior parte do tempo, a energia que os abençoava envolvia-os numa bruma cerrada que os ocultava dos comuns mortais, quer fizesse sol, chovesse ou nevasse. Um viajante humano que se aventurasse pelos trilhos que cruzavam a sua cidade não se aperceberia das casas construídas no topo das árvores, nem das pontes de corda que as ligavam. Só alguém com magia no sangue poderia enxergá-las, a não ser que o soberano vigente determinasse o contrário. Durante o reinado da rainha Lyria, esta floresta fora hospitaleira... Pelos vistos, isso mudara!

A maldição do Filho do Dragão extinguiu-se e a Terra inspirava um fôlego de paz. Porém, neste território o ar pesava, como se a Gente Bela ainda estivesse sob ameaça. O nevoeiro que envolvia a cidade era tão denso que facilmente desencorajaria os guerreiros ou comerciantes que tentassem atravessá-la. Em visitas anteriores, eu vira muita luz a romper as copas das árvores e cores deslumbrantes nas folhas, nos arbustos, nas flores e nas ervas. Inspirara odores que, por si só, saravam as feridas da carne e do espírito... Hoje, tudo se assomava sombrio e triste. Homens e mulheres recuavam à minha passagem como se perante um fantasma. Quantas histórias

teriam sido inventadas acerca da minha sorte? A avaliar pelas reações, nem todas eram lisonjeiras.

Fui conduzida através da torre do soberano e instruída a aguardar na sala onde, em tempos, Lyria recebera os seus convidados. Pelo menos aqui nada mudara! Dirigi-me à varanda, tentando mitigar a ansiedade. Onde estaria Erebus? Queria tanto abraçá-lo! Tudo seria mais fácil com o seu apoio. O meu primo não me olharia como uma aparição, uma aberração, um prenúncio de desgraça. Antes, haveria de rejubilar...

— Kelda da Montanha Sagrada?

O meu coração pulou no vazio ao escutar o rei Galinn. Virei-me e inclinei-me em reverência. O tio de Lysander deteve-se a dois passos, fixando-me intensamente como se não acreditasse no que via. Sacudiu a cabeça e indagou, sem dissimular o choque:

— Como é possível? Eu vi-te, Kelda... Estavas morta! E os mortos não ressuscitam, a não ser que uma Entidade funesta decida incumbi-los de alguma missão obscura, demasiado terrível para ser concretizada pelos vivos.

Fui incapaz de lhe responder, tomada pela comoção. O olhar azul-escuro repleto de estrelas era uma característica dos varões da família real da Gente Bela. Lysander herdara os traços do pai, mas os seus olhos eram iguais aos do tio... Perante o meu silêncio, o rosto do rei endureceu.

— Passaram-se mais de dez anos... — prosseguiu secamente. — O que foi que te aconteceu? É bom que respondas rápido ou serei forçado a ordenar-te que saias do meu território.

Galinn temia que eu representasse uma ameaça para o seu povo. E quem podia condená-lo por isso? Obriguei-me a reagir, ripostando com humildade:

— Vim em paz, senhor. Só gostava de falar com o meu primo Erebus... E perguntar-vos se tendes notícias do príncipe Lysander.

— Aqui quem faz as perguntas sou eu! — objetou com frieza. — Como escapaste às sombras do submundo? E que marcas são essas na tua pele?

Respirei fundo, ciente de que não receberia nenhuma mercê enquanto não me justificasse.

— A Montanha Sagrada manteve-me sob a sua proteção... E um espírito concedeu-me a dádiva da sua magia para eu regressar à vida.

— Um espírito? — repetiu, como se as minhas palavras o deixassem ainda mais apreensivo.

De súbito, avançou com as mãos estendidas para a minha cabeça. Pulei para trás e soltei uma exclamação, indignada, ao perceber que tencionava perscrutar-me a mente. Galinn susteve-se firme e replicou:

— Entendo que essa cedência te melindre... Porém, só assim ficarei seguro de que não foste corrompida. Se não tens nada a esconder, também não tens nada que rezear.

Porque é que todos se achavam no direito de devassar a minha essência? Com mil ratazanas torpes... Que se danasse! Galinn jamais me daria as respostas de que eu tanto carecia, se não me vergasse às suas exigências. Num impulso arrebatado, desapertei a capa e arrojé-a no chão. Depois, ajoelhei-me e fechei os olhos.

Retive o fôlego quando os dedos do rei da Gente Bela se enterraram nos meus cabelos. No instante em que a sua energia aflorou a minha, fui fulminada pela vontade de o repelir. Ao invés, baixei as defesas da mente e ofereci-lhe as minhas memórias, até me sentir desfalecer.

— Prima...

Abri os olhos e deparei com a face carinhosa de Erebus. De imediato, lancei os braços em redor do seu pescoço e estreitei-o com quanta força tinha. Chorei... Chorei... E ele embalou-me contra o peito, beijou-me os cabelos e murmurou palavras de alento ao meu ouvido:

— Erebus estar feliz... Tão feliz! Prima voltar! Agora tudo ficar bem.

Recuperei o controlo e encarei-o. Estava com boas cores e o seu olhar albergava uma luz tranquila. Não havia dúvidas de que a floresta da Gente Bela sarara a sua essência! Deslizei a mão ao longo do seu braço direito, quase acalentando a esperança de que estivesse regenerado. Ao encontrar o coto resultante do golpe que Halvard lhe infligira, tornei a soluçar compungida:

— Desculpa! Foi por minha culpa...

— Não! — atalhou com uma firmeza desconcertante, como se a mutilação não o afligisse. — Prima lutar coragem, lutar bravura! Salvar Erebus. Salvar Terra... Não chorar! Prima dar nova vida Erebus. Erebus descobrir alegria... Ser mais feliz agora Kelda regressar!

— Perdoa-me a interrupção, mas preciso de falar com Kelda a sós, Erebus.

Fiquei aturdida ante a intromissão do rei Galinn. Só então me dei conta de que estava num quarto, deitada numa cama. Melina da Gente Bela também marcava presença. A feiticeira que se tornara rainha abeirou-se de mim, acariciou-me a testa e enunciou:

— Fizeste bom uso da magia que confiei à tua mãe, Kelda... Tenho a certeza de que Edwina está muito orgulhosa de ti! Ficará extasiada quando souber que a Montanha Sagrada nos agraciou novamente com a tua companhia... Obrigada por tudo! — Depois, virou-se para o marido e solicitou: — Tenta não desgastá-la demasiado, Galinn.

Despediu-se com um sorriso terno e saiu. Erebus beijou-me a mão e seguiu-a. O quarto era aconchegante e estava ricamente decorado. Contudo, a tristeza impedia-me de apreciar a beleza das tapeçarias, das mantas e das madeiras, frutos do génio talentoso dos artesãos da Gente Bela. Galinn pediu permissão para se sentar no cadeirão, junto à cabeceira da cama. Ciente da lugubridade dos meus pensamentos, respirou fundo e declarou, grave e sombrio:

— Lamento, Kelda! Desejava ser capaz de amenizar a tua dor e a minha... Fui responsável pela educação de Lysander e amo-o como a um filho. Porém, quando ele mais precisava de compreensão e

carinho, repreendi-o com dureza e quis impor-lhe um dever que Lysander não estava preparado para assumir. Achei que ele esqueceria mais facilmente o passado se se sentasse no trono e se concentrasse na liderança do nosso povo... Acabámos por ter uma discussão terrível! Trocámos palavras sem sentido... Questionámos o respeito e o amor que sempre nos uniu.

Fez uma pausa, tão consternado que metia dó. Não me atrevi a pronunciar-me, com medo de atalhar o seu desabafo. Após recuperar o fôlego, prosseguiu:

— Nessa noite, não dormi, destroçado pelo remorso. Mal o Sol nasceu, procurei-o para lhe pedir perdão e oferecer apoio. Era tarde! Lysander desaparecera... Durante dias nada fiz, convicto de que ele apenas pretendia castigar-me pela minha intransigência. Contudo, o tempo foi passando... E a tristeza entranhou-se na essência do meu povo. A bruma que envolve esta floresta começou a condensar-se; a oprimir ao invés de alentar, como se os nossos espíritos protetores nos tivessem abandonado. E eu não tenho forças para combatê-la, corroído que estou pela culpa e pela angústia! Se o meu sobrinho estivesse bem, já teria regressado... Praticamente expulsei-o de casa! Vi que se sustinha no limite do desespero e, em vez de ajudá-lo, empurrei-o para o abismo. Lyria não me perdoa... Eu próprio não me perdo!

Nova pausa para soltar um suspiro penado, antes de concluir:

— Devo-te um pedido de desculpa, Kelda... Vieste até aqui em busca de respostas e recebi-te com desconfiança e irascibilidade. Não és responsável pelo infortúnio de Lysander como, no início, escolhi acreditar. Pelo contrário! Se eu não tivesse sido tão inflexível com o meu sobrinho, hoje a Gente Bela estaria a celebrar o vosso reencontro e a aplaudir o vosso amor... Resta-me dizer que és bem-vinda a esta terra e à minha casa. Desfruta da nossa hospitalidade pelo tempo que desejares. Talvez a luz da tua presença contribua para desanuviar a neblina que teima em sufocar-nos.

A convicção de que, efetivamente, algo terrível sucedera a Lysander deixou-me arrasada. Os reis asseguraram-se de que nada me faltava e o apoio de Erebus também me alentou. Era bom verificar que ele encontrara a paz de espírito no seio da Gente Bela. Galinn e Melina tratavam-no como se pertencesse à família... E uma surpresa ainda maior aguardava-me quando reuni coragem para acompanhá-lo num passeio pela cidade.

Os dedos das mãos não chegavam para contar as jovens que se derretiam diante do meu primo, disputando a sua atenção. Se, entre os humanos, a perfeição física era valorizada na conquista de um par, entre o Povo da Terra, onde todos os homens e mulheres eram aprazíveis ao olhar, a diferença tornava-se um atributo apreciado... Mesmo irresistível! Acrescia o facto de Erebus ser um guerreiro-feiticeiro que já dera provas do seu mérito. Para não falar da sua personalidade adorável e gentil, atenciosa e diligente na satisfação dos caprichos femininos. Desde que o rei Galinn reconhecera a reabilitação da sua essência, as jovens pairavam em seu redor como borboletas em torno de uma flor colorida, nada incomodadas por ele não possuir um pelo em cima do crânio. O mundo estava mesmo a mudar! Ri com vontade quando gracejou:

— Erebus não conseguir escolher... Gostar todas!

Não era verdade. Aos poucos, fui-me apercebendo do seu enlevo por uma das irmãs mais novas de Galinn. O rei brincava, afirmando-se disposto a celebrar o casamento de imediato. A princesa Delia enrubescia e disfarçava um sorriso nervoso, contudo, pleno de expectativa, como se aguardasse que Erebus ganhasse coragem para fazer o pedido. Ainda assim, ele hesitava... E eu sabia porquê! O meu primo não se esquecia da amaldiçoada noite em que, instigado pela perversidade de Halvard, matara a jovem nativa da Terra das Montanhas de Areia por quem se apaixonara. Certa tarde, enquanto passeávamos pela floresta, fiz questão de interrogá-lo:

— Porque hesitas em declarar-te a Delia? E não tentes impingir-me a tolice de que receias perder a atenção das demais raparigas!

— Kelda conhecer Erebus — replicou com um sorriso velado. E, após respirar fundo, cedeu: — Delia ser diferente. Ajudar Erebus... Grande amiga! Erebus não querer magoar Delia.

— E porque haverias de magoá-la?

Era óbvio que ele evitava abordar o assunto. Acabou por sibilar, constrangido:

— Kelda saber... Erebus desejar, Erebus destruir!

— Já não és o «Criador das Trevas» — contestei. — Se te deixares guiar pelo coração, tudo há de correr bem! Além disso, se continuares a ocultar-lhe o que sentes, ela vai achar que estás encantado por outra.

Erebus estacou, horrorizado, como se tal nunca lhe tivesse ocorrido. Aproveitei para aditar:

— Porque não lhe falas da tua insegurança? Delia é uma mulher de sangue mágico... Na eventualidade remota de perderes o controlo, saberá como ajudar-te a recuperá-lo.

O meu primo fez uma careta, antes de objetar:

— Kelda confundir Erebus... Erebus precisar pensar!

Continuámos, mas em silêncio. Mais uma vez, rememorei o dia em que os espíritos dos antepassados da Gente Bela me tinham conduzido até à Árvore da Sabedoria. Agora, dir-se-ia que a sua energia mística já não animava o cerne da floresta. E a bruma persistia, deslizando à nossa volta como se ameaçasse engolir-nos. Franzi o sobrolho ao perceber que se cerrava a cada passo que nos afastávamos da cidade. Pesava o ar e ardia nos olhos...

— Alguma vez visitaste a Árvore da Sabedoria? — indaguei, ansiosa por rasgar a quietude opressora. Erebus suspirou como se a lembrança lhe causasse mais mágoa do que satisfação:

— Uma vez... Lysander trazer Erebus. Sol brilhar. Perfume flores inebriar. Árvores cantar... Erebus jamais esquecer!

Fixou-me de soslaio, hesitando em contar-me a experiência que partilhara com o príncipe, receoso de me ferir ao mencioná-lo. Mantive o olhar no trilho e ele prosseguiu:

— Árvore Sábia ser poderosa. Magia perfeita! Envolver Erebus. Acalmar. Sarar. Purificar. Lysander tocar flauta... Chamar Erebus irmão...

A comoção estrangulou-o. Eu sustinha-me à beira das lágrimas, mas orava para que não se detivesse. Enfim, reuniu fôlego para relatar:

— Erebus jurar acompanhar Lysander... Porém, Lysander discutir Galinn. Sumir... Dizer nada! Nada! Erebus procurar Lysander... Procurar irmão! Ficar triste. Querer partir. Mas Galinn acolher. Prometer cuidar Erebus. E Erebus ficar. Então, névoa vir... Floresta chorar. Trilho Árvore Sábia não mais revelar ninguém... Ninguém! Galinn acreditar zangar Lysander irar antepassados... Lysander não voltar. Bruma persistir. Galinn desesperar... Erebus não poder ajudar.

Fui percorrida por um calafrio ao tomar consciência da gravidade da situação. Galinn não me contara que deixara de aceder à Árvore da Sabedoria... Provavelmente porque não quisera apoquentar-me ainda mais.

— Melhor regressar — notou Erebus, alarmado. — Névoa estranha... Kelda sentir?

Sim. Dir-se-ia que o nevoeiro tentava afastar-nos antes que desvendássemos os seus desígnios. A minha curiosidade estava em chamas! Contudo, limitei-me a seguir Erebus, temendo colocá-lo em perigo se teimasse em desafiar a bruma. Enquanto recuávamos, apurei os sentidos... E uma sensação estranha acometeu-me, como se uma nova consciência se apoderasse de mim. Não era a magia que nascera comigo, nem, tão-pouco, a magia de Aranwen! Era... Outra maneira de ver, de escutar, de cheirar...

— Kelda fazer?

A pergunta de Erebus trouxe-me de volta à realidade. O meu primo mirava-me, perplexo, ao ver-me farejar o ar como um animal. Quis disfarçar, mas também estava estupefacta. A magia da fera que habitava na minha essência acabara de se manifestar, tomando-me de surpresa, dominando-me, qual instinto primário. E o que revelara era perturbador... Eu distinguira os odores inconfundíveis da clareira

onde a Árvore da Sabedoria reinava. Estávamos tão perto! Porque é que a bruma estorvava o nosso progresso?

Erebus acelerou o passo, desejoso de sair da floresta. De repente, uma nuvem de névoa atravessou-se no meu caminho... E, enquanto a rasgava, um som trespassou-me os ouvidos, arrepiando-me até ao âmago: o canto lento, melódico, terno e deslumbrante de uma flauta.

— Erebus — apelei, estacando sobressaltada. — Não escutaste?

Lobriguei o rosto pálido do meu primo através dos braços ondulantes da neblina. A sua mão movia-se para o punho da espada. Pressentia que algo estava a acontecer, mas não ouvira nada. Então, outro som estrondeou através da obscuridade com uma nitidez assustadora: o brado de aflição de uma mulher.

— Delia! — silvou Erebus. E mergulhou no mar de névoa, correndo na direção em que o grito ecoara. Precipitei-me no seu encalço e, quase sem pensar, evoquei a magia, espargindo luz para iluminar o trilho. Inesperadamente, a bruma começou a dissipar-se à minha frente como se a cintilação a repelisse. Erebus prestes me imitou... E não tardámos a encontrar a princesa.

Delia estava ajoelhada no chão, com um cesto carregado de cogumelos entre os braços, a tremer apavorada. O nevoeiro nunca a impedira de andar pela floresta. Todavia, hoje cercara-a sem aviso; fechara-se e cegara-a. Não pude deixar de sorrir ao vê-la abraçar Erebus com um suspiro de alívio. O meu primo estremeceu, fixando-me por cima do seu ombro. Recordava a nossa conversa e firmava uma decisão.

— Vamos! — incentivei-os, tornando a invocar a magia, com o instinto de guerreira a inflamar-me o sangue. A bruma já mal nos permitia distinguir um palmo diante do nariz. A humidade formava poças no solo, condensava-se sobre os arbustos e escorria pelos troncos das árvores. As trevas impunham-se, como se enfrentássemos a mais tenebrosa das noites.

Erebus manteve Delia à sua frente, para que a jovem ficasse protegida entre os nossos corpos. A princesa era desembaraçada,

mas não estava preparada para correr nestas condições e não parava de tropeçar. De súbito, começou a chover torrencialmente, como se um rio se despenhasse sobre as nossas cabeças. A minha luz afugentava a cerração, mas era toldada pelas bâtegas de água.

— Com mil ratazanas aduncas... — praguejei entredentes. — O que raio está a acontecer?

Mais uma vez, tive a impressão de que a fera me dominava. Senti o cheiro do medo de Delia e da apreensão de Erebus... E o odor extasiante da terra, revolvida pelo aguaceiro e pelos nossos pés. Em simultâneo, todos os sons se esvaíram, para além do ruído das respirações ofegosas e do ribombar do meu coração. Então, vi algo mexer-se nas sombras, à nossa frente... E de ambos os lados! Estaquei e levei a mão à cintura, em busca da minha espada. Porém, apenas achei a fita do vestido que a rainha Melina me emprestara.

Delia chocou contra mim e soltou um berro. Erebus clamou uma interrogação... Acirrei a vontade e aumentei a claridade em nosso redor. As sombras continuavam a mover-se por detrás das árvores como dançarinos habilidosos, magistras na arte da dissimulação. Ainda assim, era impossível que Erebus não as avistasse! Contudo, o meu primo insistia em indagar da razão por que eu me detivera. Nesse instante, voltei a escutar o canto da flauta... E decifrei o enigma. Os bailarinos eram os espíritos dos antepassados da Gente Bela! E dançavam só para mim!

— Kelda! — Erebus avançou e sacudiu-me, forçando-me a reagir. Num ápice, as sombras dissiparam-se e a escuridão chuvosa, repleta de nevoeiro, voltou a envolver-me. Desculpei-me e desatei a correr através do trilho, demasiado perturbada para me justificar. Ficava provado que a floresta pretendia revelar-me algo... Todavia, eu não podia responder ao seu desafio sem antes garantir a segurança de Erebus e Delia.

— Por aqui — clamei ao enxergar uma formação rochosa, à direita, a qual deixava antever uma pequena caverna. De repente, um som agudo e vibrante quase me fez trocar os pés... Perdi o fôlego ao reconhecê-lo. Era o grito de uma águia!

— Que grande trovão! — gaguejou Delia nas minhas costas, rouca de pavor.

Um trovão! Engoli em seco e continuei. A magia da floresta brincava com a nossa percepção. Antes de alcançarmos a caverna, o fenómeno repetiu-se: eu ouvi o brado de uma águia; eles, o ribombar da trovoada.

— Não saiam daqui antes de a tempestade terminar — arquejei, empurrando-os para o interior do abrigo. Virei-me para enfrentar as trevas, mas Erebus capturou-me o braço.

— Kelda louca? — questionou, atónito, quase indignado. — Ficar quieta...

— Tenho de ir, Erebus — ripostei. — A floresta está a chamar por mim!

— Quê? — assobiou, com o horror declarado no olhar negro. E se eu estivesse a ser atraída para uma armadilha? E se jamais regressasse, como Lysander? Enterrou-me os dedos na carne e rugiu com ardor: — Erebus perder prima passado... Não querer perder mais!

— Confia em mim! — supliquei, arrostando-o com firmeza. Depois, beijei-lhe a face com carinho. E, apesar de relutante, o meu primo libertou-me.

Rompi o caos nebuloso, guiada pelo grito da águia, enquanto a energia mística da floresta se fundia com a minha essência. Já não discernia se era eu que corria ou a fera que galopava a toda a brida. O ar estralejava. O meu olhar dilacerava as trevas. Os odores inebriavam-me. O meu sangue incendiava-se. A chuva evaporava sobre a pele... Os espíritos dos antepassados da Gente Bela entoavam uma melodia que era vento e trovoada, riso e pranto, enquanto desvendavam os caminhos que, nos últimos anos, tinham estado encobertos. Para o bem ou para o mal, eu estava prestes a chegar... Prestes a descobrir o que acontecera a Lysander.

O meu coração batia qual tambor de guerra, quando irrompi pela clareira que albergava o freixo sagrado. A bruma não me seguiu. A

sombra candente da águia gigante derramou-se pelo solo e desapareceu com um brado estrídulo. Diante dos meus olhos, a Árvore da Sabedoria sustinha-se como se fosse o centro do mundo, estendendo os ramos para o céu de tormenta. Aproximei-me e, determinada, cravei os dedos na casca do seu tronco, enunciando:

— Aqui me tendes em resposta ao vosso apelo... Instruí-me sobre o que devo fazer para que este solo abençoado recupere o seu equilíbrio e volte a agraciar a Gente Bela com a sua magia. Em troca, tudo o que peço é que me digais onde está o príncipe Lysander.

O freixo começou a estremecer por debaixo dos meus dedos, como se fosse um ente de carne e osso, ao invés de madeira e seiva. As pernadas mais baixas agitaram-se sobre a minha cabeça e o vibrar das suas folhas produziu um som que não era voz, nem vento, mas música dentro da minha mente:

— *A tua vontade é a nossa vontade, filha da Montanha Sagrada... Aquilo que nos pedes é aquilo que esperamos de ti!*

Comecei a respirar aos borbotões, enquanto a luz da esperança se acendia no meu cerne. Será que os espíritos ancestrais da Gente Bela me iam conduzir até ao seu príncipe tão amado?

— *Sobe...* — escutei distintamente. Engoli com força, afiei a resolução e obedeci.

Os braços lenhosos do freixo acolheram-me. Trepei agilmente, acirrada pelos estrondos dos trovões, sem permitir que as bâtegas de chuva me atrapalhassem. Apenas pensava que cada ramo que ficava para trás encurtava a distância que me separava de Lysander. Rapidamente perdi o solo de vista, por entre o emaranhado de folhas. E continuei a içar-me... Continuei... Continuei até ter a impressão de que devia estar prestes a tocar no céu! O esforço obrigava-me a arquejar; os braços e as pernas doíam e as mãos ardiam. Tinha as unhas soltas e a carne rasgada por lascas de madeira que se enterravam até aos ossos. O vestido que Melina me emprestara estava desfeito em tiras, ensopado em lama e sangue. Bebi a água da chuva que me escorria pelo rosto, para impedir a

garganta de secar. A Árvore da Sabedoria estava a testar a minha determinação... E eu não ia falhar!

De súbito, alcancei um tronco que parecia resguardar um enorme ninho. Deslizei através dele para observar com atenção... E descobri a flauta de Lysander pousada sobre o amontoado de folhas! Estrangulada de ansiedade, agarrei o delicado instrumento e acariciei-o entre os dedos. O príncipe jamais se esqueceria dele aqui... Algo acontecera! Mas o quê? O quê? Sem querer, comecei a ser sacudida por soluços que anunciavam um pranto compulsivo. Para que ia chorar? Era inútil chorar! Desatei a gritar:

— Lysander! Lysander! Lys...

Tombei de joelhos sobre o ninho de folhas, berrando como se louca, com o peito exposto à fúria da tempestade. Desesperada e exaurida, a mulher desfalecia... E a fera emergia! Escancarava os olhos de fogo e rugia tão alto que sufocava o retumbar da trovoadas. Correu para o tronco do freixo, cravou as garras na sua casca e rasgou-a. Exposta pelos golpes, a madeira pura rutilou e transformou-se em luz. A fera soltou um ronco triunfante... E mergulhou no universo místico que acabara de desvendar.

Abri os olhos devagar, sentindo o crânio a latejar e todos os ossos doridos. Um teto elevava-se muito acima da minha cabeça, adornado com o que se assomava ser um emaranhado de tentáculos de pedra... Ia jurar que já vira esse teto antes! Então, o meu coração acelerou, à medida que o raciocínio se restabelecia e a memória se avivava. Os ornamentos entrelaçados em pedra simbolizavam as raízes da Árvore da Sabedoria! Isso significava...

Virei o rosto e deparei com a estátua de uma águia, maior do que um homem, a enfeitar um enorme nicho. Sob a luz bruxuleante das tochas que iluminavam o espaço, dir-se-ia que os seus olhos me observavam atentamente, como se animados por vida. Preso no seu bico estava um escudo negro, oval e longo, que eu reconhecia ser uma escama da terrível serpente Nidhogg... Assim como sabia que,

em meu redor, existiam mais oito nichos iguais a este, com estátuas e escudos semelhantes.

Não havia dúvidas de que despertara no templo em forma de anel que albergava as nove representações místicas dos soberanos da Gente Bela, ligados à Árvore da Sabedoria pelo sangue e pela honra. A rainha Lyria conduziu-me a este lugar no dia da iniciação de Lysander, para me contar a história do seu povo... E, nesse mesmo dia, eu tornara-me parte dessa história, ao salvar o príncipe da Gente Bela das presas de Nidhogg.

Como viera aqui parar? A última lembrança que guardava era a visão de uma passagem de luz aberta no tronco do freixo... Obviamente, fora a magia que me conduziu; talvez da mesma forma que conduziu Lysander, Galinn e outros cuja história estava ligada à Árvore da Sabedoria. Porém, isso agora era de somenos importância. Urgia descobrir o que é que os espíritos ancestrais da Gente Bela pretendiam de mim! Rangi os dentes, reunindo forças para me levantar. Tombara ao lado do altar onde estava exposta a lança talhada a partir da madeira sagrada do freixo. Usei-o para me apoiar... E, ao sustentar-me, os meus olhos arregalaram-se e os lábios escancararam-se num berro de aflição:

— Não! Lysander...

O príncipe da Gente Bela encontrava-se deitado no altar! Prostrado... Inerte... Saltei sobre a pedra e puxei-o para os meus braços. Então, a confusão assolou-me. O seu corpo estava quente, o coração palpitava... O meu amor não estava morto! Comecei a sacudi-lo, enquanto soluçava:

— Acorda, Lys! Eu voltei para ti!

Há quanto tempo se quedava aqui? Os cabelos negros, repletos de madeixas de prata, já lhe roçavam a cintura... E eu nunca o vira com a barba tão crescida! Porque não reagia? Estaria sob a influência de um malefício? As minhas lágrimas escorriam pelas suas faces e ensopavam-lhe a túnica. Amimei-o sobre o colo e acariciei-lhe o rosto, suplicando agoniada:

— Por favor, Lys! Preciso de ti... Acorda, meu amor! Acorda!

Beijei-lhe a testa e a energia curativa fluiu através dos meus lábios, entranhando-se na sua carne. Subitamente, o príncipe convulsou entre os meus braços, soltou um uolo... E abriu os olhos.

Por instantes, foi como se o tempo estagnasse, deixando-nos suspensos, a tremer e a respirar aos borbotões. Enfim, ele titubeou como se incrédulo:

— K... Kelda? Meu amor...?

— Sim, Lys... — foi tudo o que consegui entarmelar, subjugada pela comoção.

O príncipe soprou o ar e as estrelas inundaram o olhar azul-escuro. Ergueu uma mão, mas susteve-a a um palmo do meu rosto, gemendo:

— És mesmo real? Ou apenas mais um sonho, tão efémero como aqueles que sonhei ao longo destes anos de desalento? Tenho medo de te tocar e ver-te desvanecer debaixo dos meus dedos...

— Eu estou aqui! — atalhei com um sorriso enlevado. — E nunca mais te vou deixar!

Ele soltou um ronco horripilante, como se todos os seus tormentos se esvaíssem num fôlego. Debruçou-se e estreitou-me com sofreguidão, enquanto confessava:

— Acreditei que estavas morta...

— Também receei que estivesses morto — volvi, deliciada com as batidas desabaladas do seu coração. Lentamente, deslizou a face pela minha até me encarar. E os seus dedos percorreram as tatuagens, quase como se temesse magoar-me, antes de enunciar:

— A magia marcou-te... A tua energia alterou-se! O que foi que te aconteceu?

— É uma longa história... — ripostei, com a pele a arrepiar-se sob a sua ternura.

— Nesse caso, as explicações terão de esperar — redargui arquejante. — Estou faminto!

A sua exclamação fez-me recordar o mundo que nos aguardava.

— Então vem — ripostei. — Se nos apressarmos, tomaremos a refeição da noite na cidade...

— Não é por comida que anseio, Kelda — cortou roucamente, baixando o rosto sobre o meu. — Preciso de te sentir para acreditar que estás mesmo aqui! Quero devorar o teu corpo, beber a tua essência... Quero guardar-te dentro de mim para nunca mais sofrer a dor de te perder!

Beijou-me com uma paixão arroubada. E eu correspondi com toda a ânsia que me abrasava o coração, comprimindo o corpo contra o seu e acariciando-o sem pudor. Pela primeira vez, tinha Lysander nos meus braços sem uma ameaça a pairar sobre as nossas cabeças. Podia simplesmente entregar-me ao prazer de dar e receber amor. Tudo estava bem... Tudo estava certo!

Livrámo-nos das roupas sem que os nossos lábios se separassem. A sensação do toque das peles nuas fazia-me gritar dentro da sua boca e contorcer-me de vontade. Senti o ventre em chamas quando ele sussurrou, transtornado pelo desejo:

— Cheiras a chuva e a terra molhada. Sabes a leite e a mel... Amo-te tanto, menina-feiticeira!

— Quero ser tua, Lys... — supliquei em resposta, num vagido lúbrico.

E arqueei os quadris para que não lhe restassem dúvidas de que estava mais do que pronta para recebê-lo. O príncipe soltou um rugido extasiado e retrucou:

— Tu és minha!

Os nossos corpos uniram-se. As nossas essências fundiram-se. E, quando atingimos a perfeição, transformámo-nos em estrelas abençoadas pela magia da Árvore da Sabedoria.

Adormecemos abraçados; acordámos a rir de felicidade e a chorar de emoção. Sabíamos que tínhamos alcançado um entendimento impossível de destroçar! Depois vestimo-nos com ares compenetrados. Colocar barreiras de tecido entre nós era a única forma de apaziguar o fogo que nos incendiava, a fim de

conseguirmos conversar. O vestido de Melina já secara, mas ficara em farrapos. No entanto, sob o olhar do príncipe, eu sentia-me deslumbrante. Fixei-o, enlevada, quando me segurou nas mãos e enunciou com ternura:

— Ainda me custa a acreditar que não estou a sonhar! Olho para ti... E é como se o tempo não tivesse passado! Acho que só vou ter a certeza de que és real quando tornarmos à cidade.

Entendia-o perfeitamente, pois partilhava dessa sensação. Estarmos juntos, depois de tudo o que enfrentáramos, era quase bom de mais para ser verdade.

— O meu tio deve estar preocupado — continuou, assumindo uma expressão contristada. — Tivemos uma discussão feia! Quando lhe virei as costas, estava decidido a partir. Só parei aqui para deixar o meu escudo e a lança sagrada à guarda dos meus antepassados. Sentia-me tão cansado que caí no sono... Depois, tu chegaste! — Ao confrontar-se com o meu espanto, beijou-me os dedos e concluiu: — Entretanto, perdi noção do tempo... Mas, decerto, já amanheceu! E, se bem conheço o tio Galinn, não tardará a revirar a floresta à minha procura. Não quero apoquentá-lo... Sei que, não obstante as atrocidades que disse, ficará feliz por nos ver juntos e há de celebrar o nosso amor.

Eu nem conseguia fechar a boca de tão atónita que estava. Lysander perdera a noção do tempo, sim! E muito para além do que julgava! Então, achava que a discussão que tivera com o tio ocorrera no dia anterior? Nem imaginava que se quedara adormecido, sustentado pela magia durante anos a fio, enquanto a vida dos seus entes queridos prosseguia! Será que fora a Árvore da Sabedoria ou a interferência dos seus antepassados que o impedira de partir? Talvez nunca viéssemos a descobrir! No entanto, parecia óbvio que fora subjugado por uma vontade divina, para que não abandonasse a sua terra e abraçasse um destino que, irremediavelmente, haveria de nos separar. Agora, eu estava segura de que a bruma que sufocava a floresta da Gente Bela era uma consequência das sombras que

tenham obscurecido o seu coração! Assim que o príncipe regressasse a casa, o equilíbrio místico seria restaurado.

— Lys... — ripostei, circunspecta. — Temos mesmo muito que esclarecer!

No fim, apesar de assombrado, Lysander acabou por reagir melhor do que seria expectável a tudo o que eu tinha para relatar. Quando já trocávamos impressões, surpreendi-me ao constatar que o sacrifício da fera o inquietava. Quis tranquilizá-lo, asseverando:

— Foi uma simples fusão de energias! Eu paguei o que devia e a Montanha Sagrada devolveu-me a vida...

— Tomara que sim, Kelda! — interrompeu, acariciando os traços e as pintas da tatuagem com as pontas dos dedos. — No entanto, esta história ensinou-me que, no que à magia se refere, nada é simples e, muito menos, desprovido de interesse. Sei que parece tolice questionar a boa vontade da Montanha, quando ela escutou as minhas preces e te devolveu a vida... Todavia, pretendo ficar atento! Não irei perder-te de vista nem por um instante!

— Jura! — grajei, oferecendo-lhe os lábios.

A tentação de nos quedarmos por mais algum tempo era grande, pois ambos sabíamos que o regresso à cidade implicaria longas explicações. Porém, Lysander estava desejoso de se reconciliar com Galinn para que os espíritos da floresta se apaziguassem. Além disso, eu também devia justificações à minha família... E, agora que reencontrara o meu amor, ansiava por abraçar todos aqueles que me queriam bem.

Trocámos um último beijo, antes de Lysander puxar a lança sagrada para fora do suporte onde estava enterrada. De imediato, o altar que acolhera a nossa paixão deslizou em círculos para o interior da terra, revelando o fosso que conduzia às passagens secretas. Percorremos os trilhos que cruzavam o subsolo da floresta, de mãos dadas e absortos num silêncio reflexivo. Antes de subirmos à superfície, o príncipe estreitou-me e indagou:

— Estás pronta para enfrentar a realidade?

Acariciei-lhe o rosto e afundei-me no olhar estrelado, ripostando, enlevada:

— Contigo ao meu lado, estou pronta para enfrentar seja o que for.

Lysander beijou-me longa e apaixonadamente, antes de murmurar, rouco de emoção:

— Este é o momento em que a nossa vida se inicia... Vamos ser muito felizes, Kelda!

E, enfim, as Entidades que regiam a nossa sorte pareciam colaborar no cumprimento da sua promessa. Assim que entrámos na floresta, verifiquei que a bruma opressiva se dissipara por completo. O território da Gente Bela recuperara a aura abençoada, capaz de alentar os corpos e as essências com um fôlego de pura satisfação.

Porém, as surpresas não terminaram aí. Ao chegarmos à cidade, tínhamos uma multidão à nossa espera. Erebus contara a Galinn que eu rasgara as trevas em busca do meu destino. Quando o nevoeiro se esvaecera, o rei não demorara a concluir que eu achara Lysander. De imediato, preparara um grande banquete para celebrar o regresso do sobrinho. E, felizmente, comida era o que não faltava sobre as mesas, pois havia muitos convidados para alimentar!

Thorson decerto adivinhara que eu não resistiria à tentação de me precipitar em busca de Lysander, antes de qualquer outra coisa, pois enviara mensagens à tia Thora e à tia Freya a notificá-las do meu regresso à vida. A troca de informações fora rápida, pois toda a família que eu tinha no Norte ocorrera à floresta da Gente Bela e aguardava-me de braços abertos.

Enquanto partilhava a minha felicidade com as minhas tias, vi Lysander abraçar Galinn e Erebus. Depois, foi a vez de o tio Ivarr abraçar o irmão e combinar uma visita ao rei Steinarr, à rainha Lyria e a Askr. Quando souberam que eu pretendia viajar em breve para a Grande Ilha, as minhas tias ofereceram-se para me acompanhar. Por nada haveriam de perder as emoções do meu reencontro com os meus pais.

Mais tarde, enquanto dançávamos sob a luz das candeias suspensas nas árvores, Lysander estreitou-me e sussurrou-me ao ouvido:

— Ainda te falta tomar uma decisão muito importante, Kelda.

Intrigada, encarei o olhar azul repleto de estrelas fulgurantes. Então, o príncipe assumiu um ar solene e enunciou:

— Tens de decidir se queres tornar-te minha esposa sob a bênção do rei Galinn, do rei Ivarr, do rei Steinarr ou da Rainha do Sol... Estou convicto de que todos eles se irão descabelar por essa honra, por isso deves ser tu a resolver a contenda.

Tentei manter-me séria, mas não fui capaz. O meu coração quase explodia de alegria e o sorriso inundava-me o olhar quando ripostei:

— Estás a pedir-me em casamento, Lysander da Gente Bela?

— Não! — objetou. — Depois de já me teres rejeitado, achas que correria tal risco? Estou a comunicar-te que vamos casar! Quero oficializar a nossa união o mais rápido possível, para que as mentes mais estreitas não se melindrem com o nosso, digamos... inesgotável ardor! — A sua gargalhada fez coro com a minha, antes de rematar: — Apenas desejo que a cerimónia seja aquilo com que sempre sonhaste, menina-feiticeira! Por isso, deixo essa decisão nas tuas mãos.

— É uma decisão difícil! — volvi, arroubada. — Porém, sei o quanto gostarias de casar aqui, na tua floresta, sob a aura da Árvore da Sabedoria. E o teu desejo é o meu desejo... O que não nos impede de renovarmos os votos no País dos Viquingues, na Grande Ilha e até na Ilha dos Carvalhos, junto dos teus pais! Afinal, todos esses lugares fazem parte da nossa história.

— Foi uma história atribulada — suspirou o príncipe, beijando-me a testa. — Mas tudo farei para que esse sorriso lindo não mais se apague do teu rosto... Amo-te tanto, Kelda!

Deitei a cabeça no seu peito e inspirei um fôlego de satisfação, antes de inquirir:

— Sabes quem deve estar radiante por nos ver finalmente juntos? Pequena e Lobo Cinzento! Desde o primeiro dia, os meus avós

souberam que nós nos iríamos apaixonar.

— E o nosso amor será eterno, como o amor que os une! —
declarou Lysander.

Apenas sorri em resposta, pois nada do que pudesse acrescentar
soaria mais perfeito do que essa promessa.

EPÍLOGO

Kelda da Montanha Sagrada fixou as águas serenas do Lago Encantado da Floresta Sagrada da Grande Ilha, com a respiração estrangulada e o coração desabalado.

«Foi aqui que tudo começou e é aqui que tudo tem de acabar!», pensou.

Acreditara que o instante mais emocionante da sua viagem seria aquele em que abraçaria os pais e conheceria a irmã... E esse fora, de facto, um momento especial! Porém, agora que se preparava para devolver a magia da feiticeira Aranwen à Natureza, conforme ordenado pela Pedra do Tempo, era invadida por uma comoção tão intensa que quase lhe usurpava a razão.

Enquanto lutava para se recompor, desejou ter aceiteado a oferta do marido. O príncipe da Gente Bela quisera acompanhá-la, mas Kelda entendera que devia celebrar o ritual sozinha. Agora, arrependia-se. Com o apoio de Lysander, tudo seria mais simples e mais célere. Ele dar-lhe-ia forças para «fazer o que tinha de ser feito» e não permitiria que perdesse tempo a ruminar o passado. Contudo, perante a tranquilidade mística, deslumbrante e delicada que a envolvia, Kelda era incapaz de evitar que as recordações pululassem na sua mente.

— Espero que descanses em paz, Halvard — murmurou numa prece. — Achei que ia odiar-te até ao fim dos meus dias... Mas não te odeio! Antes, lamento por ti... Lamento muito, mano!

De seguida, pensou em Oriana e as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. Após tantas tribulações, a soberana da Ilha dos Penhascos acabara por morrer como uma mártir. E o seu povo adorava-a como se de uma deusa se tratasse! Na sua passagem pela Ilha dos Sonhos, Kelda constatara que os nativos tinham erguido um altar de veneração à última das Sacerdotisas. Inclusive, acreditavam que a rápida regeneração do solo era sua mercê. Na Ilha Mãe, as árvores cresciam com uma rapidez estonteante, flores de cores garridas e

folhas brilhantes cobriam o solo e cada colheita era mais proveitosa do que a anterior. O vulcão pacificara-se, mas ainda ninguém tivera coragem de regressar à Ilha dos Penhascos... Afinal, tudo o que conheciam e amavam havia sido arrasado. O único benefício da catástrofe fora a extinção dos *Sentinelas*... Desde que a erupção ocorrera, as abomináveis criaturas não mais tinham sido avistadas.

— Com mil ratazanas desdentadas, eu tenho de fazer isto! — resmoneou Kelda, num esforço para se concentrar no propósito que a trouxera até à margem do lago.

Já cumprira rigorosamente as condições exigidas pelo ritual e restava-lhe exalar o fôlego que desentranharia o poder de Aranwen da sua essência... Porém, dir-se-ia que este resistia, entalado na sua garganta. Chegado o momento crucial, hesitava em expurgar a magia da sua antepassada, do mesmo modo que a sua avó Catelyn e os irmãos tinham relutado em destruir os amuletos quando o destino lhes concedera tal ensejo. Tamanha insensatez fora paga com sangue... Dos irmãos McGraw, apenas o seu avô Edwin sobrevivera aos horrores da guerra originada pela cobiça das sete pedras mágicas. Desde que guardava memória, Kelda censurava-os pela sua fraqueza. Todavia, hoje surpreendia-se fragilizada pela mesma insegurança. E se, no futuro, necessitasse de apelar a essa energia para salvar a Terra de uma nova ameaça?

Se pudesse vê-la, quem estaria a gargalhar da sua vacilação seria Sigarr! Kelda angustiou-se ainda mais ao lembrar-se do mestre da Arte Obscura. Era certo que ele percorrera um longo caminho e aparentara estar regenerado... Contudo, a jovem temia que a dor e o despeito voltassem a empedernir-lhe o coração.

A cada dia, arrependia-se do modo como lidara com o feiticeiro. Devia tê-lo procurado mais cedo, para lhe anunciar o seu regresso à vida e esclarecer as questões que pendiam entre os dois. Não obstante ter ficado irritada com as intrujices que Sigarr inventara para separá-la de Lysander, Kelda devia-lhe muito. Além disso, não duvidava de que ele sofrera ao julgá-la morta. Porém, na altura, receara confrontá-lo; temera que o mestre da Arte Obscura a

fulminasse com o rancor de ter sido preterido. Quando, enfim, convencera Lysander a acompanhá-la numa visita à casa do feiticeiro, encontrara-a deserta. Após os rumores da ventura de Kelda lhe terem chegado aos ouvidos, e constatando que os dias se escoavam sem que ela aparecesse, Sigarr partira. A única coisa que deixara para trás fora uma mesa... E, sobre esta, a caixa de prata carregada com os rebuçados que a jovem tanto apreciava. Incapaz de se conter, Kelda chorara ao decifrar o significado dessa mensagem: «*Apesar de seres uma ingrata, criatura daninha, eu perdoo-te...*» Ou assim ela desejava acreditar.

— Sigarr há de prosseguir com a sua vida... — trincou, sacudindo a cabeça para afugentar as congeminações. — E eu tenho de resolver a minha!

Para tal, urgia concluir o ritual. Inspirou com determinação, cerrou os olhos e soprou o ar. De imediato, sentiu a energia de Aranwen a escoar-se... Abriu os olhos e descobriu-se rodeada por raios de luz que continham as sete cores do arco-íris. Bailavam à sua volta e sobre a superfície espelhada do Lago Encantado, como se a desafiassem:

«*Não é tarde... Ainda podes resgatar-nos!*»

— Não... — gemeu Kelda com o suor a inundar-lhe a testa. Engoliu em seco e estendeu o braço na direção dos raios coruscantes: primeiro o verde, depois o branco, o roxo, o amarelo e o cor de laranja. Conforme lhes tocava, estes desvaneciam-se, assimilados pela energia da Terra... Apenas o vermelho e o azul persistiam: os poderes que tinham sido confiados ao seu avô Edwin e à sua avó Catelyn. Rangeu os dentes e libertou o vermelho. Depois virou-se para o azul, com as entranhas carregadas de nós e o coração tão descompassado que lhe toldava a respiração.

«E se...?», pensou, sem se atrever a expressar-se em voz alta.

Ao invés de esticar a mão para a energia azul, deu por si a fixar uma pedra transparente e perfeitamente polida que estava aos seus pés, acariciada pela água. Sentiu-se tonta e nauseada, a cambalear como se prestes a desfalecer. O aviso da fera sagrada que habitava a

sua essência ressoava-lhe dentro da cabeça e gelava-a até ao âmago:

«*A saga das pedras mágicas deve terminar contigo ou uma nova maldição há de gerar-se!*»

— Não... — tornou, arrepiada. — Com mil ratazanas tresloucadas, eu não posso fazer isto!

Mais um arquejo de agonia... E a sua decisão estava firmada.

Assim que concluiu o seu intento, sucumbiu à exaustão imposta pelo ritual. O seu corpo deslizou suavemente sobre os seixos da margem, como se o ar lhe amparasse a queda. Mergulhou no conforto da inconsciência com um suspiro de alívio. Enfim, a sua essência livrara-se do peso imposto pela responsabilidade de carregar a magia de Aranwen.

O tempo escoou-se. A luz cintilante do dia principiou a empalidecer. Os sons da floresta alteraram-se. Apenas o rumor da água acariciada pelo vento se manteve igual. E foi embalada na canção terna do Lago Encantado que Kelda regressou à realidade.

Piscou os olhos e interiorizou tudo o que acontecera. Sentou-se devagar, percorrida por um arrepio de incerteza. Será que a sua resolução fora a mais correta? Apertou os punhos, censurando-se por se deixar dominar pela inquietação. O que estava feito não podia ser desfeito... Para o bem ou para o mal, teria de enfrentar o futuro com a cabeça erguida.

Um bando de pássaros saiu da floresta e voou sobre o lago. Kelda ergueu-se e, ainda um pouco dorida, começou a apagar os vestígios do ritual. À medida que recuperava o fôlego, a sua confiança também se animava. Afinal, agira com o coração... E o seu coração não se enganava.

— Querida...?

A voz poderosa do príncipe da Gente Bela atalhou as suas reflexões. Agradavelmente surpreendida, Kelda virou-se para encará-lo com um sorriso nos lábios. Lysander acabara de surgir de entre as árvores e aproximava-se num passo hesitante, escusando-se:

— Desculpa a minha intromissão. Sei que pediste para ficar só, mas não consegui sossegar, receoso por ti... Estás bem?

— Sim — voltou a esposa, afundando-se nos seus braços com um suspiro. — Está tudo acabado.

— Tens a certeza? — indagou Lysander, apreensivo, franzindo o sobrolho ao senti-la estremecer. — Sei o quanto essa magia «sedutora da desgraça», como o meu pai tão acertadamente lhe chama, pode ser retorcida e manipuladora.

Kelda derreteu-se no calor do olhar azul-escuro estrelado do marido, embevecida. Depois, enterrou os dedos na seda preta e prata dos seus cabelos e asseverou solenemente:

— Não te preocupes, meu amor! A magia de Aranwen foi liberta... A saga das pedras mágicas chegou ao fim.

E selou a sua afirmação com um beijo apaixonado.